



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**RAFAELA GOMES LIMA**

**LIVROS PARA PROPAGAR A FÉ: UM ESTUDO DAS OBRAS RARAS DA  
BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2022**

**RAFAELA GOMES LIMA**

**LIVROS PARA PROPAGAR A FÉ: UM ESTUDO DAS OBRAS RARAS DA  
BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE FORTALEZA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em História. Área de concentração: História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Irenísia Torres de Oliveira

**FORTALEZA**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

L711 Lima, Rafaela Gomes.

Livros para propagar a fé : um estudo das obras raras da Biblioteca do Seminário Episcopal de Fortaleza / Rafaela Gomes Lima. – 2002.  
328 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2002.

Orientação: Profa. Dra. Irenísia Torres de Oliveira.

1. História do Livro. 2. Biblioteca Episcopal. 3. Seminário da Prainha. 4. Ceará Provincial. I. Título.  
CDD 900

---

**RAFAELA GOMES LIMA**

**LIVROS PARA PROPAGAR A FÉ: UM ESTUDO DAS OBRAS RARAS DA  
BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE FORTALEZA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de doutora em História. Área de concentração: História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Irenísia Torres de Oliveira

Aprovada em: 11/04/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Irenísia Torres de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto  
Universidade de São Paulo (USP)

---

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dra. Débora Dias Macambira  
Universidade NOVA de Lisboa

## AGRADECIMENTOS

Esta tese foi produzida durante um período instável, de grande tensão política no país que acabou por abalar a todos nós, defensores da democracia. Período também de imenso medo diante da incerteza da continuidade da própria vida e a de nossos próximos, devido a pandemia que nos atingiu (e atinge) e que nos fez lidar da forma mais brutal com as perdas. Esses fatores tornaram ainda mais difícil a tarefa de escrita da tese que já é, por si só, extenuante física e mentalmente. Como manter a força de vontade e a concentração diante de um cenário tão amedrontador?

A conhecida solidão da vida acadêmica tornou-se ainda mais intensa mediante o isolamento imposto pela covid-19, o que nos privou dos momentos de debate e dos encontros com os colegas nas salas de aula, nos demais espaços da universidade, nos bares, nas ruas. Momentos esses que amenizavam a solidão das horas de escrita. Nas horas mais difíceis recebi alento, conforto e incentivo, mesmo de forma virtual (Salve o engenho humano que criou e aprimorou os meios de comunicação à distância!), de pessoas que, com seu apoio me fizeram fortes para chegar ao momento da conclusão da tese. Convém, mais que nunca, agradecer.

Sou muito grata à minha orientadora, professora Irenísia Torres de Oliveira, pelas valiosas considerações, correções e proposições que possibilitaram o melhor desenvolvimento do trabalho. Pelo apoio em momentos emocionalmente difíceis, tanto antes quanto durante a pandemia e pelos ricos encontros, mesmo os virtuais. Seu suporte e orientação foram valorosos.

Agradeço também às contribuições dos professores Adelaide Gonçalves e Gleudson Passos, por ocasião do exame de qualificação. Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da UFC, pelos conhecimentos repassados nas disciplinas e pelo auxílio nos aspectos administrativos do doutorado.

Meu agradecimento também à Secretaria de Educação do Estado do Ceará pelo apoio dado à minha formação com a concessão do afastamento para estudos, sobretudo ao prestativo Simão Pedro. À comunidade da Escola Flavio Ponte pela compreensão enquanto ainda conciliava a rotina escolar e as atividades do doutorado.

A realização desta pesquisa não teria sido possível sem o aval e o auxílio dos responsáveis pela Biblioteca do seminário, Padre Evaristo, seu diretor e, sobretudo, D. Deuzimar, sua bibliotecária, sempre solícita e uma entusiasta da pesquisa. Sou grata pela ajuda e incentivo.

Aos amigos. Aqueles que com suas palavras e gestos tornaram mais suave a caminhada acadêmica. Aos colegas do doutorado, principalmente Cleidiane e Lucas Assis, amigos de livros, viagens e sambas. À Ana Paula, Platini, Lucas, Rogers e Tereza pelas doses de ânimo e autoestima.

Um agradecimento especial às queridas Clara (minha amada prima/irmã) e Cecília, pelo apoio incondicional desde sempre e pela inestimável ajuda com as questões envolvendo o design editorial e o trato das imagens, vitais para a harmonia do trabalho.

Ao querido Dante, sim, que há mais de uma década aguenta (por falta de opção) os piores momentos de crise de sua humana, com carinhoso companheirismo.

Finalmente, agradeço a meus pais Maria de Jesus e Pascoal, que sempre me incentivaram e acreditaram na minha evolução centrada na busca pelo conhecimento e dedicação à História, seja como pesquisadora ou professora; e a meu irmão Bruno, por dividir comigo essa caminhada terrena e as celebrações pelos sonhos realizados. A eles, meu amor e gratidão.

... a Biblioteca existe *ab aeterno*. Dessa verdade cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar. (BORGES, 2007. p. 71)

## RESUMO

A presente tese tem como objeto de estudo o acervo de obras raras da Biblioteca do Seminário Episcopal de Fortaleza, com obras publicadas a partir do século XVII, e que é parte do patrimônio bibliográfico cearense. A fundação do Seminário significou o aprofundamento da presença da Igreja Católica no Ceará, bem como a expansão de seu poder simbólico mediante a presença dos padres formados na instituição pelas mais diversas regiões da província. A biblioteca, enquanto instituição de guarda de saberes e de transmissão de culturas, era um importante instrumento no processo de formação do novo clero, que visava a fortalecer o culto oficial romano e a combater, por um lado, as formas populares do catolicismo e, por outro, os ideários modernos, tais como o socialismo e o evolucionismo. Essas eram questões relevantes no contexto da reforma católica ocorrida na segunda metade do século XIX, chamada de Romanização. O estudo do acervo se dá tanto nas suas dimensões ideológicas quanto materiais. Realiza-se a análise dos conteúdos das obras e sua relação com as diretrizes propostas pela Igreja Católica e observa-se como esta lidou com a presença de novas concepções científicas, históricas e filosóficas, sobretudo nos livros destinados à formação dos padres no seminário, ora contrapondo-se, ora procurando adaptar algumas novas ideias do período à doutrina católica. Além de seus conteúdos, o aspecto material da produção dos livros também é examinado, dando-se atenção à sua constituição gráfica e editorial, bem como à evolução dos processos tipográficos que neles se pode verificar. A partir do acervo também se realiza uma investigação acerca da atuação dos agentes do impresso em Fortaleza e sua articulação com o circuito mundial do livro. Com base nos métodos comuns aos estudos de História do Livro e das Bibliotecas e com o auxílio das técnicas da bibliografia analítica, fez-se o estudo do acervo que possibilitou sua compreensão como representante do pensamento e das ações católicas de cunho romanizador em voga quando da fundação do seminário e nas décadas imediatamente seguintes. O exame do fundo antigo da Biblioteca apontou que este é dotado de obras raras e com temáticas importantes para o estudo da doutrina católica, além de indicar a presença no Ceará oitocentista de um acervo eclesiástico em consonância com seus congêneres, contendo obras já canônicas para o ensino religioso e rico em volumes que representavam também o que havia de mais recente à época, tanto no que se refere ao campo das ideias quanto ao das artes gráficas e processos editoriais.

**Palavras-chave:** história do livro. biblioteca episcopal. seminário da prainha. Ceará provincial

## RÉSUMÉ

La présente thèse présente comme objet d'étude la collection d'ouvrages rares de la Bibliothèque du Séminaire Épiscopal de Fortaleza, avec des ouvrages publiés à partir du XVIIe siècle, et qui font partie du patrimoine bibliographique de l'État du Ceará. La fondation du Séminaire a signifié l'approfondissement de la présence de l'Église Catholique au Ceará, ainsi que l'expansion de son pouvoir symbolique à travers la présence de prêtres formés dans l'institution dans les régions les plus diverses de la province. La bibliothèque, en tant qu'institution de protection et préservation des connaissances et des transmissions des cultures, était un instrument important dans le processus de formation du nouveau clergé, qui visait à renforcer le culte romain officiel et à combattre, d'une part, les formes populaires du catholicisme et, d'une part, les idées modernes, telles que le socialisme et l'évolutionnisme. Ces questions étaient pertinentes dans le contexte de la réforme catholique qui a eu lieu dans la seconde moitié du XIXe siècle, appelée Romanisation. L'étude de la collection se fait à la fois dans sa dimension idéologique et matérielle. L'analyse du contenu des travaux et de leur relation avec les orientations proposées par l'Église Catholique est effectuée et on observe comment elle a traité la présence de nouvelles conceptions scientifiques, historiques et philosophiques, en particulier dans les livres destinés à la formation des prêtres au séminaire, tantôt en opposition, tantôt tentant d'adapter certaines idées nouvelles de l'époque à la doctrine catholique. Au-delà de leur contenus, l'aspect matériel de la production des livres est également examiné, en prêtant attention à leur constitution graphique et éditoriale, ainsi qu'à l'évolution des procédés typographiques que l'on peut y vérifier. À partir de la collection, une enquête est également menée sur les performances des agents de presse à Fortaleza et leur articulation avec le circuit mondial du livre. Sur la base des méthodes communes aux études d'Histoire du livre et des bibliothèques et à l'aide de techniques de bibliographie analytique, une étude a été menée sur la collection qui a permis de la comprendre comme représentative de la pensée catholique romaine et des actions en vogue au moment de la fondation du séminaire et dans les décennies qui suivirent immédiatement. L'examen de l'ancienne collection de la Bibliothèque a montré qu'elle est dotée d'œuvres rares et de thèmes importants pour l'étude de la doctrine catholique, en plus d'indiquer la présence au Ceará du XIXe siècle d'une collection ecclésiastique dans la lignée de ses homologues, contenant des œuvres déjà canoniques pour l'enseignement religieux et riche en volumes qui représentaient aussi ce qui était le plus récent à l'époque, tant dans le domaine des idées que dans celui des arts graphiques et des procédés éditoriaux.

**Mots clés:** histoire du livre. bibliothèque épiscopale. séminaire de prainha. province du Ceará

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Marca de posse manuscrita do Seminário do Ceará	113
Figura 2 — Marca de posse do Seminário do Ceará	114
Figura 3 — Dedicatória de livro oferecido como presente e doado ao Seminário	114
Figura 4 — Contracapa da obra <i>Recherche Historiques pour l'assemblée du clerge de France de 1682</i> . Com marca de posse de D. Luís	116
Figura 5 — Marca de encadernação da Librairie Française, de Pernambuco	124
Figura 6 — <i>Le Darwinisme et l'origine de l'homme</i>	136
Figura 7 — <i>Index Librorum Prohibitorum. Juxta Exemplar Romanum.</i>	141
Figura 8 — <i>Opera Omnia</i> . S. Tomas de Aquino.	149
Figura 9 — <i>Nouveau Cours D'histoire Universelle.</i>	167
Figura 10 — <i>Histoire de la Revolution Francaise.</i>	169
Figura 11 — <i>História do Brasil.</i>	172
Figura 12 — Anúncio da Livraria Oliveira	182
Figura 13 — <i>História General de Espanha.</i>	190
Figura 14 — <i>Scriptorum Ecclesiasticum</i> . História Literaria.	192
Figura 15 — <i>Sermões do R.P. M. Fr. Francisco da Madre de Deos Pontes.</i>	193
Figura 16 — <i>História Genealógica da Casa Real Portuguesa.</i>	195
Figura 17 — <i>Ultimas ações do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello.</i>	198
Figura 18 — Amostra de alguns tamanhos de livros do acervo	204
Figura 19 — <i>Annali D'Italia.</i>	207
Figura 20 — <i>Summa Exacta de toda Theologia Moral.</i>	208
Figura 21 — Exemplos de capas de volumes impressos no século XIX	210
Figura 22 — <i>Opere Ascetiche di S. Alfonso Maria de Liguori.</i>	212
Figura 23 — Raphael Sanzio. O triunfo eterno de Jesus Cristo	213
Figura 24 — Elementos decorativos. Capitulares ornamentadas	215

Figura 25 — Iluminura representando o episódio das Bodas de Caná	216
Figura 26 — Detalhe de imprensa	219
Figura 27 — Obra impressa pela Propaganda Fide	221
Figura 28 — Obras da Bibliotheca do Clero Illustrado da livraria Chardron	223
Figura 29 — Catálogo da Livraria B. L. Garnier (provavelmente 1863)	225
Figura 30 — Imprentas com indicação da Livraria Poussielgue	227
Figura 31 — Anúncio da Typographia de Francisco Luíz de Vasconcelos	230
Figura 32 — Folha de rosto do <i>Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o anno de 1873</i>	233
Figura 33 — Relatórios Oficiais produzidos pelas tipografias de Fortaleza	236
Figura 34 — Anúncio da Tipografia do Libertador	237
Figura 35 — <i>Estudos de História do Ceará.</i>	239
Figura 36 — <i>Actas e Constituições do Primeiro Synodo Diocesano Fortalexiense</i>	241

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Estudo quantitativo das obras catalogadas

105

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1	Do tema .....	13
1.2	Da construção do objeto e da problemática.....	16
1.3	Do diálogo com a historiografia e o quadro teórico-metodológico.....	21
1.4	Da estrutura dos capítulos.....	29
<b>2</b>	<b>O SEMINÁRIO DO CEARÁ NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA .....</b>	<b>34</b>
2.1	A reforma Católica no Brasil e a formação sacerdotal.....	34
2.2	A Diocese do Ceará e a fundação do Seminário .....	44
2.3	A Igreja e os livros .....	60
<b>3</b>	<b>UMA BIBLIOTECA EPISCOPAL NO CEARÁ OITOCENTISTA: ELEMENTOS HISTÓRICOS E BIBLIOGRÁFICOS.....</b>	<b>77</b>
3.1	A livraria do Seminário no contexto das bibliotecas eclesiásticas e da reforma católica no Brasil.....	78
3.2	O livro como patrimônio .....	86
3.3	As bibliotecas devem crescer. A organização dos conhecimentos.....	93
3.4	Index librorum: o acervo da Biblioteca Episcopal. ....	101
3.5	A posse das obras, a aquisição dos itens do acervo e os intermediários do livro.....	112
<b>4</b>	<b>UMA BIBLIOTECA UTILITÁRIA .....</b>	<b>126</b>
4.1	A biblioteca enquanto repositório de saberes e os usos do livro.....	126
4.2	As obras para a formação sacerdotal .....	144
4.3	A História nas estantes da Biblioteca Episcopal .....	158
4.4	Os livros do Bispo e a leitura católica além da Biblioteca.....	175
<b>5</b>	<b>PARA ALÉM DO ESCRITO: O LIVRO E SUA MATERIALIDADE.....</b>	<b>184</b>
5.1	Os cimélios da Biblioteca Episcopal: os representantes do livro antigo.....	185

5.2 O design editorial dos oitocentos a partir do acervo do fundo antigo do Biblioteca Episcopal. ....	200
5.3 “Com licença e privilégio”. Os impressores do livro católico .....	218
5.4 As artes do livro na Fortaleza oitocentista .....	228
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>244</b>
<b>FONTES CONSULTADAS .....</b>	<b>254</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>258</b>
<b>APÊNDICE A – CATÁLOGO DOS CIMÉLIOS DO FUNDO ANTIGO DA BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO DA PRAINHA.....</b>	<b>268</b>
<b>APÊNDICE B - TABELA DAS OBRAS CATALOGADAS NO FUNDO ANTIGO DA BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO DA PRAINHA PUBLICADAS ATÉ 1889.....</b>	<b>284</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Do tema

As bibliotecas se tornaram lugares de saber, de guarda e preservação de conhecimentos, lugares de memória, de encontro de experiências: a do leitor, que traz consigo o acúmulo de suas vivências e a do livro que contém em si o conhecimento depositado por seu autor e as marcas deixadas por leitores passados. Conhecimento, experiência, memória, vivência, marcas, enfim, objetividades e subjetividades que se encontram na biblioteca.

Entende-se aqui a biblioteca não apenas como o lugar dos livros, mas como repositório de informações, conhecimentos vários, mesmo porque esses lugares já existiam antes do livro e mesmo dos manuscritos. O próprio termo biblioteca (armário de livros, na tradução do grego), não se refere somente ao espaço destinado aos livros, podendo designar também coleções editoriais específicas<sup>1</sup> e cita-se também o fato de o termo *Livraria*, durante quase toda a Idade Média, ter sido utilizado para referir o local de guarda dos livros, sobretudo nos mosteiros.

Mas qual a importância das bibliotecas e de seu estudo em uma época de leituras digitais e acervos virtuais? Os que anunciam o fim do livro também enxergam a biblioteca como espaço inerte, desatualizado e que perdeu sua utilidade diante da imensidão das possibilidades fornecidas pela Internet<sup>2</sup>. No entanto, essa é uma visão simplória que encara a biblioteca como mero depósito de livros e ela está longe de ser apenas isso, é um centro de conhecimento e apesar de sua antiguidade como instituição, se adapta de acordo com o contexto de sua existência e persiste.

[...] as bibliotecas continuam nos falando, talvez hoje mais ainda do que ontem, e a questão das bibliotecas conserva uma atualidade incontestável: basta considerar o movimento de construção de “mediatecas”, ou a atenção dada às funções das bibliotecas nacionais em relação à problemática da identidade. A diversidade das estruturas de bibliotecas (bibliotecas públicas, universitárias, especializadas, nacionais etc.) sugere que sua suposta inatualidade seja talvez um engodo, mas que suas funções mudam: as bibliotecas respondem a uma ou a necessidades “cotidianas”, quer se trate sempre de informação (nem tudo está na internet) ou de entretenimento (nunca se publicou tanto quanto hoje), mas também de igualdade (dar acesso à

<sup>1</sup> CHARTIER. Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. – Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1999. Como exemplo deste tipo de coleção, o autor estuda a *Bibliothèque Bleue*, coleção famosa na França dos séculos XVIII e XIX.

<sup>2</sup> Algo sempre presente nas discussões sobre digitalizações de acervos é a questão da possível cobrança para permitir o acesso aos textos o que vai de encontro ao princípio de universalizar o conhecimento permitindo que os livros digitalizados cheguem ao maior número de leitores e cobrar assinaturas, por exemplo, não garantiria o amplo acesso e tornaria privado um conhecimento público. Cf. DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

informação e à formação para aqueles que nem sempre têm os meios), portanto, de democracia, ou ainda de identidade coletiva<sup>3</sup>.

Logo, o princípio básico da biblioteca é o de democratizar o acesso ao conhecimento, o que vai além de apenas o armazenar. Conservar os volumes dentro dos variados critérios de organização só faz sentido quando se fomenta o saber e quando este está ali “a serviço da coletividade inteira.”<sup>4</sup> Tendo em vista essas funções múltiplas a História das bibliotecas representa um campo de investigações que, além de seu objeto central, permite fazer emergir conhecimentos acerca de múltiplas relações entre sujeitos, livros, leituras e os próprios acervos.

Diante disso, o estudo ora desenvolvido tem como temática norteadora a História das bibliotecas, entendendo-a como inserida na seara maior da História do livro, tendo como objeto primordial os livros constantes do fundo antigo da Biblioteca do Seminário Episcopal de Fortaleza — Seminário da Prainha — fundado em 1864. A pesquisa pretende construir uma narrativa histórica não só sobre a biblioteca, sua formação e relação com as atividades da Igreja Católica no Ceará, mas também sobre as obras entendidas enquanto unidades bibliográficas, historicizando-as.

A moldura histórica que envolve a pesquisa encerra um período marcado por avanços econômicos na província do Ceará, com o fortalecimento de sua elite comercial e política. Da fundação do seminário, em 1864 à Proclamação da República em 1889 — quando houve a ruptura entre o poder da Igreja e do Estado — observou-se o aprofundamento do desejo desses grupos de modernizar diversos setores, desde a arquitetura e organização do espaço até as questões referentes à instrução pública, com a fundação de novas escolas e da Biblioteca Pública provincial. Nesse ponto foi até mesmo desejada a instalação do seminário, visto não só como local de formação avançada para os jovens, mas também como instituição fortalecedora dos vínculos entre Igreja e sociedade, pois mesmo avançando o desejo modernizador, era necessário garantir a permanência dos valores morais e religiosos compartilhados pelos sujeitos.

Enquanto instituição de grande significado para a História do Ceará, o seminário da Prainha tem sido objeto de vários estudos que ressaltam questões históricas, religiosas ou

---

<sup>3</sup> BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo: Edusp, 2018a. p. 12.

<sup>4</sup> JACOB Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 9.

educacionais. Nesta pesquisa se pretende abordar uma dimensão de relevo para a historiografia cearense, qual seja, a constituição de sua Biblioteca, destacando as obras raras que compõem seu acervo. Considerada a mais antiga do Ceará, é repositório de obras raríssimas e direcionadas aos mais diversos assuntos como as obras de caráter religioso, livros de gramática de diversos idiomas, de História, Geografia, Enciclopédias, Dicionários, entre tantas outras obras disponíveis para uso nas disciplinas ministradas, para a formação dos sacerdotes e para o aperfeiçoamento dos membros do clero local.

O fundo antigo da Biblioteca possui obras produzidas não só em diversas décadas do século XIX, mas também impressas nos séculos XVII e XVIII, sendo então uma rica fonte para a História do livro no que diz respeito aos aspectos de sua produção e como essa vem se desenvolvendo através dos séculos. Ou seja, além de permitir ao pesquisador a realização da análise dos conteúdos das obras, imensamente importante para o estudo da História das ideias, possibilita a realização de um trabalho de bibliografia histórica, considerando os livros como unidades constituídas de informações várias acerca dos processos de produção relacionados aos mais diversos contextos históricos<sup>5</sup>.

Embora haja obras cujas datas de publicação sejam de períodos bem anteriores à existência do seminário, o recorte da pesquisa se inicia, por óbvio, com a fundação do instituto religioso em 1864 (apesar de sua Livraria só ser instalada em 1865), pois com o início das atividades educacionais já exigiam a presença de livros que nesse primeiro momento eram aqueles trazidos para o Ceará pelo bispo e pelos padres da Missão encarregados da administração do local. Já como limite temporal se estabeleceu o ano de 1889, por representar simbolicamente a separação entre Igreja e Estado com a ascensão do regime republicano (a ruptura de forma oficial se dá com a promulgação da Carta constitucional de 1891, primeira da República, que estabelece o Estado laico), o que exigirá transformações na atuação do clero católico no país. Outra razão para essa data limite é de ordem metodológica e logística, pois com um universo de milhares de obras seria impraticável a catalogação e análise das mesmas se houvesse um avanço maior na delimitação. Portanto, o recorte é também pautado pelas datas de publicação das obras, tendo sido inventariadas aquelas cujas imprentas apresentam o ano de publicação até 1889.

Essa delimitação por ano de impressão não garante que todas essas obras estavam no acervo da biblioteca no período de recorte ou que fizeram parte de seu núcleo formador, podem

---

<sup>5</sup> McKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e Sociologia dos Textos*. São Paulo: Edusp, 2018.

ter sido incorporadas ao acervo por compra ou doação em períodos posteriores<sup>6</sup>. No entanto o objetivo de análise das obras raras transcende o aspecto relacionado ao seu uso pelos alunos do seminário no período e foca, sobretudo, na sua importância histórica e seu valor enquanto representantes de uma produção intelectual e artística de uma época.

## 1.2 Da construção do objeto e da problemática

A presente investigação pode ser considerada a culminância de uma trajetória de pesquisa na qual o trabalho com os livros sempre esteve envolvido. Primeiramente, para a conclusão do curso de História o volume de poemas do poeta Lívio Barreto foi o objeto do estudo que analisava o olhar do autor acerca do mundo que prometia mudanças com a implantação do regime republicano, mas que trouxe frustração para ele e seus contemporâneos. Em seguida, com o intuito de permanecer com o estudo dos livros no Ceará, decidiu-se por estudar a produção livreira em Fortaleza. Logo, as obras literárias impressas na capital cearense foram a base para a dissertação que analisou o circuito do livro local, identificando os principais intermediários da literatura<sup>7</sup> na cidade, desde os tipógrafos até os livreiros, concluindo que o sistema relacionado à produção, o comércio e o consumo do livro estavam bem desenvolvidos na urbe no final dos oitocentos.

Com o término do mestrado, permaneceu o desejo de prosseguir com as investigações acerca do livro em Fortaleza. Tendo em vista já ter adentrado pelos caminhos da produção livreira na cidade e conhecer bem os aspectos relacionados a ela e aos ambientes voltados para a leitura, decidiu-se, para a pesquisa de doutorado, realizar um estudo acerca de bibliotecas oitocentistas, ou seja, partiu-se do exame de um texto, em seguida estudou-se o seu suporte, o

---

<sup>6</sup> O setor de obras raras da biblioteca do seminário, hoje Biblioteca Pe. Luiz Magalhães Uchoa, atrelada à faculdade Católica de Fortaleza, conta com aproximadamente, para mais ou para menos, 10 mil volumes, deste universo, poucos estão catalogados no sistema da biblioteca. Nesse setor existem obras com anos de publicação que variam de datas do século XVII até meados do século XX, ou seja, muitos livros ali alocados fogem totalmente da caracterização de obra rara. Logo, entendendo as obras raras aquela publicadas até o final dos oitocentos (que ainda assim extrapola a caracterização) e como livro antigo os publicados nos séculos anteriores, o volume de livros a serem catalogados reduziu de forma a ser possível inventariar de forma parcial e que desse subsídios para o debate das problemáticas levantadas diante da observação do acervo e do contexto de instalação do seminário. No sentido de acolher o acervo como patrimônio bibliográfico, optou-se por se referir ao setor como Fundo antigo. Assim, pode se dizer que foi uma catalogação feita por amostragem, com o objetivo de identificar as temáticas mais relacionadas com os debates, principalmente ligados às questões religiosas, que figuraram no período.

<sup>7</sup> DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

livro e chega-se, agora à investigação a partir de um conjunto de livros, um acervo bibliográfico, a biblioteca.

No entanto, partindo do princípio da possibilidade de execução da pesquisa, fez-se necessária a escolha de um acervo a ser trabalhado. Assim, decidiu-se pela Biblioteca do Seminário da Prainha, à priori pela antiguidade, já que foi a primeira biblioteca de Fortaleza, em termos institucionais, pois certamente havia acervos privados. Em segundo lugar, por esta não ter sido objeto específico de nenhum estudo no campo da História. Tem-se aí, portanto, uma lacuna a ser preenchida dentro da pesquisa histórica cearense, não só em termos de estudos sobre o livro, mas também relacionados ao armazenamento e difusão do conhecimento religioso e secular na província do Ceará, em específico em sua capital.

A História do livro, já há muitos anos consolidada, não possui uma relevante quantidade de trabalhos realizados sob sua perspectiva em terras cearenses. Uma observação atenta aos repositórios dos cursos de pós-graduação em História da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará<sup>8</sup> faz perceber que nos últimos nove anos aproximadamente 15 trabalhos, entre teses e dissertações tratavam diretamente do livro (seja como suporte da leitura, objeto comercializável), das bibliotecas ou dos agentes de produção e venda dos impressos, como tipógrafos e livreiros.

São pesquisas que tratam sobre a atuação dos trabalhadores gráficos, como as de Alysson Bruno<sup>9</sup> e Léo Natanael<sup>10</sup>; ou a de Aryanna Amorim<sup>11</sup>, que estudou os vendedores de livros usados e antigos em Fortaleza, os “sebistas”. Há também entre eles trabalhos ligados à literatura de cordel<sup>12</sup> e almanaques<sup>13</sup>. Com relação ao estudo dos acervos bibliográficos

---

<sup>8</sup> O mestrado acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS) que aqui serve de referência teve suas atividades encerradas e hoje um novo programa se instalou na instituição. Trata-se do Programa de Pós-graduação em História, Cultura e Espacialidades, que no momento da escrita desta tese ainda estava em sua turma inicial, portanto sem dissertações defendidas. O foco foi nos trabalhos defendidos em instituições locais.

<sup>9</sup> VIANA, Allyson Bruno. *Anarquismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945 - 1968)*. 2014. Tese (Doutorado em História). Fortaleza: UFC, 2014.

<sup>10</sup> ARAÚJO, Leo Natanael de Jesus. *Impressões e lutas dos trabalhadores gráficos de Fortaleza (1970 a 2000)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: UFC, 2014.

<sup>11</sup> AMORIN, Aryanna da Costa. ‘Os Livros Eram Vendidos ‘No Grito Mermo’: Experiências dos Sebistas da Cidade de Fortaleza (1960-2000)’. Dissertação (Mestrado em História) Fortaleza: UECE, 2015.

<sup>12</sup> POTIER, Robson William. *Reunindo cordéis, colecionando memórias: Juazeiro do Norte narrada pela Coleção Centenário – Literatura de Cordel (2011)*. 2021. Tese (Doutorado em História) Fortaleza: UFC, 2021. e VIRINO, Alyne Bezerra Façanha. *O folheto na História e A história no folheto: Práticas e discursos culturais do cordel de circunstancia em Fortaleza (1987-2007)*. Dissertação (Mestrado em História) Fortaleza: UECE, 2009

<sup>13</sup> CARVALHO, Reinaldo Forte. *Cordel, almanaques e horóscopos: E(ru)dição dos folhetos populares no Juazeiro do Norte - CE. (1940-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) UECE, Fortaleza, 2008 e MACAMBIRA, Débora Dias. *Impressões do tempo: os Almanagues no Ceará (1870-1908)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza, UFC, 2010.

destacam-se os trabalhos de José Humberto Filho<sup>14</sup> e Paula Virgínia Batista<sup>15</sup> que estudaram um acervo público e um particular, respectivamente, sendo a dissertação de José Humberto a que mais se aproxima do trabalho aqui realizado, por estudar a Biblioteca Provincial do Ceará, contemporânea da Biblioteca do seminário. A produção livreira é aspecto que perpassa vários desses trabalhos, mas é diretamente estudada por esta pesquisadora em sua dissertação de mestrado<sup>16</sup>. Quanto a pesquisas realizadas em instituições fora do Ceará, convém destacar a investigação conduzida por Ozângela Arruda, posteriormente publicada em livro<sup>17</sup> sobre a circulação de romances em Fortaleza, que apresenta um panorama sobre o comércio livreiro em Fortaleza na segunda metade do século XIX.

A partir da observação das pesquisas voltadas para o livro e as bibliotecas no Ceará é possível perceber que é uma área ainda pouco explorada pelos historiadores locais e que, diante da importância do papel do livro nas sociedades, pode fornecer valiosas informações sobre a atuação dos sujeitos e o desenrolar de processos históricos. Assim, compreende-se que pesquisa ora realizada pode contribuir para a historiografia cearense na medida em que dá a conhecer um acervo de importância para a História do livro, da leitura, das bibliotecas, bem como para a História social das ideias e do conhecimento, promovendo um avanço nessas áreas de investigação, e também por realizar um estudo inédito no que se refere às instituições de guarda eclesiais cearenses.

O acervo pesquisado oferece referências do tipo de leitura indicado aos alunos; a maioria das obras eram escritas por membros da Igreja, até mesmo os de disciplinas como História e Geografia, ou seja, o objetivo era inculcar a visão católica de mundo. A Biblioteca é fruto também de um processo de seleção repleto de subjetividade no qual se observa o desejo da Igreja de conservar seu capital cultural e expandir seu ideário. É também a representação do poder simbólico da Instituição<sup>18</sup>. A expansão do conhecimento adquirido no seminário se deu sobretudo, através da constituição de escolas por parte de seus ex-alunos e muitos dos institutos educacionais fundados na cidade de Fortaleza buscavam como mestres os egressos da

---

<sup>14</sup> PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social). Fortaleza; UFC, 2014.

<sup>15</sup> BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Arquivo de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892-1938)*. 2014. Tese (Doutorado em História). Fortaleza: UFC, 2014.

<sup>16</sup> LIMA, Rafaela Gomes. *Os Livros na Fortaleza Oitocentista: Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: UECE, 2014.

<sup>17</sup> SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. –14ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

instituição dirigida pelos lazaristas. Nesse sentido considera-se a Livraria conventual como repositório de conhecimento e também como índice histórico para a compreensão de valores culturais de sua época. São importantes os estudos sobre a educação nas instituições eclesíásticas, visto que essas (seminários, conventos e mosteiros) desempenharam um papel importante na história educacional do Brasil<sup>19</sup>.

A partir do seminário e de seus alunos egressos se expandiria pela província o ideal católico apregoado no momento, qual seja o reformador, ou romanizador. O termo *romanização*, utilizado para explicar as mudanças pelas quais a Igreja Católica passou no Brasil no século XIX, se popularizou quando de sua readoção, a partir da década de 1950 por pesquisadores como Roger Bastide e Ralph Della Cava. No entanto, o uso do termo é criticado por reduzir a um embate interno na instituição religiosa todo um processo de reforma pelo qual a Igreja estava passando.<sup>20</sup>

Mesmo tendo em vista a restrição do termo *romanização*, este continuará sendo utilizado neste trabalho juntamente com os termos *reforma* ou *movimento reformador da Igreja*, ao se referir ao processo intensificado no pontificado de Pio IX, de fortalecimento da Sé romana no mundo católico, incluindo o Brasil. Isso ocasionou uma série de desavenças entre o poder temporal e o espiritual no país, mais desestabilizando que fortalecendo a união entre o altar e o trono.

Tal movimento de reforma, teve no primeiro bispo do Ceará, D. Luís Antônio dos Santos (1817-1891), um de seus principais representantes, assim como a ordem dos Padres da Missão. Logo, os dois juntos fizeram do seminário do Ceará um grande foco reformista que irradiava o ideário a partir da presença do prelado nas missões pelo interior da província e dos padres ali formados que iriam atuar nas mais diversas regiões do país.

A pesquisa pretende, portanto, determinar o papel da Biblioteca na formação dos párocos pelo seminário, dentro do contexto reformador, entender em que medida o acervo eclesíástico cearense coadunava com seus congêneres, defendendo-se a hipótese de que o Ceará contava, na segunda metade do século XIX com um ajuntamento de grande riqueza

---

<sup>19</sup> DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011. p. 51

<sup>20</sup> SANTIROCCHI. Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. In: *Temporalidades* - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 2, Agosto /Dezembro de 2010. p. 30. Disponível em [www.fafich.ufmg.br/temporalidades](http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades). O termo *romanização*, de uma característica do movimento de reforma, qual seja, o fortalecimento do catolicismo romano, acabou por passar, no Brasil, a representar o movimento como um todo, o que reduz sua amplitude.

bibliográfica, inclusive contando com obras raras já à época de sua fundação, em alinhamento com as ideias católicas em voga, sendo recurso vital para o objetivo de melhoria no quadro de sacerdotes.

Buscar-se-á entendê-la também como recurso para a observação da circulação dos livros em Fortaleza e sua relação com a difusão internacional das ideias. Nessa seara, a observação das obras permite identificar os agentes do livro a nível global, nacional e local, sendo de grande importância para a formação do acervo da Biblioteca a atuação de editores, livreiros e encadernadores. Ou seja, o estudo das bibliotecas, no geral, permite percorrer os diversos caminhos propostos pela História do livro e mesmo descobrir novas possibilidades de pesquisa.

Outra premissa da investigação está em estudar as obras não só em seu conteúdo, mas também nos aspectos da produção livreira entre os séculos XVII e XIX, já que há no acervo do fundo antigo obras publicadas nesse intervalo de tempo. Conceber o livro também como objeto, como bem cultural, faz com que a observação das obras permita uma compreensão acerca dos aspectos relacionados ao circuito do livro<sup>21</sup>, o que envolve seus processos de produção, circulação e consumo. Torna possível também a realização de uma cartografia do livro, identificando as principais praças produtoras e distribuidoras, não só das obras de cunho religioso, mas dos mais diversos temas. Essa perspectiva leva ao estabelecimento de Fortaleza como parte integrante desse circuito, desde que a cidade passou a participar das redes da economia-mundo<sup>22</sup> através de sua interação com diversas praças mundiais.

Para a condução dessas investigações era preciso se ter em mente alguns aspectos relacionados ao objeto. Primeiro, que se trata de uma biblioteca especializada e de uso restrito aos sujeitos atuantes no seminário, em seguida, dever-se-ia ter um olhar mais atento às obras que se destacam no acervo, seja por antiguidade ou por impacto de sua temática. Fez-se necessário também atentar-se aos problemas de armazenamento e salvaguarda dos livros, o que certamente influenciou na condução da pesquisa. A partir dessas observações foi possível determinar a viabilidade da realização do estudo.

---

<sup>21</sup> DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>22</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e Civilização capitalista*. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

### 1.3 Do diálogo com a historiografia e o quadro teórico-metodológico

O presente estudo é balizado pela perspectiva de análise proposta pela História do livro, que para Robert Darnton: “Até se poderia chamar de história social e cultural da comunicação impressa, se não fosse um nome tão comprido, pois sua finalidade é entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade nos últimos quinhentos anos”<sup>23</sup>.

Pensamentos, ideias, comunicação, conhecimento, enfim, esses e outros elementos estão relacionados ao livro e à biblioteca. A produção historiográfica relacionada à História do livro é vasta e abrange os mais variados temas relacionados aos impressos, dentre eles as investigações voltadas para os acervos bibliográficos, determinando a emergência do que pode ser chamado de subcampo, a História das bibliotecas. O percurso das bibliotecas na História, sua relação com as esferas de poder e a propagação do conhecimento são aspectos a serem entendidos a partir, não só da análise do objeto, mas também a partir da interpretação de pesquisas realizadas anteriormente sobre a temática em tela.

Assim, os estudos de Frédéric Barbier, Roger Chartier, Dominique Julia, Marc Baratin, Marisa Midori e Rubens Borba de Moraes, os dois últimos a nível de Brasil, dentre outros, são de grande importância para a compreensão dos processos de estabelecimento das bibliotecas no decorrer dos séculos e das relações de poder que as cercaram, bem como a atuação da Igreja e das diversas ordens religiosas nas atividades relacionadas ao livro e também das ações ligadas aos acervos bibliográficos, que promoveram em certa medida, um aumento do número de leitores e, conseqüentemente do público das bibliotecas. Alguns estudos de biblioteconomia e bibliologia como os de Ana Virgínia Pinheiro, Antônio Houaiss e James Thompson também foram valorosos para o entendimento acerca dos métodos de organização dos acervos desde a antiguidade e para a identificação do modo de ordenação das obras nas estantes da Biblioteca Episcopal do Ceará.

Mais uma vez os estudos de Frédéric Barbier e Roger Chartier são de grande auxílio para a compreensão dos mercados editoriais, juntamente com os trabalhos de Jean-Yves Mollier que analisam o papel dos editores no processo de expansão da cultura livreira. As pesquisas de autores como Marcia Abreu, Aníbal Bragança, Lawrence Hallewell, Ozangela Silva, dentre outros apresentam bons subsídios para a compreensão das atividades de edição e a circulação

---

<sup>23</sup> DARNTON, Robert. Op.Cit. p. 122.

livreira no Brasil, bem como a relação comercial entre as praças produtoras de livros na Europa e as brasileiras, sobretudo, Fortaleza.

A produção livreira e as transformações pelas quais passou durante os séculos que se apresentam nas obras contidas no acervo, é uma parte importante deste trabalho, logo, os estudos voltados para a fabricação do livro ao longo da história, auxiliaram na composição da tese. As pesquisas de Martin Lyons, Lucien Febvre e Henry-Jean Martin, Douglas Mcmurtrie, José Barboza Mello e Eduardo Araújo, permitiram um maior conhecimento sobre essa face da História do livro. Os trabalhos realizados dentro do campo do design editorial como os de Philip Meggs e Rafael Cardoso possibilitaram uma melhor observação e análise dos elementos tipográficos e editoriais presentes nas obras em estudo.

Esse exame dos volumes a partir de sua materialidade permite pensar o livro não só como bem cultural, objeto de ações de patrimonialização, mas também como produto comercial, e mesmo como um item de distinção, sobretudo em sociedades como a brasileira, cearense, fortalezense oitocentistas, deveras marcadas pelo analfabetismo e cujo acesso a esse suporte de leitura era para poucos. A posse de uma edição de luxo era marca de distinção social, até o fato de ser alfabetizado o era, mas o objeto de produção especial, exclusiva, materializava essa diferença.

Todos esses elementos necessários para a execução da pesquisa, cujo aparato historiográfico foi apresentado, precisam também ser observados mediante suas características dentro do contexto histórico no qual o estudo se assenta, concordando sempre com a afirmação de Marc Bloch, de que “[...] nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras”.<sup>24</sup>

Logo, a indispensabilidade de tornar claro o chão histórico que permeia o estudo, o cenário onde se desenrolam as ações referentes ao estabelecimento da Biblioteca, impõe referenciar trabalhos que discutam as questões sociais, econômicas, culturais e intelectuais, religiosas e científicas que se faziam presentes nos níveis mundial, nacional e local a partir da fundação do seminário e nas décadas imediatamente seguintes. Portanto, autores como Eric Hobsbawn, René Remond, Emília Viotti, José Murilo de Carvalho, Boris Fausto e Myriam Ellis são essenciais para o melhor reconhecimento dos diversos contextos históricos que de uma

---

<sup>24</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.p. 60.

forma ou de outra acabaram por se relacionar diante da intensa rede de conexões entre as nações estabelecida no decorrer do longo século XIX. O próprio acervo em exame é uma amostra dos intercâmbios de várias naturezas possibilitados pela constante aproximação, física ou cultural entre os povos no período que foi marcado pelo embate entre os poderes já estabelecidos e as forças que buscavam por renovação<sup>25</sup>.

Diante de todas as transformações ocorridas nos oitocentos uma das que mais se relaciona com este estudo é a que envolve a relação dos homens com a religião. Nesse sentido o que chama a atenção por ter sido uma mudança ideológica contundente, foi o enfraquecimento do sentimento religioso entre as camadas mais pobres no continente europeu, já que entre os mais privilegiados e instruídos isso já era visto desde períodos anteriores<sup>26</sup>. No entanto, não significa o enfraquecimento das religiões ou da Igreja Católica especificamente, mesmo com o desejo dos grupos dominantes de modernização e laicização a religião se fazia necessária, pois, “[...] as comprovadas vantagens do velho tipo de religião e os riscos de abandonar qualquer sanção sobrenatural da moralidade eram imensos, não só para os trabalhadores pobres, que eram geralmente tidos como muito ignorantes e tolos para passarem sem algum tipo de superstição socialmente útil, mas também para a própria classe média”<sup>27</sup>.

É essa dualidade de percepções que se observa nas elites cearenses da segunda metade do século XIX, o desejo de progresso em todos os setores, mas também a intenção de manter sob controle as massas, e nesse ponto entram a Igreja e a recém-criada diocese. O intento era manter os pobres atados ao controle moral da religião, mas não a religião popular, mais recheada de superstições, mas ao culto oficial, propagado pela Santa Sé e personificado na figura do pontífice, como preconizava o movimento reformador.

Sobre isso, acerca da História eclesiástica geral e do Brasil, bem como da atuação da Igreja junto ao laicato e ao Império, passando pelas informações acerca das rubricas religiosas presentes nas obras da Biblioteca, foram importantes as leituras dos trabalhos de Riolando Azi, Dilermando Vieira, J. B. Libâneo, Brasil Gerson e Ítalo Santirocchi.

Essas mudanças na atuação do clero vão se refletir, portanto, no processo de formação dos padres onde o seminário de Fortaleza se encaixa como grande polo irradiador do movimento de reforma católico. Os estudos da lavra de Gisafran Jucá, Edilberto Reis, Francisco José Pinheiro, Luiz Moreira da Costa Filho, João Alfredo Montenegro e Ralph Della Cava auxiliam

---

<sup>25</sup> RÉMOND, René. *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 2010

<sup>26</sup> HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*, p. 306.

a compreender o estabelecimento do seminário e as ações voltadas para o fortalecimento da Igreja romanizada no território cearense. Como era e é uma instituição voltada para a instrução, para uma formação intelectual, as pesquisas desenvolvidas por Geraldo Frenken e João Batista de Andrade filho auxiliam na compreensão do modelo de instrução adotado pelos padres lazaristas e como este se adaptava ao intento de melhoria no quadro dos padres cearenses pensado por D. Luís.

No que tange aos estudos acerca do livro em Fortaleza, foram importantes para a construção da narrativa aqui proposta as pesquisas já citadas de Ozângela Silva e Humberto Pinheiro Filho e mais voltados para a análise dos impressos, dos sujeitos ligados às práticas de impressão e àqueles envolvidos com as práticas letradas na cidade, destacam-se as produções de Adelaide Gonçalves e Gleudson Passos Cardoso.

O grande campo de possibilidades apresentado pela pesquisa na biblioteca do seminário demanda o diálogo com uma vasta historiografia que extrapola os limites de estudo da História do livro, além de possibilitar o encontro do pesquisador com outras áreas que há pouco não se poderia imaginar que pudessem auxiliar na pesquisa historiográfica. O presente estudo apresenta a interação com diversos campos do conhecimento, já que o próprio livro por vezes exige várias técnicas de análise.

Assim sendo, por se tratar de um exame de uma biblioteca e sabendo das relações que esse tipo de instituição estabelece não só com seus usuários, mas com o meio onde se insere, bem como das interferências que sofre desde sua constituição, é apropriada a busca por outras fontes de pesquisa que possam fornecer mais elementos que proporcionem um melhor entendimento dos diversos aspectos que circundam o objeto. A compreensão profunda deste é a base do trabalho do historiador, assim como a busca e a seleção daquelas que se tornarão suas fontes de pesquisa, sejam as que já possuem esse status por natureza ou aquelas produzidas pelo historiador. Sobre isso, Michel de Certeau explica que:

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em 'documentos' certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em 'isolar' um corpo, como se faz em física, e em 'desfigurar' as coisas para constituí-las como peças que preencham as lacunas de um conjunto proposto *a priori*. Ele forma a 'coleção'. Constitui as coisas em um 'sistema marginal', como diz Jean Baudrillard; ele as exila da prática para as estabelecer como objetos 'abstratos' de um saber. Longe de aceitar os 'dados', ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma *ordem* recebida e uma *visão* social. Instauradora de signos, expostos a tratamentos

específicos, esta ruptura não é, pois, nem apenas nem primordialmente, o efeito de um 'olhar'. É necessário aí uma operação técnica.<sup>28</sup>

Após essa operação, descrita com genialidade pelo historiador francês, de produção, instituição e ordenação dos documentos, de ter-lhes sido dado o estatuto de fonte pelo pesquisador, segue-se a etapa da análise. Nesse ponto o método é determinante para formulação das perguntas corretas ao objeto e para a obtenção das respostas, mesmo que essas venham em forma de novos questionamentos.

A pesquisa envolvendo bibliotecas eclesiásticas, sobretudo no Brasil, não fornece muitos exemplos de práticas metodológicas para o trabalho com esse tipo de rol bibliográfico, de fato, essa é uma realidade no que se refere às bibliotecas em geral. Portanto, fez-se necessário estabelecer uma metodologia que se adaptasse a realidade do acervo e às condições logísticas que se apresentavam para a execução da investigação que foi seguindo linhas que se formavam de acordo com o que se apresentava nas estantes.

Nesse sentido, optou-se por se trabalhar com as obras constantes do fundo antigo cuja data de publicação não ultrapassasse o ano de 1889, de modo a garantir uma amostra segura e ao mesmo tempo possível de ser analisada por uma única pesquisadora dentro do espaço de tempo para a elaboração da tese. Assim, procedeu-se a catalogação, baseada na observação direta das obras nas estantes e a seleção daquelas que se encaixavam nos critérios temporais. Em seguida, os volumes, pouco mais de 500, foram organizados em rubricas determinadas de acordo com as temáticas encontradas nas obras, assim gerando uma tabela, a qual está disponível como apêndice neste trabalho, apresentando os dados gerais de imprensa dos livros e a qual rubrica eles pertencem.

A ausência do catálogo da Biblioteca da época de sua fundação e anos seguintes não permitiu se ter certeza dos livros que compunham o acervo quando de sua fundação, mas observação direta das obras e de outras documentações permitiu identificar alguns volumes que estavam na biblioteca durante suas duas primeiras décadas de funcionamento, bem como alguns dos mecanismos utilizados para a aquisição dos livros e formação do acervo. Não é incomum para o historiador se deparar com a falta de elementos que possam fornecer informações relevantes para a construção de sua narrativa, no entanto, é possível encontrar outras fontes que possibilitem conjecturar acerca de algumas situações, suscitar possibilidades de ações por parte dos sujeitos.

No próprio ato de propor a inserção de conjecturas, indicadas como tais, na narração historiográfica, Manzoni sentia a necessidade de reafirmar, de um modo meio contorcido, que 'a história [...] abandona então o relato, mas para se aproximar, da

---

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 81.

única maneira possível, do que é a finalidade do relato'. Entre conjecturas e relato histórico, entendido como exposição de verdades positivas, havia, na opinião de Manzoni, uma óbvia incompatibilidade. Hoje, ao contrário, o entrelaçamento de verdades e possibilidades, assim como a discussão de hipóteses de pesquisa contrastantes, em alternância com páginas de evocação histórica, não desconcertam mais.<sup>29</sup>

Portanto, trabalhar com conjecturas e possibilidades e sua integração com a realidade já não é mais estranho aos historiadores. A realização desse tipo de exercício foi relevante para compreender como teria se dado a montagem do acervo em estudo, que após a realização de sua catalogação passou a ser estudado em seus diversos aspectos. Diante da relação do seminário com o movimento de reforma católico, os conteúdos foram analisados tendo em vista sua adequação ao pensamento da Igreja à época, de universalização do credo e fortalecimento da figura papal, além da presença dos ideais de combate aos chamados “erros da modernidade” apresentados e já combatidos no *Syllabus*. A compreensão do tipo de discurso encontrado também auxilia no ato de encaixar as obras dentro do contexto do ajuntamento, do porquê de sua presença ali.

Na intenção de determinar algumas características próprias do acervo foi necessário um exame quantitativo de alguns elementos, embora as estatísticas com relação a locais de impressão, idioma dos volumes ou mesmo temáticas, pouco possam informar com relação aos modos de utilização dos livros, são importantes para o entendimento de outras manifestações referentes ao universo livreiro.

As fontes primordiais para essa pesquisa são as impressas. Primeiramente, os livros que fazem parte do fundo antigo da Biblioteca do seminário. Somando-se a elas tem-se os almanaques e periódicos, como o *Pedro II, O Cearense*, fontes necessárias à visualização de aspectos do cotidiano da cidade e o *Tribuna Católica*, recurso valioso de informações sobre as ações da Igreja Católica e seus membros. Além de conter informações sobre a política, a economia e a sociedade cearenses, os jornais em circulação também podem oferecer dados acerca do circuito do livro, através dos anúncios de tipografias, livrarias e outros estabelecimentos ligados às letras.

Documentos referentes à história do seminário, disponíveis em sua Sala de História, bem como em outras instituições e em meio eletrônico também são utilizados. Dentre eles estão o *Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará*, o *Livro de receita e despesa do Seminário (1864-1886)* e o *Livro do Conselho do Seminário Provincial de Fortaleza (1864-1935)*. Esses

---

<sup>29</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p. 333.

documentos proporcionam a compreensão do funcionamento da instituição, e tornam possível estabelecer conexões com outras fontes como os próprios livros, jornais e outros documentos como os encontrados no Arquivo Público do Ceará, quais sejam os referentes ao Fundo do Palácio Episcopal.

Na senda dos documentos oficiais, os Relatórios de Presidente de Província também são fontes pertinentes, tendo em vista a ligação entre Estado e Igreja no período e também pelas informações referentes ao estado da instrução pública local, as ações ligadas ao livro e a leitura e outros aspectos da administração provincial. No contexto dos documentos eclesiásticos são analisadas as Encíclicas papais, em especial a *Quanta Cura*, expedida em 1864, que reforçou os conceitos do movimento ultramontano e junto a qual foi publicado o *Syllabus*, além das normas e decretos relativos ao patrimônio religioso, em especial o bibliográfico.

Diante desta variedade de documentos, em vários momentos eles se entrecruzam nas análises, o que reitera a ligação dos livros com os diversos setores da sociedade. Assim, a pesquisa faz a análise dos livros em duas perspectivas: em conjunto, enquanto acervo especializado e utilitário, e individualmente, enquanto objeto cuja materialidade influencia tanto nas questões econômicas e artísticas a ele relacionadas, quanto nas práticas de leitura. Nessa segunda forma de abordagem, os preceitos da bibliografia histórica e analítica foram importantes para a compreensão dos efeitos da materialidade do livro, suas formas de produção, a questão tipográfica, na sua relação com os seus produtores, vendedores e consumidores. Aqui os trabalhos de D. F. McKenzie<sup>30</sup> foram norteadores para o estudo do livro como unidade bibliográfica. A bibliografia analítica, conforme afirma Robert Darnton, “[...] pode parecer hermética vista de fora, mas poderia dar uma grande contribuição tanto à história social, quanto à história literária, especialmente se temperada com uma leitura dos manuais e autobiografias dos gráficos.”<sup>31</sup>

Portanto, a bibliografia analítica é um recurso valioso para as pesquisas em História do livro, mas não apenas ela, cada vez mais os historiadores do livro vêm se valendo de estudos de outras áreas para garantir maiores subsídios para o exame desse objeto que em si carrega

---

<sup>30</sup> Segundo Roger Chartier, McKenzie, “Exímio praticante da técnica erudita da ‘nova bibliografia’, ensinou-nos a ir além dos seus limites, mostrando que o significado do texto, seja canônico ou comum, depende das formas que o tornam possível de ler, ou seja, das diferentes características da materialidade da palavra escrita. Para objetos impressos, isso significava o formato do livro, o *layout* da página, como o texto estava dividido, se havia ou não imagens incluídas, convenções tipográficas e pontuação. Ao fundamentar a ‘sociologia dos textos’ no estudo de suas formas materiais, Don Mackenzie não ignorou as significações intelectuais ou estéticas das obras. Ao contrário.” CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014. p. 20.

<sup>31</sup> DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 212.

inúmeras possibilidades, pois “[...] o livro não é um objeto natural, mas artificial, material e simbólico. Como objeto artificial, é mercadoria, produto acabado de vários processos intelectuais, técnicos e industriais; como objeto simbólico, é texto, que pressupõe uma autoria, que o acabou como obra, e leitores, que nunca acabam.”<sup>32</sup>

Assim, as características materiais e simbólicas do livro, a depender do tipo de estudo a ser realizado, vão exigir o diálogo com diversas disciplinas e a utilização também de uma variedade de métodos e técnicas pensadas propriamente para o trabalho com os volumes impressos. É essa história instrumental<sup>33</sup> que intensifica o caráter interdisciplinar da História do livro e das bibliotecas.

Ao se examinar o acervo bibliográfico a partir do olhar historiográfico, o que o pesquisador realiza, tendo em vista o entendimento da biblioteca enquanto instituição de guarda e disseminação do saber, é uma história material do pensamento<sup>34</sup>. A partir dessa premissa é possível relacionar o acervo a algo maior como o circuito do livro e da comunicação e os sujeitos a eles ligados<sup>35</sup> e entende-lo como instrumento de transmissão, transferência de cultura<sup>36</sup>. Também se abre a possibilidade de examinar, a partir das obras, a circulação de impressos<sup>37</sup>, observando as relações entre as praças produtoras e consumidoras, entendendo que os estudos sobre o livro não escapam a abordagens de perspectiva global.

Por se tratar de um rol pertencente a uma instituição religiosa e voltada para o ensino, a formação sacerdotal, é importante, do mesmo modo, estabelecer uma relação entre a confecção

---

<sup>32</sup> HANSEN, João Adolfo. *O que é um livro?* Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. (Coleção Bibliofilia. v. 1). p. 7-8

<sup>33</sup> BARBIER. Op. Cit.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> DARNTON. *O beijo de Lamourette*. Op. Cit.

<sup>36</sup> “A transferência por intermédio do livro opera-se no interior da instituição da biblioteca segundo três modalidades principais. Primeiro, pode ser feita como que imediatamente, pela leitura ‘no presente’ de um conteúdo textual contemporâneo, ele mesmo imediatamente disponível. Mas pode também ser feita ‘no tempo’, na medida em que a biblioteca é o espaço de conservação do patrimônio textual ao qual será possível fazer referência: a transferência se desenvolve então em dois níveis, na medida em que primeiro a atenção incide sobre o próprio texto (pensa-se numa edição recente de um texto mais ou menos antigo, por exemplo, o *Gargântua* de Rabelais), ou na medida em que esse texto se apresenta para a leitura por meio de um suporte ele mesmo antigo (uma edição antiga de *Gargântua*, a partir da primeira e raríssima edição publicada em Lyon em 1534). Deixamos de lado aqui a questão da digitalização e da virtualidade. A terceira modalidade refere-se, enfim, à geografia cultural, na medida em que a biblioteca não propõe conteúdos pertencentes a um único contexto cultural (sobretudo linguístico) de leitor, mas a uma escolha mais ampla: ela constitui assim como que o espelho da própria mídia, nesse caso o livro como suporte de transferência. [...] De certa maneira, a biblioteca, como o setor de atividades constituído pela ‘livraria’, garante a conexão, por meio do escrito, entre espaços linguísticos e político-culturais, aliás amplamente autônomos.” BARBIER. Op. Cit. p. 20-21.

<sup>37</sup> DE LUCA, Tânia Regina; GRANJA, Lúcia. *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*.

do acervo e a ação pedagógica<sup>38</sup> desenvolvida, considerando que o seminário era um instrumento da Igreja Católica utilizado para a expansão de seu domínio intelectual, de seu poder simbólico<sup>39</sup> no seio da sociedade. Na Biblioteca isso se refletia nas obras selecionadas justamente com o intuito de difundir nos discentes os discursos reformadores, de combate aos males da modernidade, da crença na infalibilidade papal e da primazia da Igreja sobre os assuntos espirituais.

Enfim, o intento da pesquisa com o auxílio de toda essa utensilagem de método e teoria foi estudar a Biblioteca não apenas enquanto instituição de guarda, mas buscando adentrar mais em seu universo, já que “[...] toda biblioteca dissimula uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo”<sup>40</sup>. Assim, o estudo das obras do fundo antigo da Biblioteca do seminário da Prinha possibilitou a compreensão do papel que o acervo cumpria dentro da função maior do seminário e permitiu colocar a cidade de Fortaleza no rol dos centros urbanos brasileiros, que nos oitocentos eram possuidores de um acervo eclesiástico detentor de livros raros de diversas temáticas, de livros importantes para a doutrina católica e de obras em consonância com as determinações da Igreja na segunda metade do século XIX.

#### **1.4 Da estrutura dos capítulos**

No intuito de cumprir os objetivos da pesquisa e pretendendo dar mais clareza aos diversos aspectos abordados no estudo, optou-se por dividir a tese em quatro capítulos. Nessas divisões se pretende construir uma narrativa histórica que permita a compreensão do livro como bem simbólico, cultural e material de papel fundamental no desenvolvimento das diversas sociedades humanas, seja por sua característica de suporte de conhecimento, seja pela sua materialidade enquanto produto de valor comercial. Além disso, se objetiva entender também as bibliotecas como locais de guarda, preservação e de transmissão de conhecimento e cultura, bem como instituições constituídas por diversas subjetividades.

---

<sup>38</sup> BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

<sup>39</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. –14ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

<sup>40</sup> JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p.10.

Assim, no primeiro capítulo, intitulado *O seminário do Ceará no contexto da reforma católica*, busca-se apresentar o contexto histórico do período da fundação do seminário e de sua Biblioteca. É analisada a situação que se estabelece no Brasil quando da intensificação do movimento de reforma católico liderado pelo papa Pio IX. O projeto que visava dar o total controle sobre as questões do poder espiritual para os membros da Igreja, reduzindo ou mesmo anulando o poder do imperador garantido pelo padroado régio, acabou por deixar tensa a relação entre Igreja e Estado no Império. Se observa então, o crescimento do clero reformista que passa a ter bastante influência nas mais diversas regiões do país.

A chegada ao Ceará dos ideais reformistas com a efetiva fundação da diocese local é estudada em seguida. Analisa-se a atuação do Bispo D. Luís para a elevação do nível do clero católico na província iniciada com a fundação do seminário, com o intuito de formar padres centrados na reta doutrina, visando o combate ao culto popular, bem como de fortalecer o poder simbólico da Igreja. É examinada também a atuação dos padres lazaristas na condução das ações educacionais do instituto, incluindo aí a formação da Biblioteca.

Pelo foco da pesquisa ser uma biblioteca de instituição religiosa, achou-se por bem discorrer acerca da relação entre a Igreja Católica e os livros, buscando apresentar as formas como a instituição se valia do objeto escrito para garantir uma posição de domínio sobre a produção de conhecimento e, posteriormente, de manutenção de influência no mundo cristão ocidental, o que se reflete no momento de formação do acervo em estudo.

A Biblioteca do seminário é apresentada e começa a ser analisada no segundo capítulo da tese denominado *Uma biblioteca episcopal no Ceará oitocentista: elementos históricos e bibliográficos*. Este se inicia com um pequeno panorama das bibliotecas eclesiásticas no Brasil enfatizando o papel cumprido por elas no desenvolvimento educacional do país, através da atuação das ordens religiosas responsáveis por sua criação e manutenção. Em seguida faz-se uma discussão acerca do conceito de patrimônio bibliográfico mediante a análise de diversas convenções nacionais e internacionais, entendendo-se a importância da salvaguarda do livro enquanto bem cultural relevante para as sociedades.

Posteriormente se inicia a apresentação do acervo da Biblioteca, tratando-o como patrimônio bibliográfico. Mostra-se o levantamento realizado que possibilitou a seleção das obras mediante o recorte temporal da pesquisa apresentando a quantidade de obras e volumes catalogados e a divisão destes por áreas de conhecimento e temáticas, acreditando-se assim, favorecer a visualização da composição do conjunto bibliográfico. Os temas ou rubricas utilizadas, são caracterizados e algumas das obras são apresentadas como exemplos do que se

encontra no fundo da Livraria. As marcas de posse de algumas obras são avaliadas no sentido de determinar sua origem e o meio pelo qual chegaram ao acervo. O levantamento também apresenta dados referentes às datas e locais de publicação das obras, elementos importantes para o estudo do circuito livreiro buscando estabelecer as rotas pelas quais os livros chegaram a Fortaleza e à Biblioteca.

Nesse sentido, de estudo mais geral do acervo, o método de análise quantitativa conforme sugerido por Robert Darnton foi efetivo na elaboração da catalogação geral com base nas rubricas e o conceito de circuito do livro do mesmo autor foi fundamental para a observação da relação da Biblioteca com as redes de distribuição livreira no período. Jean-Yves Mollier e seus estudos sobre edição também auxiliaram na identificação dos polos mais influentes nas áreas de produção e circulação de livros.

O foco do terceiro capítulo, intitulado *Uma biblioteca utilitária*, estará na análise temática das obras e em seus textos. As obras de caráter essencialmente religioso serão estudadas tendo em vista sua importância histórica no contexto do ensino católico e na formação de padres, como é o caso dos livros de Teologia, Homilética, História Eclesiástica etc. Dentre essas, há aquelas que já vinham sendo utilizadas a mais de um século para os estudos eclesiais, possuindo várias edições. No tocante aos livros de viés não religioso suas matérias serão analisadas com o objetivo de captar as ideias nelas presentes e de que forma se adequavam à proposta de ensino pensada para o seminário dentro dos moldes reformadores. É dada uma atenção a mais às obras que pertenceram ao bispo D. Luís buscado entender um pouco de sua ação como leitor e conhecer seu legado para a Biblioteca.

Livros que tratam de temas relacionados à Política, Filosofia não religiosa e História profana, são obras que merecem destaque por permitirem o estudo das ideias e concepções relacionadas a cada tema no período e, no caso das obras de História, é possível a comparação entre as obras escritas por autores laicos e religiosos, esses últimos apresentando uma visão teológica do desenvolvimento da humanidade. Aqui serão debatidas algumas questões referentes ao desenvolvimento da ciência histórica e de que forma a narrativa historiográfica era construída no período, tendo em vista a análise das produções dos autores. As discussões sobre as implicações políticas e religiosas da relação Igreja/Estado e as críticas às novas teorias surgidas à época como o socialismo e o cientificismo também são apresentadas nesse momento.

As obras também serão estudadas a partir da identificação de sua utilização pelos lentes do seminário para visualizar sua penetração entre os estudantes. Assim, obras como dicionários e enciclopédias igualmente compõem o rol de volumes estudados, mediante sua importância

como livros de referência no período e por sua presença no acervo poder identificar quão significativa era a existência e os usos de obras em línguas estrangeiras. Portanto, neste capítulo será predominante a análise das obras e seus conteúdos, trabalhando-as como fontes valiosas para a realização de uma História das ideias e do conhecimento, compreendendo o valor dos saberes e informações contidos e debatidos nos livros.

Com a denominação de *Para além do escrito: o livro e sua materialidade*, o quarto e último capítulo estará centrado no livro enquanto objeto. O acervo do fundo antigo da Biblioteca do seminário dispõe de exemplares de grande valor histórico não só por seu conteúdo, mas também por suas características físicas, o que o torna notável fonte para o estudo de aspectos relacionados à produção livreira. O fundo conta com exemplares produzidos nos séculos XVII, XVIII, XIX e parte do século XX, portanto, perpassa por aproximadamente quatro centúrias de desenvolvimento material do livro como suporte de leitura.

De início é realizado um estudo dos cimélios encontrados no acervo, livros cuja publicação se deu entre os séculos XVII e XVIII. Essas obras são analisadas visando a identificação da evolução dos aspectos tipográficos e gráficos com o passar dos anos. Livros canônicos para o ensino religioso são apresentados, alguns em mais de uma edição. No entanto, apenas algumas obras por antiguidade e importância na temática são citadas nesse momento, mas os cimélios em sua totalidade são elencados em catálogo elaborado durante a pesquisa e disponibilizado nos apêndices da tese.

Ao focar no livro enquanto produto sujeito às tendências de mercado e de gosto também se dá destaque no capítulo aos aspectos relacionados ao design editorial. A forma como os livros eram produzidos, os materiais utilizados, os tipos de papel, a evolução da escrita tipográfica e da disposição dos textos, a inserção de elementos como a folha de rosto e as impressas, o uso das imagens com o desenvolvimento de técnicas como a litografia, a utilização das cores nos textos e gravuras, enfim, elementos que à medida em que foram sendo adicionados na composição tipográfica acabaram por agregar maior valor ao livro e aos impressos em geral.

Por se tratar de uma parte da tese marcada também pelo estudo da forma, terá uma característica mais visual, onde a utilização das imagens será indispensável para a análise da evolução dos processos de produção editorial. Portanto, as obras do acervo serão novamente as principais fontes utilizadas para a elaboração do capítulo, sobretudo as mais antigas e as que apresentam elementos diferenciados de design e de composição.

Outro aspecto abordado no capítulo é o trabalho dos editores e impressores que se destacaram como produtores de livros para a Igreja. São estudadas casas impressoras oficiais como a *Propaganda Fide* e outras que receberam a autorização para a edição de obras católicas. Livreiros e editores estrangeiros e do Brasil são tratados diante de sua importância no circuito do livro e no seu processo de circulação, bem como de forma individual observando a edição também como negócio familiar.

O capítulo se encerra com um apanhado do circuito livreiro em Fortaleza com ênfase nos setores de produção e venda do livro. Se apresenta um pouco da evolução do meio tipográfico da cidade e como este estava estabelecido no período de instalação do seminário e nos anos seguintes, determinando que a cidade já possuía todo um aparato voltado para a produção do livro e demais impressos, tendo a própria Biblioteca episcopal contando em seu acervo com obras impressas na capital cearense, inclusive sob encomenda do próprio seminário ou da Diocese local.

Acredita-se então, que essa forma de distribuição das análises ao longo da tese proporcione um melhor entendimento acerca dos objetivos propostos e favoreça a visualização das obras raras da Biblioteca. Diante de todas as perspectivas de análise do acervo, se objetiva também apresentar esse fundo antigo como parte do rico patrimônio bibliográfico existente no Ceará e sua importância para a cultura do Estado. Se pretende contribuir também para o desenvolvimento dos estudos locais não apenas de História do livro e da leitura, mas também de História social das ideias e do conhecimento, bibliologia, biblioteconomia e outras áreas que possam produzir saberes através do estudo deste e de outros acervos ainda por serem explorados.



## **2 O SEMINÁRIO DO CEARÁ NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA**

Tratar da ligação entre o clero e os livros faz-se importante diante do objeto central desta tese, já que a palavra impressa teve grande importância na reforma promovida pela Igreja Católica no século XIX com o intuito de uniformizar universalmente seu culto, com a publicação da Encíclica *Quanta Cura* e do *Syllabus*, documentos essenciais para a expansão do movimento.

O presente capítulo pretende apresentar os principais pontos dessa reforma que teve por base os preceitos tridentinos irradiados de Roma e contidos nos documentos citados, visando combater os aspectos relacionados às formas populares de devoção nos mais diversos países, dentre eles o Brasil. Nesse sentido pretende-se focar nos aspectos voltados para a educação sacerdotal, baseada na criação de seminários e na escolha de ordens religiosas europeias para promover a instrução nesses institutos.

A partir dessa discussão visa-se estabelecer uma relação desse processo reformador com a criação da diocese do Ceará e a posterior implantação do seminário em Fortaleza, mediante a atuação do primeiro bispo, D. Luís Antônio dos Santos e dos religiosos lazaristas na formação dos futuros padres da província e na instrução dos filhos da elite local que seguirão as mais diversas carreiras e que serão educados nas ideias de disciplina e respeito à moral e ao catolicismo oficial.

Nesse contexto, também se buscará apresentar a relação da Igreja Católica com o objeto escrito, sobretudo com o livro, diante de sua vontade de manter sob seu controle o monopólio da produção escrita, bem como da leitura, em diversos períodos, o que resultou na formação de diversas bibliotecas para uso das instituições religiosas e, posteriormente, dos intelectuais do laicato.

### **2.1 A reforma Católica no Brasil e a formação sacerdotal.**

A Constituição Imperial de 1824 em seu artigo 5º determina que: "A Religião Cathólica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma

alguma exterior de templo.”<sup>41</sup>. Assim se estabelece a relação de unidade entre as duas instituições, Igreja e Estado, que se manterá de forma não inteiramente harmoniosa até o fim do regime monárquico brasileiro.

Em virtude da curta duração do reinado de D. Pedro I, será durante o governo de D. Pedro II que as tensões criadas pelo fato de o monarca também tomar para si o papel de líder religioso ficarão mais evidentes, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX com o surgimento do movimento centralizador da Igreja Romana.

Um dos pontos de maior atrito era a questão do Padroado Régio<sup>42</sup>, que tanto arbitrava nas nomeações para cargos eclesiásticos como no recolhimento do dízimo. Junto com o Beneplácito Régio era visto como prerrogativa que deveria ser respeitada pelos religiosos, os quais viam nessas interferências uma visão equivocada do regalismo que previa não mais que a proteção da Igreja por parte do Estado. No caso brasileiro não era só proteção, o controle estatal era quase que total sobre a instituição religiosa.

[...] não vivia o Império (ou o parlamentarismo coroado brasileiro) agarrado à Igreja, dependente dela, porque seu chefe virtual então no Brasil era o Imperador, era o próprio Governo, através do Ministério da Justiça até 1861, e de 61 em diante através do Ministério do Império, convertidos assim numa espécie de coordenadores da nossa burocracia eclesiástica, com o clero equiparado ao funcionalismo público, a receber suas cômputas nas folhas de pagamento do Tesouro<sup>43</sup>.

Apesar desses aspectos conflituosos, era importante para a Igreja o fortalecimento do Estado Imperial, fato que limitava a ação liberal vista como prejudicial à ordem eclesiástica. Após 1848, a ascensão do Partido conservador vem a favorecer a unificação nacional.

Todo esse processo a Igreja o acompanha, quase sempre como espectadora. Porém, os objetivos de centralização, uniformização, autoridade forte, legalidade se harmonizavam perfeitamente com os objetivos que a igreja de então se propunha em sua estrutura eclesiástica. De forma que entre o "autonomismo" da regência e a "centralização" da monarquia, a Igreja hierárquica pendia muito mais para essa última. Além disso, os movimentos "autonomistas" foram marcados pelas "revoluções" regionais; para a Igreja deste período as revoluções eram uma ruptura da "ordem estabelecida" e da "legalidade"<sup>44</sup>.

Apesar das críticas, era a centralização monárquica essencial para a manutenção da ordem eclesiástica, embora, apesar da oficialidade do Cristianismo católico como religião

<sup>41</sup> Constituição Política do Império do Brasil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25.03.1824. Disponível em [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br), acesso em 14.11.2018.

<sup>42</sup> "[...] Quanto ao Brasil, é bom lembrar que após a nossa Independência houve a Bula *Praeclara Portugaleae* do Papa Leão XII (1827), criando a Ordem de Cristo e desligando-a de Portugal. Concedeu à mesma Ordem o padroado das igrejas e benefícios do império, sendo os imperadores do Brasil perpétuos grão-mestres, idênticos aos de Portugal. Eis o padroado brasileiro que vigorou durante o primeiro e o segundo impérios". BIHLMEIYER, Karl; TEUCHLE, Herman. *História da Igreja*. v. 3. Idade Moderna. - São Paulo: Edições Paulinas, 1964. p. 715.

<sup>43</sup> GÉRSON, Brasil. *O Regalismo brasileiro*. - Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978. p. 11

<sup>44</sup> HAUKE, João Fagundes [et. al]. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época* - 4.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 150

estatal, o culto praticado de fato estivesse longe de um modelo oficial. O catolicismo popular era forte e impulsionado por um clero mal formado ou mesmo independente da ortodoxia, ou até pela falta de religiosos em diversas regiões do país.

[...] Antes do fim do Império, o catolicismo não era, propriamente, posto em causa. Era católico o maçon, católico se declarava o próprio anticlerical. [...] À medida que nos aproximamos de 1868 ou 1870, anos marcados pela eclosão do radicalismo liberal e republicano e pela maré montante do cientificismo, mesmo esse catolicismo nominal se abala, mas nem sempre de forma declarada: as disposições legais impediam a franca manifestação de independência <sup>45</sup>.

O povo, por sua vez, vivia a religião baseada em um grande sincretismo, cuja ligação com a Igreja se dava pelas festas, pela pompa e pela figura do padre confessor. Esse culto popular, esse afastamento da norma católica oficial, tratado por muitos como fanatismo, passou a ser alvo de combate por parte de alguns membros do alto clero brasileiro, sobretudo a partir da década de 1850 com as reformas propostas pelo papa Pio IX.

A presença de um clero liberal era marcante no Brasil. Era comum a participação de religiosos em movimentos de contestação e mobilizações populares contra o poder estabelecido, o que não condizia com a condição oficial da Igreja perante o Estado. Essa atitude também se opunha ao combate católico ao liberalismo e às práticas vistas como não católicas a nível internacional, sobretudo na América Latina onde, para Roma, o catolicismo era "irregular" e "fora do comum" <sup>46</sup>.

Ao contrário do que se deu na Europa, na França principalmente, o movimento liberal no Brasil não teve um caráter essencialmente anticlerical, sendo adotado por boa parte dos religiosos regulares, que o enxergava como um meio de promover a tolerância religiosa e uma atitude revolucionária de combate ao absolutismo. A proliferação dessas ideias se deu fortemente nos centros urbanos e foi marcada pela frágil estrutura clerical brasileira incapaz de manter os religiosos presos à ortodoxia. Os padres brasileiros "estavam saturados dos ideais iluministas, das reivindicações democráticas e liberais da Revolução Francesa." <sup>47</sup>

Por outro lado, a atuação do governo imperial com relação à Igreja deixava muito a desejar, pois além da interferência direta nos assuntos religiosos, havia uma série de obstáculos à atuação católica, como a fraca liberação de recursos. Esses aspectos vão aos poucos aumentando as tensões entre as instituições e fortalecendo a tendência reformadora da Igreja.

<sup>45</sup> ELLIS, Myriam...[et.al.]. *O Brasil Monárquico*, v. 4: declínio e queda do império. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (História geral da civilização brasileira; t. 2; v. 4) p. 323.

<sup>46</sup> HOORNAERT, Eduardo. *O Cristianismo moreno no Brasil*. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1990

<sup>47</sup> ELLIS, Op. Cit. p. 321

Encontrava-se assim o Estado Imperial melhormente aparelhado para alargar o espaço institucional que ocupava. [...] proporcionando à Igreja consciência mais ampla de suas peculiaridades institucionais. Daí exsurge a tendência para o confronto entre ambos. O que culminará na **questão religiosa**. Como se sabe, através do **Padroado**, a Igreja sofreria por alguns séculos uma **capitis diminutio** na sua liberdade, sendo constrangida a tolerar, a permitir em assuntos de sua estrita competência a ingerência do Estado. Aquele ressurgimento suscitaria o retorno da elaboração tradicionalista, privilegiando a defesa das prerrogativas da Igreja [...] <sup>48</sup>.

Nesse sentido, o projeto reformador se estabelecerá no Brasil com a chegada dos ideais do Ultramontanismo<sup>49</sup>, que ganham mais força a partir da publicação da Encíclica *Quanta Cura* (1864) e da realização do Concílio Vaticano I (1869-1870). Esses dois momentos são marcas do pontificado de Pio IX (1846- 1878), que, diante das ameaças que, a seu ver, pairavam sobre a Igreja e a cristandade, decidira fortalecê-la na sua concepção tridentina, combatendo o galicanismo<sup>50</sup> e os "grandes males do mundo" de então, reafirmando a autoridade espiritual da Igreja, sobretudo através da publicação do *Syllabus*.

O clero ultramontano começa então a buscar independência do Estado pautado talvez no artigo V do *Syllabus, Erros sobre a igreja e seus direitos*<sup>51</sup>, no qual se trata especificamente da interferência do poder civil nos assuntos religiosos, passando a pregar maior controle da doutrina tanto dentro da Igreja como entre o laicato e vendo a Santa Sé como norteadora de suas ações em detrimento do Trono. Roma passa a ser o centro dos ideais eclesiásticos e os atos de fidelidade ao pontífice se tornavam cada vez mais explícitos, ou seja, a chamada romanização<sup>52</sup> chega ao Brasil já sob tutela de fortes nomes do alto clero nacional como o bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso.

<sup>48</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o altar: vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará, 1817-1978*. - Fortaleza: BNB, 1992. p. 75. Grifos do autor.

<sup>49</sup> "Profundamente romano, caracterizou-se pela intensificação da tendência de centralização de poder nas mãos do papa, pela uniformidade doutrinária cada vez mais acentuada e dirigida, tendo o ponto alto na definição dogmática da infabilidade pontifícia, pela convergência de esforços e pela supervalorização da moralização dos costumes, deixando em plano inferior um ensino e um conhecimento mais ligado a vida, pela 'espiritualização' do clero interiormente enclausurado nas questões de Igreja e desligado dos problemas sociais e políticos." LUSTOSA, Oscar F. Reformistas na Igreja do Brasil – Império, São Paulo, Boletim nº 17, 1977. Apud: OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. *O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 145-163, dez.2010. p. 148

<sup>50</sup> Galicano era a denominação dada aos membros do clero que juravam fidelidade ao Estado em detrimento das diretrizes dos pontífices. Cf. AZZI, Riolando. *O Estado leigo e o projeto ultramontano*. - São Paulo: Paulus, 1994. - (História do Pensamento católico no Brasil; v. 4)

<sup>51</sup> Nesse parágrafo, o 19º erro diz: "A Igreja não é uma sociedade verdadeira e perfeita, inteiramente livre, nem goza de direitos próprios e constantes, dados a ela pelo seu divino Fundador, mas pertence ao poder civil definir quais sejam os direitos da Igreja e os limites dentro dos quais pode exercer os mesmos". "Syllabus". Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/Online>, acesso em 16/11/2018

<sup>52</sup> "Roger Bastide assinala quatro aspectos principais da romanização: a afirmação de uma Igreja institucional e hierárquica que se estende sobre todas as variações populares do catolicismo; a emergência reformista do episcopado, em meados do século XIX para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; a dependência cada vez maior da Igreja brasileira, de padres estrangeiros, vindos da Europa,

Convém salientar que não era intenção do clero o rompimento entre Igreja e Estado e sim, a busca por mais autonomia para a instituição religiosa. Nesse sentido houve uma maior aproximação dos bispos brasileiros com a Sé romana, provocada não só pelas ações já citadas de Pio IX, as grandes reuniões de bispos no Vaticano em curtos períodos de tempo, mas também pela invasão dos Estados Pontifícios por ocasião do processo de unificação italiana, evento que impulsionou o sentimento de solidariedade para com o pontífice em todo o mundo católico<sup>53</sup>.

Assim, o projeto ultramontano de uma Igreja tridentina, esteio da reforma católica se fortalece no Brasil a partir da década de 1860 diante das já citadas ações do papado. A defesa da instituição religiosa é mais forte que a do Trono e o desejo de sanar os problemas observados no culto católico brasileiro desde a época colonial começa a ser realizado, combatendo principalmente os pontos fortes do culto popular.

Ora, – e aqui chegamos ao ponto nevrálgico da implantação do projeto romano no Brasil – as confrarias do Brasil-colônia e na primeira parte do século 19 nunca se entenderam a si mesmas como sendo submissas ao clero. Havia entre o poder mais comunitário das confrarias e o poder hierárquico do clero um 'modus vivendi' na base da mútua compreensão e do respeito à autonomia de ambas as instâncias articuladoras da vida cristã na sociedade: confrarias e clero. A verdadeira força do cristianismo antes da romanização estava nas confrarias, pelo menos nos conglomerados urbanos, sendo que a situação no campo era um pouco diferente. Elas eram relativamente autônomas, tanto em relação à hierarquia eclesiásticas com em relação ao poder do estado<sup>54</sup>.

Ou seja, era premente retirar do controle de entidades não oficiais o poder sobre o direcionamento da fé e dos desígnios da religião cristã. Isso deveria ser prerrogativa da Igreja de Roma, real, histórica e espiritualmente responsável pela expansão e guarda do Evangelho e da fé em Cristo, única doutrina verdadeira. A doutrinação vem a ser direito exclusivo dos clérigos, bem como a atuação nos cultos, visando também a uma evangelização desligada dos interesses governamentais.

Diante disso, é preciso retornar à questão do estado do clero no Brasil. Se a Igreja desejava uma expansão e organização da cristandade no país dentro de rígidos preceitos doutrinários, era necessária uma grande "reciclagem" dos quadros religiosos locais. Primeiramente atacando o já citado liberalismo dentre os padres, que diante da frágil estrutura

---

principalmente das congregações e ordens religiosas, para realizar a transição do catolicismo colonial ao catolicismo de caráter universalista, independentemente e até contra os interesses políticos locais.” AZZI, Riolando. *O Altar unido ao Trono: Um projeto conservador*. - São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (História do Pensamento Católico no Brasil; v. 3). p. 35. Roger Bastide foi um sociólogo francês que exerceu cargo de professor da recém-criada Universidade de São Paulo, especializou-se no estudo das religiões afro-brasileiras.

<sup>53</sup> As concentrações de bispos referidas se deram em virtude da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição (1854), do 19º centenário da morte dos apóstolos Pedro e Paulo (1867) e o Concílio Vaticano I (1869-1870). Cf.: ELLIS. Op. Cit.

<sup>54</sup> HOORNAERT. Op. Cit. p. 135

religiosa brasileira, acabavam voltando energias para os movimentos de contestação por vezes impulsionados por leituras clandestinamente obtidas como obras de Rousseau, Adam Smith, Kant etc.<sup>55</sup>. Esse clero passará a ser marginalizado ainda na década de 1850, a partir da atuação dos bispos reformadores munidos de um aparato ideológico fornecido pelo próprio Pio IX com a publicação da Encíclica *Qui Pluribus* em 1846. Esta antecedeu a *Quanta Cura* no que se refere à referência aos principais males que ameaçavam a humanidade cristã e já estavam presentes aí o liberalismo e o comunismo, este último, chamado de "doutrina perversa", "que corrompe a juventude" <sup>56</sup>. Essa luta contra o liberalismo no Brasil vai além da questão da inclinação do clero como se percebe no trecho abaixo:

O combate da Igreja ao liberalismo como doutrina criara uma profunda desconfiança, uma animosidade de liberais e maçons. O concílio Vaticano I, encerrado em 1870, trouxera com a declaração da infalibilidade pontifícia um acréscimo de temor e reserva. A condenação doutrinária contra a maçonaria vinha a tingir a nossa, que era muito especial, um caso (até 1872) muito original, sociedade política e patriótica identificada com os anseios das classes mais cultas, desde a Independência <sup>57</sup>.

De fato, esse ataque à maçonaria vai ganhar proporções bem maiores, tendo implicações internacionais com a interferência do próprio pontífice, com a chamada Questão Religiosa ocorrida na década de 1870, e que vai ser um dos motivos que levará ao enfraquecimento do poder imperial e, conseqüentemente, ao fim do regime monárquico <sup>58</sup>.

Além da luta antiliberal, no que se refere à formação dos quadros religiosos, havia a questão do desapego dos padres à ortodoxia católica, o que podia ser observado dentre outras formas, pela violação constante do celibato, tido até como prática comum, sobretudo em áreas afastadas dos núcleos urbanos, incentivada pela solidão, grandes distâncias entre as paróquias e mesmo a falta de convívio com outros padres.

Além do concubinato, os padres participavam de acertos comerciais como a venda de terras e de escravos e participavam, como já foi dito, ativamente da vida política. Isso era reflexo da educação que, apesar de precária, era superior à da maioria e lhes dava certo poder não só

---

<sup>55</sup> HAUCK. Op. Cit.

<sup>56</sup> PIO IX. *Sobre os erros contemporâneos e o modo de os combater (Qui Pluribus)*. 2. ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo: Vozes, 1952 (Documentos Pontifícios-35)

<sup>57</sup> VILLAÇA, Carlos Antônio. *O pensamento católico no Brasil*. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 54.

<sup>58</sup> A Questão Religiosa começou quando o Bispo de Olinda Dom Frei Vital, um capuchinho de apenas 29 anos, "mandou expulsar de algumas Irmandades de sua diocese elementos reconhecidamente maçons. Seguiu nisso as orientações da Santa Sé em relação à Maçonaria" MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos da presença da Igreja Católica no Brasil*. -2. ed.- São Paulo: Paulinas, 2010. p. 248.

religioso, mas econômico<sup>59</sup>. Esses comportamentos do clero podem estar relacionados também com a origem de seus membros. Acerca disso José Murilo de Carvalho escreve que:

[...] Havia, sem dúvida, restrições a pessoas vinculadas a ofícios mecânicos, a filhos ilegítimos, a mulatos. E muitos filhos de famílias ricas eram destinados por elas ao sacerdócio como carreira de prestígio. É possível, no entanto, que a precária situação dos seminários tenha levado a relaxamento nessas limitações, de modo a permitir acesso a pessoas não qualificadas de acordo com a lei <sup>60</sup>.

Esse relaxamento mudou um pouco as feições do clero, apesar de a maioria ainda estar distante das classes populares. A situação que o provocara, a crise na formação religiosa, teve início com a saída dos jesuítas do Brasil, já que essa ordem era a responsável pela manutenção dos seminários episcopais. Com o movimento de reforma, a formação clerical se tornou pauta essencial, pois os padres formados dentro dos preceitos ultramontanos seriam os responsáveis pela transformação do culto católico brasileiro objetivando distanciá-lo de sua forma popular.

A aproximação com a Santa Sé fortaleceu dentre os bispos reformadores brasileiros o desejo da boa qualificação clerical, tanto dentro como fora do Brasil. O Bispo de Mariana, D. Viçoso, mandou para Roma vários de seus seminaristas, para que estes adquirissem o conhecimento direto da sua fonte, dentre esses alunos estava o futuro bispo do Ceará, D. Luís Antônio dos Santos. Mas não foi só D. Viçoso que enviou alunos para a Cidade Eterna. No Seminário Latino-Americano, estudavam 50 brasileiros quando do ano de 1870<sup>61</sup>.

Os grandes objetivos, então, do movimento reformador da Igreja no Brasil serão a aproximação com a Santa Sé, o combate ao culto popular e a moralização do clero, buscando combater a falta de evangelização do povo, a deficiência na formação dos sacerdotes e garantir a observância sacerdotal. Nesse sentido o foco da atenção recai sobre os seminários, sobre a constituição de um ensino teológico focado na tradição da Igreja romana, visando a moralizar o clero já existente, chamando-os para uma vida mais exemplar, acabando com a formação tradicional colonial. Isso exigiria, portanto, uma reforma profunda dos seminários diocesanos.

Tal reforma passa pela mudança na administração educacional dessas instituições, pois com a ideia de afastar as práticas tradicionais locais é incentivada a vinda para o Brasil de ordens religiosas alinhadas com o espírito reformador, para que elas se ocupassem da instrução e da formação teológica do clero brasileiro sendo algumas convidadas a vir pelo próprio

---

<sup>59</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem - Teatro de Sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>60</sup> CARVALHO. Op. Cit. p. 183.)

<sup>61</sup> HAUCK. Op. Cit.

governo imperial<sup>62</sup>. Esse desejava impedir o avanço das antigas ordens devido a sua grande participação em assuntos políticos e enxergava nas novas boas práticas para a educação do povo e dos indígenas, exigindo, porém limitação de sua atuação política e social. Não só o governo, mas também os prelados brasileiros viam vantagem em trazer os religiosos europeus, pois estes estariam “[...] isentos de ‘impurezas’ doutrinárias, o que os levava a apoiarem as propostas reformadoras do episcopado. A eles igualmente muito se deveu o reforçar da tendência de substituição gradual da devoção aos santos pela ênfase na doutrina e nos sacramentos.”<sup>63</sup>.

Os frades e freiras estrangeiros passaram a ser encontrados nas mais diversas regiões do Brasil. Dentre as Congregações masculinas destacaram-se os Lazaristas, os Jesuítas (voltando a se estabelecer no Brasil em 1842 depois de terem sido expulsos dos domínios portugueses em 1759), os Capuchinhos, os Dominicanos e Salesianos; dentre as femininas podem ser citadas as Filhas da Caridade, da Congregação da Missão (braço feminino dos Lazaristas), as Irmãs de São José de Chambéry, as Irmãs Dorotéias e as Irmãs do Puríssimo Coração de Maria.<sup>64</sup> Esses religiosos, além de atuarem nos seminários, foram responsáveis pela fundação de diversos colégios, orfanatos e diversas outras obras de educação e assistência social.

Os novos institutos religiosos constituem suporte importante do episcopado na condução do seu processo reformador. Mediante a colaboração desses religiosos europeus, que se instalaram de preferência nas cidades, a Igreja abre espaço para a sua atuação junto às classes urbanas.

Essas congregações religiosas constituem, pois, uma espécie de vanguarda eclesial que possibilita à Igreja estabelecer suas novas bases sociais e econômicas junto à burguesia emergente, passando assim a diminuir paulatinamente seus vínculos com a aristocracia rural<sup>65</sup>.

Ou seja, as novas ordens aparecem como a força da Romanização capaz de provocar, inclusive, uma mudança no relacionamento de alguns setores da sociedade com a Igreja.

Dentre todos os grupos que vieram para o Brasil, merece destaque a Congregação da Missão, os Padres Lazaristas. Os Filhos de São Vicente serão a força mais eficaz da reforma católica tendo eles assumido a direção de vários seminários<sup>66</sup>. Sua presença em terras brasileiras

---

<sup>62</sup> MATOS. Op. Cit.

<sup>63</sup> VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2007. p.165

<sup>64</sup> MATOS. Op. Cit

<sup>65</sup> AZZI. Op. Cit. p. 186.

<sup>66</sup> “[...] Na segunda metade do século XIX, os Padres da Missão tornaram-se os grandes formadores dos seminários brasileiros, apesar da direção da casa da Bahia ter sido abandonada em 1862. A atuação continuou, porém, em outras frentes: em 1864 assumiram o seminário diocesano da Prainha em Fortaleza, CE (onde permaneceriam até 1963), seguidos dos seminários de Diamantina (1866-1914), São José do Rio de Janeiro (1869-1901), e seminário menor do Crato (sucursal de Fortaleza entre 1875 e 1878). [...] Os Religiosos franceses, convencidos que a escassa perseverança verificada no período precedente decorria da falta de critérios rigorosos na seleção dos candidatos, e da pouca formação humana e teológica dos formadores, tornaram a admissão e a formação dos candidatos

data ainda da década de 1820 com padres portugueses provenientes do ramo lusitano da Missão. No entanto, serão os padres franceses que aqui chegaram na segunda metade dos oitocentos que irão fortalecer os ideais da romanização devido a sua atuação efetiva.

A presença dos padres da Missão pelo Brasil se deu a partir de sua instalação em Minas Gerais, na Serra do Caraça, tendo recebido a obra por Carta Régia em 1820.

Já antes mesmo da vinda dos franciscanos, alguns religiosos lazaristas portugueses se haviam estabelecido na diocese de Mariana, onde passaram a assumir a direção do Santuário de Nossa Senhora da Mãe dos Homens e do hospício anexo, construído pelo irmão Lourenço na Serra do Caraça.

Os lazaristas iniciaram a pregação de missões populares por diversas regiões das Minas Gerais. Mas encontravam também forte oposição dos liberais, sendo acusados de jesuítas, retrógrados, absolutistas e ultramontanos<sup>67</sup>.

De fato, o seminário do Caraça foi o grande polo irradiador das ideias ultramontanas no Brasil, tendo em vista, sobretudo o fato de os lazaristas atenderem somente às designações dos dirigentes da Ordem na França, o que os deixava menos expostos aos efeitos do padroado, ao domínio do Estado, sendo, inclusive uma das características da Missão Vicentina o afastamento das questões políticas.

Com o avanço do ultramontanismo e a necessidade de fortalecer o poder papal no mundo católico, a formação dos padres dentro dos preceitos reformistas era fundamental para incutir no próprio clero e no laicato o sentimento de pertencimento a uma Igreja uma que tinha na figura do pontífice a única ideia de liderança. Esse movimento, como dito anteriormente, se fortaleceu no papado de Pio IX, avançou sobre a Europa e chegou ao Brasil na metade dos oitocentos. Havia um interesse, inclusive do próprio pontífice, pela Igreja no Brasil, e preocupado com a formação do clero local, sugeriu a atuação dos jesuítas, porém, os padres da Companhia de Jesus não eram bem vistos e, apesar de seu retorno às terras brasileiras, seu lugar no campo da instrução passou a ser ocupado majoritariamente pelos lazaristas<sup>68</sup>.

Uma questão a ser combatida era a do catolicismo popular no Brasil, bem como na América Latina em geral. Essa, sempre foi incômoda para a cúria romana que a entendia também como consequência da falta de um clero bem preparado para a correta pregação e

---

particularmente severas. Como consequência, o número de profissões e ordenações diminuiu sensivelmente. Isso não interrompeu a obra dos lazaristas, porque certo número de franceses continuaria a chegar regularmente todos os anos.” VIEIRA, OP. Cit. p .166-167.

<sup>67</sup>AZZI, Riolando. *A crise da cristandade e o projeto liberal*. São Paulo: Edições paulinas, 1991. (História do Pensamento Católico no Brasil; v. 2.). p. 236

<sup>68</sup>PINTO, Jefferson de Almeida. Os lazaristas e a política imperial – a escola, a assistência e a família. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 153-175, jan./jun. 2016.

manutenção da fé cristã nos preceitos da Igreja Católica<sup>69</sup>. Os padres tinham pouco estudo, viviam por vezes isolados, a manutenção da vida era precária e muitos “[...] financeiramente pobres e querendo sobreviver humanamente ocupavam-se de outros afazeres, de outras profissões. Além disso, não se precisa de muita fantasia para imaginar como era a vivência do celibato. Muitos padres constituíam suas próprias famílias”<sup>70</sup>.

Logo, era premente o investimento nos seminários para tentar solucionar o problema da má formação do clero brasileiro, mal visto pelas questões morais, atuação política em demasia e mesmo falta de vocação para viver como pastores do rebanho de Cristo. Portanto a chegada dos ares reformadores vindos da Europa era necessária.

Os bispos reformadores sabiam que deviam investir tudo numa formação de futuros padres que deles fizesse homens fiéis à vocação para o celibato, mais pastores do que políticos e que do seu trabalho eclesial conseguissem sobreviver.

Este trabalho cabia aos Lazaristas (Rio de Janeiro, Minas e Nordeste) e aos Capuchinhos (Sul). Havia grande necessidade de criar um novo espírito nos seminários e, a fim de conseguir isso, os métodos de formação precisavam ser revistos, optando-se pelo modelo europeu, instalado desde o Concílio de Trento<sup>71</sup>.

D. Viçoso, nomeado Bispo de Mariana na década de 1840, será o grande nome dos bispos reformadores brasileiros e assumirá importante papel no que diz respeito à formação dos padres dentro dos preceitos do ultramontanismo. Assim, foi por seu intermédio que D. Luís Antônio dos Santos (1817-1891)<sup>72</sup>, que havia sido um de seus mais seletos alunos, foi indicado para assumir a Diocese do Ceará.

<sup>69</sup> O catolicismo popular no Brasil à época possuía várias características marcantes, mas “Antes de tudo, tratava-se de uma religião de expiação. As manifestações da vida cristã estavam centralizadas na cruz e dissociadas da ressurreição. Havia uma atitude de sobrevalorização dos atos individuais de piedade sobre os atos que exprimiam mais a piedade eclesial. E isto porque os atos religiosos oficiais pouco expressavam a alma religiosa do nosso povo. Igualmente havia uma sobrevalorização das promessas e atos de sacrifícios externos como expressão da vida cristã”. HAUK, João Fagundes [et. al.]. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 222.

<sup>70</sup> FRENKEN, Geraldo. *Em Missão*. Padres da Congregação da Missão (Lazaristas), no Nordeste e Norte do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 55.

<sup>71</sup> Idem, *ibidem*, p. 60

<sup>72</sup> “Dom Luís Antônio dos Santos (1817-1891): fluminense de Angra dos Reis, iniciou seus estudos no seminário São José no Rio de Janeiro transferindo-se para o Caraça em 1837, onde concluiu o curso teológico. Foi ordenado presbítero em 1841, no Rio de Janeiro. Retornou a Minas, exercendo os cargos de professor e reitor no seminário de Mariana, além de cônego da catedral. Em 1848 foi enviado para Roma, vindo a doutorar-se em direito canônico no ano de 1851. Novamente em Mariana, reassumiu seus antigos cargos. Indicado para o bispado do Ceará pelo decreto de 1-2-1859, e apresentado por carta de 28 de setembro do mesmo ano, foi confirmado pelo Papa Pio IX aos 27-9-1860. Dom Viçoso o sagrou no dia 14-4-1861, e aos 28 de setembro do mesmo ano fez sua entrada solene na catedral de Fortaleza. Seguiu à risca os passos do seu ordenante: fez visitas pastorais constantes, fundou o seminário diocesano, e preocupou-se com a educação feminina, instituindo um colégio para meninas. Em 1881 foi promovido a Arcebispo de Salvador, e sua obra foi reconhecida por próprio Dom Pedro II que o agraciou com o título de Marquês de Monte Pascoal. Em 1890, idoso e doente, renunciou ao cargo. Faleceu na Bahia no dia 14 de março daquele mesmo ano.” VIEIRA, Op. Cit. p. 127-128.

O processo de reforma da Igreja, pautado então no afastamento do catolicismo popular e uma aproximação com o romanizado, se fortalece e é levado a efeito pelas igrejas locais, com traços próprios em cada diocese e contando com grande influência das congregações e buscando ter uma disciplina eclesiástica uniforme<sup>73</sup>. Nesse sentido, com esse ideal reformista e na busca pela construção de uma Igreja e um clero doutrinário e atuante, o recém nomeado bispo do Ceará iniciará seus trabalhos marcando a vida religiosa e educacional da província.

## 2.2 A Diocese do Ceará e a fundação do Seminário

Criada em 1853 por decreto do Imperador D. Pedro II e instituída pelo papa Pio IX através da Bula *Pro Animarum Salute*, de 1854, apenas em 1860 a Diocese foi oficializada, abrangendo quase todo o território do Ceará<sup>74</sup>. Esse fato, além de promover uma independência definitiva com relação a Pernambuco, vinha fortalecer a posição de Fortaleza como cidade capital, agora não só política mas também religiosa, adquirindo o status de cidade episcopal, já que a presença do bispo, líder do corpo cristão, era marca de urbanidade e civilização de modos e costumes desde o medievo europeu<sup>75</sup>. D. Luís foi nomeado ainda em 1860 vindo a assumir o cargo no ano seguinte e imediatamente começa a trabalhar visando à instalação dos moldes reformadores e de um seminário para a formação do clero cearense.

Antes da criação da Diocese, o Ceará recebeu apenas uma vez a visita de um prelado. O bispo de Olinda, D. João da Purificação Marques Perdigão, esteve na província em visita pastoral percorrendo diversas regiões, verificando sobretudo as más ações do clero e as poucas notícias que se tem sobre essa missão apontam “[...]as medidas punitivas aplicadas a sacerdotes por acintoso desrespeito à obediência do celibato”<sup>76</sup>

Portanto, a chegada do bispo D. Luís veio a animar aqueles mais ansiosos pelo fortalecimento da Igreja em terras cearenses e pela moralização do clero há muito desejada que seria agora apoiada e fiscalizada mais de perto pela diocese local. Não houve, no entanto,

<sup>73</sup>SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. *Temporalidades* - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2010.

<sup>74</sup> As paróquias de Crateús e Independência permaneceram ligadas à Diocese do Maranhão. Disponível em: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/>. Acesso em 19/11/2018.

<sup>75</sup> Cf. LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

<sup>76</sup> CÂMARA, Fernando. Dom Luís Antônio dos Santos – O apóstolo do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1981. p. 53.

festejos para recepcionar o prelado, fato que se configurou estranho diante da importância dada à criação da Diocese. O jornal *Pedro II* pronunciou-se sobre essa parca recepção a D. Luís:

Seja bem vindo o nosso virtuoso Deocesano, e Deus permita, que nas demonstrações de prazer que lhe der o povo, possa encontrar uma compensação á frieza ou indiferença com que tem de ser recebido – oficialmente.

Quando consideramos, que os Exms. Bispos do Pará e Rio Grande do Sul tiveram os mais brilhantes festejos de recepção em suas Deoceses; quando consideramos, que S. Ex. Revm. O Sr. D. Luíz recebeu também muitos obséquios em Marianna, por ocasião da sua sagração e em Angra dos Reis, lugar de seu nascimento, onde esteve ultimamente a passeio, lamentamos, que ao chegar em sua Deocese, S. Ex. seja recebido com tanta indiferença.

[...] Sabemos que nossa terra é pobre, que não está na ordem dessas outras cidades; mas não deixa de ser verdade que podíamos esperar o nosso primeiro Prelado com mais signaes de regozijo.<sup>77</sup>

Logo que foi nomeado para seu cargo, mesmo antes de vir para o Ceará e não ter os “mais brilhantes festejos de recepção”, o bispo escreve uma exortação aos fiéis cearenses na qual se apresenta como legítimo representante do movimento romanizador.

[...] Sem o aparato das sciencias humanas, que tanta autoridade dão às grandes empresas, sem as riquezas do século, que tanto fascinão o coração, sem a promessa de outro premio neste mundo, que as perseguições, o desprezo e a morte, quer J. C. reformar o mundo, abolir uma religião sustentada pela política dos governos, ornada com a sedutora pompa dos sacrifícios, fácil e suave pela tolerância daqueles vícios, que mais captivão o coração humano e o que mais é substitui-la por uma outra, que prescreve inteiro sacrificio das paixões e amor aos sofrimentos e aos desprezos. E isso Elle consegue tendo contra si tudo o que há de grande no mundo, isto é, os Monarchas com seus prêmios e castigos, os sábios com suas sciencias e escarneos, a plebe com seu capricho causado pela adulação aos grandes e até seus mesmos discípulos com sua fraqueza e ignorância, e com todos estes obstáculos J. C. não só realiza a obra, que é na verdade a admiração dos séculos; mas conseguiu ser amado por mais de duzentos e sessenta milhões de homens, que o reconhecem como Deus.<sup>78</sup>

É possível identificar nas palavras de D. Luís alguns dos elementos encarados pela Igreja como inimigos da propagação da fé e da palavra de Jesus, como o poder que a política e os estados exerciam sobre os assuntos religiosos, “os sábios e suas sciencias” vistos como propagadores de mentiras e ofensas contra a religião, uma maior aproximação do povo com os poderosos seculares e a fraqueza dos discípulos de Cristo — provavelmente se dirigindo aos párocos — que facilmente podem ser levados por outras paixões, sejam elas econômicas, amorosas ou políticas.

<sup>77</sup> *Pedro II*. Fortaleza, 26/09/1861. p. 2

<sup>78</sup> *Carta Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo da Fortaleza saudando e dirigindo algumas exortações aos seus diocesanos*. Mariana: Typ. De Julio José Maria Justino, 1861. p. 16. Acervo de Obras Gerais da Biblioteca Nacional (v. 253, 5, 3 n. 48). Neste trabalho será mantida a grafia original das palavras nas citações de documentos e obras de época.

Essa carta de apresentação foi a primeira de muitas cartas pastorais produzidas pelo prelado. Ele e o seu sucessor D. Joaquim José Vieira escreveram diversas epístolas que se tornaram ricos documentos para a história do início da diocese cearense. Esses textos são importantes ainda pelo fato de ser através deles que os diocesanos tinham acesso ao que era apregoado pela Igreja, sobretudo os que compunham os grupos subalternos. Já que as cartas eram lidas para o público e tinham seu conteúdo explicado aos paroquianos, mesmo os não letrados tinham acesso a elas.

Num certo sentido, podemos dizer que eram as ideias que mais fundo penetravam na sociedade brasileira. Em certa medida mais que a imprensa, mais que a literatura e infinitamente mais que os escritos filosóficos, científicos e políticos da intelectualidade de então. Ao mesmo tempo, a exigência do registro das cartas pastorais nos arquivos paroquiais era uma forma de os bispos manterem o controle sobre os párocos e saber se os mesmos estavam cumprindo a determinação de dar publicidade aos documentos. Importante lembrar que, o cumprimento desta orientação era supervisionado pelos bispos por ocasião das visitas pastorais às paróquias.<sup>79</sup>

O excerto permite perceber que os textos religiosos, mesmo no avançado do século XIX ainda eram os mais lidos pela população brasileira. Isso atesta o quão forte era a relação da Igreja com a palavra escrita, aspecto que será melhor apresentado mais adiante neste estudo. Além das epístolas que eram enviadas às mais diversas regiões, a Diocese se fazia presente também em pessoa através das visitas pastorais.

Na visão de D. Luís, essas eram imprescindíveis no sentido de estabelecer uma presença forte e real da Igreja romanizada no interior da província diante da força do catolicismo popular, pois, mormente as classes mais baixas e mesmo as elites “[...] tinham apenas contatos marginais com a Igreja oficial, limitados, via de regra, às festas dos dias santificados e os feriados importantes, quando se realizavam procissões solenes e comemorações sociais nos centros urbanos.”<sup>80</sup>. Em vista disso e com os objetivos acima citados o bispo realizou duas viagens pastorais durante seu bispado visitando todas as freguesias cearenses fiscalizando o estado das paróquias, a administração dos sacramentos e o modo de viver e de se comportar do clero<sup>81</sup>. O prelado pode ter chegado à conclusão de que teria que construir uma diocese partindo quase do zero, diante das condições precárias nas quais se achava a instituição católica no Ceará, logo sua vigilância e fiscalização seriam imprescindíveis.

<sup>79</sup> REIS. Edilberto Cavalcante. *Visitas e Cartas Pastorais: A Construção de Um Projeto Eclesial*. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões teórico metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. p. 4.

<sup>80</sup> CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yeda Linhares. – 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 61.

<sup>81</sup> REIS. Op. Cit.

[...] Não podia ser pior o estado da diocese. Com uma população estimada em 720 mil habitantes, possuía apenas 33 padres, dos quais mais de dois terços tinham, conforme se dizia, famílias constituídas e cujo prestígio entre os leigos havia atingido, em consequência, seu ponto mais baixo. Foi esse estado de coisas que levou à determinação drástica, da parte de d. Luís, de traçar os objetivos de uma política básica para a nova diocese. Tais objetivos, que seriam mais tarde incorporados por outros bispos militantes da mentalidade reformista, eram de duas ordens: 1) restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé, e 2) remodelar o clero tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e as crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica, apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarte. Ou seja, d. Luís procurava inaugurar uma nova era na qual a Igreja e seu clero liderariam a substituição do ‘catolicismo colonial’ do Brasil pelo ‘catolicismo universalista’ de Roma, com toda a rigidez hierárquica, moral e doutrinária que tal transição implicava. Desse modo, ele foi o precursor do trabalho desenvolvido, a longo termo, pela hierarquia no sentido de ‘romanizar’ o catolicismo brasileiro.<sup>82</sup>

A missão a qual se impôs, a de implantar no Ceará o modelo “universalista” romano, transformou, de fato, D. Luís num dos pioneiros do processo de reforma e o estado de abandono, sob seu ponto de vista, no qual se encontrava a Igreja cearense, apesar de ser um ponto bastante negativo, de certa forma dava a ele uma página em branco na qual poderia escrever uma narrativa nova para o catolicismo local e dentro dos moldes tridentinos agora mais fortemente prescritos pela Santa Sé e essa escrita começaria pela reforma do clero a partir da implantação do Seminário Episcopal.

Os seminários, como instituições de instrução, sempre foram vistos como fundamentais para a expansão do ideário católico mediante a formação de clérigos, sendo em muitos lugares os únicos estabelecimentos com os quais as populações locais podiam contar para a educação de seus filhos, mesmo que não diretamente para a formação sacerdotal. Os princípios para a instalação e funcionamento dos seminários foram estabelecidos pelo Concílio de Trento (1546-1563) e ainda eram os mesmos que valiam no século XIX, e tratavam desde onde deveriam ser instalados, passando pelo tipo de aluno que deveria ser aceito e os assuntos a serem estudados durante os cursos. Sobre o estabelecimento dos seminários na Sessão XXIII, cap. 18; Decreto de reforma se lê que:

Estabelece o Santo Concilio que todas as Igrejas Cathedraes Metropolitanas, e outras superiores a esta, segundo as suas rendas, e extensão de territorio, sejam obrigadas a sustentar, e educar virtuosamente, e instruir na disciplina Ecclesiastica a certo numero de meninos da mesma Cidade, e Diocese, ou daquela Provincia, se no Bispado as não bouver já em hum Collegio contiguo ás mesmas Igrejas, ou em outro lugar conveniente, que o Bispo elegerá. Neste Collegio pois serão admittidos aquelles, que tiverem doze annos, e forem nascidos de legitimo matrimonio, e souberem ler, e escrever competentemente, e cuja índole, e desejo dêem esperanças de que se empregarão perpetuamente nos ministerias Ecclesiasticos. Quer que principalmente se elejão dos pobres, mas nem por isso exclue o ricos, com tanto que sustentem sua custa, e mostrem vontade de servir a Deos, e a igreja, Dividirá o Bispo estes meninos em tantas classes, quantas lhe parecer, conforme o seu numero, idade, e progresso na

---

<sup>82</sup> CAVA. Op. Cit. p. 70

disciplina Ecclesiaslica; parte deles, como conveniente empregarão no Collegio, constituindo outros no lugar dos que se tirarem, de sorte que este Collegio seja perpetuo Seminario de Ministros de Deos.<sup>83</sup>

A leitura do trecho acima permite identificar dois aspectos importantes, o primeiro é a obrigação de se instalarem seminários em todas as dioceses, um ou mais “segundo suas rendas” e o segundo é que a sua existência vincula-se à manutenção, educação e formação religiosa principalmente de meninos pobres, o que fomenta o papel de entidade caridosa da Igreja e apresenta-a como perspectiva de futuro para jovens de famílias pobres nas quais a entrega de um ou mais filhos ao seminário era mais uma questão de sobrevivência que de fé, isso significava, inclusive, uma manutenção nos números de clérigos. A aceitação dos filhos das famílias ricas “com tanto que sustentem sua custa” parece estar relacionada não só à questão de manutenção dos colégios como também ao ser desejo de muitas famílias terem um membro nos quadros da Igreja, tendo em vista a grande importância social e política que isso representou durante muitos séculos.

A historiografia cearense mais recente considera que, embora o seminário tenha surgido como um forte vetor no plano da educação, oferecendo também uma formação de nível considerado superior, se alinhava ao conservadorismo, afirmando o combate ao pensamento liberal que alcançava os membros do clero <sup>84</sup>.

Nesse sentido, uma das medidas que deveriam ser tomadas de pronto para realizar a reforma do mundo, conforme afirma D. Luís, desejada por “J. C.”, era a expansão dos verdadeiros ensinamentos da religião do ponto de vista católico. E para que isso se desse de forma eficaz era necessário focar na preparação dos que seriam responsáveis pela expansão da Palavra. Logo, estava nos planos do prelado a instalação de um seminário no Ceará para a formação de padres dentro do que se considerava a reta doutrina. Para o bispo esse estabelecimento era de grande importância nesse movimento de expansão da fé:

Sem nada mudar em quanto à essência da doutrina, tem multiplicado os meios para faze-la chegar sem alteração não só a seus filhos, mas mesmo àquelles que amorosamente convida a tomarem parte no grande banquete da civilização n’este mundo e eterna felicidade no outro. Para este fim tem instituído e animado esses diversos estabelecimentos, que debaixo de diversos nomes se prestão e concorrem admiravelmente para o mesmo fim; entre os quais podemos contar, como ocupando o primeiro lugar, os Seminários eclesiásticos [...]. Assim, caríssimos irmãos e amados filhos, com aquella mesma independência, com que tem penetrado até os últimos confins da terra, levando a luz da verdade, e superando, com a assistência divina, as maiores dificuldades, com essa mesma tão bem deve assentar-se nas cadeiras de seus

<sup>83</sup> ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Direito Civil Ecclesiástico Brasileiro Antigo e Moderno em suas relações com o Direito Canônico*. T II. Rio de Janeiro B. L. Garnier, 1862. p. 62.

<sup>84</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva*. – Fortaleza: EdUECE, 2014.

Seminários para expor seus dogmas, explicar e interpretar suas leis, analisar, aprovar ou reprovar a doutrina quando a achar conforme ou contrária àquella, que recebo de seu Esposo Jesus C.; e assim adoptar os livros, que julgar mais adaptados ao ensino d'aquelles filhos, que um dia serão classificados entre seus ministros<sup>85</sup>.

Convém ressaltar que todas as ações referentes aos seminários, desde sua instalação, passando pela escolha dos professores, seleção de alunos e organização dos planos de ensino e das normas de organização e convivência são prerrogativas do bispo. Porém, diante da situação encontrada no Brasil de atrelamento da Igreja ao Estado a interferência do governo se dava também nos assuntos relacionados à educação sacerdotal, pois havia a intenção de dar apoio às reformas espirituais e educacionais: “Pena que este apoio venha dentro de um contexto regalista. E justamente esta mentalidade regalista e galicana dificultava, por vezes a reforma dos seminários”<sup>86</sup>. No excerto também se observa que o religioso não esquece a importância dos livros para essas instituições, de se escolherem os “mais adaptados” para servir de base para a formação eclesial que se desejava para aquele momento.

E o momento era de fortalecimento da Santa Sé como representante única dos assuntos espirituais. Assim há uma união do episcopado nacional no sentido de uma vinculação mais profunda com Roma, isso se reflete nas ações de solidariedade dos bispos para com o papa e na ampla defesa do princípio da infalibilidade do pontífice posto que, como afirma D. Luís em sua carta “[...] só sua voz deve ser ouvida nas cousas, que tocam á religião [...] sua palavra é garantida pela eterna verdade e por isso assistida da infalibilidade”<sup>87</sup>. Tal afirmação nesse documento permite inferir que essa questão já estava definida para o episcopado bem antes de ser definitivamente posta como dogma no Concílio Vaticano I (1869-1870).

Esse apoio incontestado ao papa e suas determinações estremece ainda mais as relações do clero com o governo imperial, tencionadas pelas questões inerentes ao princípio do Padroado Régio que submetia os padres ao poder real. No entanto, tendo em vista que esse mesmo regime colocava o estado como mantenedor do clero era necessário garantir uma boa relação entre as instituições, mesmo porque pelo lado do poder secular era importante manter a Igreja próxima para assegurar o controle social no país.

Embora se manifestassem cada vez mais as ideias liberais de separação Igreja/Estado<sup>88</sup>, estas, apesar de serem bastante ventiladas no Brasil, encontravam uma série de entraves,

---

<sup>85</sup> *Carta Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo...* Op. Cit. p. 36.

<sup>86</sup> HAUK. Op. Cit. p. 197.

<sup>87</sup> *Carta Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo...* Op. Cit. p.42

<sup>88</sup> René Rémond afirma que o reconhecimento da liberdade de culto e de manifestação de pensamento no decorrer dos oitocentos promoveu um relaxamento das relações entre a Igreja oficial e o Estado. Um movimento que não é

inclusive de cunho legal, posto que “[...] sustentá-la para o empregado público, para o professor ou para o deputado, era, de certa forma, negar a Constituição que jurara defender”<sup>89</sup>, ainda mais que o próprio Imperador e vários nomes de seu governo só viam desvantagens, inclusive políticas na separação, por poder levar a Igreja a se nulificar ou a dominar toda a sociedade<sup>90</sup>.

Apesar das divergências e do desejo de independência, os membros da Igreja sabiam da necessidade de estar até certo ponto alinhados ao governo, mesmo por uma questão de sobrevivência financeira, o que tornava desconfortável sua situação, pois embora pertencessem a uma instituição com regras e ordem próprias eram considerados funcionários do governo, pagos pelos cofres públicos: “Mas a Igreja conservava sua identidade e o sistema de dupla lealdade era fonte potencial e permanente de conflitos”<sup>91</sup>.

Essa dupla lealdade a que José Murilo de Carvalho se refere pode ser observada também na carta de D. Luís. Se em um momento o religioso afirma haver um exagero nos direitos dos príncipes e que, como citado em trecho acima, Jesus tem que competir com os “Monarchas”, noutra parte de seu escrito mantém o tradicional hábito de benção ao Imperador, “[...] tão bem representante de Deus na terra pela alta missão, que lhe foi confiada; para que Deus, em cujas mãos está o coração dos Reis lhe conceda um reinado longo e feliz n’esta vida e o eterno na outra”<sup>92</sup>. Ou seja, D. Pedro II era um representante de Deus na terra, mas o real guardião da religião e dos ensinamentos de Cristo era o pontífice romano.

As questões com o Estado e, sobretudo, com a política eram um problema corrente com o qual a cúpula da Igreja brasileira tinha que lidar. A participação dos clérigos não só em movimentos políticos ou de caráter revolucionário e mesmo a atuação como possuidores de cargos eletivos eram problemáticas, pois eram vistas como um afastamento dos religiosos das verdadeiras funções às quais estavam destinados.

Apesar do Padroado, a burocracia eclesiástica era fonte constante de conflitos potenciais com o Estado; a formação da maioria do Clero era menos nacional e menos estatista em seu conteúdo; a origem social do grupo como um todo era provavelmente mais democrática; as menores possibilidades de ascensão na carreira tornavam o grupo eclesiástico menos coeso do que o dos magistrados, e, finalmente, a atuação da maioria dos padres era muito próxima da população, tornando-os líderes populares

---

antirreligioso, mas sugere a laicização do Estado com a separação da ordem religiosa da profana. In.: *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 2010.

<sup>89</sup> ELLIS, Myriam... [et.al.]. *O Brasil Monárquico*, v. 4: declínio e queda do império. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (História geral da civilização brasileira; t. 2; v. 4). p. 334.

<sup>90</sup> Idem, ibidem.

<sup>91</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem - Teatro de Sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 182.

<sup>92</sup> *Carta Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo...* Op. Cit. p. 59.

em potencial, em contraste com os juízes encarregados da guarda da lei e que permaneciam pouco tempo em seus postos<sup>93</sup>.

Diminuir ou mesmo eliminar essa participação política dos padres era um dos objetivos do processo de reforma da Igreja no Brasil e o bispo do Ceará já demonstrava que esse era um dos focos dentro do processo de formação clerical que desejava instituir na província, tendo em vista a maneira como encara a questão:

Mas, veneráveis Irmãos, para o vosso ministério produzir tão apreciáveis fructos, vos tendes necessidade d'uma certa independência: a religião, que vos colocou acima dos mais fieis e que vos segregou deles prometendo-vos uma herança superior à tudo, que o mundo pode offerecer, vos diz: ninguém, que milita para Deus, se embaraça com negócios do século. Esta independência tão necessária ao Pastor, desaparece logo que o Parocho desconhecendo, o espírito de que deve ser animado, vai se alistar nas fileiras d'aquelles, que tendo outro emprego e outra missão disputão sobre as cousas do século.

A política [...] não pode deixar de atrair atenção de um zeloso Parocho para não só não prestar seu nome e concurso à fomentar essas mesquinhas paixões, como, para mostrando-se o pai de todos os seus parochianos, plantar entre eles a concordia e caridade fraterna, à cuja sombra tudo prospera<sup>94</sup>.

Ou seja, para D. Luís e, portanto, para os reformadores da Igreja, o papel do padre diante da política é o de apaziguador, aquele que busca aliviar as tensões diante das disputas envolvendo seus fiéis e não de partícipe ativo nas contendas partidárias e eleitorais. O apregoamento dessa postura a partir da expansão do movimento reformador parece ter surtido efeito, visto que no decorrer da segunda metade do século XIX observou-se uma queda no número de membros do clero ocupando cargos políticos, tendo a 11<sup>a</sup> Legislatura do Império (1861-1864) contado com a média de 2 a 3 padres, enquanto na anterior havia sete, com sete suplentes<sup>95</sup>. Isso confirma o propósito de determinar a função específica de cada entidade. Para o Estado ficaria a guarda das questões seculares e a Igreja se encarregaria das espirituais. É um alheamento das questões políticas que “[...]está num relacionamento com o esforço de reforma do clero, a qual objetivava que o padre se dedicasse exclusivamente à sua missão espiritual”<sup>96</sup>.

E é nesse sentido de formação de clérigos cada vez mais afastados das questões profanas e visando ao fortalecimento do poder emanado de Roma que se estabelece a reforma educacional dos seminários e a fundação de novos estabelecimentos deste tipo, tal como o cearense. Com o ensino nesses institutos e colégios religiosos em geral tendo sido assumido pelas congregações estrangeiras eles passaram a ter um novo patamar dentro do meio educacional brasileiro por oferecer às classes mais abastadas um ensino com base em padrões

<sup>93</sup> CARVALHO. Op. Cit. p. 183.

<sup>94</sup> *Carta Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo...* Op. Cit. p. 54-55.

<sup>95</sup> HAUCK. Op. Cit.

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*. p. 214.

europeus e cumprindo assim outra missão, “[...] de instrumento para a veiculação da ideologia conservadora que progressivamente se torna hegemônica nos arraiais eclesiásticos”<sup>97</sup>.

Era diante da necessidade deste instrumento propagador da fé que o bispo do Ceará se esforçava para garantir a fundação do mesmo. A instalação do seminário em Fortaleza era bem vista não só pela classe dos eclesiásticos, mas pela sociedade cearense como um todo, representada pelo Presidente da província, Lafayette Rodrigues Pereira (1834-1917):

A necessidade mais urgente de nossa diocese é a fundação de um seminário onde a mocidade que se destina às graves funções do sacerdócio, receba a educação e instrução conveniente.

Compreendeis o alcance e a magnitude da missão confiada ao clero.

A formação da consciência popular pela inoculação e desenvolvimento das verdades religiosas é o mais poderoso elemento de civilização. A elevação da individualidade humana, o culto e o respeito do direito, a moralidade de todas as classes, e enfim a paz e a tranquilidade do estado são os corolários necessários da sinceridade da convicção religiosa. É por isso que em todos os países cultos se liga a maior importância a tudo que diz respeito a educação e instrução do clero<sup>98</sup>.

A fala do presidente resume o sentimento relacionado ao desejo da existência de um seminário na província, necessário para dar uma boa formação aos jovens cearenses e para se atingir um nível de civilização equiparado aos “países cultos”. Foi com esse objetivo de formação e propagação da doutrina nos moldes ultramontanos que foi fundado em 1864 o Seminário Episcopal do Ceará, tendo como primeiro Reitor o padre Pedro Augusto Chevalier, francês da ordem dos lazaristas, a escolhida pelo bispo para tomar a frente dos trabalhos educacionais do seminário. “O desejo de D. Luiz era poder formar um seminário no estilo de Mariana e Caraça, tão bem conhecidos por ele”<sup>99</sup>, daí a escolha dos padres da Missão pelo prelado, pois já conhecia seu *modus operandi* e sabia serem os mais adequados para o intento reformador e para auxiliar no fortalecimento da Igreja cearense.

Há, assim, uma forte tradição de governo forte na igreja, baseada numa concepção de ordem, que perdurará por muito tempo, ainda que revista. No Ceará, ela se encaixa na missão de disciplinamento dos costumes eclesiásticos, de reavivamento da piedade, do culto, da vida religiosa, enfim, para o que se cuidou de fundar o Seminário de Fortaleza, o Colégio da Imaculada Conceição, Associações Vicentinas etc., instituições essas que recebem o selo da formação francesa, veiculada pelos padres lazaristas e pelas irmãs de caridade, todos filhos espirituais de São Vicente<sup>100</sup>

<sup>97</sup> AZZI. Op. Cit. p. 187.

<sup>98</sup> Relatório do presidente Dr. Lafayette Rodrigues Pereira à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará em 1º de outubro de 1864. p. 15. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/166/items>. Acesso em 04.04.2020.

<sup>99</sup> FRENKEN. Op. Cit. p. 106.

<sup>100</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Integralismo e Catolicismo. In: SOUZA, Simone. *História do Ceará*. Fortaleza, UFC: 1989, p. 356.

Outro ponto importante a ser salientado é que a fundação do seminário visava também assegurar uma vigilância sobre a sociedade, garantindo a manutenção da ordem moral e educando as classes dominantes nos moldes tridentinos, além de reduzir o poder das Irmandades Religiosas que eram o esteio do catolicismo popular e ainda gozavam de grande prestígio na Província<sup>101</sup>. Esses motivos balizaram a instalação do Seminário no Ceará, já que:

A implantação de uma instituição, voltada à formação religiosa, constituía uma medida saneadora ante a crise moral temida pelas autoridades eclesiásticas, pois um rígido sistema disciplinador se impunha como condição estratégica para enfrentar o avanço da laicização e da ação dos pastores protestantes que encontravam espaços nas cidades mais importantes do país, que se modernizava com a presença do capital e dos usos e costumes dos europeus.<sup>102</sup>

Visando, pois a uma formação mais rígida para os padres cearenses, o Bispo do Ceará entregou aos lazaristas a missão educacional do Seminário, visto seu conhecimento da pedagogia e métodos de trabalho desta ordem, por ter feito uma parte de sua formação no seminário do Caraça em Minas Gerais. Como já foi dito, um dos polos de irradiação das ideias reformistas no Brasil, sob a supervisão dos padres da Missão.

Devido às condições citadas acima da Igreja no Ceará quando da chegada de D. Luís, era urgente para este a instalação do seminário, tanto que deixou de esperar o cumprimento do acordo com o Império, segundo o qual receberia verba para a construção do mesmo:

Logo que se viu mais desafogado dos trabalhos que o prendiam na construção da Cathedral, começou o Sr. D. Luiz [sic.] a convergir esforços para conseguir do Governo Imperial uma casa própria para um estabelecimento importante como é o Seminário.

Enquanto tardava a doação do governo Imperial, o vigilante pastor mandava para o Seminário da Bahia alguns jovens que se mostravam inclinados para o sacerdócio, e reunia outros em palácio, os quais ia adestrando no cultivo das letras e da theologia.<sup>103</sup>

Apenas quatro anos depois de autorizada a criação é que se inicia o funcionamento do seminário, visando à formação de padres no contexto da reforma da Igreja Católica, caracterizada pela intensa propagação das ideias do ultramontanismo. Pode-se dizer que o Ceará “[...] não ofereceu resistência, pelo menos declarada, ao processo de Romanização da Igreja Católica. Muito pelo contrário, muitos de seus membros, que compunham a elite cearense, até anteviram nele a possibilidade de efetivação de muitas aspirações, principalmente no campo

---

<sup>101</sup> COSTA FILHO, Luiz Moreira da. *A Inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na Romanização do Ceará (1864 – 1912)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Fortaleza; UFC, 2004.

<sup>102</sup> JUCÁ, Op. Cit. p. 37

<sup>103</sup> *ÁLBUM HISTÓRICO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DO CEARÁ*. Fortaleza. 1914. p. 19

político e educacional.”<sup>104</sup>. Nessa perspectiva, os padres lazaristas, conhecidos pela austeridade de suas práticas, foram os escolhidos por Dom Luís para assumir o seminário:

Querida o Sr. D. Luiz o seu Seminário dirigido por Religiosos como o eram os de Mariana e de S. Paulo – Alumno e particular Amigo dos Padres da Congregação da Missão, foi para os Filhos de S. Vicente de Paulo que dirigiu suas vistas, suas preferencias e sua confiança. Instado pelas reiteradas cartas do Sr. Bispo do Ceará, o Rmo. Pe. João Baptista Etienne, Sup. Geral dos Lazaristas, não poude recusar o que o zeloso Prelado sollicitava para maior gloria de Deus e bem da Diocese, e prometeu, ainda que fosse pequeno o número de Lazaristas no Brasil, de mandar quatro padres para começar a direção deste novo Seminário”<sup>105</sup>.

Neste contexto se deu a vinda dos padres da Congregação da Missão e o seminário teve como primeiro Reitor o padre francês Pierre Auguste Chevalier (1831-1901), que acompanhado de outros padres, também franceses, iniciou a missão educacional da instituição, sendo o responsável pela implantação de seu programa pedagógico, disciplinar e da formação da Biblioteca sobre a qual se falará mais adiante.

Apenas installados, começaram os operosos fundadores a tarefa de dar ao nascente estabelecimento uma disciplina forte e regular. Como já havia crescido o número de alumnos, pois de 12 em Outubro, chegaram aos 28 em Novembro, elevando-se gradualmente a 70 até o fim do anno, sendo que alguns d'elles estudavam theologia, o Pe. Chevalier e seus auxiliares tiveram de se entregar ao trabalho sem a menor dilação<sup>106</sup>.

Além dos padres, a cidade de Fortaleza recebeu as Irmãs de Caridade francesas da Congregação Vicentina, encarregadas do Colégio de Nossa Senhora da Conceição para meninas órfãs. Ou seja, duas grandes forças do campo da instrução na cidade estavam sob a responsabilidade de mestres franceses: “Tais instituições por eles dirigidas eram como um firme cais de desembarque da cultura francesa no Ceará [...]”<sup>107</sup>.

Os lazaristas estabeleceram, então, uma base de estudos no seminário que privilegiasse a boa formação dos padres adequando-a aos preceitos da reforma católica, que determinava uma disciplina rígida e a submissão dos educandos. O padre Chevalier estabeleceu esses preceitos durante seu reitorado, baseado nas regras estabelecidas pelo *Diretório dos Seminários*, livro de normas adotado pelos padres da Missão por conter as bases da disciplina exigida na formação dos clérigos na perspectiva ultramontana.<sup>108</sup>

<sup>104</sup> FILHO, João Batista de Andrade. *Padres lazaristas no Ceará e a formação educacional Confessional: seminários e colégios (1864 - 1914)*. Dissertação: Mestrado em Educação. – Fortaleza: UFC, 2012. p. 52

<sup>105</sup> *ÁLBUM HISTÓRICO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DO CEARÁ*. Op. Cit. p. 20

<sup>106</sup> *ÁLBUM HISTÓRICO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DO CEARÁ*. Op. Cit. p. 27

<sup>107</sup> ANDRADE, Francisco Alves de. O Seminário de Fortaleza e a cultura cearense. *Separata da Revista do Instituto do Ceará*, Tomo XXXIX - Ano XXXIX. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1967. p. 5

<sup>108</sup> FILHO. Op. Cit. Os padres da Missão também eram conhecidos pela rigidez com relação ao antinacionalismo, Dilermando Reis narra um episódio ocorrido no Seminário do Ceará quando “[...]desejaram transformar o 7 de

As normas e a disciplina estabelecidas pelos padres da Missão permaneceram praticamente inalteradas enquanto estes estiveram na administração do seminário, ou seja, até 1963. Isso se deveu tanto ao caráter rígido da ordem, quanto ao fato de terem sido os primeiros a ali se estabelecerem, e a praticamente terem fundado o estabelecimento.<sup>109</sup>

A atuação dos padres da Missão foi eficaz para assegurar a boa reputação da instituição. Na verdade, a província do Ceará era por demais propícia para a realização do trabalho dos lazaristas, pois como se tratava de uma nova diocese cabia a eles estabelecerem as primeiras normas e regras a serem seguidas no seminário e isso era visto como vantagem pelo próprio Pe. Chevalier:

[...] Mais venturoso que o da Bahia, não temos o que recear aqui nem a ambição dos outros padres, aliás, harmoniosos, nem a intriga dos antigos professores. O seminário se forma neste momento. Da mesma forma, refletindo sobre o futuro que se vislumbra para a Companhia nesta vasta diocese e julgando pelo bem pelo qual fora chamada, lamento que a mãos ainda inábeis como as minhas tenha sido confiada uma obra importantíssima.

[...] os seminários do Ceará foram confiados à Congregação da Missão em circunstâncias talvez mais favoráveis do em que qualquer outro lugar, em uma diocese nova onde são desconhecidos tais estabelecimentos, em uma região onde as boas famílias tem a honra de ter por padre um de seus filhos<sup>110</sup>.

Ou seja, era propícia e bem-vinda a instalação do seminário, que logo se transformou em centro educacional não só cearense, tendo em vista que recebia jovens de outras províncias, que não possuíam esse tipo de instituto. O ensino era organizado de modo a atender tanto a demanda de formação de padres como a de formação de um público laico, constando de dois cursos, “Preparatórios” e “Theológico”.

O curso theologico duraria quatro anos: um anno para Direito Canônico e História Ecclesiástica e trez anos para a Moral e o Dogma. Assim o determinára o Bispo D. Luiz, mudando um pouco diretório

O curso de preparatórios compunha-se de seis anos, assim determinados: 1º anno, primeiras letras; 2º, 3º et 4º anos, correspondentes à 1ª, 2ª e 3ª divisão de latim; 5º anno, rhetorica, e o 6º anno, filosofia.<sup>111</sup>

---

Setembro, Dia da Independência, num comum dia letivo, provocando a reação irada dos alunos, que em protesto recusaram-se a comparecer. Os bispos, no entanto, viam-nos com olhos complacentes, pois o modelo formativo do Velho Mundo que encarnavam era tido como o ideal. E não lhes faltavam motivos para tanto, pois os clérigos diplomados na Europa, ao regressarem, tornavam-se eficientes professores nos seminários e consultores do clero. Além disso, era de lá que também saíam muitos dos novos bispos, alcançando com sua intercessão bom auxílio para as dioceses.” REIS. Op. Cit. p. 120

<sup>109</sup> Idem. Ibidem

<sup>110</sup> Lettre de M. Chevalier à M. Étienne, 1864 Supérieur general. Annales de la Congregation de la Mission. Apud: FILHO, João batista de Andrade. *Padres Lazaristas no Ceará e a formação Educacional Confessional: Seminários e Colégios (1864 - 1914)*. Dissertação (Mestrado em Educação) UFC. Fortaleza, 2012. p. 99

<sup>111</sup> *ÁLBUM HISTÓRICO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DO CEARÁ*. Op. Cit. p. 30

No curso preparatório, os alunos estudavam também Aritmética, Música vocal, História Antiga, Medieval, Moderna e do Brasil, Geografia, Francês e outros; no Teológico, somadas às disciplinas citadas, havia também aulas de Eloquência e Canto Gregoriano. Além das aulas, os alunos participavam de atividades religiosas como as missas e os momentos de liturgia, várias vezes dirigidos pelo próprio bispo. Todas as normas e regras de convivência eram estabelecidas pelo *Diretório dos Seminários* dos padres lazaristas.

[...] A vida interna tinha como base os seguintes critérios: obediência, muito respeito, honestidade, benevolência, modéstia, missa diária, além das outras orações (ângelus, terço, leitura espiritual e oração da noite), confissão uma vez por mês, silêncio nas salas de estudo, nos corredores, pontualidade, trabalhos manuais, separação de seminaristas menores e maiores, sempre andando de dois em dois, horário rigoroso (o dia começava às 5h15, terminando às 21h15, quando as luzes eram apagadas), licenças para qualquer exceção de uma dessas regras e normas<sup>112</sup>.

Todo esse cotidiano rigoroso era entendido como necessário não só para a manutenção da ordem interna do seminário, mas para garantir a firmeza vocacional daqueles que ali estavam visando a uma ordenação; para os que não objetivavam a vida religiosa, a rígida rotina servia ao intento de promover uma moralização dos espíritos dentro da doutrina, ação que direta ou indiretamente atingiria a sociedade como um todo.

O trabalho do bispo e de seus lazaristas logo começou a dar resultados positivos. Em 1867, três anos após a fundação do seminário, ocorre a sagração dos doze primeiros presbíteros<sup>113</sup>. Não obstante receber cada vez mais alunos, a situação financeira da instituição era sempre uma preocupação. Embora o artigo que remete à criação dos seminários, contido nos anais do Concílio de Trento, apresentado acima, enalteça a inclusão de meninos pobres e que a aceitação de jovens de famílias ricas seja a exceção, é praticamente o contrário o que acontece nessas instituições em território brasileiro, devido, inclusive à falta de recursos das próprias dioceses.

Quando enfim ditas casas estavam organizadas, para mantê-las, a contragosto se incorporava a elas a função de educandários masculinos particulares. Nem isso cobria todas as despesas, e então se recorria à beneficência pública e ao patrocínio financeiro dos governos locais. Em troca, dava-se educação gratuita a certo número de meninos pobres, correndo o risco, naturalmente, de sofrer certa interferência da classe governamental.<sup>114</sup>

Esse era um dos problemas enfrentados pela Igreja no que se refere ao projeto de reforma da educação eclesiástica. O fato de assumir a formação de jovens de forma gratuita acabava por permitir a intromissão dos governos nas questões educacionais, já que esses

---

<sup>112</sup> FRENKEN. Op. Cit. p. 110.

<sup>113</sup> CÂMARA. Op. Cit.

<sup>114</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 114.

acabavam por subvencionar parte do funcionamento das instituições. No relatório apresentado à Assembleia Legislativa em 1º de julho de 1866, o presidente da província Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo (1837-1918) afirma contar o seminário nesse ano com 87 alunos e que:

Dispondo ainda de recursos sumamente exíguos, o seminário conta, entretanto, cinco alunos gratuitos, e dous que pagam só parte da mensalidade estatuída.

Um estabelecimento, destinado à educar a mocidade nos princípios de uma moral pura, e a dotar a província com um clero esclarecido e virtuoso, é sem dúvida digno de vossa eficaz proteção. E sem esse auxílio, apesar de toda dedicação do digno prelado, só com muito vagar poderá essa tão útil instituição apresentar o necessário desenvolvimento nas proporções amplas, que reclama já o estado da província.<sup>115</sup>

Esse relatório é de apenas dois anos após a fundação do seminário e se observa que já aí a grande maioria dos alunos é composta de pagantes e mesmo assim é necessária a ajuda dos cofres provinciais. Em 1870, de 102 alunos matriculados, 15 eram subvencionados pelo seminário, cujas anuidades variavam entre 25 e 70 mil réis (25\$000-75\$000)<sup>116</sup>. Pode-se conjecturar que esses valores eram para a manutenção física e material da instituição, para auxiliar nos trabalhos da Diocese e para pagamento dos demais funcionários, já que os professores eram pagos pelos cofres públicos, conforme indica um ofício enviado por D. Luís ao presidente da província em 1865, Lafayette Rodrigues Pereira (1834-1917):

Achando-se em exercício as Aulas de preparatórios e do curso theologico do Seminario episcopal desta Diocese, como já tive a honra comunicar a V. Exa, e havendo necessidade de os respectivos Professores receberem seos ordenados, peço a V. Exa. Dignar-se expedir as necessárias ordens afim de me serem entregues, como está determinado pelo Governo Imperial, as quantias correspondentes ao primeiro bimestre de Dezembro e Janeiro.<sup>117</sup>

O trecho do documento apresentado dá ao pesquisador uma visão da relação entre o chefe religioso e o secular, além de indicar que a questão das verbas destinadas aos religiosos por parte do governo era de tal modo delicada, que era tratada de maneira direta entre os dois líderes, podendo ser resolvida posteriormente pelos responsáveis financeiros determinados. Outro ponto de atenção que a fonte exige é não esquecer da ideia de que o fato de o pagamento dos professores, em sua maioria padres, ser feito pelo Estado os mantém naquela dupla posição de serem membros do clero e ao mesmo tempo funcionários do governo.

<sup>115</sup> *Relatório do presidente Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará em 1º de julho de 1866.* p. 28 Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/166/items>. Acesso em 04.04.2020.

<sup>116</sup> *Livro de receita e despesa do Seminário (1864-1886).*

<sup>117</sup> *Ofício enviado por D. Luís ao presidente da província, Lafayette Rodrigues Pereira.* Arquivo Público do Estado do Ceará -APEC, Fundo Palácio Episcopal/Bispado Cearense, Cx. 01, pacotilha 27. 1865.

A manutenção de uma relação amistosa com a administração imperial e provincial era uma das funções do bispo do Ceará, mesmo diante de sua posição como defensor da universalização do catolicismo de Roma e da figura do pontífice como único chefe da Igreja. Com a leitura de diversas fontes, tanto eclesiásticas como seculares oficiais foi possível perceber que o prelado mantinha um bom relacionamento com a autoridade secular argumentando serem as suas ações benéficas para ambos os lados, como se lê no documento a seguir:

[...]o centro dessa província, onde moços dotados de vigorosa inteligência ficam para sempre privados de outros conhecimentos além das noções nas escolas primárias, recebidas essas muitas vezes imperfeitas, no que resulta ficarem sepultados na ignorância que poderiam ser utilísimos a Igreja e ao Estado, pois é certo que a razão de não estudarem muitos é mais a falta de meios para frequentarem escolas remotas que pobreza de engenho; assentimos em crear um Seminário, onde com a instrução primária haja um curso de preparatórios exigido nos Seminário e Academia do Império. Para tão profícua e útil instrução escolhemos a cidade do Crato [...] <sup>118</sup>

Na circular na qual alude à instalação do Seminário Menor do Crato, o bispo justifica a instalação do mesmo com o argumento de que tanto a Igreja quanto o Estado estariam perdendo bons servidores pelo fato de que a região do Cariri e suas adjacências não possuíam um centro de formação que oferecesse instrução de qualidade e dentro de preceitos morais para formar esses jovens “utilísimos” a ambas as instituições. A diplomacia do prelado se fez mais uma vez vitoriosa e o Crato viu o início dos trabalhos em seu seminário já em 1865.

A atuação do bispo e sua presença marcante em todas as regiões da província foram importantes naquele momento de fomento da Igreja cearense que estava em uma dupla missão. Ao mesmo tempo em que devia garantir a manutenção das práticas conservadoras religiosas e morais, precisava também adaptar-se ao desejo modernizador da burguesia local advindo da posição adquirida por Fortaleza no sistema de economia-mundo. Com a instalação do seminário nos moldes romanizadores, estava fortalecida a catolicidade cearense para encampar a luta contra o cientificismo, o naturalismo, o socialismo e outros ideais filosóficos tidos como anticristãos e que irão se tornar presentes nos debates dos grupos intelectuais da província.

Portanto, é possível afirmar que o estabelecimento do seminário provocou mudanças não só na atividade religiosa por parte do clero, bem como do laicato influenciado pelo disciplinamento moral, mas também na formação educacional da província. Durante o Império

---

<sup>118</sup> *Carta circular de D. Luís ao Vigário da Freguesia em 26 de outubro de 1874. Seminário Episcopal do Ceará – SEC, Ofícios Diversos, 1874.*

os institutos católicos tiveram grande importância na formação dos jovens das classes mais favorecidas, não apenas dos que estudavam nesses institutos propriamente.

No caso do Ceará, o seminário se tornou o ponto irradiador de ideias e cultura onde se formava parte da intelectualidade da elite local que buscava o ensino oferecido pelos lazaristas. O instituto também se destacou por ser a primeira instituição no Ceará a oferecer os três níveis de ensino, primário, secundário e o superior em Teologia. Sua importância em termos de educação não estava só na formação eclesiástica, mas em sua função como centro formador do magistério local, pois a educação de cunho católico passou a ser ministrada em outros colégios, sobretudo de ensino privado, muitos instituídos por alunos seus egressos<sup>119</sup>.

Logo, pode-se concluir que o seminário aparentava cumprir naquele momento a promessa de formar padres dentro dos moldes da reforma católica, sacerdotes voltados para o cumprimento de suas missões como verdadeiros evangelizadores e protetores da fé e moral cristãs, diante do esforço dos padres da Missão, zelosos dos preceitos estabelecidos por Pio IX e, posteriormente, por Leão XIII.

Esse trabalho de educação e evangelização promovido pelo seminário da Prainha, como passou a ser chamado, se tornou marcante na vida da capital cearense, tanto por significar a presença efetiva da Igreja como guardiã da fé e da moral, como por, através de seus professores e alunos, irradiar um conjunto de ideias que fomentaram as discussões intelectuais e culturais na província. Nesse sentido, essa instituição também foi pioneira no Ceará no que se refere à criação de um local voltado para a guarda e dispersão do conhecimento, pois mesmo sua missão primeira, de formar sacerdotes, não poderia ser realizada sem sua existência, trata-se da Biblioteca ou Livraria do seminário.

Seu acervo será vital para a instrução dos alunos dentro do modelo ultramontano o que vem a confirmar que a palavra escrita sempre serviu de apoio e por vezes foi a base para o processo doutrinador da Igreja Católica, é quase impossível dissociar o Cristianismo das letras

---

<sup>119</sup> F. Alves de Andrade lista alguns estabelecimentos de ensino criados em Fortaleza a partir da fundação do seminário, são eles: "O Panteão Cearense, instalado em 1870; o antigo Colégio Cearense, instalado em 1872 sob a responsabilidade do Padre Luís Vieira da Costa Perdigão; o Colégio São José, do Padre Dr. Ananias Correia do Amaral; o Instituto Cearense de Humanidades, do padre Bruno da Silva Figueiredo; o Colégio Universal, aberto em 4 de fevereiro de 1875, onde, entre seus professores, figuravam ex-seminaristas como Teófilo Rufino Bezerra. O Ginásio Cearense, do professor Anacleto de Queiroz, rivalizou na importância, diz-nos Raimundo Girão, com o Ateneu e dele foram professores Agapito dos Santos, aluno da primeira turma do seminário de Fortaleza, Padre Frota, professor do mesmo seminário, Godofredo Maciel e outros". ANDRADE, Francisco Alves de. O Seminário de Fortaleza e a cultura cearense. *Separata da Revista do Instituto do Ceará*, 1965. Tomo LXXIX - Ano LXXIX. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1967.

e seus suportes. Sejam manuscritos ou impressos os livros fazem parte da história da maioria dos cultos religiosos e sua relação com o catolicismo é primitiva.

### 2.3 A Igreja e os livros

A Igreja Católica desde o seu surgimento está ligada à escrita, na verdade o próprio Cristianismo, embora tenha por base a tradição dos ensinamentos orais de Cristo, foi pautado pelo escrito, desde as lições retiradas dos textos judaicos até a difusão dos textos atribuídos aos apóstolos. O Evangelho é a palavra de Jesus ouvida por aqueles que o seguiram em vida e que agora deveria ser disseminada, a “Boa nova” devia continuar a ser repassada mesmo após o desaparecimento daqueles que a ouviram diretamente do Nazareno.

A palavra escrita está presente em diversos pontos da vida dos cristãos primitivos. Sua fé é guiada por um livro sagrado, a Bíblia e foi permitida dentro do Império romano por meio de um Édito oficial do Imperador Constantino em 313 d. C. e depois oficializada como religião do Estado através de outro Édito, o de Tessalônica, assinado por Teodósio em 391 d. C.<sup>120</sup>. Assim, o culto que começou sua história estando atrelado às classes subalternas acabou por se tornar parte integrante da vida dos grupos dominantes, passando a ter seus caminhos guiados por eles o que promoveu o crescimento da Igreja Católica Romana em riqueza e influência.

Mesmo nesses tempos remotos de sua existência, as comunidades cristãs possuíam bibliotecas. Com a oficialização do culto pelo Império Romano, os acervos também passaram por modificações, sendo a principal delas a divisão das obras entre cristãs e seculares. A biblioteca cristã nesse período é composta por um livro, a Bíblia, tida como suficiente em um contexto em que a palavra falada era a principal forma de propagação de fé e essa primazia do livro sagrado não só estabelecia uma cultura de oposição ao livro secular por parte dos católicos como dominou a classificação bibliográfica até a Modernidade <sup>121</sup>.

As grandes bibliotecas da Antiguidade desapareceram e as do início do medievo não passavam de armários, muitas vezes um só, recheado com diversas cópias dos evangelhos, cópias essas produzidas em um novo suporte que permitiu a introdução de um novo formato, o *códice*, “que introduziria a revolução da *página* num manuscrito muito mais fácil de consultar

<sup>120</sup> DIACOV, V.; COVALEV S. *História da Antiguidade*. v. 3. Roma. São Paulo: Fulgor, 1965.

<sup>121</sup> BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo: Edusp, 2018a

porque, além dos livros litúrgicos, tinha muitas vezes dimensões modestas e por isso era transportável.”<sup>122</sup> A relação dos cristãos com o códice é de pioneirismo, pois:

[...] O códice, ou livro encadernado, foi introduzido em Roma pelos cristãos, que o trouxeram das cidades que sediaram a Igreja nos primeiros tempos, na Palestina, no Egito e na Grécia. O modelo foi tomado às pastas com folhas de marfim ou madeira encerada que os romanos alfabetizados carregavam consigo para tomar notas. Na era cristã, páginas de papiro e de pergaminho começaram a ser encadernada de maneira semelhante. Um mosaico em Ravena, do tempo de Sidônio, mostra um tradicional *armarium* romano cheio de códices deitados com as capas viradas para cima, e os títulos claramente à mostra. Eram evangelhos. O códice era algo tipicamente cristão.”<sup>123</sup>

Ou seja, mesmo estando presos ao ato de ler um livro só, os cristãos introduziram na Europa, no intuito de perpetuar os evangelhos e facilitar sua leitura pelos membros de sua igreja, uma mudança não só na forma de produção dos manuscritos ao apresentar o *códice*, o livro propriamente dito em oposição ao *volumem* da Antiguidade, como também no ato de ler, já que esse novo suporte permitia uma maior aproximação e o melhor manuseio do manuscrito criando uma familiaridade com o material, facilitando a tarefa da leitura e a expansão da Palavra.

Antes mesmo de levarem o *códice* ou *códex* para a Europa, os cristãos já mantinham seus acervos nas áreas onde primeiramente se disseminaram no Oriente. A principal referência desse período mais antigo é a biblioteca de Cesaréa (no atual Israel) constituída ainda no terceiro século. Contudo, a partir da sua expansão para o Ocidente o modelo de acervo também foi se expandindo, sobretudo com a necessidade de fortalecer o Cristianismo em território europeu o que se manifestou com a instalação de mosteiros nas mais diversas regiões do continente.

O monasticismo fundado no Ocidente por Cassiodoro possuía como atividade básica a cópia e a produção de textos sagrados. Com a expansão cristã e o estabelecimento de uma nova cultura ligada a esse credo, fortalece-se a atividade de cópia dos monges. A vida monacal tem suas origens com os cristãos dos primeiros séculos no Egito, onde muitas comunidades se formaram junto aos padres anacoretas<sup>124</sup> e no intuito de dar mais ordenamento a essas comunidades foi que Pacômio criou o primeiro conjunto de regras monásticas e o modelo de organização dos mosteiros fazendo com que “A essência inicial arbitrária do movimento anacorético fora alterada para outra mais identificada com a vida comunitária e de procedimento

<sup>122</sup> LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópoles, Rj: Vozes, 2007.

<sup>123</sup> BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. - São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. p. 58.

<sup>124</sup> Anacoreta se refere aos monges cristãos que viviam em retiro no deserto nos primeiros tempos do Cristianismo. Cf. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.

regrado. Assim, o movimento se emancipa da tendência meramente evangélica e torna-se uma força institucional de atuação religiosa”<sup>125</sup>. Nas regras pacomianas os monges, além de realizar seus estudos e orações deveriam exercer algum ofício que estivesse de acordo com suas aptidões individuais.

Esse modelo monacal se expandiu pelo Ocidente adquirindo um caráter cada vez mais ascético, exigindo abdicação total à vida não religiosa e os mosteiros se consolidaram como locais próprios para o estudo. A base para esses estudos é a Bíblia, o livro de leitura elementar, “É preciso que o monge se impregne dessa Bíblia, que contém toda a cultura que ele deve ter.”<sup>126</sup> Esse princípio se torna ainda mais forte com a instituição da Regra de São Bento que definia a leitura regular dos textos sagrados aliada a prática do trabalho regular segundo o princípio *ora et labora* (ora e trabalha), diz a citada regra que “A ociosidade é inimiga da alma; por isso em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual.”<sup>127</sup> A leitura era uma atividade de extrema importância para os beneditinos, e como tal era cercada de normas e recomendações para sua realização, sobretudo para a leitura semanal durante os ritos. A determinação de que cada irmão dispusesse de um livro para ler leva a crer que as bibliotecas dos mosteiros tivessem obras suficientes para que cada monge tomasse um por empréstimo.<sup>128</sup>

Essa regra beneditina de que de cada monge deveria possuir uma obra para ler indica a importância que essa ordem dava aos livros. Não é estranho, então, que uma das principais funções nos seus mosteiros seja a cópia de textos para as bibliotecas, estabelecendo assim em cada mosteiro um *scriptorium*, o que acabava por enaltecer também a profissão de monge copista, embora diversas outras funções tivessem vez nessas instituições.

Os mosteiros souberam dignificar os mais rudes e servis trabalhos. Portanto, não é de admirar que a profissão de copista tenha tido seus representantes nos mosteiros. A *Regra de São Pacômio*, traduzida por São Jerônimo, ainda não se refere a ela. Mas logo a profissão de copista terá seu lugar ao lado das outras ocupações.<sup>129</sup>

<sup>125</sup> OLIVEIRA, Alex da Silveira de. A construção do monasticismo institucional visigótico no século VII. In.: *Brathair* 15 (2), 2015. P. 32-48. Disponível em <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>. Acesso em: 30/01/2020.

<sup>126</sup> RICHÉ, Pierre. *As bibliotecas e a formação da cultura medieval*. In.: BARATIN e JACOB. Op. Cit. p. 248.

<sup>127</sup> REGRA DE SÃO BENTO. Capítulo 48. Do trabalho manual cotidiano. Disponível em: <http://beneditinos.org.br/2012/02/regra-de-sao-bento/#48>. Acesso em 13.02.2020.

<sup>128</sup> THOMPSON, James. *A history of the principles of librarianship*. Londres: Clive Bingley LTD; Connecticut: Imprint of the shoe string press, 1977. p. 22.

<sup>129</sup> ARNS, Paulo Evaristo. *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. 2ª. ed. rev. e amp. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 57

A vida no monastério, então, é dividida entre oração, estudo e trabalho, sendo este manual e intelectual, ademais, “São Bento de Aniane acrescentou a missão de pregação e de conversão dos pagãos. O mundo monástico desempenharia um papel social e cultural essencial em toda a cristandade do século IX ao XII”<sup>130</sup>. Além de sua função espiritual, os mosteiros, no que concerne ao objeto deste estudo, tiveram importância crucial no desenvolvimento da cultura livreira, independente da ordem que os regia. Eles foram fundamentais para a preservação de textos antigos, ao se apresentarem como lugares próprios para a presença destes no período. A fórmula conhecida de “Um mosteiro sem livros é uma praça de guerra sem armas”<sup>131</sup> exprimia bem como esses lugares eram vistos e qual sua característica mais marcante.

No entanto, a presença dos livros não se dava apenas nas entidades monacais, eles estavam também nas principais igrejas e catedrais, nos capítulos das pequenas capelas e caminhavam pelos mais remotos lugares acompanhando os missionários. Mesmo estando em vários lugares, o escrito estava em poder de uma só instituição, a Igreja. E mesmo os não religiosos recorriam a ela quando necessitavam de textos sabidamente preservados pelos monges.

[...] Determinadas obras, cópias raras, talvez únicas, que pertenciam a um monastério atraíam o interesse de estudiosos que para lá acorriam, percorrendo longos caminhos para ter acesso ao códice precioso. Esses peregrinos da leitura iam de mosteiro em mosteiro, atravessando a Europa em busca de uma obra. A relação de livros das bibliotecas, primitivas bibliografias, passou a ser essencial para que não se perdesse uma viagem de semanas em busca de um texto inexistente.<sup>132</sup>

Isso demonstra que embora padres missionários possuíssem livros — certamente trechos da Bíblia — a maioria dos escritos não circulava, estava presa nas bibliotecas monacais, por vezes literalmente, já que os livros mais raros eram acorrentados às estantes. Havia monges itinerantes que compravam livros por encomenda e mosteiros que permitiam a cópia de seus textos por missionários de outros locais e assim as bibliotecas iam enriquecendo.<sup>133</sup>

A geografia destes estabelecimentos na Europa obedecia ao desejo de expansão da doutrina cristã e posteriormente, de garantir o Cristianismo em áreas ameaçadas por outras crenças. Assim instituiu-se em muitos reinos, como o português, uma união entre Igreja e monarcas com esse intuito.

<sup>130</sup> LE GOFF. 2007. Op. Cit. p. 56.

<sup>131</sup> *Clastrum sine armário, quase castrum sine armamentarium*. Expressão atribuída a Godefroy de Saint-Barbe, ainda no século XII. Cf. RICHIÉ, Pierre. *As bibliotecas e a formação da cultura medieval*. In.: BARATIN e JACOB. (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000 e MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957.

<sup>132</sup> MILANESI, Luis. *Biblioteca*. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 23.

<sup>133</sup> LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*. São Paulo: Editora Senac, 2011.

Por isso, fundar mosteiros foi uma política de reis portugueses nos primeiros passos da formação do seu reino. Por exemplo, para controlar o território conquistado, o primeiro desses reis espalhou mosteiros agostinianos e beneditinos por Portugal com o propósito de que sua autoridade e a fé cristã não se dissolvessem no meio das incursões mouriscas. É nesse contexto que Afonso Henriques viabiliza a entrada, em Portugal, das ordens de Cister e de Santo Agostinho, oferecendo aos mosteiros dessas ordens bens e proteção.<sup>134</sup>

A função bibliográfica dos mosteiros também teve importância nesse aspecto, ao menos no reino de Portugal, onde o Mosteiro de Santa Cruz “além de cuidar da moral fora do mosteiro, levando a palavra de Deus para os homens do reino, fez do seu *scriptorium* um lugar onde se registrava a história de Portugal e, conseqüentemente, se construía uma história até então dispersa e não ordenada e exaltada”.<sup>135</sup> Ou seja, era evidente a detenção do monopólio do escrito por parte da Igreja fazendo com que mesmo questões estatais passassem por suas mãos, já que nos princípios do medievo os membros do clero também acabavam por desempenhar funções administrativas nos reinos.

A produção de manuscritos pelos membros da Igreja aumenta de acordo com a expansão da presença católica e de sua dominação sobre os aspectos religiosos e culturais das populações medievais. À medida que a Idade Média avança, o papel dos monges copistas se torna mais necessário, principalmente diante do surgimento das universidades que passam a disputar o domínio da produção do conhecimento, mesmo ainda estando atreladas à Igreja.

Nesse sentido, as ordens mendicantes terão papel importante no que se refere à interação da Igreja com os demais grupos de estudiosos. Além disso, elas serão também relevantes para a produção dos textos que vão guiar os padres na tarefa de evangelização e controle das populações, sobretudo após a instituição da prática intensiva da confissão, bem como a orientar nos procedimentos diversos da vivência do sacerdote secular.

[...] No final da Idade Média, já havia manuais práticos escritos especificamente para orientar padres, inquisidores, confessores e peregrinos – como também comerciantes leigos. Embora dilatadas *summae* atraíam hoje a atenção dos eruditos, sabe-se que os escribas medievais também compunham *summulae* compactas, isto é, livros-guias abrangentes, destinados a transmitir orientação prática em matérias diversas – que incluíam desde a composição de um sermão até o comportamento esperado no leito de morte.<sup>136</sup>

Esses diversos manuais, dentre os quais o de confissão teve mais destaque, foram, além das cópias dos textos sagrados, a base da produção dos mosteiros onde eram produzidos por

<sup>134</sup> TEODORO, Leandro Alves. *A escrita do passado entre monges e leigos: Portugal – séculos XIV e XV*. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 28.

<sup>135</sup> Idem, *ibidem*. p. 35.

<sup>136</sup> EISENTEIN, Elizabeth. *A revolução da cultura impressa*. Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998. p. 76

ordens bem específicas, como por exemplo os franciscanos, que assim como as demais ordens mendicantes tinham um diferencial.

Sua competência vem, primeiramente, de sua instrução, pois fora dos seus próprios *studia* eles frequentam muito rapidamente as universidades e, sobretudo, porque diferentemente das ordens do século XII e de grande parte dos beneditinos, eles não vivem na solidão, ou no meio rural, mas nas cidades, no coração desse meio urbano, mundo do trabalho diversificado, das atividades profissionais e das novas curiosidades espirituais, o mundo das pessoas que se colocam problemas, que se interrogam interiormente e que, depois formulam tais perguntas aos seus confessores.<sup>137</sup>

Essa vida mais secular de algumas ordens de sacerdotes auxiliava no entendimento das questões que mais mereciam atenção no meio dos fiéis, debatidas e depois incorporadas nos manuais de auxílio aos párocos. Por outro lado, aproximava a Igreja de assuntos fora da esfera espiritual, sobretudo com a presença dos padres nas universidades, que estavam longe de ser instituições laicas, já que a grande maioria estava atrelada a uma catedral ou mosteiro e fazia uso de livros das bibliotecas das instituições religiosas. O fato é que com a maior penetração dos religiosos no mundo dos saberes profanos, até mesmo da ciência, passa a haver em algumas ordens uma valorização maior dos trabalhos intelectuais. São Boaventura chega a falar sobre a limitação dos afazeres braçais para que os religiosos tivessem mais tempo para o trabalho intelectual, valorizando, inclusive a posse de livros e a ciência, indo contra o próprio São Francisco, para quem a posse de livros ia de encontro ao voto de pobreza<sup>138</sup>. No entanto, foram dominicanos e franciscanos os que mais se dedicaram aos estudos e também à formação de bibliotecas que passavam por constante processo de enriquecimento de acervo e por melhoramento nos mecanismos de acesso aos livros, tendo instituído, inclusive, bibliotecários. Vários mosteiros ainda contavam com bibliotecas públicas com acesso aos não religiosos<sup>139</sup>.

Na passagem do medievo para a Modernidade já está estabelecida uma civilização urbana e com uma cultura livresca além dos domínios das instituições religiosas, caracterizada pela diversificação de ofícios ligados ao livro, por um aumento da demanda pelo escrito e pela introdução do papel na Europa, o que provocou um barateamento da produção. Houve também uma expansão das bibliotecas, que deixaram a exclusividade dos mosteiros e igrejas e passaram a ter lugar também nos palácios reais e nas casas dos membros dos grupos dominantes. O controle da Igreja sobre a produção de textos sagrados continua, porém, se torna mais difícil com a ampliação do número de leitores desejosos dos textos mais clássicos, o que indica

---

<sup>137</sup>LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 222.

<sup>138</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>139</sup> BARBIER, 2018a. Op. Cit.

também um menor controle sobre a leitura. O domínio dos católicos sobre a produção e o acesso aos textos religiosos, bíblicos principalmente, se tornará bem mais difícil a partir do século XV com o surgimento da imprensa, fato que revolucionou a transmissão da cultura no Ocidente e que inicialmente foi bem visto pela Igreja.

A ideia de um ‘apostolado da pena’ revela o elevado valor atribuído à palavra escrita, como meio de cumprir a missão da Igreja sobre a terra. A mesma ideia a explicar o acolhimento entusiástico dado aos prelos pela Igreja romana do século XV. Quando exalta a imprensa como o mais elevado ato da graça de Deus, Lutero está elaborando sobre um tema favorito não só de outros monges, como também de prelados e papas. [...] Até mesmo os editos de censura emanados pelos arcebispos e papas, desde a década de 1480 até 1515, saúdam a invenção como inspiração divina e tecem comentários sobre suas vantagens, antes de frisar a necessidade de corrigir seus abusos. A Igreja não só legitimou a arte da imprensa, como também propiciou um importantíssimo mercado para aquela indústria nascente. O padre pobre precisava de livros de maneira ainda mais premente que o leigo. Durante os cinquenta anos que antecederam Revolta Protestante, o clero, na maioria das regiões, acolheu de braços abertos uma invenção que servia tanto a uns como a outros <sup>140</sup>.

Portanto, é correto afirmar que a imprensa teve um momento propício para surgir, pois havia as viabilidades técnicas, econômicas e uma demanda considerável a ser atendida <sup>141</sup>. E foi justamente essa demanda, formada pelas condições socioculturais do período de seu surgimento que estabeleceu o papel que seria ocupado pelos prelos nos primeiros tempos de sua utilização. A grande maioria dos *Incunabulos*<sup>142</sup> era de obras religiosas, o primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia, conhecida posteriormente como *Bíblia de 42 linhas*, era inevitável essa profusão de textos sacros numa sociedade onde a leitura era dominada pelos clérigos.

Tornar a Bíblia diretamente acessível a um número maior de leitores, não somente em latim, mas também em línguas vulgares, fornecer aos estudantes e aos doutores das universidades os grandes tratados do arsenal escolástico tradicional, multiplicar, sobretudo, além dos livros de uso, os breviários e os livros de horas necessários à celebração de cerimônias litúrgicas e à prece diária, as obras místicas e os livros de piedade popular; tornar a leitura dessas obras mais facilmente acessível a um público muito vasto, esta foi uma das principais tarefas da imprensa no seu começo.<sup>143</sup>

Essa produção de livros impressos com o objetivo de auxiliar na atividade de pregação dos padres acabou por ocasionar mudanças na forma como esses se relacionavam com seus fiéis, a própria questão do vocabulário foi afetada tendo em vista os textos serem escritos em latim formal, fazendo com que os padres assim o repetissem durante as celebrações retirando a fluidez obtida no uso da língua no cotidiano. Com a ampliação do número de leitores e de obras

<sup>140</sup> EISENSTEIN. Op. Cit. p. 177.

<sup>141</sup> BARBIER, Frederic. *A Europa de Gutenberg: O livro e a invenção da modernidade ocidental* (séculos XIII-XVI). São Paulo: Edusp, 2018b.

<sup>142</sup> São assim chamados os livros impressos nas primeiras décadas após o surgimento da imprensa na Europa, ou seja, até 1500. Cf.: FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Edusp, 2017

<sup>143</sup> FEBVRE e MARTIN. Op. Cit. p. 350

voltadas para os leigos (sobretudo os Livros de horas) <sup>144</sup>, havia agora sempre um livro entre o pecador e o confessor, orientações sobre pecados e punições deixaram mais complexas e confusas as ações diante de cada confissão, o que complicava o trabalho do padre simples de paróquia. “Esse contraste entre a simplicidade dos ensinamentos do próprio Cristo e o complexo palavrório das doutrinas aprovadas oficialmente ficou mais agudo para todos e mais desalentador para os que sentiam uma verdadeira vocação religiosa.” <sup>145</sup>. Mas a produção de manuais católicos só aumentava.

No entanto, esse inicial apreço pela técnica tipográfica acabou por transformar-se em motivo de constante vigilância por representar um meio de propagação de ideias que poderiam fugir ao controle da Igreja e mesmo ameaçar o seu domínio nos assuntos espirituais, o que se intensificou após a ocorrência da Reforma Protestante. O movimento que já vinha se desenhando em algumas regiões da Europa se fez vitorioso de fato na Alemanha com as ideias e ações de Martinho Lutero contra o que ele acreditava ser a decadência dos valores morais e espirituais da Igreja de Roma.

Seria exagero dizer que a Reforma foi fruto da imprensa, porém é inegável que esta desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e na expansão daquela. Tanto luteranos como calvinistas e outros depois deles souberam se utilizar das prensas para difundir sua visão cristã e essa tinha uma base comum, a de que a mensagem de Cristo devia ser acessível a todos os cristãos e para isso deveria ser disponibilizada em seu próprio idioma. Antes de qualquer coisa, o impulso que a Reforma deu à imprensa e vice versa se deu por meio da produção de panfletos os quais também atingiam o público informando as ações dos reformadores ou tecendo duras críticas aos membros da Igreja Católica<sup>146</sup>. Porém, o desejo dos reformadores de ampliar o acesso à Palavra estava atrelado à Bíblia e a sua tradução era essencial para esse processo. Muitas traduções do livro sagrado em língua vernácula já existiam, porém eram versões de difícil compreensão para os leigos, assim, as traduções de Lutero, primeiro do Novo e depois do Antigo Testamento foram sucesso de público com mais de 200 mil cópias até sua morte. No entanto, isso não significou livre acesso à Palavra, já que apenas uma minoria dos

---

<sup>144</sup> Segundo LYONS, Op. Cit. “O livro de horas foi uma forma popular de livro de orações produzida para leigos na Idade Média e na Renascença. Ele indicava preces e devoções adequadas a momentos específicos do dia e às estações do ano. [...] Eram objetos de luxo, portáteis e geralmente escritos com caracteres latinos ou góticos, exemplificando a crescente produção de livros para leitores leigos instruídos, inclusive mulheres. Os Livros de horas sugeriam um envolvimento privado e individual com o texto.” p. 45.

<sup>145</sup> EISENSTEIN. Op. Cit. p. 176.

<sup>146</sup> FEBVRE e MARTIN. Op. Cit.

alemães sabia ler e a Bíblia vernácula ficou restrita basicamente aos membros da igreja reformada.<sup>147</sup>

Para a Igreja Católica essas traduções dos textos sagrados e a difusão das ideias dos reformadores representavam uma ameaça, pois como manter-se necessária para o contato com Deus se o fiel podia fazê-lo em casa com sua Bíblia traduzida em mãos? Obviamente que a preocupação com a obsolescência da instituição era injustificada, haja vista a ínfima quantidade de leitores no período e o grande poder que ela detinha e continuou tendo pelos séculos seguintes. Mesmo assim, a produção em massa e as traduções abalaram a soberania católica e fragmentaram a cristandade, quando os reis passam a assumir controle das permissões de impressões para atender aos cleros nacionais, com textos em vernáculo, encorajando assim a unidade nacional do modo como faziam os países protestantes.

Com o objetivo de conter o avanço do protestantismo e de restabelecer as bases de seu domínio sobre a cristandade europeia, a Igreja Católica passa também por uma reforma. A chamada Contrarreforma teve como ponto principal o Concílio de Trento (1546-1563), no qual muitas mudanças e dogmas foram discutidos e estabelecidos, dentre eles alguns que se relacionavam diretamente com a questão da produção de livros, bem como seus usos por eclesiásticos e leigos e sua circulação. Assim, apesar de todo o apreço pela imprensa se reitera a importância da transmissão oral. Sobre isso, Dominique Julia, escreve que:

Insistindo no modo oral de transmissão da fé (e apoiando-se aqui no texto da Epístola aos Romanos, *lides ex audittt, audit«: autem per Verbum Christi*) em um momento em que a difusão das tecnologias da impressão vai alterar progressivamente a relação das sociedades modernas com o escrito, e em que as reformas vêm na volta ao texto autêntico da Escritura o único recurso contra a corrupção de instituições eclesiais pervertidas, a antropologia subjacente ao Concílio de Trento privilegia, ao contrário, a relação viva no seio de uma comunidade, consolidando ao mesmo tempo a distinção dos papéis respectivos do clérigo (que tende doravante a identificar-se cada vez mais com o padre) e do leigo: aos padres cabe a pregação à totalidade dos fiéis, a relação individual da direção espiritual, os conselhos lembrando as exigências da palavra divina por ocasião da confissão auricular; aos leigos compete a recepção pela audição e apropriação da mensagem que uma voz autorizada lhes entregou. Para enveredar pelo caminho da santidade, não é necessário ter acesso direto aos textos sagrados: as reservas católicas para com a leitura solitária do texto impresso têm assim um embasamento teológico e eclesiológico com forte argumentação, e é preciso ter isso em mente para captar o sentido dos textos disciplinares promulgados em Trento e, posteriormente, pelas autoridades romanas<sup>148</sup>.

O trecho nos permite saber que a leitura e a posse de livros sacros não foram proibidas, mas instituiu-se que elas deveriam se manter como privilégio dos religiosos. O Concílio

---

<sup>147</sup> LYONS, Op. Cit.

<sup>148</sup> JULIA, Dominique. Leituras e Contrarreforma. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 79.

inclusive determina a produção de manuais e de outros textos eclesiásticos de acordo com as novas bases estabelecidas e isso teve grande impacto na imprensa, pois era premente que os padres possuíssem os novos textos, o que provocou uma produção em grandes quantidades. É criada a *Stamperia del Popolo Romano* encarregada dos textos oficiais e depois a Igreja passa a fornecer privilégios para alguns impressores que eram “ameaçados de multas e excomunhão” caso o descumprissem.<sup>149</sup> Outro ponto decidido em Trento foi a criação de uma lista de livros proibidos para os católicos, o *Index*, o qual será tratado mais detidamente em outro capítulo deste estudo. Essa preocupação com o tipo de livro que os fiéis tinham acesso e a necessidade de destinar aos clérigos obras realmente dotadas do espírito tridentino fizeram da imprensa uma poderosa aliada dos católicos.

[...] É verdade que a Reforma católica do século XVI valeu-se da imprensa para conquistar prosélitos e firmas católicas tiveram bons lucros servindo à Igreja romana. Produziram breviários e outros trabalhos devocionários para sacerdotes espalhados em missões distantes, livros escolares para seminários dirigidos pelas novas ordens, literatura de religião para leigos devotos, além de folhetos que puderam ser usados pelo Ofício de Propaganda, mais tarde, no século XVII. Além disso, na Inglaterra, depois que os anglicanos se instalaram no poder, os impressores católicos revelaram-se tão habilidosos como seus colegas puritanos no trato dos problemas decorrentes da impressão escondida e da comercialização clandestina de livros”<sup>150</sup>.

Ainda na esteira das ações para garantir o domínio da fé católica foi oficializada em Trento a atuação da Companhia de Jesus, com o objetivo de disseminar o Cristianismo católico pelos mais diversos territórios, sobretudo nas terras recém-descobertas na América. Com esse intuito os padres jesuítas desenvolveram um modelo de instrução exclusivo que os acompanhou em suas missões e foi responsável pelo estabelecimento de padrões educacionais, por vezes únicos em diversas das áreas coloniais, o *Ratium Studiorum*. Essa ordem teve sempre uma ligação estreita com o livro, seja na publicação, na pedagogia apoiada nesse suporte ou na constituição de bibliotecas, assim, foram eles os responsáveis pela instalação das primeiras dessas instituições em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil como se verá adiante.

A realização das missões evangelizadoras e de catequese assumiu uma posição importante dentro da Igreja. Com a descoberta de novos territórios era vital tomar para si o controle sobre a conversão dos nativos e isso dependia também da relação com os reinos europeus. Assim, estabeleceu-se entre a Santa Sé e esses reinos o regime do Padroado, especificamente com as monarquias de Portugal e Espanha, que dava aos reis o controle também sobre os assuntos religiosos, tornando quase indissociável a relação entre Igreja e

---

<sup>149</sup> Idem.

<sup>150</sup> EISENSTEIN. Op. Cit. p. 179.

Estado, tanto que os membros do clero eram considerados funcionários das coroas. No entanto, no sentido de manter alguma independência a Igreja exigiu para si o poder total sobre as missões de evangelização, atribuindo essa como função estritamente papal. Diante disso, foi criada em 1622 a *Congregação De Propaganda Fide*, para a propagação da fé. Eram suas funções:

[...] Utilizar todos os elementos de apostolado já postos em prática, suscitar outros novos, nomear bispos ou vigários apostólicos, distribuir as várias Ordens religiosas pelo mundo para evitar fricções e empregá-las o melhor possível, determinar os princípios da obra missionária, promover a formação de um clero indígena.<sup>151</sup>

Diante desses objetivos, a congregação também exerce uma função editorial e várias são as obras voltadas não só para a catequese, mas para diversos assuntos teológicos que possuem seu selo de publicação.

De manuscritos a impressos, independente da ordem religiosa ou função a ser exercida, a biblioteca sempre esteve presente na relação da Igreja com os livros. Desde as primeiras, formadas pelos pergaminhos dos cristãos primitivos, passando pelos *armaria* dos mosteiros medievais até o grande acervo da Biblioteca Vaticana elas lá estavam protegendo e propagando os ideais de fé e os conhecimentos inerentes à formação eclesiástica. Seguindo as determinações das regras monásticas, as livrarias foram se espalhando e se constituindo nos locais onde as ordens se estabeleciam e, de pequenos armários, acabaram se tornando gigantes em alguns locais, como na França, na Itália ou a própria Vaticana, fundada ainda no século V, totalmente reformulada séculos depois. A biblioteca papal deveria ser o maior exemplo do poder intelectual da Igreja, sendo do “papa Nicolau V a ideia de ‘uma biblioteca feita para a comum comodidade dos estudiosos, contendo todos os livros em grego e latim merecedores da dignidade do papa e do trono apostólico’”<sup>152</sup>.

Essa difusão das bibliotecas se pautou também na ideia do apostolado do livro. Por toda a Europa acervos foram criados com o intuito de propagar e fortalecer a fé, como já dito, os jesuítas tiveram grande participação nesse processo, constituindo acervos com centenas e até milhares de livros. Rubem Borba de Moraes indica que os acervos constituídos no Brasil, por exemplo, um dos maiores polos de atuação jesuítica, eram bastante ricos, tendo a biblioteca do colégio de Salvador contado com mais de quinze mil volumes quando da expulsão dessa ordem da então colônia portuguesa<sup>153</sup>.

<sup>151</sup> DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja da Renascença e da Reforma*. v. II. A reforma católica. São Paulo: Quadrante, 1999.p. 343.

<sup>152</sup> BATTLES, OP. Cit. p. 78.

<sup>153</sup> MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.p. 8.

Outras ordens, como a dos beneditinos e a de Saint-Geneviève possuíam também grandes bibliotecas, sobretudo na França e se estabeleceram como ordens eruditas ligadas aos núcleos universitários. Grandes acervos ligados à Igreja eram os dos próprios religiosos. Com a popularização das bibliotecas particulares, os eclesiásticos, notadamente cardeais, começaram a montar suas coleções de forma cada vez mais organizada, como o Cardeal Mazarin, cuja biblioteca foi organizada por Gabriel Naudé no século XVII. Esses acervos se tornam cada vez mais comuns no século XVIII com o triunfo da imprensa e a maior difusão do livro; assim os religiosos continuam fomentando suas bibliotecas e muitos passam a torná-las públicas, não no sentido que se atribui atualmente, mas no de disponibilizar o acervo ao acesso dos estudiosos, o que representava um meio de exposição e de promoção social já que muitos desses clérigos ocupavam importantes cargos políticos.

O século XVIII viu o triunfo do livro, marcado pelo aparecimento de uma obra crucial, a *Enciclopédia*, fruto do movimento iluminista pautado pelo racionalismo, pela busca do conhecimento e que combatia o obscurantismo visto como entrave ao progresso, neste século, no entanto, as bibliotecas religiosas irão sofrer duros golpes. Em vários países há a tentativa de diminuir ou mesmo acabar com o poder da Igreja e para isso uma das primeiras ações é a tomada dos bens do clero, incluindo aí os livros, a exemplo da França. Na Revolução de 1789 determina-se a suspensão de todos os privilégios e que os bens da Igreja sejam “repassados à nação”. Assim, os prédios onde estavam os acervos precisavam ser desocupados e os livros enviados a lugares inadequados, ou destruídos por serem considerados “sem utilidade”<sup>154</sup>.

O primeiro decreto de confisco das bibliotecas não teve grande sucesso. Os monges resistiam como podiam, escondiam os livros e as municipalidades muitas vezes os apoiavam. Por outro lado, os funcionários sentiam-se antecipadamente desencorajados diante dessas grandes coleções de livros, de que se supunha grande parte era constituída de breviários, missais, coletâneas de cânticos e vidas dos santos. Eles sabiam que só seriam pagos com muita sorte. [...] Em janeiro de 1791 as injunções tornaram-se mais rígidas e, “sob pena de serem consideradas negligentes”, as municipalidades começaram a retirar com mais eficiência os livros dos conventos<sup>155</sup>.

A leitura do excerto permite o entendimento da importância para as comunidades das bibliotecas conventuais ou as capitulares, eram por vezes o único recurso dos fiéis aos livros de devoção e mesmo livros não religiosos. Nas pequenas comunidades a religião tinha um peso significativo na vida das pessoas, embora a partir de meados dos setecentos, até mesmo pela difusão do Iluminismo, crescesse um ideal secular e muitos passassem a considerar a religião

---

<sup>154</sup> BARBIER, 2018a.

<sup>155</sup> POLASTRON, Lucien X. *Livros em chamas: a história da destruição sem fim das bibliotecas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2013. p. 166.

como sinal de atraso, além de ver as massas cristãs como potencialmente rebeldes, “sendo a Bíblia um documento altamente incendiário”<sup>156</sup>.

Apesar do avanço do Islã e de algumas forças protestantes, a oposição ao fervor religioso em geral aumentava e a Igreja Católica se via perdendo espaço mesmo em regiões onde antes era soberana. Com a chegada do século XIX e o avanço das ideias científicas e liberais, o combate às ideias religiosas se dava com maior ênfase e, nesse ponto, a imprensa também foi importante arma de divulgação, inclusive no que se refere à publicação de obras de contestação a algumas “verdades” mantidas pela religião.

[...] A ciência se achava em crescente conflito com as Escrituras. À medida que se aventurava pelos caminhos da evolução. A erudição histórica, aplicada à Bíblia em doses sem precedentes – em particular a partir da década de 1830 pelos professores de Tuebingen – dissolvia o único texto inspirado, senão escrito, pelo Senhor em uma coleção de documentos históricos de vários períodos, com todos os defeitos da documentação humana, O *Novum Testamentum* (1842-1852) de Lachmann negava que os Evangelhos fossem relatos de testemunhas oculares e duvidava que Jesus Cristo tivesse tido a intenção de fundar uma nova religião.<sup>157</sup>

Além desse ataque da ciência, os católicos também enfrentaram a perda de domínios cristãos para os protestantes, o avanço dos ideais liberais e posteriormente, socialistas. Eram muitas as perspectivas de existência atual e futura das sociedades com as quais a ideologia religiosa tinha que competir ou buscar um meio de adaptação com ou dentro delas.

Embora mais conhecida por seus aspectos econômicos, o liberalismo é também uma filosofia política pautada na ideia de liberdade, bem como na valorização do individualismo. Assim havia nessa corrente uma desvalorização de algumas instituições por serem identificadas como obscurantistas, sobretudo as religiosas. No entanto, pelo fato de essa filosofia ter se disseminado por várias áreas, possuía também uma variante religiosa havendo inclusive o catolicismo liberal<sup>158</sup> e muitos clérigos atuaram em movimentos marcados pelo liberalismo.

Já o socialismo, embora também tivesse o ideal de liberdade para os povos, distinguia-se do liberalismo por rechaçar sua visão individualista, admitindo esta como a raiz da propriedade privada e da exploração dos trabalhadores. As ideias socialistas que vinham se constituindo desde o início do século XIX se baseavam na existência do grupo social, na ação comunitária entre os indivíduos e na crítica total à propriedade privada, isso suscitado pela observação das condições de miséria da classe trabalhadora.

<sup>156</sup> HOBBSBAWN, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.p. 308.

<sup>157</sup> Idem. *ibidem*. P. 309.

<sup>158</sup> RÉMOND, René. *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 2010.

Esses movimentos tiveram impactos, cada um em sua medida, sobre os setores burgueses e proletários do período, ganhando mais espaço entre esses sujeitos e fazendo com que a religião passasse a ocupar menos e por vezes, nenhum espaço, já que era vista como instrumento de alienação das massas. Para Engels o Cristianismo aparece como sistema cultural que se transforma e adapta de acordo com a ordem social de cada período e que a religião, por mais que tenha características revolucionárias, geralmente age como legitimadora da ordem estabelecida<sup>159</sup>. Esse sentimento de aversão mais às igrejas que à religião em si foi uma grande marca do século XIX.

[...] o anticlericalismo era basicamente político, porque a principal paixão por detrás de tudo era a crença de que religiões bem-estabelecidas eram hostis ao progresso. E de fato eram, sendo, do ponto de vista sociológico e político, instituições bastante conservadoras. A Igreja Católica Romana mostrava, aliás, uma hostilidade manifesta por tudo aquilo que o século XIX defendia firmemente. [...] E, na medida em que as massas – especialmente as massas rurais – estavam ainda nas mãos dessas forças do obscurantismo, tradicionalismo e reacionismo político, seu poder precisava ser destruído para que o progresso não fosse ameaçado. Consequentemente, o anticlericalismo era mais militante e passional na proporção do “atraso do país”<sup>160</sup>.

A Igreja se via atacada por várias frentes. Certamente que todos esses movimentos e teorias que se desenvolveram nos oitocentos se utilizaram da imprensa para se fazerem conhecidos e disseminar seus ideais por todos os continentes habitados. O livro já era absoluto, o aumento dos programas de instrução por parte dos governos já havia feito dele objeto presente em muitos lares. As leituras públicas os levavam também para os analfabetos, a circulação do conhecimento era já incontrolável e as tentativas da Igreja de barrar esse avanço eram infrutíferas.

Mais uma vez a Santa Sé se aproveita das novas tecnologias que a princípio ameaçaram prejudicar sua posição, para buscar novamente se fortalecer. Vai então se utilizar do avanço dos meios de transporte e comunicação para tentar resguardar seu domínio sobre os assuntos espirituais diante do desenvolvimento de governos cada vez mais laicos, que só viam desvantagens na interferência dos eclesiásticos nos assuntos estatais. Além disso, a emergência de teorias científicas tais como o darwinismo, e o evolucionismo, bem como o já falado avanço do liberalismo e posteriormente do socialismo e do comunismo, fizeram com que o catolicismo viesse a buscar meios para se manter forte e presente na totalidade dos países tidos como cristãos.

---

<sup>159</sup> LÖWY, Michael. *Marxismo e religião: ópio do povo?* In: LÖWY, Michael e BENSÄID, Daniel. *Centelhas: marxismo e revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.

<sup>160</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era do capital (1848-1875)*. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016. p. 410

Nesse sentido, a partir da metade do século XIX, no papado de Pio IX, a Igreja passa a viver um movimento de unificação baseado na reafirmação do poder do papa sobre os católicos e da Sé romana sobre as igrejas locais, a reforma já tratada anteriormente, ganhará mais força a partir do Concílio Vaticano I (1869-1870). Essa busca pelo fortalecimento em todo o mundo será possível também graças à imprensa. A mesma que foi responsável pela difusão dos movimentos que enfraqueceram a Igreja vai ser por ela utilizada para propagar os documentos que servirão de base para esse processo reformador.

As decisões tomadas em Trento foram somente as primeiras de uma série de ações de retaguarda destinadas a conter as novas forças desencadeadas pela invenção de Gutenberg. A prolongada guerra entre a Igreja romana e a máquina impressora prosseguiu pelos quatro séculos seguintes, e ainda não está completamente encerrada. O *Sílabo de erros*, de meados do século XIX, mostrou como se reduzira o espaço de manobra, mesmo depois de quatrocentos anos <sup>161</sup>.

As bulas, editos e demais documentos papais terão larga produção com o objetivo de atingir cada vez mais fiéis, contando também com o avanço da alfabetização, mas não descuidando da atuação dos clérigos. A principal missão dos impressos agora é difundir as palavras papais contrárias aos movimentos científicos, filosóficos e políticos que ganhavam mais terreno à medida que o século avançava. A publicação da Encíclica *Quanta Cura* em 1864 será o primeiro momento de revide dos católicos, porém, o *Syllabus* será o documento que embasará a luta contra esses adversários.

O *Syllabus Errorum* é como um complemento da citada Encíclica, uma reunião de 80 dos principais erros da época, como o panteísmo, naturalismo, racionalismo, liberalismo, socialismo etc. Nesses documentos que serão as bases para as discussões no supracitado Concílio, o papa apresenta os inimigos declarados da cristandade e reafirma a Igreja Católica como combatente principal desses males, tendo na figura do pontífice o líder nessa batalha, sobretudo após a afirmação da infalibilidade do papa feita no Vaticano I, conforme segue:

Por isso Nós, apegando-nos à Tradição recebida desde o início da fé cristã, para a glória de Deus, nosso Salvador, para exaltação da religião católica, e para a salvação dos povos cristãos, com a aprovação do Sagrado Concílio, ensinamos e definimos como dogma divinamente revelado que o Romano Pontífice, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando, no desempenho do ministério de pastor e doutor de todos os cristãos, define com sua suprema autoridade apostólica alguma doutrina referente à fé e à moral para toda a Igreja, em virtude da assistência divina prometida a ele na pessoa de São Pedro, goza daquela infalibilidade com a qual Cristo quis munir a sua Igreja quando define alguma doutrina sobre a fé e a moral; e que, portanto, tais declarações do Romano Pontífice são por si mesmas, e não apenas em virtude do consenso da Igreja, irreformáveis <sup>162</sup>.

<sup>161</sup> EISENSTEIN. Op. Cit. p. 180.

<sup>162</sup> *CONCÍLIO VATICANO*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilios/vaticano1/Online>  
Acesso em: 16/11/2018

Esse princípio será uma das bases do movimento reformador. Não obstante isso, a *Quanta Cura* apresenta em um de seus artigos a importância da manutenção de uma forte relação Igreja/Estado, argumentando que a união entre o "Sacerdócio e o Império" sempre foi proveitosa para ambos e que se a partir de determinado momento isso foi negado a culpa é do naturalismo, visto como uma doutrina que vem a negar a existência de Deus, um princípio ímpio e absurdo.

Os livros também serão uma arma da Igreja nesse processo, sobretudo no que diz respeito à formação dos sacerdotes. Por todo o mundo os seminários receberão maior atenção e suas bibliotecas terão acesso às obras voltadas para a luta contra os "erros do mundo" e para a concretização do poder da Sé romana. É dentro dessa proposição que será examinada a relação direta entre livro e fé católica na biblioteca do Seminário Provincial do Ceará, fundado exatamente no período de auge da propagação das ideias reformadoras. Essas, como visto, foram fonte de conflito entre a Igreja e o poder imperial e marcaram a constituição e a existência do seminário.

Por conseguinte, a livraria conventual de Fortaleza se insere nessa milenar relação da Igreja com o escrito. Os livros nela contidos eram não só veículos de propagação de conhecimentos, mas eram ferramentas indispensáveis naquele período para o objetivo maior do catolicismo, que era sua universalização com base na Sé romana e o domínio total dos assuntos espirituais combatendo a interferência dos Estados nacionais. Nesse sentido, o acervo é fonte valiosa para o estudo das ideias reformistas e das demais manifestações sociais, políticas e mesmo científicas que ganharam as páginas dos livros na época e a visão sobre elas contidas nos volumes que compunham o fundo de uma instituição religiosa. Mas não é só por isso que a Biblioteca conventual tem importância, é também por seu pioneirismo como instituição de guarda de livros no Ceará.

Diante disso, cabe observar a Biblioteca como fonte de informações acerca do ensino no seminário, bem como repositório de um conjunto de saberes que marcaram um determinado período passível de análise dentro da História do livro e da História Social das Ideias. As obras que compõem seu acervo, os autores mais frequentes, as temáticas ali presentes, tudo se constitui em ricas fontes para o historiador do livro e da leitura. Quais essas obras, autores e temáticas? Quais estavam mais ou menos ligadas ao processo de reforma da Igreja? Constavam obras de assuntos considerados provocadores naquele momento? São essas e outras questões que se busca responder através da análise do acervo da Biblioteca Episcopal de Fortaleza. Não

sem antes inseri-la no contexto das bibliotecas conventuais brasileiras, muitas das quais ainda carecendo de estudos como o que aqui se pretende realizar.



### 3 UMA BIBLIOTECA EPISCOPAL NO CEARÁ OITOCENTISTA: ELEMENTOS HISTÓRICOS E BIBLIOGRÁFICOS

*“[Que a deusa] Ishtar olhe com benevolência o letrado que não mudar a tabuinha [de lugar, mas que] a coloque novamente na biblioteca, que ela denuncie com indignação aquele que a levar para fora”<sup>163</sup>.*

O estudo das bibliotecas das instituições religiosas se faz necessário dentro do contexto da História do livro e da leitura, sobretudo no Brasil, onde essas instituições foram fundamentais na formação intelectual dos grupos dominantes e na instrução dos sujeitos das camadas mais pobres com acesso ao ensino, tendo em vista essas ações estarem nas mãos da Igreja por largo período da história do país.

Nesse sentido, este capítulo terá o foco na Biblioteca do Seminário Episcopal do Ceará, hoje Biblioteca Padre Luiz Magalhães Uchoa atrelada à Faculdade Católica de Fortaleza, cujo funcionamento se dá nas dependências do seminário. O estudo se concentrará no setor de Obras Raras da mesma onde se encontram os livros pertencentes ao recorte temporal estabelecido para a pesquisa.

Assim, primeiramente se buscará identificar a Biblioteca dentro do contexto das livrarias eclesiais brasileiras, bem como seus diferenciais diante de sua montagem durante o período de expansão do ultramontanismo no Brasil, o que certamente influenciou a escolha das obras para seu acervo voltado a priori para a formação dos novos clérigos cearenses. Além também, de localizá-la dentro do contexto do livro e da leitura em Fortaleza à época de sua fundação.

Em seguida o acervo da Biblioteca é apresentado de forma geral, com uma análise quantitativa das principais rubricas encontradas durante a catalogação e um estudo acerca das tipologias adotadas nesse processo. Esse tópico fará então a apresentação das obras que serão mais detidamente analisadas em capítulo posterior.

Por fim, buscar-se-á estabelecer uma geografia dos livros, com a intenção de se identificar os caminhos que os livros percorreram até chegarem às estantes da Biblioteca, bem como se dava a relação do Seminário com os meios de distribuição de livros em Fortaleza, como as casas comerciais e livrarias.

---

<sup>163</sup> Paris, Museu do Louvre, AO 7661, TMS, n. 9, p. 35 *apud* BARBIER, Fédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo: Edusp, 2018a. p. 33.

### 3.1 A livraria do Seminário no contexto das bibliotecas eclesiásticas e da reforma católica no Brasil

A província do Ceará, como parte integrante do Império do Brasil possuía o catolicismo como religião oficial, sendo os cultos e celebrações da Igreja Católica parte importante da vida cotidiana dos cearenses. Com a instalação da Diocese em 1860 esta relação tornou-se mais forte diante da atuação do bispo D. Luís e de seus auxiliares na condução, não só das questões eclesiásticas referentes à aplicação dos preceitos teológicos da instituição, mas também da atuação do clero secular na lida diária com os fiéis.

No que concerne ao segundo aspecto, a fundação do Seminário Episcopal foi relevante para a formação de novos sacerdotes. Todavia, também era oferecida formação de nível secundário que possibilitou o preparo de vários jovens que não desejavam seguir a carreira sacerdotal, reafirmando, assim, o papel fundamental da Igreja na formação educacional do Ceará e do Brasil, desempenhado por esta desde os primeiros anos do período colonial.

No capítulo anterior foi discutida a relação da Igreja com os livros. Em terras brasileiras isso também ocorreu, até mesmo em decorrência do caráter catequizador e educacional com o qual o Cristianismo católico aqui estabeleceu. Os livros eram essenciais para esse trabalho realizado primeiramente pelos padres da Companhia de Jesus e posteriormente por outras congregações. Nesse sentido, com a fundação de colégios surgiram também as primeiras bibliotecas brasileiras. As livrarias das casas religiosas foram por muito tempo as referências de acervos bibliográficos institucionais na colônia e depois Império do Brasil.

Em *O Império dos Livros*, Marisa Midori alerta sobre a escassez de estudos sobre o papel educacional da Igreja brasileira, o que se reflete no estudo das bibliotecas eclesiásticas:

O que dizer das bibliotecas conventuais, de grande valor para a compreensão dos valores culturais da época e que foram ainda tão pouco vasculhadas? Não nos referimos exatamente aos estudos dedicados à instituição eclesiástica e ao clero secular, com suas normas, seus bens, seus projetos, suas divisas políticas e morais – se bem que mesmo neste aspecto os estudos são escassos – mas às igrejas e suas paróquias, aos conventos e mosteiros espalhados pelas cidades brasileiras e que tiveram um papel na história educacional do país<sup>164</sup>.

---

<sup>164</sup> DEAECTO. Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011. p. 51.

Portanto, como a biblioteca do seminário de Fortaleza está inserida no âmbito das livrarias eclesiásticas, é pertinente tratar de alguns exemplos dessas instituições e da importância de seus acervos para a constituição educacional e intelectual do Brasil.

As primeiras dessas bibliotecas como se sabe, foram obras dos jesuítas que chegaram à colônia em 1549 junto ao Governador-Geral Tomé de Souza. Eram em número de seis padres, liderados por Manuel da Nóbrega.<sup>165</sup> Fundaram seu primeiro colégio na Bahia com o intuito de catequizar e ensinar os meninos da terra, indígenas e os já nascidos aqui filhos de colonos portugueses. Os padres da Companhia eram devotados à sua missão educacional e em pouco tempo não se tinha apenas o ensino para as crianças:

Não se tratava, apenas, de ensino elementar. No Rio de Janeiro e Pernambuco, havia também aulas de Humanidades, e na Baía (sic.), capital da Colônia, além deste ensino primário e secundário, ministrava-se o superior nas três faculdades de Teologia Dogmática, Teologia Moral (Casos de Consciência) e Artes (Filosofia). O século XVI terminava, até, com um curso de Artes, florescente e numeroso. Tinham-se matriculado nêle, em 1598, quarenta estudantes<sup>166</sup>.

Logo, é certo que para a montagem de todos esses cursos e aulas fossem utilizadas boas quantidades de livros, o que proporcionou a formação de bibliotecas de tamanho considerável como a do Colégio de Salvador — que chegou a contar com 15 mil volumes quando da expulsão da ordem do Brasil — e outras não menos importantes em outras regiões mesmo distantes da sede da colônia. Conforme afirma Rubem Borba de Moraes:

[...] Fato é que os jesuítas, no fim do século XVI, já tinham em Salvador uma biblioteca instalada em sala especial do seu colégio. Nas suas casas do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo o mesmo acontecia, embora em menor escala. A livraria do Rio, por exemplo, teve seu núcleo grandemente aumentado com a doação que lhe fez o visitador eclesiástico Bartolomeu Simões Pereira, que trouxe de Portugal sua biblioteca, quando veio para o Brasil em 1577. Falecido em torno de 1601, no Espírito Santo, deixou para o colégio do Rio metade de seus livros, incluídas todas as obras que possuía de direito civil e canônico<sup>167</sup>.

As bibliotecas jesuíticas, portanto, eram um elemento vital para o desenvolvimento do trabalho da ordem onde quer que estivesse estabelecida e não só isso, eram também centro de consulta para todo um grupo de estudiosos que tinham nelas suas únicas fontes de pesquisa para a elaboração de trabalhos seja de ordem científica, seja literária, afinal havia produção na colônia: “Muitos brasileiros escreveram aqui obras onde aparecem copiosas citações de autores

<sup>165</sup> FAUSTO, Bóris. *História Concisa do Brasil*. 3. ed. atual. e ampl., São Paulo: Edusp, 2018.

<sup>166</sup> LEITE, Serafim. *Páginas de História do Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 24-25.

<sup>167</sup> MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. p. 3.

ilustres”<sup>168</sup>, o que pode indicar a posse de livros, mas é mais provável terem sido consultados nas bibliotecas.

No que concerne às dos jesuítas, o acervo era composto por obras dos mais diversos temas, desde os voltados à religião, obviamente em maioria, até obras científicas relacionadas à matemática, botânica ou medicina, o que reafirma o interesse dos padres da Companhia em produzir e disseminar o conhecimento desde que dentro dos limites estabelecidos pela Igreja, o que justifica a presença de autores e obras bem distantes do universo religioso.

O ensino das ciências começa na Bahia, com as matemáticas, em 1757. A biblioteca possuía as obras de Clavius, de Kircher, e os livros de Newton e Descartes. Os elementos de matemática, de Boscovich, publicados em 1752, já estavam no colégio do Rio em 1759. A medicina estava bem representada. Os jesuítas nas missões eram os únicos médicos, e nos colégios suas farmácias eram tidas como as melhores. Quanto a filosofia e religião, parece óbvio que andariam bem representadas.<sup>169</sup>

É visível então a riqueza das livrarias dos jesuítas, no entanto, essas não eram as únicas que existiam no país, pois a partir de 1580 outras ordens religiosas chegam à colônia portuguesa. Beneditinos e franciscanos passam também a atuar no processo de catequização e na instrução dos jovens colonos, constituindo também suas livrarias para auxiliar na missão e prover — mesmo que não intencionalmente — a colônia desse mecanismo de armazenamento e difusão do saber.

Os beneditinos se estabeleceram em várias regiões onde fundaram seus mosteiros nos quais estava instalada uma livraria. Essa assertiva vem do fato de a leitura ser parte integrante da vida dos monges da Ordem de São Bento, sendo o trabalho intelectual tão valorizado quanto o manual ou a prática das orações, portanto, a formação de uma biblioteca era fundamental para a vida monástica em si. O mosteiro estabelecido em São Paulo<sup>170</sup> possuía uma boa livraria contendo obras de diversos temas, assim como os de Salvador, Rio de Janeiro e Olinda, todos enriquecidos com compra ou doações de livros feitas pelos abades.

As livrarias dos franciscanos também estiveram presentes em diversas capitâneas/províncias, pois se estabeleceram em várias regiões, inclusive em pequenas localidades. Os Frades Menores foram sempre relacionados ao ensino, sendo a franciscana uma das primeiras ordens a ter membros frequentando as universidades e realizando estudos em

---

<sup>168</sup> Idem. *ibidem*. p. 9.

<sup>169</sup> MORAES. *Op. Cit.* p. 10

<sup>170</sup> Sobre as obras constantes no acervo do Mosteiro de São Bento em São Paulo, ver o estudo de ARAÚJO, André. *Dos livros e da leitura no Claustro*: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para o estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVII). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

várias áreas, e apesar de São Francisco ir contra a posse de livros por considerá-la contrária ao voto de pobreza, este objeto, assim como suas bibliotecas acompanha os frades onde se estabelecem:

Pouco se sabe em profundidade sobre as bibliotecas franciscanas, temos notícia que as dos conventos importantes, como as de Salvador, do Rio de Janeiro e de São Paulo, eram excelentes e abrangiam todos os assuntos. Mas também nos pequenos conventos espalhados por todas as províncias do Brasil, os franciscanos tinham livrarias, haja vista a do convento de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, no litoral de São Paulo. Ali fundaram um convento em 1654 que teve sua época de esplendor e abrigou numerosos frades e uma livraria.<sup>171</sup>

No entanto, hoje já se sabe um pouco mais sobre alguns dos acervos dos franciscanos. Marisa Midori em seu já citado estudo analisa o processo da transformação de parte dessa biblioteca de grande importância no século XVIII, no acervo da Biblioteca Pública de São Paulo e sua posição de importância junto à Faculdade de Direito fundada pouco tempo depois<sup>172</sup>. Embora o estudo da historiadora foque em um período no qual a decadência das bibliotecas conventuais já era definitiva, é possível ter uma ideia do rico acervo remanescente do período anterior.

As livrarias conventuais tiveram sua importância inegável como repositório de saber no Brasil, sobretudo no período colonial, no entanto, acervos particulares também contribuíram para a difusão de ideias científicas, políticas e filosóficas, bem como de textos literários. E mesmo sendo privados não fugiam da relação com a Igreja, tendo em vista serem os clérigos os maiores possuidores de livros no período.

Nesse sentido, há alguns estudos que abordam esses acervos e o papel por eles desempenhado nas regiões onde se encontravam, como exemplo podem ser citadas as análises sobre as bibliotecas dos clérigos mineiros que viveram à época da Inconfidência. Esses possuíam bibliotecas que variavam de muito pequenas a razoáveis tendo em vista o período. O Cônego Luíz Vieira da Silva, inconfidente, possuía uma biblioteca com mais de 200 títulos<sup>173</sup>, os maiores acervos pertenciam àqueles que habitavam próximos aos conventos, mosteiros e seminários o que indica maior facilidade de acesso ao livro. No entanto, outros sujeitos como advogados, também possuíam acervos que possibilitavam a circulação das ideias entre seus

---

<sup>171</sup> MORAES, Op. Cit. p. 17.

<sup>172</sup> DEAECTO. Op. Cit.

<sup>173</sup> VILLALTA, Luís Carlos. Os Clérigos e os livros nas Minas Gerais da segunda metade do século XIX. *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, 1995. pp. 19-52. Outro estudo imprescindível sobre as bibliotecas de clérigos em Minas é o de Eduardo Frieiro, *O Diabo na livraria do Cônego*. São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1981.

pares e permitam que em torno delas se organizassem movimentos tais como o ocorrido em Minas Gerais.

Compreende-se então, que seja a nível institucional, seja privado, há a primazia do clero na constituição de acervos bibliográficos no Brasil até o início do século XIX, o que se relaciona também com o papel dos institutos religiosos na expansão do ensino e na formação intelectual de jovens de várias camadas da população, seja suprimindo o ensino de primeiras letras ou oferecendo formação superior nas faculdades por eles implantadas.

Essa função, no entanto, entra em declínio com as medidas pombalinas que visavam reduzir o poder da Igreja em diversos setores. Como governante esclarecido, o administrador da coroa portuguesa desejava a laicização do Império Lusitano e a instalação de políticas mais ligadas ao liberalismo passava pela educação, que deveria ser voltada para temas mais seculares como a ciência, por isso o Estado deveria prover a instrução nos territórios portugueses.

No Brasil, a proibição de Pombal de que fundassem novos conventos e a instituição do ensino leigo diminuem o papel dos conventos na formação intelectual dos jovens e, em fins do século XVIII, não representam mais o que representavam antes. Substituída pelos professores régios, a função dos conventos como centros de cultura e ensino começa a periclitir.<sup>174</sup>

Esse processo acaba por fazer declinar também as bibliotecas eclesiásticas. Com a expulsão da Companhia de Jesus e a proibição da instalação de conventos essas instituições foram sendo esquecidas, ou transferidas ou tendo seus acervos incorporados às instituições seculares como no caso da livraria franciscana que serviu e base para a formação da Biblioteca Pública de São Paulo. No século XIX, a crescente vontade dos Estados de alavancar o progresso e o desenvolvimento de suas nações fez com que esses aumentassem seus investimentos na instrução, vista como essencial no processo civilizador, o que concorreu para o aumento do número de bibliotecas públicas, sob o controle dos órgãos estatais, fato esse observado no Brasil.

No entanto, muitas bibliotecas religiosas, mesmo em estado crítico, permaneceram e outras foram criadas com a chegada das novas ordens religiosas ao país no Segundo Reinado, sobretudo os lazaristas e capuchinhos que terão um papel fundamental na retomada do processo de formação dos padres locais. Isso se dará diante da atuação desses religiosos nos seminários que ganharão uma grande importância dentro do processo de romanização emplacado pela Igreja Católica.

---

<sup>174</sup> MORAES. Op. Cit. p. 24.

Nesse sentido, segue-se no Ceará a tradição existente desde o medievo de se instalar bibliotecas nos mosteiros e seminários católicos, tendo em vista o fato do ato de ler estar mais que incorporado aos deveres da vida religiosa e por serem os livros instrumentos obviamente imprescindíveis para a instrução dos seminaristas. Com esse intuito iniciou-se a formação da Biblioteca conventual em Fortaleza.

Estabelecida no ano seguinte à fundação do seminário, em 1865, tornou-se, portanto, a primeira instituição oficial de acervo bibliográfico no Ceará, tendo em vista que a Biblioteca Pública Provincial só viria a ser fundada em 1867. Seu acervo, certamente composto, de início, pelos livros trazidos pelo bispo e pelos lazaristas que primeiro chegaram à Fortaleza, ampliou-se com o passar do tempo e garantiu o acesso dos mestres e estudantes aos conhecimentos tidos como necessários para a formação que ali se desejava fornecer.

À época da instalação do seminário a cidade de Fortaleza passava por mudanças em diversos aspectos. A inserção da cidade no sistema de economia-mundo<sup>175</sup> provocada pelo aumento da exportação, sobretudo do algodão, fez com que uma pequena elite burguesa passasse a se destacar e unida aos grupos dominantes já tradicionais desejava promover melhorias na cidade com o intuito de torna-la mais urbanizada, inspirada nos padrões de remodelamento e arquitetura europeus.

Entretanto, tal ordenação urbana e social foi menos sistemática do que pontual, mesmo quando se tornou mais intensa após a implantação do regime republicano. Essa pontualidade, porém, não minimizou os efeitos produzidos pelos investimentos realizados na sociedade local, tanto no controle da saúde, dos hábitos higiênicos e do comportamento da população, como nas alterações efetuadas (mesmo sem profundas cirurgias) no espaço e na arquitetura da capital cearense.

As iniciativas de remodelar e regular Fortaleza registraram-se lenta e crescentemente, de 1860 em diante, partindo tanto dos poderes públicos como da iniciativa privada, mas não de forma conjugada, pois não houve um planejamento sistematizado entre governantes, burgueses e médicos para tal fim. O que os alinhava era o objetivo de civilizar a capital e a população, estando ou não aqueles setores politicamente afinados.<sup>176</sup>

Esse intuito de civilizar a cidade foi marcado por ações em diversas searas, o trato com as camadas mais baixas e com aqueles considerados fora de adequação, os marginalizados, se deu de forma a garantir que sua presença na urbe fosse a mais disciplinada possível. Daí os atos que visavam o controle dos corpos e dos comportamentos e a criminalização de práticas que

---

<sup>175</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e Civilização capitalista*. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001

<sup>176</sup> PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)* – 3. ed. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. p. 32

não se encaixavam nos ideais da elite<sup>177</sup>, nesse ponto também era fundamental o papel da Igreja. Essa vinha com o discurso moralizador enquanto cabia ao Estado disciplinar os cidadãos.

Outro ponto importante para o progresso da província era a constituição de uma sociedade de cidadãos instruídos, por isso eram prementes os investimentos no setor de instrução pública. No entanto, a instrução primária continuava muito aquém do desejável com poucas escolas, isso quando as aulas não eram ministradas nas casas dos próprios professores, que também careciam de formação e cujo apadrinhamento era a forma mais comum de contratação, embora houvesse uma legislação acerca desse processo<sup>178</sup>. No ensino secundário não era muito diferente, além do Liceu (fundado em 1844) e do seminário havia poucos institutos particulares, fundados a partir da década de 1870 o que reitera a afirmação de que havia a preocupação com a formação intelectual dos filhos das elites, já que eram poucas as oportunidades para os jovens das classes mais baixas<sup>179</sup>.

Apesar das mudanças não terem se dado a efeito de forma ampla e efetiva, a ligação da cidade com as principais praças de comércio europeias fez com ela se tornasse o maior entreposto comercial da província e pelo seu porto chegavam todo tipo de mercadorias e dentre elas, os livros. As ideias mais em voga no período vinham também nos vapores, desembarcavam em Fortaleza e os valiosos suportes de leitura iam abastecer não só as poucas livrarias, mas também as estantes das bibliotecas e dos espaços destinados às letras cada vez mais presentes na capital.

Muitos debates ocorreram nos ambientes frequentados pela intelectualidade cearense do período, seja nas residências, cafés, nas redações dos grandes e pequenos periódicos e mesmo nos espaços reservados ao livro, que, apesar de poucos, passaram a fazer parte do cotidiano dos cearenses com maior ênfase a partir da segunda metade dos oitocentos. Além da Biblioteca do seminário, cujo acesso aos livros era restrito a seus professores e estudantes, havia outros acervos que estavam disponíveis para o público em geral, como o da Biblioteca Pública Provincial, das associações literárias ou dos gabinetes de leitura.

---

<sup>177</sup> BRAGA JÚNIOR. *Walter de Carvalho. Mulheres criminosas: transgressão, violência e repressão na Fortaleza do século XIX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

<sup>178</sup> VIEIRA, Sofia Lerche. *História da Educação no Ceará: sobre promessas fatos e feitos*. – 1ª. ed. reimpr. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

<sup>179</sup> LIMA, Rafaela Gomes. *Os Livros na Fortaleza Oitocentista: Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2014. Além da fundação dos institutos privados, nesse período houve o aumento na concessão de bolsas de estudo, as chamadas “subvenções”, estas podiam constituir uma relação de troca de favores entre aqueles que ocupavam cargos legislativos (senadores, deputados) e seus afilhados políticos. Cf.: VIEIRA. Op. Cit.

A Biblioteca Provincial foi fundada em 1867 durante a presidência de João de Souza Mello e Alvim (1823-1885) dentro do contexto de modernização e busca pelo progresso na cidade. A constituição de uma biblioteca era considerada como uma ação de caráter civilizatório, já que se entendia como avançada uma nação dotada de leitores e onde a presença e a circulação de impressos fosse ampla, embora a cidade de Fortaleza no período estivesse distante desse ideal, tendo em vista o predomínio do analfabetismo, como era regra no território nacional. A biblioteca foi instalada e um ano depois de sua fundação já contava com mais de três mil volumes entre obras de História, Geografia, biografias, romances etc.<sup>180</sup> e apesar de problemas tais como localização, conservação do acervo, horário de funcionamento, recebia proporcionalmente um bom número de consulentes.

Já no ano de 1875 foi fundado o Gabinete Cearense de Leitura que, apesar de ter sido uma iniciativa privada, logo passou também à esfera de público, sobretudo porque funcionava no mesmo edifício da Biblioteca Provincial. Os gabinetes de leitura foram espaços muito comuns nas cidades Brasileiras no século XIX<sup>181</sup> e no Ceará estiveram presentes em muitos locais, não só na capital. Dolor Barreira cita a existência desses lugares de leitura em Pereiro, Barbalha, Camocim, dentre outros<sup>182</sup>. Havia inclusive uma conexão e rede de leitores entre os gabinetes existentes na região norte do Ceará, o que indica a expansão da leitura e do objeto impresso, bem como a atuação de agentes do livro fora de Fortaleza<sup>183</sup>.

Além desses locais, existiram no período estudado algumas associações de caráter literário ou filosófico que tiveram importante papel na disseminação do conhecimento através dos livros e da leitura, também existentes em várias cidades cearenses, mas cita-se o exemplo de algumas que atuaram na capital. Entre elas há a deveras conhecida Academia Francesa fundada em 1872 por nomes como Capistrano de Abreu e Rocha Lima e o Clube Literário, surgido em 1886 em cujo quadro de membros figuravam Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Farias Brito e Rodolfo Teófilo<sup>184</sup>. Esses grêmios, além de possuir bibliotecas à disposição de

---

<sup>180</sup> PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a Biblioteca Provincial do Ceará na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

<sup>181</sup> Sobre os gabinetes de leitura e sua importância para a difusão da leitura no Brasil ver: MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura: Cidades, Livros e Leituras na Província Paulista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015 e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*. 1999. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

<sup>182</sup> BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. T. I. - Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.

<sup>183</sup> Ver: LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *Cultura letrada e caminhos da memória: intelectuais, leitura, imprensa e memória na zona norte do Ceará (1870-1890, 1907-1932, 1984-2003)*. Tese (Doutorado em História). Fortaleza, UFC, 2018.

<sup>184</sup> BARREIRA. Op. Cit.

seus membros, contendo além de livros, revistas e jornais de diversas partes do país, também se faziam presentes entre a população em geral através de aulas públicas, no caso da Academia Francesa e pela publicação de jornais de cunho literário, como a Revista *A Quinzena*, do Clube Literário.

Ou seja, no período da instalação do seminário e de sua Biblioteca e nas décadas imediatamente seguintes, a cidade de Fortaleza, bem como a Província do Ceará possuía poucas, porém importantes iniciativas de propagação da leitura, dos livros e dos impressos em geral. As ações de instituições como gabinetes e agremiações literárias, além de bibliotecas, serão consideráveis para a difusão do conhecimento em geral e em particular das ideias científicas, políticas e filosóficas em voga na época. Elas irão suscitar calorosos embates entre a intelectualidade laica e os membros da Igreja Católica desejosos de fortalecer a fé cristã baseada na obediência à Sé romana.

Assim, o seminário atuará como polo de difusão dos ideais católicos por meio da ação do bispo e de seus auxiliares na atuação junto às autoridades e ao laicato, assim como dos padres da Missão no sentido da formação dos sacerdotes imbuídos dos valores romanizadores, valores esses transmitidos não só pela palavra, mas também pelos livros que compunham o acervo de sua Biblioteca que se constitui enquanto patrimônio bibliográfico não só da Igreja, mas do Ceará.

### **3.2 O livro como patrimônio**

O estudo de uma biblioteca de obras raras leva o pesquisador a se deparar com grande riqueza de informações, livros dos mais diversos formatos, contendo os mais variados temas, produzidos em temporalidades e locais que nunca poderiam se imaginar unidos em um único espaço. Essa característica agregadora do acervo faz com que ele possa ser caracterizado como bem cultural e mesmo como patrimônio bibliográfico.

Na pesquisa aqui realizada trabalha-se com as obras raras da Biblioteca Pe. Luiz Magalhães Uchoa considerando-as como bens culturais móveis, visando compreendê-los como parte fundamental na formação de características culturais e sociais do povo cearense. Nesse sentido, faz-se necessário tratar de conceitos que serão importantes para a compreensão do acervo nesta perspectiva.

Desde o século XIX alguns países já possuíam políticas para defender produções consideradas representativas de suas culturas (obras de arte, produções escritas, arquitetura etc.), no entanto, é a partir da criação Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945 e mais precisamente, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)<sup>185</sup>, braço da primeira, que passaram a existir políticas internacionais de proteção e preservação dos bens patrimoniais materiais e imateriais dos países, sobretudo aqueles em constante ameaça de perda ou extravio por ocasião de instabilidade política, invasões ou guerras. Segundo as convenções da UNESCO/ONU são vários os objetos considerados bens culturais, entre eles: “Os manuscritos raros e incunábulo, livros antigos, documentos e publicações de especial interesse histórico, artístico, científico, literário, ou outro, que esteja avulso ou em coleções”<sup>186</sup>.

Observa-se então que a resolução contempla os objetos da produção escrita, sejam livros ou documentos. Assim, esses se enquadram em uma categoria definida como patrimônio documental, que engloba os acervos formados pelas diversas atividades administrativas e os fundos bibliográficos, ou seja, vai muito além dos livros, compondo-o também “os escritos criados em razão de uma atividade qualquer, como são os documentos de arquivo, e inclui

---

<sup>185</sup> Criada em 16 de novembro de 1945 a UNESCO conta hoje (2020) com 193 Estados-Membros, dentre eles o Brasil que estabeleceu sua representação em 1964. O órgão atua nas áreas de Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação. Cf: <https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>. Acesso em 09/04/2020.

<sup>186</sup> As categorias de bens culturais colocadas pela UNESCO são: Os bens de um Estado participante, que por motivos religiosos ou profanos, tenham sido expressamente submetidos a controles de exportação por razão da sua importância para a arqueologia, a pré-história, a história, a literatura, a arte ou a ciência, e que pertençam a uma ou várias das seguintes categorias: a) As coleções e os exemplares raros da fauna, da flora, os minerais e a anatomia, e os objetos de interesse paleontológico; b) Os bens de interesse para a história, incluída a história das ciências e as técnicas, a história militar e a história das sociedades, as religiões, assim como os bens relacionados com a vida dos dirigentes, pensadores científicos e artistas e outras figuras nacionais, e com acontecimentos de importância nacional; c) O produto das escavações ou descobrimentos arqueológicos, assim como de escavações ou descobrimentos clandestinos, sejam terrestres ou subaquáticos; d) Os elementos procedentes do desmembramento de monumentos artísticos ou históricos ou de sítios arqueológicos; e) Os objetos antigos, incluídos os utensílios, objetos cerâmicos, ornamentos, instrumentos musicais, objetos de alfaiataria, inscrições de todo gênero, moedas, selos gravados, joias, armas e restos funerários de qualquer natureza; f) Os materiais de interesse antropológico, histórico ou etnográfico; g) Os bens de interesse artístico como: i. Quadros, pinturas e trabalhos produzidos inteiramente a mão sobre qualquer suporte e em qualquer material (com exceção dos desenhos industriais e dos artigos manufaturados decorados a mão); ii. Obras originais de arte estatutuária e de escultura em qualquer material; iii. As gravuras, estampas, litogravuras e fotografias de arte originais; iv. Os conjuntos e montagens artísticas originais em qualquer material; h) Os manuscritos raros e incunábulo, livros antigos, documentos e publicações de especial interesse histórico, artístico, científico, literário, ou outro, que esteja avulso ou em coleções; i) Os selos de correio, selos fiscais e análogos, que estejam soltos ou em coleções; j) Os arquivos, incluídos os fonográficos, fotográficos e cinematográficos; k) Os objetos de mobiliário, equipamentos e instrumentos de música que tenham mais de 100 anos. Cf.: ASKERUD, Pernille; CLEMENT, Etinne (Ed.). La prevención del tráfico ilícito de bienes culturales: un manual de la UNESCO para la implementación de la Convención de 1970. [s.l.]: UNESCO, IPHAN, 1999. Apud: SANTOS, Renata Ferreira dos. *A proteção do patrimônio bibliográfico no Brasil: um estudo de caso em cidade histórica*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015. pp. 30-31. Grifo da autora.

qualquer objeto que leve uma inscrição ou mensagem sob uma perspectiva antropológica, como, por exemplo, os objetos de museus”<sup>187</sup>.

Assim, esse conceito abarca todas as produções nacionais de cunho intelectual, artístico, científico ou administrativo, advindas da capacidade intelectual de um povo e firmadas nos mais diferentes suportes<sup>188</sup>. Dito isso, entende-se ser pertinente para este estudo uma maior atenção acerca do tema do patrimônio bibliográfico, já que esse conceito é passível de ser aplicado ao acervo da Biblioteca do seminário de Fortaleza por esse ser entendido como conjunto de bens culturais.

A ideia de patrimônio bibliográfico ainda é pouco utilizada pelas bibliotecas, o que faz com que a maioria delas não crie políticas voltadas para a preservação de seu acervo raro, não há prática de patrimonialização desses bens, o que garantiria seu valor como bem de interesse público. O conteúdo das bibliotecas antigas em sua maior parte se encaixa nesse modelo patrimonial.

O patrimônio bibliográfico, como parte integrante do patrimônio documental, está conformado por um tipo de documento com características próprias, fundamentalmente determinado por sua informação de caráter bibliográfico, o que significa que é produto de um processo de edição, reproduzido em escala e com fins de distribuição ou comercialização; ademais, criado por vontade e intencionalidade do autor, em qualquer época; este tipo de patrimônio, historicamente tem sido conservado e organizado pelas bibliotecas.<sup>189</sup>

Logo, mesmo que todo material depositado nas bibliotecas possa ser por natureza, declarado como patrimônio bibliográfico, essa definição é marcadamente direcionada aos livros. O interesse está não só em seus conteúdos, mas em seu modo de produção, procedência e os usos deles feitos pelas comunidades o que os transformam também em objetos de memória. O fato de o livro estar relacionado intimamente com a vida intelectual dos homens o torna diferente de outros tipos de patrimônios por “[...]conter em si mesmo informação de valor

---

<sup>187</sup> JARAMILLO, Orlanda; MARÍN-AGUDELO, Sebastián-Alejandro. Patrimonio bibliográfico en la biblioteca pública: memorias locales e identidades nacionales. *El profesional de la información*, Barcelona, v. 23, n. 4, p. 425-432, Julio/Agosto 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/275989091\\_Patrimonio\\_bibliografico\\_en\\_la\\_biblioteca\\_publica\\_memorias\\_locales\\_e\\_identidades\\_nacionales](https://www.researchgate.net/publication/275989091_Patrimonio_bibliografico_en_la_biblioteca_publica_memorias_locales_e_identidades_nacionales). Acesso em 10/04/2020.

<sup>188</sup>Cf.: RODRIGUES, Marcia Carvalho. *Bibliotecas nacionais e a preservação do patrimônio documental bibliográfico no âmbito dos países do Mercosul: estudos sobre o depósito legal no Brasil e na Argentina* Tese (Doutorado em Memória social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2016.

<sup>189</sup> “El patrimonio bibliográfico, como parte integrante del patrimonio documental, está conformado por un tipo de documento con características propias, fundamentalmente determinado por su información de carácter bibliográfico, lo que significa que es producto de un proceso de edición, reproducido en escala y con fines de distribución o comercialización; además, creado por voluntad e intencionalidade del autor, en cualquier época; este tipo de patrimonio, historicamente ha sido conservado y organizado por las bibliotecas”. JARAMILLO e MARÍN-AGUDELO. Op. Cit. p. 428. Tradução nossa.

histórico, científico, tecnológico, arqueológico, natural, entre outros [...] <sup>190</sup>, e possibilitar, assim a compreensão de transformações histórias.

No Brasil ainda não há uma noção definida do que se considere patrimônio bibliográfico, estando ele relacionado à prática de depósito legal e o controle sobre a circulação de obras antigas. Aqui, concorda-se em aplicar o conceito às obras de caráter bibliográfico de valor histórico produzidas em território brasileiro ou fora dele, que tratem do país, escritas por autores nacionais ou estrangeiros e, particularmente para essa pesquisa, obras estrangeiras presentes nas bibliotecas brasileiras que colaboraram para a formação intelectual da nação <sup>191</sup>. Embora o conceito esteja em formação, as políticas para preservação desse tipo de bem tiveram origem ainda no Império.

Na década de 1840 foi promulgado o Decreto Legislativo nº 433 (3 de julho de 1847) que obrigava o depósito de obras impressas no Brasil na Biblioteca Nacional. A Primeira República enfatizou o depósito legal com o Decreto 1.825 (1907) considerado como primeira lei sobre patrimônio bibliográfico. Durante o período varguista houve alguns avanços com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico (1937) que tomou várias iniciativas no sentido de preservação e promoção desses bens, como a execução do projeto da *Brasiliana* que se referia aos impressos e manuscritos acerca do Brasil, nesse período também se deu a criação do Instituto Nacional do Livro. A Constituição de 1946 declara o Estado como protetor dos bens culturais nacionais. Durante a ditadura civil-militar houve a adesão às resoluções da UNESCO sobre preservação de bens móveis, no entanto, as políticas ligadas ao livro eram mais no sentido do controle da produção. Em 1970 foi firmado o *Acordo de Brasília*, cujo artigo 13º tratava da conservação do acervo bibliográfico nacional. No ano de 1983 foi criado o PLANOR (Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras) capitaneado pela Biblioteca Nacional. A Constituição de 1988, embora amplie o rol do que se considera bem cultural, não apresenta em seu texto os bens bibliográficos. Nos anos seguintes houve uma série de iniciativas por parte também da Biblioteca Nacional e de diversos outros órgãos, no sentido de divulgar os acervos raros do Brasil <sup>192</sup>.

A norma que apresenta uma definição mais pormenorizada de patrimônio bibliográfico no Brasil, é a normativa do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional),

---

<sup>190</sup> “[...] contener en sí mismo información de valor histórico, científico, tecnológico, arqueológico, natural..., entre otros [...]”. Idem. ibidem. p. 428. Tradução nossa

<sup>191</sup> Cf.: SANTOS. Op. Cit.

<sup>192</sup> Idem. ibidem.

que regulamenta o comércio de Antiguidades do país, a normatização caracteriza como materiais raros:

IX – Os livros antigos ou raros, desse modo consagrados na literatura especializada, ou que tenham valor literário, histórico ou cultural permanente:

a) a Coleção Brasileira: livros sobre o Brasil – no todo ou em parte, impressos ou gravados desde o século XVI até o final do século XIX (1900 inclusive), e os livros de autores brasileiros impressos ou gravados no estrangeiro até 1808;

b) a Coleção Brasileira: livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias, que tenham valor bibliofílico: edições da tipografia régia, primeiras edições por unidades federativas, edições príncipes, primitivas ou originais e edições em vida – literárias, técnicas e científicas; edições fora de mercado, produzidas por subscrição; edições de artista;

c) Os incunábulos, pós-incunábulos e outras edições impressas e gravadas, célebres ou celebrizadas, de evidenciado interesse para o Brasil, impressas artesanalmente nos séculos XV a XVIII (1800 inclusive), em qualquer lugar;

d) As publicações periódicas e seriadas, em fascículos avulsos ou coleções: títulos sobre o Brasil – no todo ou em parte, impressos ou gravados no estrangeiro até 1825; títulos impressos ou gravados no Brasil, de 1808 a 1900, inclusive; folhas volantes – papéis de comunicação imediata, originalmente soltos e esporádicos, impressas ou gravadas no Brasil, no século XIX (1900 inclusive); os títulos manuscritos, configurados como jornalismo epistolar, produzidos ou não sob subscrição no Brasil, no século XIX (1900 inclusive); os títulos célebres ou celebrizados, de evidenciado interesse para o Brasil, impressos ou gravados artesanalmente, nos séculos XVI a XVIII (1800 inclusive), em qualquer lugar.

X – Os exemplares de livros ou fascículos de periódicos representativos, respectivamente, da memória bibliográfica e hemerográfica mundial, avulsos ou em volumes organizados ou factícios, que apresentem marcas de colecionismo ativo ou memorial, tais como: ex libris, super libris, ex-donos e carimbos secos ou molhados; marcas de leitura personalizadas; marcas de exemplar de autor, com anotações autógrafas ou firmadas que evidenciam o amadurecimento e a redefinição do texto<sup>193</sup>.

Apesar de se referir mais detidamente a obras produzidas em território brasileiro ou que se refiram ao Brasil, o inciso X abre para a inclusão de produção bibliográfica estrangeira e suas marcas de propriedade. Isso é importante para a pesquisa ora realizada, pois boa parte das obras consideradas raras do acervo em análise é editada em outros países, algumas inclusive, contendo as citadas marcas de propriedade.

Nesse sentido, de preservação de acervos bibliográficos ou de bens culturais em geral, a Igreja Católica esteve à frente de vários Estados, no que se refere à criação de regras para a salvaguarda dos bens eclesiásticos considerados de valor artístico, histórico ou cultural para a Instituição e para o país no qual se encontra. No caso do Brasil essas determinações já estavam

<sup>193</sup> Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Instrução Normativa nº 01, de 11 de junho de 2007. Dispõe sobre o Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros, e dá outras providências. pp. 2-3. Disponível em : [http://portal.iphan.gov.br/files/Instrucao\\_Normativa\\_Negociantes\\_012007.pdf](http://portal.iphan.gov.br/files/Instrucao_Normativa_Negociantes_012007.pdf). Acesso em 10/04/2020

presentes no *Decreto Consistorial* de 1909 e na *Carta Pastoral e Coletiva* e na *Constituição Eclesiástica do Brasil*, ambas de 1915<sup>194</sup>.

O Código de Direito Canônico de 1917, no cânone 1522, incumbe os administradores do patrimônio eclesiástico a elaborar um inventário de seus bens culturais, determinação reafirmada no “Livro 5 – Os bens temporais da Igreja”, do Código atual promulgado em 1983:

Cân. 1283 — Os administradores, antes de iniciarem as suas funções:

- 1.º devem prometer, com juramento prestado perante o Ordinário ou seu delegado, que hão-de administrar bem e fielmente;
- 2.º redija-se um inventário exacto e discriminado, por eles assinado, das coisas imóveis, e das móveis quer preciosas quer de qualquer modo respeitantes aos bens culturais ou de outras coisas, com a sua descrição e avaliação; depois de redigido esse inventário, confira-se;
- 3.º um exemplar deste inventário conserve-se no arquivo da administração e outro no arquivo da cúria; e num e noutro anote-se qualquer alteração, que o património venha a sofrer<sup>195</sup>.

Todavia, apenas a existência da lei canônica não garantia que o objetivo de inventariar os bens para fins de conservação fosse realizado a contento, assim, em 1994 foi instalada a *Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja*. A Igreja Católica é uma das maiores detentoras de bens culturais no mundo, e sabendo disso a cúria instituiu esse órgão com o desejo não só de tomar conhecimento de todo o acervo cultural que possui, mas de apresentá-lo e torná-lo acessível ao público religioso e laico. A Comissão passou então “a presidir a tutela do patrimônio histórico e artístico de toda a Igreja (obras de arte, documentos históricos, patrimônios bibliográficos e aqueles que se conservam em museus, bibliotecas e arquivos)”<sup>196</sup>, além de colaborar com os demais órgãos episcopais para a preservação deste patrimônio.

Com relação às bibliotecas eclesiásticas, a Comissão as considera de grande importância para a história da Igreja, os livros nelas contidos são considerados como tesouros da experiência cristã e por isso devem ter um tratamento condizente. Nesse sentido, há a publicação do documento *Bibliotecas Eclesiásticas na Missão da Igreja* (19 de março de 1994) que trata da importância dessas instituições para propagação da fé e para promoção do conhecimento nas mais diversas áreas da produção intelectual do homem, monumentos de aprendizagem da cultura humana e cristã devendo, portanto, ser conhecidas e acessíveis para comunidade da

<sup>194</sup> SANTOS. Op. Cit.

<sup>195</sup> *CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO*. Promulgado por SS o Papa João Paulo II. Versão Portuguesa. Conferência Episcopal Portuguesa. Lisboa, 1983. p. 220. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acesso em 11/04/2020.

<sup>196</sup> *Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja*. Perfil. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_commissions/pcchc/documents/rc\\_com\\_pcchc\\_pro\\_20051996\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documents/rc_com_pcchc_pro_20051996_sp.html). Acesso em 11/04/2020.

igreja e civil. O documento também trata essas bibliotecas como locais de produção de saberes em diversas áreas, como religião, filosofia, direito, arte etc.

Além do mais, o que a Igreja está empreendida em conservar em suas bibliotecas é, agora mais que antes, de vital interesse para o desenvolvimento da cultura. E isto não é somente para o bem de um melhor conhecimento da tradição religiosa e eclesiástica, mas também para o benefício da história, das artes e das ciências da civilização a qual pertencemos e a qual nós mesmos ainda nutrimos. É por essa razão que a Igreja, enquanto oferece a todas as pessoas, onde quer que esteja presente, a possibilidade de usar suas bibliotecas tendo que prover as obrigações de proteção e gestão, objetivamente apela uma efetiva contribuição da sociedade civil. Isto feito, então que a Igreja também, da maneira que melhor lhe convier, pode participar da proteção, conservação e apreciação dessa imensa herança eclesiástica de valor universal<sup>197</sup>.

Logo, a preservação dos acervos bibliográficos católicos tem importância não só para a instituição, mas para as sociedades onde estão estabelecidos, tendo servido muitas vezes como único meio de acesso ao livro em determinadas localidades. A proposta é que os bispos assumam a tarefa de inventariar os acervos contando sempre que possível com o auxílio da sociedade civil, por meio de convênios com universidades, institutos de preservação patrimonial ou mesmo instituições privadas, mas se não for possível a Igreja deve assumir toda a responsabilidade e garantir a preservação.

Toda essa questão envolvendo guarda e preservação de acervos leva à outra, qual seja a definição do status da biblioteca que possui acervos antigos tal como biblioteca patrimonial ou histórica, no Brasil é mais comum a denominação de acervo de obras raras. Diante das várias nomenclaturas, Pedraza Gracia apresenta uma tentativa de definição para esses tipos de instituição:

Há uma casuística muito diversa nas bibliotecas que possuem fundos antigos: há as que possuem apenas livros antigos ou as que possuem também livros modernos, e entre as primeiras há as que mantêm a biblioteca da instituição como estava no passado (sem novas incorporações) ou aquelas que seguem adquirindo novas unidades e bibliotecas completas; e, entre as segundas, as que mantêm o fundo histórico da entidade sem mais aquisições e as que criam uma coleção de livros antigos para acompanhar os fundos modernos. Porém, não existe um consenso sobre a denominação que se pode dar a este tipo de centros: biblioteca histórica, biblioteca-museu, biblioteca patrimonial, biblioteca de investigação; nem o há quando se trata

---

<sup>197</sup> “In addition, what the Church undertaken to conserve in her libraries is, now more than ever before, of vital interest for the development of culture. And this is not only for the sake of a better knowledge of the religious and ecclesiastical tradition, but also for the benefit of history, the arts, and the sciences of the civilization to which we belong and which we ourselves still nourish. It is for this reason that the Church, while she offers to all people, wherever she is present, the possibility of using her libraries, having to provide for the serious obligations of protection and management which follow, objectively calls upon an effective contribution of civil society. This is done, so that the Church also, in the way that best suits her, can participate in the protection, conservation, and appreciation of this immense ecclesiastical heritage of universal value.” COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA OS BENS CULTURAIS DA IGREJA. *Bibliotecas Eclesiásticas na Missão da Igreja. Tópico 1.3*. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_commissions/pcchc/documents/rc\\_com\\_pcchc\\_19940319\\_bibliot\\_eche-ecclesiastiche\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documents/rc_com_pcchc_19940319_bibliot_eche-ecclesiastiche_en.html). Acesso em 09/04/2020.

de uma sessão da biblioteca: coleções especiais, fundo antigo, fundo patrimonial, tesouro, reserva, entre outros muitos. Uma análise de todos esses conceitos e suas implicações está sendo preparada na atualidade<sup>198</sup>.

A leitura do trecho citado permite inferir que o acervo histórico pode compor a totalidade ou parte do que é abrigado pela biblioteca, esse último caso é o que se aplica a pesquisa ora realizada, caracterizada pelo segundo tipo de biblioteca citado por Pedraza Gracia, a que guarda acervo histórico juntamente com obras atuais mantendo, portanto, o caráter de biblioteca de preservação, na qual as obras raras só ficam à disposição de pesquisadores com reserva e autorização prévias<sup>199</sup>.

Além da questão referente ao estatuto do livro como patrimônio, há outro aspecto considerado relevante para este estudo que tem como foco uma biblioteca estabelecida no século XIX, qual seja o modelo de organização adotado no acervo. Porém, diante da ausência de catálogo produzido à época da sua fundação e nos anos subsequentes, só cabe aqui conjecturar as formas pelas quais as obras eram postas nas estantes para facilitar o acesso de seus usuários. Portanto é pertinente oferecer um rápido estudo acerca das formas de catalogação já utilizadas nos acervos bibliográficos para que possa ser ter uma ideia do tipo de organização feito na Biblioteca Episcopal em estudo.

### **3.3 As bibliotecas devem crescer. A organização dos conhecimentos.**

Há séculos os seres humanos buscam organizar o conhecimento de forma a facilitar o acesso a ele e às informações necessárias ao aprimoramento e ao surgimento de novas formas de saber. Nesse sentido se constituíram as bibliotecas, não só como locais de depósito, de guarda de saberes, mas lugares onde estes ganham uma classificação e são ordenados por categorias e tipologias diversas para serem encontrados em meio a grandes quantidades.

---

<sup>198</sup> “Hay una casuística muy diversa en las bibliotecas que poseen fondos antiguos: las hay que poseen solamente libros antiguos o las que poseen además libros modernos, y entre las primeras las hay que mantienen la biblioteca de la institución como estaba en el pasado (sin nuevas incorporaciones) o las hay que siguen adquiriendo nuevas unidades y bibliotecas completas; y, entre las segundas, las que mantienen el fondo histórico de la entidad sin más adquisiciones y las que crean una colección de libros antiguos para acompañar a los fondos modernos. Pero no existe un consenso sobre la denominación que se puede dar a este tipo de centros: biblioteca histórica, biblioteca-museo, biblioteca patrimonial, biblioteca de investigación; ni lo hay cuando se trata de una sección de la biblioteca: colecciones especiales, fondo antiguo, fondo patrimonial, tesoro, reserva, entre otros muchos. Un análisis de todos estos conceptos y sus implicaciones se está preparando en la actualidad” PEDRAZA GRACIA, Manuel José. Algunas reflexiones sobre bibliotecas históricas o patrimoniales: nuevo paradigma entre los centros y servicios de información. *Investigación bibliotecológica*, México, v. 28, n. 64, p. 33-50, sept. /dic. 2014. p. 34. Tradução nossa.

<sup>199</sup> FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro*: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

Segundo James Thompson, um dos princípios da biblioteconomia é o de que a biblioteca deve crescer<sup>200</sup> e sendo observado esse princípio, os critérios de organização devem ser os mais claros para facilitar o acesso às informações contidas no acervo proporcionando o surgimento de novos conhecimentos. Nesse sentido, desde o aparecimento dos primeiros acervos, houve a necessidade de organizá-los, sobretudo quando se tem em mente a ideia de acumular todo o conhecimento possível, seguir o paradigma alexandrino da biblioteca universal, do acúmulo de todo o saber existente, tal como a biblioteca hexagonal de Borges, na qual “Não havia problema pessoal ou mundial cuja eloquente solução não existisse: em algum hexágono”<sup>201</sup>. Se há o desejo de se acumular todo o conhecimento existente deve haver também a busca por uma maneira de organizá-lo de forma que esteja acessível. Nesse sentido, no que concerne à História do Conhecimento pode-se compreender as formas como este foi sendo desenvolvido e assentado não só nas bibliotecas, mas em outros espaços dedicados ao saber tendo, porém, no livro sua principal forma de difusão e reprodução.

Compreender de que forma se deram alguns processos de gestão do saber permite avaliar o papel de instituições como o Estado e a Igreja ou de membros das camadas intelectuais no ato de validar a busca por noções e determinar, inclusive o grau de importância entre elas, permitindo a observação e a análise da posição que ocuparam nos modelos de organização das bibliotecas em diversos períodos de sua existência.

Desde o seu surgimento o livro esteve interligado ao saber. Por ter sido o meio de comunicação dominante durante séculos, ele se estabeleceu como principal fonte para obtenção de informações, mesmo que tenham surgido outros locais dedicados à pesquisa como os laboratórios ou gabinetes de curiosidades. E mesmo com esses espaços, tudo acaba por fim retornando aos livros, sendo neles transpostos, por exemplo, as imagens e inscrições de

---

<sup>200</sup>O autor enumera 15 princípios da biblioteconomia que vão da razão de ser das bibliotecas ao trabalho dos bibliotecários. Os princípios são os seguintes: 1. Bibliotecas são criadas pela sociedade; 2. Bibliotecas são centros de poder; 3. Bibliotecas são para todos; 4. Bibliotecas devem crescer; 5. Uma biblioteca nacional deve conter toda a literatura nacional, com alguns representantes de outras literaturas nacionais; 6. Todo livro é para uso; 7. Um bibliotecário deve ser uma pessoa de educação; 8. Um bibliotecário é um educador; 9. O Papel do bibliotecário só pode ser importante se for integrado ao sistema social e político em vigor; 10. Um bibliotecário precisa de treinamento e/ou aprendizagem; 11. É o dever de um bibliotecário aumentar o estoque de sua biblioteca; 12. Uma biblioteca deve ser organizada em algum tipo de ordem, e uma lista de seu conteúdo, fornecida; 13. Como as bibliotecas são armazéns de conhecimentos, elas devem ser organizadas de acordo com o assunto; 14. A conveniência deve ditar como os assuntos devem ser agrupados na biblioteca e 15. Uma biblioteca deve possuir um catálogo de assuntos. THOMPSON, James. *A history of the principles of librarianship*. Londres: Clive Bingley LTD; Connecticut: Imprint of the shoe string press, 1977.

<sup>201</sup> BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In.: *Ficcões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 74.

expedições ou descobertas científicas<sup>202</sup>, de modo a reduzir a carga material que se armazenaria nesses espaços de pesquisa.

O que é então a informação? O que os membros de uma expedição devem levar, na volta, para que um centro possa fazer uma ideia de outro lugar. Porque passar pela mediação de um veículo, de um desenhista, por que reduzir à escrita, por que simplificar a ponto de levar apenas alguns frascos? [...] Ora, a informação permite justamente limitar-se à forma, sem ter o embaraço da matéria.<sup>203</sup>

Embora nem sempre a referência colhida acabe sendo transformada no escrito, é nele que se exporá o conhecimento fruto do processamento da informação pela mente humana. Os livros contêm ideias e os sujeitos estabeleceram em torno deles, em diferentes épocas, núcleos de estudo e irradiação do saber, denominados por Burke como “sedes do conhecimento”, tais como as bibliotecas, os mosteiros medievais, as universidades, e mesmo as casas impressoras e livrarias<sup>204</sup>.

Livros existem de muitos tipos e sobre uma quantidade inimaginável de temas e a ordem na qual esses assuntos estarão dispostos nas bibliotecas depende de uma hierarquia de saberes e de que forma estão categorizados. Qual então a ordem dos livros na biblioteca? Desde a Antiguidade os conhecimentos estão agrupados em grandes áreas como História, Artes, Ciências, Matemática, e com o passar dos séculos, com o surgimento de novas questões que perpassam a existência dos sujeitos e das sociedades, novas áreas foram surgindo tais como Economia e Política. E é com base nesses assuntos ou temáticas que as obras são organizadas no acervo.

A classificação dos conhecimentos como já dito, é tão antiga quanto os acervos, no entanto, é a partir da Idade Média com o surgimento das universidades que ela se dará de forma mais efetiva no intuito de auxiliar nas metodologias de ensino e estudo. Logo, a disposição das obras se relacionava com as disciplinas ministradas nos cursos, assim por muito tempo estavam ligadas às classificações e subdivisões do *trivium* e do *quadrivium*

O princípio de que bibliotecas devem ser organizadas de acordo com o assunto continua em evidência durante a Idade Média. [...] se o tamanho de uma biblioteca medieval garante isso, os livros estão amplamente classificados por assuntos e algumas vezes por tamanho e aquisição. Livros de Teologia devem ser agrupados separadamente de trabalhos seculares, obras em Latim de obras em outros idiomas; livros didáticos de trabalhos mais avançados. As obras religiosas devem ser subdivididas em outras categorias – escrituras, comentários, bibliografias, livros de serviço; e as obras seculares devem ser organizadas de acordo com o *trivium* e o

---

<sup>202</sup> LATOUR, Bruno: Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN e JACOB. Op. Cit.

<sup>203</sup> Idem. p. 23.

<sup>204</sup> BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

*quadrivium*, o currículo de ensino medieval (o primeiro compreendendo gramática, lógica e retórica, e o seguinte aritmética, geometria, música e astronomia).<sup>205</sup>

Percebe-se, então, que as obras para o ensino chamadas de seculares estavam divididas de uma maneira, enquanto as religiosas recebiam outro tratamento e classificação. Essas se referiam aos estudos iniciais, pois ao prosseguir o estudante poderia escolher entre os três cursos superiores, Teologia, Direito ou Medicina, sendo o Direito dividido entre o Civil e o Canônico, “Era em geral considerado como de status mais elevado que a Medicina, mas menos que a Teologia, conhecida como a ‘rainha das ciências’”<sup>206</sup>.

Esse esquema foi o predominante durante o período medieval e início da Era Moderna quando outras disciplinas foram sendo agregadas. Conforme a modernidade avançava outros esquemas de classificação do conhecimento foram sendo pensados saindo dessa divisão curricular e voltando para a esfera do pensamento filosófico. Os humanistas centravam-se no modelo romano que valorizava as humanidades, mas foi Francis Bacon que formulou uma divisão de conhecimentos na qual esses eram classificados em três seções cada uma ligada a uma faculdade mental: memória, imaginação e razão.<sup>207</sup> O sistema de Bacon perdurou por tempo considerável já que foi adotada pelos enciclopedistas<sup>208</sup> e inspirou sistemas de organização de bibliotecas ainda utilizados no século XXI.

<sup>205</sup> “The principle that libraries should be arranged according to subject continued to be in evidence during the Middle Ages. [...] if the size of a mediaeval library warranted it, the books were broadly classified by subject, and sometimes by size or acquisition. Theological books might be grouped separately from secular works; Latin works from works in other languages; textbooks from more advanced treatises. The religious works might to be subdivided into further categories – scriptures, commentaries, bibliographies, service books; and the secular works might be arranged according to the *trivium* and *quadrivium*, the mediaeval teaching curriculum (the former comprising grammar, logic and rhetoric, and the latter, arithmetic, geometry, music and astronomy)”. THOMPSON. Op. Cit. p. 143. Tradução nossa.

<sup>206</sup> Segundo Burke. 2003 Op. Cit. p. 87.

<sup>207</sup> BURKE. 2016. Op. Cit. Bacon formulou sua classificação pautado no sujeito do conhecimento e não em seu objeto o que a fez um guia para o ensino do saber, foi apresentada na obra *Instauratio magna scientiarum* (1620). A classificação se sistematiza da seguinte forma: “**Poesia**: conhecimento elaborado pela experiência da fantasia ou da imaginação. **História**: conhecimento elaborado pela experiência da memória; subdivide-se em: História natural: registro dos acontecimentos do mundo físico ao longo do tempo e do espaço; História civil: registro dos acontecimentos do mundo humano, ou seja, das civilizações, ao longo das suas épocas e dos seus locais; **Ciência ou filosofia**: conhecimento elaborado pela experiência da razão; subdivide-se em: Filosofia primeira (Philosophia prima): estudo dos princípios comuns às várias ciências; Teologia natural: conhecimento racional de Deus, ou Teodiceia); Ciência do homem: trata-se de uma espécie de antropologia filosófica, já que lida com o conhecimento racional do ser humano; bifurca-se em: \* Filosofia da humanidade (Philosophia humanitatis): ciência do homem individual; é o estudo da estrutura física e psíquica do ser humano, algo como uma psicologia ou fisiologia humana; \* Filosofia civil (Philosophia civilis): ciência da sociedade humana; diz respeito à arte de governar, bem como às relações e aos negócios humanos; **Filosofia natural ou física** (conhecimento racional da natureza), que, por sua vez, subdivide-se em: \* Física especulativa: estudo das causas naturais primeiras; bifurca-se em: # Física especial: estudo as causas material e eficiente; # Metafísica: estudo das causas formal e final; \* Física operativa: estudo das artes mecânicas.” Cf.: BATISTA, Gustavo Araújo. Francis Bacon: para uma educação científica. *Revista Teias* v. 11 • n. 23 • p. 163-184 • set./dez. 2010. p. 174-175.

<sup>208</sup> “[...]D’Alambert deixava claro que o conhecimento provinha dos sentidos, e não de Roma ou da Revelação. O grande agente ordenador era a razão, que combinava as informações dos sentidos, trabalhando com as faculdades

O sistema do filósofo inglês não excluiu a Teologia, no entanto, ele e posteriormente os autores da *Enciclopédia* a colocaram num nível mais abaixo que os saberes derivados da experiência humana, segundo Robert Darnton: “Diderot e D’Alambert haviam destronado a antiga rainha das ciências, reordenado o universo cognitivo e nele realocado o homem, deixando a divindade do lado de fora”<sup>209</sup>. O que se observa é o desejo de obter uma classificação de saberes mais racional, filosófica, o que vai interferir diretamente na classificação dos acervos bibliográficos.

O aumento da produção de livros impressos provocou acentuado crescimento das bibliotecas, o que exigiu sistemas de classificação que contemplassem o universo de novos assuntos que passaram a existir. Vários métodos foram utilizados para a organização dos livros nas estantes, seja por data de publicação, tamanho, língua, origem etc., confundindo organização com classificação.<sup>210</sup> Nesse sentido, o surgimento dos catálogos e das bibliografias é de fundamental importância para a intenção de guiar o leitor no seu processo de busca, assim, mesmo que os grandes sistemas de classificação tenham surgido a partir da modernidade, o processo de catalogação dos conhecimentos escritos surgiu juntamente com as bibliotecas e estes se desenvolvem de acordo com as necessidades de cada época e sociedade, justamente por isso a ciência que se passou a denominar de biblioteconomia tem origens nos mais antigos sistemas de catalogação, mas não se observa nela algo semelhante a um desenvolvimento gradual dos processos, pois: “Os antigos eram proficientes na arte como nós somos hoje, mas seus métodos eram diferentes. Assim é ao longo do tempo, e, portanto, isso não é história, mas pesquisa de métodos usados para compilar listas de livros”<sup>211</sup>.

Apesar da longa existência dos processos de catalogação, a biblioteconomia no sentido estrito de organização dos saberes nas bibliotecas tem reconhecido como ponto de partida o século XVII, principalmente quando da publicação da obra de Gabriel Naudé (1600-1653), *Advis pour dresser une bibliothèque* (Orientação para montar uma biblioteca – 1627). Não

---

irmãs, memória e imaginação. Assim, tudo o que o homem conhecia derivava do mundo que o cercava e do funcionamento de sua própria mente. A Enciclopédia defendia o argumento graficamente, com a gravura de uma árvore do conhecimento mostrando como todas as artes e ciências originavam-se das três faculdades mentais. A filosofia compunha o tronco da árvore, enquanto a teologia ocupava um tronco mais remoto, vizinho à necromancia.”. DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 18.

<sup>209</sup> DARNTON. Op. Cit. p. 18.

<sup>210</sup> MCKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. In: BARATIN e JACOB. Op. Cit.

<sup>211</sup> “The ancients were the proficient in the art as we are to-day, but their methods were different. So is throughout the ages, and therefore this is not a history, but a survey of the methods used for compiling lists of books”. NORRIS, Doroty may. *A history of cataloguing and cataloguing methods, 1100-1850*. Londres; Grafton, 1939. p. vii. Setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

obstante ser uma obra marcada pelas transformações de seu tempo, o *Advis* já traz em si um dos princípios fundamentais da biblioteconomia, a ideia de favorecer ao máximo o acesso aos livros com classificações simples e de fácil acesso<sup>212</sup>. O sistema de Naudé dividia os conhecimentos em Teologia, Medicina, Bibliografia, Cronologia, Geografia, História, Arte Militar, Jurisprudência, Direito Canônico, Filosofia, Política e Literatura, rubricas nas quais se encaixavam diversos outros temas.

Depois de Naudé, muitos outros se empenharam em criar metodologias eficazes para a classificação, sobretudo com a melhoria dos catálogos, como o catálogo sistemático publicizado por Leibniz ou o alfabético<sup>213</sup> e outras formas de organizações de bibliotecas e o aumento das publicações das bibliografias. No entanto, é no século XIX que surgirão bases mais sólidas para a biblioteconomia e sistemas que se tornarão mundialmente utilizados.

É também na passagem dos setecentos para os oitocentos que se dá o surgimento de outra ciência ligada ao livro, a Bibliologia. Nesse período de contexto epistemológico marcado pela especialização dos saberes destacou-se a figura de Gabriel Peignot, cuja obra *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie* (1802) marcou o desenvolvimento dessa nova área. Nesse período a bibliologia caracteriza-se como “Ciência que se ocupa com os princípios elementares, a origem, a história, a divisão, a classificação e tudo aquilo que é relativo à arte de analisar e de conservar signos, hieróglifos, manuscritos e impressos.”<sup>214</sup>. Para Peignot a ciência do livro é a dos registros de conhecimento e em seu trabalho descreveu inúmeros esquemas utilizados para a classificação das obras, além de explicar que cada livro tem seu lugar próprio dentro do universo de rubricas e lá será encontrado, pois foi lá posto de acordo com a ordem alfabética.<sup>215</sup>

Concomitante aos estudos de bibliologia, os esquemas de catalogação também adquiriram novas características e nas primeiras décadas do século XIX surgiram alguns que contribuíram para o estabelecimento de uma padronização dos esquemas. Martin Schrettinger publicou seu *Bibliothek-Wissenschaft* (1809-1829) definindo a biblioteconomia como a união dos métodos necessários para a organização das bibliotecas e cuja função principal é assegurar

---

<sup>212</sup> REVEL. Op. Cit. Antes de Naudé houve outros autores de importância na área da bibliografia, como Konrad Gesner e Andreas Schottus, no entanto o estudo do bibliotecário da Mazarina é considerado como o primeiro tratado escolar do gênero.

<sup>213</sup> BARBIER. Op. Cit. 2018a

<sup>214</sup> SALDANHA, Gustavo Silva. Sobre a bibliologia entre Peignot, Otlet e Estivals: vertentes de um longo discurso “metaepistemológico” da organização dos saberes. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v.25, n.2, p. 75-88, maio/ago. 2015. p. 77.

<sup>215</sup> MCKITTERICK. Op. Cit.

o fácil e rápido acesso aos documentos.<sup>216</sup> Em 1825, Thomas Hartwell Horne propôs seu esquema para o Museu Britânico, *Outlines for the classification of a library, submitted to the Trustees of the British Museum* que é adotado na década de 1830 e se torna um modelo utilizado na maioria das bibliotecas europeias e americanas. Uma publicação do Escritório de Educação dos Estados Unidos, datado da década de 1870 exemplifica esse modelo de catalogação:

(...)Toda obra deve ser catalogada de acordo com seu autor ou com a primeira palavra do título exceto um artigo, no caso do autor ser desconhecido. Deve-se também catalogar de acordo com seu título. (...) A proposta da catalogação é mostrar qual é o livro, quem é o autor (ou autores), o que ele contém e sua marca: se o título é longo, é resumido. O local e data de publicação, o tamanho, o número de volumes, e o número de acesso deve ser fornecido em qualquer instância; e referências cruzadas quando necessárias devem ser feitas. (...) As regras modernas são baseadas no sistema utilizado pelo Museu Britânico.<sup>217</sup>

O excerto permite inferir que durante boa parte do século XIX o esquema do Museu Britânico foi o predominante. Ele era baseado no modelo de localização fixa e é de fácil identificação quando são analisadas obras pertencentes aos setores de obras raras das bibliotecas que passaram por classificação nos oitocentos<sup>218</sup>. Ainda é utilizado para a organização desse tipo de acervo por ser mais propício à conservação das obras por não provocar deslocamentos constantes, ao contrário de outros sistemas como o decimal. O sistema fixo também é descrito por Léopold-August Constantin, o primeiro a utilizar o termo biblioteconomia em seu *Nuevo manual completo para el arreglo, la conservacion y la administracion de las bibliotecas*, publicado pela primeira vez em 1841, nele explica que para encontrar mais facilmente os livros “Se põe sobre os armários da biblioteca a letra da classe que cada um deles possui e se indicam nas bordas das mesas os primeiro e o último número ali colocados”<sup>219</sup>

<sup>216</sup>SANTOS, Ana Paula Lima dos. e RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jul./dez. 2013.

<sup>217</sup>“(...) Every work must be catalogued under its author or under the first word of the title not an article, in case the author be not known. It must also be catalogued under its title. (...) The purpose of cataloguing being to show what the book is, who is the author (or authors), what it contains, and its imprint: if the title is long, it is abridged. The place and date of publication, the size, the number of volumes, and the accession number must be given in every instance; and cross-reference, when necessary, must be made. (...) The modern rules are based on the system used by the British Museum.” Department of the interior, bureau of education. *Public Libraries in the United States*. Their History, condition and management. Part 1. Washington: Government Printing Office, 1876. p. 490. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Tradução nossa.

<sup>218</sup> A identificação é possível observando as etiquetas de localização nas obras, compostas por letras e números. A catalogação nesse sistema se caracteriza da seguinte forma: “Every book must have a shelf mark which will indicate its place on the shelf, and distinguish it from every other book in the library. (...) One is to designate the cases by the letters of the alphabet, numbering the shelves in each case, and numbering the works consecutively as they stand on the shelves. By this plan, the shelf mark ‘A, 24, 10-2’ would mean ‘case A, 24<sup>th</sup> shelf, 10<sup>th</sup> work, 2d volume’.” Idem. *Ibidem*. p. 493.

<sup>219</sup> “Se pone sobre los armários de la biblioteca la letra de la classe que cada uno de ellos encierra y se indica sobre el borde del espeso visible de las tablas los primeros y los últimos números que se encuentran allí colocados.” CONSTANTIN, L. A. *Nuevo manual completo para el arreglo, la conservacion y la administracion de las*

Outra obra de relevo para a história da classificação é a de Edward Edwards *Memoirs of Libraries: including a Handbook of Library Economy*, publicado em 1859, na qual o autor, além de se propor a escrever uma história da evolução das bibliotecas, traça um esquema para a organização de bibliotecas públicas<sup>220</sup>.

No entanto, o sistema de classificação e organização de acervos bibliográficos que mais se destacou e conseguiu se efetivar como esquema dominante foi o proposto por Melvil Dewey. Publicado em 1876, *Uma classificação e índice de assuntos para catalogação e organização de livros e panfletos de uma biblioteca* traz a ideia do sistema de classificação decimal ou Classificação Decimal Universal (CDU), utilizada até hoje nos acervos documentais de bibliotecas públicas e universitárias.

O esquema de Dewey possui apenas nove classes, excluindo Obras gerais (000) – Filosofia (100), Religião (200), Ciência Social (300), Linguagem (400), Ciência Pura (500), Tecnologia (600), Artes (700), Literatura (800) e História (900). Essas nove classes 100-900, são subdivididas novamente de 1-9, e então uma terceira vez de 1-9, e então decimalmente de 1-9 indefinidamente. Assim, 500 é Ciência; 510 Matemática; 512 Álgebra; e 512.2 corresponde a equações algébricas. O esquema usa vários recursos mnemônicos em suas várias divisões – por exemplo em divisões geográficas há um padrão de dígitos regular e familiar onde quer que ocorra.<sup>221</sup>

Além da criação desse sistema, o estadunidense também foi responsável pela padronização das fichas de catálogos e pelas iniciativas de reconhecimento da profissão de bibliotecário, tendo participado da fundação ainda em 1876 da ALA (American Library Association), que serviu de modelo para a Associação dos Bibliotecários Ingleses fundada um ano depois e criado o primeiro curso especializado em biblioteconomia na Universidade de Colúmbia em 1887<sup>222</sup>.

Avançar mais no tempo para apresentar as inovações no campo da biblioteconomia não é pertinente neste trabalho, pois o recorte temporal da pesquisa se encerra antes que o século XIX entre em sua última década. Assim, se conclui que o citado século se configurou como um período de avanço nas práticas de classificação e catalogação dos conhecimentos e organização

---

*bibliotecas*. Madrid: Imprenta de las escuelas pias, 1865. p. 29. Acervo do Real gabinete Português de Leitura. Tradução nossa.

<sup>220</sup>PINHEIRO, Ana Virgínia (Org). *Livros raros de biblioteconomia: a memória científica da Biblioteca Nacional brasileira*. Catálogo. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

<sup>221</sup> “Dewey’s scheme has only nine classes, excluding General Works (000) – Philosophy (100), Religion (200), Social Science (300), Language (400), Pure Science (500), Technology (600), Arts (700), Literature (800), and History (900). These nine classes, 100-900, are subdivided again 1-9, and then a third time 1-9, and then decimally 1-9, indefinitely if required. Thus 500 is Science; 510 is Mathematics; 512 is Algebra; and 512.2 is Algebraic equations. The scheme uses many mnemonic devices in its various subdivisions – for example, in geographical division wherever it occurs, there is a regular and familiar pattern of digits”. THOMPSON. Op. Cit. p. 150. Tradução nossa.

<sup>222</sup> BARBIER. Op. Cit. 2018a

dos mesmos nas bibliotecas, seja com o aparecimento dos sistemas classificatórios, seja com o aperfeiçoamento de procedimentos e recursos como o uso das fichas padronizadas ou a substituição dos catálogos sistemáticos pelos alfabéticos.

Nos oitocentos as bibliotecas passam a ser vistas como instituição específica, com organização própria e sendo instalada em edifícios próprios. Esse período também traz uma mudança nos hábitos de leitura e nos tipos de leitores, pois a ascensão de sistemas democráticos tornou mais livre o acesso ao livro e demais impressos e a ampliação das redes de ensino fez com que as bibliotecas passassem a prover cada vez mais o desejo do crescimento intelectual.

O barateamento do papel, a modernização do maquinário e do processo de impressão acabaram por provocar a redução do preço dos livros, o que favoreceu tanto o aumento do acesso a esse bem por mais camadas das populações ao redor do globo, como também o crescimento dos acervos das bibliotecas. Esse incremento fez com que começassem a surgir acervos muito grandes, com dezenas de milhares de volumes, e, portanto, os sistemas de organização tiveram que ser ainda mais aprimorados para que fornecessem os subsídios necessários para que o acesso ao conhecimento armazenado nas bibliotecas fosse mais fácil e atendesse aos diversos tipos de público que agora as frequentavam.

Assim, tendo agora a noção das tipologias de catalogação das bibliotecas durante o período estudado, se pode concluir que o sistema comumente utilizado para a catalogação das obras do acervo em estudo era o de localização fixa, embasado também no fato de algumas obras ainda conterem essa identificação vista em algumas etiquetas ainda remanescentes. Assim sendo, pode-se adentrar no acervo em estudo. Diante da caracterização do agregado da Biblioteca do seminário da Prainha como fundo histórico, constituído por livros de relevância para o estudo sobre o ensino da doutrina cristã e sobre os temas mais relevantes debatidos nos oitocentos, se pretende fazer uma análise das obras, realizando, primeiramente um estudo acerca das principais características de seu conjunto.

### **3.4 Index librorum: o acervo da Biblioteca Episcopal.**

[...] Quanto à parte literária, é o convento de Santo Antônio o que mais avulta, contendo uma biblioteca de quase 2.000 volumes; mas, por negligência, acham-se muitos, quase todos, danificados a ponto de não poderem servir. Estão arrumados em sete ou oito estantes sem ordem alguma e colocados em uma sala incômoda para o estudo, por ser vivamente ferida pelo sol, sem uma mesa de estudo, sem uma cadeira [...] Não havendo catálogo na biblioteca, tive de percorrer os volumes um por um para

que ao menos soubesse o que eles continham, e na esperança de encontrar entre eles livros dos que faltam nas nossas principais bibliotecas, ou algum manuscrito esquecido: são volumes de teologia casuística, de filosofia rançosa, que ao abrir-se pareciam estranhar e queixar-se da mão, que os importunava no descanso morto, em que jaziam<sup>223</sup>.

A descrição feita acima por Gonçalves Dias bem poderia se referir a várias bibliotecas conventuais existentes no Brasil, não só à época do texto como nos dias presentes, inclusive, ao fundo bibliográfico que serve de fonte para este estudo. Também a condição de consulente/pesquisador do escritor poderia se igualar à de vários estudiosos desse tipo de acervo. Por muito tempo as livrarias eclesiásticas passam por processos de desaparecimento, provocado por vários fatores relacionados à manutenção, questões internas da Igreja como fechamento de mosteiros, conventos ou seminários, pelas reduções nos quadros das diversas ordens religiosas, ou mesmo o desinteresse em manter os acervos. Quando a biblioteca perdura, muitas vezes há um grande descuido pela preservação de seus fundos antigos que podem ser considerados bens culturais de alto valor. Algumas instituições, sobretudo nas maiores e mais antigas dioceses, fogem a essa regra e estabeleceram uma política de preservação de suas obras raras, no entanto o que se observa na maioria dos casos é uma desvalorização desse patrimônio.

Diante do que foi discutido acima e tratando a Biblioteca Episcopal como biblioteca histórica e possuidora de patrimônio bibliográfico, cabe caracterizá-la mais apropriadamente como mantenedora de fundo bibliográfico antigo<sup>224</sup>. Não se considera que ali haja uma coleção<sup>225</sup>, pois não existe a manutenção nem o aumento da mesma por meio de novas aquisições, portanto, toma-se aqui a Livraria como biblioteca histórica de fundo antigo e sim, patrimonial, pois mesmo apresentando-se descontextualizados os documentos de biblioteca são independentes e atemporais. “Na biblioteca, o documento vale por ele próprio, relaciona o

---

<sup>223</sup> Trecho do relatório de Gonçalves Dias acerca da Biblioteca do Convento de Santo Antônio em São Luís. Apud MORAES. Op. Cit. p. 26.

<sup>224</sup> Segundo PEDRAZA GARCIA. “De manera general, un fondo es un conjunto documental que llega hasta el presente y se caracteriza por poseer un origen común que lo dota de sentido, por lo que debe mantenerse reunido[...]”. Op. Cit. p. 46.

<sup>225</sup> “A existência de uma coleção distingue uma biblioteca de outra, individualiza-a; a alma da biblioteca é a coleção. A coleção reflecte a organização, simboliza o desenvolvimento racional de um manancial informativo em permanente acumulação, ao serviço de um objectivo, ao longo do tempo. À volta de uma coleção, a biblioteca define-se, cresce para servir um determinado público. A consistência de uma coleção pode fidelizar o seu público. A força de uma coleção depende do seu permanente desenvolvimento e enriquecimento. A falta de investimento na construção das coleções põe em causa o sentido e utilidade da própria biblioteca. A missão está ausente.” Cf.: CABRAL, Maria Luísa Rosendo. *Património Bibliográfico e Bibliotecas na Construção da Identidade Colectiva*. Entre um Conceito e o seu Desenvolvimento, 1750-1800. Tese (Doutorado em História Moderna). Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013. pp. 8-9

presente visível com um passado mais ou menos encoberto e invisível e, nesse sentido, é sempre patrimônio”<sup>226</sup>.

Embora não tenha sido oficialmente patrimonializado pela instituição, nem posto por completo em catálogo como referido nos documentos citados acima sobre a salvaguarda dos bens eclesiais, o acervo a ser estudado aqui será tratado como bem cultural de valor histórico, constituindo patrimônio eclesial e civil, tendo em vista sua importância para a história intelectual do Ceará. Assim, o fundo histórico da Biblioteca se formou a partir de diversas visões e ideais, o que pressupõe uma observação mais atenta aos livros não só como conjunto, mas como unidades bibliográficas o que possibilita um aprofundamento na investigação. A formação do acervo em si está relacionada não apenas com questões ligadas à formação clerical, mas que perpassavam a vida cotidiana dos sujeitos e a relação que a Igreja tinha com seus fiéis.

Mas, as unidades bibliográficas não surgem de forma espontânea, geralmente provêm de um conjunto ou de uma biblioteca que foi originalmente conformada sob certas condições e condicionamentos próprios de quem as criou e do período no qual se originou e que chegaram até a atualidade de forma mais ou menos íntegra. A obsolescência dos conteúdos foi relegando um conjunto de livros a uma espécie de limbo do qual dificilmente saíam, salvo por interesse de algum pesquisador que (re)descobria alguma joia bibliográfica entre os fundos menos solicitados pelos usuários de uma biblioteca<sup>227</sup>.

A obsolescência dos conteúdos citada pelo autor acima, que relega algumas obras ao esquecimento é um dos meios mais comuns de formação dos fundos antigos e isso muitas vezes provoca certa confusão em volta da definição de obra rara. Em muitas bibliotecas o que se observa é que essa classificação é dada para quaisquer obras consideradas “antigas” ou “velhas”, é possível encontrar inclusive livros cuja publicação data de apenas meio século atrás. Muitas são as definições para livros raros existentes, ademais porque cada país pode ter sua legislação a respeito mesmo havendo as caracterizações de organismos internacionais como a UNESCO. No Brasil, o mais comum é se utilizar a definição instituída pela FBN (Fundação Biblioteca Nacional) que para suas coleções estabelece os seguintes critérios:

1. Primeiras impressões, os incunáveis (Séculos XV-XVI);

<sup>226</sup> Idem, *Ibidem*. p. 41.

<sup>227</sup> “Pero las unidades bibliográficas no surgen de manera espontánea, generalmente provienen de un conjunto o de una biblioteca que fue originalmente conformada bajo unas condiciones y unos condicionamientos propios de quienes las crearon y de los tiempos en los que las originaron, y que han llegado hasta la actualidad de forma más o menos íntegra. La obsolescencia de los contenidos fue relegando a un conjunto de libros a una especie de limbo del que dificilmente salían salvo por el interés de algún investigador que (re)descubría alguna joya bibliográfica entre los fondos menos solicitados por los usuarios de una biblioteca”. PEDRAZA GRACIA. *Op. Cit.* p. 41. Tradução nossa.

2. Impressões dos Séculos XVII e XVIII;
3. Primeiras impressões brasileiras (Século XIX);
4. Edições clandestinas;
5. Edições de tiragens reduzidas;
6. Edições especiais de luxo para bibliófilos;
7. Exemplares de coleções especiais (regra geral com belas encadernações e ex-libris);
9. Exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias);
10. Obras esgotadas.<sup>228</sup>

A esses critérios pode ser adicionado o que se refere a obras estrangeiras que foram incorporadas por instituições no Brasil e foram importantes para seu desenvolvimento cultural. Nesse sentido e considerando os critérios supracitados é possível afirmar que boa parte do fundo histórico da Livraria do seminário de Fortaleza é composto por obras consideradas raras, seja por regra de antiguidade, raridade do exemplar ou mesmo por conterem anotações que lhes garantem caráter único. Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão<sup>229</sup> consideram livro raro, cronologicamente falando, aqueles publicados antes de 1800, no entanto as demais regras permitem que exemplares da Biblioteca se incluam nessa categoria e permitem que entrem na seara do estudo livros publicados em datas avançadas dos oitocentos, tendo em vista a instituição ter sido fundada já na segunda metade do século.

O recorte temporal da pesquisa que se inicia com a fundação do Seminário em 1864 e finda com a Proclamação da República em 1889, permite a definição de uma data limite para a escolha das publicações catalogadas e a identificação mais aproximada das que possivelmente teriam feito parte do acervo utilizado por lentes e alunos nesse período. O fato de a Biblioteca não possuir um catálogo produzido na época (Perdido? Destruído? Desviado?) e ter uma porcentagem mínima catalogada atualmente<sup>230</sup>, faz com que haja mais conjeturas que certezas na análise das obras quanto a sua utilização, mediante também a leitura de outros documentos.

Diante da condição na qual o acervo se encontra, tão parecida com a descrição apresentada na abertura deste tópico e da falta de uma referência catalográfica para o conhecimento do mesmo, procedeu-se a um processo de catalogação informal, por amostragem. A partir da observação das obras nas estantes foram selecionadas aquelas cujas datas de publicação as incluíssem nos critérios de obras raras e que poderiam ter feito parte da livraria estabelecida pelos padres lazaristas a partir de 1865. Algumas obras tiveram essa característica

<sup>228</sup> BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. *Crítérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI*. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <http://arquivo.bn.br/planor/documentos/criterioraridadedioraplanor.pdf>. Acesso em 13/04/2020

<sup>229</sup> FARIA e PERICÃO. Op. Cit.

<sup>230</sup> A maioria das obras consideradas raras que foram catalogadas e estão no sistema online da biblioteca é de livros cujas publicações são mais recentes no tempo e são poucas as que se encaixam no recorte da pesquisa.

comprovada por estarem datadas ou assinadas por algum membro da instituição, o bispo, por exemplo, ou por conter marcas de propriedade do Seminário Episcopal.

A catalogação trouxe à tona obras dos mais diversos tipos, seja com relação às características de produção (tamanho, cor, tipografias, imagens, papel, etc) seja no que diz respeito às temáticas que trazem, pois mesmo se tratando de instituição religiosa, há variedade dentro do tema sacro e nos chamados assuntos seculares. Quanto à antiguidade, três séculos estão representados no acervo, possibilitando um panorama da produção livreira ocidental, obras raras e raríssimas de riqueza incalculável para o historiador do livro. Para uma primeira análise de aspecto mais quantitativo foi elaborada a tabela que segue:

**Tabela 1— Estudo quantitativo das obras catalogadas**

<b>Rubricas</b>	<b>Quantidade de obras</b>	<b>Quantidade de Volumes</b>	<b>Idiomas</b>	<b>Quantidade de obras</b>	<b>Principais locais de impressão</b>	<b>Quantidade de Obras</b>
<b>Anais</b>	1	1	Espanhol	4	Paris	222
<b>Arte</b>	2	2	Francês	241	Roma	40
<b>Bíblia</b>	5	9	Grego	1	Lisboa	29
<b>Biografias</b>	26	33	Inglês	2	Porto	22
<b>Breviários</b>	1	1	Italiano	43	Rio de Janeiro	21
<b>Catecismo</b>	13	16	Latim	127	Turim	16
<b>Catequética</b>	21	25	Português	86	Napoli	12
<b>Ciências</b>	1	1			Veneza	10
<b>Concílios</b>	7	10			Braga	10
<b>Conferências</b>	8	12				
<b>Correspondência</b>	1	1				
<b>Crítica Literária</b>	1	1				
<b>Dicionário</b>	12	13				
<b>Direito Canônico</b>	23	58				

<b>Direito Civil</b>	6	7
<b>Discursos</b>	3	5
<b>Economia</b>	1	1
<b>Educação</b>	1	1
<b>Enciclopédia</b>	2	30
<b>Espiritualidade</b>	9	16
<b>Exegética</b>	6	10
<b>Filosofia</b>	24	44
<b>Geografia</b>	1	1
<b>Hagiografia</b>	24	31
<b>História do Brasil</b>	5	17
<b>História Eclesiástica</b>	34	110
<b>História Geral</b>	31	112
<b>História Literária</b>	3	3
<b>Homilética</b>	19	28
<b>Legislação</b>	1	1
<b>Literatura</b>	7	9
<b>Liturgia</b>	21	24
<b>Manual</b>	9	11
<b>Matemática</b>	1	1
<b>Medicina</b>	2	3
<b>Missal</b>	1	2
<b>Obra Crítica</b>	9	9
<b>Obra Eclesiástica</b>	13	40
<b>Periódicos</b>	1	1
<b>Teologia</b>	147	323

<b>Variedades</b>	1	1		
<b>Total</b>	504	1024	504	382

Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca Padre Luís Magalhães Uchoa

A tabela acima foi confeccionada de forma a conter poucos elementos e fornecer uma visão geral da catalogação realizada no acervo para fins desta pesquisa<sup>231</sup>. Fez-se necessário aqui a utilização da metodologia de história quantitativa que decerto pode ter resultados favoráveis no estudo das obras constantes na Biblioteca, já que segundo Darnton<sup>232</sup>, esse tipo de metodologia melhor se aplica e produz resultados na análise de pequenos grupos ou instituições.

No entanto, neste momento o método quantitativo é utilizado para promover uma análise mais ampla, já que um estudo pormenorizado será realizado posteriormente a partir de obras selecionadas, tratadas como unidades bibliográficas. Nesse momento o que se faz é uma apresentação das rubricas encontradas e dos elementos básicos relacionados à quantificação e daí derivando para outros dados necessários para a compreensão do conjunto bibliográfico e que servirão de base para análises mais detalhadas referentes ao estudo do livro e sua produção.

A tabela foi composta com base em três elementos: rubricas, idiomas predominantes nas publicações e principais locais de publicação, relacionando a quantidade referente a cada um. No caso dos locais de impressão se observa uma diferença com relação ao total de obras, pois, devido a uma grande quantidade de cidades referidas nas impressas dos exemplares, optou-se por elencar na tabela apenas aquelas que foram fontes de mais obras.

Os volumes foram divididos por temáticas, totalizando 41 rubricas organizadas por ordem alfabética. O termo rubrica está relacionado ao que expressa um determinado assunto ou área do conhecimento. Optou-se por esse termo e não por “temáticas” ou “temas das obras”, por acreditar que ele permita uma maior pormenorização dos assuntos encontrados<sup>233</sup>. Assim,

<sup>231</sup> Um quadro completo apresentando as obras encontradas e contendo sua catalogação completa será apresentado em local pertinente neste trabalho, no entanto os livros serão apresentados no corpo da tese quando da análise das unidades bibliográficas.

<sup>232</sup> Darnton, Robert. 1971. Reading, writing, and publishing in eighteenth century France: A case study in the sociology of literature. *Daedalus* 100(1): 214-256. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:340304>. Acesso em: 10/03/2020

<sup>233</sup> O termo rubrica também é aqui utilizado no sentido de “elemento ou grupos de elementos do cabeçalho de uma entrada, iniciado pela palavra de ordem que, por si só ou com as sub-rubricas e outros elementos de entrada, determina a posição relativa desta no catálogo ou bibliografia”, ou ainda “título, designação sob a qual se classifica uma categoria, um gênero”. Cf. FARIA e PERICÃO. Op. Cit. p. 649.

por conta desse detalhamento dos assuntos, algumas divisões aparecem com apenas uma obra catalogada. Não é possível saber de que forma os livros eram ordenados na Livraria conventual, mas, certamente, no período de sua formação e no recorte temporal da pesquisa, a Biblioteca poderia utilizar os métodos tradicionais de classificação da época como a clássica quatripartição (Teologia, Filosofia, História e Direito) ou incluindo, além dessas, Ciências e Belas Artes, inseridas possivelmente no sistema de localização fixa, todos esses vistos em pormenor no tópico anterior. Tentar apreender as formas de organização das bibliotecas antigas é uma forma de conhecer algo além dos livros, pois “A classificação conserva a terminologia e os modos de pensar do passado; oferece uma via de acesso para nos aproximarmos das mentalidades de uma época”<sup>234</sup>.

Todavia, não é possível estabelecer uma catalogação levando em conta esse modelo antigo referido acima (quatripartição), pois além de tornar a classificação restrita e fazer com que alguns assuntos sejam “engolidos” por outros, houve um avanço nos métodos de organização o que permite inserir uma quantidade maior de temas no arrolamento das obras. Os trabalhos já realizados acerca de bibliotecas eclesiásticas forneceram uma boa base de observação para a formulação das rubricas aqui utilizadas. Marisa Midori em estudo já referido sobre a Biblioteca Pública de São Paulo elenca treze domínios do saber a partir do inventário das obras do acervo. As grandes áreas como Teologia, Liturgia e História são postos individualmente, enquanto Filosofia, Matemática, Física e História Natural são agrupadas no mesmo domínio de conhecimento<sup>235</sup>. Já André Araújo, em trabalho sobre a Livraria do Mosteiro de São Bento elaborou um catálogo com 29 rubricas incorporando uma quantidade maior de áreas, ou melhor, apresentando domínios novos ou mais específicos dos estudos católicos<sup>236</sup>.

Assim, diante do cotejo das obras e da observação das temáticas comuns aos acervos das instituições católicas resolveu-se organizar as obras selecionadas mediante as rubricas apresentadas na tabela. A maior presença por óbvio é das áreas relacionadas à religião e à formação dos padres, como Teologia, Liturgia, Direito Canônico, Catequética, Hagiografia (vidas dos santos), Homilética e outros. Outro domínio amplo é o da História que aqui foi subdividida em História Eclesiástica, Geral, Literária e do Brasil. Além dessas divisões mais usuais, outras foram utilizadas para dar conta dos assuntos tratados nos livros, é o caso das

---

<sup>234</sup> MCKITTERICK. David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. In: BARATIN e JACOB. (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000. p. 106.

<sup>235</sup> DEAECTO. Op. Cit.

<sup>236</sup> ARAÚJO. Op. Cit.

rubricas “Obra crítica” e “Obras eclesiásticas”. A primeira se refere aos livros nos quais os autores fazem alguma crítica a determinado tema, autor ou obra (não literária), na maioria das vezes rebatendo algum argumento anticatólico, como por exemplo *E. Renan devant la science ou Refutation da la pretendue vie de Jésus de M. E. Renan*, de autoria do Abade Guetée, que critica essa obra bastante polêmica à época. Já a segunda engloba livros escritos por autores católicos, clérigos ou não, que tratam de temas específicos relacionados ao universo religioso.

Embora a Teologia possua suas subdivisões (Dogmática, Moral, Mística etc.) optou-se por não as utilizar deixando apenas o tema único. Por outro lado, outras temáticas foram elencadas individualmente, como a Exegética, que trata de obras que analisam profundamente os textos sagrados; a Homilética, que se refere ao estudo e produção de sermões e a Liturgia propriamente dita. Também foram consideradas de modo separado as obras de Ciência e a Matemática, como também os Manuais de ensino laico ou referentes a temas religiosos. É possível ter uma ideia da variedade de temas que ocupavam as prateleiras da Livraria: arte, literatura, economia, educação, medicina, ou seja, muito além das temáticas religiosas, o que indica o desejo por uma formação mais completa para os alunos, proporcionando acesso a vários tipos de conhecimentos laicos, ou pelo menos que esse tipo de leitura estava presente nem que fosse apenas para uso por parte dos mestres.

As obras de cunho religioso, por serem a base do fundo histórico ocupam a maior parte das estantes. Os livros de Teologia são os mais numerosos e representam aproximadamente 29% do total, é também a que possui o maior número de volumes, pois algumas obras formam coleções e se encontram completas como o *Theologiae. Cursus Completus*, que consta de 28 volumes, além de vários conjuntos constantes de livros de importantes autores da área como Alfonso Maria de Liguori, cuja obra é representativa do campo de estudos da Teologia Moral. A História Eclesiástica também é representada por grande quantidade de títulos dentre eles a *Histoire Universelle de L'Eglise Catholique*, de Rohrbacher, contendo 25 volumes. Biografias, Catequética, Direito Canônico, Filosofia, Hagiografia, História Geral e Liturgia também se destacam por apresentarem mais de 20 obras catalogadas em cada uma dessas rubricas.

Um ponto curioso foi a presença na catalogação de apenas cinco edições da Bíblia, totalizando nove volumes. A pouca quantidade de bíblias encontrada na Biblioteca pode ser fruto dos processos de perdas pelas quais ela passou através dos anos, mas também pode se conjecturar o fato de que por ser uma obra básica para a formação de qualquer religioso cristão, cada aluno já possuísse seu volume pessoal e assim seriam necessários poucos exemplares para consulta na Livraria. Igualmente foram observadas poucas obras de História do Brasil, também

em quantidade de cinco, totalizando 17 volumes, dentre os quais cabe destacar *História do Brasil*, de Robert Southey, amplamente divulgada nos oitocentos.

Os dicionários e enciclopédias também figuram entre as obras registradas, mas enquanto que das últimas foram encontradas 2 edições apenas, mas em grande quantidade de volumes, os dicionários foram registrados em maior número, com destaque para os de francês e latim e também para o conhecido *Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da língua portuguesa*. A presença dos dicionários era indispensável na Biblioteca tendo em vista serem os idiomas estrangeiros os que predominavam nos livros.

No universo das obras catalogadas foram identificados 23 livros considerados efetivamente raros, segundo alguns dos critérios apresentados acima, ou seja, obras cuja publicação data de antes de 1800. Os cimélios<sup>237</sup> da Biblioteca são dos mais vários temas como, Direito Canônico, História, Biografias e Genealogia, são obras de grande valor para a história social das ideias e para a história do livro, como por exemplo, *A História General da Espanha*, datado de 1678. Essas obras, por exigirem um tipo especial de catalogação e análise serão estudadas detidamente em capítulo posterior.

Segundo o levantamento realizado e observando a tabela pode-se perceber que o francês era a língua predominante nas obras da Biblioteca, seguido pelo latim e pelos livros em língua portuguesa. Em menor quantidade os volumes em italiano, espanhol, inglês e grego. A presença maciça do francês pode ser facilmente explicada por dois motivos: a origem francesa dos padres lazaristas responsáveis pela administração do seminário, o que permite inferir que além de terem contribuído com seus próprios livros para a construção do acervo, também encomendavam obras direto de sua sede na França, em sua maioria editada naquele país; o segundo motivo é mais geral, refere-se ao fato de a França ser naquele período um dos maiores polos de produção livreira do mundo<sup>238</sup>, portanto, era a origem de obras dos mais diversos assuntos. O latim era fundamental para os estudos de alguns assuntos como o Direito Canônico e mesmo para a prática da liturgia e para os ritos católicos, ou seja, era a língua da prática religiosa.

[...] Uma ignorância de Latim poderia adiantar ou atrasar a entrada de um candidato em qualquer escola de teologia. Uma vez lá, esses estudantes deveriam ser suficientemente avançados para serem hábeis para entender palestras ou aulas normais dadas em Latim – algumas vezes necessário quando algum professor é de

<sup>237</sup> “obra rara, preciosa, que faz parte do tesouro ou reservados de uma biblioteca pública ou particular.” Cf.: FARIA e PERICÃO. Op. Cit. p. 161

<sup>238</sup> Segundo Jean-Yves Mollier, a impressão, em seu sentido amplo, representava 10% da produção industrial da cidade de Paris entre as décadas de 1850 e 1870. MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.

nacionalidade estrangeira – e em algumas instituições, eles são mesmo obrigados a conversar em Latim, exceto em horas de recreação. Estas circunstâncias são mencionadas para que possa ser entendido porque os livros clássicos e elementares de Latim e Grego não necessariamente constituem uma característica do mercado de teologia católica, embora eles comonham bibliotecas universitárias católicas<sup>239</sup>.

O texto acima datado do mesmo período abrangido pela pesquisa, refirma a predominância do latim dentro das instituições religiosas. Claro que a realidade cearense é bem diferente e não se podia exigir aqui que o candidato ao seminário já possuísse conhecimento desse idioma que constava, juntamente com o francês, da grade curricular dos cursos oferecidos pela instituição. Estão em quantidade considerável também as obras em italiano e português, sendo estas últimas em sua maioria livros publicados em Portugal.

Os volumes em língua portuguesa foram em sua maior parte publicados em Lisboa, mas as cidades do Porto e Braga também aparecem como centros impressores. Com relação aos livros impressos na Itália se observa que procedem de várias cidades, como Roma, Napoli, Turim e Milão, o que demonstra a grande atividade do setor impressor daquele país, inclusive com a existência dos estabelecimentos próprios da Igreja, como a Congregação *de Propaganda Fide*, a qual será tratada posteriormente.

Concernente às publicações brasileiras, elas nos dão um indicativo de como se encontrava a impressão nacional no período. A cidade do Rio de Janeiro é a origem da maioria das obras, isso se dá devido ao pioneirismo da cidade quando se refere ao trabalho tipográfico desde a implantação da Impressão Régia (1808) e ao seu status de capital administrativa e cultural do Império atraindo para si as principais atividades, inclusive desse ramo no qual se destacaram as grandes casas impressoras de estrangeiros como a Garnier. A cultura livreira na corte estava acessível:

[...] para aqueles que podiam usufruir das livrarias, confeitarias, teatros e cafés-concerto, mas era interessante também aos mais austeros, que preferiam as leituras nas diversas bibliotecas públicas ou se relacionavam com o círculo de privilegiados que tinham lazeres particulares, bibliotecas ou abriam os salões de suas casas.<sup>240</sup>

---

<sup>239</sup> “[...] An ignorance of Latin would debor or delay the entrance of a candidate into any theological school. Once in, these students are supposed to be sufficiently advanced to be able to understand lectures or ordinary class instruction given in Latin — sometimes necessary when the same professor is of foreign nationality — and in some institutions, they are even obliged to converse in Latin, except in hours of recreation. These circumstances are mentioned in order that it may be understood why the classics and elementary books on Latin and Greek do not necessarily constitute a market feature of Catholic theological, though they do of Catholic college libraries”. DEPARTMENT OF THE INTERIOR, BUREAU OF EDUCATION. *Public Libraries in the United States*. Their History, condition and management. Part 1. Washington: Government Printing Office, 1876.p 140. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura (Ref. 42 k 2). Tradução nossa.

<sup>240</sup> BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. - Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. p. 84.

Logo, por conta desse desenvolvimento no campo das letras e das instituições ligadas ao livro, a capital imperial se tornou polo produtor e distribuidor de obras dos mais diversos tipos. Além do Rio, apenas outras 4 cidades aparecem nas imprentas das publicações nacionais, São Paulo, Recife, São Luiz e Fortaleza, o que demonstra que no decorrer do século XIX houve uma expansão da atividade impressora no país e várias províncias passam a contar com uma rede de negócios relacionados à cultura livreira.

Nessa geografia das imprentas, o maior destaque é dado, por óbvio, para a França. Já foi dito que o país possuía um dos maiores mercados livreiros do Ocidente no período, com atividades intensas nos setores de produção, distribuição e consumo desse produto. Na análise das obras contactou-se a presença de livros impressos em diversas cidades francesas, como Lille, Lyon e Poitiers, mas é de Paris que provém a maior quantidade de volumes, cerca de 44% do total das obras catalogadas, isso também levando-se em consideração aquelas que foram impressas em mais de uma cidade, dentre elas a capital francesa. Além da pátria de Balzac e dos demais países citados também se encontram no acervo livros produzidos na Bélgica, Suíça, Alemanha, Espanha, Chile e Estados Unidos, no entanto optou-se por apresentar na tabela apenas os que continham maior número de publicações indicadas.

A presença desses volumes advindos de várias partes do mundo não significa necessariamente que tenham vindo direto desses países para o seminário. As obtenções dos livros podem ter se dado mesmo em Fortaleza que já possuía agentes no mercado livreiro, ou na Europa em ocasião das viagens do bispo para os encontros eclesiásticos no Vaticano ou encomendados das diversas outras praças de comércio livreiro no Brasil. Cabe, então, compreender um pouco do circuito do livro que garantia o preenchimento das estantes da Livraria do seminário.

### **3.5 A posse das obras, a aquisição dos itens do acervo e os intermediários do livro.**

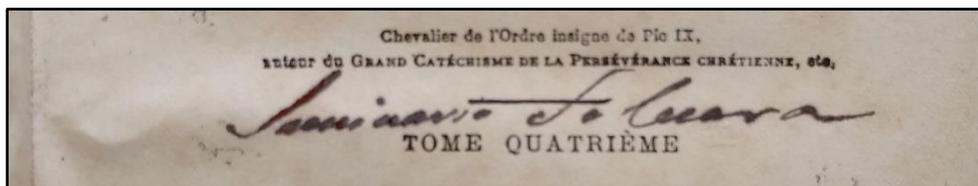
Uma das características comuns à organização de bibliotecas é a colocação de uma marca de posse, ou seja, uma marcação própria que identifica a obra como sendo pertencente àquele determinado acervo.

A marca de posse é, antes de mais, uma forma de testemunhar o direito de uma pessoa individual ou colectiva, à propriedade de um determinado bem. Marcar significa apor um sinal mais ou menos convencional que torna o bem identificável quanto ao seu legítimo proprietário. Trata-se de uma prática muito antiga no que aos livros e bibliotecas diz respeito com uma funcionalidade imediata que consiste em limitar as

hipóteses de roubo ou extravio de livros. Continua a ser prática corrente quer em bibliotecas particulares, de uma forma mais facultativa e segundo o critério do seu possuidor, quer em bibliotecas institucionais, de forma mais obrigatória, para garantir uma identificação patrimonial inequívoca<sup>241</sup>.

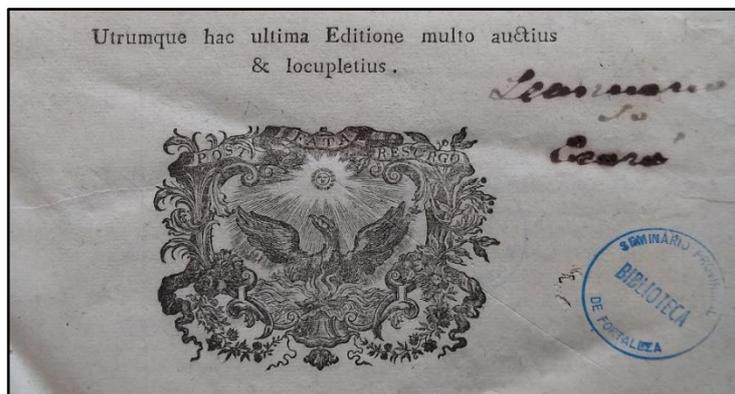
Assim, no universo das bibliotecas podem ser identificados inúmeros tipos de marcação. Para o período estudado, as mais comuns são a marca manuscrita e o *Ex Libris*. No caso da Biblioteca do seminário, nas obras em que a marcação foi observada essa é manuscrita consistindo no nome da instituição. Em alguns livros juntamente a essa marca se encontra uma mais moderna, um carimbo, o que permite afirmar que esses passaram por mais de um processo de organização. Nas imagens abaixo é possível visualizar esses tipos de marcação, inclusive percebendo que são de diferentes períodos, tanto pela grafia, quanto pelas marcas deixadas pela tinta utilizada na escrita.

Figura 1: Marca de posse manuscrita do Seminário do Ceará



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luiz Magalhães Uchoa

Figura 2: Marca de posse manuscrita e marca contemporânea com carimbo do Seminário do Ceará.



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luiz Magalhães Uchoa

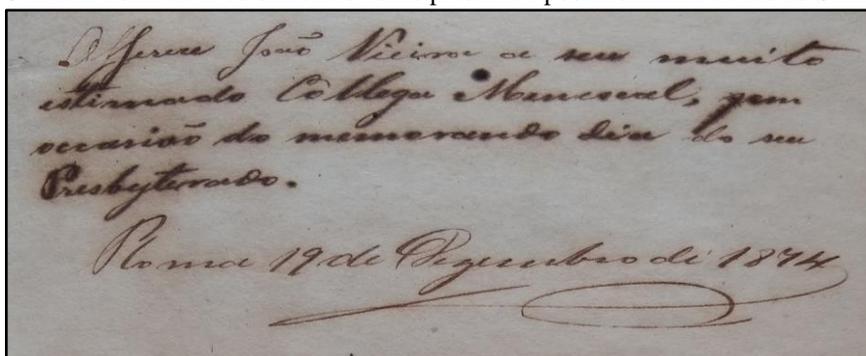
A aquisição dos livros para a montagem do acervo das bibliotecas eclesiásticas segue um padrão, se dá por meio de doações, legados, compra ou mesmo intercâmbio de obras entre instituições. O estudo desse aspecto é auxiliado pela observação dos próprios volumes em busca

<sup>241</sup>CAMPOS, Fernanda Maria Alves da Silva Guedes de. *Bibliotecas de História: aspectos da posse e uso dos livros em instituições religiosas de Lisboa nos finais do século XVIII*. Tese (Doutorado em História). Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013. pp. 198-199.

de assinaturas ou marcas de posse particular, a análise dos livros de despesas, correspondências e outros documentos internos à instituição ou de seus membros.

No caso do acervo em análise as doações e os legados com certeza contribuíram para sua formação. Afirma-se isso levando-se em conta o fato de as aulas no seminário terem iniciado sem que o mesmo já possuísse biblioteca, logo, é possível dizer que os primeiros livros que serviram de base para as lições fossem os pertencentes ao bispo e aos padres da Missão que vieram para assumir a administração da instituição. Sendo assim é crível que esses livros ou parte deles tenha passado a fazer parte do montante de volumes da Biblioteca quando esta foi inaugurada no ano seguinte ao início das atividades. Com o passar dos anos os padres formados no seminário também legaram à instituição alguns de seus livros para o uso dos estudantes, como forma de auxílio ou gratidão, esse tipo de ação era prática comum entre os religiosos e suas ordens ou instituições, como se vê na figura abaixo.

Figura 3: Dedicatória de livro oferecido como presente e posteriormente doado ao Seminário



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luiz Magalhães Uchoa

A dedicatória vista acima<sup>242</sup> consta na obra *Theologiae Scripturae Divinae*, de Henrico Marcellio, editado em 1847. O exemplar conforme se observa foi comprado em Roma no ano de 1874, mesmo da ordenação do Padre Menescal, motivo esse do recebimento do presente ofertado pelo amigo João Vieira. Outra obra que pertenceu ao padre Menescal e que consta também do acervo da Biblioteca é o *Instrucciones al Pueblo Cristiano*, editado em Roma pela Imprenta Poliglota de Propaganda Fide em 1875 de autoria de José Inácio Victor Eyzaguirre, destinado aos membros do Colégio Pio Latino Americano, o livro também lhe foi dado e tem dedicatória em espanhol.

Além do citado padre, outros ex-alunos do seminário legaram obras para a Biblioteca, como padre Leopoldo, ordenado em 1877 e padre Bruno, ordenado em 1875, cujos livros

<sup>242</sup> Lê-se “Offerece João Vieira a seu muito estimado colega Menescal em ocasião do memorando dia do seu Presbyterado. Roma 19 de Dezembro de 1874.”

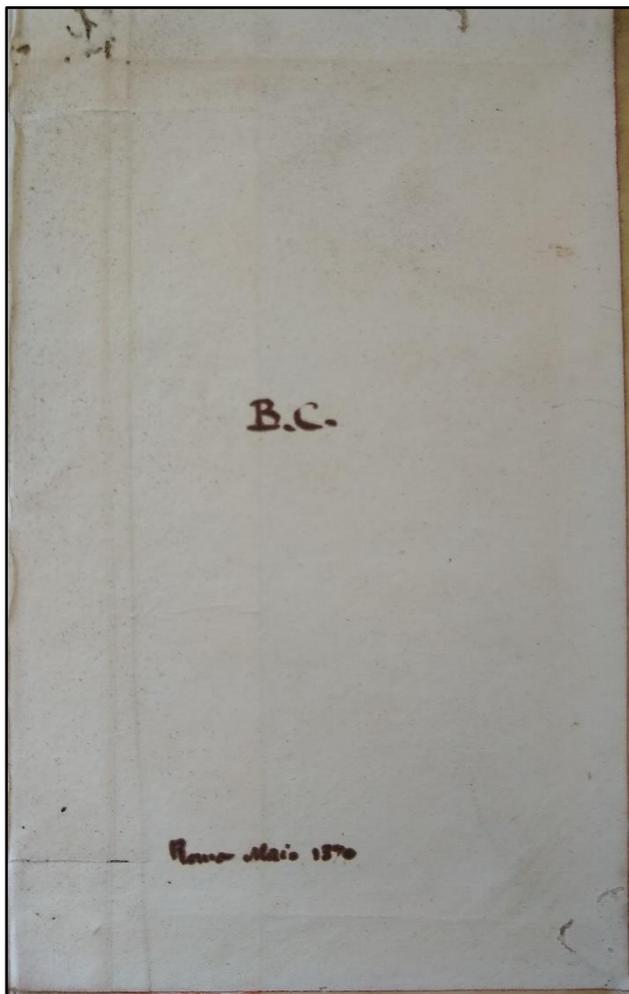
*Breviarium Romano*<sup>243</sup> e *Histoire du Concile Ecumenique du Vatican* respectivamente, foram catalogados no acervo. No caso do Breviário, este estava assinado por seu dono com data de 1874. Tendo recebido ordenação em 1889, Henrique Mourão possuía enquanto aluno do seminário em 1886 um exemplar de *Institutiones Theologicae Dogmatico-scholasticae*, de Salvatoris Mugnasco, editado em 1876. O proprietário assina na obra e data referenciando o local como “Seminário, 14 de maio de 1886”. O segundo bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, também legou livros ao acervo eclesiástico, como o *Nouveau cours de Meditations Sacerdotales* de P. Chaignon, editado em Paris em 1871, o qual lhe foi ofertado por um certo Pe. Avellino quando o futuro bispo ainda era cônego.

Em 1869 D. Luís foi à Roma para participar do Concílio Vaticano I (12/1869-12/1870), conclamado pelo papa Pio IX. Certamente o prelado viu a oportunidade de adquirir algumas obras, fossem para seu uso pessoal ou para compor o acervo do seminário, o que de fato ocorreu como pôde ser confirmado a partir da observação das obras do fundo histórico. Dentre os livros identificados como tendo pertencido ao primeiro bispo do Ceará está a *Recherche Historiques pour l'assemblée du clerge de France de 1682*, de Charles Guérin, editado em Paris em 1870, mesmo ano do Concílio.

---

<sup>243</sup> Segundo FARIA e PERICÃO, Op. Cit. p. 113, o breviário se trata de “[...] livro litúrgico que contém o ofício divino. Inclui calendário, um saltério, hinos, leituras retiradas da Bíblia, vidas de santos, orações e bênçãos. É o livro oficial da oração litúrgica da Igreja e, tal como o missal, se estende por todo o ano litúrgico. [...] foi popularizado pelos dominicanos e franciscanos a partir do século XIII através de uma forma ligeiramente abreviada.” Essa popularização e o uso quase que obrigatório para os clérigos fez com que esse tipo de obra fosse uma das mais produzidas pelos impressores autorizados pela Igreja. A edição em questão, de 1866, foi editada em várias cidades simultaneamente, Paris, Genova e Ratisbonae (Ratisbona, na Baviera alemã). As datas de ordenação dos padres estão disponíveis em lista no sítio da Arquidiocese de Fortaleza, <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/wp-content/uploads/2011/02/PADRES-NOMES-ORDENA%C3%87%C3%83O-NASCIMENTO-ORIGEM.pdf>. Acesso em 15/02/2021.

Figura 4. Contracapa da obra *Recherche Historiques pour l'assemblée du clerge de France de 1682*. Com marca de posse de D. Luís.



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luiz Magalhães Uchoa

Na figura acima é possível determinar a posse de D. Luís, pelas iniciais B.C. (Bispo do Ceará) — a obra também possui assinatura completa na parte interna da capa — e a indicação de local e data da aquisição, *Roma, maio de 1870*. O que se pode afirmar também a partir dos dados da figura e da obra em si, é que a mesma foi adquirida pelo líder da Igreja cearense no mesmo ano de sua primeira edição e chegaria ao Ceará nesse mesmo ano, ou seja, uma comprovação de que obras recentes e mesmo inéditas eram lidas em Fortaleza e outras cidades do Brasil quase que em simultâneo com as cidades europeias.

Além das obras legadas à Biblioteca por religiosos que fizeram parte do corpo docente ou discente do Seminário, há as obras que foram doadas por pessoas de fora, também religiosos ou não. É o caso de *Resumo de História Bíblica*, obra escrita pelo Bispo do Pará e enviada a D. Luís pelo próprio autor. Em ofício enviado do Palácio Episcopal de Belém o religioso escreve

se tratar de um livro que “acabo de mandar editar para instrução da mocidade”<sup>244</sup>. Embora essa obra não tenha sido encontrada na catalogação feita para a pesquisa, a observação desse documento permite confirmar a circulação de livros entre as instituições religiosas no Brasil.

Outras doações comuns eram as realizadas pelos membros da administração pública ou políticos renomados na cidade, como foi o caso do recebimento, também pelo bispo, de obra cartográfica enviada pelo presidente da província, conforme a transcrição abaixo:

Illmo. e Emo. Snr.

Accuso o Officio de V.Exa. de 18 do corrente a acompanhando a remessa de dous exemplares da Carta Topographica desta Provincia levantada pelo Engenheiro Paulet em 1818, destinando V. Exa. Uma para meu uso particular e outra para o Seminario Episcopal o que muito agradeço á V. Exa.

Ds. Ge. a V. Exa. Palácio Episcopal do Ceará, 18 de janeiro de 1866.<sup>245</sup>

Aqui se observa que não eram apenas livros que compunham o acervo do seminário e que se faz de mais generoso o presidente Homem de Mello ao enviar dois exemplares para o prelado. Não se pode afirmar se os mapas foram utilizados durante as aulas dos cursos ministrados no seminário, haja vista o conteúdo de Geografia ser voltado para Geografia Geral, o que não impede a exposição da obra para observação dos estudantes ou como modelo de análise.<sup>246</sup>

No que se refere à compra de livros, o *Livro de Receitas e Despesas* do seminário oferece algumas informações não só referentes a esse aspecto, mas também à montagem da Biblioteca. De acordo com o citado livro, data de junho de 1865 a compra de uma estante no valor de 130 mil réis<sup>247</sup> e a primeira compra de livros se deu em setembro do mesmo ano. Convém de antemão esclarecer que nem sempre a expressão “livros para o seminário” que aparece no documento se refere a livros impressos, pode se tratar também de cadernos para a escrita dos alunos, livros em branco, como eram anunciados para venda em algumas tipografias da cidade. Essa conjectura surge pelo fato de se tratarem de compras de pequeno valor e de geralmente esses livros serem comprados junto de outros itens de papelaria e expediente como

<sup>244</sup> Ofício do Bispo do Pará sobre envio do livro *Resumo de História Bíblica*. APEC. Fundo Palácio Episcopal. Cx 02. Pcte. 26

<sup>245</sup> Ofício de D. Luís ao presidente Homem de Mello acusando o recebimento da Carta Topográfica da Província. APEC. Fundo Palácio Episcopal. Cx 01. Pcte. 27.

<sup>246</sup> Segundo Liberal de Castro, analisando a coleção do Barão de Studart, Silva Paulet teria confeccionado ao menos 5 cartas desse tipo. CASTRO, Liberal de. Cartografia cearense no Arquivo Histórico do Exército. In.: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1997.

<sup>247</sup> SEF. *Livro de Receitas e Despesas do Seminário* (1864-1886)

tinta ou quadros e serem adquiridos com frequência, a cada dois ou três meses. Em apenas uma ocasião foi registrada a compra de cadernos propriamente ditos, em julho de 1869, foram adquiridos cinco cadernos pautados, no valor de 3.200 réis<sup>248</sup>.

Dos registros de compras de livros tem-se a compra de 1865, seguida de uma leva de “livros vindos de Pernambuco”<sup>249</sup> no valor de 90 mil réis, em 1866; “livros portugueses” no valor de 44 mil réis, em 1870; “livros comprados da Europa”, custando 185 mil réis, em 1871 e “livros para a biblioteca” no valor de 100 mil réis e outra compra em 1880 no total de 191 mil réis. Além dessas aquisições também foram observadas anotações de compras individuais que comprovam o quanto era difícil para as pessoas comuns adquirir esses bens devido a seu elevado valor. O Seminário comprou um livro de teologia por 16. 240 réis e outros dois livros dos quais não foi indicado o assunto, um no valor de vinte e outro de seis mil réis.<sup>250</sup>

Convém salientar que o ato de dispensar essas quantias para compras de livros só poderia ser realizado por instituições que tivessem fundos para tal, ou por pessoas de poder aquisitivo bem elevado. Tendo em vista as condições gerais de vida da maioria da população cearense na segunda metade dos oitocentos, é improvável que a compra de livros fosse pratica comum diante dos preços dos mesmos comparados com os valores dos artigos de primeira necessidade. No orçamento de uma família simples, segundo Gleudson Passos Cardoso, “[...] o gasto numa única compra, sem considerar a priori que certos produtos seriam adquiridos novamente ao longo de um mês, acrescido o valor médio de um aluguel, tinha uma soma que variava em torno de 16\$840 a 27\$840”<sup>251</sup>. Ou seja, o valor de um livro era suficiente para quase garantir os gastos mensais de uma família de classe baixa no período.

Certamente que os livros nesses valores fora do comum são exemplares de obras importantes, com características especiais ou raridade que fazem seu preço ser elevado. No entanto, ainda levando em conta a realidade financeira da população comum, os preços dos impressos em geral poderiam pesar no orçamento, “com \$350 réis, por exemplo, comprava-se

<sup>248</sup> SEF. *Livro de Receitas e Despesa do Seminário* (1864-1886)

<sup>249</sup> A Província de Pernambuco era polo de difusão cultural para as demais províncias do Norte. Sobre a ilustração em Pernambuco no século XIX ver: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Pernambuco e a cultura da ilustração*. – Recife. Editora Universitária da UFPE, 2013. Na capital pernambucana reverberavam as ideias de pensadores como Rousseau, Montesquieu e Benjamin Constant, sobretudo após a instalação da Faculdade de Direito. Diante disso, a cidade passou a ter uma convivência cada vez maior com os livros e desenvolveu um grande circuito livreiro. Cf.: GONÇALVES, Adelaide. As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil. In.: *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). Disponível em <http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

<sup>250</sup> SEF. *Livro de receita e despesa do Seminário* (1864-1886)

<sup>251</sup> CARDOSO, Gleudson Passos. “*Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos*”. Produção Literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rj, 2009. p. 98.

o *Novo Otello* de Macedo, já os apreciadores de edições mais caras gastariam 8\$400 reis para adquirir os livros ficcionais mais caros naquele momento: *As minas de Prata*, de Alencar ou *A morte moral*, do romancista português Pascual<sup>252</sup>.

Além dos valores das obras, as informações resultantes da pesquisa no *Livro de Receitas e Despesas do Seminário*, permitem traçar uma cartografia dos livros, ou seja, uma ideia do trajeto dos impressos até sua chegada à Biblioteca, vindos dos principais lugares fornecedores de livros para Fortaleza. Com relação à Europa, é sabido que a partir da segunda metade do século XIX Fortaleza intensifica suas relações comerciais com o Velho Mundo, conforme afirma Raimundo Girão:

As transações do Ceará com portos estrangeiros cresciam satisfatoriamente, (...). As entradas e saídas de 1858 a 1863 cresceram de 65%. De 1863 a 1868, o aumento foi de 75%. A navegação de longo curso, em 1858, era feita por 25 navios e, em 1866, por 65, quase uma triplicação em dez anos<sup>253</sup>.

Esses dados citados pelo historiador cearense refletem o avanço internacional das transações comerciais, sobretudo as realizadas pelos países grandes produtores de manufaturados que viam nas nações periféricas uma fonte segura de dividendos, não só vendendo seus produtos, como também comprando os gêneros primários produzidos nesses países e revendendo com grandes lucros<sup>254</sup>. Essa expansão comercial se tornou ainda mais contundente a partir da segunda metade dos oitocentos, devido não só ao desejo pelos lucros altos, mas pelo desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação que proporcionaram maior integração dos mercados, era um crescimento medido pela força a vapor, “Os meados do século XIX foram fundamentalmente a era da fumaça e do vapor”<sup>255</sup>.

O Brasil, enquanto grande produtor de gêneros primários, estava em boa posição nesse cenário, realizando transações com a maioria dos países de manufatura desenvolvida. As principais operações brasileiras, tanto de importação quanto exportação, se davam com a Grã-

---

<sup>252</sup> SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011. p. 91.

<sup>253</sup> GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: BNB, 1979. p. 104.

<sup>254</sup> Sobre as nações periféricas no período, Hobsbawn afirma que “Estas regiões não tinham opção, já que ou uma potência colonial decidia o que tinha que acontecer a suas economias, ou uma economia imperial tinha condições de transformá-las numa *banana* – ou *café* – republic. Ou ainda, essas economias não costumavam estar interessadas em opções alternativas de desenvolvimento, pois era visivelmente remunerador para elas se transformarem em produtoras especializadas em produtos primários para um mercado mundial composto pelos Estados metropolitanos. No mundo periférico, a ‘economia nacional’, na medida em que se puder dizer que tenha existido, tinha funções diferentes. HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 68.

<sup>255</sup> HOBBSAWN, Eric. *A era do capital (1848-1875)*. – 24 ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2016. p. 75.

Bretanha, França, Estados Unidos, Portugal e Alemanha<sup>256</sup>, sendo os britânicos os que, sabidamente, detinham maior participação, resultado dos prematuros e vantajosos acordos comerciais realizados com o Brasil, desde antes de sua independência política. Os súditos da rainha Vitória já dominavam metade do comércio exportador brasileiro na década de 1840 e vão ampliar ainda mais sua participação a partir da seguinte conseguindo “[...] manter sua posição de superioridade no Brasil, mesmo quando a maior parte das exportações de café se dirigem aos Estados Unidos. O desequilíbrio entre as exportações cobria-se pelos créditos fornecidos pelo inglês”<sup>257</sup>.

Os franceses também tiveram participação importante nas relações comerciais do Império brasileiro. Passando por um tardio desenvolvimento industrial, se comparado ao britânico, a França necessitava de mercados consumidores e distribuidores de matérias-primas, e mais uma vez a ex-colônia portuguesa apresentava boas perspectivas de negócios. O primeiro tratado comercial entre Brasil e França data de 1826 e já em 1872, 15% das importações brasileiras vinham daquele país enquanto aumentava também a presença de seus filhos por essas terras, mais de 19 mil de franceses imigraram para cá entre 1820 e 1907<sup>258</sup>, ou seja, a presença estrangeira passa a ser cada vez mais intensa e não só a área comercial, mas também a cultural será afetada por ela através da inserção de novas ideias e hábitos adotados por alguns setores da população.

Nesse cenário, a produção de bens primários necessários ao funcionamento de parte da indústria europeia colocou Fortaleza na rota do comércio agro exportador e ao mesmo tempo a tornou local também propício para o desembarque dos produtos dessas indústrias. Assim, diversos comerciantes das mais diversas origens se estabelecem na cidade para aproveitar essas negociações que também eram favorecidas pela boa localização geográfica que garantia sua inserção nas rotas diretas ou indiretas que atendiam o litoral norte do Brasil, passando assim a ter “[...] não só a primazia de comércio direto com a Europa — nas linhas de vapores ingleses —, mas também com as outras províncias, uma vez que seu porto foi incluído nas rotas que se estendiam para a região sudeste, ligando-a ao mais importante porto do país.”<sup>259</sup>

---

<sup>256</sup> TAKEYA, Denise Monteiro: *Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro*. Natal: UFRN. Editora Universitária, 1995.

<sup>257</sup> FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. – 5 ed. – São Paulo: Globo, 2012. p. 473.

<sup>258</sup> TAKEYA, Op. Cit.

<sup>259</sup> TAKEIA. Op. Cit. p. 110.

Dotada então de todo o equipamento necessário para a realização do comércio internacional, a capital cearense se tornou polo local dessa prática, sobretudo com a instalação na cidade de casas comerciais, estabelecimentos, na maioria dirigido por estrangeiros que eram os grandes administradores das transações comerciais da capital com as principais praças europeias e americanas. Dentre essas casas podem ser citadas as comandadas por ingleses, como a Casa Inglesa (R. Singlehurst & Co.) e a Kalliman e Cia., e as francesas Bóris Frères e Gradvohl Frères.

Os produtos negociados por esses comerciantes eram de grande variedade. Em termos de exportação, os maiores volumes eram representados pelo algodão, café, açúcar e couros, mas outros produtos, como a carnaúba também tinham destaque. Quanto às importações as mercadorias de maior entrada eram os tecidos, sobretudo ingleses, peças de vestuário, perfumaria, objetos de decoração, itens de papelaria, manteiga, vinhos e conservas. Segundo Myriam Ellis [et.all.], os franceses importavam para o Brasil a maioria desses itens, principalmente os mais típicos de seu país, como perfumes e na lista de produtos surgem nomes mais genéricos como “Manufaturados” ou “Diversos”, além de “Papel e suas aplicações”, crê-se dentre essas generalizações encontrem-se também os livros<sup>260</sup>.

A Casa Bóris Frères<sup>261</sup>, talvez a maior em atividade durante muitas décadas, tinha entre seus clientes muitos dos nomes conhecidos da sociedade cearense, dentre eles o seminário do Ceará. No livro caixa referente aos anos de 1884 e 1886<sup>262</sup> consta o pagamento de fatura realizado pela instituição religiosa, não é possível saber que tipos de mercadoria ou serviços estavam sendo pagos, mas fica registrada sua relação com a casa comercial e se pode inferir que por seu intermédio alguns livros da Biblioteca tenham chegado a Fortaleza. No mesmo documento consta pagamento realizado pelo livreiro Joaquim José de Oliveira, o que indica que, possivelmente, os livros também eram mercadoria negociada e transportada pelas casas comerciais, já que a fonte não indica pelo que o livreiro está pagando.

Os navios que atravessavam o Atlântico traziam os livros dentre suas mais diversas mercadorias. A primeira compra de obras europeias pelo seminário foi realizada em 1870, antes se deu a aquisição de livros portugueses, que podem ter sido adquiridos em Fortaleza, já que os livreiros da cidade como visto acima, também encomendavam suas mercadorias diretamente a Lisboa e outras capitais europeias.

---

<sup>260</sup> ELLIS. Op. Cit.

<sup>261</sup> Sobre a atuação dessa casa comercial e o comércio exterior em geral no Ceará ver: TAKEYA, Op. Cit.

<sup>262</sup> *Livro Caixa 1884-1886*. (APEC - Arquivo intermediário). Fundo Boris Frères. 1884-1886.

[...] podemos imaginar, entre os transeuntes na beira do porto, Joaquim José de Oliveira e seus funcionários identificando, dentre os caixotes recém-desembarcados, aqueles que traziam as encomendas de seus clientes: a última edição da *Revue de Deux Mondes* (...). Pelos malotes do correio marítimo que eram desembarcados na Alfândega da cidade chegavam os livros de Taine, Spencer, Darwim, Burkle e outros<sup>263</sup>.

A citação acima, ao falar sobre a expectativa acerca do recebimento de encomendas por um livreiro cearense, abre espaço para se tratar do processo de circulação cultural, que já não era novo no século XIX, pois desde o início das grandes jornadas marítimas encabeçadas pelos reinos ibéricos, as ideias e as culturas passaram a se movimentar de forma mais rápida. No entanto, foi a partir dos oitocentos que esse processo se intensificou e as conexões culturais mundiais atingem níveis nunca vistos e as causas disso, além da já citada revolução no plano dos transportes e das comunicações foi o desenvolvimento tecnológico e social que possibilitou a expansão da produção e da distribuição livreira. Isso fez com que o planeta estivesse cada vez mais conectado e o surgimento de novos leitores dos mais diversos níveis sociais, faixas etárias e gêneros possibilitou também grande diversificação dos temas editados visando alcançar os diversos tipos de leitores, mas, mesmo crescente, o mercado ainda era restrito, pois: “Embora o mundo estivesse conectado por livros, jornais, revistas e impressos de toda a sorte, a presença da cultura letrada não estava igualmente distribuída. Tendo em vista a permanência da Inglaterra, Alemanha e França na produção e difusão de livros”<sup>264</sup>.

O Brasil era consumidor garantido desses países, não só de seus impressos, mas de uma gama de mercadorias, como já foi dito. Mas há que se destacar a presença do livro francês, na verdade, dos impressos em geral oriundos desse país, pois é inegável a importância cultural francesa no período demonstrada pela adoção de hábitos, costumes e mesmo do idioma por parte dos grupos sócio-políticos dominantes e também pelo grande sucesso de sua literatura alcançado em escala mundial. Era no campo artístico-literário que se apresentava com mais força o ideário propagado pelos franceses. Um exemplo dessa expansão de ideias é a presença, em vários países da *Revue des Deux Mondes*, inclusive referenciada na citação acima como um dos itens esperados pelo livreiro Oliveira, pois certamente seus clientes ansiavam pelo mais novo número a desembarcar no Ceará. Essa revista, criada em 1826 e que tinha circulação em vários países, focava em artigos de cunho cultural, tratando sobre literatura, teatro, mas também debatia acerca de Filosofia, Medicina, História e questões políticas em voga, sendo uma das

<sup>263</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder*. O pensamento social cearense no final do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP, 1998. p. 73.

<sup>264</sup> ABREU, Márcia. A circulação transatlântica de impressos. A globalização da cultura no século XIX. In: *Livro – Revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. N. 1. São Paulo: Ateliê Editorial., 2011. p. 117.

pioneiras do tipo de revista de cultura apresentando em suas páginas também, tendências intelectuais<sup>265</sup>, ou seja, era uma mina de ouro para reforçar os debates da intelectualidade local.

Uma presença que não se deve esquecer é a dos livros portugueses que entravam no mercado brasileiro, aliás, era talvez o mais importante para essa mercadoria lusitana. Os autores portugueses, como Alexandre Herculano, Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro tinham um grande público no Brasil, tanto que muitas das edições que entravam aqui advinham de contrafações, em outras palavras, eram clandestinas, o que reforça o quanto os impressos portugueses eram bem absorvidos aqui no século XIX.

[...] em meados do século, o Brasil consumia, virtual ou efetivamente, cerca de um terço das publicações culturais portuguesas. [...]

A esta participação brasileira na expansão do livro português, somava-se a regular colaboração dos escritores lusitanos em jornais do Rio de Janeiro, donde lhe advinham proventos substanciais, incompatíveis com os recursos dos jornais pátrios, como se poderá comprovar pelo estudo biográfico de Eça de Queiroz, Oliveira Martins e outros.<sup>266</sup>

Então, vê-se que o mercado brasileiro era propício para os negócios do livro, seja inglês, francês ou português e essas obras passaram a fazer parte do cotidiano das cidades do Império e no Ceará não era diferente, já era possível adquirir o romance da moda nos pontos de venda de livros nas cidades da província.

Na década de instalação do Seminário, já funcionavam em Fortaleza as livrarias de Joaquim José de Oliveira e de João Luiz Rangel, posteriormente há a instalação do negócio de Satyro Verçosa e da Livraria Evangélica de Lacy Wardlaw e é provável que nesses estabelecimentos os lazaristas adquirissem alguns de seus livros. No citado *Livro de Despesas e Receitas* aparece geralmente no mês de dezembro ou nos meses iniciais do ano a anotação “Livros pagos ao Oliveira”, geralmente com valores variando entre 26 e 75 mil réis.<sup>267</sup> A livraria Oliveira também mantinha contratos com outras livrarias e editoras no Brasil para comercializar livros impressos em outras cidades, era o caso da casa Garnier, no Rio de Janeiro. Além disso, a capital cearense sempre esteve intimamente ligada a Pernambuco e sua praça comercial que, inclusive no que diz respeito ao comércio livreiro, estava bem adiantada, sobretudo por conta da presença da Faculdade de Direito, que movimentava a circulação de volumes. Assim, os

<sup>265</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. Revistas de cultura no Brasil do oitocentos: trânsitos e apropriações. O caso da Revue des deux Mondes e da Revista Brasileira. In: GRANJA, Lúcia e LUCA, Tânia Regina de (Org). *Suportes e Mediadores: a circulação transatlântica dos impressos*. Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2018.

<sup>266</sup> ELLIS, Op. Cit. p. 214

<sup>267</sup> O estabelecimento da livraria de Joaquim José de Oliveira data de 1857, por isso se afirma que seja ela o “Oliveira” que aparece citado no documento do Seminário.

livros vinham direto do Recife ou via livrarias locais que trabalhavam com subvenção das obras encomendadas na capital pernambucana.

Figura 5. Marca de encadernação da Librairie Française, de Pernambuco.



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luiz Magalhães Uchoa

Na figura o foco está na marca de encadernação da Livraria Francesa, de Recife, de propriedade de Guelfe de Lailhacar, que era sócio de Anatole Garraux, também famoso livreiro em São Paulo<sup>268</sup>. Esse estabelecimento estava, inclusive, entre aqueles com os quais negociava Joaquim José de Oliveira, recebendo obras em consignação, mesma forma de transação efetuada com a livraria Garnier. As livrarias de Fortaleza recebiam então, suas mercadorias de pontos de distribuição dentro e fora do Brasil e a partir da década de 1880, as encomendas internacionais — não só de livros, pois as livrarias também vendiam outros produtos, assim como os impressos eram vendidos em outros estabelecimentos, como lojas de artigos diversos e até farmácias — ficaram mais proeminentes.

A livraria do português Joaquim José de Oliveira, nos anos de 1880, recebia mais mercadorias de além-mar. Era recorrente o recebimento de livros remetidos de Lisboa e França, seguido do Rio de Janeiro e Maranhão. Para os materiais de escritório e papelaria, destacavam-se as encomendas saídas do porto de Havre, além de encomendas vindas do porto de Liverpool e Antuérpia. A livraria também recebia barris de vinho e água mineral de Lisboa, produtos de perfumaria de Havre, medicamentos e miudezas de Nova York etc.<sup>269</sup>

Logo, é possível afirmar que o livro estava entre as mercadorias que movimentavam o comércio entre a capital cearense e as principais praças comerciais do Brasil e do mundo. O livreiro Oliveira, assim como Gualter Silva são considerados intermediários da literatura que atuavam em Fortaleza nesse período e quaisquer pessoas ou instituições que tinham relações com os livros se relacionavam com eles. Com o seminário não era diferente, são inúmeros os registros de pagamentos feitos a livrarias e tipografias, pela compra de papel e impressão de boletins, e a encadernadoras, pelo trabalho de encadernação dos livros da instituição, ou seja, é

<sup>268</sup> DEAECTO, Marisa Midori. Anatole Louis Garraux e o comércio da livraria francesa em São Paulo (1860-1890). *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005

<sup>269</sup> SILVA. Op. Cit. p. 135.

possível enxergar o funcionamento do circuito do livro fortalezense no período através desse estudo das obras da Biblioteca eclesiástica.

Os mecanismos de organização, de marcação da posse dos livros e de formação do acervo são pontos importantes a serem observados para a compreensão dos processos de circulação e consumo dos livros. As informações retiradas das próprias obras e da documentação auxiliar permite a visualização das conexões entre os sujeitos do livro — impressores, editores e livreiros — e os leitores que também atuam como agentes de circulação dos volumes por ocasião das trocas e doações. O livro permite estabelecer relações dentro dessa esfera de consumo, mas também, e principalmente no contexto da produção intelectual de diferentes grupos humanos no decorrer dos séculos.



## 4 UMA BIBLIOTECA UTILITÁRIA

*“Escondidas no silêncio da biblioteca, mascaradas pela escura monotonia das capas, todas as palavras estavam lá, esperando que eu as decifrasse. Eu sonhava me enfurnar naqueles corredores poeirentos, e nunca mais voltar.”*

*Simone de Beauvoir.*

A instalação do Seminário Episcopal em Fortaleza e suas implicações em termos religiosos, educacionais e mesmo políticos, bem como a apresentação de sua biblioteca, incluindo-a no contexto das instituições eclesiais do tipo e exposição geral de seu acervo foram assuntos abordados nos capítulos anteriores do estudo ora realizado.

Agora, o que se pretende efetuar é uma análise mais pormenorizada das obras, seus conteúdos e modos de produção, tratando-as como unidades bibliográficas. No presente capítulo se dará o estudo dos livros observando seus temas, conteúdos e discursos tendo em vista o contexto histórico de sua edição e compreendendo a escolha para compor os fundos da biblioteca.

No entanto, não havendo a possibilidade, por razões de tempo e de estrutura da tese de fazer um estudo de todas as rubricas apresentadas, se fez necessária a seleção de algumas cuja presença é mais marcante no acervo, ou que tragam em seu conteúdo temas diretamente ligados ao movimento de reforma promovido pela Igreja.

Assim, a biblioteca será estudada segundo sua utilidade diante do objetivo de formar um clero dentro dos preceitos ultramontanos. As rubricas selecionadas serão analisadas com base na bibliografia histórica e na identificação dos discursos visualizados nos seus textos. Uma maior atenção decairá sobre as obras de História, tendo em vista o contexto de desenvolvimento da disciplina no século XIX e sua utilização para os interesses religiosos. Por fim, a partir da observação dos livros que comprovadamente pertenceram ao bispo D. Luís, se pretende proceder um estudo de caso de suas seleções e práticas de leitura.

### 4.1 A biblioteca enquanto repositório de saberes e os usos do livro

No ano de 1735 veio a lume em Portugal a obra *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Publicada em Lisboa, foi impressa, “Com todas as Licenças necessárias” na

Oficina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real e oferecida ao rei D. João V por seu autor, D. Antônio Caetano de Sousa, clérigo regular e acadêmico do número da Academia Real. Muito pode ser presumido a partir da observação dessa obra, primeiramente, a relação estreita da Igreja com a monarquia portuguesa, tendo em vista um clérigo ter se prestado a escrever livro tão enaltecido para os monarcas, segundo, as relações estabelecidas entre os impressores e os governos, bem como com as associações de estudo e mesmo com a Igreja através das distribuições de licenças para impressão. No entanto, o que se destaca nessa obra neste momento deste estudo, é a atenção que seu autor dá à seleção de documentos buscados para sua elaboração e a apresentação dos lugares onde os mesmos foram encontrados. Documentos, livros manuscritos e impressos são citados com grande cuidado e percebe-se o reconhecimento do autor aos lugares encarregados de sua guarda e conservação, sejam esses acervos institucionais ou particulares. E um tipo desses acervos sempre é citado, o que demonstra sua extrema importância para a realização de estudos naquele período, como hoje, a biblioteca.

Sempre há uma razão que leva o leitor a acessar um acervo, seja a busca por uma leitura despreziosa, a pesquisa por um tema de interesse, a procura por subsídios para a produção de trabalhos científicos ou literários, ou seja, é um local que se faz útil e que se propõe a satisfazer as necessidades dos sujeitos que o procuram independente de atenderem a um público geral ou específico. No caso do rol de livros aqui estudado é entendido que se encontra no segundo caso, foi constituído para atender às necessidades de um determinado grupo, composto pelos religiosos e alunos que compunham os corpos docente e discente do seminário de Fortaleza.

Assim, se considera que o acervo foi composto visando fornecer os subsídios necessários para a instrução de futuros sacerdotes, que era o objetivo primeiro do seminário, mas não só para isso. Também contribuía para a formação de um arcabouço de leituras para os estudantes e para os mestres que precisavam ter um domínio mais profundo dos assuntos que lecionavam e dos textos sagrados, como também se manterem atualizados acerca dos novos temas que surgiam e que podiam suscitar discussões entre eles, entre os alunos e nos ambientes que frequentavam fora da instituição.

Na década da instalação do seminário e na seguinte observou-se a chegada de forma mais incisiva de ideários e teorias que já dominavam há muito os debates intelectuais na Europa e nos Estados Unidos, tais como o evolucionismo, as teorias raciais, o socialismo e outras que em seu cerne combatiam o obscurantismo religioso e pregavam o desenvolvimento humano

através do progresso da ciência. Nos anos de 1870 a difusão dessas ideias se deu mais efetivamente e em várias regiões do país, inclusive com o ajuntamento de sujeitos em torno das discussões científicas.

Com efeito, a partir de finais dos anos 70 já podem ser encontrados certos grupos de intelectuais, crescentemente congregados nos diferentes institutos de pesquisa. No interior desses estabelecimentos, tais profissionais encontrarão não só reconhecimento social, como o ambiente necessário para o início de uma discussão mais independente, de uma produção que se desvinculava, aos poucos, dos setores hegemônicos e umbilicalmente ligados aos grupos agrários.

É justamente esse o contexto que propicia o aparecimento de um tipo especializado de profissional. Ávidos leitores da produção científica, sobretudo europeia, esses intelectuais dispersos nos diversos estabelecimentos tenderão a reconhecer-se enquanto ‘homens de ciência’.<sup>270</sup>

O estudo de Lilia Schwarcz ao qual pertence o trecho citado concentra-se nos institutos que promoviam debates e fomentavam pesquisas tanto nas áreas de ciências naturais, como humanas e sociais. A autora trata os institutos históricos do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, os museus que passam a se estabelecer em várias províncias e das Faculdades de Direito também de São Paulo e Recife. No entanto, apesar da inegável importância desses polos, também se desenrolavam embates intelectuais nas demais regiões do país e em Fortaleza não era diferente.

O desenvolvimento pelo qual a cidade passou a partir do meado do século, com sua inserção no contexto da economia-mundo também a colocou como ponto de recepção dos ideários que circulavam pelo planeta e promoviam debates que ajuntavam cada vez mais seguidores e defensores. Isso se apresentou de forma mais contundente com a fundação da Academia Francesa em 1872, agremiação levada a cabo por um grupo de jovens que, bastante influenciados pelas novas ideias em voga, defendiam “[...] os estandartes da sociedade industrial-civilizatória como progresso, tecnologia e ciência, acreditando ser a influência da Igreja nos modos de pensar e viver dos cidadãos a causa do atraso material e moral daquela sociedade.”<sup>271</sup>

Os membros da Academia pregavam contra o obscurantismo religioso, para eles causa do atraso dos povos e viam na instrução e no aperfeiçoamento intelectual uma via para solucionar os problemas de seu tempo. Composto por nomes como Capistrano de Abreu (aluno egresso do seminário), Tomás Pompeu Filho e Rocha Lima, o grêmio promoveu ações no

<sup>270</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1970-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 49-50

<sup>271</sup> CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2006. (Coleção Outras Histórias). p. 17.

sentido de valorizar a causa da instrução como a realização de aulas noturnas e conferências abordando os temas considerados de maior relevância. Certamente esses jovens de ideias avançadas não beberam apenas em fontes disponíveis na província, que apesar de consideráveis avanços ainda possuía uma produção intelectual escassa. Assim, até mesmo pela proximidade geográfica, muitos dos que queriam seguir adiante numa formação superior acabavam indo compor os quadros discentes da Faculdade de Direito do Recife, um dos centros difusores, como já dito, de cultura e ciência do período<sup>272</sup>.

Dentre os integrantes da Academia Francesa aquele que mais se destacou como divulgador das novas ideias foi Rocha Lima, que após retornar de Recife participou ativamente das ações do grupo e também se fez presente nas discussões mais inflamadas na cidade contrariando a Igreja nos seus textos publicados no jornal *Fraternidade*, de cunho maçom. Segundo Ramos Tinhorão, o autor de *Crítica e Literatura*, foi um caso significativo de “influência do pensamento moderno”, ainda mais pelo período em que esteve em território pernambucano.

Ora, era exatamente a época em que Silvio Romero e Tobias Barreto lideravam, em Pernambuco, o movimento denominado Escola do Recife, responsável pela divulgação das teorias materialistas de Darwin, Spencer, Taine e Schopenhauer, que tanto iam servir aos ideólogos da República para fundamentar suas investidas contra a Monarquia.<sup>273</sup>

Ou seja, aqueles que compunham o grêmio de 1872 estavam munidos de um arcabouço científico-filosófico influenciado por sua experiência formativa. Retornando a terras cearenses se viam na missão de difundir essas ideias e, enquanto intelectuais, colaborar para o crescimento da província distanciando-a do domínio retrógrado da Igreja. Esse processo de propagação de ideais científicos prossegue mesmo após o fim da associação, pois outros nomes vão manter

<sup>272</sup> Enquanto membros de um mesmo campo, o letrado, intelectual, os membros da Academia possuíam em comum sua formação enquanto membros de uma classe média nascente, composta, segundo José Ramos Tinhorão, por “[...]funcionários públicos, profissionais liberais e empregados do alto comércio[...]”. Cf.: *A Província e o Naturalismo*. (ed. Fac-similar). Fortaleza: NUDOC. UFC. Museu do Ceará, Arquivo Público do Estado do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 27. Nesse sentido, não era estranho que os jovens buscassem prosseguir sua formação ingressando na Faculdade de Direito, “Entretanto, somente Pompeu Filho, Xilderico de Farias e Araripe Júnior retornam formados. Aliás, Xilderico de Farias depois de formado em Recife foi exercer cargo de juiz municipal no Estado do Pará, retornando ao Ceará em 1873; Araripe Júnior vindo de Santa Catarina para exercer o cargo de juiz Municipal de Maranguape, passa a compor o grupo só a partir de 1873, data que marcou como o início de suas leituras. Já Capistrano de Abreu e Rocha Lima, com ajuda da Província de Fortaleza conseguem ir, mas retornam de Recife sem o curso de Direito da Faculdade de Recife. Capistrano volta para Columinjuba e Rocha Lima vai recuperar-se de uma grave enfermidade no retiro de Jacarecanga. João Lopes Filho também esteve em Recife, ‘mas como Capistrano não se submeteu a um exame sequer, razão por que o pai o fez voltar, conseguindo lhe um lugar nos Correios’”. Cf.: ARAUJO, Ariane Bastos Gonçalves de. “*O Gladiador do Pensamento e a Palavra-ação*”: a Acrópole Ideal nos escritos de Raimundo Antonio da Rocha Lima (1874-1878). Dissertação (Mestrado em História e Culturas). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013.

<sup>273</sup> TINHORÃO, Op. Cit. p. 32.

vivas as discussões científicas em Fortaleza, com destaque, na década de 1880 para a figura de Joaquim Catunda, estudioso das teorias darwinistas.<sup>274</sup>

A difusão do ideário científico e de um novo pensar filosófico deu aos sujeitos do período, em várias partes do globo, a possibilidade de imaginar uma realidade diferente, com uma maior liberdade de ação transformadora baseada na concretude do desenvolvimento técnico e da ciência. O progresso vinha para alargar o horizonte de expectativas dos homens, as experiências que se davam em seu presente descortinavam mais possibilidades de futuro<sup>275</sup> e a Igreja não era mais a única fonte de prognósticos a ser seguida.

Nesse cenário, no qual efetivamente novas formas de pensar se instauram, a Igreja busca o equilíbrio entre manter as características que a fizeram estar em posição de poder por séculos e ao mesmo tempo adaptar-se ao ideal de modernização e progresso encampado na maioria das vezes pelas elites que lhe davam suporte. Por sua vez esses grupos visavam à mudança, mas confiavam na instituição religiosa para manter o modelo de ordem moral que garantia a manutenção de seu *status quo* diante da maioria da população que ainda tinha a religião como sustentáculo de suas vivências.

Assim, restava ao clero católico, mesmo passando pelo processo de uniformização de sua fé com a reforma promovida inicialmente por Pio IX, adaptar-se às necessidades de cada região e atender às expectativas locais sem deixar de seguir os preceitos determinados pela Santa Sé. A instalação do seminário em Fortaleza é um exemplo desse caso, onde se atendia ao desejo católico de trabalhar pela formação de um clero reformado ao mesmo tempo que garantia para as elites locais o controle do avanço modernizador.

Diante disso, o papel do seminário enquanto instituição formadora é central, pois por receber alunos de várias regiões, muitos, inclusive, que não pretendiam seguir a carreira eclesiástica e por alguns de seus egressos acabarem por se tornar mestres em outros estabelecimentos, garantia a dispersão da ideologia católica em vigor, tanto geográfica quanto temporalmente. E levando em consideração que esta ideologia no período em questão estava

---

<sup>274</sup> Maiores informações sobre o trabalho de Joaquim Catunda ver: MONTEIRO, Nívia Marques. *Joaquim Catunda e a recepção o debate evolutivo na segunda metade do século XIX*. Dissertação (mestrado em História). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

<sup>275</sup> Koselleck afirma que a construção do tempo histórico se processa diante das tensões entre experiência e expectativa, sendo que esta última “[...]é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.” In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC- Rio, 2006. p. 310.

assentada sobretudo na doutrina apregoada no *Syllabus*, de combate aos males da modernidade, se compreende que o modelo de instrução seguido pela instituição fosse pautado nesse propósito.

Ter consciência acerca desse contexto histórico de disputas ideológicas entre ciência, filosofia e religião propicia realizar o exercício de enxergar a Biblioteca aqui em estudo não só como um recurso valioso para os católicos no sentido de fomentar leituras que ressoassem o pensamento da Igreja de forma positiva e o fizesse ser reproduzido, mas também como repositório de referências que iriam auxiliar na investida contra os ideais modernizadores considerados maléficis para os cristãos.

O conjunto de obras catalogadas no fundo antigo da Biblioteca do seminário apresenta, conforme apresentado no capítulo anterior, não apenas livros relacionados com o ensino promovido no instituto, mas volumes que apresentam temáticas concernentes às discussões que se davam a nível internacional, ou seja, apesar de manter a tradição com a presença de obras clássicas ou os cânones do ensino religioso, o acervo em apreço estava atualizado e em consonância com os discursos predominantes à época, seja para validá-los, seja para rechaçá-los. Portanto, diante da análise do conjunto se pode afirmar que o Ceará contava com uma biblioteca episcopal alinhada com o processo de reforma da Igreja sendo um dos principais recursos para essa causa, e mesmo que seu acervo não estivesse disponível para o público geral, a presença de obras ricas em forma e conteúdo destacava a província dentro do cenário livreiro nacional.

A Biblioteca ali estava enquanto espaço de saberes a serviço de uma comunidade, e apesar da introdução de novos conhecimentos era um acervo austero, com um caráter bastante utilitário<sup>276</sup>. Era a base para os estudos das disciplinas e para auxiliar na formação de bagagem de leitura para mestres e alunos. Também não se pode esquecer que a leitura é base da escrita, o rebote às críticas, as exortações pastorais, a defesa das crenças cristãs em detrimento da ciência, a formulação dos sermões, enfim, tudo passa pela Biblioteca, sejam obras específicas para cada intenção ou aquelas consultadas para enriquecer o tema sobre o qual se escreve.

A instituição comandada pelos Lazaristas visava formar padres preparados para combater os males do mundo moderno, para pregar contra o evolucionismo, o materialismo, o

---

<sup>276</sup> Uma análise sobre o utilitarismo das bibliotecas religiosas pode ser encontrada em: CAMPOS, Fernanda Maria Alves da Silva Guedes de. *Bibliotecas de História: aspectos da posse e uso dos livros em instituições religiosas de Lisboa nos finais do século XVIII*. Tese (Doutorado em História). Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013. A autora também explora diversas possibilidades de estudos dos acervos bibliográficos.

liberalismo, socialismo e tudo que fosse contrário ao pensamento católico. Para isso, antes era preciso conhecer essas doutrinas ou ao menos entrar em contato com elas e ser informado do quão eram prejudiciais, de acordo com a visão católica. A escolha das obras do acervo era importante para direcionar esse conhecimento e durante sua passagem pelo instituto os alunos estavam seguros do que deveriam defender e de quem. Um exemplo de que a observância dos valores da religião era cumprida e seus inimigos conhecidos se observa na leitura de um poema publicado na *Tribuna Católica* em 1867.

Aos meus colegas no Presbyterado  
 Valentes soldados da nova crusada,  
 Estejamos de pé!  
 Não durma um só bravo sejamos unidos  
 —Defenda-se a fé!

E a luva atirada por vis inimigos  
 Aceite-se e já!  
 Travemos a lucta, q'as grandes victorias  
 Só Deus é que dá.

Nós somos ministros de Deus das armadas!  
 Que esforça Sansão!;;;  
 Si imensa falange quizerem bater-nos,  
 —Troveje o canhão!

[...]  
 Os Neros por terra!.. por terra Voltaires,  
 Arios, Calvinos!  
 As armas, se investem, que fortes achamos  
 Nos Livros divinos!

Henriques, Luteros, Cavours, Garibaldis  
 Renans, P'roudons!  
 Por terra! Guerreiros! Por terra esses ímpios  
 Com seus esquadrões!!

Os Phocios, Strus, Eutichios e Budas  
 Calquemos aos pés!  
 Unamo-nos todos — brademos as armas,  
 —Sigamos fieis!!

E a luva atirada &c. &c. &c.  
 Jesus por nós todos no cume do monte  
 Morrera na Cruz!  
 Avante! Soldados da nova crusada,  
 Defenda-se a luz!  
 [...]  
 Seminário do Ceará, 24 de março de 1867<sup>277</sup>.

A poesia foi recitada pelo padre Antônio Fernandes da Silva Queiroz para o bispo, os alunos do seminário e seus “dignos lentes”, embora o periódico não informe qual a ocasião para

<sup>277</sup> *Tribuna Cathólica*. n.5. Fortaleza, 1867. p. 3-4

a reunião desse grupo. A leitura das estrofes permite perceber a intenção de seu autor em deixar claro, sobretudo aos alunos (que a data de publicação do jornal indica serem da primeira turma do estabelecimento) quais os inimigos da religião cristã e mais precisamente da Igreja Católica, o padre entende que os católicos vivem uma nova cruzada e que os hereges agora são dos mais variados tipos. O primeiro grupo que se destaca é o dos filósofos, pensadores como Voltaire, Renan, Phroudon, ou seja, aqueles cujas ideias denunciam o obscurantismo religioso. Em seguida observa-se a crítica a outros credos tidos como falsas religiões como o Budismo. Os reformadores também são alvo a ser eliminado pelos atuais cruzados, o avanço das igrejas protestantes, inclusive no território brasileiro era uma ameaça ao domínio católico sobre a crença cristã.

Os “cruzados” oitocentistas vão então usar a palavra como arma, seja através dos textos publicados na *Tribuna Católica*, ou majoritariamente no contato direto com os fiéis durante as pregações, o que era de fato o meio mais eficaz. Desde os tempos mais remotos do catolicismo, a cultura oral predominou na relação entre o clero secular e o laicato, até mesmo para manter sobre o domínio da Igreja a palavra escrita. Logo, conhecer sobre o que se deseja criticar ou rebater é um primeiro passo e para isso contribui de forma incisiva o acervo da Biblioteca.

Ao se tomar como ponto de partida o projeto reformador da Igreja, a denominada Romanização, os leitores do seminário tinham ao seu dispor algumas obras que embasavam o pensamento ultramontano de centralidade na figura papal e de fortalecimento dos discursos contrários ao progresso científico. Assim tomam-se como exemplos livros que trabalhavam esse tema, sobretudo os que tratavam da doutrina estabelecida no *Syllabus*.

O primeiro exemplo é a obra *La Doctrine de L'Encyclique du 8 Décembre 1864. Conforme a l'enseignement Catholique* de autoria do Abade Peltier (1800-18??). Em edição bilingue, em francês e latim, apresenta o *Syllabus* e aqueles que, na visão de Pio IX, são considerados os grandes erros e pecados da época e que devem ser combatidos pela Igreja Católica. Após as apresentações da reunião de bispos são apresentados “os principais erros de nosso tempo” e artigos com comentários. Em seguida há uma segunda parte somente em francês apresentando e explicando todos os artigos do *Syllabus*, seguido de um índice alfabético, ou seja, uma obra com características bem didáticas que visava destrinchar os pontos principais da Encíclica.

Outra obra de mesmo viés é *Le Syllabus. Base de l'union catholique*. Livro de R. P. Petitalot (1840-1918), o volume em questão, publicado em 1877 e aprovado para publicação

por várias instâncias superiores, apresenta a doutrina, explicando detidamente cada um daqueles que são apresentados como “os erros de nosso tempo”, como o socialismo, racionalismo, panteísmo etc. Um ponto de destaque nessa obra é a intenção do autor de identificar a Encíclica como mote de união para os católicos:

Qual o quê!! Não é o Syllabus que nos divide? Não é ele quem coloca em conflito esses dois partidos católicos chamados Ultramontanos e os Liberais? Sim, o Syllabus, dividiu algo, e é precisamnete por isso que ele pode nos unir. Ele separou o erro da verdade, os corações certos, dos tortuosos, a noite do dia, o espírito de Deus do espírito do século, as teorias cambiantes dos princípios eternos.<sup>278</sup>

O clamor pela união presente no trecho acima tem a intenção de confirmar, apesar das pequenas tensões que possa gerar, a unidade no combate aos erros, cujo *Syllabus* é a principal ferramenta utilizada pelos defensores do ultramontanismo que se veem também num embate constante com os defensores da separação entre a Igreja e o Estado. Apesar de pregarem a não interferência dos governos nos assuntos espirituais, defendem a manutenção do status de religião oficial acreditando que a ruptura entre os dois poderes não seria benéfica para o país. Referente a essa discussão tem-se a obra *A Igreja e o Estado. O Católico e o Cidadão*, de Joaquim Pinto de Campos (1819-1887), publicado pela Typografia do Globo em 1875.

Seu autor foi prelado Doméstico de S. Santidade, deputado à Assembleia Geral comendador em várias ordens, membro correspondente da Academia Real de Ciências de Lisboa, do IHGB e da Academia Católica de Roma, ou seja, era um homem que circulava nos principais meios políticos e intelectuais da Corte<sup>279</sup>. Neste livro, ele busca tratar das relações dentre o cidadão civil e o religioso, afirmando não ser um superior ao outro. Defende a religião como modelo pacificador da sociedade. Em seu prefácio ele diz:

[...] O Christianismo por toda a parte onde respira um homem penetra, impera; preside os destinos da humanidade, ilumina com sua refulgente luz os povos que avançam na vanguarda do gênero humano.

Para que não pois de querer políticos imprevidentes dissociar tão íntimos interesses, os do Estado e os da Igreja, proclamando-os diversos e quem sabe se hostis?

Permitam *os espíritos fortes*, ao crente contemplar na religião um lenitivo nas provações, um refúgio na desgraça, um penhor de ventura e de paz na terra, um antegosto da imortalidade. Se lhes repugna ver nella chave da eternidade, proveitem-a como o mas sublime dos códigos penaes, com a designação de todos os delitos dos seus códigos humanos e de outros innuerveraveis para que são impotentes as leis

---

<sup>278</sup> “Eh quoi! N’esta pas le Syllabus qui nous divise? N’est-ce pas lui qui met aux prises ces deux partis catholiques appelés les ultramontains et les liberaux? Oui, le Syllabus a divise quelque chose, et c’est précisément pour cela qu’il peut nous unir. Il a divise l’erreur d’avec la verité, les coers droits d’avec les tortuex, la nuit d’avec le jour, l’esprit de Dieu d’avec l’esprit du siècle, les theories changeantes d’avec les eternels principes”. PETITALOT, R. P. *Le Syllabus. Base de l’union catholique*. Paris: Bray e Retaux Libraires-Editeurs, 1877. p. IV. Tradução nossa.

<sup>279</sup> Campos, Joaquim Pinto de. *A Igreja e o Estado. O Católico e o Cidadão* Rio de Janeiro: Typografia do Globo, 1875.

terrenas; aproveitem-a porque a sanção das pennas é aplicada por juiz que vê tudo e sempre pune inevitável e Recto.<sup>280</sup>

Campos também leva em consideração a Encíclica de 1864 afirmando que ela condenou os excessos do liberalismo e não da liberdade, o racionalismo e não a razão: “Não! O Syllabus não é e nem pode ser a condenação enexorável do progresso, e da liberdade dos povos, nem a consagração oficial das aspirações daqueles que andam a sonhar com a restauração do regimem da Idade Média”<sup>281</sup>. Observa-se que há uma intenção de amenizar críticas feitas aos pontos constantes do *Syllabus*, em afirmar que ele não apresenta a ideia de extinguir todo um ideário nascente, apenas atacar seus pontos negativos garantindo a manutenção da ordem social e religiosa.

O pontificado de Pio IX foi marcado pelo surgimento de diversos documentos de caráter doutrinal que tiveram impacto, em diferentes graus, no mundo católico. Alguns deles são apresentados e debatidos na obra *Les Actes Pontificaux cetés dans L'Encyclique et Le Syllabus du 8 Décembre 1864*, organizada por J. Chantrel (1818-1884), famoso historiador católico do período, o qual será melhor apresentado mais adiante neste trabalho. Além das encíclicas e alocuções do papa constam também como apêndice da obra, a Declaração dos direitos do homem, 1789 e a Constituição Civil do Clero. Publicada apenas um ano após o *Syllabus* ter vindo à lume o livro foi um possível vetor de seu conteúdo e pode ter ajudado na expansão do processo de universalização da igreja romana.

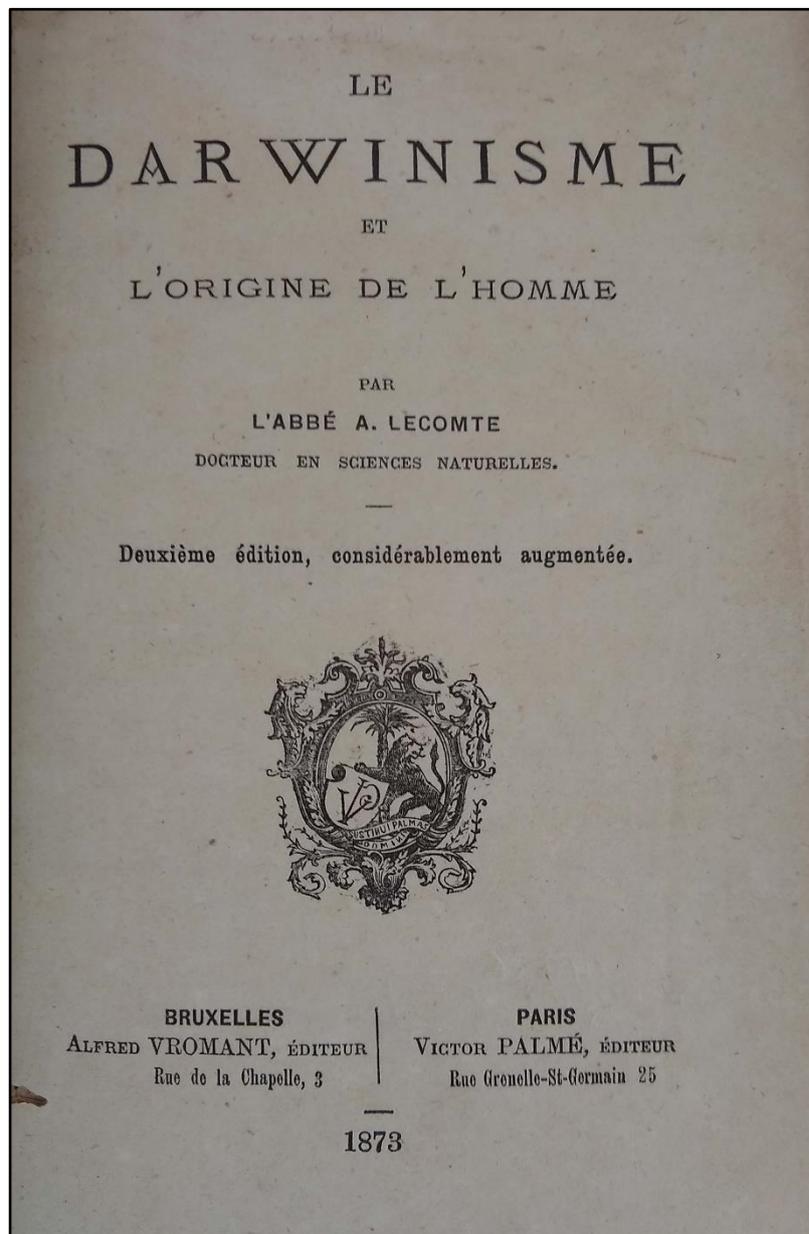
A premissa da encíclica papal de “combater os erros de nosso tempo” era então defendida e difundida pelos autores das obras citadas. Um desses erros, ou novo conjunto de ideias, afetava diretamente a doutrina baseada nos livros sagrados, trata-se do darwinismo, pois sua teoria para a evolução do homem na terra vai de encontro ao criacionismo defendido pelos cristãos cujas bases encontram-se bem documentadas no livro do *Gênesis*. Nesse sentido também foram escritas obras para rechaçar os estudos de Darwin e uma amostra desse tipo encontrada no fundo da Biblioteca é *Le Darwinisme et l'origine de l'homme*, de A. Lecomte (1824-1881).

---

<sup>280</sup> Ibidem. p. VIII. Grifo do autor.

<sup>281</sup> Ibidem. p.155.

Figura 6: LECOMTE. Abbé A. Le Darwinisme et l'origine de l'homme: Paris/Bruxelas Victor Palmé/Alfred Vromant, Editeur, 1873.



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

O livro em questão trata-se da 10ª edição consideravelmente aumentada (o que indica grande saída), que veio à lume em 1873 nas oficinas de Victor Palmé, em Paris. O autor, abade, é também doutor em ciências naturais, o que permite inferir que, além de aptidão para esses estudos de sua parte, havia um interesse da Igreja em ter em seus quadros especialistas nas mais diversas áreas, inclusive na esfera da ciência. A edição é dedicada a um príncipe E. de Croy (Auguste Etienne ou há a possibilidade de ser a princesa Emma de Croÿ (1858-1934)), membro de uma família aristocrática francesa.

O autor se propõe a desenvolver uma crítica geral do darwinismo, visando, sobretudo, a questão da evolução do homem.

Tentamos estabelecer *ex professo* que o darwinismo, apesar das reticências da primeira exposição do sistema, implica necessariamente, mesmo que consideremos somente o Tratado sobre as origens das espécies, a derivação do homem de uma forma animal inferior, pela *simple transformation naturelle* desta, tanto por sua contribuição física, quanto mental.<sup>282</sup>

Lecomte demonstra que estava a par das recentes descobertas científicas, em especial as arqueológicas que iam de encontro ao livro do *Gênesis*, sabia das descobertas de fósseis de símios e da existência destes nas mais diversas regiões. Pode-se perceber que há no autor o incômodo no fato da teoria sugerir que o homem derive de um animal inferior enquanto a crença dominante é de que foi criado à “imagem e semelhança” de Deus, logo, perfeito em sua essência; essa talvez tenha sido uma das razões pelas quais o estudo de Darwin foi odiado pelos católicos e cristãos em geral.<sup>283</sup>

Mas as novas descobertas científicas e históricas também eram utilizadas pela Igreja em proveito próprio, no intuito de comprovar os fatos contidos na Bíblia, sobretudo no Velho Testamento, assim aparentando um estado de aceitação com relação à ciência e colocando-se também como impulsionadora e entusiasta de determinados estudos. Nesse sentido se observa a obra *A religião em face da ciência*, publicada em 1884 pelo Abade Alpius Arduim (?? - ??), procura conciliar o pensamento científico e o religioso.

A obra em tela, na sua terceira edição, que possui o título complementar de “Lições sobre o acordo entre os dados da revelação bíblica e as teorias científicas modernas”, comprova o quanto os padres do seminário estavam atualizados com os estudos em ciência de sua época. A obra, traduzida para o português por Antônio Maria de D’Almeida Netto, visa estabelecer uma relação entre as afirmações bíblicas e as recentes descobertas científicas com o fim de comprovar as questões teológicas. O exemplar estudado, trata-se da primeira parte, referente à Cosmogonia. Em seu prefácio, o autor refuta a fala corrente de que a Igreja se opõe à ciência:

---

<sup>282</sup> “Nous avons essayé d’établir *ex professo* que le darwinisme, malgré les reticences de la première exposition du systeme, implique nécessairement, même à ne considérer que le *Traité de l’origine des espèces*, la derivation de l’homme d’une forme animale inférieure, par la *simple transformation naturelle* de celle-ci, tant sous le apport physique que sous le apport mental.” LECOMTE, Abbé A. *Le Darwinisme et l’origine de l’homme* Paris/Bruxelas: Victor Palmé/Alfred Vromant, Editeur, 1873. p. IX. Tradução nossa.

<sup>283</sup> A teoria de Darwin, na verdade foi mal interpretada pelos grupos religiosos, com ou sem intenção, pois o cientista não afirmou que o homem havia evoluído do macaco, mas que os dois e demais espécies de primatas descendem de um ancestral comum e isso não se aplicava apenas ao ser humano, para ele “[...]todas as espécies de um mesmo gênero derivam também certamente de um antepassado comum, e que os dois sexos de uma mesma espécie derivam do mesmo ancestral.” Cf.: DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 2003.p. 172.

Em nossas lições propozemo-nos responder a uma asserção hoje tida por banal: de todos os lados se ouve repetir que a Religião está em contradicção com a sciência; que ela retem fatalmente o progresso do espírito humano; que a imobilidade de seus velhos dogmas não pode conciliar-se, por forma alguma, com os desenvolvimentos incessantes e com as descobertas verdadeiramente maravilhosas da sciência moderna. Para refutar este sofisma empreendemos demonstrar que, bem diversamente, os ensinamentos da Religião estão em perfeito acordo com a sciência verdadeira, e que podem guiar a marcha do espírito humano n'esta via do progresso, tão largamente aberta hoje.<sup>284</sup>

Para dissipar a ideia de que a religião contradiz a ciência e que está em “perfeito acordo” com ela vários autores católicos produziram obras que estavam em consonância com algumas das teorias pensadas e desenvolvidas no período em várias áreas do saber, como é o caso do estudo do professor do Instituto Católico de Paris e antigo aluno da Escola Politécnica, abade de Broglie, intitulado *Le Positivisme et la Science expérimentale*. Editado em 1881 pela Societé Generale de Librairie Catholique, trata de alguns dos princípios básicos do positivismo. O volume encontrado trata-se do tomo segundo e sua primeira parte traz temas como “As substâncias e a observação pura” e “Veracidade da percepção exterior”. Interessante notar que ao tratar dos “Erros de percepção” o autor enumera também erros de causas físicas (percepção táctil) e de causas “puramente psicológicas”, o que sugere que estava atento aos estudos emergentes da área da psiquiatria tratando, inclusive, de alucinações.

Um livro de caráter científico, embora ao combater os filósofos “surrealistas” o autor sugira a falta de observação destes nas questões de justiça, moral e religião no que se refere à percepção humana. São também abordados temas como “causas” e leis físicas e verdades matemáticas. A ciência sob o ponto de vista da Igreja.

Se tratando ainda do campo de estudos psicológicos e psiquiátricos outra obra confirma o interesse dos provedores da Biblioteca nesse tema. Desta vez um livro escrito por um estudioso da área, que foi presidente da sociedade médico-fisiológica de Londres. Daniel Hack Tuke (1827-1895) escreveu várias obras sobre o tema da psiquiatria e psicologia, nas quais apresentava estudos sobre história da insanidade, os asilos para alienados, incluindo um dicionário biográfico da psiquiatria e de medicina psicológica<sup>285</sup>. De sua autoria foi catalogado no fundo da Biblioteca a obra *Le corps et l'esprit. Action du Moral et de l'imagination sur le physique*, de 1886. Livro que visa apresentar as influências do espírito no corpo físico. Ilustrado com imagens do corpo humano, apresenta uma extensa introdução onde o autor justifica sua

<sup>284</sup> ARDUIM, Abade Alpius. *A religião em face da ciência*. 1ª Parte: Cosmogonia Lisboa: Typografia Universal de Tomas Quintino Antunes. Impressor da Casa Real, 1884. p. IX

<sup>285</sup> CF.: Virtual International Authority File (VIAF). [http://viaf.org/viaf/56680455/#Tuke,\\_Daniel\\_Hack,\\_1827-1895](http://viaf.org/viaf/56680455/#Tuke,_Daniel_Hack,_1827-1895).

obra. Segundo ele, o espírito age no corpo por três meios: inteligência, vontade e emoção. Acompanha catálogo com obras referentes aos transtornos da mente<sup>286</sup>.

O interesse por essas questões por parte dos religiosos não era de se estranhar, pois apresentavam uma nova perspectiva acerca dos modos de pensar e agir dos sujeitos e de novas formas de ação diante do conhecimento sobre as atividades psíquicas. No entanto, o reconhecimento sobre alguns estudos se dá quando estes podem ser utilizados em proveito da Igreja, o que ocorre geralmente com as pesquisas nas áreas de história ou arqueologia, diferente do que ocorria com os estudos no campo da biologia, geralmente atacados pelos estudiosos ligados à Santa Sé.

A comprovação das narrativas contidas nos livros bíblicos era o que levava os autores católicos a se interessar pelas atividades arqueológicas, principalmente quando essas se davam em locais considerados sagrados ou de importância bíblica. Um claro exemplo dessa utilização pode ser visualizado na obra *La Bible et les découvertes Modernes em Égypte et em Assyrie*, de F. Vigouroux (1837-1915), autor conhecido por suas edições da Bíblia Sagrada, das quais alguns exemplares foram encontrados no acervo, são de sua autoria também o *Dicionário Bíblico* e o *Manuel biblique ou Cours d'Écriture Sainte à l'usage des séminaires*<sup>287</sup>.

Esta obra, *La Bible et les découvertes...*, se refere a descobertas ocorridas no Oriente, no campo da arqueologia e da história que poderiam vir a atestar a veracidade do Antigo Testamento, como se o autor estivesse agora assegurando os escritos bíblicos com a chancela científica.

Uma das narrativas que se busca autenticar é a de José, que segundo os textos sagrados cristãos, foi vendido como escravo aos egípcios por seus irmãos. A história é então contada e são citados documentos, trabalhos, papiros, monumentos etc. Numa segunda parte o autor se utiliza da recente ciência da Egiptologia para confirmar a autenticidade da história de José:

As descobertas de egiptologia que nos fazem conhecer, obrigaram os inimigos dos Livros Santos a mudar de tática quanto a seus ataques à história de José. Eu ofereço

---

<sup>286</sup> O período no qual o estudo aqui apresentado foi publicado ainda era de desenvolvimento para a psicologia. Durante a segunda metade do século XIX predominaram os estudos voltados para as questões físicas do cérebro. “[...] a posição organicista, corporificada na figura do eminente psiquiatra alemão Emil Kraepelin, predominava. Buscava-se, com afincamento, encontrar lesões cerebrais macroscópicas e microscópicas que pudessem explicar as doenças mentais, segundo modelo estritamente médico. Dispensava-se, portanto, a psicologia; era a psiquiatria “desalmada”. Temos de reconhecer que alguns sucessos podem ser computados a essa era; por exemplo, a descoberta do substrato neural da psicose sífilítica. Porém as jóias da coroa da psiquiatria — a esquizofrenia, os transtornos afetivos e de ansiedade — permaneceram um mistério.” Cf.: GRAEFF, Frederico G. Neurociência e psiquiatria. In.: *Psicol. clin.* vol.18 no.1 Rio de Janeiro, 2006. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652006000100003&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000100003&lang=pt). Acesso em 29/04/2021. Apenas no final dos oitocentos e no início do século seguinte, a partir, sobretudo dos estudos de Sigmund Freud se aprofundaram os estudos das chamadas neuroses.

<sup>287</sup> CF.: VIAF. [http://viaf.org/viaf/69027564/#Vigouroux,\\_Fulcran,\\_1837-1915](http://viaf.org/viaf/69027564/#Vigouroux,_Fulcran,_1837-1915)

por assim dizer e não menos voluntariamente, para aqueles que gostariam de fechar as portas da Santa Escritura, muitas das coisas que lhes serão agradáveis, porque eu demonstro que a história de José em particular, mesmo em seus menores detalhes, retrata muito exatamente o estado do Antigo Egito.<sup>288</sup>

É de se observar então, que se por um lado há a crítica e o descrédito a certas abordagens e teorias científicas que muitas vezes promoveram a desconstrução de algumas peças religiosas, por outro se valorizam aquelas que atendem à demanda da Igreja em ter comprovadas narrativas que sustentavam a própria fé católica, há uma apropriação do discurso científico em proveito próprio. Na verdade, isso tem se dado durante toda a existência do catolicismo, o controle sobre os discursos foi sempre uma estratégia para manter uma influência soberana onde atuava e uma das maneiras pelas quais isso se dava era pela manipulação do tipo de leitura ao qual os católicos poderiam ter acesso.

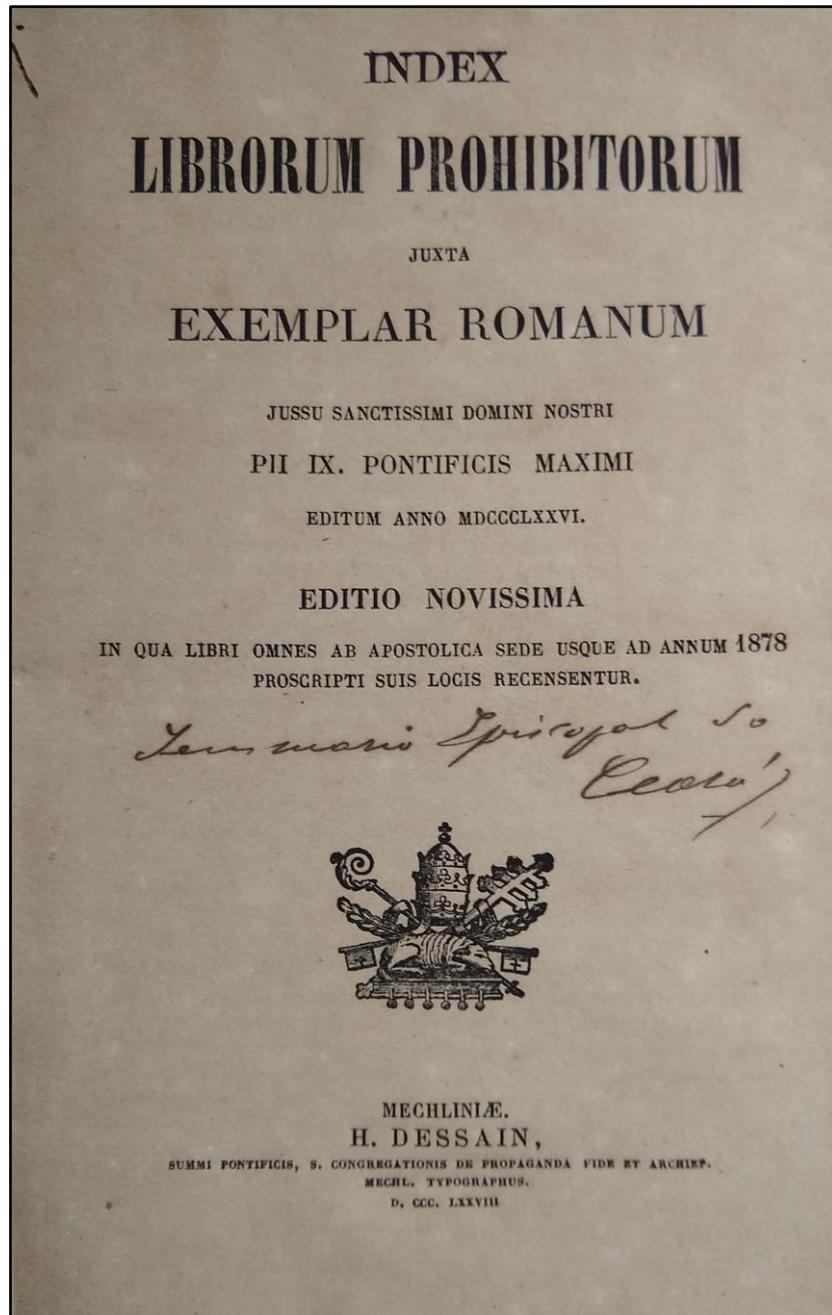
Com a emergência de novas forças sociais na Modernidade, a realização da Reforma Protestante, junto ao desenvolvimento da imprensa que provocou a ampliação significativa da circulação de livros dos mais diversos temas, a Santa Sé teve que criar mecanismos para controlar o que era publicado e posto à disposição de seus fiéis, esse trabalho foi melhor organizado e institucionalizado a partir do Concílio de Trento que estipulou diversas normas que iam desde a concessão de permissões para imprimir, passando pela censura dos escritos chegando à proibição e recolhimento de obras consideradas problemáticas. Sobre esses mecanismos, Dominique Julia escreve que:

[...] a questão é criar um controle rigoroso dos livros "que tratam das coisas sagradas": os impressores e livreiros deverão submetê-los previamente ao exame e aprovação da autoridade eclesiástica local; ao mesmo tempo, para opor uma barreira ao prodigioso aumento dos livros "suspeitos e perigosos" que propagam "longe e por todos os lados" uma doutrina ruim, os padres, ao se despedirem, confiam ao papa o cuidado de dar os retoques finais ao trabalho de censura preparado por uma comissão do concílio. É na realidade a consagração do sistema do *index*, cuja primeira edição, promulgada por Paulo IV, foi publicada em 1558 na Cidade Eterna.<sup>289</sup>

<sup>288</sup> “Les découvertes égyptologiques, que nous venons de faire connaître, ny obligé les ennemis des livres Saints à changer de tactiques dans leurs attaques contre l’histoire de Joseph. [...] J’offre por ainsi dire malgré moi et ne na moins volontiers, à ceux voudraient fermer les portes de la Sainte Écriture, beaucoup des choses qui leur seront agréables, car je démontre que l’histoire de Joseph em particulier, même dans ses moindres détails, dépeint très-exactment l’état de l’acienne Égypte”. VIGOUROUX, F. *La Bible et les découvertes Modernes em Égypte et em Assyrie* Paris: Beche et Tralin, Editeurs, 1877. p. 170-171. Tradução nossa.

<sup>289</sup> JULIA, Dominique. Leituras e Contrarreforma. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 80

Figura 7: *Index Librorum Prohibitorum. Juxta Exemplar Romanum.* Mechliniae (Bélgica): H. Dessain/Congregação de Propaganda Fide, 1878.



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A existência do *Index* auxiliou sobremaneira o trabalho dos inquisidores na busca por hereges nos anos de atuação do Tribunal do Santo Ofício. Ter a posse de um livro proibido era mais que suficiente para o início de um julgamento<sup>290</sup>. Mesmo após os encerramentos das

<sup>290</sup> Um exemplo bastante conhecido dessa situação é o episódio estudado por Carlo Ginzburg em *O Queijo e os Vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Na obra o autor apresenta e analisa a história de Menocchio, um moleiro italiano preso pela Inquisição após declarar singulares opiniões sobre vários temas, como a fé, as escrituras e a formação do mundo. Em seu poder

atividades inquisitoriais, a lista permaneceu tendo grande importância no combate aos ideais contrários aos da Igreja, ganhando sempre mais adições com o passar dos anos e não deixaria de ter seu valor no período das reformas promovidas por Pio IX. Nesse sentido é mais que compreensível a presença de um exemplar dessa obra na Biblioteca Episcopal de Fortaleza.

O volume em tela trata-se do, *Index Librorum Prohibitorum. Juxta Exemplar Romanum*. Mechliniae (Bélgica): H. Dessain/ Congregationis de Propaganda Fide, 1878, que se abre com saudações a Jesus Cristo e ao papa Pio IX. Também em suas páginas iniciais há uma saudação em memória do papa Benedito XIV, acompanhado de uma predicação ao leitor católico. Em seguida se apresentam as regras do Índice criadas no Concílio de Trento.

Constam também inscrições acerca da proibição dos livros, de sua correção, impressão e da atuação dos inquisidores em todos os casos; há também um decreto apresentando os tipos de livros proibidos (aí incluídos instruções e ritos “maometanos”), os assuntos vetados e as imagens e indulgências proibidas. Após todos esses preâmbulos dá-se início ao Índice propriamente dito, a edição contém obras publicadas desde o século XVII, tratando-se, portanto, de uma edição ampliada.

Diante de uma rápida leitura do volume pode-se observar a presença de trabalhos de autores de destaque como *De Monarchia, libre três*, de Dante Alighieri; de Balzac contam 19 obras dentre as quais, *Le Père Goriot*, *La Femme superieure* e *Nouveaux contes philosophiques*; Jacques Diderot, com *Le fataleste e son maître*; e Alexandre Dumas (pai e filho).

Também constam livros cujos títulos já justificam sua presença no Index, como *História da Franco-Maçonaria e dos pedreiros livres pelo autor da biblioteca maçônica e Histoire du Diable*. Alan Kardec também está presente com 4 obras, dentre elas *O Livro dos Espíritos* e *O livro dos Médiuns*. J. Michelet também aparece com seus *Du Prêtre, de la Femme et de la famille*, *L'amour*, *La Sorciere* e *Bible de l'humanité*.

Um dos autores, que mais se destacam com obras proibidas ou censuradas, depois de Balzac é Ernest Renan, com oito livros na lista, quais sejam: *Le libre de Job de l'hebreu*, *Etudes d'histoire religieuse; origine de langage. Histoire Générale et systeme compare de langues sémitiques*, *Averroès et l'averroïsme, essai historique*, *Les Cantique des cantiques*, *Vie de Jesus*, *Les Apôtres*, *Questions Contemporaines. Deuxième édition, Saint Paul, avec une carte de*

---

foram encontrados vários livros considerados perigosos pela Igreja como o Decamerão. Ginzburg analisa de que forma as declarações do moleiro indicam a interpretação que ele fez de suas leituras diante da realidade em que vivia, sendo um valioso estudo das práticas de leitura camponesas na Europa seiscentista.

*voyages de saint Paul par M. Kietert de l'Academie de Berlin*. Obras críticas dos livros de Renan também foram encontradas no acervo e serão analisadas posteriormente.

Ainda no *Index*, Jean-Jacques Rousseau aparece com três obras, quais sejam, *Émile, ou de l'éducation*, *Du Contrat Social, ou principes du troit politique* e *La nouvelle Héloïse*.

Nesta edição também aparecem obras publicadas no Brasil, como *Biblias falsificadas, ou duas respostas ao sr. Conego Joaquim Pinto de Campo, pelo christão Velho, etc* e *Brasil (o) mystificado na questão religiosa*, ambos com títulos em latim, respectivamente *Biblia falsata, seu dua responsa data ad dom. Canonicum Joachimum Pinto de Campo a Christiano seniore* e *Brasilia in Religiosa questione illusa*.

Obras de autores católicos consagrados ou de membros da Igreja também estavam presentes no *Index* como foi o caso de 23 catecismos em vários idiomas ou *Apologia católica de las observaciones pacíficas del Ilm. S. arzobispo de Palmyra Don Felix Amat sobre l potestade eclesiástica y sus relaciones com la civil; aumentada com algunos documentos, etc... y em defensa y explicacion de la pastoral do bispo de Astroga de 6 de Agosto de 1842*. Joannes Lapide, famoso escritor de obras teológicas também consta desta edição. Destacam-se também a presença dos *Essais*, de Montaigne e *Opra Omnia quoncunque idioma exarata*, de Phroudon.

Trata-se de uma obra de extremo valor para a História do livro, pois ao elencar obras de diversos países e das mais variadas temáticas possibilita uma observação geral sobre a produção livreira mundial, além de fornecer informações sobre as leituras que mais se destacavam e por isso estavam na lista ou, ao contrário, alcançaram destaque por estarem na lista. Não só esse, mas os volumes citados até aqui fornecem subsídios para o entendimento acerca das questões que pairavam sobre a realidade encontrada pela Igreja no seu processo de unificação da doutrina e dos meios que ela utilizava para driblar os obstáculos religiosos, sociais, filosóficos e científicos que dificultavam a reforma católica.

Esses temas certamente eram debatidos nas salas de aula do seminário e, embora não se possa garantir que os livros do acervo que deles tratavam fossem lidos por mestres e alunos, eles ali estavam disponíveis confirmando a tese de que o Ceará contava com um acervo em consonância com os debates realizados ao redor do mundo, no campo do saber religioso e em vários outros. Porém, a base do que compunha o ajuntamento da Biblioteca era de livros destinados à formação sacerdotal, de rubricas referentes ao ensino religioso católico.

## 4.2 As obras para a formação sacerdotal

Como já foi citado neste estudo, a instalação do seminário de Fortaleza aparece como um marco na história do ensino no Ceará. A conhecida tradição da educação católica e mais precisamente da metodologia dos padres lazaristas atraía os membros das classes mais altas desejosos de dar a seus filhos uma instrução considerada de nível alto e pautada nos preceitos de moral e obediência cristã. Mesmo os que não optassem pela vida sacerdotal teriam garantida uma boa preparação para as etapas seguintes de formação.

Os dois cursos oferecidos no seminário, o de preparatórios e o teológico, como citado no capítulo primeiro, eram constituídos de currículos que abrangiam as disciplinas tradicionais para cada um desses níveis à época, tais como latim, francês, gramática, aritmética, teologia, hermenêutica etc. As normas estabelecidas para a vivência dos alunos na instituição determinavam uma rígida rotina de estudos, que além das aulas também contava com horas de estudos individuais (eram cerca de 4 horas de segunda a sábado e 2 horas aos domingos e feriados)<sup>291</sup>, com grande possibilidade de parte desse tempo se passar na Biblioteca depois que esta foi definitivamente instalada.

Tanto a organização do currículo quanto da Biblioteca ficou a cargo do primeiro reitor, padre Chevalier, o que permite inferir que a seleção das obras para compor o acervo esteve pautada nas disciplinas a serem ministradas, podendo ter tido a participação dos demais lentes, e que pode ter levado em consideração o contexto e as novas tendências tanto religiosas quanto seculares que por ventura achassem necessário dar a conhecer.

Com relação ao curso de preparatórios, a divisão curricular estabelecia determinada quantidade de disciplinas para cada ano do curso e também as que teriam mais ênfase. No primeiro ano, por exemplo, a gramática ocupa maior carga horária, dividida entre latina, portuguesa e francesa, diminuindo sua presença no decorrer do curso e encerrando seu conteúdo no terceiro ano. Já história e geografia estão presentes em todos os anos, assim como o estudo do catecismo.<sup>292</sup>

Os manuais utilizados nas aulas refletiam o caráter múltiplo do acervo e da seleção dos títulos, pois estão presentes obras já consagradas no campo do ensino de algumas áreas e outras cuja publicação é recente e mesmo estudos de autores locais. As aulas de gramática latina, por exemplo eram auxiliadas pelo *Elementos de Gramática Latina*, de Gomes de Moura (1769-

<sup>291</sup> SEF/SHE. *Livro do Conselho do Seminário Provincial de Fortaleza (1864-1935)*

<sup>292</sup> SEF/SHE. *Livro do Conselho do Seminário Provincial de Fortaleza (1864-1935)*

1854), autor português conhecido pela publicação de várias obras voltadas para o estudo gramatical, como *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina, e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma* e o *Compendio de Grammatica Latina e Portugueza*<sup>293</sup>

Já o curso de geografia tinha como referência o livro *Geografia*, de Pompeu. Considera-se que o livro em questão seja o *Elementos de Geografia*, de Thomás Pompeu, publicado em 1856 e com várias reedições. Era editado no Rio de Janeiro por Laemmert e foi muito utilizado nas escolas de nível secundário em várias partes do Brasil. Sendo professor de Geografia do Liceu do Ceará, o Senador Pompeu considerou necessário um compêndio mais adequado a seus alunos e sua realidade, então escreveu-o ele mesmo. Era comum os professores das mais diversas disciplinas produzirem seus próprios compêndios adaptando os conteúdos à real situação do ensino no Brasil, esse foi um movimento que muito impulsionou o setor editorial brasileiro.<sup>294</sup>

Um estudo que acompanhava todos os anos dos preparatórios era o do catecismo. Sabe-se que este era um livro bastante utilizado no ensino primário brasileiro durante os oitocentos. Era através de seu estudo que se buscava inculcar nos alunos princípios valiosos para a sociedade cristã católica, tais como a fé em Deus, a moral e o respeito aos pais e à Igreja, enfim, através dele eram repassados os principais ideais da religião sob os quais deveriam viver os fiéis, ou seja, o cidadão temente a Deus, trabalhador e obediente. A obra utilizada no seminário para esse fim era o *Catecismo da Diocese*. Não é possível dizer qual obra específica, pois vários circulavam no país com esse título e nenhum exemplar do mesmo foi encontrado no acervo. A partir da década de 1880 o *Catecismo da Diocese do Ceará*, com base na edição maranhense, passa a ser editado por Gualter Silva<sup>295</sup>. No entanto, essa obra em específico não foi localizada na Biblioteca, mas na mesma constam 13 títulos de catecismos que poderiam constar nas leituras extras dos alunos durante suas horas para estudos individuais.

---

<sup>293</sup> Acredita-se que esse era de fato o nome da obra utilizado pelos lentes do seminário, pois não foi encontrada obra de Gomes de Moura com o título *Elementos de Gramática latina*. O Compêndio, publicado inicialmente em 1829, foi bastante utilizado em Portugal durante a primeira metade do século XIX e até 1876 já contava com 12 edições. Cf.: KEMMLER, Rolf. Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latinoportuguesa nos séculos XV a XIX. In: VEREDAS 19 (Santiago de Compostela, 2013), pp. 145-176. Disponível em: [https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34567/1/Veredas19\\_artigo9.pdf?ln=pt-pt](https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34567/1/Veredas19_artigo9.pdf?ln=pt-pt).

<sup>294</sup> Sobre esse aspecto ver BRAGANÇA, Aníbal. A transmissão do saber, a educação e a edição de livros escolares. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. S. Paulo: Annablume, 2006, p. 553-563. Sobre essa produção em Fortaleza sugere-se a leitura de LIMA, Rafaela Gomes. *Os Livros na Fortaleza Oitocentista: Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2014.

<sup>295</sup> Cf.: *Libertador*. Fortaleza: abril, 1884.

Quanto às aulas de história, essas também se davam durante todo o curso, segundo o modelo de estudos que dividia os grandes períodos, iniciando por Antiga, depois Idade Média e Moderna. A do Brasil era vista no quarto ano, quando também se iniciavam as aulas de história sagrada que prosseguiam no quinto ano<sup>296</sup>. Os livros utilizados nas aulas de conteúdo geral eram os de autoria de J. Chantrel, já a história pátria tinha por base a obra referenciada como sendo de Macedo, provavelmente trata-se de Joaquim Manuel de Macedo, pois o autor d'*A Moreninha* também escreveu um manual de história para uso nas escolas brasileiras. Um aprofundamento nos trabalhos desses autores, bem como um estudo das obras diante dos estudos históricos do período serão tema de um tópico exclusivo para esse assunto mais adiante.

A *Selecta dos santos padres*, obras de retórica, física, filosofia e de autores clássicos como Virgílio e Tito Lívio também figuravam como apoio para as aulas desse curso. Infelizmente, de todas as obras citadas como tendo sido utilizadas nas aulas apenas as de Chantrel foram encontradas na Biblioteca. A má conservação e as várias mudanças do acervo são apenas alguns dos motivos que podem ter provocado a perda desses volumes.

Já com relação ao curso Teológico, não se tem uma relação de obras ou autores utilizados como auxiliares nos estudos das disciplinas, todavia, já que se conhece as cadeiras que eram ofertadas, é possível indicar livros importantes para o estudo em questão diante da catalogação do rol da Livraria. Convém lembrar que, por óbvio, os volumes com temáticas religiosas são a base desse fundo. Logo, algum deles, seja por ser clássico ou por representar nova tendência, foi considerado como fonte de conhecimento válida pelos sujeitos do seminário e por isso, incorporados ao acervo.

A teologia e suas subdivisões<sup>297</sup> são a base de estudos para a formação sacerdotal, logo, as obras relacionadas a essa rubrica ocupavam lugar de destaque no acervo. As aulas de

---

<sup>296</sup> SEF/SHE. *Livro do Conselho do Seminário Provincial de Fortaleza (1864-1935)*

<sup>297</sup> A Teologia pode ser conceituada como estudo ou ciência de Deus ou sobre Deus. No século XIX a Teologia se caracteriza por uma submissão ao magistério religioso, visando defender a fé e atacar os erros, o que fica mais efetivo a partir de Pio IX. Depois que se tornou disciplina obrigatória nos seminários, passou por irreversível processo de vulgarização. Passa a ser um saber elaborado visando à formação clerical. Nesse sentido possui 3 importantes subdivisões: Fundamental, Dogmática e Moral. Do ponto de vista católico, pode -se dizer que: “Na fundamental, prevalece a apologética, cujas demonstrações não visam a suscitar a fé, mas sim mostrar a credibilidade do testemunho dado à revelação por Jesus Cristo e sua Igreja. Contra os incrédulos, funda racionalmente a necessidade de uma religião e divindade do cristianismo católico. A moral se estrutura sobretudo a partir da lei (divina, natural, positiva) e dos dez mandamentos. Os manuais de teologia dogmática, por sua vez, seguem o *método regressivo*. Partem de uma tese, remetendo-a ao ensinamento atual do magistério eclesiástico. Tratam de prová-la, ao mostrar como este ensinamento está expresso originalmente na Escritura, em perfeita continuidade, presente nas expressões de fé católica patrística e medieval. Completam-se com os argumentos racionais tirados da ‘filosofia perene’ de Santo Tomás, para mostrar a razoabilidade da doutrina católica e sua coerência com as verdades de ordem natural e sobrenatural. É o momento especulativo propriamente dito da teologia.” LIBANIO, J. B. e MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 137.

Teologia Moral e Dogmática, portanto, estavam amparadas numa razoável bibliografia que abrangia os mais diversos aspectos do tema.

Na senda desses estudos encontra-se na Biblioteca o Curso Completo de Teologia ou *Theologiae. Cursus Completus*. Paris: Apud Editorem, 1839-1843. É uma das poucas obras que está em sua totalidade, são 28 tomos, publicados entre 1835 e 1843. Os volumes são abertos por uma lista de colaboradores. O primeiro deles traz um prólogo (Prolegomena) tratando das questões preliminares da Teologia: do nome, da natureza e de sua divisão. O quinto capítulo do mesmo volume traz um breve estudo sobre a história da Teologia. Já o último tomo possui uma lista simples de autores do curso e uma outra mais completa contendo nome, profissão e a data de morte dos mesmos. Acompanha também uma bibliografia das obras que são citadas.

Outras obras se destacam como *Tractatus de Divina Traditione et Scriptura*, do Cardeal Joannis Bapt. Franzelin (1816-1886), publicado no ano de 1875 em Roma pela Congregação de Propaganda Fide. O autor austríaco membro da Companhia de Jesus foi religioso de grande importância no século XIX tendo sido o teólogo papal do Concílio do Vaticano I<sup>298</sup>. De sua autoria foram também catalogados no acervo *Tractatus de Deo Trino. Secundum Personas* em duas edições, 1874 e 1881; *Tractatus de Sacramentis in Genere* (1868/73), *Tractatus de SS Eucharistiae Sacramento et Sacrificio* (1874) e o *Tractatus de Verbo Incarnatu* (1869), todas igualmente publicadas pela Propaganda Fide, por sua importância no rol dos autores católicos é compreensível suas obras serem editadas preferencialmente pela editora oficial da Igreja.

Outros volumes que chamam a atenção no acervo são os tratados. Esses são obras de presença certa nas bibliotecas dos oitocentos, sobretudo nas religiosas, possuem um caráter de crítica positiva e análise sobre um determinado tema ao qual busca abordar de forma completa reproduzindo as doutrinas dominantes<sup>299</sup>. Um autor com várias obras desse tipo que foram relacionadas é Dominique Bouix (1808-1886), que escreveu diversos tratados sobre as instituições da Igreja e a teologia. Entre elas estão *Tractatus de Capitulis* (1862), *Tractatus de Parocho* (1880), *Tractatus de Episcopo* (1873), *Tractatus de Judiciis Ecclesiasticis* (1866), *Tractatus de Papa Ubi de Concilio Oecumênico* (1869), *Tractatus de Concilio Provinciali* (1862) e o *Tractatus de Jure Liturgico*, todas impressas em Paris nas oficinas de editores católicos como Perisse Freres e Jacques Lecoffre.

<sup>298</sup> Cf.: VIAF. [http://viaf.org/viaf/32005139/#Franzelin,\\_Johannes\\_Baptist,\\_1816-1886](http://viaf.org/viaf/32005139/#Franzelin,_Johannes_Baptist,_1816-1886)

<sup>299</sup> FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro*: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Ed. USP, 2008.

No campo das obras consideradas cânones da teologia vale destacar as de Tomás de Aquino (1225-1274). O italiano da ordem dos dominicanos teve um importante papel no desenvolvimento da teologia e da filosofia, sendo considerado o fundador da Escolástica, escola dominante durante a Idade Média, tamanho foi seu valor na construção do conhecimento teológico que recebeu o título de Doutor da Igreja em 1567, sendo chamado de *Doctor Angelicus*, além da canonização no século XIV<sup>300</sup>. No entanto, o tomismo perdeu força durante um período com o surgimento de novas correntes teológicas, o que se modificou no século XIX, sobretudo no período aqui em estudo.

Em 1879 o papa Leão XIII publica a encíclica *Aeterni Patris*, na qual exalta a figura do Aquinate e proclama a importância da filosofia para a fé e desta para o pensamento filosófico. Para o pontífice, S. Tomás foi aquele que conseguiu conciliar de forma mais harmônica fé e razão e considerava que as ciências humanas em muito ganhariam com a restauração dos estudos filosóficos. Era o que estava proposto na encíclica que determinava que os conteúdos teológicos nas instituições católicas fossem baseados nas obras e ensinamentos neotomistas<sup>301</sup>.

Mesmo antes da publicação da *Aeterni Patris*, a obra de Tomás era, obviamente, estudada nos seminários e estava presente nas livrarias conventuais e no acervo em estudo. Várias obras do Doutor da Igreja foram levantadas. Primeiramente a mais importante delas, a *Suma Teológica*. Escrita entre 1265 e 1274 é a obra magna do italiano com grande influência do pensamento aristotélico, a qual apresenta uma forma de ver a teologia que não invalida a razão humana.

Duas edições oitocentistas do livro foram encontradas no fundo histórico da Biblioteca, uma publicada em Paris por Ludovico Vivés, em 1868 e a segunda de 1886 da Typografia Senatus, de Roma, esta última talvez já baseada na chamada edição leonina. A edição romana está em número de 14 volumes, enquanto da francesa apenas um volume foi encontrado. Além da *Suma* há outras obras do autor no acervo, como a *Opuscula Philosophica et Theologica (DOCTORIS ANGELICI)* (1886, 2v), *Opuscula Selecta* (1881) e a *Opera Omnia* (1856). Um

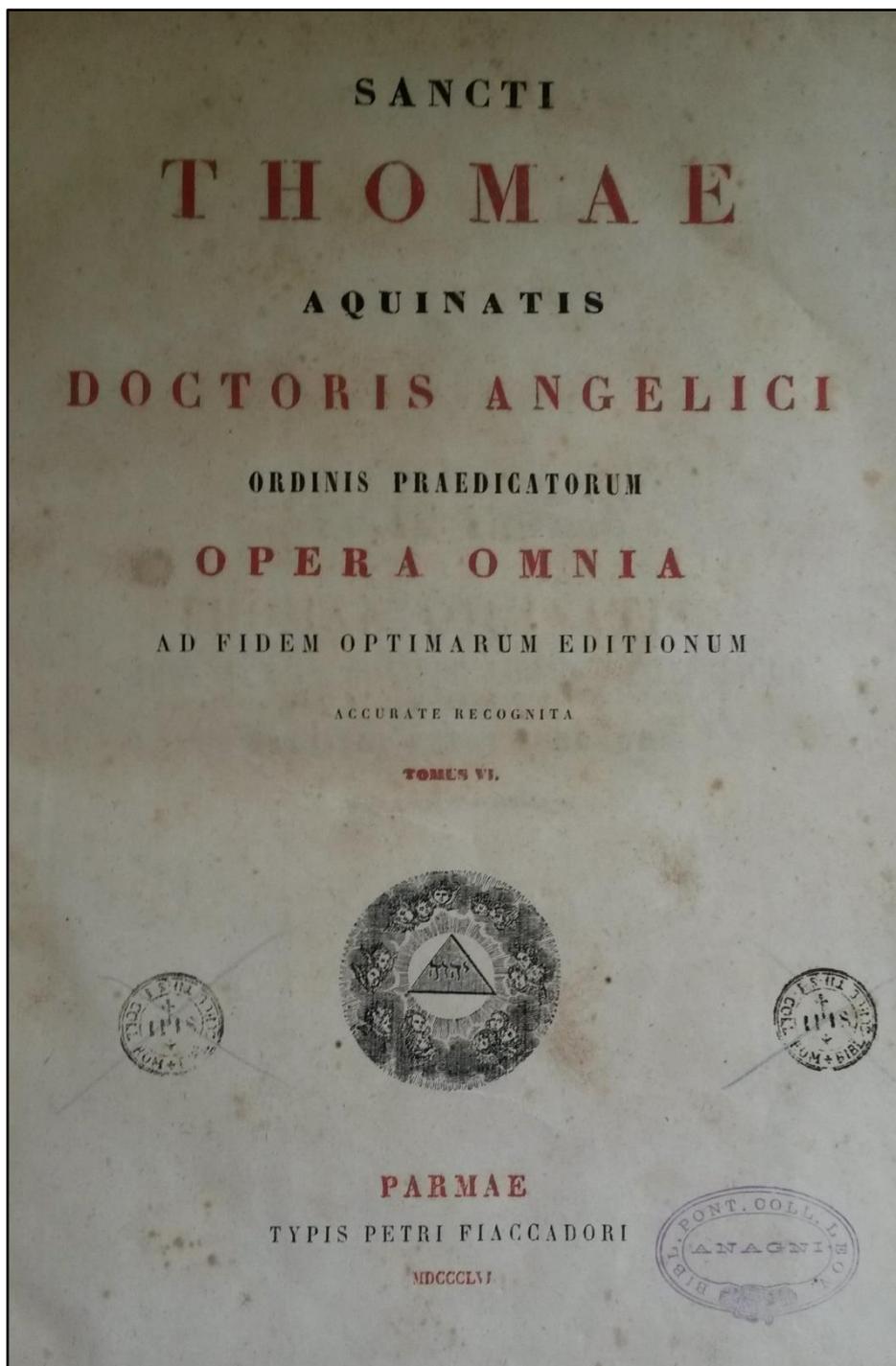
---

<sup>300</sup>AQUINO, Santo Tomás de. *Suma de Teología*. Cuarta edición (reimpresión). Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2001

<sup>301</sup> Epístola Encíclica *Aeterni Patris* del sumo pontífice León XIII sobre la restauración de la filosofía Cristiana conforme a la doctrina de Santo Tomás de Aquino. Roma, 1879. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_04081879\\_aeterni-patris.html](http://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_04081879_aeterni-patris.html). Acesso em 12/05/2021. A determinação do papa era tamanha em restabelecer a obra de Tomás que mandou reeditar a *Suma Teológica* em 1882, numa edição crítica que ficou conhecida como Edição Leonina e é ainda a base para a maioria das traduções da obra.

conjunto de obras desse autor, que embora tenham sido editadas em diferentes períodos do século XIX, refletem, por sua presença a intenção de se cumprir, no seminário cearense a determinação pontifícia.

Figura 8: AQUINO, Tomás de. *Opera Omnia*. Parma: Typis Petri Fiaccadori, 1857



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

Ainda na esteira dos livros de teologia convém destacar o *Codex Dogmatum Ecclesiae Catholicae Quae A Pontificibus Romanis*, esse volume publicado em 1874 possui o diferencial

de ter sido editado simultaneamente em várias cidades tais como Turin, Londres, Nova York, Cincinnati e Paris, o que indica ser um texto considerado importante na área da dogmática e que deveria ser difundido pelo mundo católico. Na senda dos manuais se apresenta o *Institutiones Theologicae in usum scholarum*, do jesuíta Joseph Kleutgen (1811-1883) publicado em 1881 pela Tipografia Apostólica em várias cidades da Europa.

No que se refere à teologia moral, havia grande diversidade de obras na Biblioteca, com livros de diversos autores podendo ser citadas como *Theologia Moralis*, de A. Lehmkühl (1834-1918), *Sylloge Monumentarum ad Mysterium Conceptionis Immaculate Virginis Deiparae*, de A. Ballerini (1805-1881), *Theologia Moralis Universa* de autoria de P. Scavini (1790-1879) e o *Compedium Theologicae Moralis*, por Henrico Dumas (1819 -1902). Porém, a maior quantidade de volumes desse tema são os escritos por Santo Alfonso Maria de Liguori (1696-1787), um dos maiores nomes da Igreja quando se trata de teologia moral<sup>302</sup>.

Vários volumes foram encontrados de diversas coleções, divididas em obras ascéticas, dogmáticas e morais, essas com tratados que falam sobre a consciência, as leis, as ações dos papas etc. Além dessas várias coleções, há a grande Ópera, da qual foram catalogados sete volumes, alguns deles pertencentes ao Bispo D. Luís. A Biblioteca do seminário é uma das que possui o maior número das obras desse autor em território brasileiro, dentre elas citam-se *Doctrina Moralis Vidicata* (Roma, 1873), *Theologia Moralis* (Turim, 1875) *Opere Ascetiche di S. Alfonso Maria de Liguori* (Turim, 1846) e *Homo Apostolicus* (Turim, 1870). Constata-se a importância da figura de S. Alfonso pelas obras escritas sobre ele e seus escritos como *Oevres completes de S. Alphonse de Liguori* (Paris/Leipzig, 1872), de Léop. - J. Dujardin (1805-1883) e *Vita di S. Alfonso Maria de Liguori*, (Roma, 1866) por Antonio Tannoja (1727 1808). As obras de Liguori são consideradas canônicas nos estudos de teologia moral e certamente não poderiam deixar de existir no acervo eclesial de Fortaleza.

Porém, não é apenas de cânones como S. Tomás e S. Alfonso que é composta a rubrica de obras teológicas. Há também, volumes de autores oitocentistas como o do português Francisco Luis de Seabra (1818-1879) *Theologia Moral em Quadros ou estudo ordenado e methodico de todas as questões e doutrinas theologico-morales*, impresso no Porto em 1878 nas oficinas de Ernesto Chadron. Seabra é autor também da obra de caráter mais espiritual *Meditações sacerdotais ou o padre significado pela oração*, cuja edição catalogada foi

---

<sup>302</sup> Afonso de Ligório doutorou-se em direito aos dezesseis anos, tendo feito renomada carreira na área jurídica, no entanto, voltou-se para a religião e se tornou sacerdote aos trinta anos. Em 1732 fundou a Congregação do Santíssimo Redentor ou dos Padres Redentoristas, cuja missão era pregar e atuar exclusivamente junto aos pobres. Foi canonizado em 1839 e declarado Doutor da Igreja por Pio IX em 1871. Cf. <http://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santo-afonso-maria-de-ligorio>. Acesso em 13/07/2021.

igualmente impressa por Chadron em 1885. Na perspectiva de novos escritos teológicos pode-se tratar das obras de P.J.C. Debrayne (1786-1867), esse médico e religioso francês publicou diversos estudos relacionando medicina e religião podendo ser citados *Estudos de theologia moral considerada em suas relações com a physiologia* e *Le prêtre et le médecin devant la société*<sup>303</sup>. No entanto, o livro de sua autoria catalogado nesse estudo foi *Estudos de Teologia Moral*, publicado em Lisboa pela Tipografia Universal em 1876. Isso demonstra que o acervo da Biblioteca estava afinado com os novos estudos realizados pelos religiosos e que passava por processos de atualização.

As obras citadas anteriormente são em língua portuguesa, ainda considerando esse aspecto se apresenta a *Summa Exacta de toda Theologia Moral*, do espanhol O. R. P. Fr. Fulgêncio Culiniati (??-??), que veio à lume em 1821 pela prensa da Impressão Régia em Lisboa. Com relação às publicações brasileiras tem-se o livro *Explicação Histórica, Dogmática, Moral, Liturgica e Canonica do Catecismo*, escrita pelo Abade Ambrosio Guillois (1796-1856) e publicada pela Garnier em 1874.

Outro campo de estudos igualmente relevante na formação sacerdotal é o da Exegética, ou seja, da interpretação das escrituras sagradas. Um clássico dessa área é a obra de Cornélio A. Lapidé (1567-1637), *Commentaria in Sacrum Scripturam*, cuja edição em tela foi produzida em Nápoles em 1854. Desta obra contém a Biblioteca 17 volumes, publicados no decorrer de quase uma década. Lapidé era padre jesuíta que viveu entre os séculos XVI e XVII e seus comentários perduraram por muito tempo nas escolas episcopais, prova disso é sua constante reedição e sua presença no acervo em estudo.

A exegese também se faz presente nas obras de outros autores como Fulcran Vigouroux (1837-1915), sacerdote francês cujas obras, algumas já citadas acima, estavam focadas nos estudos bíblicos e na historicidade da Bíblia, seu livro *Le livres saints et la critique rationaliste* (Paris, 1886) indica a tentativa de uma exegese que tenta amenizar as considerações feitas pelas descobertas científicas que buscam desconstruir algumas narrativas bíblicas. Outro autor com obras na área de interpretação bíblica é Jean Baptiste Glaire (1798-1879) do qual foram levantados os volumes *Abregé d'introduction aux livres de l'Ancient et du Nouveau Testament*, (Paris, 1878), *Le Livres Saint Vergés. Ou la verité historique et divine de L'Anciente et du Nouveau Testament* (Paris, 1874) e *Introdution Historique et critique aux livres de l'Ancien et Nouveau Testament* (Paris, 1869).

---

<sup>303</sup> Cf.: [http://viaf.org/viaf/2545/#Debrejne,\\_Pierre-Jean-Corneille\\_1786-1867](http://viaf.org/viaf/2545/#Debrejne,_Pierre-Jean-Corneille_1786-1867)

Além dos estudos teológicos propriamente ditos, outra disciplina básica na formação sacerdotal é o direito canônico, que em essência é parte constituinte da ciência teológica, visto que:

Historicamente, o Direito Canônico configura-se como uma parte da Teologia e recebe, durante quase onze séculos, o nome de "Teologia Prática ou Teologia da Prática". Ainda hoje, o canonista, para que possa tomar consciência da profundidade que se encontra na base do Código do Direito Canônico, tem de ter em conta que o seu estudo não se entende nem se justifica sem a Teologia. Trata-se de um direito que tem em conta o Homem mas que encontra o seu sentido na universal mediação de Cristo<sup>304</sup>.

O direito canônico é, portanto, a lei geral da Igreja Católica, que rege o cotidiano dos católicos e da comunidade eclesial, é baseado nos princípios da Revelação divina e durante os séculos teve várias compilações, a última atualização do código se deu em 1983 no pontificado de João Paulo II. As obras referentes a essa rubrica encontradas na Biblioteca possuem uma variedade de tipos e épocas de publicação, contando com autores clássicos e contemporâneos à instalação do seminário.

Um dos livros de destaque é *Jus Canonicum Universum Clara Methodo*, de Anacleto Reiffenstuel (1641-1703), publicado em 1735. Essa edição rara da qual consta um único volume é de uma das obras mais importantes sobre direito canônico. Apresenta nas páginas iniciais várias sentenças de licenças e aprovações eclesiásticas para sua publicação. Também foram encontradas edições do século XIX, impressas em Paris, por Ludovico Vivés. O autor era padre da Ordem Menor da Província da Baviera. O prólogo trata das questões referentes à natureza, origem e divisão do direito canônico, bem como sua relação com o direito civil. O fato de possuir publicações recorrentes dentro de um século, classifica o livro como básico para os estudos canônicos.

Outra obra importante é *Jus Ecclesiasticum Universum*, do canonista Francisco Schmalzgrueber (1663-1735), padre da Companhia de Jesus. A edição catalogada foi publicada em Roma, em 1844 e tem características de breve método para estudantes. Foram encontradas 2 coleções incompletas, uma com sete e outra com 5 volumes. A obra tem, ao contrário da de Reiffenstuel, um tom mais didático, embora ambas tenham sido escritas para uso nos seminários. Todos os volumes possuem um índice geral e em cada capítulo há um sumário do que será tratado no mesmo. Não foi impresso com o texto em colunas, o que torna mais fácil a busca por determinado tema nos demais volumes.

---

<sup>304</sup> MADALENO, Aurora Martins. *Introdução ao estudo das leis canônicas*. In.: *Gaudium Sciendi*, n.4, julho, 2013. p. 73

Obra grandiosa relacionada a essa temática é *Analecta Juris Pontificii. Dissertations sur divers sujets de Droit Canonique, Liturgie et Theologie*. Esta obra, sem autoria indicada é dividida em séries, no total de 22 séries (volumes), e encontrada em sua completude na Biblioteca. Foi publicada em Roma com início da publicação em 1855 e o último volume com data de 1883 (pode ser que a coleção tenha sido completada com volumes editados em diferentes anos de coleções diversas). No primeiro volume, consta um capítulo escrito por certo Cardeal Gerdil, no qual este faz uma crítica à obra de Hobbes acerca da questão do estado de natureza do homem, seguido de um comentário sobre os principados civis e outro sobre educação, além de escritos sobre vários outros temas, fechando com algumas “lições de história”, desde tradições primitivas ao Império Carolíngio. A obra analisa especificamente as questões de direito nos Editos papais.

Por se tratar de um texto que é pouco modificado, embora com diversas compilações, é comum a presença de livros publicados em séculos anteriores ao XIX, mesmo que tenham edições mais recentes a exemplo do manual de Reiffenstuel. É o caso das obras *Corpus Juris Canonici*, compilada pelo papa Gregório XIII (1502-1585), cuja edição em mãos é de 1687; do homônimo, *Corpus Juris Canonici*, de Christophe Henri (1704-??) de 1766 e do *De Jurisdictione Ecclesiastica et Civel*, escrito por Francisco Zypaeo (1580-1650) e publicado em 1675. É importante atentar para a presença dessas obras bastante raras no acervo, o que por si só justifica a importância de seu estudo e o caracteriza como fundo histórico. Esses e outros volumes da mesma natureza serão melhor detalhados posteriormente.

Além dessas, há outras obras de publicação contemporânea ao recorte da pesquisa que se conjectura terem auxiliado no ensino dessa disciplina, como a do cardeal Camilo Tarquini (1810-1874), o *Juris Ecclesiastici Publici Institutionis*, de 1884, ou ainda o trabalho de Cândido Mendes de Almeida *Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro Antigo e Moderno em suas relações com o Direito Canônico*, publicado no Rio de Janeiro pela Garnier em 1873, que demonstram o interesse por essas intrincadas categorias jurídicas no contexto do catolicismo enquanto religião oficial, no qual o direito eclesiástico regia muito da vida dos cidadãos. No entanto, o próprio título da obra indica uma diferenciação, visto que “O Direito Canônico também não se confunde com o direito eclesiástico dos Estados, já que este é uma parte do direito estadual que, sendo em matéria religiosa, inclui as normas relativas às confissões não católicas”<sup>305</sup>. Ou seja, é uma área que exige estudo aprofundado, logo a diversidade de obras sobre o tema é mesmo necessária.

---

<sup>305</sup> MADALENO. Op. Cit. p. 74.

Como também o eram as obras relacionadas ao estudo da liturgia e da eloquência, duas disciplinas que estavam diretamente voltadas para fortalecer a relação do pároco com seus fiéis. Nessa linha, muitos livros foram encontradas no fundo da Livraria, dentre as quais estão *Instituições Litúrgicas para o uso do clero em geral e dos Seminários em particular*, de João Forcini(??-??), impresso na Tipografia de Santos e Cia no Recife, em 1857; o *Theatro Ecclesiastico e Manual de missas oferecido à Virgem Santíssima, Senhora Nossa*, do Frei Português Domingos do Rosário (1595-1662), de edição lisboeta de 1817; e ainda o *Caerimoniale Episcoporum*, de Josephi Catalani (1698-1764), edição parisiense de 1860. *O padre ao altar ou o Santo sacrifício da missa dignamente celebrado* de autoria de R. P. Chaignon (1791-1883), publicado no Porto por Ernesto Chadron, em 1884, é outro exemplo de manual litúrgico.

No que se refere à eloquência se destaca diretamente o manual *Cours d'eloquence sacrée populaire ou essai sur la maniere de parler au peuple* do abade Isidore Mullois (1811-1870). Indiretamente se relacionam também ao ato de comunicar-se de forma adequada e direta com a assembleia as obras que compõem a rubrica da homilética, a técnica de produção de homilias, ou sermões. Numa sociedade marcada pelo analfabetismo, o sermão na missa dominical era mais que uma tentativa de imprimir os valores do Evangelho na vida cotidiana, era uma ferramenta política. Por isso, a elaboração de um bom sermão estava entre os principais aprendizados dos candidatos a clérigos.

Dentre os livros que se acredita serem auxiliares nesse sentido há o clássico modelo dos *Sermões do Padre Antônio Vieira*<sup>306</sup>, cuja edição em tela foi editada em Lisboa em 1854. Do já citado Francisco Luís de Seabra encontra-se *A flor dos pregadores ou coleção seleta de sermões para todas as domingos e principaes festas do anno* (1878) e na mesma linha de modelos indicados para ocasiões determinadas tem-se *Homélie sur les evangeles de tous les dimanches et fêtes de l'anée et instructios sur divers sujets*, de F. J. F. Fortin (1786-1878). No sentido de orientar a preparação da homilia se apresentam as obras *Répertoire du prêtre. Destiné a lui faciliter la preparation des sermon*, do Abade Mullier, publicado em 1865 e o *Panorama des Predicateurs ou Répertoire pour l'improvisation et la composition du sermon*, do também Abade C. Martin (1813-1872), datado de 1884. A presença dessas e outras obras do campo da homilética e da liturgia, bem como daquelas que podem ter se extraviado no curso dos anos,

---

<sup>306</sup> Padre Antônio Vieira (1608-1697). Um dos grandes nomes da literatura portuguesa e brasileira. Atuou de forma efetiva no processo de catequese no Brasil, recebeu críticas por sua defesa de judeus e cristãos novos. Possui vasta obra na qual se destacam os Sermões e as que tratam das ações da Igreja no território colonial. Cf. Dicionário biobibliográfico português. T. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5430>.

atesta a intenção dos padres da Missão em fornecer uma variedade de elementos no intuito de enriquecer a formação dos seminaristas visando ao estabelecimento de uma relação mais concreta com o laicato, repassando, através da ação do padre, as ideias ultramontanas de união em torno da Igreja universal regida pelo pontífice.

O seminário também editou obras a serem utilizadas no ensino dos cursos ofertados. É o caso do manual voltado para as aulas de canto, o *Sacrificium Laudis. Seu Electi Cantus Sacri. Ad Usus Gymnasiorum, Seminariorum e Scholariarum*. Editado em Fortaleza, esse livro indica a edição pelo seminário e não informa a tipografia responsável pela impressão, logo pode-se afirmar que ali também se dava a prática de os próprios mestres produzirem material a ser utilizado em suas aulas.

As obras citadas até aqui confirmaram a evidente dominância dos títulos em língua estrangeira, enfatizando o francês e o latim. Essa característica e o ensino desses idiomas no curso de preparatórios torna necessária a presença dos dicionários no rol da Biblioteca, e estes, junto das enciclopédias eram valiosos auxiliares para os estudantes dos diversos níveis de ensino.

A presença desse tipo de livro no acervo vai além da mera questão escolar, está relacionada com o contexto histórico de produção e difusão do conhecimento observado nos oitocentos. Jean-Ives Mollier classifica o século XIX como o “século dos dicionários”, para o autor:

Ao lado dos guias de civilidade e de viagem, o dicionário foi, em complementaridade com a coleção, o reflexo de uma época que rendia um culto ao saber, acreditava em sua expansão científica e pretendia se tornar senhora e dona da natureza, aprisionando-a nessas séries editoriais que se propagavam em grande escala. Reunião de conhecimentos e noções colhidas em numerosas obras, por si só coleção das coleções, o dicionário se alçou às alturas do saber total e arrastou em sua esteira aquele que o utilizava com frequência.<sup>307</sup>

O dicionário se tornou esse modelo de “culto ao saber”, pois não se tratava apenas de obras referentes ao léxico, nas quais se buscava o significado das palavras ou sua tradução para algum idioma estrangeiro, ele englobava vários setores de conhecimento, muitos chegavam a se confundir com enciclopédias. A própria Igreja se aproveitou desse meio para propagar o saber católico realizando: “A compilação de noções teológicas ou apologéticas [...] com a intenção de oferecer ao clero a soma de conhecimento sobre o assunto”<sup>308</sup>. Nesse sentido é possível citar a obra *Dictionnaire Universel des Sciences Ecclesiastiques*, do já citado abade

---

<sup>307</sup> MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Ensaio sobre História Cultural. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2008. p. 136.

<sup>308</sup> Idem, *ibidem*. p. 135.

Glaire, editado em Paris no ano de 1868, o autor também escreveu uma *Encyclopédie Catholique*. Outros compilados católicos são, o *Dictionnaire des Antiquités Chretienne* (1865), do Abade Martigny e o *Dictionnaire de Theologie* (1854) do Abade Bergier (1718-1790). Na senda dos conhecimentos gerais o acervo possui o *Dictionnaire Universel des sciences, des lettres et des arts*, do lexicógrafo francês M.-N. Bouillet (1798-1865).

Referente aos léxicos, se apresentam o *Nuovo Dizionario della Lingua Latina. Ad uso della classi superiori di latinità*, obra de Ruggiero Leoncavallo e Ludovico Trombacco, impressa em 1858; *Vocabularium Latino-Italicum*, de A. Josepho Pasini (1687-1770), com edição veneziana de 1819 e o *Dictionnaire Français-Latin*, de L. Quicherat (1799-1884), impresso pela casa parisiense Hachette em 1880. O destaque dessa rubrica se dá para o clássico da lexografia em língua portuguesa, o *Grande Dicionario Português ou Thesouro da lingua portuguesa*, de autoria de Dr. Frei Domingos Vieira (1775-1857). O volume em tela foi impresso simultaneamente no Porto, no Rio de Janeiro e no Pará, por Chadron e Bartholomeu H. de Moraes, A. A. da Cruz Coutinho e Antonio Rodrigues Quilhas respectivamente, no ano de 1871. Foi um dos livros mais utilizados tanto em Portugal como no Brasil. A obra de Pedro José da Fonseca (1737-1816), impressa em Lisboa em 1861, *Diccionario Portugues e Latino impresso por ordem Del Rei Fidelissimo o Senhor D. José I*, encerra os exemplos de léxicos.

Quanto às enciclopédias, apenas dois títulos se enquadraram na catalogação do acervo, quais sejam, *Enciclopédia Artistica e Letteraria*, de Vincenzo Torelli (1807-1882), publicada em 1845 na cidade de Napoli e *Encyclopédie Theologique*, obra do Abade Migne (1800-1875), publicada na capital francesa em 1854 e que tinha como público-alvo principal, os clérigos, enquanto *Enciclopédie Catholique*, do abade Glaire era voltada tanto para religiosos quanto para o laicato<sup>309</sup>.

Todas essas obras não estavam no acervo do seminário sem um propósito. Faziam parte de um projeto educacional voltado para o fortalecimento da Igreja enquanto instituição e a difusão de um ideário pautado na centralização do poder espiritual na figura do pontífice, o que demandava um processo de uniformização das práticas litúrgicas e sacerdotais católicas. Isso proporcionou a formação de um novo projeto educacional nos seminários, cuja ação pedagógica

---

<sup>309</sup> Ainda segundo Mollier, a moda das enciclopédias nos oitocentos pode ser explicada por vários fatores, dentre eles o fato de ser um tipo de obra que agrada vários públicos, “Positivistas ou católicos, socialistas ou burgueses conquistadores, todos compartilhavam essa concepção de saber que o leitor poderia abarcar com a condição de disciplinar sua sede de conhecimento, de adotar a metodologia proposta pelos enciclopedistas e de se ater a uma leitura relativamente coagida dos volumes, o que a forma, no entanto, não supunha, uma vez que o detentor de uma série completa tinha toda a liberdade de preferir um passeio a esmo no labirinto dos livros que compunham a coleção.” Idem, *ibidem*. p. 118.

(AP) aplicada acabou por se irradiar para além desses institutos passando a ser observada em outros estabelecimentos fundados por seus egressos ou nos quais esses atuavam. Ou seja, havia uma difusão não só da ideologia, mas da prática pedagógica que visava moldar as mentes de acordo com as premissas religiosas. Segundo Bourdieu e Passeron:

[...] a AP implica o **trabalho pedagógico** (TP) como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um **habitus** como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da AP e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado<sup>310</sup>.

No presente caso, se entende como arbitrário cultural o ideário católico de cidadão dedicado a Deus, à família e ao trabalho, obediente à religião e ao Estado, temente e penitente, que deveria ser inculcado nos estudantes e futuros trabalhadores. A catequese, a prédica sacerdotal e as leituras dos clássicos seculares e religiosos de maneira professoral são atividades do trabalho pedagógico realizado nesse sentido, por isso também a importância do livro no processo.

A análise das obras enquanto unidades bibliográficas auxilia na compreensão dos motivos de sua seleção para o acervo e nas possíveis formas de utilização. Além disso possibilita a observação dos diversos discursos encontrados e sua tentativa de unificação diante de um objetivo a ser alcançado pela Igreja. As obras até aqui trabalhadas apresentam, em alguns casos, conteúdos que se voltam para o processo de reforma iniciado por Pio IX, há um evidente discurso católico de combate aos ideais mais secularizados, pautados no conteúdo apregoado pelo *Syllabus*. No entanto, um estudo detalhado de todas as rubricas se torna impraticável diante da grande quantidade de volumes, exigindo assim que se selecione, dentre as rubricas apresentadas, aquelas que apresentem uma variedade de títulos que permitam esse exame. Assim sendo, achou-se por bem realizar o estudo mais detalhado tendo por base as obras de história catalogadas no acervo, tanto pela quantidade de obras tanto religiosas quanto seculares, como pela importância que as discussões em torno da disciplina tomaram no decorrer do século XIX.

---

<sup>310</sup> BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. p. 44. Grifo do autor.

### 4.3 A História nas estantes da Biblioteca Episcopal

A História enquanto disciplina fazia parte tanto do programa do curso de preparatórios como do curso teológico, sendo a atenção voltada neste último para a história eclesiástica. O século XIX marcou o desenvolvimento da ciência histórica estabelecendo alguns critérios para a elaboração das pesquisas e construção da narrativa histórica, foi o período marcado pela busca da história científica.

Este esforço de constituição de uma história científica, no século XIX, tomou três direções principais: a orientação rankiana, que quer aproximar a história do modelo científico da física; a orientação diltheyniana, que quer descobrir o que há de específico no conhecimento histórico que o torne uma “ciência” diferenciada das ciências naturais; e a orientação marxista, que submete o conhecimento histórico-científico à sua relação com a realidade histórica, à práxis. São três projetos de história científica inteiramente diferentes entre si, mas que tem alguns pontos em comum: a recusa explícita da filosofia da história, a tentativa de dar um estatuto científico à história, o esforço de objetividade e a valorização do evento, percebido diferentemente por cada um.<sup>311</sup>

O foco no evento também foi acompanhado de uma valorização do documento enquanto fonte histórica, sobretudo os de origem oficial, na busca por uma história objetiva e, nesse sentido, o historiador se anulava enquanto sujeito, não se deixando afetar por suas condições sociais e tornando-se imparcial. No entanto, a nova ideia de história que buscava se construir ainda mantinha laços com definições pouco científicas, pois alguns pensadores dessa nova história “[...] compreendiam que seu valor assentava-se numa *teologia* da história, sendo Deus o elemento de sustentação que fornecia sentido ao mundo histórico (notoriamente, essa perspectiva era professada pelo fundador canônico da disciplina histórica, Leopold Ranke).”<sup>312</sup> Mesmo tendo considerado essa perspectiva teológica em princípio, o que se deu foi um avanço no sentido de tornar a história uma ciência de fato, distanciando ou eliminando as questões metafísicas e estabelecendo métodos de pesquisa os mais objetivos.

Essa perspectiva, a qual foi o núcleo do positivismo, pressupunha três exigências: (1) toda ciência deve ser baseada em uma coleção de fatos reunidos de modo neutro e objetivo; (2) toda ciência deve enfatizar generalizações — idealmente generalizações que podem ser proclamadas na forma de leis. A tarefa da ciência é ou descobrir (ou no mínimo confirmar) tais generalizações, ou aplicá-las de tal modo a produzir explicações de fenômenos particulares; (3) a ciência não deve buscar qualquer recurso na ‘metafísica’. Em outras palavras, apenas proposições que podem ser confirmadas com base em fenômenos observáveis têm lugar na ciência.<sup>313</sup>

<sup>311</sup> REIS, José Carlos. *A história, entre a filosofia e a ciência*. São Paulo, Ática, 1996. p. 10

<sup>312</sup> MEGILL, Allan. Introdução. In: MALERBA, Jurandir. (Org). *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013. p. 15

<sup>313</sup> MEGILL. Op. Cit. p. 17.

O modelo positivista foi, portanto, o dominante na produção histórica durante grande parte do século XIX e princípios do século XX, coexistindo com a historiografia de cunho marxista e depois com a chamada nova história representada pelas produções da Escola dos Annales.

A partir disso observa-se que as obras de caráter historiográfico levantadas no acervo da Biblioteca apresentam marcadamente as características da escola positivista, sobretudo, as de cunho secular. Porém, por se tratar de um acervo de instituição católica, a maioria dos livros dessa rubrica são voltados para a história eclesiástica e suas derivadas como a hagiografia, ou seja, o relato da vida dos santos. O estudo da história sagrada, aquela que visa narrar a trajetória da humanidade com base nos textos bíblicos e a história da Igreja em si era teologicamente importante para a formação sacerdotal, para a compreensão do papel da instituição no decorrer dos séculos e do que se espera dela e de seus quadros no presente.

É extremamente útil para a teologia compreender como e por que a Igreja faz opções pastorais e assume distintas configurações no correr dos tempos, bem como conhecer o contexto vital em que elabora e reinterpreta seus dogmas. A área de estudo “História da Igreja” (HI) fornece um eixo, visão panorâmica das grandes fases da história universal, inserindo aí as distintas formas que a comunidade eclesial assume nos correspondentes contextos socioculturais e as formulações dogmáticas que elabora.<sup>314</sup>

Logo, diante da relevância com a qual a Igreja passou a considerar as pesquisas históricas, é perceptível que os estudos dessa disciplina na área eclesiástica também se adequassem aos novos paradigmas da pesquisa historiográfica. Assim, o que se pretende a partir dessa explanação é apresentar algumas das obras de história presentes na biblioteca buscando perceber seu enquadramento nas características dos estudos realizados no período, bem como a permanência de modelos de fazer histórico.

Diante da grande quantidade de volumes dessa rubrica foram selecionados alguns mais representativos da temática para análise. O primeiro deles é o *Histoire Universelle de L'Eglise Catholique* de autoria do Abade Rohrbacher (1789-1856). Na Biblioteca do Seminário, se encontram 2 coleções incompletas, referentes à 3ª edição desta obra publicada em Paris, em 1857. O livro também foi impresso em outras 20 cidades europeias como Toulouse, Montpellier, Roma, Londres, Madri e Bruxelas. É uma das obras de referência para os estudos de História eclesiástica. A citada edição foi aumentada com notas inéditas inseridas pelo autor e é acompanhada de um atlas geográfico produzido especialmente para ela. Consta de uma

---

<sup>314</sup>LIBANIO e MURAD. Op. Cit. p. 229.

extensa biografia do autor. Em seu prefácio, ele afirma que o objetivo da obra é fortalecer os fundamentos básicos da sociedade humana e tece o seguinte comentário sobre a história:

História quer ser a dura ciência dos fatos: Ciência, conhecimento, racionalidade, conhecimento que explica a razão, as causas, os relatórios, os efeitos. A História do gênero humano compreende portanto, não somente a noção dos principais fatos que lhe concernem, mas a explicação desses fatos por suas causas e seus resultados. Somente a Igreja católica pode então nos ensinar com plena certeza os fatos de sua história e o sentido desses fatos<sup>315</sup>.

Rohrbacher enaltece sua obra. Afirma que com a nova edição combaterá mais diretamente os erros modernos. Apresenta o número de exemplares da 1ª edição, 2.700, e que sua tradução para o inglês fora iniciada e também que o Arcebispo do Oregon havia solicitado um exemplar. Portanto, diante da aceitação e da popularidade da obra, não é de se estranhar sua presença na Biblioteca Episcopal.

Outra obra que se destaca é a do já citado historiador católico J. Chantrel, *Annales Ecclesiastiques de 1846-1860*. Embora se trate de anais, narra acontecimentos eclesiásticos, logo consta nessa rubrica, também pelo fato de seu autor ser reconhecidamente autor de obras de história.

O autor pretende com esse livro dar continuidade à grandiosa obra de Rohrbacher “História Universal da Igreja Católica”, nomeando seus “Annales” como complementares a essa última. Também afirma que em sua obra oferece documentos que não se acham no livro anterior, quais sejam, uma lista cronológica dos papas desde São Pedro até a data da publicação do livro e apresenta os principais eventos dos primeiros anos do pontificado de Pio IX. Apresenta também, alocações, encíclicas, bulas e trata de discussões como o dogma da Imaculada Conceição de Maria e a Questão Romana. Os eventos são elencados ano a ano e mês a mês, mostrando os documentos referentes aos acontecimentos ligados a eles de acordo com as datas. Elogia a terceira edição de Rohrbacher que é a que se acha no seminário. Deste autor também constam 6 volumes de *Histoire Populaire des papes. Les papes des premieres siecles*, de 1865.

Já o volume de *Histoire Générale de L'Eglise* de M. Henrion (1805-1862), tem um caráter mais de manual. Obra de importante nome da Igreja, membro da Academia Romana da

---

<sup>315</sup>“Histoire veut dure Science des faits: Science, connaissance, raisonné, connaissance qui explique la raison, les causes, les rapports, les effets. L’Histoire de genre humain comprend donc, non-seulement la notion des principaux faits qui le concernent, mais l’explication de ces faits par leurs causes et leurs résultats. [...] La seule Église catholique peut donc nous apprendre avec une entière certitude et les faits de son histoire et le sens des faits.” ROHRBACHER, Abbé. *Histoire Universelle de L'Eglise Catholique*. Paris, Gaume Frères, Libraires-Éditeurs, 1857. p. XLVII. Tradução nossa.

Religião Católica, visa contar a história da Igreja de modo didático, já que afirma ser para uso “de seminários e clérios, para facilitar o estudo da teologia e da disciplina eclesiástica”. O exemplar encontrado é o 7º volume que trata da Igreja nos países das missões e de acontecimentos entre 1769 e 1793. Há outra obra com o mesmo nome, mas de autoria do Abade Darras, constam dessa, 2 edições, uma de 1857 e outra de 1870.

Além dessas, podem ser citadas também *História da Igreja Católica em Portugal*, de José de Souza Amado (1812-1878), publicada em Lisboa em 1872; *Histoire Chronologique et Dogmatique des Conciles de la Chrétienté*, livro de 1855 de autoria do Abade canadense André D'Avallon; o *Tratado de História Eclesiástica*, do Padre Rivaux (?-1886), cuja edição em apreço veio à lume no Porto em 1877. A *Memoires de la Congregation de la Mission*, de 1865, por óbvio era importante constar no acervo devido tratar da congregação à qual pertencem os padres lazaristas, administradores do seminário no período.

Dentre esses volumes historiográficos de cunho religioso há um que se destaca por ter uma temática bastante diferente dos apresentados anteriormente, por abordar a história religiosa além do catolicismo, trata-se de *Histoire des Religions, Les Religions des peuples non-civilisés*, de autoria de A. Reville (1826-1906), publicada em Paris no ano de 1883. Nesta obra, o autor, professor do Collège de France, visa apresentar as crenças religiosas dos povos considerados pelos europeus como não civilizados, inserindo-se então no contexto do avanço imperialista das décadas finais dos oitocentos.

O professor afirma que se baseou em diversas fontes para escrever sua história e que não deseja fazer um aglomerado de textos de viajantes, missionários e observadores de toda categoria sobre as crenças e práticas religiosas desses povos. Diz também que se ateu a observações puramente étnicas, sociais e morais.

O livro é dividido em duas partes: povos africanos e americanos. O autor trata da etnografia da África, do animismo e fetichismo, das principais divindades afro e das missões cristãs no continente africano e seus fracassos. Refere-se aos indígenas da América do Norte, das Antilhas, Caribenhos, do extremo sul e dos brasileiros, falando sobre etnografia, do culto à natureza e mitologia desses povos. Seria uma obra de grande interesse para os religiosos que se preparavam para trabalhos missionários junto aos povos nativos.

Ainda dentro da seara da historiografia religiosa há um conjunto de livros que devem ser estudados em separado dos demais, por terem uma característica diversa, tratam-se das obras de caráter hagiográfico. As hagiografias, ou vidas de santos, têm uma grande importância no campo das leituras dos católicos, clérigos ou leigos, por apresentar uma perspectiva de

reconhecimento diante de uma vida voltada para Deus, e por isso esse tipo de obra se multiplicava. Escrever sobre a vida do santo era uma maneira de transmitir um exemplo, de apresentar como seria o jeito correto de viver de um cristão, tendo por base as ações e o martírio daqueles que atingiram a santidade e buscando assim construir uma espécie de consciência coletiva entre os fiéis, do modelo de vida a ser seguido para alcançar a salvação. Há que se fazer também uma observação no que se refere à tipologia do campo de estudo dessas obras, as vidas dos santos são consideradas como hagiografia, já os textos sobre a vida de Jesus e de Maria se encontram em outras classificações, quais sejam cristologia e mariologia, respectivamente.

Segundo Certeau, o texto hagiográfico passou por uma transformação no sentido de evoluir de uma escrita simplesmente literária para tornar-se história, pois em determinado momento iniciou-se um processo claro de coleta de dados e da transformação dos textos em documentos históricos, instituindo uma metodologia que visava afastar o escrito do folclore e aproximando-os na medida do possível a uma escrita crítica<sup>316</sup>.

O autor também explica como a hagiografia passou de portadora de exemplos para essa escrita crítica. Ela parece nunca ter abandonado sua função de modelo, porém saiu de uma característica puramente litúrgica para adquirir um caráter de propagação de dogma e de moral entre os seguidores da Igreja Católica, passando a merecer uma explicação ampla, especializada. Ao valorizar o lugar em detrimento do tempo, a hagiografia tenta trazer um sentimento de realidade palpável, pois o lugar do herói pode ser visitado, visto, é algo além da leitura, leitura essa que serve de aglutinadora para o grupo, abrindo possibilidades, ampliando o horizonte de expectativas, principalmente no que diz respeito à redenção, às possibilidades de salvação. Nesse ponto, Certeau aponta mais uma aproximação com a história, no que diz respeito ao distanciamento necessário entre o tempo que se escreve e o tempo sobre o qual se escreve, para que haja uma melhor representação do passado e, no caso da hagiografia, a aproximação com as origens quando a intenção for a promoção da união do grupo, logo, era interessante a difusão das obras hagiográficas.

Assim, os volumes desse tipo de obra são diversos, com foco na vida de santos e santas, alguns mais conhecidos e outros cujas histórias são menos difundidas. Um destaque pode ser dado à coleção *La vies des saints. Les Petits Boulandistes*, organizada por Mgr. Paul Guerin (1830-1908). Os Bolandistas eram um grupo de escritores religiosos especializados na

---

<sup>316</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

elaboração de hagiografias, o grupo foi organizado no século XVII, pelo jesuíta J. Bolland (1596-1665)<sup>317</sup>. Desta coleção foram catalogados 5 volumes no acervo.

Também se destacam *Histoire de Sainte Élisabeth de Hongrie. Duchesse de Thuring*, do Comte de Montalbert, com edição parisiense de 1880; *Vie de la vénérable Mère Thérèse de St. Augustin*, obra essa escrita por Madame Louise de France (1737-1787), filha do rei Luis XV, que ingressou na ordem das carmelitas, cuja data de publicação é 1879. De santos de maior devoção tem-se *Histoire du grand e admirable Saint Jean*, do Abade Maistre (1815-?), publicado em 1872 e do mesmo autor *Histoire Complete de Saint Paul. Apotre et docteur das nations*, de 1870. *Vita de Santa Teresa de Gesu* (1837) e *Vita de Santa Chiara de Asisi* (1854), escritos por P. F. Frederico de Sá e Antonio Vincenzo Loccatelli, respectivamente, também compõem o quadro desse tipo de obra que passa, nos oitocentos, a ter seu sentido ampliado, deixando de ter interesse apenas na morte, no martírio e de propagar apenas o que é exemplar para se tornar algo que une, que congrega e que produz lições de como proceder no presente e como alcançar o futuro, sendo esse a redenção, a salvação.

Essa mudança na escrita da hagiografia está intimamente ligada com as transformações no modo de se fazer história observadas à época. Um dos pontos que marcaram a historiografia do período foi a construção de narrativas cujo foco estava em grandes ações realizadas por grandes homens, base do modelo positivista que elegia os heróis que teriam contribuído para a formação dos importantes Estados nacionais. Embora a história enquanto *Magistra Vitae* já estivesse em declínio do período, ainda se buscavam por modelos no passado<sup>318</sup>.

Assim, não se observa uma tendência historiográfica uma entre as obras da Biblioteca, até mesmo pelo fato de dividirem espaço volumes de caráter sagrado e profano, sendo esses últimos em maior quantidade os que abordam história geral e em menor número história do Brasil, refletindo a divisão dos estudos da disciplina na grade curricular dos cursos.

---

<sup>317</sup> Enciclopédia católica popular. Disponível em [http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id\\_entrada=219](http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=219). Acesso em 08/06/2021.

<sup>318</sup> De acordo com Koselleck. Op. Cit., a história *Magistra Vitae* visa impulsionar o sujeito para um horizonte de expectativas pautado num grande espaço de experiências. A partir do meado do século XVIII com a ascensão dos ideais iluministas e, sobretudo, a partir da Revolução Francesa aparecem as tentativas de derrubar a história como exemplo, tendo em vista acabar com aquilo que estivesse lembrando ou exaltando o Antigo Regime. Nesse sentido se observa a mudança nas categorias de tempo, buscando alterar a cronologia pautada nos governos hereditários e assim fazendo o progresso assumir o papel daquele que pauta as mudanças, os avanços do tempo. É crível que o ponto principal no qual o autor quer chegar é na transformação da história em sujeito. Algo promovido também pelo surgimento da história dos conceitos que ajudou a mudar o *topos* da mestra da vida. Ou seja, as várias "histórias", tais como a História da Guerra do Peloponeso que eram verdadeiros monumentos, são substituídas pela "História", a que possui vida própria, que é crítica e cria um novo horizonte de expectativas por trazer o progresso como categoria que define a passagem do tempo. No entanto essa história não deixa de ser manipulável e passível de promover a anistia ou a amnésia, não deixa de ter o seu papel de algo a ser observado.

Foi possível identificar alguns manuais utilizados pelos professores do seminário, já citados acima, quais sejam, o de história geral de Chantrel, e o de história do Brasil, de Macedo. Chantrel é mais conhecido pelo seu *História popular dos papas*, também encontrado no seminário, assim como seu manual de história geral, já o de Macedo não foi encontrado no acervo. Acredita-se que esse autor se trate de Joaquim Manuel de Macedo, que segundo Circe Bittencourt teve um dos manuais de história do Brasil mais utilizado durante longo período do século XIX, o *Lições de história do Brasil*<sup>319</sup>.

Afora esses manuais utilizados diretamente pelos professores, devem ser observados os demais livros de história presentes na Biblioteca e que serviam não só como auxiliares nos estudos, mas também para ampliar ou mesmo adquirir conhecimento sobre determinado tema ou época, o que valia, sobretudo, para as narrativas de caráter mundial. Convém antes de tudo, lembrar que quando se fala em história geral ou da civilização, como se propõem a fazer os autores encontrados, se trata da história do continente europeu e a partir da Idade Média, ou seja, uma visão de história europeizante, exaltando os europeus e tratando os outros continentes tendo por base sua relação com o Velho Mundo, sobretudo no contexto das colonizações. A verdadeira história da civilização era a europeia<sup>320</sup>.

Dos livros de história geral foram encontradas obras como *A história da civilização na França* e *História da civilização na Europa*, de Guizot (1787-1874); *História Universal*, de Jean de Muller (1752 -1809); *História universal*, de Cesare Cantu (1804 -1895); *As origens da França contemporânea*, de Taine (1828 -1893); e a *História da Revolução francesa*, de Thiers (1797-1877), todos em língua francesa. A maioria dessas obras é composta de vários volumes, no entanto, devido a diversas circunstâncias muitos conjuntos de obras ficaram desfalcados. Dentre esses podem ser dados como exemplo a *História Universal*, de Jean de Muller, do qual apenas um volume foi encontrado, o 17º livro do II Tomo.

Neste volume, traduzido do alemão para o francês<sup>321</sup> e editado em 1846, o autor trata do período final da Idade Média europeia até a metade do século XIX, utilizando o método de tratar os eventos relacionados a cada país no período, dando mais atenção a Portugal, Espanha,

---

<sup>319</sup> BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

<sup>320</sup> NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. In: *Revista Brasileira de História*. V. 13, nº 25/26. São Paulo, set. 92/ago. 93. pp. 143-162

<sup>321</sup> Era flagrante o predomínio dos autores franceses ou de obras traduzidas para o francês nos livros de história utilizados no Brasil o que demonstra uma vinculação com os programas escolares da França e a submissão da história ao modelo europeu. Cf. Bittencourt, Op. Cit.

França e Inglaterra. A África e a América são citadas com maior ênfase a partir do século XVII, ou seja, quando os laços coloniais já estavam devidamente estabelecidos.

A dispersão de volumes também ocorre com *História Universal*, de Cesare Cantu. O acervo conta com 25 volumes (a obra ao todo conta com 72 volumes), de diferentes edições, sendo uma francesa (Firmin Didot Frères, 1867) e outra portuguesa (Escriptorio de Francisco Arthur da Silva, 1876). É sabido ser o italiano um dos grandes nomes da produção histórica do século XIX<sup>322</sup>, o que explica sua publicação em vários idiomas além do original. O 10º tomo da edição parisiense, editado em 1867 contém informações do período medieval desde as cruzadas, suas origens e participantes, até a descrição dos principais reinos europeus, passando também pela questão cultural e intelectual do período, falando sobre jurisprudência, teologia e das universidades. Por não conter o primeiro tomo não foi possível analisar sua apresentação. Do mesmo autor também foram catalogados *Les Héretiques d'Italie. Discours historiques de César Cantu* (1870) e *La Reforme en Italie. Les Precurseurs* (1844).

Uma obra constante do ajuntamento referente à história e que não pode deixar de ser citada é *Histoire de la Paupaté pendant les seizième et dix-septième siècles*, de Leopold Van Ranke, um dos historiadores pioneiros no que se refere às mudanças dos paradigmas historiográficos desencadeadas no século XIX, representante maior da escola positivista. Embora a *História do papado* se trate de um livro relacionado à Igreja Católica, cabe situá-lo dentre os livros de história geral por ser uma obra singular. Escrita por Ranke, foi bastante criticada quando de sua publicação na década de 1830, tanto pelos católicos que a consideraram muito anticatólica como pelos protestantes que acusaram o autor de ser neutro demais. O volume encontrado é uma tradução para o francês publicado em 1848 no qual consta uma longa apresentação feita pelo tradutor e um prefácio do próprio autor. A obra fala sobre a história da Igreja, o surgimento do protestantismo, o aparecimento das ordens religiosas e da inquisição estabelecida pelo Concílio de Trento, por fim trata dos papas desde Paulo III até Pio V. Na introdução, Ranke fala sobre a reabilitação da Igreja e do papado nos estudos históricos na França, Inglaterra e Alemanha e que seu desejo com o livro é “[...] de expor, pelo menos em esboço, esta época de renovação do poder temporal da Igreja, seu desenvolvimento interno, seu

---

<sup>322</sup> Era compreensível a presença das obras de Cantu nas bibliotecas eclesiásticas, pois o autor baseava seus escritos nas ideias do catolicismo liberal, no esquema cristão de história. Sua *História Universal* fez bastante sucesso até o início do século XX quando as informações históricas se expandiram e uma nova historiografia se desenhava. Cf. TABOADA, H. G. H. The história universal de Cesare Cantú na América Latina. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 341–374, 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1534>. Acesso em: 14 jan. 2022.

progresso e sua decadência”<sup>323</sup>. A obra traz também uma nota do tradutor, na qual afirma não retificar nenhuma colocação do autor e enaltecia nova forma de se fazer história, enfatizando que “Para se chegar à verdade são necessárias três coisas: a fé, a imaginação e a Ciência”<sup>324</sup>. Ou seja, apesar do culto ao modelo científico, a fé ainda era necessária ao labor historiográfico.

Nesse sentido, de levar em consideração a fé, mas de maneira literal, convém remeter a uma obra já citada e que apresenta um modelo de história sagrada, ou seja, que utiliza de viés religioso para explicar os acontecimentos do passado humano e talvez por isso tenha sido a escolhida para ser utilizada pelos professores do seminário como suporte para as aulas de história universal. Já se percebe, então que o livro em questão é *Nouveau Cours D'histoire Universelle*, de J. Chantrel, cuja edição em tela foi publicada em Paris em 1872.

No Tomo I, a obra apresenta a História dos tempos primitivos ao Reinado de Otávio Augusto. Porém, o que o autor chama de “tempos primitivos” se referem aos primórdios da história romana, o que reafirma a ideia de que, para ele e outros autores do período, a História Universal é a europeia. Quando recua ainda mais no tempo o autor recorre à Bíblia, referindo-se ao início dos tempos à criação do Homem por Deus. Em sua introdução trata das divisões da História, de seus tipos, das idades da humanidade e do que se trata a História Universal. Esse volume se divide em História Antiga e Romana.

Outro volume estudado do novo curso de História de J. Chantrel, corresponde à História da Idade Média. No prefácio o autor explica a divisão do curso e que período será tratado no volume em destaque. No caso, são abordados os fatos desde as invasões bárbaras à tomada de Constantinopla. A obra é claramente voltada para estudantes católicos, sobre isso diz o autor:

Contudo, como o estudo da história deve necessariamente entender, em nosso país e pelos alunos cristãos, um estudo especial da História santa, de História da Igreja e da História da França, nós pensamos que não haveria inconveniente em passar muito particularmente a Religião ou a França; [...]. A História da idade média e dos tempos modernos será incompreensível sem a História de Igreja e a História da França<sup>325</sup>.

Chantrel também afirma existirem 3 escolas históricas. Uma que respeita a religião, mas a afasta da História, não tem estima pela Igreja; uma segunda que aceita a Igreja, mas atenta

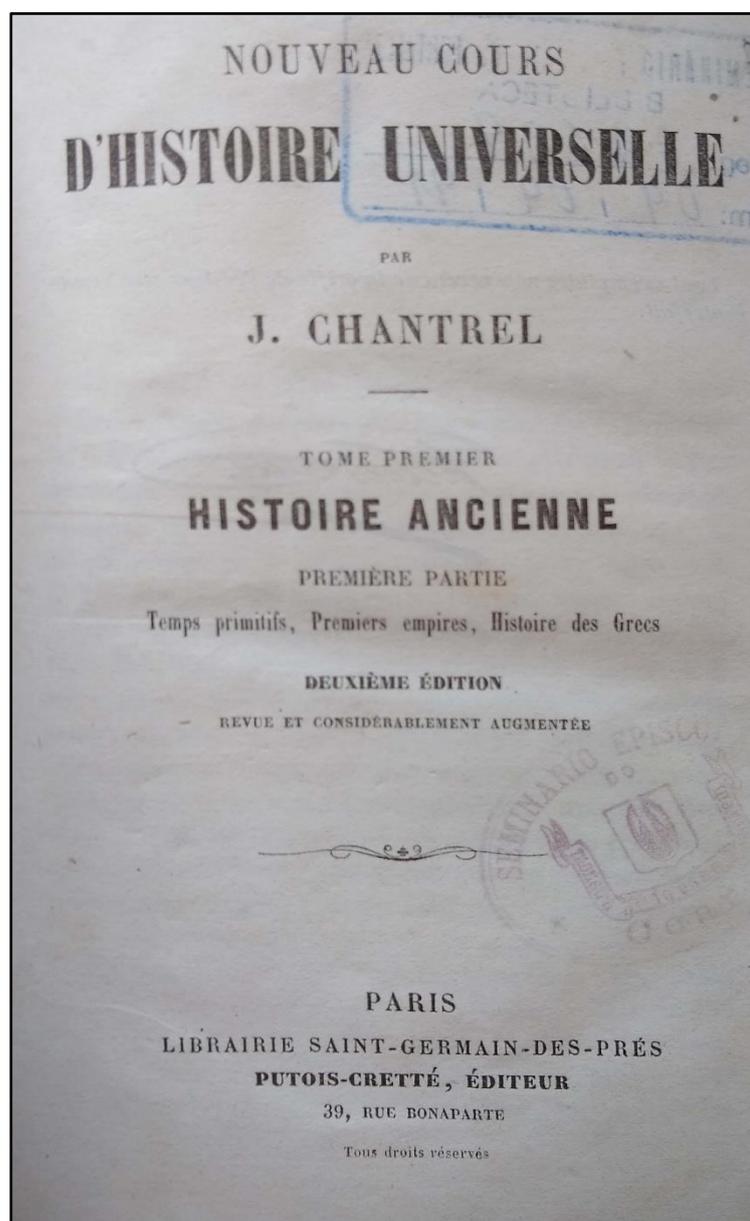
<sup>323</sup>“...d’exposer, au moins en esquisse, cette époque de la rénovation du pouvoir temporel de l’Eglise, son développement intérieur, ses progrès et sa décadence.”. RANKE, Leopold Van. *Histoire de la Paupaté pendant les seizième et dix-septième siècles*. Paris, Sagner et Bary, Libraires – Editeurs, 1848. p. 1. Tradução nossa.

<sup>324</sup> “Pour arriver à la vérité, il faut ces trois choses: la foi, l’imagination et le Science”. Nota do tradutor. IN: RANKE. Op. Cit. Ibidem. p XI.

<sup>325</sup>“Toutefois, comme l’étude de l’histoire doit necessariamente comprendre, dans notre pays et pour des élèves chretiens, une étude spéciale de l’Histoire sainte, de l’Histoire de L’Eglise et de l’Histoire de France, nous avons pensé qu’il n’y aurait pas d’inconvénient á passer plus particulierment la Religion ou la France; [...] L’Histoire du moyen âge et des temps modernes serait incompréhensible sans l’Histoire de L’Eglise e sans l’histoire de France.” CHANTREL, J. *Nouveau Cours D'histoire Universelle*. Paris: Librairie Saint-Germain-des Prés, 1872. p. I – II. Tradução nossa.

para os prejuízos e ações dela em séculos passados; e uma terceira, na qual ele se inclui, dos historiadores ‘francamente católicos’ e convencidos da Providência Divina. O livro está dividido em 2 períodos. O primeiro trata dos povos bárbaros, incluindo entre esses os islâmicos, e é subdividido em 5 capítulos. Na segunda parte se aborda o Sacro Império Romano, dividida em 4 capítulos. Essa parte trata do Império propriamente dito até o estabelecimento do sistema feudal, com um capítulo dedicado à relação da Igreja com o Império.

Figura 9: CHANTREL, J. *Nouveau Cours D'histoire Universelle*. Paris: Librairie Saint-Germain-des Prés, 1872



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A narrativa histórica do autor está claramente associada à concepção que “[...]faz da origem e dos acontecimentos humanos o resultado da vontade divina a qual determina e

qualifica os modos de existência do homem; neste caso, os registros estão compreendidos na letra dos livros bíblicos”<sup>326</sup>. Esse modelo, com forte aceitação entre os séculos XVII e XVIII ainda tinha, como se pode ver, seguidores no século XIX, sobretudo os ligados a instituições religiosas. Tal visão, que possui Bossuet como grande representante — com a obra *Discours sur l’histoire universelle* (1687), escrito para a instrução do delfin, logo, com caráter didático — buscava determinar a origem do homem e as características de autoridade política através das narrativas sagradas e enaltecendo a monarquia hereditária e absoluta, o “direito divino” de governar, logo estava conectada com a predominância do Absolutismo monárquico. A cosmogonia judaico-cristã era considerada na narrativa que também fortalecia o patriarcalismo ao considerar o homem (Adão) como origem de toda a humanidade.<sup>327</sup>

Essa concepção, embora presente em Chantrel e outros autores católicos, como Pedro Parley e sua *História Universal Resumida, desde a criação do mundo até nossos dias* (1887), conforme já se viu, não era predominante na escrita histórica à época do estabelecimento da Biblioteca Episcopal cearense. A história universal ou geral é representada então por variadas temáticas, mas quase sempre relacionadas aos países europeus e aos fatos marcantes neles ocorridos, assim citam-se *Histoire Romaine* (1864), de Theodore Mommsen (1817-1903); *Histoire du monde. Le Monde Moderne. Depuis la conquête de Constantinople jusqu'a la fin du regne de Louis XIV* (1872), por M. Henry de Riancey (1816 -1870).

Ao remeter às narrativas de grandes eventos, uma obra que chama atenção no acervo é a *História da Revolução Francesa*, de M. A. Thiers. Duas edições dessa obra foram catalogadas, uma italiana, de 1841, e outra francesa, impressa em 1884. Desta última há dois grandes volumes In-fólio nos quais o texto é todo impresso em colunas, possui várias imagens de personagens e cenários importantes para o movimento revolucionário francês, consta de uma grande apresentação e de um discurso feito pelo autor na Academia Francesa quando da publicação da obra, no qual afirma ter realizado um trabalho imparcial:

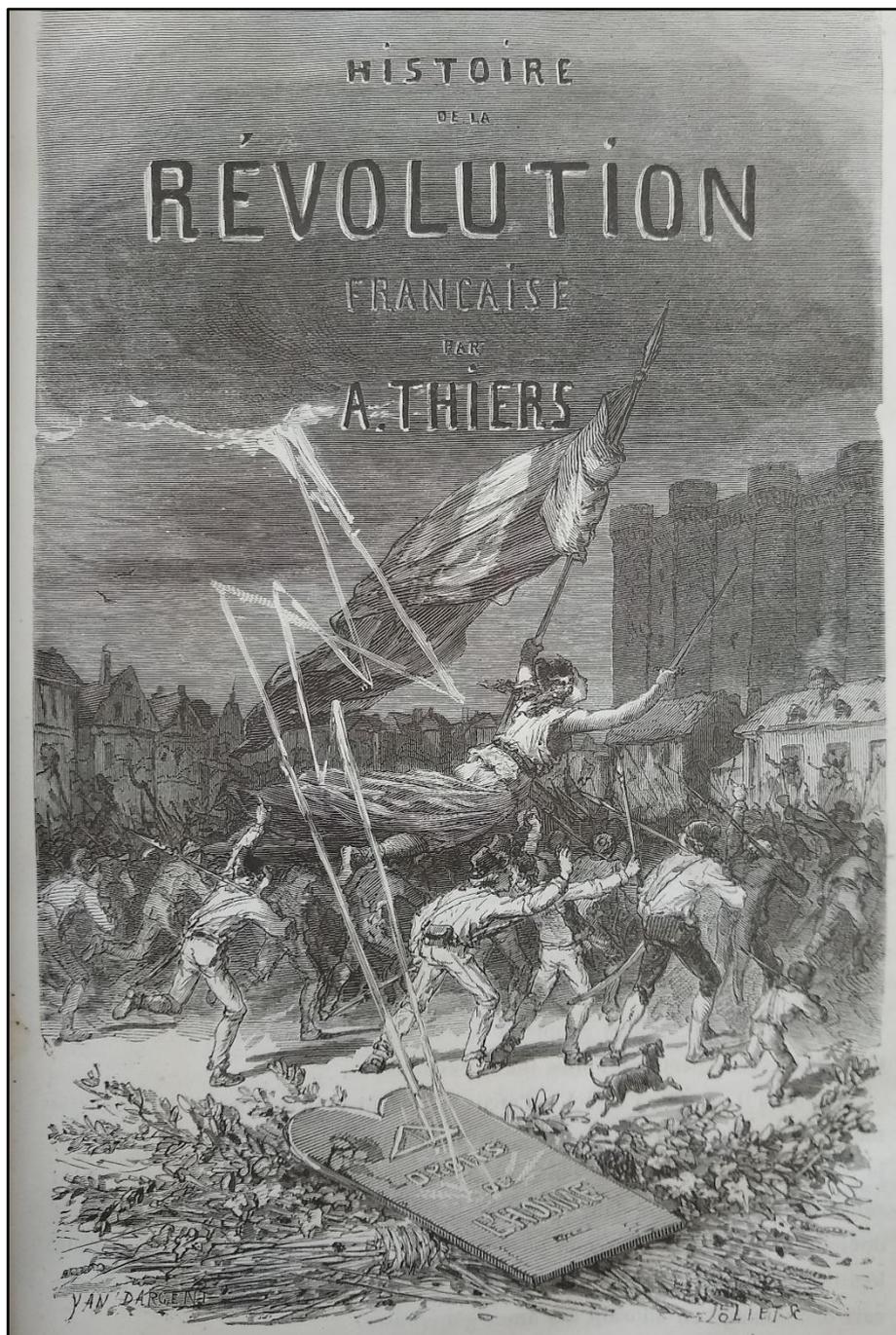
Desde que me foi possível candidatar-me a seus votos, eu o fiz. Eu consagrei dez anos de minha vida a escrever a história de nossa imensa revolução; eu a escrevi sem raiva, sem paixão, com um amor intenso pela grandeza de meu país; e quando essa revolução triunfou no que ela tinha de bom, de justo, de honrado, eu vim dispor a seus pés o quadro que tracei de suas grandes vicissitudes.<sup>328</sup>

<sup>326</sup> SILVA. Saulo Henrique Souza. História sagrada e absolutismo monárquico em Robert Filmer e Jacques Bossuet. In: *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea – Volume III*, nº 1-2, 2015. p. 215.

<sup>327</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>328</sup>“Dès qu’il m’a été permis de me présenter à vos suffrages, je l’ai fait. J’ai consacré dix années de ma vie à écrire l’histoire de notre immense révolution; je l’ai écrite, sans haine, sans passion, avec un vivamour pour la grandeur de mon pays; et quand cette révolution a triomphé dans ce qu’elle avait de bon, de juste, d’honorable, je suis venu déposer à vos pieds le tableau que j’avais essayé de tracer de ses longues vicissitudes.” THIERS. A. *Histoire de la Revolution Francaise*. Paris: Libraire Furne - Jouvét & Cie, Editeurs, 1884. (Discours). Tradução nossa.

Figura 10: THIERS, A. *Histoire de la Revolution Francaise*. Paris: Libraire Furne.- Jouvot & Cie, Editeurs



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A história da Revolução Francesa, bem como da França em geral, era bem presente não só no seminário, mas nos acervos das instituições de ensino brasileiras como um todo, devido à influência cultural que esse país imprimiu durante o longo século XIX. Porém, não era a única, outro país cuja história se encontrava presente no acervo episcopal era Portugal, aqui representado pela edição de 1853 do *História de Portugal*, de Alexandre Herculano (1810 - 1877).

O volume em tela se trata do 4º tomo denominado “Sociedade”: Primeira Época e trata Também das formas de organização política de Portugal desde os domínios romanos e bárbaros. O livro possui uma advertência à guisa de prefácio na qual os editores falam das dificuldades para a obra vir à lume.

Apesar das extremas dificuldades que encerram as matérias de história social, tractadas nesse volume, matérias cujo estudo, não receiamos dizer-lo, é quase inteiramente novo em Portugal, ele poderia ter sido publicado com bastantes mezes de antecipação, se acontecimentos imprevistos não houvessem por algum tempo distraído o autor de um trabalho a que votará os seus maiores esforços e as suas mais longas vigílias.<sup>329</sup>

Se fala também das repercussões da obra em Portugal:

[...] Como o previa nas poucas palavras da advertência preliminar posta à frente da obra, o systema adoptado por ele de buscar a verdade e só a verdade, suscitou despeitos e cóleras que por muito tempo murmuraram ao longe, até que enfim, acumuladas, estouraram em procela furiosa, procela no carrancudo dos horizontes, no estampido do desfechar; fumo e vaidade nos seus imaginários efeitos. O autor do livro foi acusado de tudo: de ímpio, de inimigo da pátria, de vendido aos estrangeiros, de ignorante, de orgulhoso e até de falsário.<sup>330</sup>

A obra de Herculano e os excertos transcritos, exemplificam a maneira de como o fazer histórico estava sendo encarado no período. Se atinha à busca pela verdade, a um novo método de narrar os acontecimentos, o autor tinha ciência de seu pioneirismo ao afirmar estar tratando de matérias de história social e aqui se percebe o entendimento do papel da disciplina no trato das questões nacionais e sociais.

Os estudos históricos passaram a ter importância em países como o Brasil, que, apesar de possuir um governo consolidado, tinha uma recente independência política e precisava fortalecer sua identidade nacional e reforçar o senso de cidadania em sua população. Nesse sentido, a expressão que a história adquire enquanto cultura política necessária ao cidadão ativo<sup>331</sup> faz com que as produções, sobretudo as de caráter didático, ganhassem mais atenção por parte das instituições laicas ou religiosas.

Com essas considerações em mente é possível realizar melhor análise sobre as obras de história nacional encontradas na Biblioteca. Nessa rubrica foram catalogados cinco títulos, quais sejam, *História da Fundação do Império Brasileiro*, de J. M Pereira da Silva (1817-1898), *História do Brasil*, de Robert Southey (1774-1843), ambos publicados pela Garnier em 1864 e 1862, respectivamente; *Brasil Histórico*, de autoria de A. J. Mello Moraes (1816-1882), edição

<sup>329</sup> HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal*. Lisboa: Viúva Bertrand e Filhos, 1853. p. V

<sup>330</sup> Idem, ibidem. p. VI

<sup>331</sup> ÁRIES, Philippe. *O tempo da história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

fluminense de 1866; *História da Conjuração Mineira. Estudos sobre as primeiras tentativas para a independência nacional*, de J. Norberto de Souza Silva (1820-1891), também editado pela Garnier em 1873 e *Obras de João Francisco Lisboa* (1812-1863)<sup>332</sup>, compilado do autor, impresso na capital maranhense em 1865.

As obras de história do Brasil, portanto, são mais escassas, talvez devido ao fato de durante boa parte do período estudado aqui (1864-1889), o estudo da história pátria ainda fosse considerado como um apêndice da Universal logo, além de poucos, alguns eram escritos por autores estrangeiros que davam sua visão eurocêntrica sobre o Brasil e outros escritos por brasileiros com o intuito de enaltecer figuras e acontecimentos com o objetivo de fomentar uma identidade nacional. Tomou-se como exemplo de cada um desses casos, a *História do Brasil*, de Southey e *História da Fundação do Império Brasileiro*, J. M. Pereira da Silva.

As observações sobre a *História do Brasil*, de Southey foram feitas sobre a edição traduzida do inglês por D. Luis Joaquim de Oliveira e Castro, publicada em 1862 por J. B. Garnier. Foi um dos livros de história do Brasil mais conhecidos do século XIX, contendo seis volumes nos quais os acontecimentos são apresentados ano a ano, com a data referente indicada à margem das páginas, assim, o primeiro tomo vai do descobrimento até apenas o ano de 1581 e o último tomo chegando até 1808. A obra é elogiada pelo tradutor que afirma trazer para o português “a melhor história do Brasil”, já o próprio autor enaltece seu trabalho de ter entrelaçado a história do Brasil com a das colônias espanholas afirmando que “Compreende esta obra alguma coisa mais do que o seu título promete”.

O autor inicia sua narrativa com a viagem de Vicente Pinzon, dando a este a primazia da descoberta da costa brasileira em janeiro de 1500. Após narrar a viagem de Cabral, passa a contar a empreitada dos espanhóis na região platina, demonstrando assim seu intento de não tratar a história do Brasil em separado da história da América. Ao falar sobre os primeiros colonos estabelecidos aqui o autor cita os degredados afirmando que:

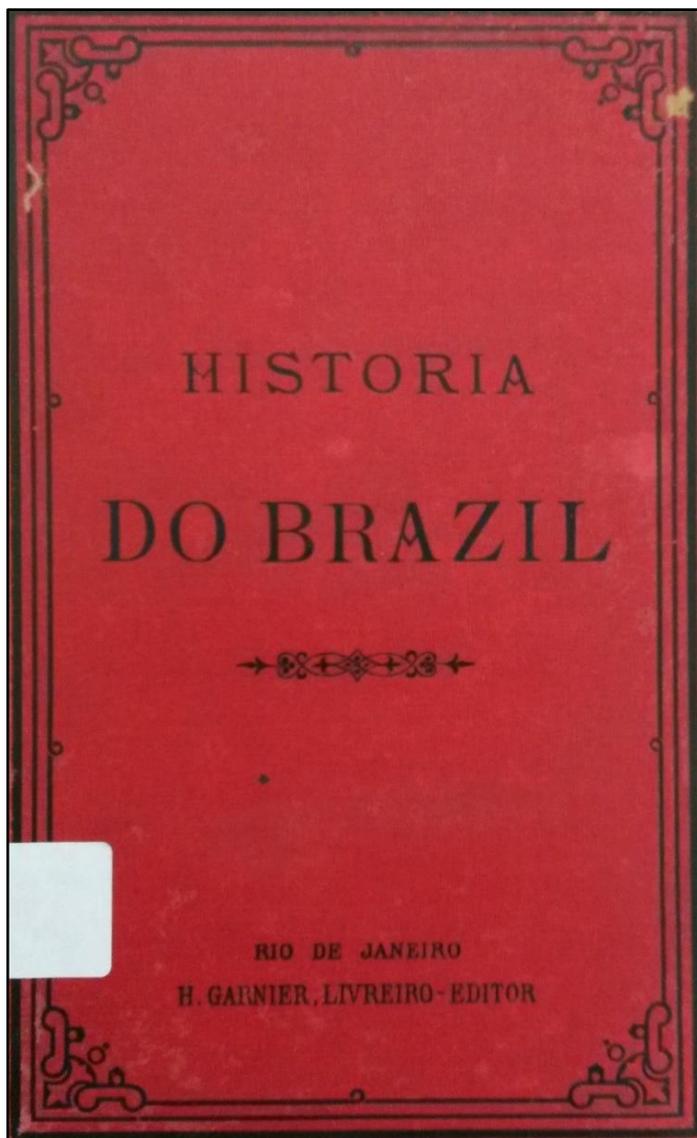
O seu número estava em proporção maior para o dos bons colonos, e assim mais provável que medrassem em iniquidade, do que os reformasse o bom exemplo, que comunicassem o mal, do que aprendessem o bem. As suas relações com os selvagens não produziram senão males: todos se tornarão peores; os antropófagos adquirirão novos meios de destruição, os Europeus novas práticas de barbaridade. Estes perderão esse horror humano aos banquetes sanguinários, que, malvados como erão, havião

---

<sup>332</sup> Jornalista maranhense, escreveu crônicas para os jornais locais, e matérias com teor histórico, tais como *Eleições na Antiguidade, eleições na Idade Média, eleições na Roma Católica, Inglaterra, Estados Unidos, França, Turquia, partidos e eleições no Maranhão, Vida do padre Antônio Vieira e Crônica política do Império*. Cf.: [http://viaf.org/viaf/40440780/#Lisbo%CC%83a,\\_Joa%CC%83o\\_Francisco\\_1812-1863](http://viaf.org/viaf/40440780/#Lisbo%CC%83a,_Joa%CC%83o_Francisco_1812-1863)

sentido ao princípio; aquelles esse respeito e veneração d'uma raça superior, sentimento que em bem de todos tanto se podiam ter cultivado.<sup>333</sup>

Figura 11: SOUTHEY. Robert. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862.



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

O trecho anterior à imagem dá a conhecer a ideia do autor acerca dos princípios da colonização, bem como a imagem estabelecida do nativo brasileiro como um ser selvagem que deveria nutrir um sentimento de veneração ao branco, mas que esse sentimento estava ameaçado pelo contato com o branco degredado. Este era mal, e só poderia, do contato com o índio, adquirir suas características selvagens piorando sua natureza. Essa visão ia de encontro ao que se apregoava no Brasil naquele momento, o enaltecimento da figura do indígena como elemento

<sup>333</sup> SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1862 p. 48-49.

representativo da identidade nacional, sendo exaltado inclusive nas artes, tais como pintura e literatura.

Tão conhecido como o livro acima é a *História da Fundação do Império Brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva. O autor era membro do IHGB, da Academia Real de Ciências de Lisboa, do Instituto Histórico e Geográfico da França e das Sociedades de Geografia e dos economistas de Paris. A obra foi publicada entre 1864 e 1868, no Rio de Janeiro por B. L. Garnier, é composta de 11 volumes, mas apenas 7 foram encontrados no acervo atual da Biblioteca do seminário. O livro traz como anexo o projeto para Constituição do Império, além de uma ampla apresentação do autor falando de sua intenção ao escrever o livro e da função de escrever a história.

Percebe-se na narrativa de Pereira da Silva um enaltecimento do reino português. Ao tratar da independência do Brasil, por exemplo, o autor recua para o século XVII para falar da História de Portugal, as realizações dos reis portugueses até o momento crítico da vinda da família real para o Brasil diante da ameaça napoleônica. É clara a tentativa de construção de uma história heroica, pautada nos grandes feitos dos grandes homens que na visão do autor construíram o Império do Brasil. Acerca de seu trabalho enquanto historiador o autor comenta:

Desde que me resolvi a pôr mãos nessa composição não me poupei a fadigas para conseguir os maiores esclarecimentos. Pesquisei, estudei, meditei, e comparei impressos e manuscritos, tradições orais e papeis de estado. Esforcei-me por tirar a limpo a verdade, separando-a do que pudesse obscurece-la. Com o andar dos tempos e o encontro de novos subsídios, haverá de certo que modificar e depurar ainda mais nesta história. Na actualidade porém, e auxiliando-me com as luzes que pude colher, julgo, que devo publicar como a senti, compreendi e imaginei. É pelo menos um trabalho concensioso, e como tal atrevo-me a dar-lhe publicidade.<sup>334</sup>

A fala do autor explicita as formas de narrar a história e as visões projetadas nessas narrativas propõem um olhar acerca da produção da história naquele período, — a pesquisa profunda nos documentos e a busca pela verdade —, os projetos por trás dessas construções e a importância de serem repassadas através do ensino primário e secundário.

Outra obra de cunho historiográfico relacionada especificamente ao Brasil é *Questão Religiosa no Brasil perante a Santa Sé ou a Missão especial a Roma em 1873 à luz de documentos publicados e inéditos pelo Bispo do Pará*, publicada em 1886.

Esta obra fala sobre a missão especial a Roma promovida em 1873 com o intuito de solucionar a chamada Questão Religiosa, a contenda entre os bispos do Pará e de Olinda e o

---

<sup>334</sup> PEREIRA DA SILVA, J. M. *História da Fundação do Império Brasileiro*. Rio de Janeiro B. L. Garnier, 1864. p. 4-5.

Estado brasileiro. Os citados bispos atenderam à determinação do *Syllabus* que pregava o combate total à maçonaria, punindo os maçons que participavam de irmandades, o que não poderia ter sido feito já que este ponto do documento papal não havia recebido o *placet* imperial, logo os prelados agiram contra o Imperador. A questão tomou grandes proporções abalando a relação Igreja-Estado e apresentando suas fragilidades.

[...] Toda a questão religiosa, no seu momento dramático, provava, somente uma tese: a de que o regime de religião privilegiada não correspondia à realidade do País, urgindo promover-se a instituição da plena liberdade religiosa, introduzindo a neutralidade confessional no seio do Estado. Nem o Estado, nem a Igreja, entretanto, desejavam que tal acontecesse; ambos pugnavam pela religião oficial, discordando apenas na questão básica referente à prioridade do poder temporal ou do poder espiritual. Para a monarquia a afirmação da religião oficial estava ligada a seu próprio destino: afinal era o catolicismo que afirmava o direito divino da realeza e o sustentava. Para o catolicismo lá estava, entre tantos documentos, formal condenação do *Syllabus* à separação entre Igreja e o Estado (proposições 55,77,78 e 79).<sup>335</sup>

Para tentar manter a união entre o poder temporal e o espiritual muitas negociações foram feitas, entre elas a missão enviada à Roma e que é narrada neste livro do bispo do Pará editado em Paris. A introdução é extensa e nela o autor busca esclarecer a dificuldade da empresa de dar à luz tal missão e também a importância do livro ao tentar trazer justiça e verdade; trata também das necessidades de o catolicismo estar presente no Brasil e que o país precisa dele para desenvolver-se. O livro conta com 28 capítulos mais um epílogo dividido em duas partes, a primeira trata das etapas da missão e a segunda traz documentos (cartas apostólicas). O livro é apresentado e celebrado por meio de cartas escritas por diversos bispos nacionais entre eles o de Olinda, D. José e o do Ceará à época de sua publicação, D. Joaquim.

As produções historiográficas presentes na Biblioteca são, portanto, reflexos do fazer histórico do período. São várias as ramificações dentro das classificações de história sagrada e profana, passando ainda pela história literária, cuja *História do Romantismo em Portugal* (1879) é uma representante no acervo.

A partir dessa amostra é possível conjecturar as leituras que compunham o cotidiano de estudos dos alunos do seminário. Sejam obras ligadas diretamente às disciplinas ministradas ou que viessem a servir de meio para construir ou ampliar conhecimento sobre determinado tema, os volumes estavam à disposição dos leitores. Certamente essa disponibilidade não significa a certeza de seu uso, porém, algumas obras cujas marcas de posse indicam seus proprietários,

---

<sup>335</sup> ELLIS, Myriam... [et.al.]. *O Brasil Monárquico*, v. 4: declínio e queda do império. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (História geral da civilização brasileira; t. 2; v. 4). P. 365.

logo, leitores, permitem inferir sobre o conjunto de leituras realizadas por alguns dos sujeitos que vivenciaram o dia a dia da instituição.

Além disso, ampliando a visão acerca da presença de livros pelos ambientes urbanos, também é possível se ter uma ideia de que obras estavam disponíveis aos leitores católicos, além do acervo episcopal, cujo acesso era restrito aos lentes e alunos do seminário e que leituras poderiam ser compartilhadas entre essas pessoas.

#### **4.4 Os livros do Bispo e a leitura católica além da Biblioteca**

A ausência de um catálogo oficial das obras constantes do acervo da Biblioteca Episcopal obriga o pesquisador a desenvolver métodos para conjecturar quais livros poderiam estar à disposição dos lentes e alunos do seminário no período de sua fundação até o ano da Proclamação da República, período esse delimitado para a pesquisa. No entanto, durante o cotejo dos volumes presentes nas estantes foi possível identificar, por meio de marcas de posse e de leitura, alguns desses que de fato circulavam nas dependências da instituição no período citado, seja por terem pertencido a professores, estudantes ou a algum dos eclesiásticos administradores da diocese local e acabaram por vir a compor o acervo.

Esse é o caso dos livros claramente identificados como pertencentes ao primeiro bispo do Ceará, D. Luís Antônio do Santos. Os vestígios deixados por ele, tais como assinaturas, datas de aquisição e mesmo anotações marginais acerca da leitura atestam a posse e a posterior doação das obras para comporem o rol da Livraria. Assim, analisando o teor dessas obras é possível identificar não só o repertório de leituras do prelado, como também o tipo de conteúdo que ele julgava importante deixar como legado aos remanescentes de sua passagem pelo Ceará.

O conjunto de obras encontradas com marcas de posse do bispo é composto por livros de diversas temáticas, história eclesiástica e geral, teologia moral, homilética, obras críticas, enfim, uma variedade condizente com a erudição necessária a um sujeito de ampla formação e que desempenhava um cargo de liderança na hierarquia eclesiástica.

As obras de cunho historiográfico apresentam temáticas várias, tratando de eventos da Igreja, passando por histórias nacionais e as de teor hagiográfico e também biográfico, como é o caso do livro *A Anti-Catastrophe. História D'El Rei D. Affonso 6º de Portugal*, de autoria de Camillo Aureliano da Silva e Souza (1811?-1883). O volume publicado no Porto em 1845

possui caráter histórico e biográfico e narra os acontecimentos da vida do rei de Portugal D. Afonso IV, morto em 1683.

O autor transcreve a história que é tida como verdadeira por ter sido originalmente narrada por alguém que presenciou os acontecimentos, no caso um oficial espanhol que compunha as tropas portuguesas e acompanhava diretamente o monarca e que teve seu relato traduzido fielmente em 1791. O autor fala em sua introdução que:

Escrever a história por tal arte, que se vejão nella todas as feições características das diversas épocas, não omitindo usos e costumes, por insignificantes que pareção, escreve-la com crítica, liberdade e imparcialmente, sem pejo de que a verdade pura como deve ser, afrente os mais altos personagens, é dos trabalhos literários o que temos de mais árduos<sup>336</sup>.

Observa-se, então que o autor compara escrever a história a escrever uma obra literária. Em termos de design o livro é um belo exemplar, com capitulares desenhadas. Contém anotações marginais de leitura, o que comprova ter feito parte do acervo pessoal do bispo. O que apresenta também o livro de Charles Gérin, *Recherches historiques sur l'Assemblée du clergé de France de 1682*.

O volume em apreço é a segunda edição corrigida e “consideravelmente” aumentada desta obra que se trata de um apanhado histórico da Assembleia clerical da França que se deu em 1682, na qual ocorreram algumas desavenças entre membros da Igreja e da monarquia francesa. Nele se fala sobre a relação entre Louis XIV e a Santa Sé, os desdobramentos da Assembleia, a participação de nomes como Boussuet etc. O livro traz uma abertura do próprio papa Pio IX em latim e francês, ressaltando a importância do citado encontro e da obra a ele dedicada. O exemplar possui bordas vermelhas e marcações de leitura, bem como data e local de aquisição.

Uma história com perspectiva mais católica, tratando dos valores morais e religiosos da família, colocando a mulher como fonte desses valores no seio familiar é a do Abade Gaume, *Histoire de la société domestique chez tous les peuples anciens et moderne ou influence du Christianisme sur la famille*. Aqui o autor apresenta uma história da família desde suas origens, passando pelos judeus, povos do oriente, Grécia, Roma e África, em seguida trata da regeneração da família com o Cristianismo.

---

<sup>336</sup> SILVA E SOUZA, Camillo Aureliano da. *A Anti-Catastrrophe*. História D'El Rei D. Affonso 6º de Portugal. Porto: Typografia da Rua Formosa, 1845. (Introdução)

Ainda na senda da história eclesiástica se apresenta, de D. Luigi Tosti (1811-1897), *Storia del Concílio de Constanza*, que é dividida em quatro livros e um prólogo, no qual seu autor relata a vida do papa Bonifácio VIII. Trata do cisma da Igreja no século XIV, do papa Urbano e do Antipapa Clemente. Aborda o Concílio, os nomes que compareceram e as decisões tomadas. Já de caráter hagiográfico, tem-se *La vie de Saint Turibe. Archevêque de Lima et Apatre du Perou*, de Theophile Bérengier (1827-1897). Trata-se da Biografia do Arcebispo de Lima entre 1538 e 1603. No prefácio o autor engrandece a “conquista” de Colombo tratando-a como uma empresa de Cristo e da Santa Igreja e nesse sentido exalta Pizarro, Cortez e outros colonizadores/invasores e afirma ter sido Turibe o chefe e modelo dos corajosos missionários da Igreja. Traz ainda uma bibliografia da História civil e religiosa do Peru.

Na rubrica de história geral ou universal acha-se entre os livros outrora pertencentes ao prelado a obra de M. Henry de Riancey (1816-1870), *Le monde moderne – Histoire du monde*. O volume possui assinatura do bispo datada de 1873, o que permite inferir que não havia tanta demora entre a publicação europeia e a aquisição ou chegada em terras cearenses. Julga-se, no entanto, que o livro possa ter sido adquirido pelo prelado na Europa, quando este se encontrava em Roma, pois consta em na contracapa sua assinatura com datação de “Roma, 1873”.

O volume é uma obra de História que pretende tratar dos acontecimentos que se deram entre a conquista de Constantinopla e o reinado de Louis XIV na França. Em seu prefácio, o autor relata as dificuldades para a confecção da obra, das novas descobertas que se fizeram e aborda a questão da composição do trabalho em si, que, segundo ele, passará de 10 para 12 volumes em sua próxima edição para que se possa contemplar a época do papa Pio IX.

O livro analisado trata-se da segunda parte do primeiro tomo, que aborda do período final das cruzadas à descoberta da América, iniciando com a tomada de Constantinopla, passando por acontecimentos referentes à História da França, Inglaterra, Itália etc. Cita o Oriente e a América, onde trata das descobertas de Colombo, Cabral e o Brasil e das expedições de Cortez e Pizarro, passando pela Reforma protestante e chegando ao fim do tomo com o reinado de Henrique IV.

Em termos materiais, o livro é composto de uma capa dura azul com adornos dourados no centro, sendo douradas também as laterais das folhas, possui mancha gráfica curta, com margens largas que permitem a adoção do modelo de notas explicativas marginais. Não é possível saber se o bispo adquiriu a obra em sua completude, pois os demais volumes poderiam ter se perdido durante as várias mudanças pelas quais passou o acervo, ou se comprou apenas o volume em apreço, o que também é possível que tenha ocorrido, tendo em vista a situação

financeira da diocese e a necessidade de se obter outras obras, seja para uso pessoal ou para adicionar aos volumes da Biblioteca Episcopal.

No referente às leituras na seara da teologia destaca-se a já citada obra de Santo Afonso Maria de Ligório, a *Opere Ascetiche di S. Alfonso Maria de Liguori*. São textos sobre a vida e as ações de Maria, bem como súplicas e ordenamentos morais para os cristãos. Na abertura contém uma oração em forma de súplica do autor a Jesus e Maria. A Introdução trata dos motivos da obra seguida de uma oração à boa Morte. Devido à data de publicação, possivelmente veio com D. Luís para o Ceará, constituindo o embrião da Biblioteca. Chama também a atenção o livro de S. J. P. J. De Bonniot (1831-1889) *Miracle et ses Contrefaçons*, que se propõe a estudar os milagres e seus aspectos. No prefácio, o autor alega que o horror do sobrenatural é endêmico em sua época e que é um prejuízo os milagres serem condenados pela ciência, sobretudo com a descrença dos médicos na cura pela fé. O livro fala sobre os milagres atribuídos a Buda e outros nomes não católicos, dos heréticos, do Espiritismo, sobre hipnose, histeria, das possessões e dos demônios dos primeiros séculos da Igreja. Por sua data de publicação (1887), é possível que tenha sido doado ao acervo após a saída de D. Luís do Ceará.

Além desses, podem ser citados outros volumes de viés teológico como, *La vie de Notre-Seigneur Jésus-Christ*, de Louis Veillot (1813-1883), mais voltado para a cristologia; *L'Eglise et la société Chretiennes*, escrito por M. Guizot, o qual foi enviado de Sobral para o bispo com dedicatória; volumes relacionados ao Concílio de Trento e suas determinações tais como *Catechisme du Concile de Trente* e *O Sacrossanto e ecumenico Concilio de Trento em Latim e Português. Dedicado e consagrado aos excell. E Reve. Senhores Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana*. Na área da homilética se apresenta o livro de Ventura de Raulica (1792-1861), *Les Femmes de L'Evangile. Homélie préchés a Paris, a Saint-Louis D'Antin*, com proposições de sermões baseados nas figuras femininas da Bíblia.

A obra de Guillaume-Emmanuel Ketteler (1811-1877), *Liberté, Autorité, Église. Considerations sur les grands problemes de notre Époque*, publicado em 1856, é importante de ser observada entre as leituras do bispo. O livro, traduzido do alemão, relata os ataques que se afirma estar sofrendo a Igreja Católica por parte das camadas progressistas, aqueles que pregam a civilização, a ciência e o progresso. O autor pretende explicar os diferentes tipos de liberdade, como a Igreja a entende e a relação do catolicismo com os Estados, as famílias e a escola. Ou seja, levanta um debate significativo diante do momento pelo qual passava a Igreja quando da fundação do seminário, de fortalecimento de suas estruturas e de seu ideário mediante uma universalização das práticas a partir de Roma e da figura papal, logo, concernente com o

trabalho a que se propunha D. Luís na diocese cearense, de seguir o modelo proposto pela reforma da Igreja. O livro já antecipava discussões fortalecidas pela publicação do *Syllabus*.

Três volumes listados como pertencentes ao chefe da Igreja cearense parecem indicar um tema de seu interesse, qual seja, a crítica à obra de Ernest Renan, *A vida de Jesus*, já citado anteriormente por estar presente no *Index*, também encontrado no acervo. O primeiro deles é o do Abade Guetée, *E. Renan devant la science ou Refutation da la pretendue vie de Jésus de M. E. Renan*, que promete refutar o estudo e estabelecer a crítica fundamentado em três pontos de vista: da exegese bíblica, crítica histórica e filosofia. O autor, editor de jornais católicos, afirma que assim o leitor terá um ponto de vista sobre qual escrito é verdadeiro e critica Renan sobretudo acerca de suas fontes e questionando se o que ele faz é realmente história:

Ora, o que é a história? Não é a exposição exata dos fatos? O que é a filosofia da história? Não é essa ideia que traz à tona os próprios fatos expostos de acordo com os monumentos? Seguindo nosso método, nós como historiadores. Seguindo os de M. E. Renan somos pura e simplesmente *romancistas*.<sup>337</sup>

Há, assim, uma desqualificação do livro, tratando-o como romance, narrativa ficcional. Já na segunda obra, *La Divinité de Jésus-Christ*, de Auguste Nicolas (1807-1888), o autor afirma que Renan o ataca e a seus estudos diretamente. Para ele: “Ele me ataca, não somente à honra comum de homem e cristão, mas como apologista”<sup>338</sup>. Como o autor anterior, ele critica o método de Renan e apresenta o seu, faz uma demonstração preliminar de Jesus como Deus e em seguida apresenta sua versão da vida do Nazareno. Outro volume desta temática é *Étude sur la vie de Jésus de Ernest Renan*, escrito por Charles Passaglia (1812-1887), que em seu prefácio apresenta o autor e algumas de suas obras ressaltando o sucesso de *A vida de Jesus*, que à época já estava em sua terceira edição, afirmando porém, tratar-se de uma obra mal vista por católicos e protestantes. Em oito capítulos Passaglia se dispõe a refutar o trabalho, as fontes e a pesquisa de Ernest Renan. São, portanto, três obras de crítica histórica que buscam garantir a narrativa tradicional católica, mas que também apresentam os debates acerca da escrita histórica que se desenvolviam no período.

Essas obras críticas aos trabalhos de Ernest Renan são exemplos de uma prática dos membros da Igreja e de sujeitos a ela ligados, de combate aos que iam contra crenças há muito

<sup>337</sup> “Or, qu’est-ce que l’histoire? N’est-ce pas l’exposé exact des faits? Qu’est-ce que la philosophie de l’histoire? N’est-ce pas l’idée qui sort les faits eux-mêmes exposés exactement d’après les monuments? En suivant notre méthode, on en historien. En suivant celle de M. E. Renan, on en purement e simplement *romancier*.” GUETÉE, Abeé. *E. Renan devant la science ou Refutation da la pretendue vie de Jésus de M. E. Renan*. Paris: Librairie de l’Union Chrétienne, 1864. p. II. Grifo do autor. Tradução nossa.

<sup>338</sup> “Il fait grief em moi, non-seulement à l’honneur commun de l’homme et du Chrétien, mais à celui de l’apologiste” NICOLAS, Auguste. *La Divinité de Jésus-Christ*. Paris: Librarie de Pieté et D’EducationD’Auguste Vatou, Éditeur, 1864. p. I

estabelecidas, que eram tidas como corretas e imutáveis pelo credo católico. Isso sempre ocorreu, mas a partir do *Syllabus* o número de inimigos a serem combatidos aumentou e, embora algumas ideias tenham sido incorporadas pela Igreja, o movimento de combate aos opositores, aos propagadores dos “erros do século” tinha que ser mais efetivo, diante mesmo da rapidez de propagação das informações ante os avanços das comunicações.

A relação acima apresentada descreve um rol de leituras complexo e variado, que atendia às demandas intelectuais do leitor em questão, o bispo D. Luís, mas que de forma alguma pode ser tido como algo comum, haja vista se tratar de um sujeito cujo lugar ocupado por ele na hierarquia social permitia que tivesse acesso ao conhecimento necessário à manutenção e ampliação da erudição necessária ao cumprimento de suas funções. D. Luís fazia parte de um grupo de privilegiados — seu grupo específico foi detentor do privilégio de leitura e escrita por vários séculos — que possuía um acesso fácil aos conhecimentos relacionados ou não com sua área de atuação, bem como às leituras de entretenimento, o que não era a realidade da grande maioria da população cearense dominada pelo analfabetismo e com poucas opções de acesso ao livro para os que dominavam a leitura.

Como já dito neste estudo, na segunda metade do século XIX foram realizadas ações governamentais com o objetivo de ampliar o acesso à instrução pública de primeiras letras e ao ensino secundário, além do surgimento dos institutos particulares que representavam mais uma opção para os filhos das camadas médias. No entanto, tais medidas não foram, de forma alguma, suficientes para reduzir de maneira considerável o número de analfabetos da população cearense. Com relação ao acesso aos livros, a criação da Biblioteca Pública Provincial e de gabinetes de leitura em diversas regiões da província, promoveu a circulação de volumes vários e a formação de um público frequente nesses estabelecimentos.

Embora ínfimo, o aumento no número de leitores também era observado pela Igreja que buscava, por sua vez, supervisionar as leituras circulantes e garantir, nas escolas, a presença dos estudos Bíblicos e dos livros de cunho religioso, necessários para assegurar um ensino pautado nos valores morais e religiosos preconizados na época buscando, sobretudo com a instrução das classes populares, formar trabalhadores obedientes ao Estado e tementes a Deus.<sup>339</sup>

---

<sup>339</sup> Uma discussão mais ampla acerca os debates sobre o ensino no Ceará dos oitocentos é realizada por Cleidiane Moraes em seu trabalho: *De antídoto da desordem a obstáculo do progresso: Ensino moral e religioso na instrução pública primária do Ceará imperial (1874-1890)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017.

As leituras católicas, portanto, faziam parte da formação educacional das crianças e jovens do período, que acabavam por se tornar vetores desse conhecimento, pois em muitos casos eram os únicos da família que sabiam ler e transmitiam o que liam para os parentes ou realizavam em casa a leitura dos livros escolares. Com o passar dos anos e a ampliação do número de leitores, porém, os adultos vieram a ter supervisionados os livros que lhes chegavam as mãos, principalmente as mulheres.

Os oitocentos foram marcados pela expansão da indústria livreira e de seus consumidores e o público feminino passou a ser alvo dos editores<sup>340</sup>. Com relação à Igreja, esta até incentivava a leitura das mulheres, principalmente da Bíblia e de seus catecismos, dando assim à mãe da família a função da guardiã dos preceitos religiosos e morais a serem conhecidos e respeitados, era a leitora como guardiã dos bons costumes. Logo, nessa sociedade marcada pelo forte aspecto religioso, o volume católico estava presente e, inclusive abarcava todas as etapas do circuito do livro, a produção a distribuição (comércio) e o consumo.

Bíblias, breviários, folhinhas com referências aos santos do dia, livros de horas, enfim, uma variedade de impressos religiosos estava disponível para o fiel que buscava aprofundamento nas questões de sua fé e uma variedade de temáticas o auxiliava. Segundo Dilermando Vieira:

[...] um conjunto de obras piedosas, muito apreciadas na Europa, começou a ser difundido, como o *Guia dos confessores da gente do campo*, de Santo Antônio Maria de Ligório, para os padres, e outras devocionais para o povo em geral, tais como: *Missão abreviada* de Frei Luís de Granada, *Tesouro da Paciência* de Teodoro de Almeida, *Imitação de Maria Santíssima*, do Pe. Marchttallense, e o *Memorial dos discípulos de Cristo*, de Arvlsenet. Havia ainda aquelas de cunho apologético (como contra o casamento civil) para os fiéis mais ilustrados, destacando-se *Das leis civis relativas ao matrimônio dos cristãos*, do pe. Antônio Rosmini, e *Apologia do Cristianismo*, do Conde de Samodães. Teve também início enorme difusão de cânticos espirituais, rosários, coroas meditadas em verso e máximas rimadas, tudo para o efeito de ‘promover o conserto dos bons costumes, ou ao menos despertar santos afetos’.<sup>341</sup>

Sejam obras devocionais ou piedosas, voltadas para os párocos ou para o laicato, estas podiam ser encontradas em Fortaleza, nas livrarias locais e em outros estabelecimentos tais como as tipografias, que também comercializavam diretamente suas folhinhas de calendário muitas vezes com mensagens religiosas e vidas dos santos. Todavia, era nas lojas especializadas no comércio livreiro que se podiam encontrar obras de maior envergadura da temática.

<sup>340</sup> Cf.: LYONS, Martin. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 1999.

<sup>341</sup> VIEIRA. Op. Cit. p. 185.

Figura 12. Anúncio da Livraria Oliveira

**ANNUNCIOS.**

Obras sobre Religião. Theologia, Liturgia, Escripura Sagrada, Devoção, Direito Canônico, Historia Ecclesiastica, Sermões, Moral, etc.

**À VENDA NA LIVRARIA DE JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.**

**A Bíblia Sagrada**, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina ilustrada com prefações, por Antonio Pereira de Figueiredo e aprovada por mandamento de S. Exc. Evm. o arcebispo da Bahia; edição ilustrada com gravuras sobre aço, 2 bellos volumes ricamente encadernados em Pariz.

**Alma Penitente**, ou novo Pensão-Bem. Considerações sobre as verdades eternas com historias e exemplos. 1 volume encadernado.

**O Anjo Costodio**, novo manual de Missa e Orações para os devotos na terra de Santa Cruz. 1 pequeno volume encadernado.

**Banquete Espiritual**, voluntario e gratuito em favor das almas do purgatorio e de todo o fiel christão. 1 volume encadernado.

**Baptisterium et sacramentale sacramentorum**, juxta ritum Sancte romanæ Ecclesie, et rituale Pauli V. ad usum fere omnium Ecclesiarum Dominiourum Lusitania, in quo vincitur per tres modos usus administrandi Baptistini Sacramentum.

**Benefícios do Christianismo**, pelo abbade Verdenal. 1 vol. enc.

Fonte: *O Cearense*. 03/05/1868. p. 4.

A figura acima apresenta um anúncio da livraria de Joaquim José de Oliveira, publicado no Jornal *O cearense*, em 1868, voltado especificamente para as obras religiosas disponíveis no estabelecimento do livreiro. São livros de “Religião, Theologia, Liturgia, Escripura Sagrada, Devoção, Direito Canônico, História Eclesiástica, Sermões, Moral, etc.”, ou seja, livros que contemplavam várias categorias de estudo religioso católico. No anúncio são postos em destaque algumas obras, dentre as quais “*A Bíblia Sagrada*, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina ilustrada com prefações, por Antonio Pereira de Figueiredo e aprovada por mandamento do Sr. Exc. Evm. Bispo da Bahia[...]” em dois volumes encadernados em Pariz; e “*O Anjo Costodio*, manual de missas e orações para os devotos”, ou seja, obras de luxo e outras mais populares.

Já na década de 1880, outro livreiro, Gualter Silva, anunciava longa lista de obras religiosas disponíveis em sua livraria. Destacam-se no anúncio o *História Bíblica*, pelo bispo do Pará, livro já citado anteriormente por ter tido um volume enviado pelo autor para o bispo D. Luís; *Horas Marianas*, *Imitação de Cristo*, *Thesouro do Christão*, *Compêndio do Cathecismo Histórico*, *Cathecismo da Diocese do Ceará* — este significativamente utilizados

nas escolas —, *Lições de Moral e Religião*, a *Missão Abreviada* — obra devocional de caráter popular de grande circulação nos oitocentos, citada por Vieira no excerto acima —, *Eloquência Sagrada* e o *Compêndio de Civilidade Cristã*, também do Bispo do Pará<sup>342</sup>.

A distância entre os dois anúncios é de quase duas décadas e percebe-se de fato uma mudança no perfil das obras, na década de 1880 aparecem mais obras devocionais, para o leitor doméstico e voltadas para essa formação moral bancada pela burguesia emergente, haja vista a grande quantidade de livros sobre moral, civilidade e os catecismos, esses, leituras obrigatórias na família cristã católica.

A prática religiosa, portanto, no interior do seminário com as aulas, estudos individuais, afazeres da diocese, ou fora de seus muros, na cidade, nas igrejas, escolas, residências, estava acompanhada pelo livro e pela leitura; seja essa individual, de estudo concentrado ou de oração mediada pela palavra impressa, seja coletiva, com o padre durante a missa ou em casa através da leitura do único volume que o filho estudante tinha acesso, a leitura em voz alta que criava uma ligação entre o livro e o não leitor.

É provável que alguns volumes de catecismos, breviários ou obras mais voltadas para o estudo teológico presentes nas estantes da Biblioteca Episcopal possam ter sido adquiridas entre as que estavam disponíveis nas livrarias da cidade, pois já se sabe do vínculo comercial entre o seminário e os livreiros locais como J. J. de Oliveira.

Tanto os livros comprados em Fortaleza, quanto aqueles adquiridos em outras cidades brasileiras e mesmo os vindos da Europa ou outros países americanos, possuem em comum serem portadores em suas páginas da história da tipografia e da edição. São obras editadas em diferentes séculos e que apresentam desde a forma mais clássica de trabalho tipográfico até as impressões realizadas no mais moderno maquinário disponível nos oitocentos. Portanto, um estudo das obras da Biblioteca também perpassa pela história editorial e apreciação das obras extremamente raras, os cimélios, de seu acervo, reafirmando o caráter universal deste conjunto de obras.



<sup>342</sup> Cf. Anúncio da Libro-papelaria Gualter R. Silva. *O Libertador*, 21/10/1886. p. 4.

## 5 PARA ALÉM DO ESCRITO: O LIVRO E SUA MATERIALIDADE

*Diz-se um velho e um novo livro, um livro em grego, um livro em latim; compor, ler, publicar, atualizar, criticar um livro; o título, a dedicatória, o prefácio, o corpo de um livro, o índice e sumário, a errata de um livro.*

*Cotejar um livro é verificar se ele está correto, se páginas não foram esquecidas nem trocadas, se corresponde ao manuscrito ou ao original a partir do qual foi impresso.*

*Os encadernadores dizem dobrar ou brochar, costurar, cobrir de couro, dourar, nomear um livro.*

*Edouard Rouveyere*

Neste último capítulo da tese que ora se apresenta o foco recairá sobre o livro enquanto suporte de leitura, como objeto fruto do engenho humano e como produto vendável dentro da lógica do capital. Ou seja, será trabalhada sua materialidade enquanto unidade bibliográfica.

De início se fará um estudo dos livros mais antigos encontrados no acervo, os chamados cimélios, com o objetivo de apresentar essas obras e analisar aspectos da produção gráfica dos períodos nos quais foram produzidos, mediante as observações da bibliografia material e histórica, que consideram os aspectos de produção como relevantes na constituição da obra e seu texto.

Ainda nesse sentido, se buscará apresentar uma pequena história do design gráfico nos oitocentos e para tal objetivo algumas obras foram selecionadas, diante da quantidade substancial de livros catalogados no fundo antigo da Biblioteca. Isso, com o intuito de apresentar mais essa possibilidade de investigação propiciada pelos estudos das bibliotecas, que ainda permitirá um olhar acerca das principais casas editoras nacionais e estrangeiras que publicavam autores católicos, membros do clero ou obras encomendadas pela própria Igreja.

Finalmente, ainda partindo do acervo e não abandonando os caminhos da produção tipográfica, buscar-se-á tratar do desenvolvimento da mesma em Fortaleza, investigando o trabalho das “gentes do livro” e os avanços da técnica nos estabelecimentos locais e sua relação com algumas das obras presentes na Biblioteca.

## 5.1 Os cimélios da Biblioteca Episcopal: os representantes do livro antigo.

Nos capítulos anteriores, as obras constantes do acervo do fundo antigo da Biblioteca do seminário da Prainha catalogadas para este estudo, foram apresentadas mediante diferentes métodos, seja o quantitativo ou através daquelas que representavam algumas das rubricas presentes nas estantes. No entanto, a partir da observação dos livros e de suas singularidades, achou-se necessário apresentar de forma mais pormenorizada aquelas obras que por si só já constituem objeto singular de pesquisa e cujo conjunto enaltece a riqueza do rol de livros aqui estudado.

Tratam-se aqui, portanto, dos volumes cujas datas de publicação são as mais antigas dentre o total selecionado, aqueles nos quais as próprias características físicas e mesmo seu estado de conservação denotam o período de sua produção. São os livros antigos da Biblioteca, também chamados Cimélios<sup>343</sup>, que tratados de forma individual, como unidades bibliográficas, podem dar a compreender vários aspectos referentes à época de sua produção, desde questões ligadas ao sistema tipográfico até aquelas relacionadas à economia, política, práticas e relações sociais.

Nesse sentido, seu estudo se encontra amparado na abordagem proposta por Donald McKenzie<sup>344</sup> de uma sociologia dos textos aplicando técnicas da bibliografia material<sup>345</sup> e histórica e conjuntamente o que Houaiss denomina de “biblio-historiografia”<sup>346</sup>. Tais métodos

---

<sup>343</sup> Há alguns critérios para a classificação de volumes enquanto livro antigo. Primeiramente há de se fazer a diferenciação entre este e o incunábulo, sendo este último o termo que se refere a livros produzidos nas primeiras décadas da imprensa, ou seja até 1501. Os volumes impressos a partir desta data são considerados livros antigos, cimélios. Já o limite cronológico para essa classificação pode ser dado pela norma internacional do ISDB (A) [International Standard Bibliographic Description for Older Monographia Publications (Antiquarian)] ou por legislações específicas de cada país — como as indicadas pela Unesco, citadas no segundo capítulo —. Aqui se abordará o livro antigo de acordo com as características de sua produção, considerando sua historicidade. Cf.: GARCÍA AGUILAR, Idalia. *Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo*. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011.

<sup>344</sup> MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: Edusp, 2018.

<sup>345</sup> Acerca dessa prática metodológica compartilha-se da definição de GARCÍA AGUILAR. Op. Cit. p. 41, que a apresenta como “[...] a metodologia desenhada para interpretar o livro antigo como um objeto material que se fundamenta nas formas de produção e composição, assim como as formas de distribuição e por fim às formas de posse que o convertem em um objeto histórico. Quer dizer, se trata de representar os valores textuais e históricos do livro antigo como um objeto material, assim como as peculiaridades de cada exemplar conservado para possibilitar o estudo e a adequada proteção do objeto escrito.”. Tradução nossa.

<sup>346</sup> Essa é apenas uma das disciplinas desenvolvidas para o estudo do livro. Segundo Houaiss, “Do livro, como objeto de conhecimento e atividades, há diversas disciplinas, que podem ser grupadas, com certos luxos de classificação (que, entretanto, não esgota todos os aspectos por que pode o livro, objetivamente, ser examinado), na seguinte conformidade (ousando o autor enveredar pelo campo das palavras potenciais sem nenhuma relutância, já que as noções e atividades, como tais, existem de fato) : (a) do ponto de vista de sua história, (1) biblio-historiografia, interna (substância da mensagem, evolução dessa substância) e externa (sua integração material e sua evolução); (b) do ponto de vista de sua sistematização orgânica, (2) bibliologia, (3) bibliografia, (4)

comumente associados à bibliografia são, já há algum tempo, considerados de grande auxílio para o historiadores do livro, já que as práticas de edição e produção livreira estão diretamente ligadas à de leitura e são vieses bastante profícuos da História do livro, ou seja: “[...] Aquilo que os escritores pensavam que faziam ao escrever textos, ou impressores e livreiros ao montá-los e publicá-los ou leitores ao tentar entendê-los são questões às quais nenhuma história do livro pode escapar.”<sup>347</sup> Ainda sobre o estudo do universo do livro, Chartier afirma que:

[...]Esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. Isto quer dizer que é preciso ligar, uns com os outros, as perspectivas ou os processos tradicionalmente separados.

O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção.<sup>348</sup>

Portanto, concordando com o historiador francês, pode-se afirmar que a pesquisa na Biblioteca aqui em apreço permite essa vinculação entre o estudo da produção livreira e a descrição e análise do conteúdo das obras catalogadas, já que não é uma das pretensões deste trabalho investigar práticas de leitura dos usuários da Livraria do seminário. A partir desse ponto de vista dá-se a análise dos cimélios já apresentando as características tipográficas presentes e que reverberam a época de sua produção.

Do universo de obras que se adequaram a esse perfil, 23 no total, apenas algumas serão mais detalhadamente tratadas neste momento. Uma apresentação mais geral deste conjunto é realizada no catálogo apresentado nos apêndices desta tese. Logo, constam aqui obras que se destacam dentro de suas rubricas ou pelo interesse em sua temática e mesmo por apresentar claramente aspectos tradicionais de ordem tipográfica de seus séculos de publicação.

Em termos de sistematização, a maioria das obras do conjunto são de temática religiosa como direito canônico, homilética, liturgia, ou bulários e anais episcopais, mas também aparecem obras de história, filosofia e literatura. Com relação ao idioma, há o predomínio do

---

bibliotecologia, (5) bibliotecografia, (6) biblioteconomia; (c) do ponto de vista de sua produção: (7) bibliotecnia (bibliotécnica), (8) bibliotecnologia, (9) bibliotecnografia, (10) editoração, (11) bibliotecotecnia (bibliotecotécnica), (12) bibliotecotecnologia, (13) bibliotecotecnografia; (d) do ponto de vista de sua conservação: (14) ecdótica (intrínseca, da mensagem), (15) bibliofotografia (intrínseca, da mensagem, e também na sua forma original), (16) bibliopatologia, (17) biblioterapia, (18) bibliocirurgia, (19) biblioprofilaxia, (20) bibliotecopatologia, (21) bibliotecoterapia, (22) bibliotecocirurgia, (23) bibliotecoprofilaxia; (e) do ponto de vista de sua posse e retenção pessoal: (24) bibliofilia, (25) bibliofobia, (26) bibliomania, (27) bibliolatria, (28) bibliocleptomania, (29) bibliognosia, (30) bibliotafia.” In: HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia*. – Reimpressão fac-similar. São Paulo: HUCITEC; Instituto Nacional do Livro, 1983. p. 394.

<sup>347</sup> McKENZIE. Op. Cit. p. 33.

<sup>348</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 18.

latim, constando também livros em espanhol, italiano e português. Quanto aos locais de publicação também são variados, há a presença de obras impressas na Espanha, Bélgica<sup>349</sup>, França, em Portugal, mas o destaque está nas produções italianas em maior quantidade, sobretudo os impressos nas oficinas venezianas<sup>350</sup> voltados para temática católica, o que permite inferir que produção da Igreja estava mais concentrada em solo italiano nesse período o que vai mudar nos oitocentos, com o avanço da edição em outros países.

Todos os volumes desse conjunto não contam mais com suas encadernações originais, passaram por um processo de reencadernação e como a nova capa é a mesma para todos é possível dizer que houve uma preocupação da administração da Biblioteca, em algum momento, de preservar esses e outros elementos do acervo promovendo um projeto de renovação das encadernações. No entanto, as novas capas externas não contêm a identificação das obras, sendo necessário observá-la na portada/folha de rosto da obra.

No que se refere ao tamanho dos livros, esses são em formato in-fólio, que era, juntamente com o in-quarto, padrão na produção livreira dos séculos XVII e XVIII para obras de caráter mais nobre, produzidas para as casas reais ou para a Igreja, ou que só podiam ser adquiridas por membros das camadas mais altas da sociedade. Mas, mesmo nesses períodos, a ampliação do número de leitores exigiu uma diminuição do tamanho dos livros para formatos que levassem os textos até eles, inclusive com preços mais populares. Passaram a ser impressos os volumes in-oitavo e mesmo os in-12<sup>351</sup>, sobretudo para impressão de peças teatrais, sobre isso e tomando o exemplo francês Mollier comenta que:

Aqui a inovação encontra-se na vontade de se realizar pequenas obras a bom preço, com impressão medíocre e cujo custo material permita, *a priori*, esperar atingir as

---

<sup>349</sup> A Bélgica contava com prelos já no século XVI, mas chegou ao auge da produção na passagem do século XVIII para o XIX, tornando-se nesse último grande produtora de obras “piratas”, as contrafações belgas eram uma grande ameaça aos livreiros franceses, por exemplo. Cf. BARBIER, Frédéric. Le commerce international de la librairie française au XIXe siècle (1815-1913). In: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 28 N°1, Janvier-mars 1981. Livre, éducation, savoirs, XVIIe-XXe siècles. pp. 94-117. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rhmc\\_0048-8003\\_1981\\_num\\_28\\_1\\_1128](https://www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1981_num_28_1_1128).

<sup>350</sup> A Itália tem tradição na impressão, desde Aldo Manúcio (1449-1515), criador da letra itálica e famoso impressor de clássicos. Também no que se refere às ilustrações, muito famosas no século XVI. No século XVII ganhou destaque a partir das inovações tipográficas desenvolvidas por Giambattista Bodoni (1740-1813). Cf.: McMURTRIE, Douglas C. *O livro: impressão e fabrico*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

<sup>351</sup> “[...] o in-fólio é um volume no qual a folha é dobrada uma vez; em cada folha são, portanto, impressas quatro páginas (duas de cada lado); em um in-4º, a folha é dobrada duas vezes e contém oito páginas (quatro de cada lado); em um in-8º, ela é dobrada três vezes e contém dezesseis páginas (oito de cada lado); e assim por diante. As folhas assim dobradas constituem em princípio um caderno que deveria então comportar quatro páginas para um in-fólio, oito páginas para um in-4º e dezesseis páginas para um in-8º.” In: FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Edusp, 2017.p. 123.

camadas ou categorias sociais que antes não haviam considerado o livro como elemento passível de mobiliar seu espaço doméstico.<sup>352</sup>

No entanto, apesar dessa expansão da produção dos pequenos formatos nos seiscentos e setecentos, não foram encontrados no acervo livros desse período de produção com esses tamanhos diferenciados. Apesar dessa novidade com relação ao tamanho, ao menos durante o século XVII não houve grandes inovações na técnica tipográfica que permanecia quase a mesma daquela desenvolvida pelos primeiros grandes tipógrafos, embora tenha sido um período de grande desenvolvimento da literatura, já que: “Obras imortais de autores talentosos entre eles o dramaturgo e poeta britânico William Shakespeare (1564-1616) e o romancista, dramaturgo e poeta espanhol Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), foram extensamente publicadas.”<sup>353</sup>

Já o século XVIII apresentou muitas transformações na arte tipográfica, iniciando com a criação ainda em 1692 do *Roman du Roi*, uma nova tipografia confeccionada pela Impremerie Royale (Imprensa Real) sob ordem do próprio Luís XIV, porém só foi utilizada pela primeira vez em 1701<sup>354</sup>. Os setecentos viram também as inovações apresentadas, na Inglaterra, por Baskerville (1706-1775) que “[...]optou pelo livro tipográfico limpo. Margens largas e espaço generoso entre letras e linhas eram usados em redor de seus esplêndidos alfabetos.”<sup>355</sup>, além de introduzir o uso do papel velino; na Itália, por Bodoni e na França pela família de impressores Didot, destacando-se Firmin Didot (1764-1836), que inventou o processo da estereotipia, tecnologia que possibilitou maiores tiragens. O italiano e os franceses quiseram elevar ao maior grau de perfeição as lições aprendidas com Baskerville e estabeleceram uma rivalidade que só gerou bons frutos à empresa tipográfica:

Bodoni e os Didot eram rivais com espíritos afins. São inevitáveis as comparações e a especulação sobre quem inovou e quem seguiu o outro. Compartilhavam referências comuns e o mesmo ambiente cultural. A influência de um sobre outros era recíproca, pois Bodoni e os Didot procuraram, cada um, levar o estilo moderno mais longe que o outro. Ao fazê-lo cada um imprimiu a estética do contraste, da construção matemática e do refinamento neoclássico ao nível mais extremo possível. Credita-se a Bodoni habilidade maior como designer e impressor, mas os Didot possuíam mais erudição. Bodoni proclamou que procurava apenas o magnífico e não trabalhava para o leitor comum; já os Didot, além de suas extravagantes edições em fôlio, usaram seu novo processo de estereotipia para produzir edições muito maiores de livros econômicos para um público mais amplo.<sup>356</sup>

<sup>352</sup> MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Ensaio sobre História Cultural. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2008. p. 24. O autor complementa que ainda com o intuito de redução de preços chegam ao mercado em 1811 os pequenos volumes in-32.

<sup>353</sup> MEGGS, Phillip B. e PURVIS, Alston W. *História do design gráfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 150.

<sup>354</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>355</sup> Idem, *ibidem*. p. 160.

<sup>356</sup> *Ibidem*, p. 167.

Técnicas de impressão, novos tipos de papel e inéditas fontes como o *Roman du Roi*, foram apenas alguns aspectos da evolução da tipografia. Todavia, um dos elementos mais importantes dentro da composição do livro e que era tão relevante quanto o texto principal, foi se desenvolvendo aos poucos durante o período do “antigo regime tipográfico”<sup>357</sup>, trata-se da folha de rosto, elemento que tal como hoje, indica o título da obra e sua imprenta, mas que à época trazia um conjunto de informações adicionais que acabaram por transformá-la em parte essencial para o estudo da história dos livros desse período.

A folha de rosto surgiu de forma mais efetiva no século XV como forma de não deixar em branco a primeira página dos livros que por muito tempo não era impressa por ter maior tendência a sujar-se. Isso auxiliou o leitor na identificação da obra e do impressor, que por vezes só era identificada no final do volume, no colofão. Com o passar dos anos essa página passou a ser mas preenchida, seja com maiores informações no título, indicação de suas partes, dísticos e certamente, as referências sobre seus editores.

A imagem abaixo apresenta a folha de rosto da obra *História General de Espanha*, de autoria do jesuíta Juan de Mariana (1536-1624). Nela podem ser visualizadas as tradicionais características dessa parte do livro durante o que Chartier chama de Século de Ouro que contou com a publicação de grandes obras como o *Dom Quixote*, de Cervantes<sup>358</sup>.

Primeiramente se observa no alto da página o título da obra, no final a indicação do impressor, o local de venda dos volumes e, por vezes o seu preço. Entre eles, no meio da página há as dedicatórias, geralmente a marca do impressor e a indicação do privilégio de impressão. Esses detalhes embasavam a prática literária no período, ou seja, o livro tinha uma paternidade definida, seu autor logo indicado; as dedicatórias apresentavam os sistemas de apadrinhamento nos quais se inseriam os escritores e a afirmação da autorização “Com Privilégio” para imprimir indicava a questão econômica do produto livro<sup>359</sup>.

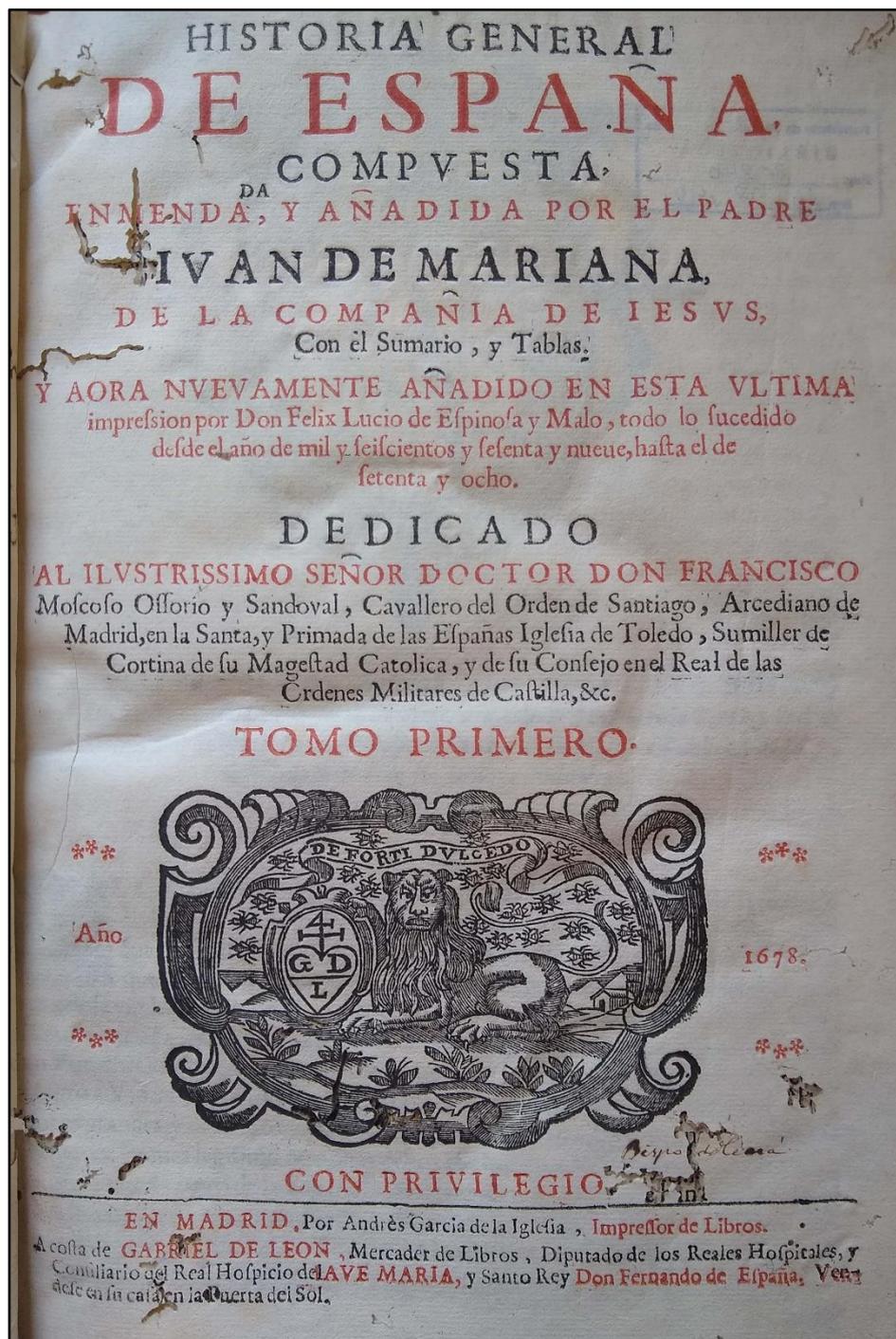
---

<sup>357</sup> Segundo CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014, trata-se do período compreendido entre a segunda metade do século XV e o início do século XIX.

<sup>358</sup> CHARTIER, Op. Cit.

<sup>359</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

Figura 13: DE MARIANA, Juan. (C. J.) *História General de Espanha*. Madri: Gabriel de Leon, mercador de livros, 1678.



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

No livro apresentado vê-se o título bastante desenvolvido, apresentando além do nome do autor e sua congregação, as partes constantes na obra e as adições feitas, o que deixa o leitor bem a par do que irá encontrar no texto principal. A dedicatória é feita a certo Doutor Dom Francisco, Cavaleiro da Ordem de Santiago, possivelmente militar bem próximo ao rei, o que leva a supor que era intenção do autor fazer seu nome chegar também ao monarca e achar mais

certo isso ocorrer por meio de um intermediário, por isso não dedicar a obra diretamente ao soberano. Foi concedido o privilégio de impressão, que geralmente durava 10 anos e estão indicados tanto o impressor quanto o livreiro ou “Mercador de Libros”. Traz uma grande marca de impressão e a data impressa em numerais arábicos, ao contrário da maioria das obras nas quais é indicada em algarismos romanos, independentemente do idioma da publicação. Outro ponto importante a ser observado é a escrita do texto ter se dado em língua vulgar, o espanhol. Embora o latim já tivesse perdido sua proeminência nas publicações<sup>360</sup>, entende-se que também foi uma forma do autor exaltar sua história pátria escrevendo-a em sua língua materna. O volume traz marca de posse do bispo do Ceará, D. Luís.

Além da obra citada acima outros livros do século XVII foram catalogados durante a pesquisa, são eles: *Annales Ecclesiastici*. Pavia: Ex Typographia Haeredum Bartoli, 1641<sup>361</sup>, de César Barônio (1538-1607) que possui uma outra edição de 1680; *DECRETALES. Gregórii Papae IX. A petro et Francisco Phitoeo J. C. ...* Paris: Apud Dionysium Thierry, 1687. Com Privilégio Régio; GREGORII XIII PONT. MAX. *Corpus Juris Canonici*. Paris: Dionisium Thierry, 1687. Essas duas últimas têm o mesmo impressor, possuem como temática obras relacionadas a papas e foram publicadas no mesmo ano, o que pode indicar ser essa casa impressora a responsável por obras oficiais da Igreja em Paris, por conta de seu privilégio real. Outra obra é a o *De jurisdictione Ecclesiástica et civil Libri IV...* Antuérpia: Apud Hieronymum & Ioan Bapt. Verduffen, 1675, de Francisco Zypaeo (1580 -1650), padre da Companhia de Jesus.

Os livros publicados no século XVII apresentam todos praticamente a mesma apresentação da folha de rosto, simples, ou seja, sem orlas (bordas que margeiam o texto) e duas cores, o que significa que se utilizava tinta preta e vermelha para imprimir e possuem grandes marcas de impressão, que podem representar a casa editora, o brasão do autor ou do homenageado com a obra ou apenas ser elemento de decoração. Já os volumes dos setecentos apresentam notáveis diferenças à medida que as datas de publicação avançam para o final da centúria. Os das primeiras décadas ainda possuem as características do período anterior, já

---

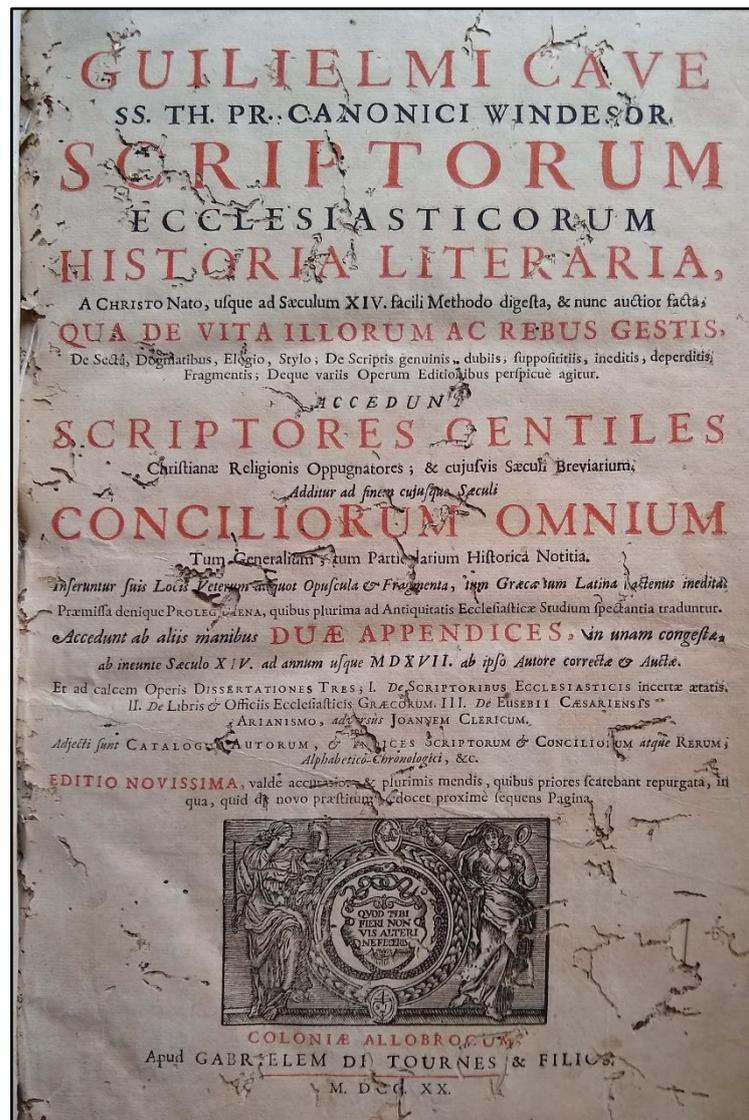
<sup>360</sup> O latim era a língua por assim dizer oficial, que tornava possível a comunicação de leitores de diferentes regiões. Porém, no final do século XVI, 30% das obras publicadas na Alemanha, por exemplo, já eram em língua vernácula. Galileu já escrevia seus livros em italiano no início dos seiscentos, com a Reforma Protestante, vários Estados reformados passaram a adotar seus idiomas nas documentações oficiais e nas publicações religiosas, sobretudo da Bíblia. Cf.: LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*. São Paulo: Editora Senac, 2011.

<sup>361</sup> De acordo com as orientações para a catalogação do livro antigo indicadas por GARCÍA AGUILAR. Op. Cit., ao se apresentar o livro nos moldes de referência atuais, deve-se informar a data em algarismos arábicos (também na transcrição da folha de rosto, fotobibliografia) e indicar a cidade de impressão com seu nome atual e não com o nome em latim. No caso do livro de Baronio, Pavia é o nome moderno de Ticini.

aqueles dos decênios finais, sobretudo do último quartel, apresentam algumas das inovações dos novos mestres tipógrafos já difundidas pela Europa. É o que se pode observar nos livros apresentados adiante.

A próxima imagem é da obra do clérigo inglês Guilherme (Willian) Cave (1637-1713), *Scriptorum Ecclesiasticum. Historia Literaria*. Geneva: Gabrielem de Tournes e Filios, 1720. Trata-se de uma espécie de dicionário biobibliográfico, onde se apresentam escritores religiosos conhecidos desde o ano de nascimento de Cristo até o século XIV, um trabalho de fôlego, portanto. Não apresenta indicação de tomo, logo deve tratar-se de volume único e é acompanhado de um apêndice onde já estende a pesquisa para o século XV.

Figura 14: CAVE, Guilielmi. *Scriptorum Ecclesiasticum. Historia Literaria*. Geneva: Gabrielem de Tournes e Filios, 1720.

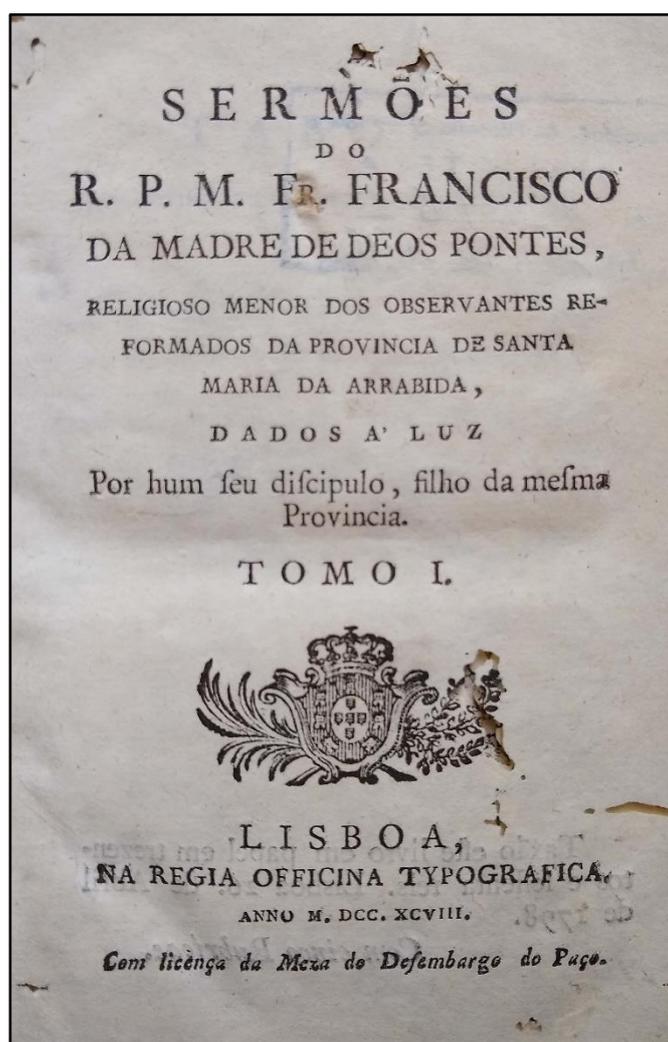


Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

O conteúdo do livro é extensamente detalhado na folha de rosto, indicando quais os tipos de autores que serão apresentados, incluindo gregos e latinos, informa que dispõe também de um catálogo de autores e com informações sobre editores e impressores, ressalta também tratar-se de uma nova edição com melhorias. Afirma que utiliza um método fácil, o que faz supor que o texto era destinado também para estudantes. Há uma grande variedade tipográfica tanto em tamanho como em tipos de fontes, o que representa um grande investimento para a impressão, visto ser a tinta, juntamente com o papel parte importante nos custos.

Portanto, diante da apresentação desta página do livro de Cave, pode-se perceber a continuidade das práticas ainda na segunda década do século XVIII, ainda que se observe algum incremento na diversidade de fontes. Já ao se analisar um volume publicado mais para o final do século são evidentes as transformações diante dos avanços técnicos, científicos e artísticos que se deram nos anos que viram o nascimento da *Enciclopédia*.

Figura 15: PONTES, Francisco da Madre de Deus. *Sermões do R.P. M. Fr. Francisco da Madre de Deos Pontes*. Lisboa: Régia Officina Typografica, 1798.



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A figura apresenta uma obra publicada na última década dos setecentos e é possível verificar que, em comparação com as apresentadas anteriormente, essa já possui uma impressão mais limpa, há mais espaços em branco, apenas uma cor de tinta é utilizada e as fontes têm caracteres mais simples, correspondendo ao tipo de trabalho visualmente menos rebuscado proposto neste século por Baskerville e seguido por muitos impressores por toda a Europa.

No entanto ainda estão presentes os elementos característicos das folhas de rosto dos livros antigos, como as referências do autor e a indicação de licença concedida, neste caso, por parte da Mesa do Desembargo do Paço. Neste exemplar, no verso da folha de rosto ainda é indicado o valor da taxaço sobre o livro com a seguinte nota: “Taxão este livro em papel em trezentos e sessenta reis.”, ou seja, como qualquer outra mercadoria os impostos também recaíam sobre o valor dos livros.

Outra característica que se manteve nas apresentações das obras foi a dedicatória, que não se tratava apenas de uma homenagem, mas uma forma de tornar-se visível ao homenageado e merecedor de futuras benesses por parte deste, sobretudo quando o alvo das apresentações das obras eram príncipes ou reis, pois dedicar ao soberano “[...]constituía, ainda no século XVIII, uma das melhores maneiras de captar a benevolência real.”<sup>362</sup>. Os autores (sobretudo os de obras científicas) viam grande vantagem em entrar para a clientela real, pois isso garantia também independência com relação aos seus grupos tomados por regras que por vezes podavam suas ações.

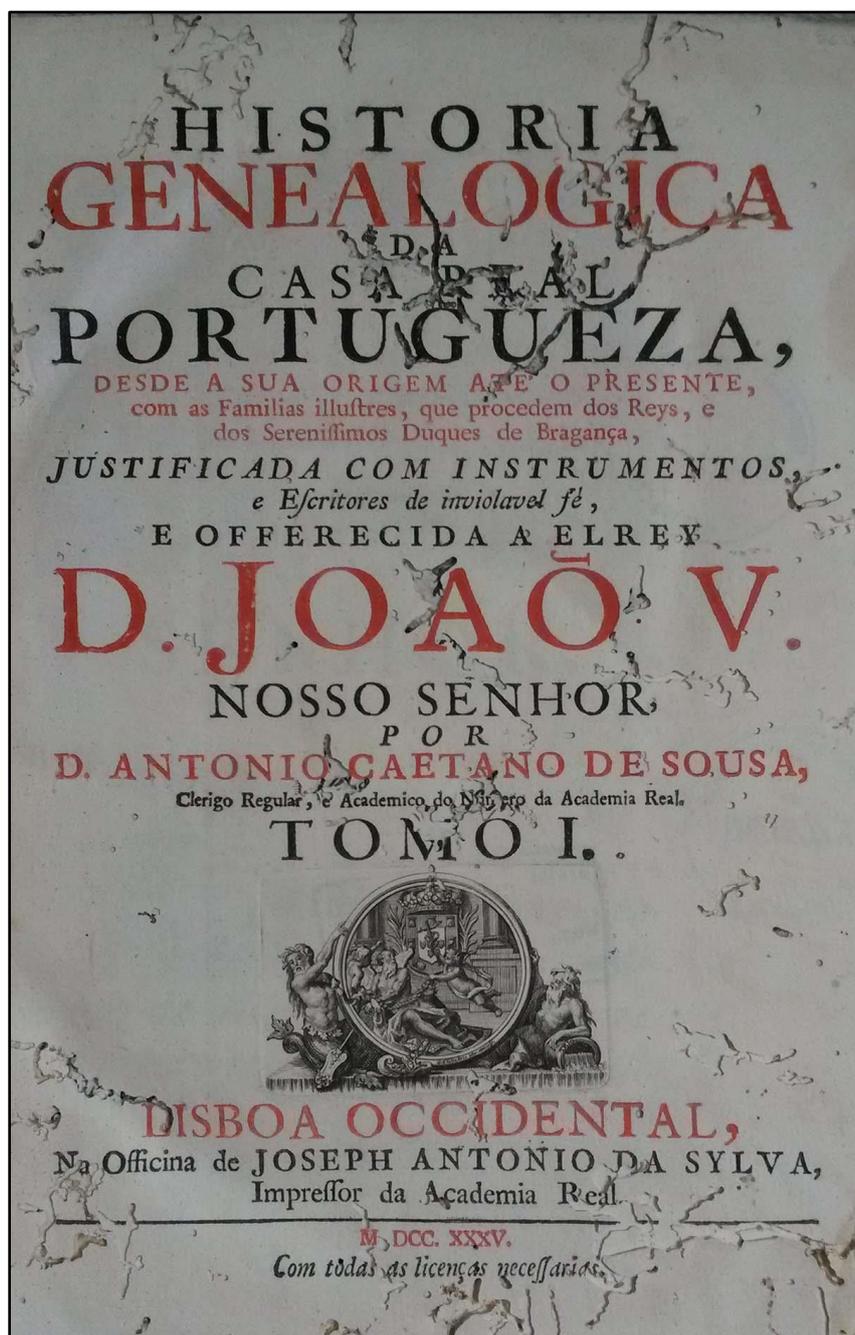
Mas a dedicatória ao príncipe não deve ser entendida somente como instrumento de uma troca dissimétrica entre quem oferece uma obra e quem, numa contrapartida diferida e liberal, concede seu patrocínio. Ela é também uma figura pela qual o príncipe se vê louvado como inspirador primordial, o autor primeiro do livro que lhe é apresentado — como se o escritor, ou o sábio, lhe oferecesse uma obra que, de fato, é a dele. Nessa figura extrema da soberania, o rei se torna poeta ou sábio, e sua biblioteca não é mais apenas um tesouro que preserva riquezas ameaçadas, ou uma coleção útil ao público, ou ainda um recurso para prazeres particulares. Ela se transforma num espelho onde se reflete o poder absoluto do príncipe.<sup>363</sup>

Esse caráter de representatividade que traz a dedicatória, o ver-se como “inspirador primordial”, certamente se torna mais presente diante de obras que estão diretamente relacionadas com a figura do monarca ou com a dinastia à qual pertence. Nesse caso a obra como um todo é a homenagem, a saudação à figura real. Como é o exemplo dado na figura a seguir.

<sup>362</sup> CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000. p. 190.

<sup>363</sup> *Ibidem*. p. 199.

Figura 16: DE SOUSA, D. Antônio Caetano. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1735.



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

O volume apresentado acima é o primeiro tomo da *História Genealógica da casa Real Portuguesa*, (o qual já foi citado anteriormente) que se refere à dinastia de Bragança<sup>364</sup>. Desta obra, de autoria do padre D. Antonio Caetano de Sousa (1674-1759), foram catalogados 8 volumes no acervo. Na imagem é possível visualizar a dedicatória ao monarca D. João V (1689-

<sup>364</sup> Esta obra também consta do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, tendo sido digitalizada em sua totalidade e está disponível para consulta em <https://purl.pt/776>.

1750), de Portugal e Algarves, sendo o nome do rei a palavra de maior destaque na página. Já no interior do livro há a dedicatória completa impressa em coluna contendo seis páginas. Nesta obra o autor se propõe a apresentar uma genealogia da casa de Bragança e das famílias que dela derivam, e como que para não deixar dúvidas sobre seu trabalho — talvez por ter recebido críticas quanto à veracidade de seu conteúdo — publica um tempo depois o *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*<sup>365</sup>. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1746, do qual foram registrados sete volumes. Neste segundo livro o autor apresenta suas fontes de pesquisa, os acervos, que visitou, como a Torre do Tombo, bibliotecas reais, públicas e privadas, citando, inclusive, seus proprietários e sua relação com a casa real, além de enaltecer o fato de esses acervos estarem preservados, o que permitiu seu trabalho de composição da obra. Sobre os arquivos visitados diz o autor:

[...] não cabe no tempo de huma só vida poder alcançar tudo o que encerra o Archivo Real da Torre do Tombo, não se reduzindo só a ele minha aplicação; porque também vi o Archivo da Serenissima Casa de Bragança, o qual posso dizer, não tem papel, que eu não visse; os Archivos da Cathedral de Lisboa Oriental, o do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra, o do Real Mosteiro de S. Diniz de Odivellas, o do Real Mosteiro de Belem, e os dos dous Senados da Camara de Lisboa, e outros, que ainda que particulares, são de grande estimação, como o do Duque de Cadaval, com hum notável Gabinete de manuscritos, e huma admirável Collecção de diversos livros de memórias, e alguns originaes, que forão da Serenissima Casa de Bragança, vinte tomos com o titulo de papeis vários seguidos, de diversos Reynados, que são excelentes pelas matérias com alguns originaes, além de outros muitos livros, e papeis de importância, formados pela anciosa curiosidade do Duque D. Nuno seu pai, a quem ajuntou dezoito volumes com o titulo de copiadorez (obra sua) que contém votos, e tudo o que passou no largo tempo dos seus grandes empregos políticos, e militares. Esta Collecção he admiravel, pelo estylo, e pelas noticias, em que se tem cousas não vulgares, e de grande estimação, a que ajuntou vários papeis de suam importância, que não só daquele lugar, e pelo que estes livros não tem ordem, e he o único defeito, que lhe podem achar, a falta de Chronologia.<sup>366</sup>

O autor elenca os locais onde realizou suas pesquisas, segundo ele de forma profunda, alegando que “não tem papel, que eu não visse”, indicando arquivos eclesiásticos e de órgãos legislativos, porém se detém mais em enaltecer um arquivo privado pertencente ao Duque de Cadaval, o qual, levando-se em conta o que se afirma, reuniu extensa documentação acerca de vários setores da administração portuguesa devido a sua atuação política e militar e de um interesse pessoal em preservar a memória pátria.

Dom Nuno, o citado duque, foi possivelmente uma figura importante em sua época, tanto que em sua homenagem foi escrita uma biografia destacando os últimos anos de sua vida.

<sup>365</sup> Foi lançado recentemente (2018) em edição fac-similar pela editora Forgotten Books, como parte de um projeto de valorização de obras de importância histórica.

<sup>366</sup> DE SOUSA, D. Antônio Caetano. Apparato à História Genealógica da Casa Real Portuguesa. In: *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1735.p. X-XI.

O livro *Ultimas ações do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello*, foi publicado em 1730, apenas três anos após sua morte<sup>367</sup>, seu autor é Dom Jayme Pereira de Melo (1684 -1749), filho do homenageado e estribeiro mor da casa real e atual Duque de Cadaval quando da publicação da obra.

Esta se trata de um exemplar com ricos detalhes de impressão, contendo na página anterior à folha de rosto uma gravura na qual o título da obra se encontra centralizado em brasão cercado por anjos, além de várias gravuras ornamentais com a temática da morte. Consta ainda de diversos poemas em latim e português escritos por diferentes autores (provavelmente do círculo de relações do finado duque) em louvor a Dom Nuno e antes do texto principal há uma página com seu retrato. Ou seja, uma obra com impressão luxuosa para constar apenas em selecionadas bibliotecas incluindo por óbvio, a do rei, para quem o livro é dedicado e a quem se agradece a realização da publicação, o que permitem inferir as palavras de Dom Jayme ao soberano:

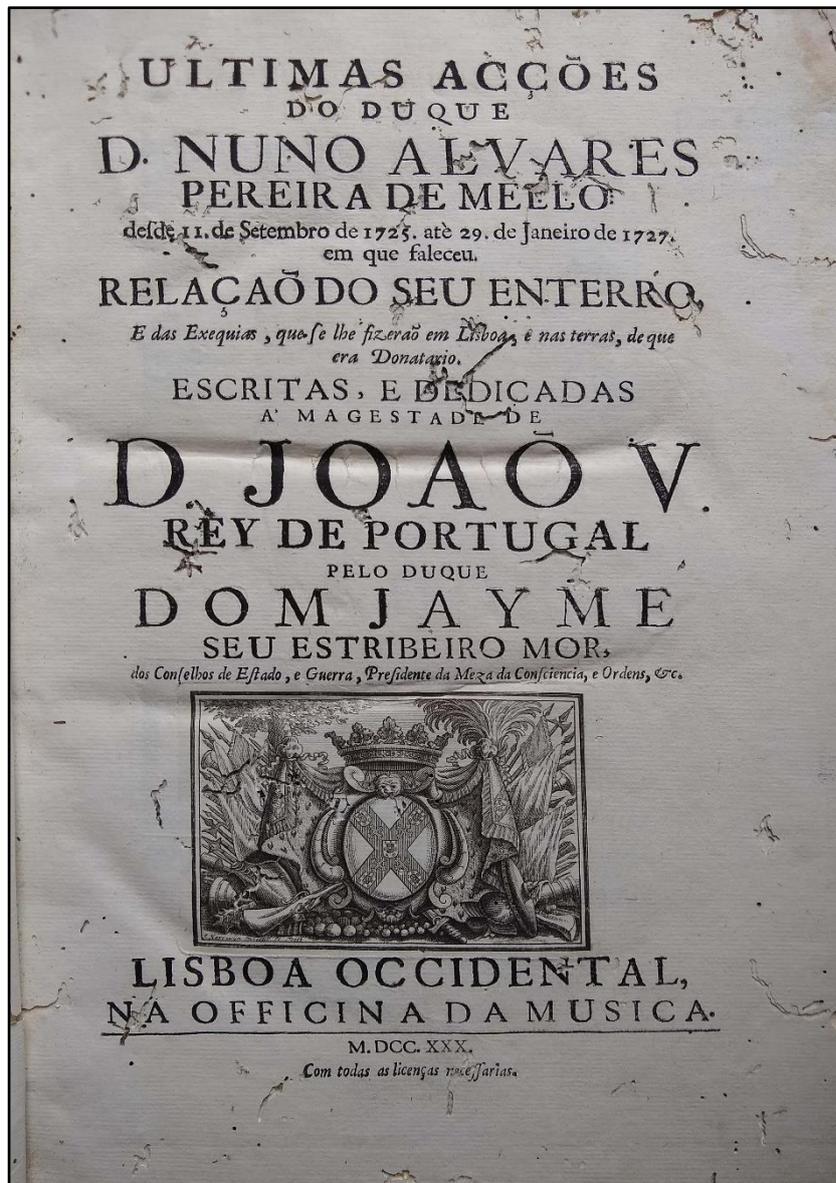
Senhor. Depois de V. Majestade ter feito a meu Pay aquellas incomparáveis honras, de que toda esta Corte foi testemunha, quis ainda o generoso animo de V. Majestade que ficasse para o futuro alguma memória das acções de hum bom homem, que no discurso de sessenta e sete anos mereceo que V. Majestade, e todos os Augustissimos Senhors Reys seus Ascendentes a quem teve a honra de servir, como a V. Majestade, lhe agradecessem sempre os seus acertos em toda a materia, ordenandome que tivesse cuidado em tudo quanto dizia por tudo ser digno de memoria, e desejando eu obedecer inviolavelmente a V. Mjestate lhe ofereço, não com pouco receyo, as ultimas acções do Duque meu Pay [...]<sup>368</sup>.

O excerto, portanto, permite afirmar que o falecido duque tinha importância na corte portuguesa e mesmo um cargo de confiança junto ao rei e seus antecessores. Uma amostra de sua influência foram as inúmeras homenagens que recebeu em Lisboa e em outras localidades, seus domínios, pelo que se afirma na folha de rosto que apresenta certa simplicidade. Esta não se observa dentro da obra que possui em cada abertura de capítulo uma gravura e capitulares desenhadas dentro de pequenas telas, logo, como já foi dito, uma edição bastante cara. O que se pode observar em todas as gravuras, sejam as menores ou nas de meia página e página inteira ao final do volume, é sua relação com a temática da morte, lápides, caveiras e dísticos referentes ao encerramento da passagem do homem pela Terra, o que transforma o livro em si também em uma parte das exéquias do duque.

<sup>367</sup> Esta obra também fez parte do projeto da editora Forgotten Books com edição fac-similar publicada em 2018.

<sup>368</sup> DEDICATÓRIA. In: DE MELO, Dom Jayme Pereira. *Ultimas ações do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello*. Lisboa: Oficina da música, 1730.

Figura 17: DE MELO, Dom Jayme Pereira. *Ultimas ações do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello*. Lisboa: Officina da música, 1730.



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A temática da morte foi uma constante durante boa parte do medievo e da modernidade e eram comuns livros voltados para a preparação da alma para a passagem para a vida eterna visando certamente à fuga da punição no Inferno, como o *Ars moriendi*<sup>369</sup>. Embora já não tão famosos nos séculos XVII e XVIII, ainda havia publicações religiosas sobre o assunto, é o caso da obra também constante do acervo estudado, *Discorsi per Exercicio della Buona Morte*, do

<sup>369</sup> “Textos anônimos circulavam amplamente em duas grandes versões relacionadas, geralmente, publicadas na forma de livros em formato pequeno, com ilustrações baratas em xilogravura. Cerca de 50 mil cópias foram publicadas no período dos incunábulo, antes de 1501. O gênero atingiu seu apogeu no século XV e início do século XVI: a partir daí, sua popularidade declinou, eclipsada pelo tratado de Erasmo sobre a preparação para a morte, *De preparatione ad mortem* (1534)”. Cf.: LYONS. Op. Cit. p. 90-91.

jesuíta Antonio Bordoni (1682-1742), publicado em Veneza, já em 1796, o que mostra que ainda havia demanda para esse tipo de assunto que era tratado de forma íntima e familiar, bem diferente do que se passa na atualidade.

Além dessa, outras obras se destacam no conjunto de livros antigos, como o *Corpus Juris Canonici*, do teólogo e canonista Francês Jean-Pierre Gibert (1660-1736), impresso em 1735 na cidade de Geneva (Coloniae Allobrogum), para ser consultado por religiosos de todos os níveis, do padre secular ao papa. Da área do direito canônico também pode ser referenciado o *Jus Canonikum Universum Clara Methodo*, já citada obra do franciscano Anacleto Reiffenstuel, desta feita com edição Veneziana de 1735, possivelmente a primeira edição desta obra que parece ter se tornado cânone dos estudos sobre as leis canônicas sendo recorrentemente reeditado pois as edições citadas no capítulo anterior já são do século XIX.

A filosofia também é representada. O livro *TULLII. M. Ciceronis Opera*. traz a obra de Cícero (106-43 a. C.) editada em 1772 para o ensino do Delfim. Voltando ao direito, há o volume *Opera Posthuma. Tractatum de Legatis* do jurista português Pedro Alexandre dos Santos Barbosa (1535-1606), cuja indicação é para seu uso em fóruns e nas faculdades. A edição é de mais um século após a morte do autor, o que indica a importância e permanência de sua obra. O exemplar catalogado possui assinatura de certo Cônego Antônio Santos, provavelmente o Bispo D. Luís, o que pode indicar que a obra lhe pertencia desde antes de assumir o bispado cearense.

Esse não é o único livro antigo com a assinatura do bispo, *História Geral da Espanha* também contém a marca de posse do prelado, tendo sido analisado acima. Isso leva a crer que essas obras, ou parte delas, devido mesmo à sua antiguidade, fizeram parte do núcleo formador da Biblioteca, que, como já referido anteriormente, foi composto pelos livros pertencentes aos próprios religiosos que fundaram o seminário e iniciaram sua atividade educacional, ou seja, o bispo e os padres da Missão. Certamente algumas podem ter chegado ao acervo por meio de doações posteriores, mas na falta de indicações que o comprovem e com as marcas de posse em algumas delas é possível supor sua presença no seminário mesmo antes da formação da Biblioteca, visto que essa só foi inaugurada no ano seguinte ao início das aulas, o que reitera o fato de os religiosos fornecerem seus próprios livros para o uso dos estudantes.

Esta apresentação de parte dos livros antigos do acervo indica o quão ricos podem ser os ajuntamentos das bibliotecas eclesiásticas que ainda existem no país e a quantidade de possibilidades de estudos que podem ser realizados tendo por objetos os seus volumes, seja a

análise narrativa, textual, de discurso, bibliográfica ou material, algumas das quais utilizadas na presente tese.

Essas obras são o reflexo de sua época no que concerne às técnicas de produção, de sua composição material (tipo de papel, tinta etc...) bem como das relações sociais em torno do objeto livro, desde o reconhecimento do autor, passando pelas questões comerciais da edição e chegando aos níveis pessoais e públicos expressos nas dedicatórias indicativas de um sistema de apadrinhamento. Todo esse circuito pode ser observado sem sair da Biblioteca e a presença dessas obras já antigas quando de sua chegada ao seminário, apresenta também a existência de diversas histórias de leituras e leitores que tiveram contato com os textos ali impressos no decorrer de mais de dois séculos.

Aproximadamente trezentos anos de história da edição estão representados no acervo analisado. Certamente a delimitação temporal deste trabalho não abarca todo esse período de tempo, estando restrita às décadas iniciais de funcionamento do seminário, mais especificamente até 1889, quando a relação Igreja-Estado é rompida não oficialmente com a instauração do Regime republicano. No entanto, não se poderia deixar de analisar as obras presentes no fundo antigo de data de produção mais antiga que o período estabelecido para o recorte, já que o acervo é o objeto principal da pesquisa, além de se conjecturar a presença dessas obras na Biblioteca, para uso de mestres e alunos, no período indicado.

Diante disso, a análise material das obras e também de alguns aspectos editoriais são considerados importantes para um melhor entendimento do acervo, no sentido de também enaltecer sua importância para a cidade à época e para os estudos atuais de História do livro. Como a grande maioria das obras catalogadas são datadas do século XIX, achou-se por bem realizar um estudo dos desenvolvimentos da indústria do livro no período, como também buscar indicar as casas editoras mais voltadas para a produção de obras católicas, mostrando a Biblioteca também como fonte de pesquisa para a história do design editorial e da edição.

## **5.2 O design editorial dos oitocentos a partir do acervo do fundo antigo do Biblioteca Episcopal.**

Um objeto raro, cuja posse e o domínio sobre seu conteúdo compunham um conjunto de elementos que determinavam a distinção entre grupos sociais. Assim foi o livro durante grande parte de sua existência enquanto suporte de leitura, principalmente na era dos

manuscritos. No entanto, sobretudo a partir do advento do livro impresso, que permitiu o aumento de sua produção e circulação, aliado ao crescimento do número de alfabetizados, os volumes impressos passaram a estar nas mãos de mais pessoas, inclusive nas classes subalternas e a atuar fortemente difundindo ideias que chegariam a impulsionar movimentos revolucionários.

Essa difusão do livro e da leitura já bastante visível no século XVIII cresceu de forma exponencial na centúria seguinte quando a emergência de diversos fatores — desenvolvimento de novas técnicas de produção e de novos materiais que permitiram a diminuição do preço do livro, o incentivo à alfabetização de suas populações por parte de diversos governos e outras entidades como associações de trabalhadores, o que gerou novos públicos leitores (mulheres, operários...) e a ampliação do mercado livreiro — fez com que as obras dos mais variados tipos alcançassem cada vez mais pessoas e fizessem parte do cotidiano dos sujeitos, tanto em suas vidas e ações em sociedade quanto privadas.

O mercado do livro sentiu o impulso das ações educacionais com o aumento da demanda quando os Estados passaram a assumir a instrução escolar de seus habitantes<sup>370</sup>. Esse fato também contribuiu para um novo olhar sobre a prática da leitura e com isso os acervos de livros passam a ser vistos de outra forma. Passa a haver um controle sobre o que se deve ler, discussões sobre políticas de leitura e a importância do livro como meio propagador de conhecimento, progresso e civilização, daí a construção de edifícios próprios para as bibliotecas e a maior especialização do trabalho dos bibliotecários. A expansão do ensino e a democratização do acesso ao livro foram marcas dos oitocentos, foi o século dos manuais, dos dicionários, das enciclopédias e todos esses estavam disponíveis nos acervos. Foi o período que permitiu haver uma terceira revolução do livro marcada pela entrada do povo nas bibliotecas<sup>371</sup>.

Os avanços econômicos vistos no século XIX também se refletiram no campo livreiro. As melhorias nos transportes e o surgimento de novos modais de locomoção marítima e terrestre

---

<sup>370</sup> “A qualidade da formação escolar e universitária é vista, na dupla tradição da Reforma e do Iluminismo, como um fator que favorece a riqueza do Estado. A instrução elementar generaliza-se no século XIX, conforme uma lógica que desempenha um papel decisivo na revolução da ‘livraria de massa’ (é preciso produzir manuais escolares). Ao mesmo tempo, cada uma das novas escolas primárias será equipada, na França, com ‘bibliotecas escolares’ (portaria de 1862), frequentemente abertas a um público externo de maneira a responder, em parte, ao déficit de estruturas de leitura pública, sobretudo no meio rural.[...] A tendência é encontrada no Reino Unido, com as leis que instituem um ensino primário obrigatório (1870, 1876), gratuito (1880) e controlado pelos poderes públicos (1902). Em todos os casos, essas disposições levam a uma ampliação do número de leitores, e favorecem o surgimento de um mercado de massa das publicações para a juventude.” BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo: Edusp, 2018a. p. 329.

<sup>371</sup> MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Ensaios sobre História Cultural. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2008.

possibilitou um aumento até então inédito na distribuição de matérias-primas e mercadorias, dentre elas o livro, que passou a compor a grande rede de transações comerciais próprias.

Elas foram favorecidas por transformações técnicas como a ampliação da rede ferroviária, o desenvolvimento dos transportes marítimos, a criação da telegrafia elétrica, a introdução da prensa a vapor e a mecanização da fabricação de papel. [...] Editores, livreiros e empresários teatrais souberam tirar partido dessa situação, procurando alargar o mercado de compradores de livros, jornais e revistas, bem como atingir espectadores em regiões muito distantes de seus locais de origem. Souberam, também, buscar as melhores condições tipográficas e econômicas para a impressão de obras, descentralizando, de maneira notável, os polos de composição dos escritos, da impressão dos textos e da venda dos livros. Essas conexões eram também favorecidas pelo intercurso de letrados, que mantinham intensas trocas culturais, seja pessoalmente, seja por meio de seus escritos.<sup>372</sup>

Assim, os livros estavam inseridos em redes de trocas culturais e econômicas, eram e continuam sendo um bem simbólico e comercial, são, apesar de seu caráter artístico ou mesmo também por conta dele, mercadoria. Todo o processo pelo qual passam até chegar às mãos do leitor está imbuído de um valor e foi pensado de forma a fazer retornar ao editor o que foi investido, ou seja, o livro deve ser um produto vendável.

Enquanto suporte de escrita o livro promove uma ação cultural e intelectual favorecendo a expansão do conhecimento, aprendizagem e mesmo formação identitária; como objeto material, se insere no espaço e o transforma, seus usos estão associados a comportamentos e atitudes, vários outros objetos se voltam para a sua utilização, ele transforma a vida íntima e social, além de ter modificado ou criado diversas “[...]práticas individuais de devoção, de diversão, de formação e conhecimento. Esses nascimentos ou renovações de práticas são acompanhadas da invenção de novos gestos, de novos usos.”<sup>373</sup>. Toda essa capacidade transformadora o faz transcender a dimensão simbólica e sua materialidade o coloca no centro de processos econômicos.

Com isso podemos falar do livro como objeto material, tratando por exemplo dos processos técnicos, industriais e editoriais de sua produção e publicação. Como mercadoria está sujeito a uma legislação que regula as trocas econômicas e simbólicas, que também tem uma história. Como objeto e mercadoria ou valor de troca, também pressupõe vários processos de distribuição, divulgação, comunicação, controle, valoração, apropriação e uso.<sup>374</sup>

<sup>372</sup>DE LUCA, Tânia Regina; GRANJA, Lúcia. *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. p. 10

<sup>373</sup>“[...] pratiques individuelles de dévotion, de divertissement, de formation et de connaissance. Ces naissances ou ces renouvellements des pratiques sont accompagnées de l’invention de nouveaux gestes, de nouveaux usages.” MARTIN, Olivier. *Le livre, les livres, dans la Maison. Por une sociologie de l’objet livre*. In: DESEJEUX, Dominique e GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle (org.). *Objet banal, objet social. Les objets quotidiens comme révélateurs des relations sociales*. Paris: Editions L’Harmattan, 1999. p. 56.

<sup>374</sup>HANSEN, João Adolfo. *O que é um livro?* Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. (Coleção Bibliofilia. v. 1). p. 8.

O livro é, portanto, um objeto que foi primeiramente manufaturado e depois fruto da ação industrial inserido no circuito comercial. É certo que por longo tempo muitos resistiram em atribuir valor aos textos, sobretudo literários, pois esses volumes eram vistos como obras de arte, logo não podiam ser encarados como mercadoria, os próprios autores não imaginavam remuneração por seu trabalho<sup>375</sup>. Esse pensamento foi sendo transformado e o romantismo em torno da produção livreira e literária acabou por ceder lugar para as questões práticas como conseguir o sustento com a escrita e obter lucros consideráveis com a edição.

No século XIX essas intenções eram quase unânimes entre escritores e livreiros-editores e isso provocou uma importante mudança no universo livreiro, nas formas de produção, na tipologia dos volumes, no seu valor e na procura por esse objeto por parte do público. O livro não pode ser reduzido ao texto do qual ele é suporte, seu valor vai além dele e o leitor é sensível à sua materialidade<sup>376</sup>, logo suas formas materiais devem estar, segundo Chartier, entre os aspectos de interesse do historiador, pois “[...] elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna livro.”<sup>377</sup>

Esses dispositivos, além do fator organizador também imprimem valor diferenciado aos volumes impressos. Nos oitocentos houve a grande popularização desse produto com exemplares a preços baixíssimos, por outro lado, com o aperfeiçoamento das técnicas foi possível produzir também edições de grande valor material e artístico e ainda havia aquelas tradicionais características que atribuíam maior cotação para bens desse tipo como, tratar-se de primeiras edições, volumes assinados pelo autor, obras raras ou antigas, enfim aspectos que ainda na contemporaneidade são avaliados quando da análise do custo de uma obra, sobretudo dentre os praticantes da bibliofilia.

A variedade de tamanhos, materiais, técnicas de produção e temáticas relacionados aos livros chegou a níveis elevados neste século e alguns exemplos dessa diversidade podem ser observados no acervo da Biblioteca Episcopal, tendo em vista que a maior parte do montante catalogado foi produzida entre 1800 e 1889. Portanto, a partir desses exemplares é possível desenvolver um estudo sobre o circuito do livro no período apresentando não só aspectos

---

<sup>375</sup> CHARTIER. *A aventura do livro...* Op. Cit.

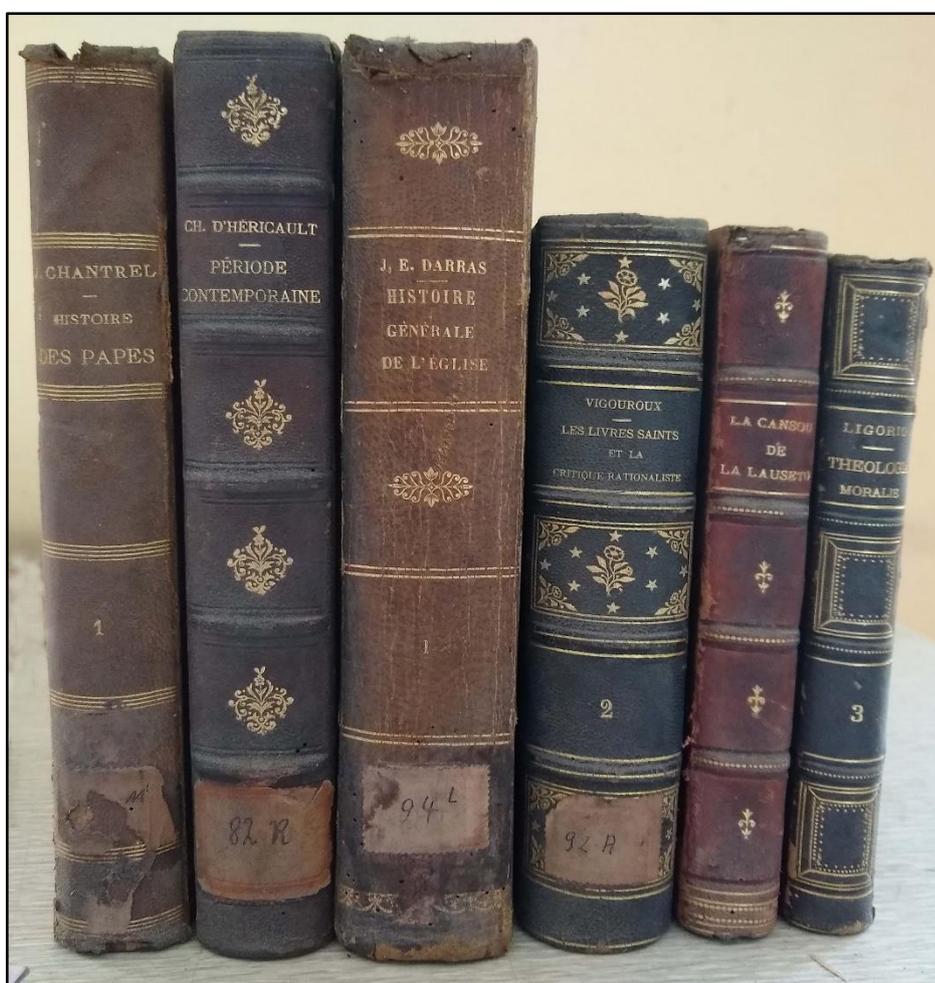
<sup>376</sup> MARTIN. Op. Cit.

<sup>377</sup> CHARTIER. *A ordem dos livros.* Op. Cit. p. 8.

relacionados ao movimento editorial como também referências acerca das concepções design utilizadas nos volumes saídos das tipografias.

A característica de mais clara observação é o tamanho dos volumes. Enquanto as obras impressas nos séculos XVII e XVIII analisadas no tópico anterior, eram de grandes proporções, geralmente in-fólio, as produzidas nos oitocentos já apresentavam em sua maioria tamanhos menores como in-4° ou in-8°. Certamente que ainda se produziam os volumes maiores, mas esses eram geralmente obras encomendadas pela Igreja, edições especiais, ou voltadas para uma temática ou público específico, tal como ainda ocorre com algumas obras publicadas no século XXI.

Figura 18: Amostra de alguns tamanhos de livros do acervo



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A inserção cada vez maior do livro em diversos contextos sociais fez, como dito acima, com que ele promovesse mudanças nas formas de aprendizagem e nos comportamentos, por outro lado, as transformações sociais também o afetaram diretamente e à sua indústria, que teve

que se adaptar às novas situações de vida de seus consumidores no decorrer do longo século XIX. Dentre estas, a redução no tamanho das moradias que, de acordo com Mollier, aliado ao aumento do público leitor “[...] irão compor as estratégias editoriais aptas a serem compatíveis com essa tendência objetiva”<sup>378</sup>. Ou seja, casas menores exigiam livros menores, pois a maioria do público não possuía espaço para o armazenamento dos grandes volumes, muitos contavam apenas com pequenas estantes ou prateleiras para acomodar esse objeto que passou a compor o espaço doméstico.

A diminuição do tamanho das obras estava também diretamente relacionada com o preço dos exemplares. O barateamento dos custos da produção permitiu que muitos editores se empenhassem na execução de projetos de preço baixo levando coleções com títulos literários para serem vendidas inclusive nas estações de trem, isto é, deixando bem ao alcance de um novo leitor que ascendeu nos oitocentos: o das classes médias e baixas, destacando-se o operário.<sup>379</sup>

[...] Quando eles começaram a construir o embrião de sua biblioteca pessoal, após terem estreado como clientes em um gabinete de leitura, alunos da Associação pela Educação do povo ou de uma outra dessas amigas da cultura que eclodiram após 1830, escolherão ou o libreto teatral “grande in-18 inglês chamado Jesus” ou o volume dividido em fascículos bi semanais, porque serão os únicos que terão sido adaptados, condicionados a seu estado de proletários desejosos dos benefícios de uma aculturação niveladora das condições ou de uma cultura capaz de subverter a ordem social.<sup>380</sup>

Cabe lembrar que todo esse processo de disseminação da palavra impressa no seio das classes populares nesse período se deu dessa forma mais efetiva em nações do continente europeu. No Brasil e, mais especificamente, no Ceará, o acesso à leitura ainda estará restrito aos membros das classes dirigentes e aos poucos sujeitos das camadas médias e pobres que tiveram acesso à instrução a partir da suave ampliação das políticas educacionais no país, sobretudo a partir do Segundo Reinado.

E mesmo a alfabetização não garantia o acesso ao livro, visto que a indústria livreira no país ainda possuía pouca envergadura, o que não permitia que a produção atingisse o patamar visto no Velho Mundo que possibilitou a execução de grandes tiragens com preços acessíveis aos trabalhadores. Assim, os recém chegados ao mundo da leitura em terras brasileiras ainda

<sup>378</sup> MOLLIER. Op. Cit. p. 23.

<sup>379</sup> Além do preço do livro, outros fatores contribuíram para o aumento do hábito de ler entre as classes trabalhadoras, a gradual diminuição das jornadas de trabalho deixou os membros do proletariado com mais tempo para atividades de lazer, entre elas a leitura. Cf. LYONS. Martin. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 1999.

<sup>380</sup> MOLLIER. Op. Cit. p. 26

dependiam dos manuais escolares e do acesso aos locais destinados ao livro como bibliotecas públicas, gabinetes de leitura e as associações de escritores que, além de promover a produção literária em suas localidades ainda serviam de pontos de disponibilização de leituras.

Apenas nas décadas finais dos oitocentos começaram a ser oferecidos aos leitores brasileiros livros com preços mais módicos. “Os livreiros-editores de finais do século XIX e início do XX conseguiam colocar no mercado edições extremamente baratas. Para isso, evitavam pagar direitos autorais e trabalhos de tradução, aproveitando o que já parecia estar em domínio público.”<sup>381</sup> Essas estratégias conseguiram fazer o livro chegar a mais leitores, também por conta da chegada de algumas coleções de cunho mais popular, como a *Biblioteca do Povo e das Escolas* que circulou no Brasil a partir da década de 1880 e em Fortaleza era comercializada principalmente na livraria de Gualter Silva<sup>382</sup>.

Seja para reduzir o preço e atingir maior público, ou por outro lado, executar trabalhos mais imponentes visando ao leitor disposto a pagar por edições luxuosas, o certo é que o setor editorial apresentou aspectos múltiplos no que se refere ao design e a concepção do livro e as obras do fundo antigo da Biblioteca constituem fontes diretas para o exame dessas características.

Há de se ter em mente em primeiro lugar que o desenvolvimento tecnológico foi fundamental para o aumento significativo da produção de impressos em geral.

Então, em poucos anos — 1800-1820 — uma série de invenções revolucionaram as técnicas de impressão: a prensa de metal, a prensa de cilindros operados por pedal, a prensa mecânica a vapor. Antes do fim do reinado de Napoleão, mais folhas podiam ser impressas em uma hora do que tinha sido possível em um dia quinze anos antes. A época da impressão em massa poderia começar.<sup>383</sup>

Esse rápido crescimento em apenas duas décadas tornou-se ainda maior no decorrer do século. As prensas de metal Stanhope rapidamente foram substituindo os prelos de madeira utilizados desde Gutenberg, que só imprimiam um décimo do que alcançava em uma hora a prensa de cilindro a vapor.<sup>384</sup> Essa grande produção, por permitir tiragens maiores acabou

<sup>381</sup> EL FAR, Alessandra. A disseminação do livro popular nas últimas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma, proprietário da livraria do povo. *Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004. p. 5

<sup>382</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. Lisboa -Rio de Janeiro – Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por Davi Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues. In: *Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

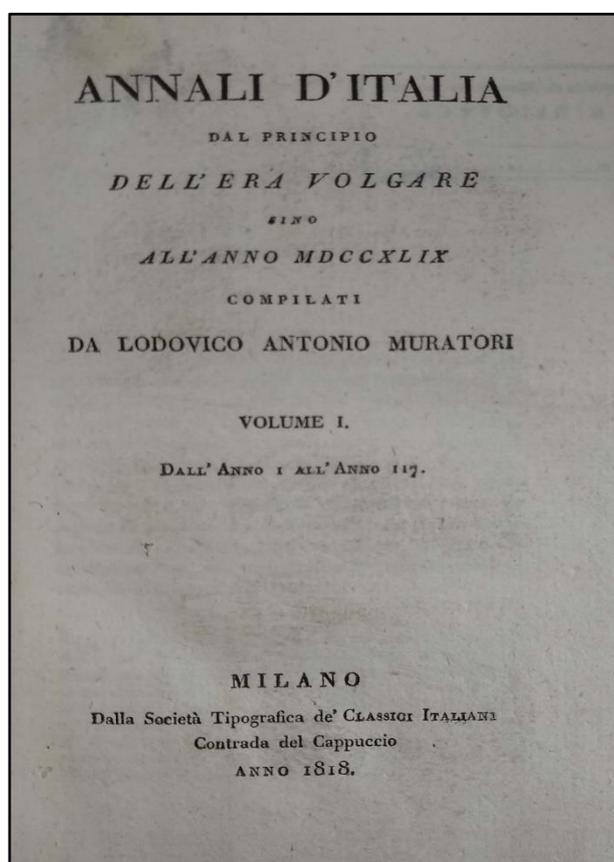
<sup>383</sup> “Then, in a few Years — between 1800 and 1820 — a series of inventions revolutionized printing techniques: the metal press, the foot-operated cylinder press, the mechanical steam-press. Before the end of Napoleon’s reign. More sheets could be printed in an hour than had been possible in a day fifteen years earlier. The period of large printing could begin.” ESCARPIT, Robert. *The book Revolution*. London, Toronto, Wellington, Sydney: George G. Harrap & Co. LTDA; Paris: Unesco, 1966. p. 23. Tradução nossa.

<sup>384</sup> LYONS. Livro...Op. Cit.

também por interferir no design gráfico do livro e as obras vão apresentar características gráficas bem diferentes das impressas em séculos anteriores.

Os paratextos bastante comuns nos livros produzidos até o século XVIII serão drasticamente reduzidos e mesmo, em alguns casos, vão desaparecer, ou seja, os grandes títulos explicativos e as dedicatórias não serão mais tão vistos, embora em algumas obras, inclusive publicadas em fins dos oitocentos ainda contenham notas de apresentação em suas folhas de rosto. Provavelmente o motivo disso tenha sido a crescente profissionalização do autor e da edição como um todo que promoveu uma negociação de publicação direta entre quem escreve e quem produz o livro.

Figura 19: MURATOTRI, Ludovico Antonio. *Annali D'Italia*. Milão Societá Tipografica de Classici Italiani, 1818.

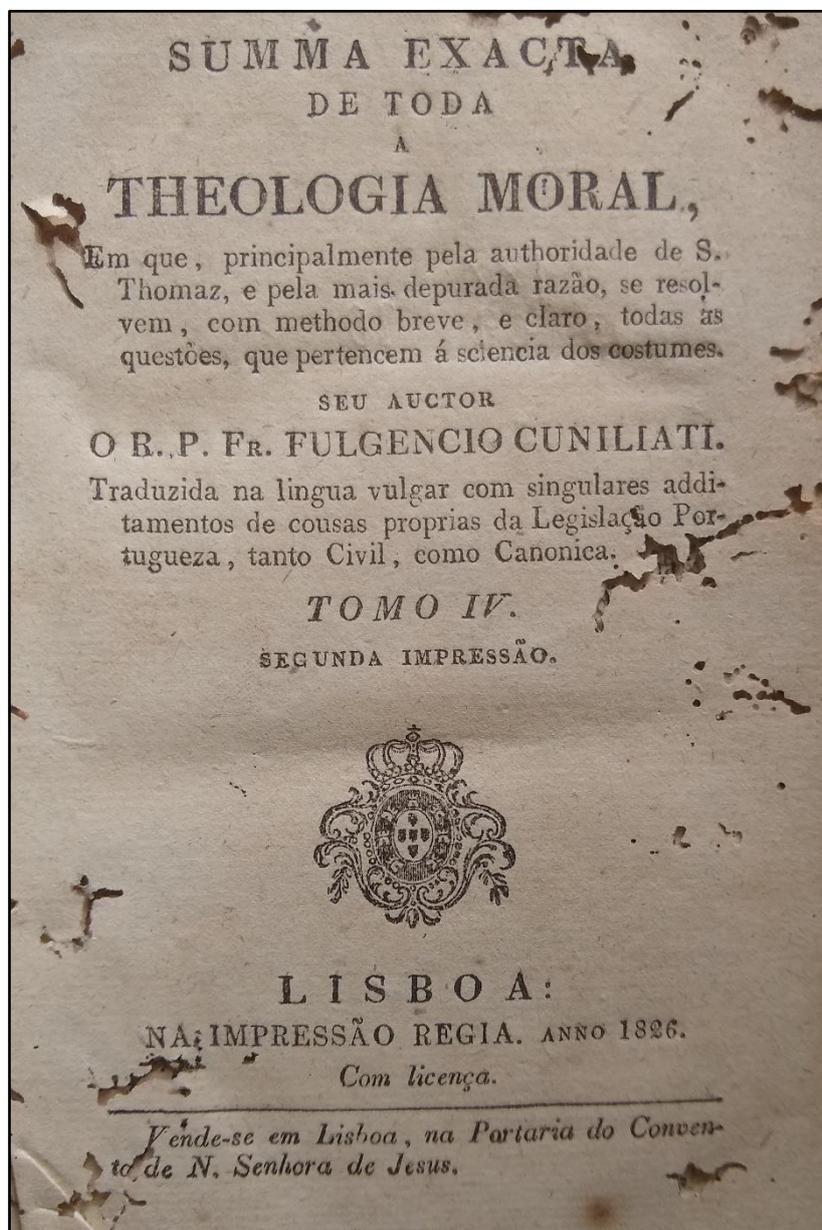


Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

Na imagem é possível observar uma composição consideravelmente mais limpa, com muitos espaços em branco na página. Constam o título com um subtítulo curto, a indicação do autor, do impressor e do ano de publicação. A tipografia também se apresenta mais simples, desde a virada do século se estabeleceu a preferência pelos tipos romanos, menos rebuscados. No entanto, como uma das características do design gráfico é a diversidade, esses aspectos

variavam muito dependendo do desejo dos clientes das tipografias e mesmo dos locais de impressão.

Figura 20: CULINIATI, O. R. P. Fr. Fulgêncio Summa Exacta de toda Theologia Moral. Lisboa: Impressão Régia, 1826.



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

Já na obra acima percebe-se a permanência de alguns elementos mais tradicionais dos livros antigos, como explicações relativas ao tema e à obra em si, a marca tipográfica e a indicação de impressão com licença, mesmo esse volume tendo sido impresso uma década após o apresentado na imagem anterior. A permanência desses itens pode estar relacionada a uma tradição tipográfica do país de origem do livro, mantida pelo impressor, já que a obra em destaque foi produzida na Impressão Régia, ou a exigências do autor. Analisando o conjunto

das obras catalogadas impressas ao longo dos oitocentos, foi possível observar que aquelas produzidas na Itália tem uma impressão mais limpa, menos informações na página ao longo do século. Nos demais locais como França e Portugal ainda há bastante preenchimento da folha de rosto, o que pode indicar como já dito, aspectos tradicionais da indústria tipográfica e de seu desenvolvimento em cada uma dessas regiões.

Essas diferenças também podem estar relacionadas ao tipo de livro que se imprime. Obras de direito canônico como a de Anacleto Reinffenstuel, já referida anteriormente por ter edições em diferentes séculos, não deixou de exibir, na impressão de 1864, muitas das indicações presentes nos volumes produzidos nos setecentos. Não se pode deixar de pensar também que as mudanças promovidas no ritmo de vida dos cidadãos, sobretudo nos centros urbanos, podem ter influenciado essas mudanças paratextuais, pois mesmo com a diminuição dos períodos de trabalho o tempo restante ainda era pouco para a leitura, logo, quanto mais direta e simples as informações sobre o conteúdo do livro, melhor era para o leitor no momento de decidir suas leituras.

Outro elemento de importância na composição dos livros ao longo dos oitocentos é a capa. Por se tratar de um acervo composto por obras em sua maioria com quase dois séculos de idade (outros com quase quatro) é comum que grande parte delas não possua mais sua capa e encadernação originais, isso devido também tratar-se de uma biblioteca de instituição de ensino onde os livros tinham grande circulação, a deterioração dos exemplares era inevitável e a capa é quase sempre o primeiro elemento a sofrer danos de manuseio.

A prática de encadernação é tão antiga quanto o próprio livro, os caros manuscritos recebiam encadernações igualmente valiosas e por muito tempo foi privilégio da Igreja e dos nobres possuir obras com capas ricamente trabalhadas. Com o advento da impressão e o aumento da produção livreira os exemplares mais comuns ou “vulgares” recebiam capas simples de couro, ficando os revestimentos mais luxuosos para as edições especiais.<sup>385</sup> No século XIX era comum a utilização da técnica de encadernação bodoniana<sup>386</sup>, além da elaboração de capas em tecido e ornamentos dourados.

---

<sup>385</sup> McMURTRIE. Op. Cit.

<sup>386</sup> “Faz-se com seixas, ficando as folhas internas não aparadas, segundo o tipo de encadernação adotado por Bodoni para suas famosas edições. Os planos são cobertos por uma capa impressa, e a lombada pode ser chata ou arredondada.” Cf.: MELLO, José Barbosa. *Síntese histórica do livro*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1972. p. 210.

Figura 21: Exemplos de capas de volumes impressos no século XIX



Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A imagem acima apresenta um modelo de capa em tecido (esquerda), também comum no período, principalmente nas primeiras décadas da centúria. Para essa técnica o tecido era tratado com goma para endurecer e pode ser lustrado. No entanto demorou a agradar ao público que mantinha a ideia de que os livros deviam se encadernados em couro<sup>387</sup>. Outra característica da capa apresentada é a gravação dourada também comum em muitas obras e que geralmente abrangia toda a edição e com o avanço da técnica passou a ser realizada com a prensa de dourar e não mais de forma manual<sup>388</sup>. A douração também podia ser realizada nas bordas das páginas o que dava um aspecto de grande valor para o volume. A partir da segunda metade do século as capas passaram conter ilustrações que se alinhavam com o conteúdo das obras.

Isso foi também resultado dos avanços pelos quais passaram as técnicas que permitiam a utilização de imagens nos livros. Desde as iluminuras, passando pela xilografia, a presença

<sup>387</sup> McMURTRIE. Op. Cit.

<sup>388</sup> MELLO. Op. Cit.

de estampas nos volumes lhe imprimia um maior valor tanto artístico quanto material e nos oitocentos essa área foi uma das que mais apresentou evoluções.

Até boa parte do século XIX, textos e imagens para um mesmo livro eram produzidos por processos diferentes em oficinas separadas. Havia três técnicas de reprodução de imagens: a xilografia era a mais antiga; a gravura em aço proporcionava definição mais nítida e mais detalhes; a litografia (inventada por Alois Senefelder em 1819) permitia mais variedade textual e precisão, já que o artista podia desenhar diretamente na placa de impressão. A indústria dos jornais dava preferência à litografia; as ilustrações de livros usavam todos os três métodos de reprodução, às vezes em um único volume.<sup>389</sup>

A litografia acabou por se tornar a técnica mais utilizada na primeira metade da centúria devido seu baixo custo, porém perdeu lugar para a cromolitografia, técnica que possibilitava a impressão de imagens coloridas<sup>390</sup>. Essas inovações provocaram uma transformação nas artes gráficas que por sua vez se viram impulsionadas pelas novas dinâmicas sociais surgidas, sobretudo a partir de 1850<sup>391</sup>.

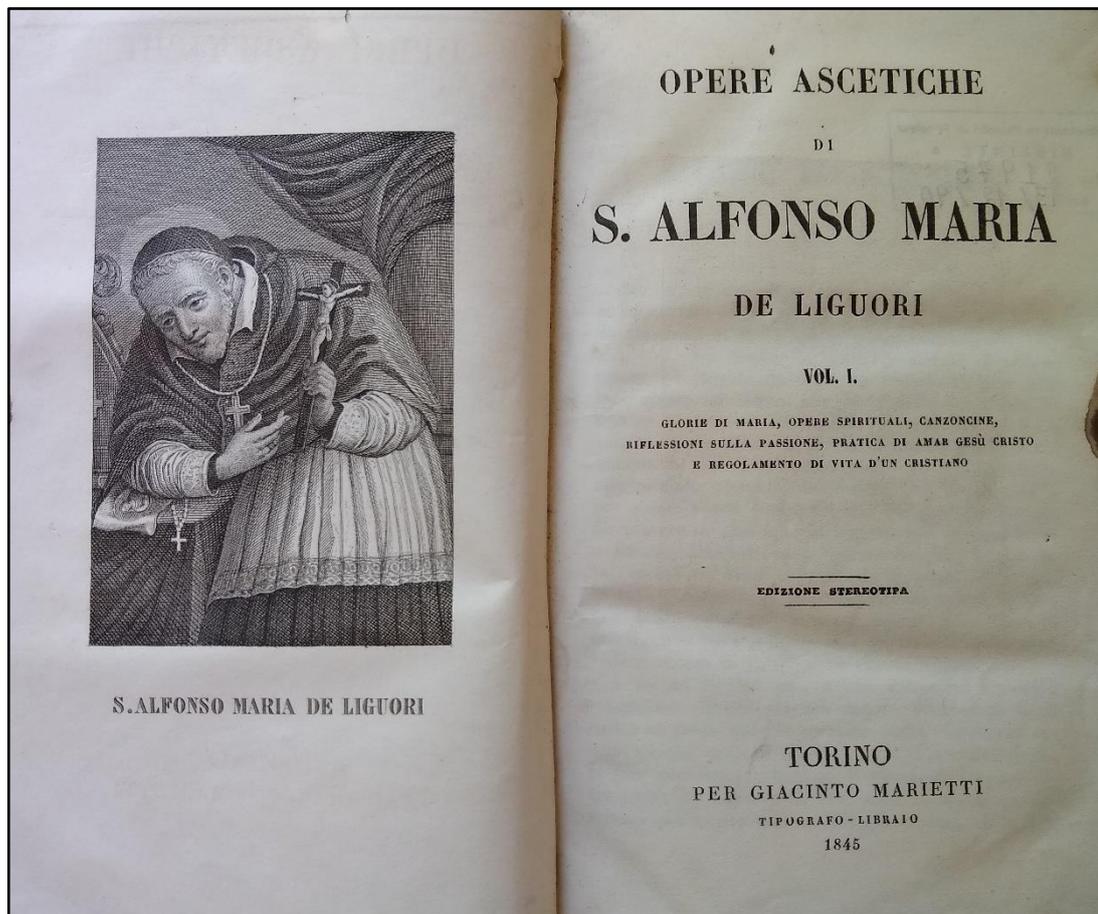
Os volumes presentes na Livraria do seminário apresentam uma variada tipologia de ilustrações em preto e branco e coloridas, representando as técnicas citadas. A imagem abaixo, de uma obra publicada na década de 1840 apresenta o tradicional frontispício, gravura que antecede à folha de rosto, muito comum nas biografias ou textos religiosos, provavelmente impresso utilizando-se da litografia.

<sup>389</sup> LYONS. Livro...Op. Cit. p. 135.

<sup>390</sup> “A litografia se baseia em um princípio químico simples de que óleo e água não se misturam. A imagem é desenhada numa superfície plana de pedra com *crayon*, caneta ou lápis de base oleosa. A água é espalhada sobre a pedra para umedecer todas as áreas, exceto a imagem de base oleosa, que repele a água. Em seguida, uma tinta também de base oleosa é passada com um rolo sobre a pedra, aderindo à imagem, mas não às áreas molhadas. Uma folha de papel é colocada sobre a imagem e utiliza-se uma prensa para transferir a imagem entintada para o papel.” MEGGS e PURVIS. Op. Cit. p. 198. A cromolitografia foi patenteada pelo impressor francês Godefroy Engelmann em 1837.

<sup>391</sup> “As grandes concentrações urbanas deram origem também a maneiras inusitadas de trocar bens simbólicos e materiais. Tanta gente junta em um só lugar, muitos vivendo de trabalho assalariado e com algum dinheiro disponível no final do mês, representava um mercado antes inexistente para o comércio de toda espécie de objetos e serviços e, portanto, novas instâncias para a comunicação visual. Rótulos, embalagens e etiquetas para identificar produtos; folhetos e panfletos para divulgar informações; impressos comerciais (apólices, notas fiscais, papel timbrado, cartões de visitas) para caracterizar firmas; cartazes e reclames para anunciar eventos e mercadorias. Tais atividades foram ganhando espaço ao longo da segunda metade do século XIX, dando ímpeto não somente ao design gráfico como também à publicidade nascente. Reunindo essas duas áreas, surgiu um tipo de artefato de grande importância histórica: o cartaz litográfico. Difundidos no mundo todo, esses cartazes atingiram um patamar extraordinário de excelência artística em Paris, entre as décadas de 1870 e 1890, revelando talentos como Chéret, Grasset, Toulouse-Lautrec e Mucha, este último um dos grandes nomes na formação do estilo Art Nouveau.” CARDOSO, Rafael. O design gráfico e sua história. *Revista artes visuais, cultura e criação*. Rio de Janeiro: Senac, 2008. p. 3.

Figura 22: LIGUORI, S. Alfonso de. *Opere Ascetiche di S. Alfonso Maria de Liguori*. Turim: Giacinto Marietti, 1846.

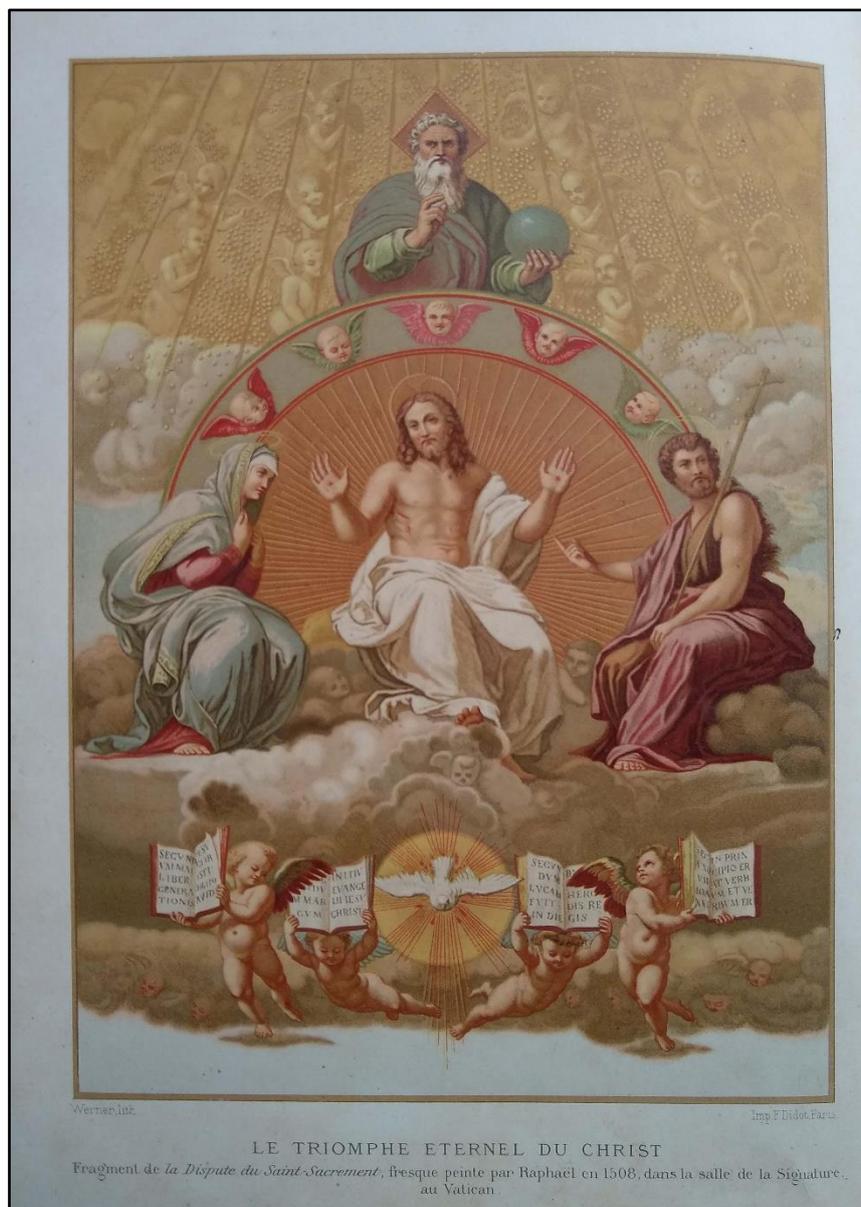


Fonte: Fundo antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

Com o desenvolvimento da cromolitografia na década de 1830, as técnicas de ilustração se ampliaram e passaram a ser utilizadas nos diversos tipos de impressos. Os livros religiosos também passaram a contar com imagens cada vez mais detalhadas o que atraía inclusive os que não dominavam a leitura e acompanhavam as mensagens repassadas de forma visual. A própria Bíblia passou a conter ilustrações que acompanhavam os textos sagrados e a arte sacra chegou à página impressa podendo agora estar presente nas residências cristãs e o acesso a esse tipo de trabalho deixou de estar restrito àqueles que podiam visitar os museus e galerias de arte.

Um exemplar de obra desse tipo presente no acervo é o livro de Loius Veuillot (1813-1883), *Jésus-Christ*, publicado em 1875 pela firma Firmin Didot. O estudo sobre a arte cristã foi realizado por Etienne Cartier (1813-1887) e conta com gravuras e cromolitografias de pinturas realizadas desde os primeiros tempos do Cristianismo, sendo este livro um verdadeiro exemplo de volume produzido com as mais modernas técnicas para a época utilizada para a elaboração de uma obra de grande valor artístico.

Figura 23: Raphael Sanzio. O triunfo eterno de Jesus Cristo



Fonte:Veuillot, Louis. *Jésus-Christ*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie, 1875. Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

O volume em apreço corresponde à segunda edição da obra, cujo trabalho foi realizado pela empresa Firmin Didot<sup>392</sup>, impressores oficiais da Instituto da França e uma das empresas gráficas mais importantes do período, sendo responsável por grandes inovações no ramo da tipografia, como mencionado anteriormente.

<sup>392</sup> Os Didot mantinham relações próximas com a Igreja Católica. Os irmãos eram bem religiosos e praticavam várias ações de filantropia, incluindo a criação de vilas operárias. Na década de 1870 o comando da casa estava com Ambroise Firmin Didot, filantropo como seu irmão e antecessor, Hyacinthe e membro do Círculo Católico. Cf.: MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.

Na imagem acima tem-se a gravura de uma pintura de Rafael (1483-1520) datada do século XVI e que faz parte do acervo do Vaticano. O livro traz indicação de que contém 180 gravuras reproduzidas pela firma Huyot Père et Fils e mais 16 cromolitografias, ou seja, a parte iconográfica era o chamariz para a obra. Era um livro sobre Jesus, mas também sobre a arte em forma de pintura produzida até aquele momento sobre a concepção, vida, morte e ressurreição do Nazareno e era essa a premissa, dar a ver a história de Jesus.

O breve manuseio da obra permite percebê-la enquanto objeto de produção diferenciada dentro do conjunto do acervo, porém, uma análise mais aproximada confirma a característica de um produto singular dentro de um contexto de produção em massa do livro. Não foi possível observar a capa original do volume, pois este já se encontrava com uma nova encadernação, mas através de pesquisas auxiliares em sítios virtuais especializados foi possível descobrir que a obra possuía encadernação em couro com gravações douradas, o que contribuía para fazer dela um legítimo exemplar de colecionador.

Com relação à composição tipográfica, o livro segue os modelos do período, a folha de rosto traz apenas as informações básicas, páginas com muitos espaços em branco e uma tipografia limpa, sem muitas serifas<sup>393</sup>, tudo isso para que o destaque se dê nos elementos ornamentais e, por óbvio, nas imagens. Estas são impressas com uma visível alta qualidade, com cores bem vivas que mesmo após um século e meio ainda permanecem perfeitamente nítidas e praticamente sem desgaste. É sabida a fama dos Didot na concepção de obras mais trabalhadas, luxuosas e carregadas de grande erudição, isso é reflexo de os próprios livreiros-impressores serem conhecidos por seu gosto pela arte e cultura em geral. Ambroise Firmin Didot era um erudito, possuía um invejável acervo, foi membro da Academie des Inscriptions et Belles-Lettres e da Societé de Bibliophiles.

[...] comparava livros regularmente, autógrafos, estampas e desenhos originais dos grandes negociantes de seu tempo, o livreiro Charavay, amigo de Anatole France. E fazia encadernar seus livros por um dos maiores mestres da época, Lortic. Ele possuía uma magnífica biblioteca de 6500 volumes, dos quais seiscentos eram livros de horas e teologia, estimados por um avalista de Drourot em 290 mil francos, 480 manuscritos com ou sem miniaturas, valendo 480 mil francos, e 465 mil francos em desenhos e estampas originais, obras de Dürer e Rembrandt, gravuras do século XVII ou retratos e desenhos de velhos mestres.<sup>394</sup>

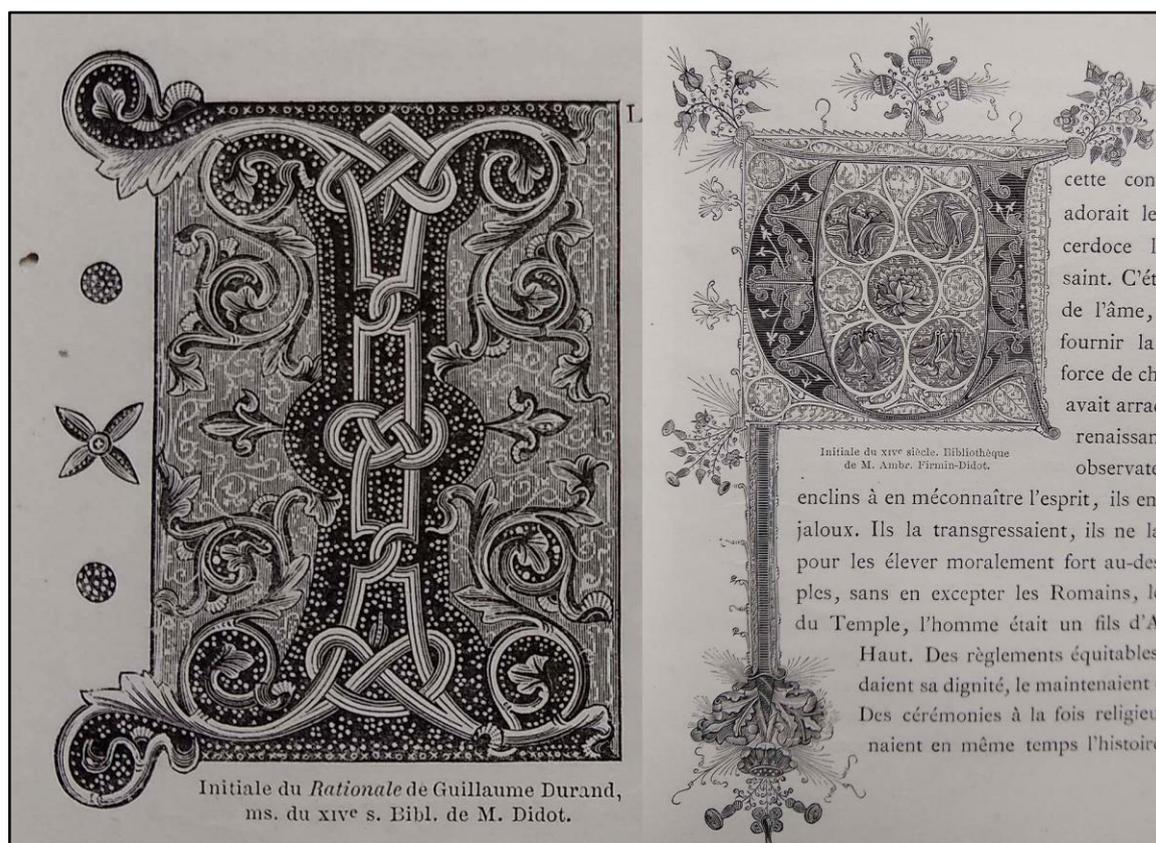
O trecho dá a conhecer alguns dos ativos nos quais os livreiros investiam seu capital, a compra de livros, telas e outros objetos de arte era uma forma de garantir um bom patrimônio

<sup>393</sup> “Elemento decorativo que apresentam as hastes de alguns caracteres de imprensa.” GRAÇA e PERICÃO. Op. Cit. p. 664.

<sup>394</sup> MOLLIER. *O Dinheiro e as Letras...*Op. Cit. p. 133.

a ser legado, de acordo com o estudo de Jean-Yves Mollier que foca na acumulação de capital por aqueles que compunham o mercado editorial francês. No entanto, no caso de Firmin Didot, a aquisição desses bens também significava a montagem de um acervo que permitisse o enriquecimento de seu trabalho como editor, o que pode ser observado na análise do livro aqui em apreço.

Figura 24: Elementos decorativos. Capitulares ornamentadas

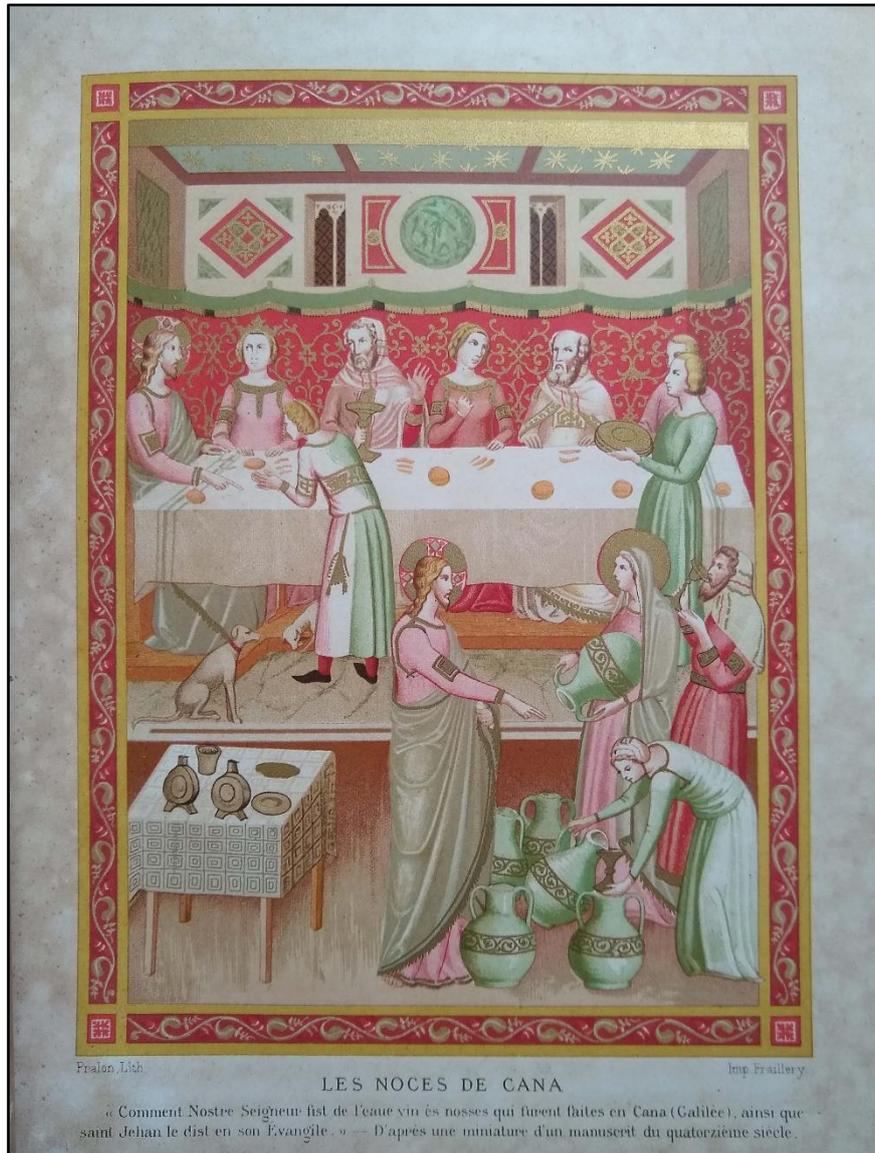


Fonte:Veuillot, Louis. *Jésus-Christ*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie, 1875. Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

No detalhe da imagem se apresentam duas letras capitulares decoradas com riqueza de detalhes, ambas iniciais produzidas no século XVI. Abaixo de cada uma há a indicação de que fazem parte do acervo de Ambroise, com a informação “Bibliothèque de M. Ambr. Firmin-Didot” ou “Bibl. de M. Didot”, ou seja, os itens adquiridos pelo livreiro para compor sua biblioteca eram também utilizados na composição de obras produzidas pela firma, decerto naquelas que poderiam despertar seu interesse pessoal ou cujos autores mantivessem com ele relações próximas que permitissem a requisição de tais itens. Aqui parece ser o caso, o interesse de Didot pela arte fez com que houvesse uma dedicação extra na sua realização.

Por se tratar de uma obra com foco na arte cristã, *Jésus-Christ* se destaca mesmo pelas imagens que traz, pela valiosa seleção que pretendeu preencher todos os períodos da passagem de Jesus pela terra.

Figura 25: Iluminura representando o episódio das Bodas de Caná.



Fonte: Veuillot, Louis. *Jésus-Christ*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie, 1875. Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa.

A transformação da água em vinho nas Bodas de Caná é o tema da gravura acima, retirada de um manuscrito do século XIV que também pode ter pertencido ao acervo dos Didot, mas há também reproduções de pinturas que constituíam o acervo de grandes museus como o Louvre. Todos esses elementos abrem a possibilidade de enquadrar essa obra no contexto das

*fine printings*, ou seja, edições de elevada quantidade artística e com tiragem limitada<sup>395</sup>, mas isso fica apenas no campo das possibilidades visto que não se tem a informação da tiragem da obra.

Apenas outras 5 obras catalogadas foram impressas pelos Didot, *Lettres de Madame de Sévigné*, *Histoire du Pontificat de Clément XIV*, *Histoire Universelle* de Cantu, *Grandeur et Décadence des Romains*. *Lettres Persanes et Temple de Gnide*, de Montesquieu e *Oevres de Bossuet*. É possível que o preço alto das obras da firma tenha impedido mais aquisições ou algumas obras possam ter sido perdidas ou extraviadas durante as mudanças do acervo, o que se pode afirmar é que mesmo com poucos exemplares se faziam presentes no Ceará os trabalhos realizados por uma das mais destacadas casas impressoras do período no mundo.

As transformações observadas nos livros da Biblioteca referentes ao design editorial estavam inseridas no contexto de transformação econômica e social que marcou o século XIX. O aumento considerável na produção de mercadorias muitas vezes prejudicava a qualidade destas e o livro, enquanto produto inserido na lógica do mercado, também foi afetado por isso, não apenas pelas características das matérias primas, mas pela pobreza de estilo, o que afetou também outras áreas como a arquitetura, o mobiliário e o design gráfico como um todo. Artistas e estudiosos da época falavam em uma crise do bom gosto atribuindo isso à falta de conhecimento dos propósitos do design e mais profundamente às condições de trabalho impostas pelo capitalismo que prejudicavam a base projetual e estilística da produção, pois ao priorizar a quantidade utilizavam máquinas impróprias e operários sem formação.<sup>396</sup>

A partir da década de 1860, no entanto houve um movimento pela restauração dos valores artísticos no design, que teve como um dos principais representantes William Morris (1834-1896) que também defendia a qualidade do projeto aliada ao bem-estar do trabalhador. Suas ações iniciaram com a fabricação de objetos de decoração e de uso doméstico e chegaram ao design editorial.<sup>397</sup>

O livro enquanto mercadoria está sujeito às práticas de consumo e sua produção se direciona para cada um dos diferentes públicos. Assim como há os consumidores que buscam por livros mais baratos, há os editores que produzem obras buscando um leitor mais erudito, refinado, que procura por edições diferenciadas. O gosto do público também influencia o design do livro, nas suas formas de consumo e leitura, enfim. Atentar às questões relacionadas ao status do impresso como objeto e suas formas de produção é importante para a compreensão das

---

<sup>395</sup> McKENZIE. Op. Cit.

<sup>396</sup> CARDOSO. Op. Cit.

<sup>397</sup> Sobre a experiência tipográfica de Morris ver McMURTRIE. Op. Cit.

relações estabelecidas entre os sujeitos e o livro e entre eles mesmos dentro das estruturas de produção (incluindo aí também o trabalho do autor), distribuição e consumo das obras.

Assim, esses estudos de bibliografia histórica e analítica permitem o entendimento de como as formas físicas do livro e os dos vários elementos que as cercam interferem nos processos de transmissão e consumo da leitura. O estudo da materialidade do livro por meio da análise das obras catalogadas também proporciona a observação da evolução dos caminhos editoriais e a atuação dos livreiros e editores. O acervo da Biblioteca fornece informações diretas sobre esses personagens e seu trabalho e permite o estabelecimento das relações entre esses profissionais e o escrito católico além do entendimento de traços referentes à história da edição.

### 5.3 “Com licença e privilégio”. Os impressores do livro católico

Muitas das transformações no leiaute dos livros apresentadas acima foram obra de impressores que deixaram suas marcas na história da tipografia, muitos desses sujeitos não estavam voltados apenas para o trabalho com os tipos e prensas. Os impressores acabavam algumas vezes por se tornarem livreiros e logo editores como foi o caso dos Didot, Garnier e outros, que dominavam todas as etapas da produção do livro. Mesmo no Ceará há casos dessa junção ou mudança de atividade. Joaquim José de Oliveira iniciou seu trabalho como tipógrafo e depois passou a livreiro, mas sem abandonar as prensas, já Gualter Silva iniciou como livreiro e depois instalou sua própria tipografia, trabalhando também na edição de obras por sua conta ou em associação com editoras maiores.

Ou seja, uma atividade acaba por levar a outra e por fim o livreiro domina todo o caminho do livro, do autor ao leitor. Não havia, de fato, uma autonomia entre as funções, o importante era o conhecimento e o domínio sobre o comércio do livro.

Primeiro se é livreiro, primeiro se é impressor e, porque se é livreiro ou gráfico, se assume uma função editorial. [...] Ele vende, além dos livros que ele mesmo edita, aqueles que obtêm por uma troca com seus colegas. [...] Pode possuir uma gráfica, ou então fazer com que uma gráfica trabalhe para ele. É portanto, em torno da atividade de livraria que se organiza toda a atividade editorial.<sup>398</sup>

Então, foi o comércio do livro, sua existência como objeto, bem vendável que fez com que se estruturasse toda uma cadeia produtiva. No entanto, no período de recorte desta pesquisa já se verificava uma diferença nas funções, surgia o editor propriamente dito que poderia ou

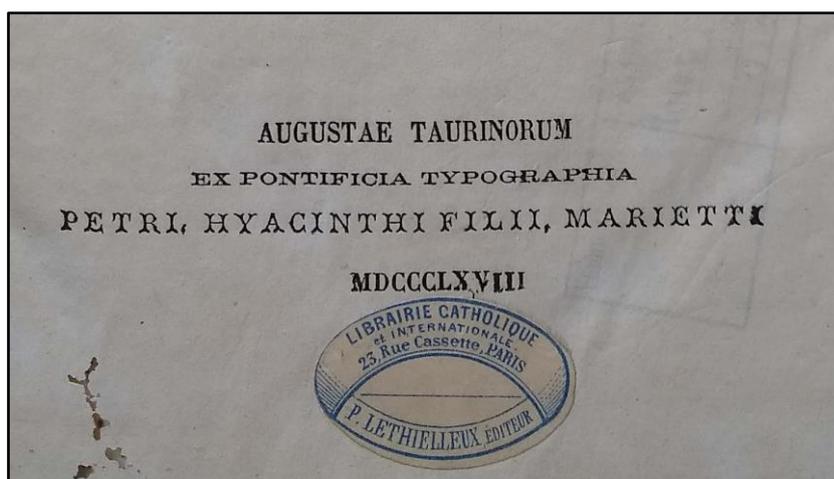
---

<sup>398</sup> CHARTIER. *A Aventura do livro...* Op. Cit. p. 53

não possuir gráfica ou livraria: “Trata-se de uma profissão de natureza intelectual e comercial que visa buscar textos, encontrar autores, ligá-los ao editor, controlar o processo que vai da impressão da obra até sua distribuição.”<sup>399</sup>

Apesar dessa diferenciação da figura do editor, geralmente as imprentas dos livros fazem referência ao livreiro ou impressor, claro que alguns podem também ser editores, mas em apenas poucas obras isso é indicado, ou melhor, o livreiro se identifica também como editor. As nomenclaturas dos estabelecimentos são pouco variadas, na maioria das vezes trazem o nome do proprietário e as designações *Editeur*, *Libraire-Editeur*, *Imprimeur-Editeur* e seus correspondentes nos diversos idiomas, ou ainda *Bibliopola*, *Bibliopola-Editeur* ou também pode apresentar-se apenas com o nome de *Livraria* ou *Typographia*, como em *Librairie de Victor Palmé* e *Typographia de G. M. Martins*. Em alguns livros o nome do estabelecimento vinha antecedido de termos como *Apud*, *Sumptibus*, ou apenas *Ex* no sentido de “produzido na”, “produzido por”, tal como em *Sumptibus Librariae J. J. Lenterianae*.

Figura 26: Detalhe de imprenta



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa.

A figura oferece informações importantes. Além de apresentar a imprenta oficial com a indicação da tipografia responsável pela confecção da obra, também apresenta um selo de outro estabelecimento. O livro foi impresso na Itália, já o selo é de uma livraria parisiense que disponibilizava o volume para a venda e onde possivelmente este foi adquirido antes de chegar à Biblioteca. Se foi comprada diretamente pela administração do seminário, ou se foi doada ao instituto pelo comprador original, não é possível saber.

<sup>399</sup> Idem. p. 50.

Como a imensa maioria dos livros é, obviamente, de cunho católico e o controle da Igreja sobre a produção de obras religiosas ainda era amplo, convém salientar que as casas impressoras dos volumes eram diretamente ligadas ao Vaticano ou às arquidioceses locais ou eram portadoras dos privilégios de impressão concedidos pela Igreja. No primeiro caso, a que mais se destaca, até mesmo pela antiguidade e características de sua função, é a *Congregação de Propaganda Fide*, criada ainda no contexto da contrarreforma católica e das Grandes Navegações. Mesmo tendo estabelecido o regime do padroado régio, o papado definiu que o papel principal de propagação da fé cristã permaneceria sob o controle da Igreja através das missões evangelizadoras, as quais seriam organizadas também pela Propaganda Fide que foi fundada em 1622 e recebeu no mesmo ano, através da bula *Inscrutabili Divinae*, suas bases canônicas, e a regulação de seu funcionamento.

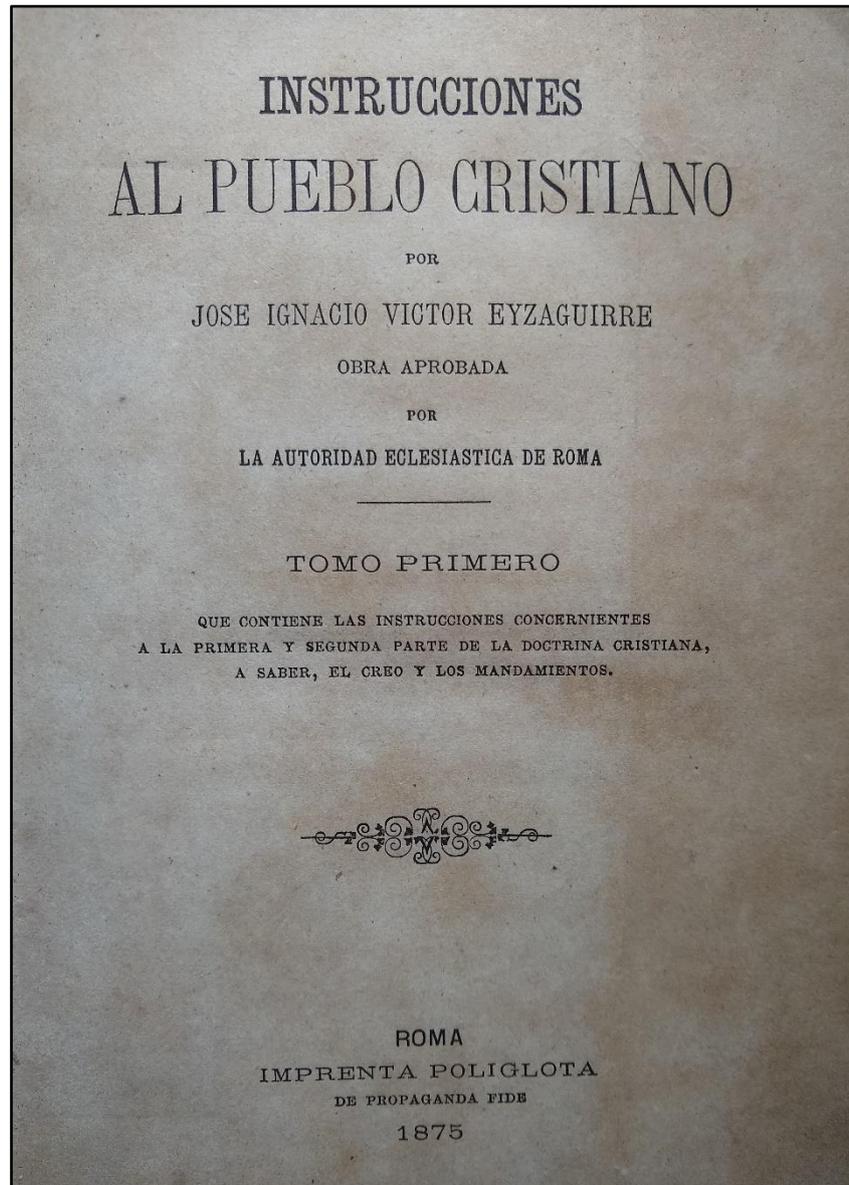
A tarefa primordial da Congregação é desde sempre a propagação da Fé pelo mundo inteiro, com a específica competência de coordenar todas as forças missionárias, de proporcionar directivas para as missões, de promover a formação do clero e das hierarquias locais, de incentivar a fundação de novos Institutos missionários e de prover às ajudas materiais para as actividades missionárias. A recém-criada Congregação se transformara, deste modo, o instrumento ordinário e exclusivo do Santo Padre e da Santa Sé, para o exercício da jurisdição sobre todas as missões e a cooperação missionária.<sup>400</sup>

A Congregação é instrumento próprio da Santa Sé e do Papa para a condução das actividades missionárias, sua existência também se pauta na produção de conhecimento a ser utilizados pelos sacerdotes católicos ao redor do mundo. Nesse sentido, ainda na década de 1660, foi fundado o Ateneu de Propaganda Fide e uma Faculdade de Teologia e Filosofia ligada à instituição. Em 1626 foi fundada a *Tipografia Poliglota*, cujo intuito era imprimir livros nas línguas locais das regiões onde ocorriam as missões<sup>401</sup>. As obras impressas em diversos idiomas deveriam ser distribuídas sem custo para os missionários, mas posteriormente foi permitida a venda de uma pequena parte da produção, talvez para atender aos fiéis que desejavam para si o conhecimento catequético repassado pela Congregação.

<sup>400</sup> DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja da Renascença e da Reforma*. v. II. A Reforma Católica. São Paulo: Quadrante, 1999. p. 343.

<sup>401</sup> Após o Concílio do Vaticano II a Congregação de Propaganda Fide assumiu o nome de Congregação para a Evangelização dos Povos, com o objetivo de coordenar mundialmente a obra missionária e de evangelização, respeitando a área de atuação de sua congênere, a Congregação para as Igrejas Orientais". In: CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. Disponível em [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cevang/documents/rc\\_con\\_cevang\\_20100524\\_profile\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/documents/rc_con_cevang_20100524_profile_po.html). Acesso em 08/10/21.

Figura 27: Obra impressa pela Propaganda Fide



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A obra apresentada acima compõe o conjunto de 23 livros encontrados com trabalhos de impressão realizado pela Tipografia da Propaganda, sendo a maior parte obras de catequese e teologia dentre as quais podem ser citadas *Instrucciones al pueblo Cristiano* e *Instrucciones para sacerdotes*, *Praelectiones Historiae Ecclesiasticae*, *De matrimonio Christiano*, além do *Index Librorum Prohibitorum. Juxta Exemplar Romanum*. Observam-se livros em vários idiomas, confirmando o caráter poliglota da tipografia. Outras publicações de destaque são as obras de J. Baptiste Franzelin, já citadas anteriormente, pelo menos quatro dos “Tratados” escritos pelo autor e encontrados no acervo saíram das prensas da Propaganda Fide entre as décadas de 1860-70.

As obras da Congregação para a Propagação da Fé estavam presentes no seminário de fortaleza e certamente em todos os outros institutos desse tipo, não só no Brasil, mas nos países que foram alvo das ações missionárias católicas desde o período colonial. No Ceará, essas obras podem ter servido de valioso suporte para as ações de fortalecimento do credo católico realizadas pelo Bispo Dom Luís e, posteriormente, de Dom Joaquim, tanto na formação de um novo clero quanto durante suas missões pelo interior da província, tendo em vista o objetivo maior desses livros que era o de auxiliar os missionários.

Além da Propaganda Fide, outras casas editoras estavam ligadas diretamente à Igreja e ao livro católico como a *Typographia Archiepiscopali*, em Genova, ou as parisienses *Perisse Fratre Catholicos Bibliopola* e *Societé Generale de Librairie Catholique* e ainda a *Typographia Pontificia et Archiepiscopali Eq. Petri Marietti*, em Turim, e a *Catholic Publications*, em Nova York. Outros estabelecimentos imprimiram várias obras católicas e possuíam inclusive catálogos específicos para obras religiosas.

Em termos quantitativos, a Congregação de Propaganda Fide é uma das que mais aparece nas imprentas, com 23 obras, seguida das casas Chardron, com 22, e da Typografia de Giacinto Marietti, aparecendo em 18 livros. As grandes editoras francesas por exemplo, como Luis Vivés e Hachette surgem com poucos trabalhos, 6 e 4 obras, respectivamente. Com relação aos trabalhos realizados no Brasil, se destacam os impressos no Rio de Janeiro pela Garnier, Laemmert, *Typographia do Instituto Philomático* e Livraria de Antônio Gonçalves Guimarães e poucos trabalhos realizados em outras cidades, como São Paulo, Recife, São Luís e Fortaleza. A nível de América, aparecem estabelecimentos de Nova York, Chicago e Santiago e embora fosse uma grande referência para a tipografia, apenas uma obra apresenta Londres como local de impressão, o que não significa que o escrito católico não fosse impresso na capital britânica, mas tendo em vista a predominância do anglicanismo, subentende-se que o livro voltado ao catolicismo tivesse menor saída na cidade.

Essas observações reafirmam o caráter europeu do ajuntamento, com a imensa maioria dos livros tendo sido impressos em países da Europa continental. Chegaram ao acervo vindos diretamente do Velho Mundo ou adquiridos nas livrarias nacionais e locais que os importavam. São várias as tipografias informadas, muitas aparecendo apenas uma vez, mas algumas que se destacam tanto pela grande produção de livros católicos, como pelas transformações que sofreram com o tempo e apresentadas nas obras do acervo.

Figura 28: Obras da Bibliotheca do Clero Illustrado da livraria Chardron

BIBLIOTHECA DO CLERO ILLUSTRADO	
ERNESTO CHARDRON, EDITOR	
<p><b>FRANCISCO HETTINGER</b>  <i>Apologia do Christianismo.</i> 1.<sup>a</sup> parte: Demonstração da verdade do Christianismo. — 2 vol..... 2\$000</p> <p><b>- PADRE JOSÉ MACH</b>            DA COMPANHIA DE JESUS  <i>Thesouro do Sacerdote</i> ou repertorio das principaes cousas que o sacerdote deve saber. — 2 grossos vol. (obra completa) ..... 2\$400</p> <p><b>FRANCISCO LUIZ DE SEABRA</b>            PAROCHO DE GACIA  <i>A Flôr dos Prégadores</i>, ou collecção selecta de sermões dos mais celebres oradores contemporaneos para todas as domingas e principaes festas do anno. — 2 vol. 1\$400</p> <p><b>ABBADE A. GUILLOIS</b>  <i>Explicação historica</i>, dogmatica, moral, liturgica, e canonica do <i>Catecismo</i>, com a resposta ás objecções extrahidas das sciencias contra a religião. — 4 grossos vol., in-8.<sup>o</sup> grande..... 4\$000</p> <p><b>BISPO D'ORLEANS</b>  <i>Estudo ácerca da Franc-Maçonnaria</i>, traduzido pelo conde de Samodães. — 1 vol... 300</p> <p><b>CARDEAL BELLARMINO</b>  <i>As sete palavras de Christo na Cruz</i>, traduzidas do original em latim para portuguez, com a approvação competente. — 1 vol..... 400</p>	<p><b>BISPO DO PARÁ</b>  <i>Direito contra o direito</i> ou o Estado sobre tudo. Refutação da theoria dos politicos na questão religiosa, seguida da resposta ao supremo tribunal de justiça. — 1 vol.... 800</p> <p><b>D. JAYME BALMES</b>  <i>O Criterio</i>, philosophia pratica. — 1 vol..... 600  <i>Cartas a um sceptico</i>, em materia de religião — 1 vol.. 600  <i>Philosophia fundamental.</i> — 4 volumes..... 2\$400  <i>O Protestantismo</i> comparado com o Catholicismo. — 4 volumes..... 2\$400</p> <p><b>ROGER</b>  <i>O fim da vida</i>, estudos criticos sobre o Catholicismo, e refutação dos principaes erros modernos contra o Christianismo. — 1 grosso vol. 1\$000</p> <p><b>PADRE F. X. GAUTRELET</b>            DA COMPANHIA DE JESUS  <i>A franc-maçonnaria e a revolução</i>, com approvação da authoridade ecclesiastica. Traduzida pelo conde de Samodães. Precedida d'um proemio do traductor sobre a maçonnaria portugueza. — 3 vol. in-8.<sup>o</sup> ..... 1\$500</p> <p><b>CARDEAL WISEMANN</b>  <i>Fabiola</i> ou a igreja das catacumbas, romance religioso. — 1 bello vol. in-8.<sup>o</sup>, com gravuras ..... 1\$500            Com uma rica cartonagem vinda de Pariz.. 2\$000</p>

Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A imagem apresenta uma página à guisa de catálogo da coleção Bibliotheca do Clero Illustrado do editor Ernesto Chardron, francês que se estabeleceu em Portugal e lá desempenhou relevante papel no ramo da edição. Instalou sua tipografia em 1869, publicou mais de 30 obras de Camilo Castelo Branco, além do famoso *Thesouro da língua portuguesa* e outras centenas de obras de autores menores. Após sua precoce morte aos 45 anos em 1885, a firma passou ao

controle dos também franceses Jules Genelioux e Mathieu Lugan<sup>402</sup>. Aparecem diferentes denominações da casa impressora nas imprentas, “Ernesto Chardron Editor”, “Livraria Chardron”, “Livraria Internacional Chardron” e “Nova Livraria Internacional Chardron”, provavelmente denominação dada após a morte do editor.

Algumas das obras apresentadas na imagem acima foram catalogadas no acervo da Biblioteca, é o caso de *Thesouro do sacerdote* e *A flor dos pregadores ou coleção seleta de sermões para todas as domingos e principaes festas do anno*, de Francisco Luís de Seabra; *Explicação Histórica, Dogmática, Moral, Liturgica e Canonica do Catecismo*, de autoria do abade Guillois (1796 -1856); *Direito contra o Direito ou o Estado sobre tudo*, livro sobre a Questão Religiosa do Bispo do Pará e *O Protestantismo comparado com o Catholicismo*, de Jayme Balme (1810-1848). Além dessas, outras 17 obras (totalizando 22), com impressão de Chardron, foram encontradas no conjunto em estudo.

Outra casa impressora/livraria que se destacava na produção e comércio de obras voltadas para o público católico, desta vez no território brasileiro, era a Garnier. A livraria-editora oferecia títulos em francês e português de obras editadas tanto no Rio de Janeiro como em Paris. Anexo a uma das obras catalogadas<sup>403</sup> encontra-se um catálogo da livraria carioca, provavelmente do ano de 1863, visto que nesse ano, segundo estudos de Eliana de Freitas, pela primeira vez o arrolamento das obras oferecidas apresentava volumes em português<sup>404</sup>. O exemplar aqui observado corresponde ao catálogo de número 3 e inicia-se com apresentação de obras de filosofia em francês. Depois tem início a sessão “Ouvrages em portugais” que abre com o anúncio do *Jornal das Famílias* e depois são elencadas várias obras de cunho religioso como *Lições morais e religiosas*, *Manual do Parocho*, *Novissimas orações sacras* e *Sermões do padre Joaquim da Soledade Pereira*. A pesquisa de Freitas com os catálogos Garnier se pautaram em exemplares existentes na Biblioteca nacional Francesa e, para o ano de 1863, a autora foca no de número 23, que, segundo ela já estava escrito em português o que mostrava a dedicação da casa ao leitor do Brasil.

Outra mudança interessante é a dos núcleos temáticos, que, com oferta de obras traduzidas, mostram um catálogo agora montado exclusivamente para o público brasileiro e bem de acordo com as características da sociedade do país; as

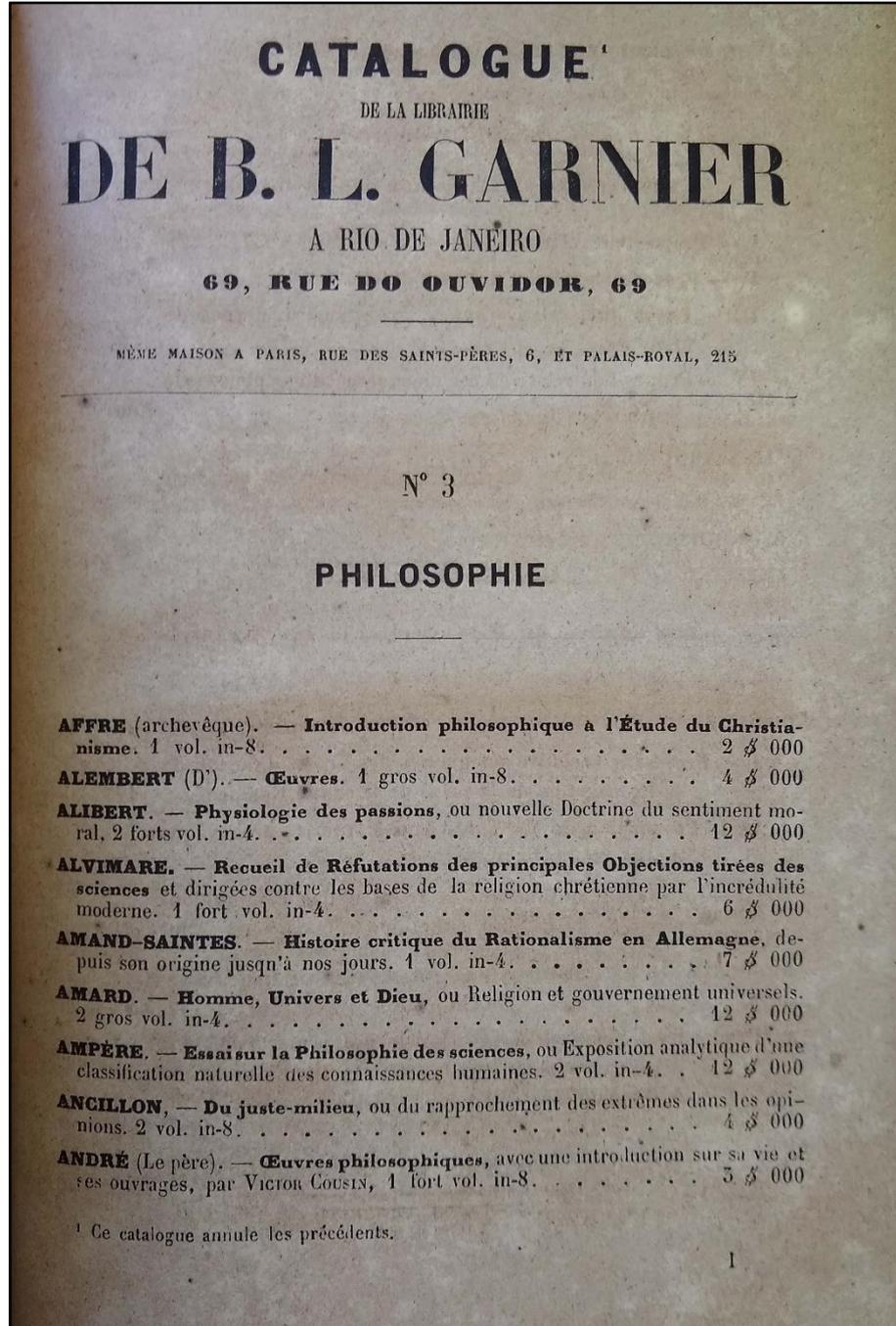
<sup>402</sup> GUEDES, Fernando. *O livro e a leitura em Portugal*. Subsídios para sua história. Séculos XVII e XIX. Lisboa e São Paulo: Editorial Verbo, 1987.

<sup>403</sup> Provavelmente o catálogo foi utilizado como acessório na encadernação, para completar o número de folhas necessárias para que o livro se “encaixasse” da melhor forma na capa. Folhas de catálogos e outros livros foram observadas como forro nas encadernações.

<sup>404</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores e além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, Marcia, BRAGANÇA, Aníbal. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010.

necessidades do Estado nacional em construção e das políticas educacionais então implantadas pelo Estado imperial; e os gostos e as práticas culturais, sobretudo do público das capitais.<sup>405</sup>

Figura 29: Catálogo da Livraria B. L. Garnier, no Rio de Janeiro, 69, Rua do Ouvidor, nº 03, sem data de publicação (provavelmente 1863)



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

E assim, através desses catálogos mais elaborados, pensando no gosto do brasileiro e nas suas necessidades de leitura, incluindo aí a do leitor católico, a Garnier acabou por entregar seus produtos por várias partes do território nacional, incluindo Fortaleza, seja diretamente, seja

<sup>405</sup> Idem, ibidem. p. 80.

por intermédio de livrarias parceiras. Algumas obras que contam não apenas com imprensa, mas com marcas de encadernação da Garnier, impressas no Brasil, foram catalogadas no acervo, como *Explicação Histórica, Dogmática, Moral, Litúrgica e Canonica do Catecismo*, de 1875, ou ainda *Padre Manuel Bernardes. Excertos*, de 1865.

Encontrar assim um catálogo, pode-se dizer, perdido em meio a tantas obras, é motivo de entusiasmo para o pesquisador, principalmente pelo fato de haver poucos exemplares do tipo e também por se tratar de um que não se tem notícia de ter sido analisado antes (nº 3). Está sendo trabalhado aqui de modo superficial, mas não há dúvidas, diante de outros estudos realizados com essa tipologia de fontes, sobre seu valor para a compreensão de vários aspectos referentes ao comércio livreiro e à atuação de livreiros e editores. É, enfim, mais um dos tesouros (não mais) desconhecidos da Biblioteca Episcopal.

Outro aspecto observado durante a análise dos volumes selecionados foi a presença de algumas casas editoras com publicações datando de diversas décadas seguidas, (sem se referir à citada Tipografia Poliglota, tendo em vista sua atividade longeva por estar relacionada à Propaganda Fide), como é o exemplo do negócio da família Poussielgue.

A casa foi fundada na década de 1820 por Jean-Baptiste Poussielgue (1797-1849). Ao casar-se com a filha de um impressor da cidade de Lyon, Mathieu-Placide Rusand (1768-1839) — daí a junção do nome Poussielgue-Rusand —, assume o negócio da família e em seguida passa a administrar também a tipografia em Paris. Registra seu negócio como “Imprimerie Ecclésiastique de Poussielgue-Rusand” e depois como “Librairie Ecclésiastique”, denotando estreita relação com o catolicismo, na década de 1840 a empresa se chama apenas “Poussielgue Rusand”. Com a morte de Jean-Pierre, sua viúva (de segundas núpcias) Françoise Marguerite, o sucede e recebe autorização para manter o negócio da livraria, que vendia também objetos de arte sacra, em 1850.<sup>406</sup>

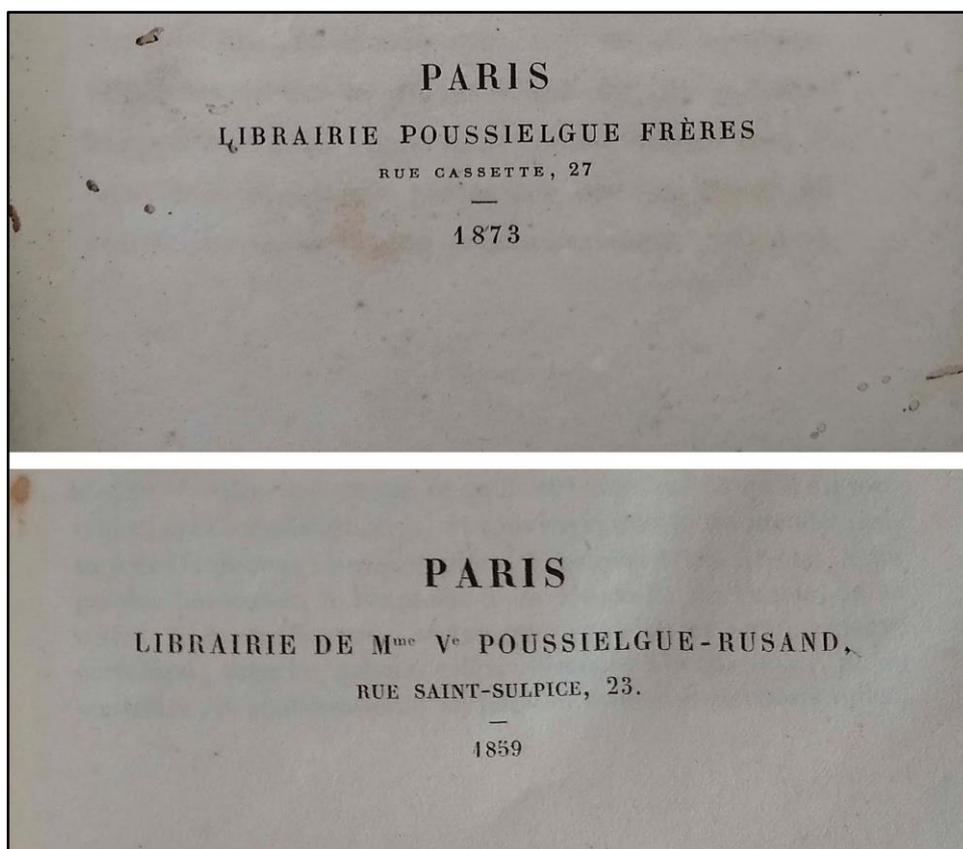
Os livros da Biblioteca apresentam a evolução no comando da livraria, desde a década de 1840. A obra mais antiga impressa pela casa e encontrada no acervo data de 1849, *Uma Divinazione sulle de ultime Opere di Vincenzo Giobert*, que traz na imprensa a informação “Impresso pelo editor Poussielgue-Rusand”, o que indica que ainda estava sobre a administração de Jean-Baptiste. De 1859 tem-se *Le trésor de Corneluius A. Lapide*, já com a

---

<sup>406</sup> Segundo Biblioteca Nacional da França, disponível em: [https://data.bnf.fr/fr/15957500/antoine-jean-baptiste-joseph-vincent\\_poussielgue-rusand/](https://data.bnf.fr/fr/15957500/antoine-jean-baptiste-joseph-vincent_poussielgue-rusand/). As peças sacras negociadas na livraria também podiam ser de outro membro da família, Placide Poussielgue-Rusand, ourives reconhecido pela produção de peças de arte sacra. Cf.: Coleções do Museu Britânico. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG76661>

indicação “Librarie de Mme Ve Poussielgue- Rusand”; *Vie de S. Vicent de Paul*, por sua vez veio à lume pela “Librairie Ve. Poussielgue et fils” em 1865, o que indica que os filhos já se associavam a mãe no negócio, pouco depois em 1867 a “Librairie Poussielgue Frères” publica *Conférences de Révérend Père de Ravignan*, ou seja, a partir daí os irmãos tomam conta do negócio da família. Ainda em 1863 há uma publicação com indicação de Poussielgue Frères, é possível que os filhos tenham aberto um negócio paralelo ao da mãe e, posteriormente se reunido a ela. A empresa ainda aparece como responsável por várias obras publicadas na década de 1870 e o último livro catalogado com indicação de impressão da firma Poussielgue é *Vie de Mg. Dupanloup*, de 1884, ou seja, o negócio de impressão e livraria da família atravessou praticamente todo o século XIX e prosseguiu ainda no seguinte.

Figura 30: Imprentas com indicação da Livraria Poussielgue



Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

A história dessa gráfica/editora/livraria é apenas uma das dezenas que podem ser contadas através da observação das imprentas dos livros do acervo episcopal. Esses homens e mulheres da edição se viam como sujeitos de negócios e assim agiam para defender os interesses de suas empresas e o patrimônio de suas famílias. Dar a ler a seus contemporâneos o

que desejavam era só uma parte do complexo mundo do comércio livreiro e muito do que se fazia estava de fato voltado para a acumulação de capital, mais financeiro que simbólico.<sup>407</sup>

Mesmo assim, empresas mais conhecidas dos estudiosos do livro e da leitura, como as de Jacques Lecofre, Hachette, Garnier, Plon, Tipografia da Universidade de Coimbra, a própria Tipografia Poliglota, e outras que se deram a conhecer durante a pesquisa são responsáveis pela grande difusão do livro nos oitocentos e os trabalhos aqui observados de forma breve de impressores, ilustradores, editores e livreiros, bem como suas relações no meio social também já é parte integrante e indispensável dos estudos da História do livro. Não há como aprofundar ou ampliar no espaço desta tese as análises sobre editores e a produção editorial como um todo, pela grande quantidade de casas impressoras, mas os exemplos citados representam não só o trabalho de impressão, mas também algumas nuances do comércio livreiro e da compreensão da edição como um dos grandes nichos de negócio do século XIX, seja ou não de base familiar.

O design de livros, a edição e os trabalhos a eles relacionados se expandiram nos oitocentos em todo o mundo e não foi diferente no Brasil e mais especificamente em Fortaleza, onde o seminário estava instalado. Guardadas as devidas proporções, a cidade também passou a contar com uma estrutura que permitiu certo desenvolvimento das artes gráficas e do mercado livreiro.

#### 5.4 As artes do livro na Fortaleza oitocentista

Em tópico anterior foram abordadas nuances do comércio do livro na capital cearense durante as décadas que englobam o recorte da pesquisa. Os volumes chegavam aos leitores locais através das livrarias aqui instaladas ou eram adquiridos diretamente das principais praças produtoras, pessoalmente ou por meio das casas comerciais estabelecidas na cidade, como a Boris Frères. Em pesquisa nos arquivos da empresa foi possível identificar diversos pagamentos realizados por livreiros, pelo próprio seminário (que podia encomendar diversas mercadorias, além dos livros) e mesmo por particulares como certo João Evangelista da Frota que efetuou um pagamento de 75 mil réis “pela compra de livros para sua mãe”<sup>408</sup>.

Além daqueles que comercializavam o livro, a cidade contava, quando da instalação do seminário e sua Biblioteca, com outros equipamentos ligados ao processo de impressão e

---

<sup>407</sup> MOLLIER. *O Dinheiro e as letras...* Op. Cit.

<sup>408</sup> *Livro de faturas – 1876-1878*. APEC- Arquivo intermediário. Fundo Boris Frères.

produção do livro como um todo. Desde o início da atividade impressora no Ceará em 1824, marcada pela fundação do *Diário do Governo do Ceará* — órgão da Confederação do Equador e que, posteriormente passou a servir ao governo provincial<sup>409</sup> — a imprensa periódica se destacava.

O *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o anno de 1873*, indica em seção dedicada à imprensa que entre 1825 e 1873, vieram a lume na província 104 periódicos, alguns de vida efêmera, outros mais longevos, como *O Cearense* e o *Pedro II*<sup>410</sup>. O período aqui em estudo que engloba as décadas de 1860 a 1880 vislumbrou um desenvolvimento da indústria tipográfica<sup>411</sup> em Fortaleza, mais uma consequência da inserção da cidade no sistema e economia-mundo que possibilitou avanços em várias áreas, inclusive as relacionadas à cultura e intelectualidade, o que provocou maior procura por jornais, revistas, livros, bem como impressos voltados para o setor de propaganda, como folhetos e cartazes.

Nos anos 1860, aproximadamente 20 tipografias estavam em atividade em Fortaleza, a maioria pertencente a jornais<sup>412</sup>. Não foi comprovada para esta década a existência de encadernadoras ou lito-tipografias (especializadas em imagens), no entanto, as casas impressoras existentes se propunham a realizar todos os tipos de serviços referentes à impressão e além destes podiam atuar também como pontos de venda de livros, como pode ser observado em chamamento publicado no *O Cearense* em 8/01/1868, no qual se anunciam: “Livros baratos. N’esta typographia vendem-se as seguintes obras novas”, seguindo-se a apresentação dos livros disponíveis, como *História dos Girondinos*, de Lamartine e *Dicionário Theológico*, de Bergier, vendidos por 8 mil e 24 mil reis, respectivamente<sup>413</sup>. No caso tratava-se da tipografia Brasileira de Paiva & C., onde o jornal era impresso.

<sup>409</sup> BRITO, Jorge. *Diário do Governo do Ceará: origens da imprensa e da tipografia cearenses*. Fortaleza: Secretaria da Cultura/ Museu do Ceará, 2006.

<sup>410</sup> *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o anno de 1873*. Fortaleza: João Baptista Pereira, Edictor, 1873. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706043&pagfis=1>

<sup>411</sup> Adelaide Gonçalves faz saber que “[...] Segundo os registros da época, a única atividade a empregar maquinaria e desenvolver uma produção regular é a de composição e impressão, nas tipografias”. In: GONÇALVES, Adelaide. *A imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001. p. 53. Portanto, a atividade tipográfica pode ser considerada a primeira atividade industrial do Ceará.

<sup>412</sup> STUDART, Guilherme (Barão de). Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. 1898; Obras consultadas nos institutos de pesquisa.

<sup>413</sup> *O Cearense*. Fortaleza. 8/1/1864. p.4

Figura 31: Anúncio da Typographia de Francisco Luíz de Vasconcelos

Para saber, segundo consta-me que existe papel de arrendamento do sitio que vendi ao sr. Antonio Nunes de Mello Tercero no lugar de denominado Fazenda dos Auctos da questao que teve o sr. Manoel Nunes de Mello, Tio Nuno de Mello e com escripturas nas terras da paróquia de Miranguape que foi dada aos Indios, em 1718; por quanto de suas antigas possessões cujo sitio possuia desde 1813 ate a data que fiz dita venda e nunca paguei onus e aluguel, e se existe este papel a cima mencionado é falso, por que nunca pedi a posse alguma que por mim passasse e agora a meu rogo assignasse dito papel licitante 2 de agosto de 1864. Arago de minha mãe Anna Maria da Conceição, Manoel Mendes de Souza Chaves

**Vendas de propriedade**

Uma casa no largo do Patrocinio, onde reside o sr. capitão José Nogueira, com amplos commodos para numerosa familia, jardim immenso e cacimba bem fontisruia.

Doas ditas na rua da Cadeia, que pertencem ao sr. José de Barcellos, com portos e janellas, nunca estao sem inquilino.

Quem pretender qualquer das mencionadas propriedades dirija-se ao sr. José Smith de Vasconcelos, que as venderá por preços modicos e condições favoraveis, e a prazo conveniente a contento do comprador.

Uma dita, na praça do Garrote servindo actualmente de quartel e guarda nacional. Além de muitos commodos para numerosa familia tem propores para casa de commercio. Tem sete portas de boa cacimba no quintal.

Tambem se vende dois armazens bem construidos, na rua da Alfandega, um junto ao sr. Manoel Pirahão, que foi do fallecido Ellery, e outro contiguo ao sobrado do sr. Theophoro, tendo no fundo uma cara com frente para a rua do Chafariz.

**Atenção.**

João Alves Fructuoso previne o publico

Publico á não fazer negocio com uma letra de sua responsabilidade do valor de duzentos e oitenta mil reis (200.) vencido no ultimo de janeiro deste anno passado á João Vaz de Alencar por compra do sitio denominado Palmeira no distrito da Graúba, visto como o vendedor ficando de passar escriptura publica com sua mulher não a quiz passar até hoje e nem o annuncianle tomou conta do dito sitio e por não estar realisada por essa falta a venda protesta, não pagar a letra a quem com elle fizer transacção S. Domingos 2 de agosto de 1864.

**PERCESSO DE JESUS CRISTO**

**PERANTE**

**CAPIBAS E PILATOS.**

**REFUTACÃO DE CAPITULO DE M. SALVADOR**

**INTITULADO**

**JULGAMENTO E CONDENAÇÃO DE JESUS.**

Entrou nos prelos da typographia do Sr. B. de Mattos a traducção por G. L. de este importante trabalho de L. Dupin, um dos eruditos e profundos filisocensistas da Franca. E uma analyse rigorosa do processo que soffreu Jesus Christo feita segundo os principios do direito e segundo as leis que então região ao povo hebreo. Util em qualquer epocha, a leitura d'este trabalho tem sua propriedade actualmente que M. Ernesto Reuan quiz fazer uma revolução nos espirito catholicos e destruir a sua fé no Salvador.

E' um volume de 80 á 100 pagina e impresso nitidamente e em bom papel.

Recebem-se assignaturas na mesma typographia á 4.000 rs. o exemplare e

**HISTORIA ANTIGA**

**POR**

**José de Barcellos.**

Acha de ser publicado e acha-se a venda na livraria de J. J. d'Oliveira, Preço 500

**O BALIZA**

**MUDANCA**

**BOM AVISO**

Moura Rolim & Sobrinho, avisa ao Respeitavel Publico em geral, aos seus numerosos frequentes tanto desta cidade como do centro, que mudará a sua loja que tinha (na esquinha), a casa que foi dos srs. Pereira & Vinhas para a loja e armazem por baixo do sobrado em que mora M. de Moura Rolim, na mesma rua Formosa, cujo estabelecimento tem o seguinte distinctivo—**O BALIZA**—nome pelo qual se á conhecido, e onde acharão sempre um completo sortimento de fazendas baratas.

Moura Rolim & Sobrinho, querendo augmentar seu negocio, resolverão mudar sua loja, para o novo commodo estabelecimento do **BALIZA**—e n'elle encontrarão os frequentes um magnifico sortimento de fazendas de seda, de linho e algodão, assim como chapéos, bonets, roupa feita, perfumarias e miudezas.

Tudo este grande sortimento é novo e escolhido na praça de Pernambuco.

Por tanto é hoje neste util e espaçoso estabelecimento, que o publico generoso, as pessoas economicas, e de bom gosto, devem vir ou mandar fazer seus commodos de fazendas, tanto a retalho como em grosso que o **BALIZA**—a todos fará por contentar.

**O BALIZA**—não só promete servir com agrado e promptidão aos seus frequentes da cidade como aos do sertão, e a todos aquelles que se quizerem utilizar do referido e novo estabelecimento.

*Impresso na typ. Commercial por—Manoel José Tisino.*

**TYPOGRAPHIA**

DE  
Francisco Luíz de Vasconcelos.

**ESTA TYPOGRAPHIA**

uma das boas desta cidade, acha-se montada nas mais vantajosas condições de poder encarregar-se de qualquer trabalho que lhe diga respeito.

A perfeição de suas impressões,  
**COMMODIDADE**  
DE  
**PREÇOS,**

brevidade na execução, deve este estabelecimento o credito que goza; e seu proprietario tem bem fundadas razões de esperar do respeitavel publico a continuacão da protecção que sempre ha dispensado na preferencia dada ao seu estabelecimento.

**TEM A VENDA**

**OS SEGUINTES OBJECTOS:**

**LETRA**

Por um cento 1:6000

**CARTAS DE INTERRO**

Impressas com emblemas, a promptido-se em duas horas, por um cento 6:000

**ALGARISMOS**

Por um cento 40:000  
Uma 120

**TRASLADOS**

Uma colação 600  
Um 100

**BILHETES DE LICOR**

Por um cento 800

**PROCURAÇÕES BASTANTES**

Por um cento 4:000

**CARTAS DE SYLABAS E NOMES**

Por um cento 10:000  
Uma 120

Fonte: A Gazeta Oficial. Fortaleza, 12/12/1864. p. 4

A imagem acima apresenta a peça publicitária da tipografia de Francisco Luíz de Vasconcelos, além de relacionar produtos já prontos vendidos na casa, tais como procurações, “cartas de interro. Impressas com emblemas” e “Cartas de sylabas e nomes”, também afirma estar “montada nas mais vantajosas condições de poder encarregar-se de qualquer trabalho que lhe diga respeito” e dentre esses serviços, certamente encontravam-se os livros.

É sabido o quão difícil era para um autor ter sua obra publicada no período em estudo, principalmente se este não tivesse meios financeiros ou um apadrinhamento que possibilitasse a realização da publicação no Ceará ou em outro lugar do Brasil. Nesse contexto, as tipografias (ressaltando aqui a ausência de casas editoras, de fato), eram buscadas por alguns autores para imprimir suas obras financiadas por meio de assinaturas, como no exemplo retirado mais uma vez das páginas d'*O Cearense*, anunciando a busca de assinantes para a produção do *Esboço Histórico*, de Pedro Theberge.

O dito **Esboço** será publicado em uma brochura de formato regular, de bom typo e papel.

Cada assignante pagará por cada exemplar a modica quantia de quatro mil réis (4\$000).

[...]

Desde já me confesso nimamente grato à todas aquellas pessoas que com suas assignaturas me auxiliarem n'esta empresa.

No escritório d'esta typographia recebem-se assignaturas para esta obra.

Cidade de Fortaleza, 8 de abril de 1869

Henrique Theberge.<sup>414</sup>

O trecho do anúncio permite observar não só o esforço de Henrique Theberge para dar à estampa a obra de seu pai, mas também um tipo de serviço prestado pelas tipografias, qual seja, a impressão de livros, e aspectos relacionados com o design editorial, como a referência ao modelo de encadernação em brochura em tamanho regular (in-8° ou in-12°) e com boa qualidade de papel e tipo, tendo em mente que possivelmente já se utilizavam os tipos de metal na máquina Stanhope, ou seja, esses detalhes já são um chamamento para as assinaturas, além do preço, consideravelmente abaixo do de obras mais famosas como as anunciadas no mesmo jornal e citadas acima.

Além dos diversos serviços próprios desse tipo de negócio e da venda de livros e outros impressos, os estabelecimentos tipográficos também tinham uma outra participação importante no cenário social da cidade. Eles funcionavam como escolas, centros de formação para jovens que desejavam aprender a arte da tipografia e como ambientes de proliferação de ideias, onde se dá a conhecer as relações que se estabelecem no meio de trabalho dos gráficos e a lida com os patrões<sup>415</sup>. Nesse sentido, nada mais natural que os tipógrafos usassem de sua proximidade com as letras para propagar seus pensamentos acerca de suas condições de trabalho e a importância de sua função. Assim, surgiu ainda nos anos 1860 o jornal *O Typographo*, apenas

<sup>414</sup> *O Cearense*. Fortaleza, 09/07/1869. p. 4

<sup>415</sup> GONÇALVES, Adelaide e BRUNO, Allyson (orgs). *O Trabalhador Graphico*. Fortaleza: Editora UFC, 2000.

um dos vários periódicos que serão impressos visando divulgar a luta dos trabalhadores gráficos. Em seu primeiro número é apresentado esse intento:

Faremos por educar nossa classe, e nossos conselhos serão os de um pai, que admoesta e ensina ao filho que se transvia da senda do dever, corrige-o, quando se obstina no vício, e perdôa-lhe, quando no sincero arrependimento.

Não somos um filho orgulhoso que vai em procura de seus irmãos correr mundo com o nome de — TYPOGRAPHO.

Não, e jamais podemos sel-o.

Somos fracos, e nunca pisamos os umbrais da sciencia, por isso nada mais seremos do que um pequeno echo que se perde na vastidão dos ares.<sup>416</sup>

Educar sua classe, aconselhar, procurar pelos irmãos e fazê-los se orgulhar de serem tipógrafos, eram os principais objetivos dos idealizadores da folha. Com o passar das décadas a atuação desses trabalhadores nas lutas proletárias em Fortaleza será cada vez mais incisiva, seu conhecimento adquirido, por vezes de forma autodidata, vai promover um posicionamento de vanguarda na luta contra os desmandos patronais.

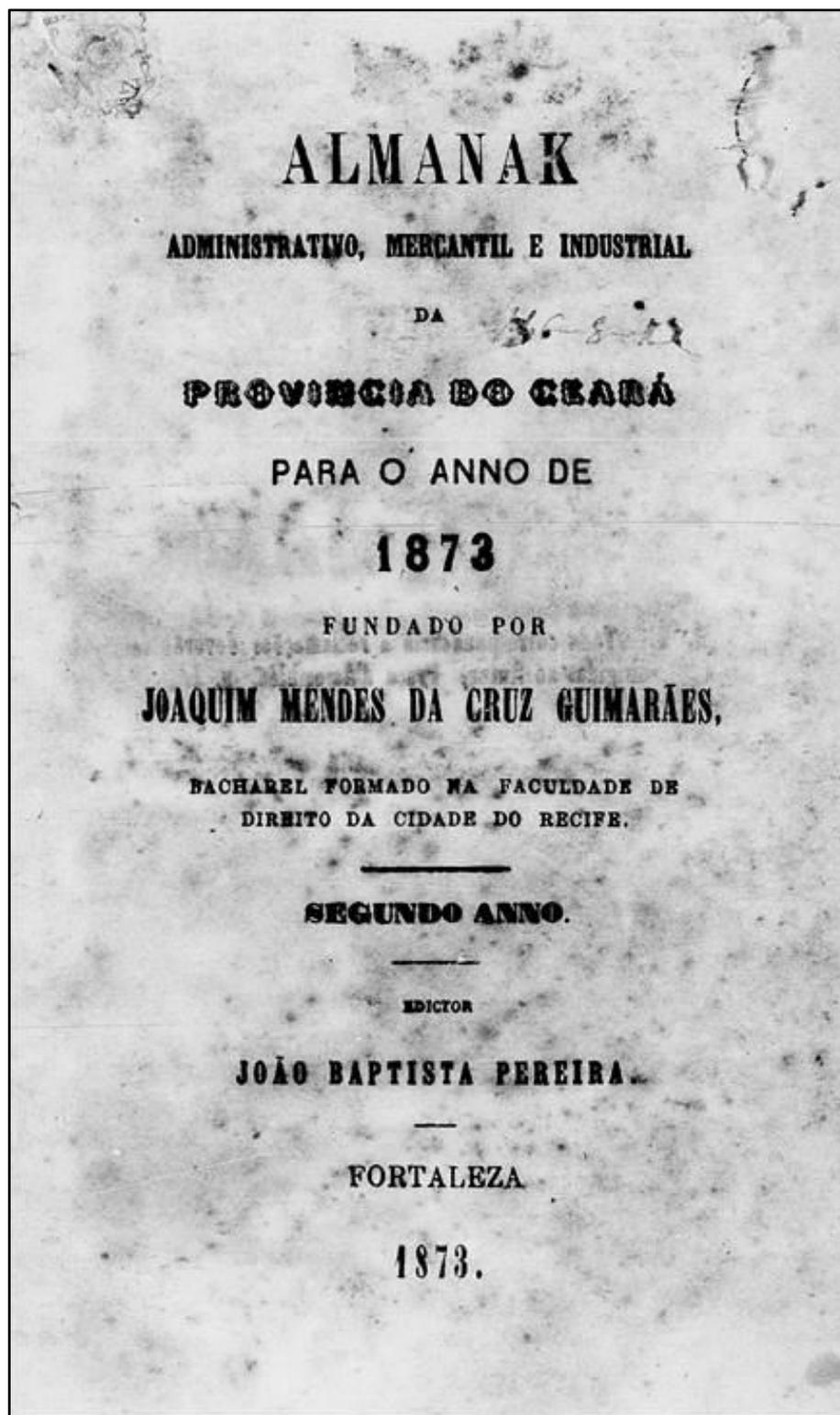
Nos anos 1870, o desenvolvimento do setor prossegue e novas categorias ligadas ao impresso aparecem. Uma importante fonte para o estudo sobre atividades profissionais nos centros urbanos no século XIX são os almanaques<sup>417</sup>, tendo em vista seu caráter informativo e o fato de visarem fornecer o maior número de dados possível sobre suas localidades. Nesse sentido o já citado *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o anno de 1873* traz elementos indicativos do incremento da atividade gráfica em Fortaleza com o aparecimento de novas categorias e divisão de funções. Além disso a própria obra já é um exemplo de trabalhos realizados nesse período.

---

<sup>416</sup> *O Typographo*. Fortaleza, 01/03/1866. p. 1

<sup>417</sup> Um aprofundamento sobre esse tipo de impresso no Brasil e de modo específico, no Ceará pode ser obtido com a leitura do trabalho de Débora Dias, *Impressões do tempo: os Almanques no Ceará (1870-1908)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza, UFC, 2010.

Figura 32: Folha de rosto do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o anno de 1873*.



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Na folha de rosto do *Almanach*, podem ser observadas uma variedade de fontes tipográficas, modelos mais simples e outros mais elaborados, traz também algumas informações sobre o autor e, dá-se então o fato novo, indicação de editor, no caso desse segundo volume,

João Baptista Pereira. O primeiro volume de 1872 foi editado por Odorico Colás. Ou seja, já há uma divisão de funções, o aparecimento da figura do editor, ele não é mais apenas o impressor. Pode ser que aqui não se trate do editor propriamente dito, com todas aquelas funções que se observam nos que ocupam esse posto na Europa, por exemplo, mas já se identifica uma evolução dentro do circuito livreiro da cidade.

Quanto a este e seus demais participantes o Almanaque elenca por tipos de negócios, logo são apresentados encadernadores, os tipógrafos, as tipografias e os impressores. São duas as casas encadernadoras, a de Antônio Felício de Vasconcelos e de Francisco Manuel Esteves. Apenas quatro sujeitos são identificados enquanto tipógrafos, José Lino, Odorico Colás (acima identificado também como editor), Raimundo de Paula Lima (responsável pelo Pedro II) e Joaquim Lopes Feitosa, no entanto se sabe que tanto José Lino quanto Colás possuíam tipografias, o primeiro desde a década de 1860. O pequeno número desses profissionais indicados pode se dever ao fato de a publicação listar apenas os mais renomados ou requisitados para o trabalho, ou esses podem ter colaborado de forma mais incisiva para a publicação do *Almanach*.

O mesmo pode ter sucedido quando se trata das tipografias, apenas sete delas são listadas na obra, mas a pesquisa indicou que havia ao menos o dobro desses estabelecimentos. Por exemplo, não aparecem na listagem as tipografias União, Brasileira ou a de José Lino. São referenciadas sobretudo as dos jornais, e as de Theotônio Esteves e a de Odorico Colás (Typographia Social). É difícil saber o critério adotado pelos responsáveis pela confecção do livro para alocar os profissionais ou as atividades em determinados nichos. No caso dos impressores, apenas três são citados, Conrado José Benedito, Juvêncio José Pereira e Raimundo da Silva Leite, logo cabem alguns questionamentos sobre esses profissionais, tais como: podia o tipógrafo também ser impressor ou vice-versa? O dono da tipografia não poderia também ser o impressor ou o tipógrafo? A publicação não informa a razão de cada um ocupar o lugar informado, que tipo de especificidade no trabalho o coloca em determinada categoria e não em outra, pois já foi visto acima que muitas dessas funções podiam ou não se acumular, mas o estudo dessas interrelações para o espaço de Fortaleza ainda carece de fontes que permitam uma observação mais detalhada<sup>418</sup>.

---

<sup>418</sup> Tipógrafos, livreiros, impressores, expedidores e mesmo aqueles que liam para os que não dominavam a leitura, são chamados por Robert Darnton de “intermediários da literatura” e sobre os estudos envolvendo esses sujeitos o autor diz que: “Os historiadores podem preferir deixar essas pessoas para os antropólogos. Mas mesmo que restrinjam a literatura à comunicação por meio da palavra impressa, eles poderiam ampliar sua concepção, de modo a incluir algumas figuras pouco familiares — trapeiros, fabricantes de papel, tipógrafos, carroceiros, livreiros

No que se refere ao comércio livreiro, o *Almanach*, na sessão “lojas de livros”, faz referência apenas ao estabelecimento de Joaquim José de Oliveira, já citado acima, mas nesta década também funcionou a livraria de João Luiz Rangel. Todavia, esses espaços podiam ser os únicos com o objetivo primeiro de realizar o comércio de livros — mas não apenas, já que outros produtos também eram negociados pelos comerciantes —, mas como é sabido, esses também eram vendidos em outros ambientes como lojas de variedades e as próprias tipografias.

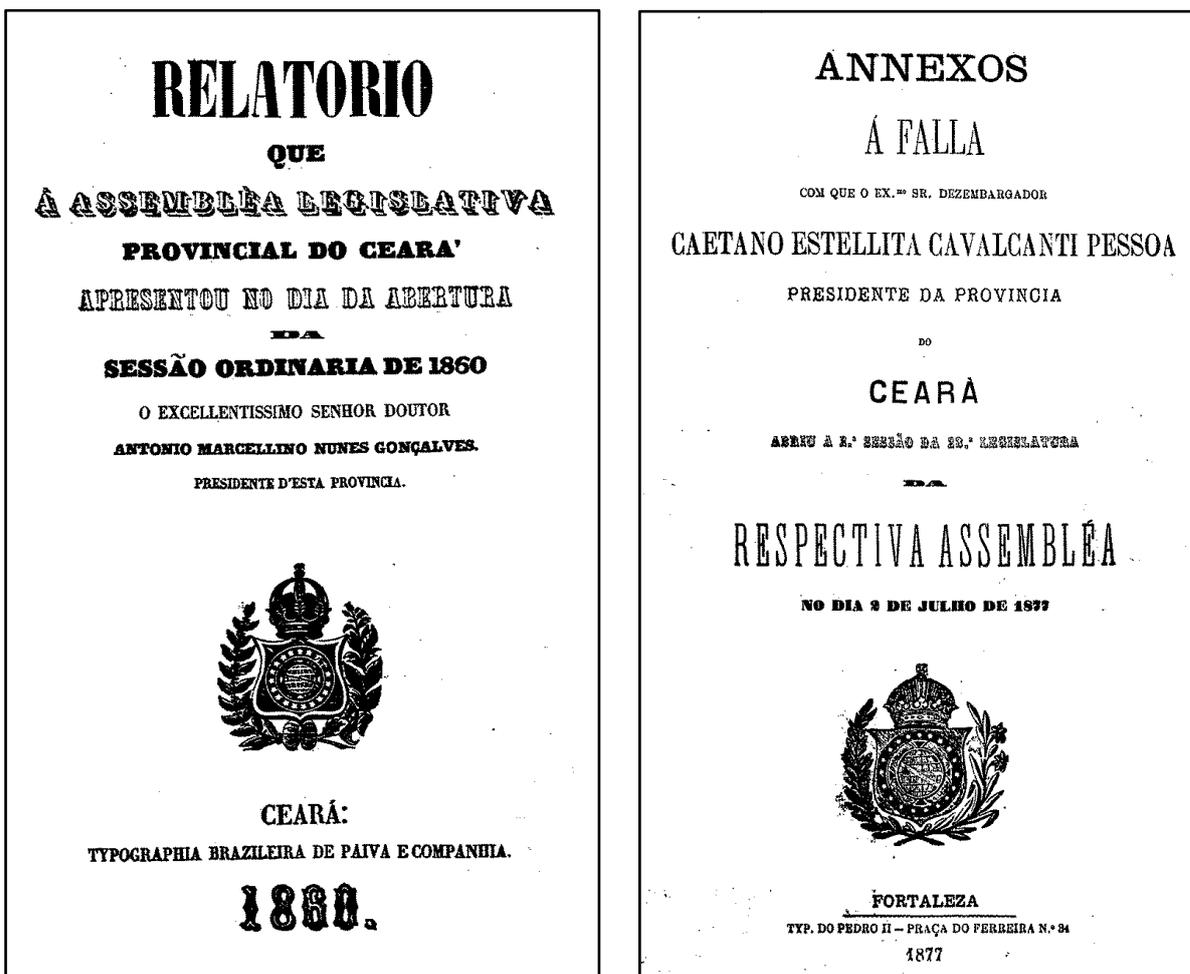
Essa análise do *Almanach* permitiu observar modificações no setor livreiro e gráfico da cidade e a ampliação dos serviços oferecidos que não ficavam restritos à fabricação de livros, jornais e outros impressos ou serviam apenas aos que já faziam parte desse setor, a população em geral usufruía desses trabalhos. Os encadernadores, por exemplo atendiam não só as gráficas, mas a particulares, era um ramo bastante rentável em um período em que mais pessoas passaram a ter livros em casa e buscavam encadernar seus volumes não apenas para melhor conservá-los mas para ter capas exclusivas para suas coleções e bibliotecas. Os estudantes, professores e administradores de estabelecimentos escolares, como o seminário, se serviam da produção de folhas pautadas ou de papéis timbrados, que também eram utilizados por órgãos oficiais.

O governo provincial por sua vez, era um dos maiores clientes das tipografias, essas realizavam trabalhos para os órgãos públicos que iam desde a impressão dos relatórios da Assembleia, falas dos presidentes de província, até a impressão de tickets utilizados para a distribuição de alimentos e tecidos aos retirantes alojados nas cidades durante as secas.

---

e até leitores. A literatura livresca faz parte de um sistema que produz e distribui livros. Mas a maioria das pessoas que fizeram funcionar esse sistema desapareceu da história literária. Os grandes homens expeliram os homens médios, os intermediários.” In. O beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo; Companhia das Letras, 2010. p. 150. Porém, vem se observando uma mudança de olhar e esses sujeitos estão se apresentando mais nas pesquisas históricas, não só relacionadas ao livro e à leitura, bem além do aspecto apenas da história literária como cita o autor, mas relacionadas ao mundo do livro em geral, dentro das perspectivas da História Social, do Livro e da Bibliografia histórica e analítica.

Figura 33: Relatórios Oficiais produzidos pelas tipografias de Fortaleza



Fonte: CRL (Center of Research Libraries) - Digital Delivery Sistem

Acima são apresentados dois exemplos de trabalhos realizados para órgãos oficiais pelas tipografias da capital em duas décadas diferentes. A esquerda, o relatório apresentado ao presidente da província, Antonio Marcelino Nunes Gonçalves (1823-1899) em 1860, impresso pela Typographia Brasileira de Paiva e Companhia, a mesma responsável à época pela impressão *d'O Cearense*. Ao lado, já do ano de 1877, os anexos da fala de abertura dos trabalhos da Assembleia pelo presidente Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa (1824-1880), impresso pela tipografia do *Pedro II*.

Nos anos 1880 já estavam bem estabelecidos os negócios voltados para o livro e a impressão em geral. A livraria Oliveira já não era a única do gênero na cidade, Gualter Silva já se estabelecia como livreiro e sua loja seria uma das mais conhecidas na urbe na década seguinte. Também faziam o comércio de livros o sr. Satyro Verçosa e Lacy Wardlaw, pastor

presbiteriano que abriu na cidade a Livraria Evangélica<sup>419</sup>. Os serviços prestados pelas tipografias também foram ampliados e novos equipamentos foram inseridos nas oficinas, como poder ser visto no anúncio:

Figura 34: Anúncio da Tipografia do Libertador

**Libertador.**

**TIPOGRAPHIA DO LIBERTADOR.**

56--RUA DA PALMA--56.

Nestas oficinas prepara-se com promptidão qualquer trabalho concernente a arte typographica.

IMPRIMEM-SE POR PREÇOS BARATÍSSIMOS :

Jornaes, Livros, Anuncios, Avulsos, Apolices, Acções de companhia, Cartas de A. B. C. Facturas, Contas de venda, Notas para remensas de mercadorias, Mapas, Circulares, Letras de cambio e da terra, rotulos para pharmacias, Cartões de visita, Participações de casamentos, Cartas de enterro.

Cabalhões nos officios e nas cartas, Sobrescritos nos enveloppas das Repartições publicas e das casas de commercio. Notas para a Estrada de ferro, Companhia ferro carril, Ceará Gaz Company e quaesquer outras repartições.

Para executar com maxima perfeição todos estes trabalhos

**POSSUE**

**EMPRESA TYPOGRAPHICA**

Um magnifico pedro a vapor, um pedro manual, uma machina Magan e enorme quantidade de **TIPOS** e outros accessorios proprios destes trabalhos.

Os preços serão **10 %** menos que qualquer outros trabalhos pagos até hoje nesta capital.

**TODO O MATERIAL É NOVO.**

Na mesmo edificio, e pertencente a **EMPRESA TYPOGRAPHICA**, tem uma **Encadernação** regularmente montada, que encarrega-se de todo e qualquer trabalho do seu genero.

Temos tambem um grande sortimento de livros em branco para casas de commercio e quaesquer outros misteres.

O DIRECTOR DAS OFFICINAS,

*Joaquim Lopes Pereira.*

—1928—

**VICE CONSULADO DE PORTUGAL.**

Por este Vice-Consulado se faz publico, que no dia 23 do corrente mez, falleceu n'esta cidade, o nobre portuguez João Augusto Marques, casado, estabelecido com joia de estivas a rua Formosa n.º 133.

Vice-Consulado de Portugal no Ceará, em 24 de Julho de 1883.

Errento: *Adolpho de Pina Vidal.*  
Encarregado do Vice-Consulado.

—1229—

**MUDANÇA.**

O **ALFAIATE** Luiz Carneiro de França mudou sua officina para a

**PRAÇA DO FERREIRA**

**RUA DO MAJOR FACUNDO N. 20**

(Abaixo do sobrado do fidei Barra de S. Amaro.)

Tenho a honra de avisar a todos os meus amigos e conhecidos que o meu ESTABELECIMENTO, aonde encontrareis um completo sortimento de fazendas, sendo: diagonais, casemiras de bons gostos para costuras e ditas p'a calça para a rapaziada da moda.

Tambem encontrareis outras fistas: calças, palitos e coletes, tudo feito na moda e com grande modicidade nos preços. Proffete bom gosto, promptidão e bom desempenho no trabalho de sua arte.

**PRAÇA DO FERREIRA N. 20.**

Luiz Carneiro de França.

—1231—

**SANNA**

de duas larguras para lençoes a 18000 reis o metro

Vendem: *J. Bruno, Aldon & C.º*

6-10

—1230—

**QUE BOM CALÇADOS.**

Despachou-se hoje um LINDO SORTIMENTO DE CALÇADOS para homens senhores e rapas e crianças de tapete vaquistas e trança.

A' elles em quanto está fresco.—Preço modico mo.

**CENTRO DA BOA-VISTA.**

Virgilio Napoleão & C.º

4-5

—1198—

**ALVAIADE**

de Zinco, Ruxofre, Pedra-mente, muito barata.

**VENDEM**

*J. Bruno, Aldon & C.º*

6-10

—1224—

**AVISO.**

**JOSE IRINEU DE SOUZA**, pintor e retratista a oleo avisa a todos os seus amigos e frequentes que mudou sua residencia para a

**RUA DO ROSARIO N.º 42**

**SOBRADO**

onde pode ser procurado a qual-quer hora do dia para os serviços de sua profissão.

3-10

—1210—

**SINETO DE BORRACHA.**

**APROMPTA-SE EM 24 HORAS!**

**MODELO E TIPOS A CON- TENDO DO FREGUEZ.**

**Recibe encomendas.**

**CONFUCIO**

58--Rua do Major Facundo--58

5-3

Typ. do LIBERTADOR--Imp. José ALVES TORRES.

Fonte: Libertador. Fortaleza: 24/07/1883. p. 4.

<sup>419</sup> Mais dados sobre as livrarias de Fortaleza no período consultar: SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011

A peça de propaganda da tipografia do *Libertador* traz a clássica informação de que realiza os mais diversos trabalhos no ramo e com os melhores preços. Elenca praticamente todos os serviços realizados, com destaque para livros, “rótulos para farmácias” e notas voltadas para empresas como a Ceará Gaz Company e Companhia Ferro Carril. Há como ponto de atenção no anúncio a especificação do maquinário da empresa que afirma contar com “Um magnífico prelo a vapor, um prelo manual, uma máquina Magan e enorme quantidade de **TYPOS** e outros acessórios próprios destes trabalhos” e a indicação que todo o material é novo.

A indicação de prelo à vapor — não se sabe se o modelo de Koenig com capacidade de impressão de 400 folhas por hora ou o Cowper de 4 cilindros, com capacidade de 4000 folhas por hora — indica que a tipografia da Sociedade Cearense Libertadora<sup>420</sup> estava acompanhando o avanço dos equipamentos voltados para a tipografia, pois a próxima invenção que revolucionará o setor será o Linotipo, inventado por Ottmar Mergenthaler em 1886.<sup>421</sup> Provavelmente o prelo a vapor era utilizado para os trabalhos mais valorizados e elaborados, enquanto o modelo manual ficava disponível para os trabalhos mais corriqueiros da casa que também, como é citado na peça, possuía uma encadernadora, ou seja, atendia às diversas demandas relacionadas ao impresso.

Logo, nas três décadas que perpassam esta pesquisa, houve considerável crescimento das atividades ligadas ao livro e ao trabalho tipográfico como um todo. Com relação à impressão livreira, esta já era realizada mesmo que em quantidade ínfima, como foi possível observar com os trechos citados que tratam da impressão de obras nas tipografias sob assinaturas como o caso do Esboço histórico de Theberge ainda nos anos 1860. O decênio seguinte trouxe mais produções, destacando-se também as obras didáticas escritas muitas vezes pelos próprios professores, visto que a produção de manuais para uso escolar era uma grande fonte de trabalho e renda para as impressoras, obras desse tipo passaram a ter respeitável produção.

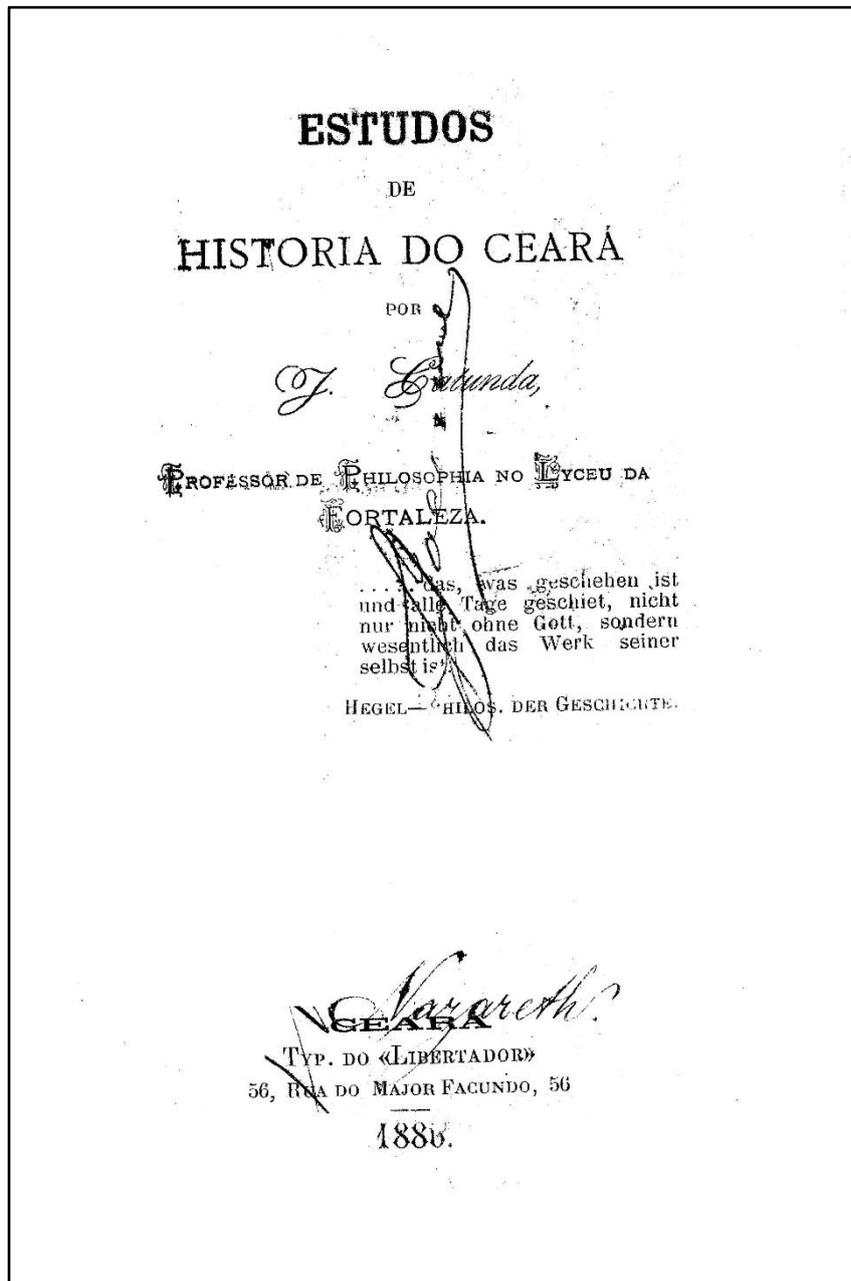
A imagem abaixo traz a folha de rosto da obra escrita por Joaquim Catunda, professor de filosofia do Lyceu, *Estudos de História do Ceará*, saída das oficinas do *Libertador* em 1888. O livro pode ter sido escrito diante da necessidade de uma nova forma de ensinar a história local aos alunos ou apenas pelo desejo do autor de apresentar sua versão dos fatos que marcaram o Ceará desde a colônia.

---

<sup>420</sup> Órgão abolicionista ao qual o jornal estava vinculado.

<sup>421</sup> MEGGS & PURVIS. Op. Cit.

Figura 35: CATUNDA, Joaquim. Estudos de História do Ceará. Fortaleza: Typographia do Libertador, 1888.



Fonte: Acervo do bibliófilo e pesquisador Jorge Brito.

O incremento das atividades letradas na província, particularmente na capital fez também aumentar o número de publicações ligadas à literatura, sejam periódicos voltados para as letras e artes, sejam os livros, que podiam ser obras de autores nacionais ou estrangeiros impressos em parceria com editoras nacionais. Mas começava a se destacar a impressão de livros de autores locais que já procuravam as impressoras da cidade para dar a estampa suas obras, muitas antes apresentadas em formato de folhetim, e nomes consagrados das letras cearenses também tinham seus escritos publicados pelas tipografias de Fortaleza. É o caso de

Juvenal Galeno, cujo livro *Lendas e canções populares* teve nova edição em 1871 saída dos prelos da Econômica e no mesmo ano outra obra sua, *Canções da escola*, foi publicada pela tipografia do Comércio. Em 1888 sai das prensas do Libertador, *História da seca no Ceará*, de Rodolpho Teophilo.

O surgimento das agremiações literárias também influenciou o aumento da produção livreira local, incremento mais visualizado no número de título que nas tiragens, que geralmente eram baixas e algumas tipografias se destacaram na produção das obras de escritores ligados às associações, é o caso da do Libertador e a Universal, que, sobretudo na década de 1890 ( que convém citar, embora esteja fora do recorte deste estudo) publicaram juntas mais de duas dezenas de livros ligados aos grêmios literários, principalmente a Padaria Espiritual e o Centro Literário.

Certamente que algum dos volumes publicados na cidade vieram a estar presentes nas estantes da Biblioteca Episcopal. No levantamento realizado no acervo, foram elencadas duas obras que têm Fortaleza como local de publicação, número que pode ter sido maior, mas convém lembrar que as várias realocações do acervo provocaram a perda ou extravio de vários volumes. A pequena presença de obras produzidas em Fortaleza, mesmo diante do avanço da produção livreira local, é reflexo também da marcante preferência, na montagem do acervo, pelas obras estrangeiras já dotadas dos ideais reformadores que marcavam o modelo de ensino do seminário. Assim, já servidos dos principais meios, uma produção autóctone talvez tivesse pouco a contribuir, possivelmente em casos bem específicos.

Um dos livros de produção local encontrados é o *Sacrificium Laudis. Seu Electi Cantus Sacri. Ad Usus Gymnasiorum, Seminariorum e Scholariorum*, obra voltada para o ensino de canto sacro, composto de várias partituras, lembrando que no curso teológico havia a disciplina de Canto chão. Chama a atenção nesta obra o fato de ser escrita em latim, ter indicado como local de impressão não a cidade, mas a província e o país, “Ceará in Brazilio”, além disso a imprensa traz como editor “Seminarium Episcopale Fortaleza”, sem indicação de tipografia, ou seja, como se o livro tivesse sido impresso no próprio seminário, todavia, não há, nas fontes pesquisadas, qualquer menção ao funcionamento de tipografia no instituto, o que permite supor que o nome do estabelecimento responsável pela impressão foi omitido da imprensa por motivos não conhecidos.

O fato de o latim ter sido o idioma escolhido para a publicação, supõe um desejo de que a obra ultrapassasse os muros do seminário e chegasse a outras instituições do tipo no Brasil e em outros países. Por entender que esse tipo de livro era necessário para a formação sacerdotal

e que provavelmente não houvesse tantos manuais similares, os autores viram a oportunidade de editar uma obra necessária aos seminários.

Figura 36: *Actas e Constituições do Primeiro Synodo Diocesano Fortalexiense*. Fortaleza: Tipografia Econômica, 1888.



Fonte: Fonte: Fundo Antigo da Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa

O segundo volume impresso em Fortaleza e constante do acervo é *Actas e Constituições do Primeiro Synodo Diocesano Fortalexiense*. A obra traz as determinações provenientes da primeira reunião sinodal realizada pelo clero cearense sob o comando do bispo Dom Joaquim José Vieira (1836-1917), que imediatamente sucedeu a Dom Luís assumindo a diocese em

1884. O encontro aconteceu entre 31 de janeiro e 02 de fevereiro de 1888 e reuniu 84 sacerdotes com o intuito de criar uma legislação eclesiástica para a província para que as paróquias tivessem um modelo de administração próprio com características locais e atualizadas, visto que esses assuntos ainda eram embasados nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, de 1707.

A obra foi impressa pela tipografia Econômica que já atuava na cidade há mais de duas décadas. Nota-se na folha de rosto que esta não é de modelo simples, pois apresenta uma borda que circunda o texto e uma cruz no centro, além disso esses elementos estão em vermelho, o que indica o desejo de fornecer um aspecto diferenciado para uma obra de importância, pois seria a partir daquele momento, a norteadora das ações clericais no Ceará e deveria estar presente em todas as paróquias da província, bem como ser objeto de estudo dos seminaristas que iriam atuar nas igrejas cearenses.

O trabalho mais detalhado deste volume data do final da década de 1880, quando a cidade já possuía todo o equipamento para impressões dos mais diversos tipos, no entanto, só a partir da década seguinte e a introdução de novos maquinários, como os linotipos e a montagem de empreendimentos como as litografias e as litotipografias, que passarão a ser vistas com mais frequência impressões em cores com qualidade, sobretudo nos serviços mais específicos com relação às peças publicitárias e um aumento na publicação de livros, bem como a inclusão de exemplares com capas coloridas.

Todavia, mesmo com deficiências comuns a esse tipo de serviço, em uma cidade provinciana de uma nação periférica, a produção de impressos em Fortaleza parecia suprir as demandas por esses produtos que vinham dos mais diversos setores e atividades locais (governo, escolas, comércio etc.). Os serviços tipográficos expandiam sua atuação à medida que as décadas iam avançando na segunda metade dos oitocentos, impulsionados pelas melhorias econômicas e culturais que atingiram algumas camadas da população. Sem dúvida, quando se fala em incremento da produção livreira, se leva em conta que esse tipo de produto chegava a uma pequena parcela dos habitantes que conseguiu ter acesso à alfabetização e em muitos casos por intermédio da escola, de gabinetes de leitura e bibliotecas, devido às poucas possibilidades de comprar livros.

Mesmo com essas restrições, a produção livreira em Fortaleza era uma realidade nos oitocentos e não são poucos os exemplos de obras aqui impressas e de como isso foi importante para o desenvolvimento das letras locais. Além disso, a cidade se achava em contato direto com as grandes praças impressoras e fornecedoras de livros, o que se reflete nos acervos das livrarias

e bibliotecas. O ajuntamento da Biblioteca Episcopal é, portanto, um exemplo de como não era impossível a presença numa diocese de província no nordeste brasileiro no século XIX, de obras das mais relevantes e mais atualizadas no que se refere à doutrina católica e que por certo compunham os acervos de grandes bibliotecas eclesiásticas em outros pontos do Brasil e do mundo.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas de análises acerca do século XIX, bem como sobre qualquer outro período histórico, são inúmeras, diante das transformações ocorridas nas esferas econômica, social e cultural. Aqui o olhar se voltou para os estudos da História do livro, diante do desenvolvimento das atividades que de maneira considerável, expandiram o acesso ao livro nos oitocentos. Observou-se, sobretudo, a relação dos impressos com o processo de reformulação da Igreja Católica que orientou o estabelecimento da diocese do Ceará e a fundação do seminário episcopal em Fortaleza.

Assim, a Biblioteca, equipamento essencial para o projeto de formação de novos padres dentro do contexto reformador, se torna objeto primordial de estudo por englobar as duas perspectivas de análise. Nesse sentido, é estudada com base nos preceitos da própria História do livro, bem como da bibliografia histórica, tendo sempre em mente as características do movimento reformador católico, a também chamada Romanização, que promoveu uma mudança nas relações entre Estados e a Santa Sé, além de combater de forma enérgica o novo ideário científico e filosófico que se expandia rapidamente no Ocidente.

A partir desses aspectos se pautou o exame das obras catalogadas no acervo, que apresentou questões referentes ao ordenamento dos livros, suas formas de aquisição, sua montagem diante das escolhas feitas pelos lazaristas administradores do seminário, aos processos de produção e distribuição das obras, aos meios de salvaguarda do acervo enquanto patrimônio bibliográfico, bem como da relação da cidade de Fortaleza com o sistema livreiro. O levantamento das problemáticas levou a uma investigação das obras e seus conteúdos e mesmo que alguns problemas restem sem solução, a reflexão acerca deles possibilita o surgimento de novas inquições.

Como visto, a fundação do seminário no Ceará estava diretamente ligada ao movimento reformador católico, algo comprovado com a nomeação de D. Luís como bispo. O prelado teve sua formação eclesiástica sob orientação dos religiosos do seminário do Caraça em Minas Gerais, foco do movimento romanizador no Brasil e precisamente por isso, escolheu os padres da Missão, extremamente ligados ao movimento iniciado por Pio IX<sup>422</sup>, para coordenar a instrução no seminário de Fortaleza. Não apenas isso, mas as ações pessoais do bispo, como as

---

<sup>422</sup> OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.40, p. 145-163, dez.2010.

missões pelo interior da província indicavam o desejo de conhecimento do clero e do laicato cearenses para assim, promover as mudanças necessárias para deixar a igreja local em comunhão com o que propunha Roma, no sentido de unificar a fé católica, acabando ou reduzindo ao máximo as práticas populares de culto. Isso passava pela formação de novos padres dentro dos preceitos da reta doutrina e das noções estabelecidas pela *Quanta Cura* e o *Syllabus*<sup>423</sup>.

Além de combater os “grandes erros do século” que se apresentavam como as ideias representadas pelo comunismo, socialismo, evolucionismo, dentre outros, a Igreja tinha que se manter forte diante das ações cada vez mais laicas dos Estados, que no Brasil, se apresentavam nos atos de D. Pedro II que iam de encontro às determinações papais e tornavam desconfortáveis as posições do clero que, embora atrelado (inclusive financeiramente) ao Estado, devia se manter como defensor do pontífice enquanto chefe de uma Igreja universal.

Apesar da existência dos debates acerca da separação entre o poder religioso e o secular, a Igreja ainda era tida como instituição valiosa para a manutenção dos valores morais pautados na fé em Deus, na obediência e na valorização do trabalho, o que mantinha certo controle social num período de expansão da instrução e da chegada de novos ideários. A entrada da capital cearense no sistema de economia-mundo incutiu nas elites locais um desejo de progresso, de fazer circular na cidade os ares de civilização presentes sobretudo, na Europa. Mas esses avanços não podiam sobressair ao modelo de sociedade conservador e era nesse ponto que a Igreja devia agir para equilibrar as forças de progresso e tradição.

Diante disso, o seminário surge como grande força na manutenção da ordem, por trazer um elemento de poder, o bispo, uma diocese, para mais próximo dos sujeitos, tornando a Igreja e o que ela representa algo mais palpável. Ao mesmo tempo, representa mais um avanço social, mais um efeito do progresso que se instala na província, com um verniz de civilização europeia diante da efetiva aproximação com Roma promovida pelo movimento de reforma.

Toda essa engrenagem vai se fazer presente no processo de formação dos novos padres promovido pelos lazaristas, visto que a partir dali os novos curas iriam levar para toda a província e além, os ensinamentos embasados na fé em uma Igreja una da qual o pontífice era infalível e em cujos ensinamentos deviam se pautar a existência dos sujeitos e das mais diversas

---

<sup>423</sup> COSTA FILHO, Luiz Moreira da. *A Inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na Romanização do Ceará (1864 – 1912)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Fortaleza; UFC, 2004.

instituições. Logo, o ensino nos seminários era a base de todo um projeto de fortalecimento da Santa Sé.

Dentro desta perspectiva, a Biblioteca episcopal aparece como elemento agregador de todos esses aspectos. Nas suas estantes se encontravam não só as obras para a formação sacerdotal, mas uma amostra da produção intelectual que representava as tensões filosóficas, religiosas, políticas e mesmo, científicas que estavam presentes na sociedade de então. Portanto, o processo investigativo que teve vez no acervo proporcionou a observação dessa produção e de como a Igreja se utilizava dela.

Em um primeiro momento de análise do rol de livros, apresentou-se a problemática da composição do acervo. Diante da ausência de catálogo e de demais fontes que se referissem a leituras relacionadas ao ajuntamento, restringiu-se a análise às obras catalogadas diante da metodologia de classificação cronológica. Esta, permitiu afirmar que alguns livros estavam, com certeza, compondo o acervo no período de recorte da pesquisa, algo também comprovado pela descrição dos volumes utilizados pelos lentes das disciplinas do curso de preparatórios e pelas notas de posse que asseguram a aquisição e a presença dos volumes ali, no período. As obras mais antigas, certamente constavam do núcleo formador do acervo, diante também das marcas de posse encontradas, provavelmente do bispo D. Luís, o que confirma igualmente terem sido os livros do prelado e dos primeiros padres da Missão a virem para o seminário que compuseram o embrião da Biblioteca.

Outra questão levantada foi a relativa a ordem dos livros na Biblioteca, da ordenação dos saberes. Em vista do aumento da produção livreira nos oitocentos, as bibliotecas tiveram que armazenar cada vez mais volumes e o surgimento de novos temas advindos de estudos realizados nas mais diversas áreas exigiu uma nova forma de organização de conhecimentos<sup>424</sup>. Diante de um acervo montado no século XIX se fez necessário entender como se dava a ordenação dos ajuntamentos bibliográficos no período para se ter uma ideia da forma de organização e catalogação utilizada na Biblioteca episcopal. Um estudo acerca desses métodos ao longo do tempo apontou não uma evolução, mas uma adaptação da metodologia de acordo com as necessidades de cada época e acervo. Diante disso e da observação das obras conjetura-se que o método de catalogação fixa, desenvolvido pelo Museu Britânico e adotado em várias bibliotecas ao redor do mundo era o adotado no acervo em tela e, embora haja método mais

---

<sup>424</sup> BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

abrangente sendo utilizado pelas bibliotecas da contemporaneidade, esse ainda é o sistema utilizado nos setores de guarda de livros antigos, por não exigir movimentação em excesso dos volumes, garantindo sua preservação, o que corrobora a ideia de adaptação do método a necessidade de armazenamento.

Por se tratar de uma instituição voltada para o ensino religioso, a maior parte das obras é constituída por livros contendo a visão católica da religião cristã. No entanto, mesmo esses se subdividem em várias temáticas diferentes, o que fez com que se optasse por elencar rubricas específicas, identificando as diversas categorias de obras religiosas bem como as de caráter secular. Dentre essas foram catalogadas obras didáticas, de literatura, ciência e também enciclopédias e dicionários. Assim, se infere que seguindo a perspectiva de uma educação mais abrangente, para a formação de clérigos com maior erudição, a Biblioteca devia dar subsídios para o desenvolvimento intelectual mais aprofundado dos seminaristas, ao menos para aqueles que assim o desejassem. A rotina de atividades do seminário incluía muitas horas de estudo individual na semana e é possível que dentre os alunos houvesse aqueles que quisessem adquirir conhecimentos além dos repassados nas aulas.

Convém lembrar que nem todos os alunos desejavam a vida sacerdotal e após os preparatórios seguiriam para outras carreiras. Alguns egressos do seminário se destacaram nas áreas nas quais decidiram seguir, como exemplo pode ser citado Capistrano de Abreu, que se tornou um dos maiores estudiosos brasileiros, pode se supor que ele tenha sido um dos estudantes que aproveitava bem as obras a disposição na Biblioteca.

Após a instalação definitiva da Biblioteca e a necessidade de aumento do acervo, mais livros eram adquiridos. A leitura do *Livro de Receitas e Despesas* do seminário fornece indícios de que negociações para compra dos volumes eram realizadas entre a instituição e as livrarias da cidade, mais precisamente a de Joaquim José de Oliveira. Outras fontes, como os livros caixa da importadora Boris Frères permitem inferir que enquanto cliente da casa o seminário encomendava diversas mercadorias e que dentre elas podiam estar os livros vindos diretamente da Europa. A análise das marcas de posse nas obras e o conhecimento acerca das viagens do bispo para Roma, também indicou que as obras poderiam ser compradas pelo prelado no Velho Mundo. Isso se tornou algo bastante comum no século XIX diante do desenvolvimento tecnológico que favoreceu o trânsito de pessoas e mercadorias entre os continentes, ajudando também na difusão de ideias.

A melhoria nos sistemas de transporte também favoreceu a circulação dos impressos. Os editores e os livreiros aproveitaram-se não apenas da extensão da rede ferroviária europeia para ampliar a difusão de seus livros, mas também tiraram partido da

crecente facilidade nos transportes marítimos, que passaram a fazer os trajetos entre a Europa e os outros continentes em tempo cada vez menor<sup>425</sup>.

Assim, o comércio livreiro entre a capital cearense e grandes praças produtoras de impressos, sejam brasileiras, como Recife e Rio de Janeiro, sejam europeias, como Lisboa e Paris já era uma realidade quando da fundação do seminário na década de 1860 e tornou-se mais efetivo nas décadas seguintes. Isso permite a conclusão de que o abastecimento da Biblioteca não ficava prejudicado pela longa distância que a separava dos principais produtores do tipo de obra predominante em seu acervo, quais sejam, as religiosas, escritas sobretudo em latim e francês.

Ao se ter em mente que o seminário estava ligado a uma diocese de fundação recente e por isso e por conta de seu espaço físico não contava com um grande contingente de alunos, subentende-se que a Biblioteca estava adaptada ao seu tamanho e necessidades. Conjetura-se que o acervo episcopal não contasse com números muito expressivos. Convém lembrar que se tratava de uma cidade pequena com um público leitor restrito, logo, a existência de tais instituições com acervos na casa dos 2 ou 3 milhares já era uma marca considerável.

Ter a biblioteca como objeto de estudo parte do princípio de compreendê-la no seu papel de transmitir saberes e isso vai além da “arquitetura do saber”<sup>426</sup> desenhada a partir dos critérios de organização e constituição das coleções, a ação dos leitores é que lhe dá sentido. “A história das bibliotecas, desde as salas de arquivos dos palácios orientais até as bases de dados acessíveis *on line* pela Internet, é também a da metamorfose dos leitores e das leituras, das políticas de domínio e de comunicação da informação.”<sup>427</sup>.

Nesse sentido, se observou o caráter utilitário da Biblioteca, a maneira como as obras foram escolhidas de modo a atender os princípios de renovação propostos pelo clero reformador e servirem de base para a formação religiosa e intelectual dos alunos. Quanto à leitura, cujas “metamorfoses” também são objeto do historiador das bibliotecas, pode ser tratada diante dos tipos de obras dispostas ou por outros documentos que indicassem mais a fundo os hábitos dos leitores, no entanto:

[...]Poucos tem uma riqueza tal que possa fornecer um acesso, mesmo que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura, e um ou outro caso excepcional talvez não seja suficiente para se reconstruírem as dimensões internas dessa vivência. Mas os historiadores do livro já trouxeram à luz grandes quantidades de informações sobre

<sup>425</sup> ABREU, Márcia. A circulação transatlântica de impressos. A globalização da cultura no século XIX. In: *Livro – Revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. N. 1. São Paulo: Ateliê Editorial., 2011. p. 117

<sup>426</sup> JACOB Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

<sup>427</sup> Idem, *ibidem*. p. 11.

a história externa da leitura. Tendo-a estudado como um fenômeno social, eles podem responder a muitas perguntas sobre “quem”, “o quê”, “onde” e “quando”, o que pode ser de grande auxílio para tratar as perguntas mais difíceis sobre os “comos” e os “porquês”.<sup>428</sup>

Assim, mesmo diante das possibilidades de estudos acerca da leitura na Biblioteca, a resposta para os “comos” e porquês” continua incógnita, pelo desconhecimento até o momento de documentação que permita um aprofundamento no tema e por extravasar os limites estabelecidos para a pesquisa. Todavia, foi possível fornecer soluções para os demais questionamentos, dando maior enfoque ao “o quê”. Que tipo de obra estava disponível para os estudantes? Como se encaixavam no modelo de ensino proposto pelos lazaristas no contexto da reforma católica? Que obras seculares estavam presentes e o que as fez serem adicionadas ao acervo?

A partir da análise do conteúdo presente nos textos das obras católicas que não se relacionavam diretamente com o estudo religioso (composto basicamente de Teologia, Direito Canônico, História Eclesiástica etc.) foi possível identificar um discurso alinhado com o movimento de combate as novas ideias que se alastravam pelo Ocidente, como cientificismo, socialismo e comunismo, e uma exaltação à doutrina do *Syllabus* entendida como grande arma da Igreja e de seus fiéis para a garantia da manutenção da fé e da moral diante do progresso que se irradiava. A Biblioteca, portanto, cumpria o papel de transferir cultura, no caso, uma cultura católica reformadora e combativa, era essa sua função por excelência, sobretudo no período em questão como aponta Frédéric Barbier:

O papel das bibliotecas nos procedimentos de transferência é ainda maior porque estamos, até o século XIX, numa lógica em que o principal meio de comunicação da cultura é, no Ocidente, o do livro, termo que entendemos aqui no sentido mais amplo (livro manuscrito ou impresso, mas também peça, periódico etc.), mas em que este permanece por muito tempo relativamente raro. A função da biblioteca, esse local em que os livros estão disponíveis, é desde então estratégica em se tratando de transferência e de apropriação.<sup>429</sup>

Logo, a Biblioteca era o principal veículo para o transporte dos ideais católicos e de disseminação de seus discursos que, ao mesmo tempo que se posicionavam contrários à ciência, utilizavam as descobertas mais recentes para corroborar suas visões ou comprovar aspectos bíblicos. A partir de observações de obras como *Le Darwinisme et l'origine de l'homme*, *La Bible et les decouvertes Modernes em Égypte et em Assyrie* e *La Raison Phiosophique et la Raison Catholique*, dentre outras, foi possível concluir que a Igreja aceitava e mesmo

<sup>428</sup> DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 171.

<sup>429</sup> BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo: Edusp, 2018a. p.19.

incentivava a produção de obras que se apropriavam de discursos científicos e filosóficos e os transformavam adaptando-os ao que era aceito pelo pensamento católico. Eram livros que representavam bem a ideia de que o livro não existe apenas em si mesmo, mas que está atrelado a outros livros dentro de um sistema, que é produzido dentro de um campo de discursos.<sup>430</sup>

Se, por um lado, a aceitação e a incorporação dessas obras davam para a Igreja uma imagem de modernização diante do processo de fortalecimento da Santa Sé, por outro, há a garantia da perpetuação dos dogmas com a manutenção do uso de obras consideradas cânones no ensino religioso, nas áreas de Teologia moral, Exegética, Direito Canônico, inclusive com a utilização de autores editados desde os setecentos.

Essas posições também são visualizadas nas obras de História presentes no acervo. Enquanto livros como os de Chantrel, autor católico, se embasam nas novas descobertas para reafirmar uma narrativa histórica pautada em fatos religiosos, onde a história do homem começa com a criação de Adão e o direito divino dos reis ainda é posto como legítimo, livros como o de Thiers ou o do brasileiro J. M. Pereira da Silva, buscam apresentar as mais novas metodologias para o fazer histórico da época, com base na análise mais fiel dos documentos e a total imparcialidade do historiador que se embasa no método científico para construir sua narrativa. No caso brasileiro, essa estava concentrada no estabelecimento de uma história pátria enaltecida da grandiosidade da nação e dos grandes homens cujos feitos ajudaram a forjar o Brasil e manter sua unidade nacional, o que se reflete também na existência de um culto oficial, o que colocava a Igreja como instituição que, além do Império, mantinha a união da nação em torno de uma fé.

Portanto, se pode afirmar que as obras, sejam seculares ou religiosas estavam ali dispostas tanto para garantir a manutenção de uma tradição de estudos católicos e laicos, quanto para apresentar novos debates que se expandiam pelo mundo e que era necessário conhecer para que melhor se combatesse ou se pudesse adaptar ao pensamento católico.

A riqueza do acervo não se reflete apenas nos textos e nas ideias escritas nos livros, os próprios volumes na condição de objetos se apresentam como fontes inestimáveis para a História do livro. À vista disso, a análise dos exemplares se deu com o auxílio da bibliografia histórica e analítica que compreendem o texto como estando sempre inscrito em uma materialidade. Seguindo a linha de estudos de Donald McKenzie, compreende-se que os processos de produção do livro se ligam diretamente ao modo como o leitor vai se relacionar

---

<sup>430</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

com o texto. Segundo Chartier, essa nova visão da bibliografia ajuda a compreender a relação entre forma e sentido, destacando-se no estudo das práticas simbólicas<sup>431</sup>. Entende-se, então a importância da prática da interdisciplinaridade para os estudos referentes ao livro e à leitura, não só a bibliografia, mas a sociologia do livro, que auxiliam de veras na compreensão desse objeto também na sua dimensão sócio cultural<sup>432</sup>.

A análise das obras levando em consideração sua materialidade promoveu também o encontro interdisciplinar com o design gráfico e editorial, cuja história não se separa da do livro e que é outro campo de estudos que se apresenta diante da observação do acervo. As mudanças visualizadas nas características editoriais dos volumes permitiram acompanhar a evolução dos processos de produção livreira desde questões relacionadas aos materiais para a confecção das obras, como o tipo de papel e a matéria-prima para a confecção das capas, passando pelos processos de impressão tanto dos textos como das imagens, até a composição do texto na página.

As obras consideradas raras, no sentido técnico do termo, os cimélios, forneceram informações não apenas sobre os avanços das técnicas de impressão, mas acerca dos meios de composição do acervo, por se acreditar terem pertencido ao primeiro bispo e a outros padres que as colocaram à disposição dos alunos, fazendo-as compor o núcleo formador da Biblioteca.

Essas obras, além de fontes inestimáveis para a História do livro constituem um patrimônio bibliográfico para o Estado do Ceará e ainda necessitam de estudos mais aprofundados sobre sua origem e constituição, além de necessitarem serem alvo de uma política de conservação que garanta não só sua sobrevivência no acervo, mas a possibilidade de virem a ser apresentadas ao público, diante da importância histórica.

O estudo do acervo igualmente indicou a existência, em torno do livro católico, de um vultoso sistema de produção e de distribuição deste produto. O exame das obras permitiu identificar editores e livreiros voltados para o trabalho com a Igreja, bem como outros que tinham no leitor católico um nicho potente de negócios.

A cidade de Fortaleza também se incluía nesse circuito de distribuição e consumo desse tipo de livro, não apenas no atendimento das demandas do seminário e sua Livraria, mas para

---

<sup>431</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

<sup>432</sup> MARTIN, Olivier. Le livre, les livres, dans la Maison. Por une sociologie de l'objet livre. In: DESEJEUX, Dominique e GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle (org.). *Objet banal, objet social*. Les objets quotidiens comme révélateurs des relations sociales. Paris: Éditions L'Harmattan, 1999.

levar ao laicato as obras de devoção e de estudos teológicos que se voltavam para esse público não especializado, sendo os volumes de cunho religioso alguns dos mais divulgados pelos estabelecimentos comerciais especializados ou não na venda de livros, como mostrado no exame dos anúncios na imprensa local. Essa grande presença do volume católico na cidade permite inferir que era grande o público para esse tipo de obra o que gerou um aumento da prática da leitura doméstica. Ao mesmo tempo que dá a conhecer um novo comportamento do fiel, pois a leitura vai possibilitar uma nova relação com a religião, uma que não dependa exclusivamente da intermediação do padre para se ter acesso à Palavra.

Distribuição, consumo e produção. A Igreja cearense também se utilizava das tipografias locais para a produção de seus impressos, incluindo entre eles os livros, dos quais os exemplares foram encontrados não só na Biblioteca em estudo, mas como componentes de outros acervos existentes na cidade<sup>433</sup>. Esse uso por parte da instituição religiosa e de outras, como o governo provincial, além dos trabalhos realizados para particulares em quantidade crescente, incluindo aí não só livros, como também peças publicitárias, demonstra que a produção de impressos local evoluiu em tamanho e técnica de forma mais contundente no período abarcado por essa pesquisa.

Conclui-se, portanto, que a Biblioteca episcopal se tratava não só de um ajuntamento de livros, mas era fruto de um pensamento religioso que buscava se expandir e solidificar no seio da sociedade cearense e que essas intenções estavam refletidas nas obras encontradas em seu acervo, logo deve ser compreendida diante da relação deste com as ideias presentes no período, de como eram combatidas ou incorporadas.

Além da perspectiva religiosa, no que compete à História do livro e da leitura, pode-se dizer que a Biblioteca do seminário era, no período recortado para exame, um repositório de saberes vários e a riqueza de seu rol de livros confirma que a província do Ceará era possuidora de um acervo bibliográfico em consonância com os demais de seu gênero e contava com obras representativas da evolução vista no período, das artes do livro e da impressão, o que fazia com que a capital estivesse interligada ao restante do mundo não só comercialmente, mas também

---

<sup>433</sup> Como exemplo pode ser citada a obra *Actas e Constituições do Primeiro Synodo Diocesano Fortalexiense*, que compunha também o acervo da Biblioteca da Phenix Caixeiral, organização dos trabalhadores do comércio de Fortaleza. A biblioteca da citada instituição foi objeto de um estudo que deu origem a um livro de autoria desta pesquisadora e da professora Adelaide Gonçalves, intitulado *Phenix Caixeiral: história de uma biblioteca*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2021. Como se tratava de uma obra de cunho regulador, supõe-se que fizesse parte de acervos outros, não só na capital, mas nas cidades do interior da província e, posteriormente, Estado do Ceará.

de forma cultural e religiosa no que se refere às ações de cunho educacional e missionário da Igreja Católica.

Após uma investigação que apresentou muitas suposições, algumas certezas e deixou ainda vários questionamentos e reflexões, se pode afirmar que não se esgotaram de forma alguma as possibilidades de estudo no acervo da Biblioteca do seminário da Prainha e que investigações futuras virão a solucionar muitos dos problemas considerados até agora sem respostas.

Assim, se faz necessária a reflexão acerca da importância da guarda e manutenção dos fundos históricos das bibliotecas cearenses, sobretudo nesse momento no qual se volta cada vez mais para a forma digital de leitura e muitos acervos são digitalizados e desfalcados de obras em papel. O objetivo de salvar os textos de forma virtual e assegurar um acesso maior a eles é, de fato, louvável, mas não diminui a preocupação com o desaparecimento de parte da história tipográfica do planeta ainda existente em papel. Nesse sentido, faz-se reverberar o pedido de Robert Darnton: “protejam a biblioteca”, ao qual o autor prossegue:

[...]Reforcem suas salas de leitura. Mas não pensem na biblioteca como um depósito ou um museu. Ao mesmo tempo que oferecem livros, a maioria das bibliotecas de pesquisa operam como centros nervosos de transmissão de impulsos eletrônicos. [...] Muitas delas estão compartilhando sua riqueza intelectual como o resto do mundo ao permitir que o Google digitalize seus acervos de impressos. Assim sendo, digo também: vida longa ao Google, mas não esperemos que ele viva o bastante para substituir aquele venerável edifício com colunas coríntias. Como cidadela do saber e plataforma para aventuras na internet, a biblioteca de pesquisa ainda merece estar no centro do campus, preservando o passado e acumulando energia para o futuro.<sup>434</sup>

O debate sobre “o fim do livro” já vem de longo tempo e não apresenta sinais que vai desvanecer. Muitos decretam sua morte definitiva, outros (como a pesquisadora que aqui escreve), apostam que a obsolescência cada vez mais programada dos suportes digitais garantirá *ad aeternum* a existência do livro em papel e com ele a das bibliotecas que os guardam.

A profusão de trabalhos no campo da História do livro demonstra que ele continua tão presente quanto sempre esteve e sua importância artística, cultural, social e econômica ainda se faz sentir na contemporaneidade. Isto é, nas palavras de Arthur Anselmo: “[...]resposta vitoriosa do livro a quantos lhe prenunciam a morte próxima ou já lhe rezam pela alma”<sup>435</sup>.



<sup>434</sup> DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 59

<sup>435</sup> ANSELMO, Artur. Fronteiras da História do livro. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n* 9, Lisboa: Edições Colibri, 1996, pp. 79-82. p. 79

## FONTES CONSULTADAS

### **\*Seminário Episcopal de Fortaleza**

#### ***Biblioteca Pe. Luís Magalhães Uchoa***

- Obras do fundo antigo do acervo com data de publicação até 1889.

-*Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará.* – Fortaleza, 1914

#### ***Setor de História Eclesiástica***

-*Livro do Conselho do Seminário Provincial de Fortaleza (1864-1935)* SEF/SHE.

-*Livro de Receitas e Despesa do Seminário (1864-1886)* SEF/SHE.

-*Carta circular de D. Luis ao Vigário da Freguesia em 26 de outubro de 1874.* SEF/SHE  
Ofícios Diversos, 1874.

### **\*Arquivo Público do Estado do Ceará**

-*Ofício do Bispo do Pará sobre envio do livro Resumo de História Bíblica.* APEC. Fundo Palácio Episcopal. Cx 02. Pcte. 26

-*Ofício de D. Luís ao presidente Homem de Mello acusando o recebimento da Carta Topográfica da Província.* APEC. Fundo Palácio Episcopal. Cx 01. Pcte. 27.

-*Ofício enviado por D. Luís ao presidente da província, Lafayette Rodrigues Pereira.* Arquivo Público do Estado do Ceará. APEC. Fundo Palácio Episcopal/Bispado Cearense, Cx. 01, pacotilha 27. 1865.

-*Livro Caixa 1884-1886.* APEC - Arquivo intermediário. Fundo Boris Fréres.

-*Livro de faturas – 1876-1878.* APEC- Arquivo intermediário. Fundo Boris Fréres.

### **\*Fundação Biblioteca Nacional**

-SANTOS. Luiz Antônio dos. *Carta Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo da Fortaleza saudando e dirigindo algumas exortações aos seus diocesanos.* Mariana: Typ. De Julio José Maria Justino, 1861. Acervo de Obras Gerais da Biblioteca Nacional (v. 253, 5, 3 n. 48)

-NORRIS, Doroty may. *A history of cataloguing and cataloguing methods, 1100-1850*. Lodres; Grafton, 1939. p. vii. Setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

**\*Real Gabinete Português de Leitura**

-CONSTANTIN, L. A. *Nuevo manual completo para el arreglo, la conservacion y la administracion de las bibliotecas*. Madrid: Imprenta de las escuelas pias, 1865. p. 29.

-DEPARTMENT OF THE INTERIOR, BUREAU OF EDUCATION. *Public Libraries in the United States*. Their History, condition and management. Part 1. Washington: Government Printing Office, 1876. p. 490. (Ref. 42 k 22)

**\*Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.**

- *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o anno de 1873*. Fortaleza: João Baptista Pereira, Edictor, 1873.

- *A Gazeta Oficial*. Fortaleza, 12/12/1864.

- *Libertador*. Fortaleza: abril, 1884.

- *Libertador*. Fortaleza: outubro, 1886

- *Libertador*. Fortaleza: julho, 1883.

- *O Cearense*. Fortaleza, 09/07/1869.

- *O Cearense*. Fortaleza. 8/1/1864.

- *O Cearense*. 03/05/1868.

- *O Typographo*. Fortaleza, 01/03/1866.

- *Pedro II*. Fortaleza, 26/09/1861.

- *Tribuna Cathólica*. Fortaleza, 1867.

**\*Acervo do bibliófilo e pesquisador Jorge Brito**

-Imagens de obras publicadas em Fortaleza durante as décadas de 1860, 1870 e 1880.

**\*Em meio eletrônico**

-Arquidiocese de Fortaleza, disponível em: <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/wp-content/uploads/2011/02/PADRES-NOMES-ORDENA%C3%87%C3%83ONASCIMENTO-ORIGEM.pdf>.

-Biblioteca Nacional da França, disponível em: [https://data.bnf.fr/fr/15957500/antoine-jean-baptiste-joseph-vincent\\_poussielgue-rusand/](https://data.bnf.fr/fr/15957500/antoine-jean-baptiste-joseph-vincent_poussielgue-rusand/).

-Coleções do Museu Britânico, disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG76661>

-*CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO*. Promulgado por SS o Papa João Paulo II. Versão Portuguesa. Conferência Episcopal Portuguesa. Lisboa, 1983. p. 220. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acesso em 11/04/2020.

-*Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja*. Perfil. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_commissions/pcchc/documents/rc\\_com\\_pcchc\\_pro\\_20051996\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documents/rc_com_pcchc_pro_20051996_sp.html). Acesso em 11/04/2020.

-*Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja*. Bibliotecas Eclesiásticas na Missão da Igreja. Tópico 1.3. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_commissions/pcchc/documents/rc\\_com\\_pcchc\\_19940319\\_biblioteche-ecclesiastiche\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documents/rc_com_pcchc_19940319_biblioteche-ecclesiastiche_en.html). Acesso em 09/04/2020.

-*"Concílio Vaticano I"* Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilio/vaticano1/> Acesso em 16/11/2018

-*CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS*. Disponível em [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cevang/documents/rc\\_con\\_cevang\\_20100524\\_profile\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/documents/rc_con_cevang_20100524_profile_po.html). Acesso em 08/10/21.

-*Constituição Política do Império do Brazil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25.03.1824*. Disponível em [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em 14/11/2018.

-*Dicionário biobibliográfico português*. T. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5430>.

- Encíclica *Quanta Cura*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/documentos/quantacura.html>. Acesso em: 16/11/2018
- Enciclopédia católica popular*. Disponível em [http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id\\_entrada=219](http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=219) . Acesso em 08/06/2021.
- Epístola Encíclica *Aeterni Patris* del sumo pontífice *León XIII* sobre la restauración de la filosofía Cristiana conforme a la doctrina de Santo Tomás de Aquino. Roma, 1879. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_04081879\\_aeterni-patris.html](http://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_04081879_aeterni-patris.html). Acesso em 12/05/2021.
- *REGRA DE SÃO BENTO*. Capítulo 48. Do trabalho manual cotidiano. Disponível em: <http://beneditinos.org.br/2012/02/regra-de-sao-bento/#48>. Acesso em 13/02/2020.
- Relatório do presidente Dr. Lafayette Rodrigues Pereira à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará em 1º de outubro de 1864*.p. 15. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/166/items>. Acesso em 04.04.2020.
- Relatório do presidente Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará em 1º de julho de 1866*. p. 28 Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/166/items>. Acesso em 04.04.2020.
- "Syllabus"*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/>. Acesso em 16/11/2018
- *Virtual International Authority File (VIAF)*. Acesso às biografias e bibliografias de autores.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. A circulação transatlântica de impressos. A globalização da cultura no século XIX. *In: Livro – Revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. n. 1. São Paulo: Ateliê Editorial., 2011. p. 117.
- ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Direito Civil Ecclesiástico Brasileiro Antigo e Moderno em suas relações com o Direito Canônico*. T II. Rio de Janeiro B. L. Garnier, 1862.
- ANDRADE, Francisco Alves de. O Seminário de Fortaleza e a cultura cearense. *Separata da Revista do Instituto do Ceará*, 1965. Tomo LXXIX - Ano LXXIX. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1967.
- ANSELMO, Artur. Fronteiras da História do livro. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n° 9, Lisboa: Edições Colibri, 1996, pp. 79-82.
- AQUINO, Santo Tomás de. *Suma de Teología*. Cuarta edición (reimpresión). Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2001
- ARNS, Paulo Evaristo. *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. 2ª. ed. rev. e amp. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ARAÚJO, André. *Dos livros e da leitura no Claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para o estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVII)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- ARAUJO, Ariane Bastos Gonçalves de. *“O Gladiador do Pensamento e a Palavra-ação”*: a Acrópole Ideal nos escritos de Raimundo Antonio da Rocha Lima (1874-1878). 2013. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) — Centro de Humanidades, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013.
- ÀRIES, Philippe. *O tempo da história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989
- AZZI, Riolando. *A crise da cristandade e o projeto liberal*. São Paulo: Edições paulinas, 1991. (História do Pensamento Católico no Brasil; v. 2.)
- AZZI, Riolando. *O Altar unido ao Trono: Um projeto conservador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (História do Pensamento Católico no Brasil; v. 3).
- . *O Estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994. (História do Pensamento católico no Brasil; v. 4)
- BAEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006
- BARATIN, Marc e JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo: Edusp, 2018a
- BARBIER, Frédéric. *A Europa de Gutemberg: O livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI)*. São Paulo: Edusp, 2018b.
- BARBIER, Frédéric. Le commerce international de la librairie française au XIXe siècle (1815-1913). *In: Revue d'histoire moderne et contemporaine*. Paris. tome 28 N°1, Janvier-mars 1981. Livre, éducation, savoirs, XVIIe-XXe siècles. pp. 94-117. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rhmc\\_0048-8003\\_1981\\_num\\_28\\_1\\_1128](https://www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1981_num_28_1_1128).

- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. T. I. - Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.
- BATISTA, Gustavo Araújo. Francis Bacon: para uma educação científica. *Revista Teias*. Rio de Janeiro. v. 11. n. 23. p. 163-184. set./dez. 2010. p. 174-175.
- BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. - Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. *Critérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI*. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <http://arquivo.bn.br/planor/documentos/criterioraridadediioraplanor.pdf>. Acesso em 13/04/2020
- BIHLMMEIYER, Karl; TEUCHLE, Herman. *História da Igreja*. v. 3. Idade Moderna. - São Paulo: Edições Paulinas, 1964
- BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In: *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. -14ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRAGA JÚNIOR, Walter de Carvalho. *Mulheres criminosas: transgressão, violência e repressão na Fortaleza do século XIX*. 2018. Tese (Doutorado em História)— Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- BRAGANÇA, Aníbal. A transmissão do saber, a educação e a edição de livros escolares. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. S. Paulo: Annablume, 2006.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Revisão de Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.
- BRITO, Jorge. *Diário do Governo do Ceará: origens da imprensa e da tipografia cearenses*. Fortaleza: Secretaria da Cultura/ Museu do Ceará, 2006.
- BURKE, Peter. *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- CABRAL, Maria Luísa Rosendo. “*Patrimônio Bibliográfico e Bibliotecas na construção da Identidade Coletiva*. Entre um conceito e o seu desenvolvimento, 1750 -1800”. 2013. Tese (Doutorado em História Moderna). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2 vols. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2013.
- CÂMARA, Fernando. Dom Luís Antônio dos Santos – O apóstolo do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1981.

- CAMPOS, Fernanda Maria Alves da Silva Guedes de. *Bibliotecas de História: aspectos da posse e uso dos livros em instituições religiosas de Lisboa nos finais do século XVIII*. 2013. Tese (Doutorado em História) — Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013
- CÂNFORA, Luciano. As bibliotecas antigas e a história dos textos. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000
- CARDOSO, Gleudson Passos. “*Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos*”. Produção Literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. 2009. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2009.
- CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult, 2006. (Coleção Outras Histórias).
- CARDOSO, Rafael. O design gráfico e sua história. *Revista artes visuais, cultura e criação*. Rio de Janeiro: Senac, 2008
- CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem - Teatro de Sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Liberal de. Cartografia cearense no Arquivo Histórico do Exército. In.: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1997.
- CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yeda Linhares. – 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000.
- COSTA FILHO, Luiz Moreira da. *A Inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na Romanização do Ceará (1864 – 1912)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social). Fortaleza; UFC, 2004.
- DANIEL-ROPS. Henri. *A Igreja da Renascença e da Reforma*. v. II. A reforma católica. São Paulo: Quadrante, 1999.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- DARNTON, Robert. Reading, writing, and publishing in eighteenth century France: A case study in the sociology of literature. *Daedalus*. London. 100(1): 214-256. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:340304>. Acesso em: 10/03/2020
- DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 2003.
- DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011.
- DEAECTO, Marisa Midori. Anatole Louis Garraux e o comércio da livraria francesa em São Paulo (1860-1890). *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Rio de Janeiro. Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.
- DE LUCA, Tânia Regina; GRANJA, Lúcia. *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.
- DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores e além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, Marcia, BRAGANÇA, Aníbal. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010.
- DUTRA, Eliana de Freitas. Revistas de cultura no Brasil do oitocentos: trânsitos e apropriações. O caso da Revue des deux Mondes e da Revista Brasileira. In: GRANJA, Lúcia e LUCA, Tânia Regina de (org). *Suportes e Mediadores: a circulação transatlântica dos impressos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.
- EISENTEIN, Elizabeth. *A revolução da cultura impressa. Os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.
- EL FAR, Alessandra. A disseminação do livro popular nas últimas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma, proprietário da livraria do povo. *Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004
- ELLIS, Myriam [et.al.]. *O Brasil Monárquico*, v. 4: declínio e queda do império. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (História geral da civilização brasileira; t. 2; v. 4)
- ESCARPIT, Robert. *The book Revolution*. London, Toronto, Wellington, Sydney: George G. Harrap & Co. LTDA; Paris: Unesco, 1966. p. 23
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Ed. USP, 2008.
- FAUSTO, Bóris. *História Concisa do Brasil*. 3. ed. atual. e ampl., São Paulo: Edusp, 2018.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Edusp, 2017
- FILHO, João Batista de Andrade. *Padres Lazaristas no Ceará e a formação Educacional Confessional: Seminários e Colégios (1864 - 1914)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- FRENKEN, Geraldo. *Em Missão*. Padres da Congregação da Missão (Lazaristas), no Nordeste e Norte do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2010
- FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na livraria do Cônego*. São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/ Itatiaia, 1981.

- GARCÍA AGUILAR, Idalia. *Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo*. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011.
- GÉRSON, Brasil. *O Regalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: BNB, 1979.
- GONÇALVES, Adelaide. As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil. In.: *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*. Porto. n.º 2 (2004). Disponível em <http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>
- GONÇALVES, Adelaide. *A imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001
- GONÇALVES, Adelaide e BRUNO, Allyson (orgs). *O Trabalhador Graphico*. Fortaleza: Editora UFC, 2000.
- GRAEFF, Frederico G. Neurociência e psiquiatria. In.: *Psicol. clin.* vol.18 no.1 Rio de Janeiro, 2006. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010356652006000100003&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652006000100003&lang=pt). Acesso em 29/04/2021
- GRAFTON, Anthony. Como criar uma biblioteca humanista. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- GUEDES, Fernando. *O livro e a leitura em Portugal*. Subsídios para sua história. Séculos XVII e XIX. Lisboa e São Paulo: Editorial Verbo, 1987.
- HANSEN, João Adolfo. *O que é um livro?* Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. (Coleção Bibliofilia. v. 1).
- HAUK, João Fagundes [et. al.]. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBBSAWN, Eric. *A era do capital (1848-1875)*. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HOORNAERT, Eduardo. *O Cristianismo moreno no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia*. – Reimpressão fac-similar. São Paulo: HUCITEC; Instituto Nacional do Livro, 1983.
- JACOB Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- JARAMILLO, Orlanda; MARÍN-AGUDELO, Sebastián-Alejandro. Patrimonio bibliográfico en la biblioteca pública: memorias locales e identidades nacionales. *El profesional de la información*, Barcelona, v. 23, n. 4, p. 425-432, Julio/Agosto 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/275989091\\_Patrimonio\\_bibliografico\\_en\\_la\\_biblioteca\\_publica\\_memorias\\_locales\\_e\\_identidades\\_nacionales](https://www.researchgate.net/publication/275989091_Patrimonio_bibliografico_en_la_biblioteca_publica_memorias_locales_e_identidades_nacionales). Acesso em 10/04/2020.

- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva*. Fortaleza: EdUECE, 2014.
- JULIA, Dominique. Leituras e Contrarreforma. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (org.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- KEMMLER, Rolf. Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latinoportuguesa nos séculos XV a XIX. In: *VEREDAS 19*. Santiago de Compostela, 2013. pp. 145-176. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34567/1/Veredas19\\_artigo9.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34567/1/Veredas19_artigo9.pdf?ln=pt-pt).
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC- Rio, 2006.
- LATOURE, Bruno: Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN e JACOB (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000
- LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LE GOFF. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. v. II
- LEITE, Serafim. *Páginas de História do Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife: Companhia Editora Nacional, 1937
- LIBANIO, J. B. e MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. São Paulo: Edições Loyola, 1996
- LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *Cultura letrada e caminhos da memória: intelectuais, leitura, imprensa e memória na zona norte do Ceará (1870-1890, 1907-1932, 1984-2003)*. 2018. Tese (Doutorado em História) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- LIMA, Rafaela Gomes. *Os Livros na Fortaleza Oitocentista: Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2014.
- LUSTOSA, Oscar F. Reformistas na Igreja do Brasil – Império, São Paulo, Boletim nº 17, 1977. Apud: OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n.40, p. 145-163, dez.2010. p. 148
- LÖWY, Michael. Marxismo e religião: ópio do povo? In: LÖWY, Michael e BENSÄID, Daniel. *Centelhas: marxismo e revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- MADALENO, Aurora Martins. Introdução ao estudo das leis canônicas. In.: *Gaudium Sciendi*, n.4, julho, 2013.
- MARTIN, Olivier. Le livre, les livres, dans la Maison. Por une sociologie de l'objet livre. In: DESEJEUX, Dominique e GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle (org.). *Objet banal, objet social*. Les objets quotidiens comme révélateurs des relations sociales. Paris: Editions L'Harmattan, 1999.

- MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura: Cidades, Livros e Leituras na Província Paulista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos da presença da Igreja Católica no Brasil*. 2. ed.- São Paulo: Paulinas, 2010.
- McKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: Edusp, 2018.
- McKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. In: BARATIN e JACOB. (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000
- McMURTRIE, Douglas C. *O livro: impressão e fabrico*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.
- MEGGS, Phillip B. e PURVIS, Alston W. *História do design gráfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MEGILL, Allan. Introdução. In: MALERBA, Jurandir. (org). *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.
- MELLO, José Barbosa. *Síntese histórica do livro*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1972.
- MILANESI, Luis. *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Ensaio sobre História Cultural. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2008.
- MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.
- MONTEIRO, Nívia Marques. *Joaquim Catunda e a recepção o debate evolutivo na segunda metade do século XIX*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Integralismo e Catolicismo. In: SOUZA, Simone. *História do Ceará*. Fortaleza, UFC: 1989
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.
- MORAIS, Cleidiane da Silva. *De antídoto da desordem a obstáculo do progresso: Ensino moral e religioso na instrução pública primária do Ceará imperial (1874-1890)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. In: *Revista Brasileira de História*. v. 13, nº 25/26. São Paulo, set. 92/ago. 93. pp. 143-162
- OLIVEIRA, Alex da Silveira de. A construção do monasticismo institucional visigótico no século VII. In.: *Brathair* 15 (2), 2015. p. 32-48. Disponível em <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>. Acesso em: 30/01/2020.
- OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder*. O pensamento social cearense no final do século XIX. 1998. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP, 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas. n.40, p. 145-163, dez.2010.

PEDRAZA GRACIA, Manuel José. Algunas reflexiones sobre bibliotecas históricas o patrimoniales: nuevo paradigma entre los centros y servicios de información. *Investigación bibliotecológica*, México, v. 28, n. 64, p. 33-50, sept./dic. 2014. p. 34.

*Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.

PIO IX. *Sobre os erros contemporâneos e o modo de os combater*. (*Qui Pluribus*). 2. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Vozes, 1952 (Documentos Pontifícios-35).

PINHEIRO, Ana Virginia. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. In: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 1., 2012, Rio de Janeiro; ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO, 3., 2012, Rio de Janeiro. *Trabalhos apresentados*. Rio de Janeiro: BN, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/109278012/Catalogacao-de-livros-raros-proposta-de-metodologia-de-formalizacao-de-notas-especiais-para-difusao-recuperacao-e-salvaguarda>.

PINHEIRO, Ana Virginia. (org). *Livros raros de biblioteconomia: a memória científica da Biblioteca Nacional brasileira*. Catálogo. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

PINHEIRO, Francisco José. O Processo de Romanização no Ceará. SOUZA, Simone (coord.) *História da Ceará*. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX*. Dissertação 2014. (Mestrado em História Social) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

PINTO, Jefferson de Almeida. Os lazaristas e a política imperial – a escola, a assistência e a família. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 153-175, jan./jun. 2016.

POLASTRON, Lucien X. *Livros em chamas: a história da destruição sem fim das bibliotecas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2013.

RÉMOND, René. *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 2010.

REIS, Edilberto Cavalcante. Visitas e Cartas Pastorais: A Construção de Um Projeto Eclesial. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões teórico metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.

REIS, José Carlos. *A história, entre a filosofia e a ciência*. São Paulo, Ática, 1996.

REVEL, Jacques. Entre dois mundos: a biblioteca de Gabriel Naudé. In: BARATIN e JACOB. (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000

RICHÉ, Pierre. *As bibliotecas e a formação da cultura medieval*. In: BARATIN e JACOB. (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000

RODRIGUES, Marcia Carvalho. *Bibliotecas nacionais e a preservação do patrimônio documental bibliográfico no âmbito dos países do Mercosul: estudos sobre o depósito legal no Brasil e na Argentina*. 2016. Tese (Doutorado em Memória social e Patrimônio Cultural) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sobre a bibliologia entre peignot, otlet e estivals: vertentes de um longo discurso “metaepistemológico” da organização dos saberes *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v.25, n.2, p. 75-88, maio/ago. 2015

- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. In: *Temporalidades* - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG. Belo Horizonte. vol. 2, n.º 2, Agosto /Dezembro de 2010. Disponível em: [www.fafich.ufmg.br/temporalidades](http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades)
- SANTOS, Ana Paula Lima dos. e RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jul./dez. 2013.
- SANTOS, Renata Ferreira dos. *A proteção do patrimônio bibliográfico no Brasil: um estudo de caso em cidade histórica*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. *Jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*. 1999. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1970-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Saulo Henrique Souza. História sagrada e absolutismo monárquico em Robert Filmer e Jacques Bossuet. In: *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea* – Salerno. Volume III, nº 1-2, 2015.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Pernambuco e a cultura da ilustração*. Recife. Editora Universitária da UFPE, 2013.
- SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- SORDET, Yann. *Da Argila à Nuvem: Uma História dos Catálogos de Livros (II Milênio – Século XXI)*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. (Coleção Bibliofilia; V. 2).
- STUDART, Guilherme (Barão de). Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1898.
- TABOADA, H. G. H. The história universal de Cesare Cantú na América Latina. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 341–374, 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1534>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- TAKEYA, Denise Monteiro: *Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro*. Natal: UFRN. Editora Universitária, 1995
- TEODORO, Leandro Alves. *A escrita do passado entre monges e leigos: Portugal – séculos XIV e XV*. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 28.
- TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. (ed. Fac-similar). Fortaleza: NUDOC. UFC. Museu do Ceará, Arquivo Público do Estado do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- THOMPSON, James. *A history of the principles of librarianship*. Londres: Clive Bingley LTD; Connecticut: Imprint of the shoe string press, 1977.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. Lisboa -Rio de Janeiro – Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por Davi Corazzi, Francisco Alves e Gualter

Rodrigues. *In: Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2007.

VIEIRA, Sofia Lerche. *História da Educação no Ceará: sobre promessas fatos e feitos*. – 1ª. ed. reimpr. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

VILLALTA, Luís Carlos. Os Clérigos e os livros nas Minas Gerais da segunda metade do século XIX. *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, 1995. pp. 19-52.

**APÊNDICE A – CATÁLOGO DOS CIMÉLIOS DO FUNDO ANTIGO DA  
BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO DA PRAINHA**

Seminário Episcopal de Fortaleza  
Biblioteca Padre Luís Magalhães Uchôa

*Catálogo dos livros antigos da Biblioteca Episcopal  
do Seminário da Prainha  
(Séculos XVII e XVIII)*

Composto por 23 itens

Concebido e realizado por Rafaela Gomes Lima

Fortaleza - 2022

## Apresentação

O presente catálogo surgiu a partir do levantamento das obras constantes do fundo antigo da Biblioteca do Seminário da Prainha que objetivava a realização da pesquisa para a elaboração da tese de doutorado ora apresentada. Ele tem como objetivo dar a conhecer os volumes do citado fundo que podem ser caracterizados enquanto livros antigos.

As obras aqui constantes se destacaram no processo de catalogação pela sua antiguidade dentro do conjunto total. A constituição deste rol de cimélios, além de favorecer a pesquisa fornece um instrumento para futuras investigações, configurando a função central dos catálogos<sup>436</sup>.

O rastreamento dos volumes foi realizado através da observação direta das obras nas estantes do seu local de armazenamento e o critério utilizado para a seleção das que constituiriam este levantamento foi a antiguidade, portanto, os livros elencados são aqueles cuja data de impressão abrange os séculos XVII e XVIII. Do levantamento feito no fundo antigo da Biblioteca, pouco mais de 500 obras se encaixaram nos critérios de datação estabelecidos para a pesquisa e a partir dessa seleção foi elaborada uma tabela contendo seus dados bibliográficos.

Deste universo foram destacados 23 livros publicados nos citados séculos, os quais compõem este ajuntamento. Optou-se por distribuir as obras por data de publicação e não por temática, pois a mesma já se apresenta na tabela geral dos volumes, observou-se que esse critério auxilia, inclusive, na identificação das características tipográficas dos diferentes períodos, um dos objetivos da pesquisa.

Diante dessas informações estruturou-se o catálogo da seguinte maneira:

— As obras estão elencadas cronologicamente, de acordo com o século de sua publicação e por ordem alfabética do sobrenome do autor ou título da obra, na ausência do primeiro;

---

<sup>436</sup> “Catálogo, registro, inventário, tabuinhas (Πίνακες), memória, repertório, rol, índice, elenco, lista...[...] Os bibliotecários, os historiadores do livro e os especialistas das ciências da informação os convocam tradicionalmente para fundamentar uma tipologia de ‘listas’ de livros estabelecida com base em critérios de ambições (exaustão ou escolha, coleção física ou *corpus* bibliográfico ideal...) e de destinos (a pesquisa do texto ou o comércio, a estimativa ou a ciência...)” SORDET, Yann. *Da Argila à Nuvem: Uma História dos Catálogos de Livros (II Milênio – Século XXI)*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. (Coleção Bibliofilia; V. 2) p. 11-12.

— O livro é apresentado de acordo com a norma de citação contemporânea, com o título apresentado de forma abreviada;

— Em seguida, os dados da folha de rosto são descritos o mais fielmente possível, de acordo com o modelo de catalogação/citação de livros antigos em vigor<sup>437</sup>. Seguindo a orientação de Garcia Aguilar<sup>438</sup>, os nomes dos locais de publicação são apresentados com seu nome moderno e não sua denominação em latim.

— É apresentada uma breve nota com características físicas, tipográficas e sobre o conteúdo da obra.

A escolha por essa forma de composição visa também apresentar esses aspectos a um público que pouco ou nada conhece sobre essas práticas catalográficas e as características principais de um livro antigo. Buscou-se, portanto montar um catálogo simples, com objetivo principal de dar a conhecer as obras, apresentá-las.

O catálogo visa também ampliar as potencialidades dessas obras, constituindo-as enquanto valiosas fontes de pesquisa, sobretudo nos estudos relacionados à materialidade do livro<sup>439</sup> e das abordagens da bibliografia histórica, hoje consideradas partes elementares das pesquisas sobre História do livro. Assim, se pretende legar a futuros historiadores o conhecimento acerca desses volumes pertencentes ao fundo antigo da biblioteca e assim, suscitar novas investigações, bem como o incentivo à preservação deste e outros acervos do tipo que possam ainda vir a serem descobertos no Estado do Ceará.

---

<sup>437</sup> Aqui buscou-se seguir os modelos propostos pelo setor de obras raras da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e ainda os indicados pelo Centro Universitário de Investigações Bibliotecológicas da Universidade Nacional Autônoma do México. Ver: GARCÍA AGUILAR, Idalia. *Secretos del estante : elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo*. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011. e PINHEIRO, Ana Virginia. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. In: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 1., 2012, Rio de Janeiro; ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO, 3., 2012, Rio de Janeiro. *Trabalhos apresentados*. Rio de Janeiro: BN, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/109278012/Catalogacao-de-livros-raros-proposta-de-metodologia-de-formalizacao-de-notas-especiais-para-difusao-recuperacao-e-salvaguarda>. Essa forma de apresentação na qual se transcreve o título da obra buscando garantir seus detalhes é chamada Fotobibliografia.

<sup>438</sup> Op. Cit. O manual da autora também recomenda que a data seja transformada de algarismos romanos para arábicos.

<sup>439</sup> Estudos focados na materialidade do livro ganharam uma nova perspectiva com a abordagem apresentada por D. F. McKenzie que aprofunda a relação entre o texto e os processos de produção dos livros. Cf.: MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

**Século XVII**

1. BARONIO, Cesare. *Annales Ecclesiastici*. Pavia: Ex Typographia Haeredum Bartoli, 1641.

ANNALES / ECCLESIASTICI / AUCTORE / CAESARE BARONIO / SORANO, / EXCONGREGATIONE ORATORII / S. R. E. PRESBYTERO CARDINALI / [curs.] Tit. SS. Nerei, e Achillei, e S. Apostolicae Sedis / BIBLIOTHECARIO / TOMUS DUODECIMUS. / [marca tipográfica] / PAVIA, 1641 / EX TIPOGRAPHIA HAEREDUM BARTOLI.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto contendo grande marca tipográfica. Anais eclesiásticos escritos pelo cardeal Cesar Barônio (1538-1607). Com marcas de corrosão, mas em bom estado. No acervo há outro exemplar impresso no século XVIII. Em latim.

2. BARONIO Cesari. *Annalium ecclesiasticorum*. Pavia: Typografia Haeredum Bartoli, 1680.

ANNALIUM / ECCLESIASTICORUM / EMINENTISS. CARDINALIS / CAESARIS BARONI / CONTINUATIO / AB ANNO M. C. XCVII. / QUO IS DESIIT, / AD FINEM M. DC. XLVI. / Per HENRICUM SPODANUM, Mauleosolensem Appamiarum / in Galia Narborensi Episcopum. / TOMUS SECUNDUS / [marca tipográfica] / PAVIA, 1680 / Ex Typographia Haeredum Bartoli.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto contendo grande marca tipográfica. Continuação dos anais eclesiásticos de Baronio, agora reunidos por Henricum Spodanum. Exemplar bem conservado. Em latim.

3. *DECRETALES. Gregórii Papae IX. A petro et Francisco Phitoeo J. C. ...* Paris: Apud Dionysium Thierry, 1687. Com Privilégio Régio.

[verm.] DECRETALES / GREGORII PAPAE IX / [verm.] A PETRO ET FRANCISCO PHITOEI J. C. / AS VETERES MANUSCRIPTUS CODICES RESTITUTAE, / [verm. Curs.] Et Notis illustratae, / EX BIBLIOTHECA ILLUSTRISSIMI D. D. / [verm.]

CLAUDII LE PELETIER, / REGNI ADMINISTRI, / REGII FRANCIAR AERARII  
PRAEFECTI, / [curs.] Et Supremi Senatûs Infulati. / [verm.] TOMUS SECUNDUS / [marca  
tipográfica] / [verm.] PARISIIS / Apud. [verm.] DIONYSYUM THIERRY, [curs.] viâ  
Jacobaeâ, sub signo Urbis Lutetiae / [verm.] 1687 / CUM PRIVILEGIO REGIS.

Notas: Exemplar in-folio, com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Obra contendo decretos do papa Gregório IX. Contém grande marca tipográfica. Páginas ligeiramente corroídas, mas com bom nível de conservação. Em latim.

4. DE MARIANA, Juan. (C. J.) *História General de Espanha*. Madri: Gabriel de Leon, mercador de livros, 1678.

HISTORIA GENERAL / [verm.] DE ESPANHA / COMPVESTA, / DA / [verm.]  
ENMENDA, Y ANADIDA POR EL PADRE / IVAN DE MARIANA, / [verm.] DE LA  
COMPANIA DE IESVS, / [curs.] Com el sumario, y Tablas / [verm.] / Y AORA  
NVEVAMENTE ANADIDO EM ESTA VLTIMA / [curs.] impression por Don Felix Lucio  
de Espinosa y Malo, rodo lo sucedido / desde el año de mil y seiscientos y sessenta y nueue,  
hasta el de / setenta e ocho. / DEDICADO / [verm.] AL ILVSTRISSIMO SENOR DOCTOR  
DON FRANCISCO / [curs.] Moscosso Ossorio y Sandoval, Cavallero del Orden de  
Santiago, Arcediano de / Madrid, em la Santa, y Primada de las Españas Iglesia de Toledo,  
Sumiller de / Cortina de su Magestad Catolica, y de su Consejo em el Real de las / Ordenes  
Militares de Castilla, &c. / [verm.] TOMO PRIMERO / [marca do impressor] / [verm.] ano  
1678 / [verm.] COM PRIVILEGIO / [verm.] EM MADRID, Por Andrès Garcia de la Iglesia,  
[verm.] Impressor de Libros. / A costa de [verm.] GABRIEL DE LEON, Mercador de  
Libros, Diputado de Iso Reales Hospitales, y / Consiliario del Real Hospicio de [verm.] AVE  
MARIA, y lo Santo Rey [verm.] Don Fernando de España. Vem- / desse em sa casa em la  
Puerta del Sol.

Notas: Exemplar in-folio, com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Grande marca de editor. Obra escrita por um padre da Companhia de Jesus, Juan de Mariana (1536-1624) dedicada a um cavaleiro da Ordem de Santiago, impressa com privilégios reais e católicos, com indicação do local de venda. Contém marcas de corrosão. Em espanhol.

5. GREGORII XIII PONT. MAX. *Corpus Juris Canonici*. Paris: Dionisium Thierry, 1687.

[verm]CORPUS / JURIA CANONICI / [verm]GREGORII XIII PONT. MAX. / JUSSU EDITUM / [verm] A PETRO PITHOEO & FRANCISCO / Fratres, Juriscinsultis, a veteres códices manuscriptus / restitutum, e notis illustratum. / [verm] EX BIBLIOTHECA / ILLUSTRISSIMI DOM. D. CLAUDII LE PELETIER, / Regii Franciae Aerarii Praefecti, & Regni Administri / [verm] TOMUS PRIMUS. / [gravura com marca tipográfica] / [verm] PARISIIS / Apud [verm] DYONISIUS THIERRY, via Jacobeâ, sub signo Urbis Lutetiae / 1687 / *CUM PRIVILEGIO REGIS*.

Notas: Exemplar in-folio, com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica sobreposta a uma gravura. Obra de Direito Canônico. Exemplar com marcas de corrosão. Em latim.

6. ZYPAEO, Francisco. (C. J.) *De jurisdictione Ecclesiástica et civil Libri IV...* Antuérpia: Apud Hieronymum & Ioan Bapt. Verduffen, 1675.

DE [verm.] IVRISDICTIONE / ECCLESIASTICA / ET CIVIL / LIBRI IV/ [verm.] Primus quae ad fórum; Secundus quae ad legum, ftatu- / torumque condecorum auctoritatem; Tertius / quae ad onerum irrogationem; Quartus quae ad / Auxilij praestationem spectant, complectitur. / AVCTORE / [verm.] FRANCISCO ZYPAEO / I. C. PROTONOT. APOST. / CANONICO, OFFICIALI / ARCHIDIACONO ET VICARIO GENERALI ANTVERPIENSI. / Editio postema ab Authore aucta e emendata. / [verm.] OPERUM TOMVS SECVNDVS. / [marca do editor] / [verm.] ANTVERPIAE / Apud Hieronymum & Ioan. Bapt. Verduffen / 1675 / Cum Gratia e Priuilegio.

Notas: Exemplar in-folio, com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Obra da área de direito, escrita pelo jesuíta Francisco Zypaeo (1580 -1650). Páginas ligeiramente corroídas, mas com nível de conservação que permite manuseio e leitura. Em latim.

## Século XVIII

1. BARBOSA, Pedro Alexandre dos Santos, *Opera Posthuma. Tractatum de Legatis. Coloniae Allobrogum* (Geneva): Sumptibus Marci-Michaelis Bousquet e Sociorum, 1735

PETRI / [verm] BARBOSAE / J. U. D. LUSITANI / SUPREMO PORTUGALLIAE  
 SENATU CONSILIARII, / Maximi Cancellarii, & Conumbricensi Academia Juris Caesarei  
 Primarii emeriti Interpretis, / [verm] OPERA POSTHUMA. / ROMUS PRIMUS / Continens  
 / TRATACTUM / [verm] DE LEGATIS. / OPUS MAGISTRALI DOCTRINA  
 ABSOLUTISSIMUM, / omnibus Jurisperitis, tum in foro, tu mim Scholis agentibus, /  
 peritule, imo necessarium. / [verm] NOVA EDITIO, ACCURATIOR, ET A MENDIS  
 PURGATA. / [marca tipográfica] / COLONIAE ALLOBROGUM, / Sumptibus MARCI-  
 MICHAELIS BOUSQUET, & SOCIORUM. / 1735.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. Reunião das obras do jurista português Pedro Alexandre dos Santos Barbosa (1535-1606), para uso em fóruns e nas faculdades, o fato da edição ser de um período de mais de um século depois de sua morte indica a importância e permanência de sua obra. Exemplar com alguma corrosão e com assinatura de certo Cônego Antônio Santos, provavelmente o Bispo D. Luís, o que pode indicar que a obra o pertencia desde antes de assumir o bispado cearense. Em latim.

2. BARONIO. Cesari. *Annalis Ecclesiastici*. Veneza: Sumptibus Laurentii Basilli, et Antoni Tivani, 1705.

[verm]ANNALES / ECCLESIASTICI / AUCTORE / [verm] CAESARE BARONIO /  
 SORANO, / EX CONGREGATIONE ORATORII / [verm] S. R. E. PRESBYTERO  
 CARDINALI / Tit. SS. Nerei, e Achillei, e S. Apostolicae Sedis / [verm]  
 BIBLIOTHECARIO / Adjecta Auctoris Vita e Spondano de sumpta / [verm] TOMUS  
 PRIMUS. / [marca tipográfica] / [verm] VENETIIS, 1705. / Sumptibus Laurentii Basillii / Et  
 Antonii Tivani.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. Mais uma edição da obra de Baronio, dessa vez já impressa

no século XVIII, o que indica ser obra de grande importância para a Igreja. Foram catalogados 9 volumes no acervo, com exemplares bem conservados. Em latim.

3. BERGIER, Abbatte. *Trattato Storico, e Dogmatico della vera religione*. Veneza: Antonio Pezzana, 1792.

TRATTATO / STORICO, E DOGMATICO / DELLA / VERA RELIGIONE, / COLLA  
CONFUTAZIONE DEGLI ERRORI, CHE LE SONO / STATI OPPOSITI  
NE'DIFFERENTI SECOLI. / DEL SIGNOR / ABBATE BERGIER, / Canonico della Chiesa  
di Parigi. / TRADUZIONE DAL FRANCESE. [filete] / *Cum effemus parvuli, sub elementis  
hujus mundi eramus ser- / vientes; at ubi venit plenitudo temporis, misit Deus El- / lium  
suum..... ut adoptionem filiorum reciperemus.* / Galat. Cap. IV. V. 3 / [filete] / TOMO  
TERZO. / [marca tipográfica] / IN VENEZIA, 1782. / presso gio: antonio pezzana. / *Com  
licenza di Superiori, e Privilegio.*

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. Tratado dogmático de autoria do abade francês Nicolas Bergier (1718-1790), traduzido do francês. Traz citação bíblica em latim. Quatro tomos encontrados no acervo com exemplares bem conservados. Em italiano.

4. BORDONI, Giuseppe Antonio. (C. J.) *Discorsi per Exercicio della Buona Morte*. Veneza: Com licença de Superiori, 1796.

DISCORSI / PER L'ESERCIRZO / DELLA / BUONA MORTE / DE PADRE / GIUSEPPE  
ANTONIO BORDONI. / DELLA COMPAGNIA DI GESU'. / NOVISSIMA EDIZIONE /  
Arricchita d'um copioso Indice dele Materie, Ragioni, Argomenti, / Autorità, e Fatti  
contenuti in ciaschedun Discorso. / TOMO PRIMO, / CHE CONTIENE / L'ANNO PRIMO,  
E SECONDO / [marca tipográfica] / IN VENEZIA, / [filete] / COM LICENZA  
SUPERIORI.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. Tratado escrito pelo jesuíta Giuseppe Antonio Bordoni (1682-1742) sobre a preparação para a morte, comum desde a Idade Média. Exemplar com as laterais bastante corroídas. Em italiano.

5. CAVE, Guilielmi. *Scriptorum Ecclesiasticum*. Historia Literaria. Geneva: Gabrielem de Tournes e Filios, 1720.

[verm] GUILIELMI CAVE / SS. TH. PR. CANONICI WINDESOR / [verm] SCRIPTORUM / ECCLESIASTICORUM / [verm] HISTORIA LITERARIA / A Christo Nato, esque ad Saeculorum XIV, facili Methodo digesta, & nune auctior factas, / [verm] QUA DE VITA ILLORUM AC REBUS GESTIS, / Se Secta, Dogmatibus, Elogio, Stylo, De Scriptis genuinis, dubiis suppositiis, ineditis, deperditis, / Fragmentis; Deque variis Operum Editoribus perspcuè agitur. / ACCEDUNI / [verm] SCRIPTORES GENTILES / Christianae Religionis oppugnatores; & cujusvis Saeculis Breviarum, / Additur ad finem cujusque Saeculi / [verm] CONCILIORUM OMNIUM / Tum Generalium Particularium Historica Notitia / Insetur suis Locus Veterum [ilegível] Opuscula & Fragmenta, tum Graeca sum Latina haeternus inédita / Praemissa denique PROLEGOMENA, quibus plurima ad Antiquitatis Ecclesiasticae Studium spectantia traduntur / Accedunt ab aliis manibus [verm] DUAE APPENDICES, in unam congestae / ab ineunte Saeculo XIV. Ad annum usque MDXVII. Ab ipso Autore correctae & Auctae. / Et ad calcem Operis DISSESTATIONES TRES; I. De SCRIPTORIBUS ECCLESIASTICIS incertae aetatis, / II. De Libris & Officis Ecclesiasticis GRAECUM. III. De EUSEBII CAESARIENSIS / ARIANISMO, adversus JOANNEM CLERICUM. / Adjecti sunt CATALOGUM AUTORUM, & APENDICES SCRIPTORUM & CONCILLIORUM atque RERUM, / Alphabetico Chronologici, &c. / [verm] EDITIO NOVISSIMA, valde [ilegível] & plurimis mendis priores scatebant repurgata, in / qua quid da novo praestitunt [ilegível] proxime fequens Pagina. / [marca tipográfica] / [verm] COLONIAE ALLOBROCUM / Apud GABRIELEM DE TOURNES & FILIOS / 1720.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. Extensa apresentação do conteúdo. História literária escrita pelo clérigo inglês Guilherme (Willian) Cave (1637-1713) contendo apresentação de autores, incluindo gregos e latinos, com catálogo de autores e impressores. Possui um anexo. Há corrosões profundas que por vezes dificultam a leitura. Em latim.

6. CAVE, Guilielmi. *Aprendix and historiam literarium*. Geneva: Gabrielem de Tournes e Filios, 1720.

APPENDIX / AD / HISTORIAM LITERARIAM / CLARISSIMI VIRI /GUILIELMI CAVE, /  
IN QUA / DE SCRIPTORIBUS / ECCLESIASTICIS, / Ab Anno MCCC. Ad Annum  
MDXCVII. Pari methodo agitur; / ex suabus in unam conflata, *Alterâ nempe* / HENRICE  
WHARTON, / ALTERA / ROBERT GERII, / QUI / CONCILIA / Saeculorum XIV. & XV.  
Recenfuit. / *Accedunt ad calcem* DISSERTATIONES TRES, / I. *De* SCRIPTORIBUS  
ECCLESIASTIICIS *incertae aestatis*. / II. *De* Libris & Officiis Ecclesiasticis  
GRAECORUM. / III. *De* Eusebii *Cesariensis Arianismo adversus* JOANNEMCLERICUM.  
/ [marca tipográfica] / COLLONIAE ALLOBROGUM / Apud GABRIELEM DE  
TOURNES & FILIOS / 1720.

Notas: Apêndice da obra anterior. Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. Possui muitas marcas de corrosão. Em latim.

7. *CONSTITUTIONES SYNODALES ECCLESIAE TUSCULANAE*. Seu Synodus Tusculana. Roma: Generosus Salomoni Episcopi Typographus, 1764.

[verm] CONSTITUTIONES / SYNODALES / [verm.] ECCLESIAE TUSCULANAE / SEU  
/ [verm] SYNODUS TUSCULANA / A CELSITUDINE REGIA EMINENTISSIMA /  
[verm] ENRICI EPISCOPI TUSCULANI / S. R. E. VICE-CANCELLARII / [verm]  
CERDINALIS DUCIS EBORACENCIS / IN CATHEDRALI TUSCULANO TEMPLO /  
[verm] APOSTOLORUM PRINCIPIS S. PETRI CELEBRATA / DIEBUS VIII., IX., X.,  
ET XI. SEPTEMBRIS / [marca tipográfica] / [verm] AXCUDEBAT ROMAE JO:  
GENEROSUS SALOMONI / EPISCOPII TYPOGRAPHUS / [verm] ANNO 1764 / [verm]  
SUPERIORIBUS ANNUENTIBUS.

Notas: 2 volumes in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. Atas do sínodo realizado na cidade de Toscolano, Itália. Exemplares bem conservados. Em latim.

8. DE MELO, Dom Jayme Pereira. *Ultimas ações do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello*. Lisboa: Officina da música, 1730

ULTIMAS ACCÕES / DO DUQUE / D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO / desde II de Setembro de 1725. Ate 29. De Janeiro de 177. / em que faleceu. / RELAÇÃO DO SEU ENTERRO, / E das Exequias, que se lhe fizeram em Lisboa, e nas terras, de que / era Donatario. / ESCRITAS, E DEDICADAS A' MAGESTADE DE / D. JOÃO V. / REY DE PORTUGAL / PELO DUQUE / DOM JAYME / SEU ESTRIBEIRO MOR, / dos Conselhos de Estado, e Guerra, Presidente da Meza de Consciencia, e Ordens, ec. / [marca tipográfica] / LISBOA OCCIDENTAL / NA OFFICINA DA MUSICA / 1730 / *Com todas as licenças necessárias.*

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. O livro do duque D. Jayme (1684 -1749), narra os últimos anos de vida do também duque de Cadaval D. Nuno, provavelmente seu pai. Na página após a folha de rosto há uma gravura na qual o título da obra se encontra centralizado em brasão cercado por anjos, há também a página dedicada às licenças para publicação por parte do Santo Ofício. O exemplar contém algumas marcas de corrosão. Em português.

9. DE SOUSA, D. Antônio Caetano. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1735.

HISTORIA / [verm] GENEALOGICA / DA / CASA REAL / PORTUGUEZA, / [verm.] DESDE SUA ORIGEM ATE O PRESENTE, / com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e / dos Serenissimos Duques de Bragança, / JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS, / e *Escritores de inviolável fé,* / E OFFERECIDA A EL REY / [verm.] D. JOAO V. / NOSSO SENHOR, / POR / [verm] D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA, / Clérigo Regular, e Academico do Numero da Academia Real. / TOMO I. / [maraca tipográfica] / [verm.] LISBOA OCCIDENTAL, / Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA, / Impressor da Casa Real / 1735 / *Com todas as licenças necessárias.*

Notas: Exemplar in-folio, com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. No geral foram encontrados 8 tomos no acervo. História

genealógica da casa real de Portugal, escrita por um padre regular D. Antonio Caetano de Sousa (1674-1759). Alguns exemplares encontram-se bastante danificados. Em português.

10. DE SOUSA, D. Antônio Caetano. *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1746.

[verm] PROVAS / DA / HISTORIA / [verm] GENEALOGICA / DA / CASA REAL / [verm] PROTUGUEZA, / Tiradas dos Instrumentos dos Arquivos da Torre / do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, / de diversas Cathedraes, Moateiros, e ou- / tros particulares deste Reyno, / POR / [verm] D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA, / *Clérigo Regular, Deputado da Junta da Bulla da Cruzada, e / Censor da Academia Real.* / TOMO V. [marca tipográfica] / [verm] LISBOA / Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real / [verm]1746 / *Com todas as licenças necessárias*

Notas: Exemplar in-folio, com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica com emblema da casa real de Portugal. Sete tomos foram localizados no acervo. O conteúdo visa dar comprovação acerca da História da casa real portuguesa, oferecendo a compilação de todas as fontes consultadas para a escrita da mesma, bem como a lista de todos os acervos pesquisados, públicos ou particulares, tratando-se, portanto, de valiosa fonte para os estudos de História do livro. Os exemplares encontram-se bastante corroídos. Em português.

11. GAVANTO, D. Bartolomeo. *Thesaurus Sacrorum Rituum*. Veneza Typographia Balleoniana, 1744.

[verm] THESAURUS / SACRORUM RITUUM / AB ADM. VER. PATRE / [verm] D. BARTHOLOMAEO / [verm] GAVANTO / Congreagtionis Clericorum Regularium S. Pauli, / sacrae Rituum Congregationis Consultore / olim concinnatus, & saepius editus; [verm] NUNC VERO CORRECTIOR, ET LOCUPLETIOR / cum novis Observationibus, e Additionibus / [verm] P. D. CAJETANI-MARIAE MERATI / *Clerici Regularis ejusdem Sacre Rituum Congregationis / Consutioris, in Jucem prodit,* / [verm] TOMUS SECUNDUS / Completens omnia GAVANTI COMMENTARIA / [verm] IN RUBTICAS BREVIARII ROMANI. / CUM INDICIBUS DECRETORUM, RERUM, / *ac alterius Indicid eorumdem*

*Decretorum per Materias concinnati ad / majorem Leentium commoditatem, atque Verborum Notabilium.* / [marca tipográfica] / [verm] VENETIIS, 1744. / EX Typographia Balleoniana. / *SUPERIORUM PERMISSU, AC PRIVILEGIIS.*

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. Obra do padre Bartolomeu Gavanto (1569-1638), consultor da congregação de São Paulo, sobre os ritos sagrados. Exemplar bastante corroído. Em latim.

12. GIBERT, Joanne Petro. *Corpus Juris Canonici.* Coloniae Allobrogum (Geneva): Sumptibus Marci-Michaelis Bousquet e Sociorum, 1735

CORPUS / [verm] JURIS CANONICI / PER / [verm] REGULAS NATURALI ORDINE DIGESTAS, / USUQUE TEMPERATAS, EX EODEM JURE, ET CONCILIIIS, / PATRIBUS, ATQUE ALIUNDE DESUMPTAS, EXPOSITE. / [verm] OPUS TUM IN REBUS OBSCURIS CLARITATE, TUM DISPERSIS / Collectione ac delectu, in contrariis conciliatione, eximium, simulque INDICIBUS / as PRAECATIONIBUS, Notisque quaraplurimis & exquisitis illustratum. / *AUTHORE* / [verm] JOANNE PETRO GIBERT, / DOCTORE THEOLOGO, ET CANONISTA. / [verm] TOMUS SECUNDUS / *COMPLECTENS* / [verm] QUAE AD FIDEM CATHOLICAM PERTINENT, ILLIUS QUE / Prima Peincipia, ac quicquid spectat ad Acclesiam in se sumptam, in Generalem, / ac Particulare divisam, illarumque Ministros, tum *Primi Ordinis*, PAPAM, / PATRIARCAS, PRIMATES, ARCHIEPISCOPOS, EPISCOPOS, ac illorum / omnium VICARIOS, CARDINALES, LEGATOS, NUNCIOS, alioque fimiles; / tum *Secundis Ordinis*, seu Saeculares, seu Regulares, PAROCHOS, CANONICOS, ARCHIPRESBYTEROS, ARCHIDIACONOS, DECANOS, PRAEPOSITOS, / caeterasque Dignates; tum *infiniti gradûs* simplici Clericorum nomine comprehen- / sos; singuloeum, tam majorum quam minoeum Officia communia & peculiaria, / Personarum Immunitates, necnon & locorum, quórum praetereà Construtio, Dota- / tio, Conferactio, Pollutio, Reconciliatio ac Juridca Profanatio seosim explicantur. / [marca tipográfica] / [verm] COLONIAE ALLOBROGUM, / Sumptibus MARCI MICHAELIS BOUSQUET, & SOCIORUM / 1735 / *CUM PRIVILEGIO ET APPROBATIONIBUS.*

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. Compilado de direito canônico de autoria do teólogo e

canonista Francês Jean-Pierre Gibert (1660-1736), cujo uso é destinado desde o papa até os párocos regulares. Exemplar com poucas marcas de corrosão. Em latim.

13. MURATORI Ludovico Antonio. *Antiquitates Italicae e Mediaevi, Dissertationes*. Arezzo: Typis Michaelis Belloti, 1774.

ANTIQUITATES / ITALICAE / MEDIAEVI, / SIVE / DISSERTATIONES / De Moribus, Ritus, Religione, Regimine, Magistratibus, Legibus, Studiis / Literarum, Artibus, Lingua, Militia, Nummis, Principibus, Libertate, / Servitute, Foederibus, aliisque faciem & mores Italici Populi referenti- / bus post declinationem Rom. Imp. Ad Annum usque MD. / OMNIA ILLUSTRANTUR ET CONFIRMANTUR / INGENUUM COPIA DIPLOMATUM / ET CHARTARUM VETERUM, / Nunc primum ex Archivis Italiae depromptarum, / ADDITIS ETIAM / NUMMIS, CHRONICIS, ALIISQUE MONUMENTIS / NUNQUAM ANTEA EDITIS. / AUCTORE / LUDOVICO ANTONIO MURATORIO / SERENISSIMI DUCIS MUTINAE / BIBLIOTHECAE PRAEFECTO. / Arretino Seminario e Collegio Ecclesiasticorum Castilionensi Episcopalis / alteram hanc editionem curantibus. / TOMUS SECUNDUS. / [marca tipográfica] / AREZZO, 1774. / Typis MICHAELIS BELLOTI Impres. Episc. Sub signo PETRARCAE. / SUPERIORIBUS PERMITTENTIBUS.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. Trata-se de uma espécie de enciclopédia acerca de vários temas relativos à Itália medieval, religião, leis, magistratura etc, indo do Império Romano ao século XIV, escrita por Ludovico Muratori (1672-1750). A obra possui 15 volumes no acervo, em bom estado de conservação. Em latim.

14. PONTES, Francisco da Madre de Deus. *Sermões do R.P. M. Fr. Francisco da Madre de Deus Pontes*. Lisboa: Régia Officina Typografica, 1798.

SERMÕES / DO / R. P. M. FR FRANCISCO / DA MADRE DE DEOS PONTES, / RELIGIOSO MENOR DOS OBSERVANTES RE- / MORADOS DA PROVINCIA DE SANTA / MARIA DA ARRABIDA, / DADOS A' LUZ / Por hum seu discípulo, filho da mesma / Província. / TOMO I. [marca tipográfica] / LISBOA / NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA, / ANNO 1798. / Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. Coletânea dos sermões do padre Francisco da Madre de Deus (1574-?), reunidas por seu discípulo, cuja identificação não é mencionada. Possui afirmação de aprovação para publicação pela Mesa do Desembargo do Paço. No verso da folha de rosto há a indicação da taxaço do livro por sessenta réis. Exemplar com vários detalhes tipográfico como florões e capitulares desenhadas. Bem conservado. Em português.

15. REIFFENSTUEL, R.P.F. Anacleto. (OFM.) *Jus Canonicum Universum Clara Methodo*. Veneza: Antonium Bartoli, 1735.

JUS / CANONICUM / UNIVERSUM / CLARA METHODO / JUXTA TITULOS / QUINQUE LIBRORUM / DECRETALIUM / In Quaestiones distributum, solidisque Responsionibus, & / Objectionum Solutionibus dilucidatum: / AUTHORE / R. P. F. ANACLETO REIFFENSTUEL, / *Ordinis Minorum Sancti Francisci Reformatorum Provinciar Bavariae / Lectore Jubilato* / TOMUS SECUNDUS. [marca tipográfica] VENETIIS, 1735 / APUD ANTONIUM BORTILI. / SUPERIORUM PERMISSU, AC PRIVILEGIO.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. Curso de direito canônico de autoria do Franciscano Anacleto Reiffenstuel (1641?-1703) que parece ter se tornado cãnone para o ensino dessa disciplina, visto que foi editado consecutivas vezes, possuindo o acervo em estudo um outro exemplar editado no século XIX. Possui uma página dedicada às autorizações para publicação, da Ordem Franciscana e da província da Bavaria. Exemplar bem conservado. Em latim.

16. *Sanctissimi Domini Nostri Benedicti Papae XIV. Bularium*. Veneza: Jacobum Carobola/ Dominicanum Pompeati, 1768.

[verm] SANCTISSIMI / DOMINI NOSTRI / [verm] BENEDICTI / PAPAЕ XIV. / [verm] BULLARIUM, / [verm] TOMUS PRIMUS, / IN QUO CONTINENTUR / [verm] CONSTITUTIONES, EPISTOLAE, / AIAQUE EDITA / [verm] AB INITIUS PONTIFICATUS / USQUE / AD ANNUM MDCCXLVI. / [verm] Editio recentior auctior

& emendatior [marca tipográfica] / [verm] VENETIIS, / 1768 / Apud {JACOBUM CAROBOLI, DOMINICUMMMPOMPEATI. / [ver] *SUPERIORUM PERMISSU*.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em duas cores. Marca tipográfica. Reunião das bulas expedidas pelo Papa Bento XIV (1675-1758) entre o início de seu pontificado e o ano de 1746. Contém gravura do pontífice. 2 exemplares bem conservados. Em latim.

17. TULII. M. Ciceronis *Opera*. [s/l]. Antonium Gazioti, Typographum ac Bibliopolam Venetum, 1772.

M. TULII / CICERONIS / OPERA / CUM DELECTUM COMMENTARIUM / IN USUM / SERENISSIMI DELPHINI / TOMUS SEPTIMUS / IN QUO EPISTOLAE S FAMILIARES / Editio Novissima / Cum Parisiensi ac Patavinâ acuratissime Collata / [marca tipográfica] / APUD ANTONIUM GRAZIOSI / TYPOGRAPHUM AS BIBLIOPOLAM VENETUM / 1772.

Notas: Exemplar in-folio com encadernação substituta. Folha de rosto simples impressa em preto. Marca tipográfica. O livro em questão traz a obra de Cícero (106-43 a. C.) editada para o ensino do Delfim. Constam 2 volumes no acervo. Exemplares com marcas de corrosão. Em latim.

**APÊNDICE B - TABELA DAS OBRAS CATALOGADAS NO FUNDO ANTIGO DA  
BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO DA PRAINHA PUBLICADAS ATÉ 1889**

<b>Obra</b>	<b>Autor</b>	<b>Local de publicação</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Idioma</b>	<b>Temática</b>	<b>Quantidade de volumes</b>
Annales Ecclesiastiques de 1846-1860	J. Chantrel	Paris	Gaume Frères et J. Duprey, Editeurs	1861	Francês	Anais	1
Philosophie da arte	H Taine	Paris	Librairie Hachete	1885	Francês	Arte	1
Jésus-Christ. Avec um étude sur l'art chrétien por E. Cartier	Loius Veuillot	Paris	Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie	1875	Francês	Arte	1
A Bíblia Sagrada. Traduzida do português segundo a Vulgata Latina	Antonio Pereira de Figueiredo	Lisboa	Officina Simão Thaddeu Ferreira	1800	Português	Bíblia	2
Saint Bilble. Contenant l'Ancien et Le Nouveau Testament. Avec les commentaires de Ménochius de al Compagnie de Jésus		Paris/ Besançon	Gaume Frères et J. Duprey - Editeurs/ Outhenin Chalandre fils	1872	Francês	Bíblia	1
Saint Bilble. Contenant l'Ancien et Le Nouveau Testament.		Besançon/ Lille/Paris	Outhenin Chalandre Fils/J. Leffort, Imprimeur-Libraire/ Gaume Frères et J. Duprey.A. Jouby et Roger,Libraires	1874	Francês	Bíblia	1
La Sacra Bibbia. Secondo la Vulgata	Antonio Martini	Firenze	Presso Angelo Usigli	1852	Latim	Bíblia	4
Sainte Bible	s/a	Besançon/ Lille	J. Lefort, Imprimeur-Libraire/Gaume Frères, A. Jouby	1874	Francês	Bíblia	1
Histoire de Boniface VII et de son siecle	D. Louis Tosti	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1854	Francês	Biografia	2
Jesuítas!	Paulo Fevral	Porto/ Braga	Livraria Internacional Chadron	1878	Português	Biografia	2

A Anti-Catastrophe. História D'El Rei D. Affonso 6° de Portugal	Camillo Aureliano da Silva e Souza	Porto	Typografia da Rua Formosa	1845	Português	Biografia	1
Girard. Éveque D'Angouleme. L'égat du Saint-Siege (vers 1060- 1136)	Abbé Maratu	Angouleme	F. Goumard, librairie de la Societé Arqueologique et historique de la Charente	1866	Francês	Biografia	1
Histoire du Pape Innocent III et de ses Contemporains	Frédéric Hurter	Paris	Lagny Frères. Editeurs	1855	Francês	Biografia	3
Le trésor de Corneliuis A. Lapide	Abbé Barbier	Paris	Librarie de Mme Ve Poussielgue- Rusan	1859	Francês	Biografia	2
Vie et ouvres de Mgr. Joseph-Marie Graveran	Abbé Joseph Marie Téphany	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1870	Francês	Biografia	2
Histoire de la vie, des ouvrages et des doctrines de Calvin	M. Audin	Paris	Bray e Retaux Libraires- Editeurs	1873	Francês	Biografia	1
Discursos parlamentares e Memórias Biográficas: Visconde de Almeida Garret	C. Guimarães	Lisboa	Imprensa Nacional	1882	Português	Biografia	1
Histoire de Leon X et de son Siecle	J. -M. Audin	Paris	Librairie Ambroise Bray	1870	Francês	Biografia	1
O Chrisóstomo Portugues ou o Padre Antonio Vieira	Padre Antonio Honorati	Lisboa	Livraria Editora de Mattos Moreira e Cia.	1878	Português	Biografia	1
Vita di S. Alfonso Maria de Liguori	P. Antonio Tannoja	Turim	Giacinto Marietti	1880	Italiano	Biografia	1
Ultimas ações do Duque D. Nuno Alvares Pareira de Mello	Dom Jayme	Lisboa	Officina da musica	1730	Português	Biografia	1

Storia della vita e della gesta de Sisto Quinto Summo Pontifice	P. M. Casimiro Tompesta	Roma	Monaldi	1866	Italiano	Biografia	1
Monseigneur Doupanloup et M. Lagrange. Son Historien	Abbé Maynard	Paris	Société Générale de Librairie Catholique	1884	Francês	Biografia	1
Surius. Historiae seu vitae Sanctorum	s/a	Augustae Taurinorum(Turim)	Typographia Pontificia et Archiepiscopali Eq. Petri Marietti	1876	Latim	Biografia	1
Os fastos de Publio Ovidio Nasão	Antonio Feliciano de Castilho	Lisboa	Imprensa da Academia Real de Ciências	1862	Português	Biografia	1
Vida do Padre Antonio Vieira	Padre André de Barros	Lisboa	Editores J. M. C. Seabra e T. Q. Antunes	1858	Português	Biografia	1
Vie de Son Eminence Le Cardinal Regnier	Abbé C. J. Destombes	Paris/ Lille	Libraire J. Leffort	1885	Francês	Biografia	2
Histoire de Boniface VIII	Louis Tosti	Paris	Louis Vivès, Libraire - Editeur	1854	Francês	Biografia	1
Histoire du Pape Grégoire VII	J. Voigt	Paris	Librairie de Préte et D'Education D'Auguste Valon, Editeur	1854	Francês	Biografia	1
Voltaire. As vie et ses oeuvres	Abbé Maynard	Paris	Ambroise Bray, Librairie-Editeur	1868	Francês	Biografia	1
Vie de Mg. Dupanloup	Abbé Lagrange	Paris	Librairie Poussielgue Frères	1884	Francês	Biografia	1
Memoires du Cardinal Consalvi	J. Cretineau-Joly	Paris	Henri Plon, Imprimeur-Éditeur	1864	Francês	Biografia	1
Vita de S. Giosafat	D. Nicola Contieri	Roma	Typ. Della Congregazione de Propaganda Fide	1867	Italiano	Biografia	1
Vie et Institut de Saint Alphonse-Marie de Liguori	Cardinal Clément Villecourt	Paris/Leipzig	H. Casterman	1863	Francês	Biografia	1

Missão Abreviada para Despertar os descuidados, Converter os pecadores e sustentar o fructo das missões	Pe. Manuel José Gonçalves Couto	Porto	Sebastião José Pereira - Editor	1871	Português	Breviário	1
Plans d'instructions sur le synode d'après le catechisme du Concile de Trente	D. -G. Hallez	Paris/Leipzig	H Casterman	1870	Francês	Catecismo	1
Trésors de la Predication ou la doctrine du Catechisme du Concile de Trente	Abbé L. M. Pioger	Paris	Nouvelle Librairie catholique Victor Sarlet, Libraire-Editeur	1861	Francês	Catecismo	2
Catechismo di Perseveranza	G. Gaume	Firenze	A Spere Deghi Editori	1845	Italiano	Catecismo	2
Le Grand Catechisme de Canisius, ou precis de la doctrine chretienne	R. P. Pierre Canisius	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1865	Francês	Catecismo	1
Nouvelle explication du Catechisme de Rodez	M. Noel	Paris/ Lille	Nouvelle Maison Perisse Frères de Paris	1872	Francês	Catecismo	1
Catechisme du Concile de Trente	s/a	Dijon/Lyon	Pellion E Marchet Frères/ Briday Libraire	1874	Francês	Catecismo	1
Catechismo di Perseveranza	G. Gaume	Firenze	Marino Falconj	1843	Italiano	Catecismo	1
Nouvelle explication du Catechisme de Rodez	M. Noel	Paris/Bruxelas	Librairie Catolique de Perisse Frères	1867	Francês	Catecismo	1
Spiegazione storica, Dogmatica, Morale, Liturgica e Canonica del Catechismo	Ab. Ambrogio Grillois	Prato (Itália)	Ranieri Guasti	1882	Italiano	Catecismo	2
Grand Catechisme de la Perseverance Chretienne	P. D'Hauterive	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1876	Francês	Catecismo	1
Le Catechisme de Canisius	Pierre Canisius	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1873	Francês	Catecismo	1

Explicação Histórica, Dogmática, Moral, Litúrgica e Canonica do Catecismo.	Abade Ambrosio Guillois	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1875	Português	Catecismo	1
Repertoire du Catechisme	Ew. Schmid	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1858	Francês	Catecismo	1
Le Createur e la créature ou Les Merveilles de l'amour divin	R. P. Frédéric William Faber	Paris	Librairie Ambroise Bray	1869	Francês	Catequética	1
Bethléen ou le mystere de la sainte enfance	R. P. Frédéric William Faber	Paris	Retaux-Bray Libraire-Editeur	1885	Francês	Catequética	2
Philosophie Catholique de L'histoire ou les nations pour le Christ et l'eglise	Abbé Louis Leroy	Paris	Victor Palmé, Libraire-éditeur	1866	Francês	Catequética	2
Maravilhas do credo catholico ou exposição abreviada e logica dos nysterios da theologia cristã.	Padre Anthelmo Goud.	Rio de Janeiro	Typografia do Apóstolo	1879	Português	Catequética	1
Cartas a um sceptico em matéria de religião	Jayme Balmes	Rio de Janeiro	Garnier	1878	Português	Catequética	1
Guia de pecadores e exhortação à virtude	Fr. Luiz de Granada	Paris/Rio de Janeiro	E. Belhatte/ B. L. Garnier	1873	Português	Catequética	1
De matrimonio et protestati ipsium dirimendi	Joanni-Petro Martin	Paris, Lugduni	Perisse Freres Bibliopolas. Archiepiscopi Typographi	1844	Latim	Catequética	1
Instrucciones al pueblo cristiano	José Inácio Víctor Eyzaguirre	Roma	Imprenta Poliglota de Propaganda Fide	1875	Espanhol	Catequética	2
No presbitério e no templo.	Padre Senna Freitas	Lisboa	Lallemant Frères, Imprensa	1884	Português	Catequética	2

Traité de la confession des enfants et des jeunes gens	Abbé Timon-David	Paris	Sarlit - J. Braian, Successeur	1888	Francés	Catequética	1
Plans d'instructions sur le Décalogue'après le Catechisme du Concile de Trente	D.-G. Hallelz	Paris/Leipzig	H. Casterman	1865	Francés	Catequética	1
Les parfums du sacerdoce ou la prête méditant sa grandeur e sa dignité	Abbé de Geest	Paris	Adrien le Clere e Cie, Libraire-Editeurs	1862	Francés	Catequética	1
A India Christan ou Cartas biblicas contra os livros de Luis Jacolliot	Joaquim Pinto de Campos	Paris	E. Plon;A. Roger Chernoviz	1882	Português	Catequética	1
Le trésor du prêtre. Repertoire: Des principales choses que le prêtre doit savoir et pratiquer pour se santifier et santifier les autres	R. P. Mach	Paris	Chez le traducteur.	1874	Francés	Catequética	1
Le Christ avant Bethléem	Abbé Morisot	Verdum	Imprimerie de Ch Laurent, Libraire-Editeur	1870	Francés	Catequética	1
América Pontificia. O Tratado Completo	s/a	Santiago de Chile	Imprenta Nacional de La Moneda	1868	Espanhol	Catequética	1
Oevres pastorales de S. E. Le Cardinal Joachim Pecci	Joachim Pecci	Lille	Desclée de Brouwer. Cie Imprimeurs des Facultés Catholiques de Lille	1888	Francés	Catequética	1
O poder da vontade ou carater, comportamento e perseverança	S. Smiles	Rio de Janeiro	Garnier	1880	Português	Catequética	1
Instrucciones para sacerdotes	José Ignacio Victor Eyzaguirre	Roma	Imprenta Poliglota de Propaganda Fide	1875	Italiano	Catequética	1

Cours Complete D'Instructions Familières	J. B. Cîrier	Paris	Jacques Lecoffre et Cie., Libraires	1860	Francês	Catequética	1
Somme de la Foi Catholique contre les Gentils	Saint Thoma D'Aquin	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1856	Francês	Catequética	1
Le corps et l'esprit. Action du Moral et de l'imagination sur le physique	D. Hack Tuke	Paris	Libraire J. -B. Bailliére et fils	1886	Francês	Ciências	1
Constitutiones Synodales Ecclesiae Tusculanae. Seu Synodus Tusculana	s/a	Roma	Generosus Salomoni Episcopi Typographus	1764	Latim	ConcÍlios	2
Storia del Concilio de Constanza	D. Luigi Tosti	Milão	Tipografia de Gio Silvestre	1855	Italiano	ConcÍlios	1
O Sacrossanto e ecumenico Concilio de Trento em Latim e Português. Dedicado e consagrado aos excell. E Reve. Senhores Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana	s/a	Rio de Janeiro	Livraria de Antônio Gonçalves Gimarães e Ca	1864	Português	ConcÍlios	1
Actas e Constituições do Primeiro Synodo Diocesano Fortalexense	s/a	Fortaleza	Tipografia Econômica	1888	Português	ConcÍlios	2
Histoire du Concile Ecumenique du Vatican	Monseigneur Manning	Paris	Librairie Victor Palmé	1871	Francês	ConcÍlios	2
Canones et Decreta Concilii Tridentini	s/a	Napoli	Edidit Sacerdos Ioseph Pellela	1859	Latim	ConcÍlios	1
Histoire du Concile de Trente	s/a	Paris/Lyon	Perisse Freres, Libraires-Editeurs	1851	Francês	ConcÍlios	1

Conférences sur Les Litantes de la très- Sainte Vierge.	P. Justin de Miechow	Paris	Hippolyte Walzer, Libraire-Editeur	1870	Francês	Conferências	3
Le progrès par la Christianisme. Conférences de Notre- Dame de Paris. Année, 1870	R. P. Félix de la Compagnie de Jésus	Paris	A. Jouby et Roger, Libraires-Editeurs	1871	Francês	Conferências	2
Exposition du Dogma Catholique. Conférences Notre-Dame de Paris	T.-R. P. J. -M.-L. Monsabré	Paris	Edouard Baltenweek, Editeur	1876	Francês	Conferências	2
Conférences de Révérend Père de Ravignan	Père de Ravgnan	Paris	Librairie Poussielgue Frères	1867	Francês	Conferências	1
Conférences de Notre- Dame de Paris	Henry-Dominique Lacordaire	Paris	Sagnier e Bray, Libraires-Editeurs	1851	Francês	Conferências	1
Exposition du Dogme Catholique Conférences Notre-Dame de Paris	J. M. L. Monsabré	Paris	Edouard Baltenweek, Editeur	1877	Francês	Conferências	1
Conférences sur L'Etat Religieux	J. B. Blin	Paris	Martin-Beaupré Editeurs	1864	Francês	Conferências	1
Conférences du révérend Père de Ravignan	Père de Ravgnan	Paris	Librarie de Mme Ve Poussielgue- Rusan	1860	Francês	Conferências	1
Lettres de Madame de Sévigné	Madame Sévigné	Paris	Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie	1860	Francês	Correspondências	1
Molière et Bortalue	M. Louis Veuillot	Paris/ Bruxelles	Victor Palmé/ G. Lebrocquy	1877	Francês	Crítica Literária	1
Vocabulario Italo-latino	Tommaso Vaillauri	Turim/Roma/Milão/Firenze	Stamparia Reale de G. B. Paravia e Comp.	1879	Italiano	Dicionário	1
Dictionnaire Universel des sciences, des lettres et des arts	M.-N. Bouillet	Paris	Librairie de L. Hachette et Cie.	1857	Francês	Dicionário	1

Dictionaire Universel des Sciences Ecclesiastiques	Abbé J.-B. Glaire	Paris	Libraire Poussielgue Frères	1868	Francês	Dicionário	2
Dictionaire des Antiquités Chretiennes	Abbé Martigny	Paris	Librairie de L. Hachette et Cie.	1865	Francês	Dicionário	1
Dizionario Universale Portatile	Nicola de Jacobis	Napoli	xxxxxxx	1843	Italiano	Dicionário	1
Vocabularium Latino-Italicum	A. Josepho Pasini	Veneza	Franciscum Andreola et Josephum Molinari	1819	Latim	Dicionário	1
Dicionario Portugues e Latino impresso por ordem Del Rei Fidelissimo o Senhor D. José I	Pedro José da Fonseca	Lisboa	Typografia de José Batista Morando	1861	Português	Dicionário	1
Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum	Fr. Emmanuelis Pinii Cabralii et Joseph Antonii Ramalli	Olyspone (Lisboa)	Typographia Antonii Josephi A. Rocha	1857	Latim	Dicionário	1
Dictionaire Français-Latin	L Quicherat	Paris	Librairie Hachete	1880	Francês	Dicionário	1
Nuovo Dizionario della Lingua Latina. Ad uso della classi superiori di latinità	Ruggiero Leoncavallo e Ludovico Trombacco	Napoli	Stablimento Tipografico di Pasquali Androsio	1858	Italiano	Dicionário	1
Dictionaire de Theologie	Abbé Bergier	Paris	J. Leroux et Jouby e Gaume Frères, Libraires	1854	Francês	Dicionário	1
Grande Dicionario Português ou Thesouro da lingua portuguesa	Dr. Frei Domingos Vieira	Porto/Rio de Janeiro/ Pará	Chadron e Bartholomeu H de Moraes/ A. A. da Cruz Coutinho/ Antonio Rodrigues Quilhas	1871	Português	Dicionário	1
Du Droit Ecclesiastique dans ses sources	Le Docteur Phillips	Paris	Jacques Lecoffre et Cie., Libraires	1852	Francês	Direito Canônico	2
L'Eglise et L'Etat	R. P. Liberatore	Paris/ Bruxelles	Société Generale de Librairie Catholique	1877	Francês	Direito Canônico	1

Direito contra o Direito ou o Estado sobre tudo. Refutação da teoria dos políticos na Questão Religiosa. Seguida da resposta ao supremo Tribunal de Justiça pelo Bispo do Pará	Bispo do Pará	Porto/ Braga	Livraria Internacional Chadron	1875	Português	Direito Canônico	1
Compêndio de Direito público Ecclesiastico. Para uso das Faculdades de Direito do Império	Jerônimo Vilela da Castro Tavares	Recife	Guimarães e Oliveira	1862	Português	Direito Canônico	1
Jus Ecclesiasticum Universum	R. P. Francisco Schmalzgrueber. Societatus Jesu	Roma	Typographia Ver. Cam. Apostolicae	1844	Latim	Direito Canônico	12
Exposition des principes du Droit Canonique	Cardinal Gousset	Paris/Lyon	Librairie Jaques Lecofre	1868	Francês	Direito Canônico	1
Manuel de la Jurisdiction Ecclesiastique	M. P. J. Brillaud	Paris	P. Lethielleux Editeur	1885	Francês	Direito Canônico	1
Lições de Direito Ecclesiastico	Conego Ezequias Galvão da Fontoura	São Paulo	Impressores Jorge Sekler e Comp.	1887	Português	Direito Canônico	1
Elementa Juris Canonici	Joseph Ferrant	Roma	Typis Leonardi Oliveri	1872	Latim	Direito Canônico	1
Codex Canonum Ecclesiae Catholicae	Gaspar de Luise	Augustae Taurinorum(Turim)	Eq. Petrus Marieti Typ. Pont. Et. Archiep.	1876	Latim	Direito Canônico	1
Corpus Juris Canonici	Gregorii XIII Pont. Max.	Paris	Dionisium Thierry	1687	Latim	Direito Canônico	1
Sanctissimi Domini Nostri Benedicti Papae XIV. Bularium	s/a	Veneza	Jacobum Carobola/ Dominicanum Pompeati	1768	Latim	Direito Canônico	2

Jus Canonicum Universum Clara Methodo	R. P. F. Anacleto Reiffenstuel	Veneza	Antonium Bartoli	1735	Latim	Direito Canônico	1
Analecta Juris Pontificii. Dissertations sur divers sujets de Droit Canonique, Ilturgie et Theologie	s/a	Rome	Place de Venise	1855	Latim	Direito Canônico	22
Juris Ecclesiastici Privati	Sebastiano Sanguineti	Roma	Typographia Poliglota	1884	Latim	Direito Canônico	1
Corpus Juris Canonici	Joanne Petro Gibert	Coloniae Allobrogum (Geneva)	Sumptibus Marci- Michaelis Bousquet e Sociorum	1735	Latim	Direito Canônico	1
Opera Posthuma. Tractatum de Legatis	Petri Barbosa	Coloniae Allobrogum (Geneva)	Sumptibus Marci- Michaelis Bousquet e Sociorum	1735	Latim	Direito Canônico	1
De Jurisdictione Ecclesiastica et Civel	Francisco Zypaeo	Antuerpia	Hieronymus e Joan. Bapt. Verduffen	1675	Latim	Direito Canônico	1
Juris Ecclesiastici Publici Institutionis	Camillo Tarquini	Roma	Typographia Poliglota	1884	Latim	Direito Canônico	1
A Igreja e o Estado. O Católico e o Cidadão	Joaquim Pinto de Campos	Rio de Janeiro	Typografia do Globo	1875	Português	Direito Canônico	1
Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro Antigo e Moderno em suas relações com o Direito Canônico	Cândido Mendes de Almeida	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1873	Português	Direito Canônico	1
Corpus Juris Canonici	Christophe Henr.	Coloniae Munatiana	Immpenfis. J. R. Turnish, Bibliopolam e Typogr.	1766	Latim	Direito Canônico	1
Code Civil. Expliqué par ses motifs, par des exemples et par la jurisprudence	J.-A. Rogron	Paris	E. Plon et Cie., Imprimeurs- Editeurs	1877	Francês	Direito Civil	2
Codes et Lois Usuelles	Aug. Roger et Alex Sorel	Paris	Garnier Frères, Librairs- Editeurs	1885	Francês	Direito Civil	1

Consolidação das Leis relativas ao juízo a Provedoria	Joaquim Augusto Ferreira Alves	Rio de Janeiro	Typ. Universalde Eduardo e Henrique Laemmert	1875	Português	Direito Civil	1
Código Philipino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Typografia do Instituto Philomathico	1870	Português	Direito Civil	1
Estudo sobre o casamento civil	Manuel de Azevedo Araujo e Gama	Coimbra	Imprensa Acadêmica	1881	Português	Direito Civil	1
Cours de Droit Natural ou de Philosophie du Droit	Henri Ahrens	Leipzig	F. A. Brockhaus	1875	Francês	Direito Civil	1
Prediche dell'Eminentissimo Francisco Maria Cassini. Dell'Ordine de RR.PP. Cappucini	Francisco Maria Cassini	Fossombrone (Italia)	Stablimento Tipografico del Metauro	1860	Italiano	Discursos	2
Panegirici e discorsi sacri. Editedi inediti des Ver. Padre Francisco Finetti della Compagnia de Gesu	V. Primo	Roma	Tipografia Gismandi	1845	Italiano	Discursos	2
Sanctissimi Domini Nostri Leonis Papae XIII. Allocutiones, Epistolae, Constitutiones, Aliaque Acta Praecipua (1878-1888)	Papa Leão XIII	Roma	Typis Societatis Sanct Augustini, Desclie, de Brouwer et Soc. Brugis et Insulis	1887	Latim	Discursos	1
Du change et de la libérté D'Emission	Clément Juglar	Paris	Guillaumin et Cie, Editeurs	1868	Francês	Economia	1
Da Educação. Cartas	Visconde de Almeida Garret	Porto	Ernesto Chadron, Editor	1883	Português	Educação	1
Enciclopédia Artistica e Letteraria	Vicenzo Torelli	Napoli	Typografia Del'omnibus	1845	Italiano	Enciclopédia	1?

Encyclopédie Theologique	Abbé Migne	Paris	J. -P. Migne, Editeur	1854	Francês	Enciclopédia	29
Della Conoscenza intelletuale	Matteo Liberatore	Roma	Uffizio della Civiltà Cattolica	1857	Italiano	Espiritualidade	1
As sete palavras de Christo na Cruz	Cardeal Belarmino	Porto	Livraria Chadron	1886	Português	Espiritualidade	1
De ente Supernaturale	R. P. Joan Martinez de Ripalda	Paris/ Roma	Victor Palmé Bibliopolam/ Libreria S. C. de Propaganda Fide	1871	Latim	Espiritualidade	3
Meditações sacerdotais ou o padre significado pela oração	Francisco Luiz de Seabra	Porto	Ernesto Chadron Editor	1885	Português	Espiritualidade	6
Breviarium Romanum	s/a	Ratisbonae (Alemanha)	Sumtibus Chartis et Typis Frederici Pustet. S. Sedis Apostolicae Typographi	1865	Latim	Espiritualidade	2
Della Conoscenza Intellectuale. Trattato	P. Matteo Liberatore	Roma	Tipografia e Libreria di Roma	1873	Italiano	Espiritualidade	1
Meditações para todos os dias do anno	M. Hamom	Porto	Erbeito Chadron, Editor	1882	Português	Espiritualidade	1
O Confessor da infância e da mocidade	Padre Cros	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1879	Português	Espiritualidade	1
Exercitia Spirituaia S. P. Ignatii Loyolae	Ignatio Diertini	Augustae Taurinorum(Turim)	Typographos Hyacinthi Marietti	1838	Latim	Espiritualidade	1
Abregé d'introduction aux livres de l'Ancient et du Nouveau Testament	J. -B. Glaire	Paris	Maison Jouby et Roger Chernoviz, Successeurs	1878	Francês	Exegética	1
Le Livres Saint Vergés. Ou la verité historique et divine de L'Anciente et du Nouveau Testament	J. B. Glaire	Paris	A. Jouby et Roger, Libraires-Editeurs	1874	Francês	Exegética	1
Comentari in scripturam sacram	R. P. C. Cornelli Lapide	Paris/Lugduni	J. B. Pelagaurd et Socios	1854	Latim	Exegética	5

Le symbolisme de la nature	Mgr. De la Bouillierie	Paris/Bruxelas	Victor Palmé/ J. Albanel	1879	Francés	Exegética	1
Introduction Historique et critique aux livres de l'Ancien et Nouveau Testament	J. B. Glaire	Paris	Maison Méquignon-Junior. A. Jouby et Roger, Editeurs	1869	Francés	Exegética	1
Le livres saints et la critique rationaliste	F. Vigouroux	Paris	A. Roger e F. Chernoviz, Editeurs	1886	Francés	Exegética	1
Cours Complete de Philosophie	M Rattier	Paris	Gaume Frères, Librairie - Editeurs	1843	Francés	Filosofia	1
L'idée du beau das la Philosophie de Saint Thomas D'Aquin	P. Vallet	Paris	A. Roger e F. Chernoviz, Editeurs	1883	Francés	Filosofia	1
Lexcon Peripateticum Philosophico-Theologicum	Nuntio Signoriello	Napoli	Officina Bibliotheca Catholica Scriptorum	1879	Latim	Filosofia	1
La Conscience ou la Règle des actions humaines	M. L. Bautain	Paris	Librairie Académique Didier et Cie, Libraires-Éditeurs	1861	Francés	Filosofia	1
Le Positivisme et la Science expérimentale	Abbé de Broglie	Paris	Société Generale de Librairie Catholique	1881	Francés	Filosofia	1
Philosophia Christiana	Caetano Sanseverino	Napoli	Officina Bibliotheca Catholica Scriptorum	1873	Latim	Filosofia	1
Thomás de Aquino: Opuscula Philosophica et Theologica (DOCTORIS ANGELICI)	Thomas de Aquino	Tifemi Tiberini	Ex Officina Typographica S. Lap.	1886	Latim	Filosofia	2
La Raison Phiosophique et la Raison Catholique	T.R.P. Ventura de Raulica	Paris	Gaume Frères, Libraires-Editeurs	1854	Francés	Filosofia	3
Disputationes Scholasticæ et Morales	Joannis de Lugo	Paris	Ludovicus Vivès Bibliopola Editor	1868	Latim	Filosofia	13
Oevres completes de F. de La Mennais	La Mennais	Bruxelas	Société Belge de Librairie	1839	Francés	Filosofia	1

La teoria morale del gusto ossia il gusto	G. B. F. Descuret	Milão	Ernesto Oliva Librajo-Editore	1871	Italiano	Filosofia	1
Curso de Filosofia Elemental. Para uso das escolas e habilitação para o exame da madureza.	Joaquim Alves de Souza	Coimbra	Imprensa da Universidade	1871	Português	Filosofia	1
Hermeneutica Sacra. Seu introdutório	I. H. Ianssens	Augustae Taurinorum(Turim)	Typis Hyacinthy Marietti	1882	Latim	Filosofia	1
Institutiones Philosophicae	Salvatori Tongiorgi	Roma	Typis Bernardi Morini	1867	Latim	Filosofia	1
Filosofia Fundamental	Jayme Balmes	Barcelona	Imprenta del Diario de Barcelona	1868	Espanhol	Filosofia	1
Philosophie suivant les principes de Saint Thomas	Fr. Antoine Goudin	Paris	Libraire de Mme Ve Poussieltgue-Russand	1864	Francês	Filosofia	2
Hermeneutica Sacra	I. H. Ianssens	Turim	Officina Stereotypographica-Hyacinthy Marietti	1858	Latim	Filosofia	1
Uma Divinazione sulle the ultime Opere di Vincenzo Giobert	Carlo Maria Curci	Paris	Presso gli editore Poussieltgue-Russand	1849	Italiano	Filosofia	2
Philosophie da la connaissance de Dieu	A. Graty	Paris	Charles Douniol, J Lecoffre et Cie.	1854	Francês	Filosofia	1
Institutiones Philosophicae	Domenicus Palmieri	Roma	Typographia della Pace	1875	Latim	Filosofia	1
Des rapports de L'homme avec Le Démon. Essai Historique et Philosophique	Joseph Bouzard	Paris	Gaume Frères et J. Dupray, Editeurs	1863	Português	Filosofia	1
Philosophia Christiana cum antiqua e nova comparata	Caetano Sanseverino	Napoli	Typis Vinentii Manfredi	1862	Latim	Filosofia	1

Pensées de Pascal	Abbé Drioux	Paris	Librairie Victors Lecoffre	1882	Francés	Filosofia	1
La philosophie Scolastique. Exposée et defendue par R.P. Kleutgen	R. P. Kleutgen	Paris	Gaume Frères et J. Duprey - Editeurs	1868	Francés	Filosofia	4
La Geografia trasportata al morale	Padre Daniello Bartoli	Turin	Tipografia de Giacinto Marietti	1839	Italiano	Geografia	1
Le livre saints et la critique rationaliste	F. Vigouroux	Paris	A. Roger e F Chernoviz, Editeurs	1886	Francés	Hagiografia	1
Histoire de Sainte Élisabeth de Hongrie. Duchese de Thuring	Comte de Montalbert	Paris	Bray e Retaux Libraires-Editeurs	1880	Francés	Hagiografia	1
Vie de la vénérable Mère Thérèse de St. Augustin.	Madame Louise de France, fille de Louis XV			1879	Francés	Hagiografia	1
Vie de S. Vicent de Paul	Louis Abelly, Eveque de Rodez	Paris	Librairie Ve. Poussielgue et fils	1865	Francés	Hagiografia	1
La vies des saints. Les Petits Boulandistes	Mgr. Paul Guerin	Paris/ Bar-le-Duc	Bloud e Barral, Libraires/ Typographie Celestin Bertrand	1880	Francés	Hagiografia	5
Esprit des saints les plus illustres	Abbé Grimes	Tours	Cattier, Libraire-editeur	1883	Francés	Hagiografia	2
Enchiridion de Fide Spe et caritate. S. Aurelii Augustini Episcopii Hippon	Joanne Baptista Fauri	Napoli	Typographaco Fibreniano	1847	Latim	Hagiografia	1
Histoire de Saint Ignace de Loyola	J. M> S. Daurignac	Paris	Ambroise Bray, Librairie-Editeur	1865	Francés	Hagiografia	2
Histoire de Saint Thomas D'Aquin	Abbé Bareille	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1862	Francés	Hagiografia	1
La vie de Notre-Seigneur Jésus-Christ	Louis Veuillot	Paris/Bruxelas/Lyon	Librairie Catolique de Perisse Frères	1864	Francés	Hagiografia	1

La vita de Gesù Cristo e la sua Religione	Antonio Cesari	Prato (Italia)	Ranieri Guasti	1851	Italiano	Hagiografia	2
La vie de Notre-Seigneur Jésus-Christ ou Les Saints Evangeles	Abbé Brispol	Paris	Gaume Frères e J. Duprey, Editeurs	1868	Francés	Hagiografia	1
Histoire du grand e admirable Saint Jean	Abbé Maistre	Paris	Victor Palmé, Libraire-éditeur	1872	Francés	Hagiografia	1
Histoire Complete de Saint Paul. Apotre et docteur das nations	Abbé Maistre	Paris	Victor Palmé, Libraire Editeur	1870	Francés	Hagiografia	1
Vita de Santa Teresa de Gesu	P. F. Frederico de Sá Antonio	Roma	Tipographia Marini e Compagno	1837	Italiano	Hagiografia	1
Vita de Sanata Chiara de Asisi	Vincenzo Loccatelli	Assis	Editricie Tipografia Sgariglia	1854	Italiano	Hagiografia	1
Vita del Beato Giovanni Leonardi	De um sacedote da Congregazione dei chierchi Regolani della Madre di Dio	Roma	Coitipi della S. Congregazione de Propaganda Fide	1864	Italiano	Hagiografia	1
Vita di S. Francesca Romana	Sacerdote Ludovico Ponzileoni	Roma	Tipografia Salviucci	1820	Italiano	Hagiografia	1
Vie des saints	Martin e Giry	Bar-le-Duc	Imprimerie de Madame Laguerre	1858	Francés	Hagiografia	1
Vie de Saint Dominique	P. Henri-Dominique Lacordaire	Paris	Librairie Poussielgue Frères	1871	Francés	Hagiografia	1
Notre-Dame de Lourdes	Henri Lassere	Paris/Bruxelas	Victor Palmé, Editeur/G. Lebroequi	1877	Francés	Hagiografia	1
La vie de Saint Turibe. Archevêque de Lima et Apatre du Perou	Theophile Bérengier	Poitiers	Henri Oudin, Libraire Editeur	1872	Francés	Hagiografia	1
A vida de Nosso Senhor Jesus Christo	Loius Veuillot	Porto	A. R. da Cruz Coutinho, Editor	1874	Português	Hagiografia	1

Sainte Jeanne-Françoise Frémont de Chantal. As vie et ses ouvres	s/a	Paris	E. Plon et Cie., Imprimeurs- Editeurs	1876	Francês	Hagiografia	1
Obras de João Francisco Lisboa	João Francisco Lisboa	São Luiz	Typ. B. de Mattos	1865	Português	História do Brasil	2
História da Fundação do Império Brasileiro	J. M. Pereira da Silva	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1864	Português	História do Brasil	7
História do Brasil	Robert Southey	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1862	Português	História do Brasil	6
Brasil Histórico	A. J. Mello Moraes	Rio de Janeiro	Typographia dos Editores Pinheiro e Cia	1866	Português	História do Brasil	1
História da Conjunção Mineira. Estudos sobre as primiras tentativas para a independência nacional	J. Norberto de Souza Silva	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1873	Português	História do Brasil	1
Histoire Generale de L'eglise	L'Abbé T.-E. Darras	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1870	Francês	História Eclesiástica	26
Histoire Generale de L'eglise	M. Le Baron Henrion.	Paris	Gaume Frères, Libraries	1843	Francês	História Eclesiástica	5
Histoire des Papes depuis la fin de Moyen Age	Furcy Raynaud	Paris	Librairie Plon	1830 ?	Francês	História Eclesiástica	1
Histoire de la papauté	L. Ranke	Paris	Sagner et Bary, Libraires - Editeurs	1848	Francês	História Eclesiástica	1
Histoire Générale de L'Eglise	Abeé j. E. Darras	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1857	Francês	História Eclesiástica	1
Histoire Populaire des papes. Les papes des premieres siecles	J. Chantrel	Paris	C. Dillet, Libraire- Editeur	1865	Francês	História Eclesiástica	6
La Bible et les decouvertes Modernes em Égypte et em Assyrie	F. Vigouroux	Paris	Beche et Tralin, Editeurs	1877	Francês	História Eclesiástica	2

Histoire Chronologique et Dogmatique des Conciles de la Chrétienté	Abbé André D'Avallon	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1855	Francês	História Eclesiástica	1
Histoire de la Révélation Biblique	DR. Hanneberg	Paris	Librairie de Pieté d'Auguste Vaton, Editeur	1856	Francês	História Eclesiástica	1
Rome pendant le Concile	Loius Veuillot	Paris	Librairie de Victor Plamé	1872	Francês	História Eclesiástica	4
Le mal e le bien. Les siecles chrétiens	Eugene Loudun	Paris/Bruxelas	Victor Palmé; J. Albanel. Societé Générale de librairie catholique	1878	Francês	História Eclesiástica	2
Histoire Chronologique et Dogmatique des Conciles de la Chrétienté	M, Roisset de Sauclières	Paris	Paul Mellier, Libraire- Editeur	1844	Francês	História Eclesiástica	2
Tratado de História Eclesiástica	Padre Rivaux	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1877	Português	História Eclesiástica	2
Recherches historiques sur l'Assemblée du clergé de France de 1682	Charles Gérin	Paris	Librairie Jaques Lecofre	1870	Francês	História Eclesiástica	1
Histoire de l'invasion des Etats Pontificaux et du Siege de Rome par l'armée italienne em septembre 1870	Le Cte.de Beaufort	Paris	Librairie de Victor Palmé	1874	Francês	História Eclesiástica	1
A Egreja Catholica e seus perseguidores	D. Miguel Sotto-Mayor	Porto	Jacinho Antonio Pinto da Silva	1873	Português	História Eclesiástica	1

Histoire de la société domestique chez tous les peuples anciens et moderne ou influence du Christianisme sur la famille	Abbé J. Gaume	Paris	Gaume Frères, Libraires-Editeurs	1854	Francês	História Eclesiástica	9
Historiae Ecclesiasticae	Hugo Laemert	Scaphusia (Suíça)	Sumtibus Librariae Hirterinae	1862	Grego e Latim	História Eclesiástica	1
Tratado de História Eclesiástica	Padre Rivaux	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1876	Português	História Eclesiástica	1
La Celebre Contesa fra S. Stefano e S. Cipriano	Vincenzo Tizzani	Roma	Presso e Salviucci	1862	Italiano	História Eclesiástica	1
História da Igreja Católica em Portugal	José Souza Amado	Lisboa	Typographia de G. M. Martins	1872	Português	História Eclesiástica	1
Histoire Universelle de L'Eglise Catholique	Abbé Rohrbacher	Paris	Gaume Frères, Libraires-Editeurs	1857	Francês	História Eclesiástica	25
Praelectiones Historiae Ecclesiasticae	Joanne Baptista Palma	Roma	Typografia Poliglota S. C. de Propaganda Fide	1872	Latim	História Eclesiástica	1
A Questão Religiosa no Brasil perante a Santa Sé ou a Missão especial a Roma em 1873 à luz de documentos publicados e ineditos pelo Bispo do Pará	Bispo do Pará	Lisboa	Lallemand Frères, Imprensa	1886	Português	História Eclesiástica	1
História da Egreja	Dr. João Alzog	Porto	Ernesto Chadron, Editor	1882	Português	História Eclesiástica	1
Histoire du Concile de Trente	P. Sforza Pallavicini	Paris	J.-P. Migne, Editeur	1845	Francês	História Eclesiástica	3
Dissertationes selectae in Historiam Ecclesiasticam	Bernardo Jungmann	Ratisbonae/Neo Eboraci/Cincinnati	Sumptibus, Chartes et Typis Frederici Pustet. S. Sedis Apostolicae Typographi	1884	Latim	História Eclesiástica	2
La Caduta de Roma per le armi Italiani	C. M Curci	Firenze	Presso L. Manuelli	1870	Italiano	História Eclesiástica	1

Histoire Ecclesiastique	Eusebe Pomphili	Scaphusia (Suíça)	Sumptibus Librariae J. J. Lenterianeae	1862	Latim	História Eclesiástica	1
Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil	Simão de Vasconcelos	Lisboa	A. J. Fernandes Lopes	1865	Português	História Eclesiástica	1
Memoires de la Congregation de la Mission	s/a	Paris	A la maison principale de al Congregation de la Mission	1865	Francês	História Eclesiástica	1
Histoire du Pontificat de Clément XIV	Auguste Theiner	Paris	Librairie de Firmin Didot Frères	1852	Francês	História Eclesiástica	1
O Sacrossanto e Ecumenico Concilio de Trento	s/a	Rio de Janeiro	Livraria de Antônio Gonçalves Gimarães e Ca	1864	Português	História Eclesiástica	1
La Reforme en Italie. Les Precurseurs	César Cantu	Paris	Adrien le Clere e Cie, Libraire-Editeurs	1867	Francês	História Eclesiástica	1
História Genealógica da Casa Real Portuguesa	D. Antônio Caetano de Sousa	Lisboa	Officina de Joseph Antonio da Silva	1735	Português	História Geral	8
Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa	D. Antônio Caetano de Sousa	Lisboa	Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real	1746	Português	História Geral	7
Écrivains de L'Histoire Auguste	M. Valton	Paris	C. L. F. Pancoucke, Editeur	1844	Francês	História Geral	4
Memorie per servire alla storia del Giacobinismo	Abate Barruel	Napoli	Stabilimento tipografico Perrotti	1850	Italiano	História Geral	2
La Révolution. Recherches historiques sur l'origine et la propagation du mal em Europe depuis la Renaissance jusqu'a nos jours	Mg. Gaume	Paris	Gaume Frères et J. Duprey - Editeurs	1859	Francês	História Geral	5

Histoire Romaine	Teodore Mommsen	Bruxelas	A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie. Imprimeurs-Editeurs	1864	Francês	História Geral	6
Les Hérétiques d'Italie. Discours historiques de Cesár Cantu	Cesár Cantu	Paris	Librairie Saint-Germain- des Prés	1870	Francês	História Geral	1
Storia de la Revoluzione Francese	Luigi Adolfo Thiers	Milão	Angelo Bonfanti. Tipografo-Ilbrago	1841	Italiano	História Geral	2
Histoire de la Revolution Francaise.	A. Thiers	Paris	Libraire Furne.- Jouvot & Cie, Editeurs	1884	Francês	História Geral	2
Histoire du monde. Le Monde Moderne. Depuis la conquête de Constantinople jusqu'a la fin du regne de Louis XIV	M. Henry de Riancey	Paris	Victor Palmé, Libraire- editeur	1872	Francês	História Geral	1
Les ruines de la monarquie française	M. L. Reveliere	Paris/ Lyon	Librairie Jaques Lecofre	1879	Francês	História Geral	2
Mélanges Religieux, Historiques, Politiques e Litteraires	Louis Veuillot	Paris	L. Vivés, Libraire- Editeurs	1867	Francês	História Geral	1
Annali D'Italia	A. Copi	Roma	Tipografia Salvucci	1850	Italiano	História Geral	7
Annali D'Italia	Ludovico Antonio Muratofri	Milão	Società Tipografica de Classici Italiani	1818	Italiano	História Geral	1
Histoire Universelle	Césár Cantu	Paris	Firmin Didot Frères	1867	Francês	História Geral	25
Histoire de la Civilization em France depuis la chute de l'empire romain	M. Guizot	Paris	Didier, Libraire- Editeur	1853	Francês	História Geral	1
Histoire des Religions, Les Religions des peuples non-civilisés	A. Reville	Paris	Librairie Fischbacher	1883	Francês	História Geral	2
Les Societés Secrètes et la Societé	N. Dechamps	Avignon/Paris	Seguin Frères/ Oudin Frères	1881	Francês	História Geral	1

História Universal Resumida, desde a criação do mundo até nossos dias	Pedro Parley	Rio de Janeiro	Laemmert e C.	1887	Português	História Geral	1
História de Cerco ao Porto	Simão José da Luz Soriano	Lisboa	Imprensa Nacional	1846	Português	História Geral	1
Histoire Romaine	T. H. Mommsen	Laval	C Marpon et E. Flammarion Editeurs	1882	Francês	História Geral	1
Histoire de Venise	F. Valentin	Tours	Ad. Mame et Cie. Imprimeurs-Editeurs	1859	Francês	História Geral	1
Historia General de Espanha	Padre Ivan de Mariana	Madrid	Andrea Garcia de la Iglesia Impresor de Libros	1678	Espanhol	História Geral	1
Antiquitates Italicae Mediaeve, Dissertationes	Ludovico Antonio Muratori	Arreth	Typis Michaelis Bellotti	1774	Latim	História Geral	15
Storia dei Diciannove Martiri Gorgomiesi	P. Agostino da Osimo	Roma	Typografia Monaldi	1867	Italiano	História Geral	1
História Universal - Cesare Cantu	Traduzido por Manuel Bernardes Branco	Lisboa	Escritorio de Francisco Arthur da Silva	1876	Português	História Geral	11
Nouveau Cours D'histoire Universelle	J. Chantrel	Paris	Librairie Saint-Germain-des Prés	1872	Francês	História Geral	1
Les Origines de la France Contemporaine	H. Taine	Paris	Librairie Hachete	1887	Francês	História Geral	1
Clément XIV et les jésuites	J. Crétineau-Joly	Paris	Librairie Religieuse de Mellier Frères	1847	Francês	História Geral	1
História de Portugal	A. Herculano	Lisboa	Viúva Bertrand e Filhos	1853	Português	História Geral	1
Histoire Universelle	Jean de Muller	Bruxelas	Meline, Cans et Compagnie	1846	Francês	História Geral	1
Grandeur et Décadence des Romains. Lettres Persanes et Temple de Gnide	Montesquieu	Paris	Firmin Didot Frères	1864	Francês	História Geral	1

O Cemitério no século XIX	Mons. Gaume	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1874	Português	História Geral	1
Scriptorium Ecclesiasticum. Historia Literaria	Guilielmi Cave	Colinae Allobrogum (Geneva)	Gabrielem de Tournes e Filios	1720	Latim	História Literária	1
Aprendix and historiam literarium	Guilielmi Cave	Colinae Allobrogum (Geneva)	Gabrielem de Tournes e Filios	1720	Latim	História Literária	1
História do Romatismo em Portugal	Theophilo Braga	Lisboa	Nova Livraria Internacional de Ernesto Chadron Editor	1879	Português	História Literária	1
Répertoire du prêtre. Destiné a lui faciliter la preparation des sermon	Abeé Mullier	Paris/Leipzig	H Casterman	1865	Francês	Homilética	1
Homélies et discours sur les évangeles	Abeé de Monmorel	Paris/Lyon	Librairie Catholique de Périsse Frères	1861	Francês	Homilética	4
Thesouro do sacerdote	Padre José Mach	Porto/ Braga/ Rio de Janeiro	Ernesto Chadron(P)/ Eugênio Chardron(B)/ Garnier (Rj)	1876	Português	Homilética	2
Homélies sur les évangeles de tous les dimanches de l'année	F. J. F. Fortin	Paris	Maison Méquignon-Junior. A. jouby successeur. Librairie de la Faculté de Theologie de Paris	1864	Francês	Homilética	1
Sermons du P. Bridayne. Missionaire Royal	P. Bridayne	Paris	Librairie Jaques Lecofre	1867	Francês	Homilética	2
Homélies sur les evangeles de tous les dimanches et fêtes de l'année et instructios sur divers sujets	Ange Ranieri	Paris	Librairie Catholique Martin-Beaupé Frères, Eiteurs	1868	Francês	Homilética	1

Mois de Marie des Predicateurs ou cours complet de sermons, conférences, instructions pour tout les jours du mois de Marie, pour toutes fêtes	Abbé C. Martin	Paris	Librairie Religieuse et Ecclesiastique de Martin Nevec et Audier	1874	Francés	Homilética	1
A flor dos pregadores ou coleção seleta de sermões para todas as domingas e principaes festas do anno	Francisco Luiz de Seabra	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1878	Português	Homilética	4
Recueil des sermons pour chaque jour du moi de mai. Sur les prerogatives de la Trés-Sainte Vierge	s/a	Paris	Gaume Frères, Libraires-Editeurs	1857	Francés	Homilética	1
Sermons sur la Liturgie	Abbé C. Martin	Paris	Librairie Religieuse et Ecclesiastique de Martin Nueu et Audier	1874	Francés	Homilética	2
Sermões do R.P. M. Fr. Francisco da Madre de Deos Pontes	Francisco da Madre de Deus Pontes	Lisboa	Régia Officina Typografica	1798	Português	Homilética	2
Sermons sur Notre Segneur Jésus-Christ et la Saint Vierge	Abbé A. Bayle	Paris	P. Lethielleux Editeur	1866	Francés	Homilética	1
Sermões Selectos do fallecido padre Martinho Antonio Pereira da Silva	Dr.Luiz Maria da Silva Ramos	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1878	Português	Homilética	1
Sermons por la Carême	Léonard de Port- Maurice	Paris/Leipzig	Vve. H. Castermen	1884	Francés	Homilética	1

Panorama des Predicateurs ou Répertoire pour l'improvisation et la composition du sermon	Abbé C. Martin	Paris	Librairie Religieuse et Ecclesiastique de Martin Neveau et Audier	1884	Francês	Homilética	1
Sermões do Padre Antônio Vieira	Padre Antônio Vieira	Lisboa	Editores J. M. C. Seabra e T. Q. Antunes	1854	Latim	Homilética	1
Idées et plans pour la meditation et la predication	Abbé Bautain	Paris	Librairie de L. Hachette et Cie.	1867	Francês	Homilética	1
Sermons de Louis de Grenade	M. T. Duval	Paris	Librairie de Louis Vivés, Editeur	1876	Francês	Homilética	1
Les Femmes de L'Evangile. Homélies prêchés a Paris, a Saint- Louis D'Antin	T. R. P. Ventura de Raulica	Paris	Livrairie de Pieté et d'Education D'Auguste Vaton, Editeur	1856	Francês	Homilética	1
Compilação das Leis Provinciais do Ceará (T. I. 1835-1846)	José Liberato Barroso	Rio de Janeiro	Typographya Universal de Laemmert	1863	Português	Legislação	1
Oevres de Paul Bourget. Poesies(1872- 1876)	Paul Bourget	Paris	Alphonse Lemerre, Editeur	s/d	Francês	Literatura	1
La cansou de la Lauseto. Poésies Languedociennes	Achille Mir	Montpellier	Imprimerie Centrale du Midi	1876	Francês	Literatura	1
Obras completas do Doutor Antonio Ferreira	Antonio Ferreira	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1865	Português	Literatura	2
Nouvelles Meditations poétiques	M. Lamartine	Paris	L. Hachette et Cie, Pagnere-Furne et Cie.Libraires-Editeurs	1863	Francês	Literatura	1
A mocidade de D. João V. Romance	L. A. Rabelo da Silva	Porto	Casa da Viúva Moré, Editora	1862	Português	Literatura	2

Colombo	Manuel de Araujo Porto Alegre	Rio de Janeiro	Livraria de B. L. Garnier	1866	Português	Literatura	1
Sonhos D'ouro. Peça Fantástica	Eduardo Garrido	Rio de Janeiro	Typ. De Molarinho e Mont'Alverne	1880	Português	Literatura	1
Evangelia Dominicum ac Fistorum illustrata.	s/a	s/l	livro sem imprenta.	s/d	Latim	Liturgia	1
Hermeutique Sacrée ou introduction a l'écriture saint em général	Herman Janssens	Paris/Lyon	Librairie Catolique de Perisse Frères	1862	Francês	Liturgia	1
La somme du predicateur pous tout le cours de l'année chretienne	P. D'Hauterive	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1882	Francês	Liturgia	2
Vie du Siegneur Jésus. Leçons Publicques	C.- J. Riggenbach	Paris	Librairie de Ch Meyruets et Compagnie	1864	Francês	Liturgia	1
Anno Christão ou exercícios de piedade para todos os dias do anno (Fevereiro)	Padre Croiset	Lisboa	Tipografia Rollandiana	1843	Português	Liturgia	2
Mois de Marie, des Dedicateurs	s/a	Paris	Librairie Religieuse et Ecclesiastique de Martin Nevec et Audier	1870	Francês	Liturgia	1
Instituições Liturgicas para o uso do clero em geral e dos Seminários em particular	João Forcini	Recife	Typ. De Santos e Companhia	1856	Português	Liturgia	1
Theatro Ecclesiastico e Manual de missas offerecido à Virgem Santissima, Senhora Nossa	P. Fr. Domingos do Rosário	Lisboa	Imprensa Régia	1817	Português	Liturgia	1
Cérémonial Selon le Rit Romain	R. P. Le Vavasseur	Paris	Librairie Jaques Lecofre	1871	Francês	Liturgia	2

Anno Christião ou exercícius de piedade para todos os dias do anno (Outubro)	Padre Croiset	Lisboa	Typographia Rollandiana	1844	Português	Liturgia	1
Anno Christião	s/a	Lisboa	Typ. De F. X. de Souza e Filho	1869	Português	Liturgia	1
Cacrimoniale Episcoporum	Josephi Catalani	Paris	Sumptibus A. Joubi, Editoris	1860	Latim	Liturgia	1
Thesaurus Sacrorum Rituum	D. Bartolomeo Gavanto	Veneza	Typographia Balleoniana	1744	Latim	Liturgia	1
Principj della scuolla Rosminiana	Da um Prete Boloynese	Milão	Tipi de Antonio Arzione e C.	1850	Italiano	Liturgia	1
Esposizione delle sacre cerimonie della messa privada	S. D. M. Giuseppe Baldeschini	Roma	Tipografia di Filippo Cairo	1865	Italiano	Liturgia	1
Antiphonario Romano	xxxxx	xxxxx	xxxxxxx	xxxx	Latim	Liturgia	1
História et Critica Introductio in V. T. Libros Sacros	Rudolphus cornely S. I	Paris	Sumptibus P. Lethielleux Editoris	1885	Latim	Liturgia	1
Psalterium Davidis	s/a	Turim	Typis Hyacinthy Marietti	1867	Latim	Liturgia	1
Quatre Annés Pastorales ou Prones Inédites pour les dimanches et fete	s/a	Badoire	J.-P. Migne, Editeur	1857	Francês	Liturgia	1
Anno Christião ou Exercicios de Piedade	Padre Croiset	Lisboa	Typographia Rollandiana	1848	Português	Liturgia	1
O padre ao altar ou o Santo sacrificio da missa dignamente celebrado	R. P. Chaignon	Porto	Ernesto Chadron, Editor	1884	Português	Liturgia	1
Cours d'eloquence sacrée populaire ou essai sur la maniere de parler au peuple	Abbé Isidore Mullois	Paris	Librairie Chatolique de J.-L. Paulmier, Editeur	1855	Francês	Manual	1

Index Librorum Prohibitorum. Juxta Exemplar Romanum	s/a	Mechliniae(Bélgica)	H. Dessain/Congregação de Propaganda Fide	1878	Latim	Manual	1
Methode pour Etudier la langue Grecque	J. L. Burnouf	Paris	Imprimerie et Librairie Classiques. Delalain Frères, Successeurs	1888	Francês	Manual	1
Sacrificium Laudis. Seu Electi Cantus Sacri. Ad Usus Gymnasiorum, Seminariorum e Scholariorum		Ceará in Brazilio	Seminarium Episcopale Fortaleza		Latim	Manual	1
Nouveau Cours de Meditations Sacerdotales	R. P. Chaignon	Angers/Paris	Librairie de Briand et Hervé/Ch Blériot, Librairie	1873	Francês	Manual	3
Gênio da Lingua Portuguesa	Fco. Evaristo Leoni	Lisboa	Typografia do Panorama	1858	Português	Manual	1
Lexicon Manuale Graeco-Latinum	Cornelli Schrevelli	Patavii (Pádua)	Typis Seminariorum, Thomam Bettinelli	1806	Latim	Manual	1
Manuel des dames de la charité	Um prêtre de la congregation de la Mission	Paris	Imprimerie Pillet et Desmoulin	1886	Francês	Manual	1
Manuel de la Philosophie Chretienne	G. Sensévérino	Paris	P. Lethielleux Editeur	1875	Francês	Manual	1
Practical treatise on the Differential nad Integral Cauculus, with some of its applications to mechanics and Astronomy	William G. Peck	Nova York/Chicago	A. S Barnes e Company	1875	Inglês	Matemática	1
La medicine des Passions	J.-B.-F. descuret	Paris	Labé Editeur, Libraire de la Faculté de Medicine	1860	Francês	Medicina	2
L'art de magnétiser ou le magnétisme animal	Ch. Lafontaine	Paris	Germer Baillière Editeur	1860	Francês	Medicina	1

The Roman Missal. For the use of the laity.	Society of Jesus, and Order of san Benedict	Nova York/Londres	Catholic Publications(NY)/Granville Monsions (L)	1851	Inglês	Missal	2
E. Renan devant la science ou Refutation da la pretendue vie de Jésus de M. E. Renan	Abeé Guetée	Paris	Librairie de l'Union Chretienne	1864	Francês	Obra crítica	1
A religião em face da ciência. 1ª Parte: Cosmogonia	Abade Alpius Arduim	Lisboa	Typografia Universal de Tomas Quintino Antunes. Impressor da Casa Real	1884	Português	Obra crítica	1
Le Darwinisme et l'origine de l'homme	Abbé A. Lecomte	Paris/Bruxelas	Victor Palmé/Alfred Vromant, Editeur	1873	Francês	Obra crítica	1
Étude sur la vie de Jésus de Ernest Renan	P. Charles Passaglia	Paris	E. Dentu, Libraire-Editeur	1863	Francês	Obra crítica	1
Actualités ou responses aux objection de la science antichretienne	s/a	Le Mans	Imprimerie Legucheux-Gallienne	1880	Francês	Obra crítica	1
Fattie Argumenti in risposta alle motte parde de Vincenzo Gioberto intorno ai Gesuite	Carlo M. Cursi	Napoli	Stamperia e Catiere Del Fibrero	1845	Italiano	Obra crítica	1
Positivismo e Theologia. Uma polémica	Dr. L. P. Barreto	São Paulo	Livraria Populae de Ablío A. S. Marques	1880	Português	Obra crítica	1
Essais sur le Naturalisme Contemporaine	R. P. Dom Prosper Guéranger	Paris	Julien, Lanier, Conrad et Cie, Editeurs	1858	Francês	Obra crítica	1
Somme contre le Catholicisme Liberal	Jules Morel	Paris/Bruxelas	Société Generale de Librairie Catholique	1876	Francês	Obra crítica	1
Correspondance de Fénelon, Archevêve de Cambrai	Fénelon	Paris	Ferra Jeune, Librairie	1827	Francês	Obra Eclesiástica	2

Nouvelles oeuvres choisies de Mgr. Dupanloup. Évêque D'Orleans	MGr. Dupanloup	Paris	E. Plon et Cie., Imprimeurs- Editeurs	1874	Francês	Obra Eclesiástica	1
Oevres choisies de Mgr. Dupanloup. Évêque D'Orleans. Ouvres Pastorales	MGr. Dupanloup	Paris/Lyon	Librairie Catholique de Périsse Frères	1862	Francês	Obra Eclesiástica	2
Oevres de l'Abbé Martinet	Abbé Martinet	Paris	A. Roger e F. Chernoviz, Editeurs	1881	Francês	Obra Eclesiástica	1
Ouvres completes de Bourdaloue	Bourdaloue	Lyon	Librairie Ecclesiastique et Classique de Briday	1868	Francês	Obra Eclesiástica	1
O Gênio do Christianismo	M. de Chateaubriand	Lisboa	Typografia Universal	1854	Português	Obra Eclesiástica	1
Obras inéditas de Padre Antonio Vieira	Padre Antonio Vieira	Lisboa	Editores J. M. C. Seabra e T. Q. Antunes	1856	Português	Obra Eclesiástica	1
Ouvres Polemiques de Mg. Freppel	Mg. Freppel	Paris	Société Generale de Librairie Catholique	1885	Francês	Obra Eclesiástica	1
Oevres du Cardinal P. Giraud	P. Giraud	Lille	L. Lefort, Libraire	1854	Francês	Obra Eclesiástica	1
Oevres Completes de Louis de Granade	Abbé Bareille	Paris	Librairie de Louis Vivés, Editeur	1877	Francês	Obra Eclesiástica	1
Oevres Completes de Missilon	Missilon	Paris	Chez Raymond, Librairie	1821	Francês	Obra Eclesiástica	1
Oevres de Bossuet	Bossuet	Paris	Firmin Didot Frères	1851	Francês	Obra Eclesiástica	4
Sancti Patris Joannis Chrysostomi Archiepiscop Constantinopolitani. Opera	João Crisóstomo	Mediolani (Milão)	Typis Antony Fontana	1831	Latim	Obra Eclesiástica	23
Arquivo Pitoresco. Semanário Illustrado	vários	Lisboa	Editores Proprietários Castro e Irmão	1862	Português	Periódico	1

Explicação Histórica, Dogmática, Moral, Litúrgica e Canonica do Catecismo.	Abade Ambrosio Guillois	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1874	Português	Teologia	1
La Doutrine Catholique	M. L'Abbé Clairin	Paris	Victor Sarlit, Librairie - Editeur	1872	Francês	Teologia	1
O Protestantismo comparado com o Catholicismo	P. Jayme Balmes	Porto/Braga	Ernesto Chadron(P)/ Eugénio Chadron(B)	1876	Português	Teologia	2
Oevres completes de S. Alphonse de Liguori.	Léop. - J. Dujardin	Paris/ Leipzig	P. M. Laroche, Libraire/ L. A Kitter Comissionaire	1872	Francês	Teologia	5
De la Monarchie Pontificale. A propos du lire de Mgr L'Eveuqe de Sura	R. P. Dom Prosper Guéranger	Paris	Victor Palmé, Libraire- editeur	1870	Francês	Teologia	1
Theologia Moralis. S. Alphonsi de Ligorio	P. Mich. Heilig	Paris	Adrianus Le Clere et soc.	1866	Francês	Teologia	3
Acta Es IIs Decepta quae Apud Sanctun Sedem pud	s/a	Roma	Typis Poliflotae Officinae S. C de Propaganda Fide	1865	Latim	Teologia	4
Codex Dogmatum Ecclesiae Catholicae Quae A Pontificibus Romanis	s/a	Turin/Londres/Ratisbona/ New York/ Cincinatti/S. Louis/Boxo Duci/ Paris	Ex typ. Pont. Et Archiep. Eq. Petri Mariet/ Burns et Oats/ Eq. Frider Pustet/ Bezinger Brothers/ G Gosmans/ P. Lithielleux	1876	Latim	Teologia	1
Opera Domini Bernardini	A. Piconio	Paris	Ludovicus Vivès Bibliopola Editor	1872	Latim	Teologia	4
Summa Exacta de toda Theologia Moral	O. R. P. Fr.Fulgêncio Culinati	Lisboa	Impressão Régia	1826	Português	Teologia	1
Institutiones Theologicae in usum scholarum	Josepho Kleutgen	Ratisbonae/Neo Eborali/ Cincinatti	Sumptus Friderici Pustet Sedis Apostolicae Typographi	Leh	Latim	Teologia	1

Casus Conscientiae. Mispraesertum Temporibus accomodati	Moralis theologia professoris	Bruxelas	Typis Alfredi Vromant	1887	Latim	Teologia	1
La Doctrine de L'Encyclique du 8 Décembre 1864. Conforme a l'enseignement Catholique	Abbé A. C. Peltier	Paris	Librairie Ve. Poussielgue et fils	s/d	Francés	Teologia	1
Traité de la puissance eclesiastique dans ses rapports	A. C. Peltier	Paris	Gaume Frères et J. Dupray, Editeurs	1865	Francés	Teologia	3
Oevres de l'Abbé Martinet	Abbé Martinet	Paris	A. Roger et F. Chernoviz. Editeurs	1879	Francés	Teologia	2
Le Syllabus. Base de l'union catholique	R. P. Petitalot	Paris	Bray e Retaux Libraires-Editeurs	1877	Francés	Teologia	1
La scuola de Gesù Appassionato	P. Ignazio del Costato de Gesù	Roma	Libreiria marini	1861	Italiano	Teologia	1
Ouvres philosophiques du Cardinal Thomas-Marie Zigliara	Cardinal Thomas-Marie Zigliara	Lyon	Vitte et Perrussel, Libraire -Editeurs	1880	Francés	Teologia	1
De matrimonio christiano	I. O. Perrone e Soc. Iesu	Roma	Typis S. Congregationis de Propaganda Fide	1858	Latim	Teologia	1
Opere del padre	Carl'Ambrogio Cattaneo della Compagnia de Gesù	Milão	Librairie Editrice Oliva	1873	Italiano	Teologia	1
Le travaux du Concile du Vatican	Monseigneur Conrad Martin	Paris	Librairie Poussielgue Frères	1873	Francés	Teologia	1
Tractatus de Deo Trino. Secundum Personas	Joannis Bapt. Franzelin	Roma	Typis S. C. de Propaganda Fide	1874	Latim	Teologia	1
Tractatus de Deo Trino. Secundum Personas	Joannis Bapt. Franzelin	Roma	Typographia Polyglota S. C. de Propaganda Fide	1881	Latim	Teologia	2

Tractatus de Divina Traditione et Scriptura	Joannis Bapt. Franzelin	Roma	Typographia Polyglota S. C. de Propaganda Fide	1875	Latim	Teologia	1
Choix de la Prédication Contemporaine	Abbé Lelandais	Bar-le-Duc	Louis Guérin, Imprimeur-Editeur	1872	Francês	Teologia	2
Oevres completes de Saint François de Sales	São Francisco de Sales	Paris	P. Lethielleux Editeur	1865	Francês	Teologia	10
Spicilegium Dogmatico - Biblicum seu Commentarii	s/a	Gandavi - Belgica	Excudebat C Poelman, Typographus ill. Episcopi	1884	Latim	Teologia	1
Summa Institutionum Canonicarum	C. Ferrari	Paris/Roma	Victor Palmé/ Libraria S. C. de Propaganda Fide	1869	Latim	Teologia	2
Oevres du bienheureux Léonard de Port-Maurice	M. Charles Saint-Foi	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1869	Francês	Teologia	1
Le Christ de la Tradicion	Mg. Landriot	Paris	Victor Palmé, Libraire-éditeur	1865	Francês	Teologia	1
Tractatus de Sacramentis in Genere	Joannis Bapt. Franzelin	Roma/Turim	Typis S.C. de Propaganda Fide/ Petrum H. F. Marietti	1868/1873	Latim	Teologia	2
La devocion a Marie em exemplos	P. Muguet, Mariste	Paris/ Bruxelas	Librairie Catholique de Périsse Frères	1868	Francês	Teologia	1
Compendium Theologia Moralis	Joannis Petre Gury	Lugdini/ Paris	Officina Librarium Briday/ Victor Lecoffre	1875/1885	Latim	Teologia	2
Opere Ascetiche di S. Alfonso Maria de Liguori	S. Alfonso de Liguori	Turin	Giacinto Marietti	1846	Italiano	Teologia	1
Collectio Selecta SS. Ecclesiae Patrum. Completum Exquisitissima Opera. Joannis Chrysostomi Opera	João Crisóstomo	Mediolani (Milão)	Typis Antony Fontana	1831	Latim	Teologia	22

Le prete d'après les peres, ouvrages dedié a Marie	M. B.-M. Raynaud	Toulouse	Debol, Pradel et Comp. Editeurs	1841	Francés	Teologia	1
Tractatus de Verbo Incarnatu	Joannis Bapt. Franzelin	Roma/Turim	Typis S.C. de Propaganda Fide/ Petrum H. F. Marietti Typographum Pontificium	1869	Latim	Teologia	1
Opere Ascetische di S. Alfonso Maria de Liguori	S. Alfonso de Liguori	Turim	Giacinto Marietti	1845	Italiano	Teologia	1
Manuel de l'histoire des dogmes chrétiénes	Henri Klee	Paris	Jacques Lecoffre et Cie., Libraires	1848	Francés	Teologia	1
Homo Apostolicus	S. Alfonso de Liguori	Augustae Taurinorum(Turim)	Typis Hyacinthy Marietti	1870	Latim	Teologia	3
La Vierge Mère d'après la theologie	R. P. Petitalot	Paris	Retaux-Bray Libraire- Editeur	1887	Francés	Teologia	1
Theologiae. Cursus Completus	s/a	Paris	Apud Editorem	1839-1843	Latim	Teologia	28
Scripturae Sacra. Cursus Completus	s/a	Paris	Apud Editorem	1864	Latim	Teologia	7
Theologia Moralis	Claudi Lacroix	Paris	Ludovicus Vivès Bibliopola Editor	1867	Latim	Teologia	3
Synopsis Pirhingiana seu SS. Canonum Doctrina	Henrici Pirhing	Roma	Typis Congregationis de Propaganda Fide	1849	Latim	Teologia	1
La Divinité de Jésus-Christ	Auguste Nicolas	Paris	Librarie de Pieté et D'EducationD'Auguste Vaton, Editeur	1864	Francés	Teologia	1
Crise de la Foi	A. Graty	Paris	C. Douriol, Libraire- Editeur	1863	Francés	Teologia	1
Le Miracle et ses Contrefaçons	P. J. de Bonniot. S. J.	Paris	Ketaux- Bray, Libraire Editeurs	1887	Francés	Teologia	1
Theologico Testium Fonte	Clementis Schrader. S. J.	Paris	Sumptibus et Typis P. Lethielleux, Editoris	1878	Latim	Teologia	1

Le Catholicisme avant Jésus-Christ. Etudes sur les Croyances des peuples	Abbé P.-J. Jallabert	Paris	V. Sarlet, Libraire-Editeur	1872	Francés	Teologia	2
Le Pape. Um directeur de Grand Séminaire	s/a	Paris	Berche et Tralan, Libraires-Editeurs	1887	Francés	Teologia	1
Tractatus de SS Eucharistiae Sacramento et Sacrificio	Joannis Bap. Franzelin	Roma	Typis S. C. de Propaganda Fide	1874	Latim	Teologia	1
Praelectiones Dogmaticae de verbo incarnato	Ferdinandus Aloys	Oeniponte(Austria)	Sumptibus et Typis Feliciani Rauch	1882	Latim	Teologia	1
Du pape	Philotée	Paris	E. Dentu, Libraire-Editeur	1863	Francés	Teologia	1
Padre Manuel Bernardes. Excertos	Antonio Feliciano de Castilho	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1865	Português	Teologia	1
Oevres completes de Saint Bernard	Abbé Dion et Charpentier	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1887	Francés	Teologia	3
Discorsi per Axercicio della Buona Morte	Giusepe Antonio Bordoni	Veneza	Com licenza de Superiori	1796	Latim	Teologia	1
Institutiones Theologiae Dogmaticae Generalis	P. Alberto Bulsano	Augustae Taurinorum(Turim)	Pontificia Typografia Petri, H, Filii, Marietti	1871	Latim	Teologia	1
Summula Theologiae Moralis. Quam in Seminário Reatino	Josephus D'Annibale	Mediolani (Milão)	Typographia S. Josephi	1883	Latim	Teologia	2
Summa Theologia	Thomas de Aquino	Roma	Typografia Senatus	1886	Latim	Teologia	14
Decreta Auhentica Congregationis. Sacrorum Ritum	Wolfgangi Mühlbauer	Monachii	Typis e Suptibus Ernesti Stahl	1885	Latim	Teologia	1
Opuscula. De perfectionibus	s/a	Paris	Sumptibus et Typis Lethielleux, Editoris	1881	Latim	Teologia	1

Trattato Storico, e Dogmatico della vera religione	Abbate Bergier	Veneza	Antonio Pezzana	1782	Latim	Teologia	4
Summa Theologica	Thomas de Aquino	Paris	Ludovicus Vivès Bibliopola Editor	1868	Latim	Teologia	1
Quincti Oratti Flacci Carmina Expurgata	Josephi Juvenci	Paris	J.P. Aillaud, Guillard	1876	Latim	Teologia	1
Opuscula Selecta	Thomas de Aquino	Paris	Sumptibus et Typis P. Lethielleux, Editoris	1881	Latim	Teologia	1
Les Confessions de Saint Augustin	D'Arnauld D'Andilly	Paris	Garnier Frères, Libraires-Editeurs	1865	Francès	Teologia	1
Decreta Authentica	Wolfgangi Mühlbauer	Monachii	xxxxxxx	1865	Latim	Teologia	1
Doctrina Moralis Vindicata	S. Alfonso de Liguori	Roma	Typographia Polyglota S. C. de Propaganda Fide	1873	Latim	Teologia	1
Disputationes Tridentinae		Oeniponte(Austria)	Typis et Sumptibus Feliciani Rauch	1886	Latim	Teologia	1
Le Protestantisme comparé au Catholicisme	Jacques Balmé	Paris	Auguste Vaton, Libraire Editeur	1860	Francès	Teologia	4
Annales Ecclesiastici	Cesari Baronio	Ticini (Italia)	Typografia Haeredum Bartoli	1641	Latim	Teologia	1
Annalium ecclesiasticorum Eminentis Cardinalis Caesaris Baronis	Cesari Baronio	Ticini (Italia)	Typografia Haeredum Bartoli	1680	Latim	Teologia	1
Annalis Ecclesiastici	Cesari Baronio	Veneza	Sumptibus Laurentii Basilli, et Antoni Tivani	1705	Latim	Teologia	9
Défense de la Morale contre M Sismond	M. A. Manzoni	Paris	Caume Frères, Libraires	1836	Francès	Teologia	1
Le protestantisme et la Regle de foi	Jean Perrone	Paris	Louis Vivès, Libraire - Editeur	1854	Francès	Teologia	1

Unitate Romana: Comentarius	Clementis Schrader. S. J.	Friburgi Brigoviae(Alemanha)	Sumtibus Herder	1862	Latim	Teologia	1
Miscellanea Religiosa, Philosophica e Literaria	Jayme Balmes	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1887	Português	Teologia	1
L'Eglise et la société Chretiennes	M. Guizot	Paris	Michel Levy Frères, Libraires-Editeurs	1861	Francês	Teologia	1
Petit Pré Spirituel da la Congregation de la Mission	s/a	Dépot	Rue de Sevres	1880	Francês	Teologia	1
Lettres sur la religion	A. Graty	Paris	J Lecoffre et Cie.	1869	Francês	Teologia	1
Canones et Decreta Sacrossanti Oecumenici Concilii Tridentini	s/a	Roma	Typis S. C. de Propaganda Fide	1862	Latim	Teologia	1
Institutiones Theologiae Theoreticae. Seu Dogmatico-Polemicae	A. Bulsano	Augustae Taurinorum(Turim)	Pontificia Typografia Petri, H, Filii, Marietti	1868	Latim	Teologia	1
Summa Institutiorum Canonicarum	C. Ferrari	Paris/Roma	Victor Palmé, Bibliopolam/ Libraria S. C. de Propaganda Fide	1869	Latim	Teologia	1
Tractatus de Capitulis	D. Bouix	Paris/Lugduni	Perisse Frates, Catholicos Bibliopolas	1862	Latim	Teologia	1
Tractatus de Parocho	D. Bouix	Paris	Perisse Frates, Catholicos Bibliopolas	1880	Latim	Teologia	1
Tractatus de Episcopo	D. Bouix	Paris/Insules	Perisse Frates, Catholicos Bibliopolas	1873	Latim	Teologia	1
Decreta Authentica	Wolfgangi Mühlbauer	Monachii	Sumptibus Librariae J. J. Lenterianae	1863	Latim	Teologia	1
Tractatus de Iudiciis Ecclesiasticis	D. Bouix	Paris/Bruxelas	Perisse Frates, Catholicos Bibliopolas	1866	Latim	Teologia	1
Il Vangelo delle Domeniche	Anton-Luigi de Carli	Milão	Gaspare Truffi e comp.	1834	Latim	Teologia	1
Selva de Materie Predicabili ed Istrittive	S. Alfonso de Liguori	Roma	Tipi dela S. Congreg. De Propaganda Fide	1847	Latim	Teologia	1

Exposition de la Doctrine Chrétienne	R. P. Bougrant	Paris	Ambroise Bray, Librairie-Editeur	1860	Francés	Teologia	2
Opuscula philosophica et Theologica	Sancti Thomae Aquinatis	Tifermi Tiberini	Officina Typografica S. Lapi	1886	Latim	Teologia	1
Opera Omnia	Sancti Thomae Aquinatis	Parma	Typis Petri Fiaccadori	1857	Latim	Teologia	1
Theologia Moralis	Augustino Lhemkuhl	Friburgi Brisgoviae(Alemanha)	Sumptibus Herder	1886	Latim	Teologia	1??
Il Cristiano Instruito nella sua Legge Ragionamenti Morali	Paolo Segneri	Turim	Giacinto Marietti	1881	Italiano	Teologia	1
Opere Sacro-Morale	Paolo Segneri	Turim	Giacinto Marietti	1881	Latim	Teologia	2
Tractatus de Papa Ubi de Concilio Oecumênico	D. Bouix	Paris	Jacobum Lecoffre, Bibliopolam	1869	Latim	Teologia	1
Voix prophetiques	Abbé J.-M. Curiaque	Paris	Victor Palmé, Editeur	1872	Francés	Teologia	1
Tractatus de Concilio Provinciali	D. Bouix	Paris/Lugduni	Perisse Frates, Catholicos Bibliopolas	1862	Latim	Teologia	1
Opere Complete di S. Leonardo da Porto Maurizio	Hinori Riformati	Veneza	Tipografia Emiliana	1868	Italiano	Teologia	2
Delle Odiere Accuse contra I Gesuiti	Francisco Salis Seewis	Prato (Itália)	Tipografia Giachetti, Figlio e C.	1887	Italiano	Teologia	1
A Bulla da Santa Cruzada	Bispo de Bethsaida	Porto	Livraria Internacional Chadron	1886	Português	Teologia	1
De visitatione Sacrorum Cimerum Instructio S. C. Concilii	Angelo Lucidi	Roma	Typografia Poliglota S. C. de Propaganda Fide	1883	Latim	Teologia	1
Commentaria in Sacrum Scripturam	Cornelio Cornelli A. Lapide	Napoli	Nagar Editorem	1854	Latim	Teologia	21
Dogmata Theologica	Dionysii Petavii	Paris	Ludovicus Vivès Bibliopola Editor	1865	Latim	Teologia	8

Opera	M. Tullii Ciceronis	???	Antonium Gazioti, Typographum ac Bibliopolam Venetum	1772	Latim	Teologia	2
Saint Jean Chrisostome. Oevres Completes	M. Jeannin	Arras	Saeur-Charvey, Imprimeur-Libraire- Editeur	1887	Francês	Teologia	10
Decretalis Gregorii Papae IX	Gregório IX	Paris	Dionisium Thierry	1687	Latim	Teologia	1
Diretório Ascetico	Gio. Battista Scaramelli	Bassano	Tipografia Remondini	1853	Italiano	Teologia	1
Officia Passions d. N. Iesu Christi. Summarium Pontificum	s/a	Bononiae	Typographia Pontificiaa Mareggiani	1874	Latim	Teologia	1
In Constitutionem Apostolicae Sedis	Fr. Aegidii Mauri	Reati	Typis Salv. Trinchi	1880	Latim	Teologia	1
Compedium Theologicae Moralis	Henrico Dumas	Lugdini	Briday, Bibliopolam	1875	Latim	Teologia	1
Instructions sur les sacrements em général. Baptême et confirmation	Abbé Gridel	Lyon	Girard e Josserand, Imprimeurs- Libraires	1862	Francês	Teologia	1
Resolutiones Authenticae	J. B. Falise	Louanii (Belgica)	Typis C.-J. Fonteyn Bibliopolae	1862	Latim	Teologia	1
Institutiones Theologicae Dogmatico- Scholasticae. Ad usum seminarium	Salvatoris Magnasco	Genuae (Italia)	Typographia Archiepiscopali	1876	Latim	Teologia	2
Theologia Scripturae Divinae	Henrico Marcellio	Napoli	Josephum Dura, Bibliopolam	1847	Latim	Teologia	1
Tractatus de Jure Liturgico	D. Bouix	Paris	Regis Ruffet	1873	Latim	Teologia	1
Instructio pro Sacris Ecclesiae Ministris Doctrinae Specimen	A. P. Aloisio Togini	Roma	Typographia Perego- Salvioni	1881	Latim	Teologia	1

Institutiones Theologiae Theoreticae seu Dogmatica Polemicae	A. Bulsano	Augustae Taurinorum(Turim)	Pontificia Typografia Petri, H, Filii, Marietti	1868	Latim	Teologia	1
Les beautés de la foi	R. P. J. Ventura	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1855	Francés	Teologia	1
El criterio	Don Jaime Balmes	Barcelona	Imprenta del Diario de Barcelona	1867	Português	Teologia	1
Oevres completes de Saint Bernard	Abbé P. Dion	Paris	Librairie de Louis Vivés, Editeur	1867	Francés	Teologia	3
Les Actes Pontificaux cetés dans L'Encyclique et Le Syllabus du 8 Décembre 1864	Chantrel (org)	Paris	Librairie Ve.Poussielgue et Fils	1865	Francés	Teologia	1
Honorus Paps ab accusationibus veterum et novarum infallibilitatis Summi Pontificis	Joannis Tomae Ghilardi	Turim	Petrum H. F. Marietti	1870	Latim	Teologia	1
Traité Elementaire de la Religion Chretienne	M. de Jessé	Paris	Paul Mellier, Libraire-Editeur	1851	Francés	Teologia	1
Theologia Moralis Universa	Petro Scavini	Mediolani (Milão)	Maerides Ernesti Oliva Edit. Propriet.	1882	Latim	Teologia	1
Le Canoniste Contemporaine	Abbé E. Grandclaude	Paris	P. Lethielleux Editeur	1884	Francés	Teologia	2
Theologia Moralis	S. Alfonso de Liguori	Augustae Taurinorum(Turim)	Hyacinthi Marietti	1875	Latim	Teologia	1
Theologia Moral em Quadros	Francisco Luiz de Seabra	Porto/Braga	Livraria Internacional Chadron	1878	Português	Teologia	1
Le Droite de Dieu et les Idées Modernes	Abbé François Chesnel	Poitiers/Paris	Houdinni Frères, Libraires-Editeurs	1877	Francés	Teologia	1
Theologiae Dogmaticae	R. P. Perrone	Paris	Louis Vivés, Libraire - Editeur	1860	Francés	Teologia	3
Collectio declaratorum Sacrae Congregationes	Joh. Fortunati	Atribati	Rousseau-Leroy, Bibliopolam	1867	Francés	Teologia	1

Defense de L'Eglise contre les erreurs historiques	J. M. Saweur Gorini	Lyon	Librairie Briday, Charrat et successeurs	1882	Francés	Teologia	1
Oevres de Massilon. Eveque de Clermont	Massilon	Paris	Gaume Frères et J. Dupray, Editeurs	1870	Francés	Teologia	1
Gloires Nouvelles du Catholicisme	P. Ventura de Raulica	Paris	Gaume Frères et J. Dupray, Editeurs	1859	Francés	Teologia	1
Litanies de la Très-sainte Vierge	Abbé Charbonnier	Paris/Lyon	Librairie Catholique de Périsse Frères	1862	Francés	Teologia	1
Retorno de dotti Protestanti alla Chiesa Cattolica	Enrico Rizzoli	Roma	Tipografia della S. C. de Propaganda Fide	1871	Italiano	Teologia	1
L'Encyclopedique du 8 Decembre 1864 et les principes de 1789 ou L'Eglise, L'Etat et la Liberté	Émile Keller	Paris	Librairie Ve. Poussielgue et fils	1866	Francés	Teologia	1
Theologia Dogmaticae	Josepho Bertieri	Veneza	Cajetanum Canciani Typis Molinari	1839	Latim	Teologia	1
Theologia Universa	A. Albrand	Paris	Ludovicus Vivès Bibliopola Editor	1864	Francés	Teologia	1
Estudos de Teologia Moral	P. J. C. Debreyne	Lisboa	Typographia Universal	1876	Português	Teologia	1
Oevres Completes de Bossuet	Paris	Paris	J. P. Migne, Editeur aux Ateliers Catholiques	1856	Francés	Teologia	4
Sylloge Monumentarum ad Mysterium Conceptionis Immaculate Virginis Deiparae	Antonii Ballerini	Roma	Typis Civilitatis Catholicae	1854	Latim	Teologia	1
Cours Supérieur D'Intruction Religieuse	Docteur Martin	Paris/Leipzig	Vve. H. Castermen	1874	Francés	Teologia	1

Encyclopédie de la Prédication Contemporaine	Missionnaires Apostolique	Marseille	J. Mingador, Libraire-Editeur	1879	Francés	Teologia	10
L'Autorité et la Liberté	Mgr. Landroit	Paris	Victor Palmé, Libraire-Editeur	1872	Francés	Teologia	1
Liberté, Autorité, Église. Considerations sur les grands problemes de notre Époque	Guillaume-Emmanuel Ketteler	Paris	P. Belet	1862	Francés	Teologia	1
Les Soirées de Saint-Pétersbourg	Conte J. de Abaistre	Paris/Lyon	J. B. Pélagaud, Imprimeur-Libraire N. S. P. Le Pape	1884	Francés	Varietades	1